





SERMOENS

DO

P. ANTONIO VIEIRA,
DA COMPANHIA DE
JESU,

VISITADOR DA PROVINCIA DO BRASIL,

Prègador de Sua Magestade.

QVINTA PARTE.



LISBOA,

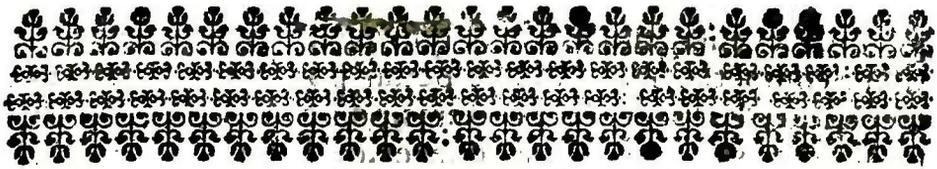
Na Officina de MIGUEL DESLANDES,

Impressor de Sua Magestade.

A custa de Antonio Leyte Pereyra, Mercador de Livros.

M. DC. LXXXIX.

Com todas as licenças necessarias, & Privilegio Real.



CENSURA DO M.R.P.M. Fr. ANTONIO DE SANTO
Thomás, Religioso da Serafica Ordem de S. Francisco,
Qualificador do S. Officio.

EMINENTISSIMO SENHOR

VI este Livro, quinta Parte dos Sermoens do P. M. Antonio Vieira, da Religiosissima Companhia de JESU, & Prègador de S. Magestade: he Livro Quinto em numero, & no excellente, entre os do Author pòde ser primeiro: sendo que tudo seu, competindo só entre sy, não parece ter segundo, & assim este, com os mais em equilibrio, bem parece effeito do singular engenho do tal Author; pois nelle, como nos outros, o espirito, & estilo he o proprio, corrente, & o mais sobido, douto, docil, grave, elegante, & tão claro, ainda no que discorre como Theologo, que a gente de toda a sorte que o ler, se fará intelligivel (segundo a capacidade de cada hum) o seu discurso: graça sem igual de tão esclarecido Prègador; & não he desigual à que não só neste, mas em quasi todos os seus escritos mostra a experiencia, que até no vulgar da Escritura santa, sobre que conceitua, & prova como Escriturario, se avanta ja tanto, que em vulgaridades mais usuaes della, & mui repetidas a cada passo, innova rarissimos conceitos, & admiraveis provas o seu juizo; & por isso parece ao de alguns, depois de lido em qualquer Livro seu (como já pareceo ao de muitos, quando ouvindo este grande Prègador em o Pulpito) que dirão o mesmo que elle diz, mas sem que o venhão a dizer nunca, todos o publicação sempre (publicidade que tambem merecerà a lição deste quinto Livro) por unico nesta venta-

gem. Esta ventagem, & as mais que respeitão todos neste Authôr à competencia, o dão a respeitar por maior que toda a emulação; & assim parece de veras, pois não só para com estranhos, mas para com Portuguezes, onde aquella he mais viva, vive geralmente applaudido pelo foyeito na predica mais extremado; & não passa o extremo a excessso neste geral applauso (sendo o de naturaes como impossivel) porque primeiro elles com a voz de estranhos o reconhecem Prêgador em tudo peregrino, todo discreto, todo político, todo erudito, & eloquente todo: incomparavel emfim no bem que instrue, persuade, rende, & edifica quanto ao espirito; como se vê particularmente em os Sermoens varios, que contêm este Livro, que todo nesta sua variedade, com o affeio do idioma Portuguez mais delectavel, esta respirando doutrina santa, conforme em tudo a nossa Santa Fé, & bons costumes. Pelô que será beneficio cômum, & mui do serviço de Deos conceda a licença que se pede, para que se publique mediante a imprensa. Lisboa, Convento de S. Francisco da Cidade, em 30. de Abril de 1688.

Fr. Antonio de Santo Thomás.

*Censura do M. R. P. M. Fr. Thomè da Conceyção, da Sagrada
Ordem do Carmo, Qualificador do Santo Officio.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

Vesta quinta Parte dos Sermoens do P. Antonio Vieira, da sagrada Religiaó da Companhia de JESU, & Prêgador de Sua Magestade; & acabando de os ler com attençaó, sem achar nelles cousa algúa digna de reparo, admirando, não fei se o genio, ou arte deste insigne talento, só fei dizer, que os seus Sermoens são dignos de mais preciosa estampa, que a da cômum imprensa; & o mesmo juizo que já formei sobre outros seus, fôrmo agora destes. Lisboa, em o Convento do Carmo, 30. de Mayo de 1688.

Fr. Thomè da Conceyção.

*Censura do P.M. Manoel de Sousa, Preposito da Congregação
do Oratorio de S. Felippe Neri.*

S E N H O R.

POr mandado de Vossa Magestade vi estes Sermoens do P. Antonio Vieira, da fagrada Companhia de JESU. O nome do seu Author, que trazem na primeira pagina, basta para o maior elogio desta obra. Que muito faça o nome do P. Antonio Vieira impresso, o que Valerio Maximo disse do nome de Demosthenes ouvido: *Cujus cõmemorato nomine maxima eloquentia consummatio audientis animo oboritur*; & com tanta mais razaõ, quanto he mais aplaudido em todo o mundo o P. Antonio Vieira por Principe da eloquencia fagrada, do que o foi Demosthenes por Principe da eloquencia Grega. E justamente he mais aplaudido, pois he entre todos os Prègadores, o que o Sol entre todas as luzes. Santo Agostinho diz, que o Sol he proprio symbolo do Prègador Evangelico: & deste o he propriissimo; porque nelle se vem todas as propriedades do Sol, naõ só ao vivo, mas com excessõ. Ao Sol chamou o Ecclesiastico instrumento, ou vaso admiravel do todo Poderoso, & obra digna do Altissimo: *Vas admirabile, opus Excelsi*. Quem mais admiravel, que o P. Antonio Vieira nos seus Sermoens, admiraveis em tudo, como procedidos do seu entendimento, vaso de luzes verdadeiramente admiravel: *Vas admirabile*; & obra singular de Deos: *Opus Excelsi*? que parece o fez com especial providencia, para que vissemos atè donde pôde chegar o entendimento humano ajudado do poder Divino. Absorve o Sol a luz de todos os astros: com a do P. Antonio Vieira parece que fica absorta a dos mais engenhos. A luz do Sol faz manifestos os lugares mais tenebrosos: a intelligencia do P. Antonio Vieira faz claros os lugares da fagrada Escriitura mais escuros. Penetra o Sol a profundidade dos abismos, para nelles formar o ouro, & os diamantes: penetra o P. Antonio Vieira os coraçõens humanos, abismos mais profundos, & com

& com a efficacia da sua persuasão introduz nelles o ouro pu-
ro da caridade, & os diamantes das solidas virtudes. Unico
he o Sol : & o P. Antonio Vieira tambem he unico: he o Fe-
nix do nosso seculo ; fabuloso he o Fenix, mas verdadeiro no
que representa ; o verdadeiro Fenix (como em varios luga-
res prova o doutissimo P. Cornelio Alapide) he o Sol : porque
para representar as qualidades deste Planeta invétaraõ os E-
gyptios esta fabula ; ao que (no sentir do mesmo Author) alu-
dio o Profeta Malachias, introduzindo ao Sol com pennas, ou
com azas ; he pois o Sol Fenix da esfera quarta: & o P. Anto-
nio Vieira Fenix da nossa Esfera ; Fenix escrevendo, melhor
que o Sol voando ; Fenix só com a penna de seus escritos, me-
lhor que o Sol com as pennas de seus rayos. Desta sorte se vem
retratadas neste Sol racional as propriedades do Sol visível.
Porém não só as retrata ao vivo, mas com excessõ ; porque a
luz do Sol não se dilata mais, que por hum hemisferio, & a do
P. Antonio Vieira por dous; estando no da America, tambem
allumea ao da Europa; quando reside alè m da Linha, resplan-
dece em Lisboa, & della por meyo da imprensa em todo o
mundo. O Sol tanto que declina para o occaso, modèra os res-
plandores: o P. Antonio Vieira, taõ declinado já pelos annos
ao seu occaso, reforça agora mais as luzes. Em fim, o Sol já pa-
rou, & já retrocedeo: & o P. Antonio Vieira nunca retroce-
deo, nem parou ; nunca parou no zelo, nunca retrocedeo no
estilo. Não ha cousa nestes Sermoens, que desdiga do real ser-
viço de Vossa Magestade ; & se alguèm sentisse o contrario, se
lhe poderia dizer o que Pithagoras disse do Sol: *Contra Solem
ne loquaris*; Do Sol não ha que dizer: do P. Antonio Vieira não
ha que notar. O que eu quizera, Senhor, he, que todos os que
lessem estes Sermoens, senaõ satisfizessẽ só da sua luz, mas
que tambem se deixassẽ penetrar do seu calor ; a luz lhe in-
fundio seu Author pelo entendimento ; o calor pelo espirito ;
a luz he plausivel, mas o calor util ; muitos (como ordinaria-
mente succede no mundo) não fazem caso do util ; fazem to-
do o caso do plausivel ; embebemse de todo no plausivel do

conceito, que os lifongea ; deixaõ o util do espirito, que os de-
fengana ; & depois de hũa lição taõ efficaç, como a destes Ser-
moens , ficaõ com os entendimentos admirados, mas com os
coraçõens taõ frios , como antes, no amor de Deos. A fanti-
dade, & virtude naõ consiste nas especulaçoens do entendi-
mento, mas nas determinaçoens da vontade ; se a vontade naõ
tiver calor para bem obrar, pouco importa a luz do entendi-
mento, que pãra no entender ; deve pois, quem ler estes Ser-
moens, attender mais ao calor do espirito , que se encerra na
sua doutrina , do que à luz do entendimento , que se difunde
na sua elegancia. Seja a conclusaõ a do mesmo Ecclesiastico,
quando louva ao Sol: *Magnus Dominus, qui fecit illum, & in
Sermonibus ejus festinavit iter* ; naõ ha melhor modo para lou-
var ao Sol, que louvar a Deos, que o criou taõ luminoso ; assim
tambẽ, à vista do Sol deste felicissimo engenho, o melhor lou-
vor he louvar a Deos, que o fez taõ sabio. O Sol faz o seu cami-
nho com a palavra de Deos : & o P. Antonio Vieira com a pa-
lavra de Deos faz o seu caminho : *In Sermonibus ejus festinavit
iter*. O Sol com a palavra de Deos faz o seu caminho pelo Zo-
diaco, que se divide por doze signos : & o P. Antonio Vieira
com a palavra de Deos faz o caminho dos seus Sermoens, que
divide por doze Tomos, que faõ os doze signos deste Sol. De-
ste numero , que nos prometeo na primeira Parte , he esta a
Quinta ; importa, que apresse as mais, & que Vossa Magestade
lho mande assim , para que, como Sol, lhe naõ falte esta pre-
rogativa da diligencia, & se diga entaõ cabalmente delle, o que
do Sol: *Et in Sermonibus ejus festinavit iter*. Este he o meu pa-
recer, se o pòde dar nesta materia, quem como eu , tem taõ
pouco de Aguia , pois só as Aguias pòdem examinar os rayos
do Sol. Vossa Magestade mandarà o que mais fòr de seu fer-
viço. Lisboa, & Congregaçaõ do Oratorio, 26. de Junho de
1688.

Manoel de Sousa.

L I-

L I C E N Ç A S.

Da Religião.

E U Alexandre de Gusmaão, da Companhia de Jesu, Provincial da Provincia do Brasil, por especial comissão, que tenho de nosso M. R. P. Vigario Geral Domingos Maria de Marinis, dou licença para que se possa imprimir este quinto Tomo dos Sermoens do Padre Antonio Vieira, da mesma Companhia, Prêgador de Sua Magestade, o qual foi revisto, & approvedo por Religiosos doutos della, por nós deputados para isso. E em testemunho da verdade, dei esta assinada com meu final, & sellada com o Sello de meu Officio. Dada na Bahia em 12. de Agosto de 1687.

Alexandre de Gusmaão.

Do Santo Officio.

Vistas as informaçoes, pòdemse imprimir os Sermoens de que esta petição faz menção, Author o P. Antonio Vieira da Companhia de Jesu, & depois de impressos, tornarão para se conferir, & dar licença que corraõ, & sem ella não correrão. Lisboa o primeiro de Junho de 1688.

*Jeronymo Soares. Joaõ da Costa Pimenta.
Bento de Beja de Noronha. Pedro de Attaide de Castro.
Fr Vicente de Santo Thomás. Estevão de Brito Foyos.
Joaõ de Azevedo.*

Do Ordinario

Podem se imprimir os Sermoens, de que a petição faz menção, & depois de impressos tornarão, para se conferirem, & se dar licença para correr, & sem ella não correrão. Lisboa 30. de Junho de 1688.

Serraõ.

Do Paço.

Podem se imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & do Ordinario, & depois de impressos tornarão à Mesa para se conferirem, & taixarem, & sem isso não correrão. Lisboa 28. de Junho de 1688.

Mello P. Lamprea. Ribeyro.

Concorda com seu original. Carmo de Lisboa 18. de Fevereiro de 1689.

Fr. Thomè da Conceição.

Visto estar conforme com seu original, pôde correr. Lisboa 18. de Fevereiro de 1689.

Fernonymo Soares. João da Costa Pimenta.

Bento de Beja de Noronha. Pedro de Attaide de Castro.

Fr. Vicente de Santo Thomás. Estevão de Brito Foyos.

Pode correr. Lisboa 19. de Fevereiro de 1689.

Serraõ.

Taixaõ este Livro em doze Toftoens. Lisboa 21. de Fevereiro de 1689.

Roxas. Lamprea. Marchaõ. Ribeiro.



SERMOENS,

Que contém esta Quinta Parte.

- | | | |
|-------|---|-----------|
| I. | <i>Sermão da primeira Dominga do Advento.</i> | Pag. 1. |
| II | <i>Sermão da segunda Dominga do Advento.</i> | Pag. 56. |
| III. | <i>Sermão da terceira Dominga do Advento.</i> | Pag. 88. |
| IV. | <i>Sermão da quarta Dominga do Advento.</i> | Pag. 121. |
| V. | <i>Sermão de nossa Senhora da Conceição.</i> | Pag. 158. |
| VI. | <i>Sermão da Dominga decima sexta post Pentecosten.</i> | Pag. 191. |
| VII. | <i>Sermão do Sacramento em dia do Corpo de Deos na E. carnação.</i> | Pag. 231. |
| VIII. | <i>Sermão de S. Gonçalo.</i> | Pag. 281. |
| IX. | <i>Sermão da Dominga vigesima segunda post Pentecosten.</i> | Pag. 329. |
| X. | <i>Sermão de nossa Senhora da Graça.</i> | Pag. 363. |
| XI. | <i>Sermão de S. João Evangelista.</i> | Pag. 404. |
| XII. | <i>Sermão da segunda Dominga da Quaresma.</i> | Pag. 431. |
| XIII. | <i>Sermão de Santa Barbara.</i> | Pag. 471. |
| XIV. | <i>Sermão do sabbado antes da Dominga de Ramos.</i> | Pag. 508. |
| XV. | <i>Sermão de S. João Bautista.</i> | Pag. 533. |



Erratas desta Quinta Parte.

Pagin. 151.	Se vos ha de pezar.	Se vos não ha de pezar.
156.	<i>Queritis.</i>	<i>Quæretis.</i>
256.	Não, porque os outros sagrados.	Não, porque os outros livros sagrados.
319.	E certamête, quando se não confiderraffe.	E certamente parecia imaginario o remedio, quando se não confiderraffe.
379.	Quereis.	Querieis.
461.	<i>Redaet.</i>	<i>Reddet.</i>
529.	Derrubados dos altares hião caindo asimagens.	Derrubadas dos altares hião caindo as imagens.
595.	E bem.	Nem.



S E R M A M DA PRIMEIRA DOMINGA DO A D V E N T O.

Celum, & terra transibunt: verba autem mea non transibunt. Luc. 21.

§. I.

PAssará o Ceo, & a terra, mas o que dizé as minhas palayras não passará. Cõ esta notavel, & não usada sentença conclue Christo Redemptor nosso a narração do Evágelho, que acabamos de ouvir. Diz que ha de vir julgar, & pedir

Tom. 7.

conta ao mundo no ultimo dia delle: & porque antes de o mundo ser julgado, ha de ser abrazado primeiro, & convertido em cinzas; sobre o incendio, que o ha de consumir, cae a primeira parte da conclusão: *Cæ-* Luc. 21.
lum, & terra transibunt; & ³³ sobre a conta que depois promete ha de tomar a todo o genero humano, cae a segunda: *Verba autem*

A mea

mea non transibunt. Estes são os dous maiores portentos, que no theatro universal do juizo veráo naquelle dia Homens, & Anjos. Alli se verá o principio do mundo junto com o fim, & o fim junto com o principio: o principio com o fim, em tudo o que passou, & o fim com o principio, em tudo o que não ha de passar. Parece difficiltoza esta união em tanta distancia de seculos; mas esse he, & ferá hũm dos maiores milagres daquelle dia; porque tudo o que passou, & deixou de ser, & desapareceo com o tempo, como senão tivera passado, ou tornára a ser de novo, ha de aparecer com a conta. Se olharmos para todas as cousas quantas ouve, ha, & ha de haver no mundo, então se verá, que todas passaraõ, *transibunt.* Mas se olharmos para essas mesmas cousas, as quaes como resuscitadas com o genero humano hão de ser citadas com elle para aparecer em juizo; então se

verá tambem, & com maior affombro, que nenhũa dellas passou, *non transibunt.* Estas duas verdades pois, cuja fé o mesmo supremo Juiz com tanta expressião nos ratifica: estes dous defenganos, a que tão mal nos persuadimos os mortaes em quanto vivemos: & estas duas consideraçõens do que passou, & do que não ha de passar, *transibunt, & non transibunt,* seráo hoje os dous polos, ou pontos do meu Discurso. No primeiro veremos, que tudo passa: no segundo, que nada passa. No primeiro, que tudo passa para a vida: no segundo, que nada passa para a conta. Em dia tão grande não pôde o Sermaõ ser breve. Aos ouvintes não peço attençaõ, mas paciencia. Deos, a quem tomo por testemunha de que procurei não lhe dar conta do que hoje disser, se sirva de nos assistir a todos com sua graça em materia que tanto toca a todos.

§. II.

2 **T**udo passa, & nada passa. Tudo passa para a vida, & nada passa para a conta. A verdade, & defengano de que tudo passa (que he o nosso primeiro ponto) posto que seja por hũa parte tão evidente, que parece nam ha mister prova, he por outra, tão difficultoso, que nenhũa evidencia basta para o persuadir. Lede os Filozofos, lede os Profetas, lede os Apostolos, lede os Santos Padres, & vereis como todos empregárao a penna, & não hũa, senão muitas vezes, & com todas as forças da eloquencia, na declaração deste defengano, posto que por sy mesmo tão claro.

3 Sabiamente fallou quem disse que a perfeição não consiste nos verbos, senão nos adverbios; não em que as nossas obras sejam honestas, & boas, senão em que sejam bem feitas. E para que esta condi-

cional tão importante se estendesse tambem às cousas naturaes, & indifferentes, inventou o Apostolo S. Paulo hum notavel adverbio. E qual foi? *Tanquam non*, como senão: *Ut qui habent uxores, tanquam non habentes sint: & qui flent, tanquam non flentes: & qui gaudent, tanquam non gaudentes: & qui emunt, tanquam non possidentes: & qui utuntur hoc mundo, tanquam non utantur.* Sois casado? (diz o Apostolo) pois empregai todo o vosso cuidado em Deos, como se o não foreis. Tendes occasioens de tristeza? pois chorai, como senão chorareis. Não são de tristeza, senão de gosto? pois alegravos, como senão vos alegrareis. Comprastes o que havieis mister, ou desejavaes? pois possui-o, como se o não possuireis. Finalmente vsais de algũa outra cousa deste mundo? pois usai della, como se não usareis. De sorte que quanto ha, ou pòde haver neste mundo, por mais que

nos toque no amor, na utilidade, no gosto, a tudo quer S. Paulo q̄ acrecentemos hum, como sennaõ, *tanquam non*. Como sennaõ ou vera tal cousa, como se naõ fora nossa, comõ sennaõ nos pertencera. E porque? Vede a razaõ: *Præterit enim figura hujus mundi*. Porque nenhũa cousa deste mundo pára, ou permanece, todas passaõ. E como todas passaõ, & são como se naõ foraõ, assim he bem que nõs usemos dellas, como se naõ usáramos: *Tanquam non utantur*. Por isso a essas mesmas cousas naõ lhe chamou o Oraculo do terceiro Ceo cousas, sennaõ apparencias; & ao mundo naõ lhe chamou mundo, sennaõ figura do mundo: *Præterit enim figura hujus mundi*.

4 Consideraime o mudo desde seus principios, & velohẽis sempre, como nova figura no theatro, aparecendo, & desaparecendo juntamente, porque sempre passando. A primeira scena deste theatro

foi o Paraíso Terreal, no qual appareceo o mundo vestido de immortalidade, & cercado de delicias; maõ quanto durou esta apparencia? Estendeo Eva o braço á fruta vedada, & no brevissimo espaço, em que o bocado fatal passou pela garganta do homem, passou tambem com elle o mundo do estado da innocencia ao da culpa, da immortalidade à morte, da patria ao desterro, das flores às espinhas, do descanso aos trabalhos, & da felicidade summa ao summo da infelicidade, & miseria. Oh miseravel mundo, que se pararas assim, & te contentaras com comer o teu paõ com o suor do teu rosto, foras menos miseravel! Mas naõ serias mundo, se de hũa miseria grande naõ passasses sempre, & por tua natural inclinaçaõ, a outra maior. Os homens naquella primeira infancia do mundo todos vestiaõ de pelles, todos erãõ de hũa cor, todos fallavãõ a mesma lingua, todos guardavãõ

Ibidem
31:

davão a mesma ley. Mas não foi muito o tempo em que se conservarão na harmonia desta natural irmandade. Logo variarão, & mudarão as pelles com tanta differença de trajos, que cada dia de pès à cabeça apparecem com nova figura. Logo variarão, & mudarão as linguas com tanta dissonancia, & confusam, como a da Torre de Babel. Logo variarão, & mudarão as cores com a diversidade das terras & climas, & com a mistura do sangue, posto que todo vermelho. Logo variarão, & mudarão as leys, não com as de Platão, Solon, ou Lycurgo, mas com a do mais imperioso, & violento Legislador, que he o proprio alvedrio. Tudo mudarão, ou tudo se mudou, porque tudo passa.

5 As vidas naquella principio costumavão ser de sete, de oito, de noventa, & quasi de mil annos; & que brevemente se acabou este bom costume? Então o viver muitos secu-

Tom.7.

los era natureza, hoje chegar, não a hum seculo, mas perto d'elle, he milagre. Tardarão em passar até Noe, & tambem passarão. Com aquellas vidas não só crecião os annos, senam tambem os corpos: & dos filhos de Deos, que erão os descendentes de Seth; & das filhas dos homens, que erão as descendentes de Cain, nascérão os Gigantes, de quem diz a Escriitura: *Erant Gigantes super terram.* Alguns ossos que ainda durão destes que o mesmo Texto sagrado chama Varoens famosos, demonstrão pela symetria humana, que não podião ser menos que de vinte, & mais covados: & ainda na historia das batalhas de David temos memoria de outros quatro, posto que de muito menor estatúra. Mas enfim acabou a era dos Gigantes; porque tudo nesta vida, & mais depressa o que he grande, acaba, & passa.

6 Diminuidos os homens nos corpos, & nas

A iij ida

Genes
6.4.

idades , quando têm a morte mais perto da vista , (quem tal crê !) então crescerão mais na ambição , & soberba . E sendo todos iguaes , & livres por natureza , ouve alguns que entrarão em pensamento de se fazer senhores dos outros por violência , & o conseguirão . O primeiro que se atreveo a pôr coroa na cabeça , foi Membroth , que também com o nome de Nino , ou Belo deu principio aos quatro Imperios , ou Monarchias do mundo . O primeiro foi o dos Assyrios , & Chaldeos : & onde está o Imperio Chaldaico ? O segundo foi o dos Persas : & onde está o Imperio Persiano ? O terceiro foi o dos Gregos : & onde está o Imperio Grego ? O quarto , & maior de todos foi o dos Romanos : & onde está o Imperio Romano ? Se algũa cousa permanece deste , he só o nome : todos passarão , porque tudo passa . Em tres famosas visões representou Deus estes mesmos Impe-

rios a hum Rey , & a dous Profetas . A primeira visão foi a Nabucodonosor na Estatua de quatro metaes : a segunda a Zacharias em quatro carroças de cavallos de diferentes cores : a terceira a Daniel em hum conflicto dos quatro ventos principaes , que no meyo do mar se davao batalha . Pois se todas estas visões erao de Deus , & todas representavao os mesmos Imperios , porque variou tanto a Sabedoria divina as figuras , & sobre a primeira da Estatua tao clara , & manifesta acrescentou outras duas tao diversas em tudo ? Porque a Estatua na dureza dos metaes de que era composta , & no mesmo nome de Estatua , parece que representava estabilidade , & firmeza : & porque nenhum daquelles Imperios havia de perseverar firme , & estavel , mas todos se haviao de mudar successivamente , & ir passando de hũas nações a outras ; por isso os tornou a representar na variedade

dade das cãroças, na inconstancia das rôdas, & na carreira, & velocidade dos cavallos. Mas não parou aqui a energia da representação, como não encarecida ainda bastantemente. A Estatua estava em pé, & as carroças podiaõ estar paradas. E porque aquelles Imperios correndo mais precipitadamente que à redea solta, não haviaõ de parar no mesmo passo, nem por hum sò momento, & sempre se haviaõ de ir mudando, & passando; por isso finalmente os representou Deos na cousa mais inquieta, mudavel, & instavel, quaes são os ventos, & muito mais quando embravecidos, & furiosos: *Et ecce quatuor venti cali pugnabant in mari magno.*

Dan. 7
2.

§. III.

7 **E**M quanto passã-
raõ estes quatro
Imperios, que foi a tercei-
ra, quarta, quinta, & sexta
idade do mundo, entrando
tambem pela septima;

quem haverà que possa
compreender quãto pas-
sou no mesmo mundo?
Quando começou o pri-
meiro Imperio, entãõ co-
meçou tambem a idola-
tria; digno castigo do Ceo,
que pois os homens se fize-
raõ adorar, chegassẽ os
mesmos homens a adorar
paos, & pedras. Os Reys
porẽm que eraõ, ou tinhaõ
sido os idolatras, canoni-
zados depois pela adula-
ção, & lifonja, ou na vida,
ou depois da morte vi-
nhaõ tambem elles a ser
idolos. Assim Saturno, as-
sim Jupiter, assim Mercu-
rio, assim Apollo, assim
Marte, assim Venus, assim
Diana: & posto que todos
estes deixãraõ os seus no-
mes gravados nas Estrel-
las, ellas permanecem, mas
elles passãraõ. Passãraõ os
idolos, & tambem passãraõ
os oraculos com que nelles
respondia o pay da menti-
ra; porque ao som da ver-
dade do Evangelho todos
emudecãraõ.

8 Entãõ começãraõ as
guerras; & que direi dos

exercitos innumeraveis , das batalhas campaes & maritimas , das vitorias & triunfos de hũa naçoens , & da ruina, abatimento, & servidaõ de outras, taõ varia, & alternada sempre? Sõ digo, que assim a gloria, & alegria dos vencedores, como a dor, & afronta dos vencidos, tudo passou, porque tudo passa O exercito de Xerxes, que foi o maior que vio o mundo, constava de cinco mil naos, & cinco milhoens de combatentes: & porque de hũa, & outra parte fez continente o Helesponto, & cavou , & fez navegavel o monte Atho, disse delle Marco Tullio, que caminhava os mares a pè, & navegava os montes: *Tantis classibus Xerxes in Graciam transijt, ut Helesponto juncto, Athoque monte perfosso, maria ambularit, terramque navigarit, maria pedibus peragrans, classibus montes.* Mas todo aquelle immenso , & formidavel aparato, que visto fez tremer o mar, & a terra , tam brevemente passou, & des-

apareceo sendo desbaratado, & vencido, que só ficou delle este dito. O mesmo Temistocles, que có muito desigual poder o desfez, & poz em fugida , tambem passou, como na Grecia, & fõa della passãraõ todos os famosos Capitaens , & suas vitorias. Passou Pyrrho , passou Mitridates, passou Felippe de Macedonia: passãraõ Heitor & Achilles, passãraõ Anibal & Cipiaõ, passãraõ Pompeo & Julio Cesar, passou o grande Alexandre, nome singular, & sem parelha, & atè Hercules, ou fosse hum, ou muitos, todos passãraõ, porque tudo passa.

9 Costumaõ as Letras seguir as Armas , porque tudo leva apos sy o maior poder: & assim floreceraõ variamente, & em diversas partes no tempo destes Imperios todas as Ciências, & Artes. Floreceo a Filosofia, floreceo a Mathematica, floreceo a Theologia, floreceo a Astrologia, floreceo a Medicina, floreceo a Musica, floreceo a Oratoria,

toria, floreceo a Poetica, floreceo a Historia, floreceo a Architectura, floreceo a Pintura, floreceo a Estatuaria: mas assim como as flores se murchoão, & sechoão, assim passãrão todos os Authores mais celebrados das mesmas Ciencias, & Artes. Na Estatuaria passou Phidias & Lysippo: na Pintura passou Timantes & Apelles: na Architectura passou Meliagenes & Democrates: na Musica passou Orpheo & Anstion: na Historia, Tucidides & Livio: na Eloquencia, Demostenes & Tullio: na Poetica, Homéro & Virgilio: na Astrologia, Anaxagoras & Ptolomeo: na Medicina, Esculapio & Hypocrates: na Mathematica, Euclides & Archimedes: na Filosofia, Platao & Aristoteles: na Theologia, Mercurio Tremigisto & Apollonio Tyanéo: & por junto em todas as ciencias passãrão no mesmo tempo os sete Sabios de Grecia; porque, ou junto, ou dividido, tudo passa. Sò a Ethi-

ca & Moral como tão necessaria à vida, & à virtude, parece que não havia de passar; mas os Platonicos, os Peripateticos, os Epicureos, os Cinicos, os Pitagoricos, os Estoicos, os Academicos, elles, & suas Escolas, & Seitas, todos passãrão.

10 Nenhũa cousa he mais propria desta consideração em que himos, que os jogos, & espectaculos publicos, que os homés inventãrão a titulo de passatempo, como se o mesmo tẽpo não passãra mais velozmente que tudo quanto passa. Huns jogos foraõ os Circenses, outros os Dionysios, outros os Juvenaes, outros os Nemeos, outros os Maratoneos, todos cheos de diferentes divertimentos, em que, ou se perdia a honestidade, como nos de Venus; ou o juizo, como nos de Baccho; mas nenhuns mais indignos dos olhos humanos, & piedade natural, que os Gladiatorios. Sahia toda Roma ao Anfiteatro, a
que?

que? a ver, & festejar como se matavaõ homens a homens: cahiaõ huns, & sobrevinhaõ outros, & outros, sem estar o posto vaço hum só momento, acclamando a cabeça do mundo com applausos mais carniccios, que crueis, assim no dar, como no receber das feridas, tanto a intrepidez dos mortos, como a furia dos matadores. Os jogos Seculares se chamavaõ assim, porque se celebravaõ hũa só vez de seculo a seculo; & dizia o pregaõ publico que convidava para elles: *Verite ad ludos, quos nemo vidit unquam, nec visurus est*: Vinde ver os jogos, que ninguem vio, nem ha de tornar a ver. E com este defengano da vida passada, & desesperaçãõ da futura, os hiaõ todos ver, & se chamavaõ jogos. Os Olimpicos foraõ os mais celebres, & famosos de todos, em que de cinco em cinco annos corria todo o mundo a huma Cidade do mesmo nome, ou a levar, ou a ver

quem levava hũa coroa de louro. Por estes jogos mais que pelo curso do Sol se contavaõ, & distinguaõ os annos. Mas como toda a competencia era a correr, & o que mais corria, o que triunfava, não podiaõ deixar de passar as Olimpicas, como passaraõ todos os outros jogos daquelles tempos, ou todos os passatempos daquelles jogos.

II Sõ hũa cousa ha que não pòde passar, porque o que nunca foi, nam pòde deixar de ser, & taes parece que foraõ as fabulas, que neste mesmo tẽpo se inventaraõ, & fingiraõ. Mas se ellas não passaraõ em sy mesmas, passaraõ naquelles casos, & cousas que deraõ occasiaõ a se fingirem. Na secca univertal que abrazou todo o mundo, passou a fabula de Faetonte: no diluvio particular, que inundou grande parte d'elle, passou a fabula de Deucalion: no estudo com que ElRey Atlante contemplava o curso, & movimentos das Estrellas, passou

passou a fabula de trazer o Ceo aos hombros: na especulação continua de todas as noites com que Eudemion observava os effeitos do Planeta mais visinho à terra, passou a fabula dos seus amores com a Lua. E porque tambem os nossos vicios, a nossa fraca virtude, & a nossa mesma vida passa como fabula; o amor, & complacencia de nós mesmos passou na fabula de Narciso: a riqueza sem juizo, na fabula de Midas: a cubiça infaciavel, na fabula de Tantalos: a inveja do bem alheo, na fabula, & abutre de Ticio: a inconstancia da fortuna mais alta, na fabula, & roda de Euxion: o perigo de acertar com o meyo da virtude, & não declinar aos vicios dos extremos, na fabula de Scilla & Caribdes: & finalmente a certeza da morte, & incerteza da vida pendente sempre de hum fio, passou, & está cõtinuamente passando na fabula das Parcas. Assim envolvêraõ, & misturáraõ os Sa-

bios daquelle tempo o que ha com o que não ha, & o certo com o fabuloso: para que nem o louvor nos desvaneca, nem a calumnia nos desanime, pois o verdadeiro, & o falso, a verdade, & a mentira, tudo passa.

12 Mas não he justo que nesta passagem de tudo o que passou no tempo dos quatro Imperios profanos do mundo, passemos nós em silencio aquella Republica sagrada, que alcançou a todos quatro, & por ser fundada por Deos, parece que tinha direito a não passar. Nasceo a Republica Hebrêa no cativo do Egypto; & quem entãõ lhe levantasse figura, facilmente lhe podia pronosticar os tres cativeiros, & transmigraçoens cõ que foi arrancada da Patria. Hũa vez cativa por Salmanasar, em que passou desterrada aos Assyrios: outra vez cativa por Nabucodonosor em que passou desterrada aos Babilonios: & a terceira, & ulti-

ultima vez cativa por Tito & Vespasiano , em que passou desterrada a todas as terras , & naçoens do mundo. Começou no famoso Triúvirato de Abraham, Isaac, & Jacob, tantas vezes nomeado, & honrado por boca do mesmo Deus ; mas nem por isso deixáraõ de passar todos tres. Succedeolhe Joseph o que sonhou as suas felicidades, & as adoraçoens de seu pay, & irmãos ; & posto que todas se cumpriraõ, todas passáraõ como se foraõ sonho. Teve o mesmo Povo tres estados de governo, o dos Juizes, o dos Reys, o dos Capitaes, & se bem subindo, & decendo as varas se trocaõ com os cetros, & os cetros com os bastoens, nenhum daquelles estados foi estavel, todos passáraõ. Nos Juizes passou a espada de Gedeão, o arado de Sangar, & a queixada de Samfã. Nos Reys passou a valentia de David, a fabledoria de Salamaõ, & a piedade, & religiaõ de Josias.

Nos Capitaens passou o braço invencivel de Judas Macabeo vencedor de tantas batalhas : passou a façanha immortal de Eleázaro, que metendose debaixo do Elefante , matou a sua propria sepultura : & passou mais glorioso que todos o honrado, & zeloso testamento do velho Mathathias, digno de ser escrito em bronzes. E porque não fiquem totalmente em silencio as Heroínas da mesma nação ; quatro ouve nella insignes na fermosura, Sára, Rachel, Esther, & Judith, todas porêm factaes a quem as amou. Sára a hum Peregrino com perigos : Rachel a hum Pastor com trabalhos : Esther a hum Rey com desgostos : & Judith a hum General com a morte. Este acabou miseravelmente a vida ; mas as fermosuras antes de se acabarem as vidas , já tinhaõ passado. Florecêraõ no mesmo Povo além de outros igualmente verdadeiros, dezaseis Profetas Canonicos, quatro maiores,

res, & doze menores ; mas em espaço de tres seculos os maiores, & menores desde Oseas a Malachias todos passárao. Passárao os milagres da Vara, passárao os da Serpente de metal, passárao os de Elias & Elifeo : & porque só faltava passar a Ley de Moyfes, & o Sacerdocio de Aram , a Ley, & o Sacerdocio tambem passárao ; porque tudo passa.

13 Agora quizera eu perguntar ao mundo , se como me enche a memoria de tantas cousas, que todas passárao , me mostrará algũa aos olhos que nam passasse ? As sete fabricas a que a fama deo nome de maravilhas , acrecentárao alguns como oitava o Anfitheatro Romano. Mas a maravilha oitava, ou nona he, que todas essas maravilhas, que pareciao eternas, passárao. A primeira maravilha foraõ as Pyramides do Egypto , a segunda os muros de Babylonia , a terceira a Torre de Faro, a quarta o Colosso de Ro-

des, a quinta o Mausoleo de Caria, a sexta o Templo de Diana Ephesina , a septima o Simulacro de Jupiter Olympico. E deixando o Anfitheatro de q̄ só se vem as ruinas, as Pyramides cahiraõ, os Muros arrazáraõse, o Colosso defezse , o Mausoleo sepultouse, a Torre fumiose, o Farol apagouse, o Templo ardeo, & o Simulacro, como simulacro , desvaneceose em sy mesmo. Tem mais que dizer, ou que oppor o mundo ? Sõ pôde appellar para as mais fortes, & bem fundadas Cidades, Cortes, & Metropoles dos mais poderosos Imperios : argumento verdadeiramente de grande boáto , antes de se lhe tomar o peso. Ninive Corte de Nino foi a maior Cidade do mundo : andavase de porta a porta, naõ menos que em tres dias de caminho : edificada de proposito com arrogancia de que nenhũa outra a igualasse , como naõ igualou. Mas onde está essa Ninive ? Ecbatanis Corte

te de Arfaxad, & Cidade que o Texto sagrado chama potentissima, era cercada de sete ordens de muros, todos de pedras quadradas, cada hũa de vinte & sete palmos por todas as faces, & as portas com prodigiosa altura de cem covados. Mas onde està essa Ecbatanis? Sufa Corte de Assuero, & Metropoli de cento & vinte & sete Provincias, cujo Palacio representava hum Ceo estrellado, fundado sobre colunas de ouro, & pedras preciosas, & cujos muros eraõ de marmores brãcos, & jaspes de diferentes cores; bem se deixa ver quaõ forte, & inexpugnavel seria, pois defendia taõ grãde Monarca, dominava tantos Reynos, & guardava tantos thesouros. Mas onde està essa Sufa? Se ouvessemos de fazer a mesma pergũta às ruinas de Thebas, de Memphis, de Bactra, de Carthago, de Corintho, de Sebaite, & da mais conhecida de todas Jerusalem; necessario seria

dar volta a toda a redondeza da terra. De Troya disse Ovidio: *Jam seges est ubi Troia fuit.* In Heroid. E o mesmo podemos dizer das planicies, valles, & montes, donde se levantavaõ às nuvens aquelles vastissimos corpos de casas, muralhas, & torres. De hũas se naõ sabem os lugares onde estiveraõ; de outras se lavraõ, semeaõ, & plantaõ os mesmos lugares, sem mais vestigios de haverem sido, que os que encontraõ os arados, quando rompem a terra. Para que os homens compostos de carne, & sangue se naõ queixem da brevidade da vida, pois tambem as pedras morrem: & para que ninguem se atreva a negar, que tudo quanto ouve, passou, & tudo quanto he, passa.

§. IV.

14 **A** Razaõ deste curso, ou principio geral com que tudo passa, naõ he hũa só, senaõ duas: hũa contraria a toda

toda a estabilidade, & outra repugnante ao mesmo ser. E quaes são? O tempo, & antes do tempo, o nada. Que cousa mais veloz, mais fugitiva, & mais instavel que o tempo? Taõ instavel, que nenhum poder, nem ainda o divino o pòde parar. Por isso os

quatro animaes, que tiravaõ pela carroça da gloria de Deos neste mundo, naõ tinhaõ redeas. Descreveo o tempo no Palacio do Sol o mais engenhoso de todos os Poetas, & dividindo-o em suas partes, disse assim elegantemente:

*A dextra læva que dies, & mensis, & annus,
 Sæcula que, & posuæ spatijs æqualibus horæ,
 Verque novum stabat cinctum florente corona,
 Stabat nuda æstas, & spica ferta gerebat,
 Stabat & Autumnus calcatis sordibus vuvis,
 Et glacialis Hyems canis hirsuta capillis.*

Meta-
morp.
lib.2.

Elegantemente, torno a dizer, mas falsa, & imprópriamente. Aquelle *stabat* tantas vezes repetido, he o que tirou toda a semelhança de verdade à engenhosa pintura. Porque nem a Primavera com as suas flores, nem o Estio com as suas espigas, nem o Outono com os seus frutos, nem o Inverno có os seus frios & neves, por mais tolhido, & entorpecido que pareça, pòdem estar parados hum momento. Passaõ as

horas, passaõ os dias, passaõ os annos, passaõ os seculos, & se ouvesse geroglyphico com que se podessem pintar, havia de ser todos com azas, naõ só correndo, & fugindo, mas voando, & desaparecendo. Nem escusa esta impropriedade estar o Sol assentado: *Sedebat in solio Phæbus*; porque o Sol pòde parar, como no tempo de Josue, ou tornar atraz, como no tempo de Ezechias; mas o tempo em nenhum tempo, nê parar,

parar, nem deixar de ir emendou esta sua impro-
por diante sempre, & com priedade o mesmo Poeta,
a mesma velocidade. Bem quando depois disse:

*Ipsa quoque assiduo labuntur tempora motu
Non secus ac flumen, neque enim consistere flumen
Aut levis hora potest.*

Meta-
mor.
lib. 4.

E como o tempo nam tem, nem pôde ter consistencia alguma, & todas as cousas desde seu principio nascêrao juntamente com o tempo, por isso nem elle, nem ellas podem parar hum momento, mas com perpetuo moto, & revolução insuperavel passar, & ir passando sempre.

15 A segunda razaõ ainda he mais natural, & mais forte, o nada. Todas as cousas se revolvem naturalmente, & vaõ buscar com todo o peso, & impeto da natureza o principio donde nascêrao O homem porque foi formado da terra, ainda que seja com dispendio da propria vida, & summa repugnancia da vontade, sempre vai buscar a terra, & só descansa na sepultura. Os Rios ef-

quecidos da doçura de suas aguas, posto que as do mar sejaõ amargosas, como todos nascêrao do mar, todos vaõ buscar o mesmo mar, & só nelle se desafogaõ, & paraõ como em seu centro. Assim todas as cousas deste mundo, por grandes, & estaveis que pareçaõ, tirou-as Deos com o mesmo mundo do não ser ao ser, & como Deos as criou de nada, todas correm precipitadamente, & sem que ninguem as possa ter maõ, ao mesmo nada de que foraõ criadas. Vistes o torrente formado da tempestade subita, como se despenha impetuoso, & com ruido: & tanto que cessou a chuva, tambem elle se seccou, & sumio subitamente, & tornou a ser o nada que dantes eraõ pois
assim

Psalm.
57.3.

assim he tudo, & fomos todos, diz David : *Ad nihilum devenient tanquã aqua decurrens*. Sonhastes no ultimo quarto da noite, quando as representaçoens da fantasia são menos confusas, que possuhicis grandes riquezas , que gozaveis grandes delicias , & que estaveis levantado a grandes dignidades; & quando depois acordastes , vistes com os olhos abertos, que tudo era nada? Pois assim passãõ a ser nada em hum abrir de olhos todas as apparencias deste mundo, diz o mesmo Profeta: *Velut somnium surgentiũ Domine imaginem ipsorum ad nihilum rediges*. De sorte que estas são as duas razões porque todas as cousas passãõ. Passãõ, porque voaõ com o tempo, & passãõ, porque vaõ caminhando para o nada donde fãhiraõ. Por isso, como diz o Espirito Santo, quando hũas passãõ, ou tem passado, he necessario que venhaõ outras para tambem passar : *Generatio præterit,*

Tom. 7.

& generatio advenit : terra autem in æternum stat.

16 Mas se bem se repára nesta mesma sentença , sendo taõ poucas as suas palavras, assim como hũas confirmaõ, assim outras parece que impugnaõ, & destruem quanto imos dizendo. Porque se a terra está sempre firme, & estavel, *terra autem in æternum stat*; segue-se que ao menos a mesma terra não passa, & que ha no mundo alguma cousa, que não passe. Concederemos pois esta exceção ao nosso assumpto, & diremos que passãõ as figuras, como diz S. Paulo, mas que a terra, que he o theatro, não passa? Não digo, nem concedo tal. A terra toda não passa, mas passãõ, & sempre estaõ passando todas as partes della. A terra compoem-se de Reynos, os Reynos compoem-se de Cidades, as Cidades compoem-se de casas & campos, & principalmente de homens, & tudo isto, que tudo he terra (& toda a terra) perpetuamente

B. está

Psalm.
72.20.

Ecc. 1.
4.

está passando. Daniel revelando a Nabucodonosor a intelligencia da sua Estátua, disse que Deos muda os tempos, & as idades, & conforme ellas passa os Reynos de hũa parte para outra: *Ipsè mutat tempora, & ætates: transfert Regna, atque constituit.* Assim passou o Reyno do mesmo Nabuco para a Persia, o dos Persas para a Grecia, o dos Gregos para Roma, & o dos Romanos para tantos outros, quantos hoje coroaõ outras cabeças, as quaes se devem lembrar daquella infallivel sentença: *Regnum à gente ingentem transfertur propter injustitias.* O nosso Reyno não sendo no sitio original dos maiores, quantas vezes passou a outras gentes? Passou aos Suevos, passou aos Alanos, passou aos Carthaginezes, passou aos Romanos passou aos Arabes & Sarracenos, & dentro da mesma Hespanha tambem passou, & tornou a passar. Os terremotos, que se geraõ do ar violen-

tado nas entranhas da terra, são muito raros, mas os que se fazem na superficie della, sempre a trazem em perpetuo movimento.

17 E se os grandes Reynos, & Imperios nam são estaveis, & passão; que serão as Cidades particulares, para que não he necessario, que a roda da fortuna dê toda a volta? Não fallo daquellas que acabáram como de morte subita, abrazadas até a ultima cinza no incendio de hũa noite, como Troya, & Lugduno. Desta disse judiciosamente Seneca: *Quando una nox fuit inter urbem maximam, & nullam, nihil privatim, nihil publicè stabile est: tam hominum, quam urbium fata volvuntur.* Deixadas pois estas, que subitamente passáram do ser ao não ser; só fallo das que por seus passos contados vieraõ de hum dominio a outro dominio. E quantas vezes as Pombas de Babilonia, quantas os Leoens de Jerusaleem, quantas as Aguias de Roma, & de

Con-

Daniel
2.21.

Eccl. 10.
8.

Seneca
Epist. 94.

Constantinopla, viraõ sobre suas muralhas outras bandeiras? O maior theatro de Marte no nõsso seculo, & por ventura, que em nenhum outro, foraõ as guerras Belgicas; & na grande Provincia de Oláda, excepta Dorth, por isso chamada a Virgem, nenhuma Cidade ouve, que não fosse conquistada, & alternasse o dominio. Que direi dos confins sempre incertos, & tão frequentemente mudados de Hespanha com França, de França com Germania, de Germania com a Turquia, & da Turquia com Italia? Annos ha, que a antiga Creta, hoje Candia, sem fer das Ilhas errantes do Arcipelago, tem posto em duvida o mundo para onde ha de ir, & se ha de reconhecer as Cruzes, ou as meyas Luas.

18 E quanto às casas membros menores, de que se compoem innumeravelmente as Cidades; qué poderà comprehender o inextricavel laberinto, cõ

que à maneira de pexes no mar, se andaõ sempre movendo, & passando de hum dono para outro dono. Ouçamos a familiar evidencia com que o grande juiz de S. Agostinho demonstrou a hum delles esta perpetua instabilidade. Introduce hum Rico, que jactancioso de ser senhor da sua casa, dizia: *Domum meam habeo*: & pergunta-lhe o Santo assim: *Quam domum tuam? Quam Pater meus mihi dimisit. Et unde ille habuit? Avus noster illam reliquit. Recurre ad Proavum, inde ad Abavum, & jam nomina non potes dicere. Pater tuus hic eam dimisit, transivit per illam, sic & tu transibis.* Esta casa de que vos jactais ser senhor, porque he vossa? Porque a herdei de meu Pay: & voffo Pay de quem a ouve? De meu Avo: & de quem a ouve voffo avo? De meu Bisavo: & voffo Bisavo de quem? De meu Tresavo. Já não tendes palavras com que profeguir de qué mais foi, & a quem mais

August.
Come.
in Prial.
122.

passou essa casa, que chamais vossa. Pois assim como ella passou, & vossos antepassados passaraõ por ella, assim ella, & vós tambem haveis de passar. Por este modo sem firmeza, nem estabilidade alguma estaõ sempre passando neste mundo as casas, as quintas, as herdades, os morgados: huns, porque os faz passar a morte, outros, porque os manda passar a justiça, outros, porque os convida a passar a riqueza dos que os cõpraõ, outros, porque os obriga a necessidade dos que os vèdem, outros, porque a força, & poder os rouba, & fenhorea por violencia: em summa, que naõ ha pedra, nem telha, nem planta, nem raiz, nem palmo de terra na terra, que nam esteja sempre passando, porque tudo passa.

§. V.

19 **D**este tudo que estaõ sempre passando, he o homem naõ só

a parte principal, mas verdadeiramente o tudo do mesmo tudo. E vendo o homem cõ os olhos abertos, & ainda os cegos, como tudo passa, sãõ nòs vivemos como se naõ passaríamos. Somos como os que navegando com vento, & marè, & correndo velocissimamète pelo Tejo acima, se olhaõ fixamète para a terra, parecehe que os montes, as torres, & a Cidade he a que passa, & os que passaõ, sãõ elles. He o que disse o Poeta: *Montes, urbesque recedunt*. Mas demos volta a esta mesma comparaçãõ, & veremos na terra outro genero de engano ainda maior. A maior ostentaçãõ de grandeza, & magestade que se vio neste mundo, & humadastres que S. Agostinho desejava ver, foi a pompa, & magnificencia dos triunfos Romanos. Entravaõ por hũa das portas da Cidade naquelle tempo vastissima, encaminhados lógamente ao Capitolio: precediaõ os soldados vècedores

cedores com acclamações: seguiu-se representadas ao natural as Cidades vencidas, as montanhas inacessíveis escaladas, os rios caudalosos vadeados com pontes: as fortalezas, & armas dos inimigos, & as machinas com que foram expugnadas: em grande numero de carros os despojos, & riquezas, & tudo o raro, & admiravel das regioens novamente fogueitadas: depois de tudo isto a multidão dos cativos, & tal vez os mesmos Reys maniatados; & por fim em carroça de ouro, & pedraria, tirada por Elefantes, Tigres, ou Leoens domados, o famoso Triunfador: ouvindo a espaços aquelle glorioso, & temeroso pregão: *Memento te esse mortalem.* Em quanto esta grande procissão (que assim lhe chama Seneca) caminhava, estavam as ruas, as praças, as janellas, & os palanques, que para este fim se fazião, cubertos de infinita gente, todos a ver. E se Diogenes então pergun-

Tom. 7,

tasse, quaes erão os que passavão: se os do triunfo, se os que o estavam vendo: não ha duvida, que pareceria a pergunta digna de riso. Mas o certo he, que tanto os da procissão, & do triunfo, como os que das janellas, & palanques, que os estavam vendo, huns, & outros igualmente passavão, porque a vida, & o tempo nunca pára: & ou indo, ou estando; ou caminhando, ou parados, todos sempre, & com igual velocidade passamos.

20 Declarou esta verdade tão mal advertida cõ hũa semelhança muito propria S Ambrosio elegantemente: *Et si non videmur ire corporaliter, progredimur. Nam sicut in navibus dormientes ventis aguntur in portus; sic vitæ nostræ spatio defluente, ad propriū unusquisque finem, cursu labente deducimur. Tu enim dormis, & tempus tuum ambulat.* Todos imos embarcados na mesma nao, que he a vida, & todos navegamos com o mesmo vento,

Ambr
in Psal.
1. vers. 1.

B iij

que

que he o tẽpo : & assim como na nao huns governaõ o leme , outros mareaõ as velas : huns vigiaõ , outros dormem : huns passeãõ , outros estãõ assentados : huns cantãõ , outros jogãõ , outros comem , outros nenhũa cousa fazem , & todos igualmente caminhaõ ao mesmo porto ; assim nõs , ainda que o não pareça , insensivelmente imos passando sempre , & avisinhandose cada hum ao seu fim ; porque tu , conclue Ambrosio , dormes , & o teu tempo anda : *Tu dormis, & tempus tuum ambulat*. Disse pouco em dizer que o tẽpo anda , porque corre , & voa : mas advertio bem em notar que nõs dormimos ; porque tendo os olhos abertos para ver que tudo passa , só para considerar que nõs tambem passamos , parece que os temos fechados.

21 Dito foi do grande Filosofo Eraclito , alegado , & celebrado por Socrates , *Non posse quemquam bis in eumdem fluuium descendere*:

que nenhum homem podia entrar duas vezes em hum rio : & porque ? Porque quando entrasse a segunda vez , já o rio , que sempre corre , & passa , he outro . E daqui infiro eu , que o mesmo succederia se não fosse rio , senão lago , ou tanque aquelle em que o homem entrasse ; porque ainda que a agua do lago , & do tanque não corre , nem se muda , corre porẽm , & sempre se està mudando o homem , que nunca permanece no mesmo estado : *Et nunquam in eodem statu permanet*. Assim o disse Job , & quem o não differ assim de todo o homem , & de sy mesmo , não se conhece . Admirase Philo Hebreo , de que perguntando Deos a Adam onde estava : *Adam, ubi es* , elle não respondeu . Mas logo escusa ao mesmo Adam , & a qualquer outro homem a quem Deos fizesse a mesma pergunta ; porque como pôde responder onde està , quem não està ? Se dissera , estou aqui (como sutilmente argue

gue S. Agostinho) entre a primeira syllaba , & a segunda já o estou nam seria estou, nem o aqui seria o mesmo lugar : porque como tudo está passando, tudo se teria mudado. Por isso conclue o mesmo Philo, que se Adam ouvesse de responder propria, & verdadeiramente onde estava; havia de dizer , *nusquam* , em nenhũa parte; porque em nenhũa parte está aquillo que nũa está, mas sempre passa : *Ad quod propriè respondere poterat, nusquam : eo quod humana res nunquam in eodem statu maneat.*

22 Considerando este continuo passar do homem (não fóra de sy, senão onde verdadeiramente parece que está , & permanece, que he dentro em sy mesmo) diziaõ os Sabios da Grecia, como refere Eusebio Cesariense, que todo o homem , que chega a ser velho, morre seis vezes. E como? Passando da Infancia à Puericia, morre a Infancia : passando da Pue-

ricia à Adolecencia, morre a Puericia : passando da Adolecencia á Juventud, morre a Adolecencia : passando da Juventud à idade de Varaõ, morre a Juventud : passando da idade de Varaõ á Velhice, morre a idade de Varaõ : & finalmente acabando de viver por tanta continuação, & successão de mortes ; com a ultima, que só chamamos morte , morre a Velhice. Assim o consideravaõ aquelles Sabios, mais larga, & menos sabiamente do que devéraõ, aos quaes por isso emendou S. Paulo, dizendo que morria todos os dias : *Quotidie morior.* E já pôde ser, que da comunicação que Seneca teve cõ S. Paulo, ensinou elle esta mesma lição ao seu Discipulo, quando lhe diz : *Singulos dies, singulas vitas putata.* Se o Sol, que sempre he o mesmo, todos os dias tem hum novo nascimento , & hum novo occaso, quanto mais o homem por sua natural inconstancia taõ mudavel, que nenhum he ho-

1. Cor.
15. 31.

je o que foi hontem , nem ha de fer à manhiã o que he hoje ! Defenganemonos pois todos, & diga , ou digase cada hum com ElRey Ezechias : *De mane usque ad vesperam finies me.* E seja a ultima conclusaõ deste largo discurso ; que entaõ diffiniremos bem , & conheceremos o que he esta vida, & este mundo , quando entendermos que nam só estamos nelle em perpetua passagem , mas em perpetuo passamento.

§. VI.

23 **A**ssim passamos a todos, & assim passa tudo para a vida : de enganamento verdadeiramente nam só triste, mas tristissimo, se este superlativo, & outros de maior horror não foraõ mais devidos ao que, & depois de tudo passar, se segue. Depois da vida segue-se a conta. E sendo a conta, que se ha de dar, de tudo o que passou na vida ; tristissima, & terribilissima consideraçãõ he , que pas-

sando tudo para a vida, não da passe para a conta. O que faz, & ha de fazer difficultosa a conta são os peccados da vida, & de toda a vida. E que confusaõ ferà naquelle dia taõ cheo de horror , & assombro, olhar para a vida , & para os peccados de toda ella, & ver que a vida passou, & os peccados não passaraõ.

24 Deste passar & não passar, não só temos os documentos da Escritura, mas grandes, & manifestos exemplos da mesma natureza. Christo Redemptor, & Juiz universal nosso cõparou o dia do Juizo a hũa Rede lançada no mar, *Sagena missa in mare.* O mar he este mundo: a rede he a comprehensãõ da ciencia, & justiça divina : os que nella andãõ nadando já presos, ou com maior , ou com menor largueza , são todos os homens. E assim como na rede , quando a malha he muito estreita, só a agua pòde passar, & nenhũa outra cousa ; assim passa sòmente por ella a vida,

vida, & tudo o mais (que
 são os peccados) fica den-
 tro, & nada passa. Oh quam
 apertada, & estreita he esta
 malha da rede de Deos: &
 quam facil de passar, ainda
 por ella, a vida, que como
 agua sempre está passando!
*Omnes morimur, & quasi
 aqua dilabimur.* O mesmo
 Christo cõparou este pas-
 sar, & não passar ao crivo,
 quando disse a seus Disci-
 pulos: *Satanas expetivit
 vos ut cribraret sicut triti-
 cum.* Assim como no crivo
 (diz S. Joaõ Chrysoftomo,
 comentando estas pala-
 vras.) Assim como no cri-
 vo dando hũa & muitas
 voltas, passa o graõ, & sô
 fica a palha; assim neste
 mundo (que todo he fu-
 rado) com a volta, que daõ
 os dias, & os annos, passa a
 vida, & os gostos della, *Et
 in novissimo nihil remanet,
 nisi solum peccatum,* & no
 fim, & para o fim só fica o
 peccado. De outro crivo
 falla David, q he o das nu-
 vês, por onde se coa a agua
 da chuva, o qual mais alta-
 mente nos inculca este mes-

Luc. 22.
31.

mo documêto: *Cribrans a-
 quas de nubibus celorũ.* Des-
 ce a nuvé como esponja a
 beber no mar, & sendo a a-
 gua do mar salgada, & a-
 margosa, passada poré pela
 nuvé, o q là fica, he o amar-
 gofo, & o que cá desce, o
 doce. Por isso com grande
 propriedade este passar, &
 não passar se compára na
 nuvem ao crivo, & na vi-
 da, & na conta à nuvem. O
 que passa por ella, & cá lo-
 gramos, he o doce da vi-
 da: o que fica là em cima,
 & não vemos, he o amar-
 gofo da conta.

25 Não podia Job fal-
 tar a enobrecer este mes-
 mo assumpto, como taõ
 proprio das suas experien-
 cias, com algũa semelhan-
 ça que mais ainda nolo de-
 clare. Diz que observou
 Deos todos seus caminhos,
 & considerou as pègadas
 dos seus pès: *Observasti om-
 nes semitas meas, & vestigia
 pedum meorum considerasti.* Iob. 13.
27.
E porque considera Deos
 não os passos, senão as pé-
 gadas? Porque os passos
 passão, as pègadas ficão: os
 pas-

passos pertencem à vida, que passou, as pègadas à cõta, q̃ não passa. Mas que differentemente não passa Deos pelo que nõs tão facilmente passamos! Nõs deixamos as pègadas de traz das costas, & Deos tem-nas sempre diante dos olhos, com queas nota, & observa: as pègadas para nõs apagaõse, como formadas em pó, para Deos não se apagaõ, como gravadas em diamante. Tal he a consideração dos peccados, que na nossa memoria logo se perde, & na ciencia divina sempre está presente. Os Setenta em lugar de pègadas tresladarão Raizes: *Et radices pedum meorum considerasti.* Assim como os pés se chamão plantas, assim às pègadas lhe quadra bem o nome de Raizes. E porque deo este nome Job às pègadas dos seus passos? Não só porque os passos passãõ, & as pègadas ficão; mas porque ficão como raizes fundas, & firmes, & que sempre permanecem. As pèga-

das estaõ manifestas, & vemse, as raizes estaõ escondidas, & não se vem: & assim tem Deos guardados invisivelmente todos os nossos peccados, os quaes no dia da conta rebentarão como raizes, & brotarão nos castigos, que pertencẽ à natureza de cada hum. Isto he o que tanto cuidado dava a Job.

26 Finalmente o Apostolo S. Paulo, prègando contra os que abusaõ da paciencia, & benignidade de Deos, & em vez de se aproveitarem do espaço q̃ lhe dà para a penitècia, gastão a vida em accumular peccados sobre peccados, Naõ vès (diz) ô homem, que desprezas as riquezas do sofrimento, & longanimidade divina, & que pelo contrario, segundo a dureza do teu coração, entesouras para ti a ira, & vingança, que te espera no dia do Juizo? *An divitias bonitatis ejus, & patientiæ, & longanimitatis contemnis?* Romi. 2. 4.5. *Secundum autem duritiam, & impenitens cor, thesauri-*

Las tibi iram, in die ira, & revelationis justi judicij Dei? De maneira que ao peccar sobre peccar chama S. Paulo enthesourar, *thesaurizas tibi*: porque ainda que a vida, & os dias em que peccamos passaõ ; õs peccados, que nelle cometemos, naõ passaõ , mas ficão depositados nos thesouros da ira divina. Falla o Apostolo por boca do mesmo Deos, o qual diz no Deuteronomio: *Nonne hæc condita sunt apud me, & firmata in thesauris meis? Mea est ultio, & ego retribuam in tempore.* Estes thesouros pois, que agora estão cerrados, se abrirão a seu tempo, & se descubrirão para a cõta, no dia do Juizo, que isso quer dizer, *in die ira, & revelationis justi judicij Dei.* Consideraime hum homem rico, & que tem mais rendas cada anno do que ha mister para se sustentar: que faz este homem? Hũa parte do que tem gasta, & outra parte enthesoura. Pois isto he o que fazemos todos. Todos gastamos, &

todos enthesouramos: todos gastamos o que passa, & todos enthesouramos o que naõ passa: o que gastamos, he o da vida, o que enthesouramos, o da conta.

27 Infinita materia seria, se agora ouveramos de reduzir à pratica huma, & outra parte desta demonstração, & polas ambas em theatro Mas por isso nos detivemos tanto no primeiro ponto do nosso discurso. Naõ vimos nelle desde o principio do mundo, como tudo passou? Naõ vimos, como todos os que em tantos seculos vivèraõ, passãraõ? Pois esse tudo q̄ então passou para a vida, he o nada que naõ passou para a conta: & effes todos, que então mórreãõ , & agora estão sepultados, saõ os que resuscitados neste mesmo dia haõ de apparecer vivos diante do Tribunal divino , para dar essa conta estreitissima de quanto fizeraõ. Neste Tribunal vio S. Joãõ assentado sobre hum throno de admiravel magestade o supremo Juiz, & com

& com aspecto taõ terri-
 vel, que afirma fugio delle
 o Ceo, & a terra : *Et vidi*
thronum magnum candidũ,
& sedentem super eum, à cu-
jus conspectu fugit terra, &
cælum. Diz mais, que vio a
 todos os mortos grandes,
 & pequenos em pé, como
 reos , diante do mesmo
 throno : *Et vidi mortuos*
magno, & pusillos stantes in
conspectu throni. E final-
 mente conclue, que entaõ
 appareçáo, & se abriraõ
 hum livro , & muitos li-
 vros, & que pelo que esta-
 va escrito nestes livros fo-
 raõ julgados todos , cada
 hum conforme suas obras :
Et libri aperti sunt, & alius
liber apertus est, qui est vi-
tæ, & judicati sunt mortui
ex his quæ scripta erant in
libris secundum opera ipso-
rum. Desta distincão que o
 Evangelista faz de livro a
 livros, se vê claramente,
 que o livro era da vida, *li-*
ber, qui est vitæ, & que os li-
 vros eraõ da conta, porque
 pelos livros foraõ julga-
 dos os mortos : *Et judica-*
ti sunt mortui ex his quæ

Apoc.
29.11.

Ibid. 12.

Ibid.

scripta erant in libris. Assim
 entendem literalmente es-
 tes textos como soaõ , Be-
 da, & outros Padres. Mas
 porque razão o livro da vi-
 da, era livro , & os livros
 da conta, livros? Porque o
 livro da vida contém os
 dias da mesma vida , que
 saõ poucos. & os livros da
 conta contém os peccados
 cometidos nos mesmos
 dias, que saõ muitos. Af-
 sim que postos à vista no
 tremendo tribunal de hũa
 parte o livro, & da outra os
 livros, entaõ se veráo jun-
 tas, & concordes as duas
 combinaçoens do nosso as-
 sumpto: no livro , como
 tudo passa para a vida ; nos
 livros , como nada passa
 para a conta.

§. VII.

28 **E**ste nada do qual
 dizemos, que na-
 da passa para a conta, he o
 que agora havemos de ex-
 aminar. Pergunto: Se na-
 da passa para a conta, pare-
 ce que tambem o nada pô-
 de ser chamado a juizo? E

se acaso for chamado , escaparà da conta o nada por ser nada ? Creio que todos estão dizendo, que sim. Mas he certo , & de fé, que tambem o nada, por mais calificado que seja, ha de ser chamado a juizo, & porque nada passa para a conta , nem o mesmo nada ha de passar sem ella, & mui rigurosa. Ninguem foi mais calificado na Ley da Natureza, que Job : & ninguem mais calificado na Ley da Graça, que S. Paulo : & que dizia de sy hum, & outro ? Job dizia, que nada tinha feito contra Deos : *Quia nihil impium fecerim.* S. Paulo dizia, que nada avia na sua consciencia, de que ella o acusasse : *Nihil mihi conscius sum.* E este nada de Job, & este nada de S. Paulo escapárao por ventura da conta, & do juizo ? Elles mesmos confessáo, que de nenhum modo. Job dizia, que Deos o tinha posto a questaó de tormento, como reo, para averiguar, se o que elle

tinha por nada, verdadeiramente era nada : *Ut quaras iniquitatem meam, & peccatum meum scruteris, & scias, quia nihil impium fecerim.* E S. Paulo dizia, que elle se não dava por justificado do que na sua consciencia reputava por nada, porque desse nada não avia elle de ser o Juiz, senáo Deos : *Nihil mihi conscius sum, sed non in hoc justificatus sum, qui autem judicat me, Dominus est.* Eis-aqui quam manifesta, & provada verdade he, que nada passa para a conta, pois atè do mesmo nada a ha de tomar Deos, & tão estreita.

29 Mas qual he, ou pòde ser a razáo, porque onde dous homens tão grandes, tão calificados, & tão santos como Job, & S. Paulo não reconhecem nada de culpa, lha haja de arguir Deos, & pedir-lhe conta ? A primeira razáo, & da parte de Deos (a qual só pòde ignorar quem o não conhece) he, porque ainda nas cousas mais interiores

Job. 10.
7.1. Cor.
14.Iob. 10.
6.1. Cor.
14.

teriores nossas, conhece Deos muito mais de nós, do que nós de nós. Quando Christo na mesa da ultima cea revelou aos Apostolos, que hum delles o avia de entregar: *Amen dico vobis, quia unus vestrum me traditurus est*: diz o Evangelista, que muito tristes todos com tal noticia, começou cada hum a perguntar: *Nunquid ego sum Domine?* Por ventura, Senhor, sou eu esse? Pedro, André, Joaõ, & os demais, excepto Iudas, bem sabia cada hum de sy, que nam era o traidor, nem tal culpa lhe passara pelo pensamento: pois porque senaõ deixaõ estar muito seguros na boa fé da sua lealdade, mas pondo em duvida o de que naõ duvidavam, pergüta cada hum a Christo se he elle o traidor: *Nunquid ego sum?* Porque, ainda que a propria consciencia os naõ accusava, sabiaõ todos que sabia Christo mais de cada hum delles, do que elles de sy. Elles conheciaõse, como

homens, Christo conhecia-os, como Deos. Esse foi o erro, & engano de S. Pedro, que estava à mesma mesa! Pedro disse, que se fosse necessario daria a vida por Christo: Christo pelo contrario disse, que tres vezes o avia de negar naquella noite. E porque foi esta a verdade? Porque Pedro fallou pelo que ignorava de sy, & Christo pelo que conhecia delle. *Hoc illi Christus prænuntiabat, quod in se ipse ignorabat*, diz S. Agostinho. E como o Juiz daquelle dia conhece mais de nós, do que nós de nós; nam he muito que elle nos condena pelo que nós ignoramos, & que no seu juizo seja culpa, o que no nosso parece innocencia.

30 A segunda razaõ, & da parte nossa he; porque assim como Deos sabe tanto de nós, assim nós sabemos muito pouco de Deos: & por isso as nossas razoens naõ podem alcançar as suas. Hum dia depois de Christo entrar triumfante

Mat. h.
26. 24.

Ibid. 22.

August.

Marc. 11.
12. unfaute em Jerufalem , vindo de Bethania para a mefma Cidade, *efurijs*, teve fome: & como viſſe ao longe hũa figueira verde, & copada, encaminhou os paſſos até ella, por ſe acaſo tiveſſe algum fruto: *Siquid forte inveniret in ea.* Mas porque não achou mais que folhas, lançou-lhe o Senhor maldição, de que eternamente não deſſe fruto: *Nunquam ex te fructus naſcatur in ſempiternum*: & no meſmo momento ſe ſeccou a arvore deſde as folhas até as rai- zes. He porèm muito de notar neſte caſo, como nota S. Marcos, que não era tempo de figos: *Non enim erat tempus ficorum.* Pois ſe não era tempo de aquella arvore ter fruto; porque a amaldiçoa Chriſto, & a ſecca, não ſó para aquelle anno, ſe não para ſempre? Podia aver cauſa, ou deſculpa mais natural de não ter fruto, que não ſer tempo d'elle? Da arvore a que he comparado o juſto, diz David, que darà o ſeu fru-

to no ſeu tempo: *Et fructu ſuum dabit in tempore ſuo.* Pſalm. 133.

Pois ſe he louvor nas melhores arvores darem a ſeu tempo o ſeu fruto, como foi culpa neſta, não ſe achar nella fruto, quando não era tempo? O meſmo Evangeliſta S. Marcos diz, que eſta ſentença de Chriſto foi repoſta, que o Senhor deu à Arvore: *Et reſpondens dixit ei: Iam non amplius in æternum ex te fructum quiſquam māducet.* Marc. 11. 14.

Se a ſentença de Chriſto foi repoſta que deu à arvore, final he que a ouviu primeiro, & ella allegou de ſua juſtiça. Reparem aqui os Juizes, ou condenadores, que nem a hum tronco irracional, & inſenſivel condena Deos ſem o ouvir. Mas que he o que allegou a Arvore? Allegou o meſmo texto do Evangeliſta: & eſtava como dizendo mudamente ao Senhor: Eu bem tomára eſtar carregada de frutos maduros, & ſazoados, para os offerecer a meu Creador; porèm a cauſa, & impedimento

mêto natural de me achar
femelles, he por não ser
ainda chegado o tempo:
Non erat tempus ficorum. E
que sem embargo desta
replica ao parecer tão ju-
stificada, a condenasse
Christo, & com condena-
ção eterna, *in sempiternum!*
Assim foi. Mas com que
fundamento, ou justifica?
Entre todos os Exposito-
res da Escritura, mais Le-
trados, & de maior enge-
nho, nenhum ouve atêgo-
ra, que dêsse satisfação ca-
bal a esta duvida. É a ra-
zão de se lhe não achar ra-
zão, he, porque as razoens
dos homens não alcançaõ
as de Deos, & onde não fá-
be descobrir culpa o juizo
humano, a pôde achar o
divino. Porque não com-
prehende o homẽ a Deos?
Porque Deos he incom-
prehensivel. Pois tambem
por isso os juizos humanos
não comprehendem os di-
vinos, porque os divinos
são incomprehensiveis:

*Quàm incomprehensibilia
judicia ejus!*

31 Sobre estes dous

principios tão manifestos,
hum da ciencia de Deos
para conosco, outro da
nossa ignorancia para com
Deos, fica satisfeita, &
emudecida toda a admira-
ção de que Deos haja de
julgar atê o que reputa-
mos por nada, & nesse mes-
mo nada haja de arguir, &
achar culpas, de que pe-
dir, & tomar conta no dia
do Juizo. Sò resta hum es-
crupulo, que ainda nam
acaba de se aquietar, & não
menos, que acerca da ju-
stifica, com que Deos nos
haja de castigar pelo que
não conhecemos. He ver-
dade que Deos sabe de
nòs o que nòs ignoramos
de nòs, mas essa mesma ig-
norancia nossa não só pa-
rece que nos desculpa, mas
nos livra de ser peccado o
que não conhecemos co-
mo tal. Sem vontade nam
ha culpa, sem conhecimê-
to não ha vontade; como
logo pôde ser peccado, &
castigado como peccado o
que eu não conheço? Bem
tinha decifrado esta Theo-
logia o Autor do nosso

Proq.

Proverbio : Quem ignorantemente pecca, ignorantemente vai ao Inferno. Hũa só ignorancia escusa do peccado, que he a invencivel. Mas esta poucas vezes se acha. Os demais não só peccão no peccado, mas na ignorancia, com q̃ o não conhecê. Não peccarão gravissimamente os Judeos na morte de Christo? & có tudo diz S. Pedro, q̃ elles, & os seus Principes o fizeraõ ignorantemente : *Scio quia per ignorantiam fecistis, sicut & Principes vestri.* E o mesmo Christo quando disse, *Pater, ignosce illis, non enim sciunt quid faciunt,* juntamente allegou por elles a ignorancia, & pediu para elles o perdão. Se a ignorancia os livrara do peccado, não tinham necessidade de perdão : mas pediu lhe o Senhor o perdão, quando lhe confessou a ignorancia; porque tam fóra estiverão de ficar izetos do peccado pela ignorancia com que o cometirão, que antes a mesma

ignorancia lhe acrescentou hum peccado sobre outro peccado. Hum peccado, porque tirarão a vida ao Messias não conhecido, & outro peccado, porque o não conhecérão, tendo tanta obrigação, como evidencia para o conhecer.

32 Isto mesmo he o que se vê hoje entre os que conhecem, & adorão a Christo, & não por acontecimento raro, senão cõmumente; nem só nas vidas, senão tambem nas mortes. Quantos peccados vemos, & quam grandes, né emendados na vida, nem confessados na morte, os quaes não s̃o Deos, mas todo o mundo está conhecendo, & só os mesmos, que os cometem, os não conhecem! Não os conhecem, porque a largueza, & relaxação da vida escurece a cõsciencia, & cega a alma: não os conhecem, porque o amor proprio sempre escusa, & aligeira o que nos cõdena: não os conhecem, porque os interesses, & cõveniencias deste mundo

trazem consigo o esquecimento do outro: nam os conhecem, porque os não querem examinar, nem consultar com quem devião: não os conhecem finalmente, porque com ignorancia affectada os nam querem conhecer para os não emendar: *Noluit intelligere, ut benè ageret.*

Pfal. m.
35.4.

Vede agora, se castigará Deos justamente no dia do Juizo os peccados não conhecidos, se por cometidos merecem hum castigo, & por não conhecidos outro maior? Porèm se atè aquelle dia estarão desconhecidos, & sepultados nas trevas desta maliciosa, & ignorante ignorancia; então resuscitarão, & sahirão a luz, porque o mesmo Juiz universal, como diz S. Paulo, com os resplandores de sua presença allumiarà as consciencias de todos os homens, & descobrirà manifestamente a cada hum tudo o que nellas estava escondido, & ás escuras: *Quoadusque veniat Dominus, qui & illuminabit*

1. Cor.
4.5.

abscondita tenebrarum.

Por meyo desta luz desenganadas então, & assombradas as mesmas consciencias do muito que verão sair de baixo do nada que não vião, ou não quizerão ver; nenhũa terá que estranhar, nem replicar á sentença, ainda que seja de eterna condenação, & todas dirão convencidas: *Iustus es Domine, & rectum judicium tuum.*

Pfal. m.
118.137

S. VIII.

33 **O**H que grande merce de Deos fora, se hoje, que estamos na representação do mesmo dia do Juizo, o mesmo soberano Juiz nos cômunicára hum rayo daquella luz, para que viramos agora o que então avemos de ver, & com os peccados conhecidos nos presentamos antes ao tribunal de sua misericordia, que depois ao de sua justiça! Mas bem dita seja a bondade do mesmo Senhor, que não só nós deixou cômunicado na sua doutrina hũ rayo daquella luz, senam tres,

tres, se nós lhe não cerrarmos os olhos. Sendo a materia de tudo o que passou para a vida, & não ha de passar para a conta, tam immensa à capacidade humana, só a Sabedoria divina a poderá comprehêder: & assim o fez Christo Senhor nosso, reduzindo-a, & repartindo-a em tres Parabolas, nas quaes nos ensinou em summa toda a cõta, que nos ha de pedir, & de que. A primeira Parabola, he dos Officios, a segunda dos Talentos, a terceira das Dividas. E este mesmo numero, & ordem seguiremos para maior distincção, & clareza.

34 Quanto aos Officios, diz a primeira Parabola (que he a do Villico) que ouve hum homem rico, o qual deo a superintendencia das suas herdades a hum criado com nome de administrador dellas. E porque não teve boa informação de seus procedimentos, o chamou a sua presença, & lhe pediu cõta, dizendo : *Redde rati-*

nem villicationis tuae, jam enim non poteris villicare. Luc 16. 2.

Dai conta da vossa administração, porque desde esta hora estais excluido della. Esta circumstancia de fer a conta a ultima, & não se poder emendar, he hũa das mais rigurosas do dia do Juizo. Vindo pois ao sentido da Parabola; o homem rico he Deos; as suas herdades são as Igrejas, & as Provincias; o administrador no espiritual, he o Papa, no temporal he o Rey, & abaixo destes dous supremos todos os outros Ministros Ecclesiasticos, & Seculares, que repartidamête tem inferior jurdição sobre os mesmos subditos. A todos estes pois ha de pedir Deos estreira conta, não só quanto às pessoas, senão tambem, & muito mais quanto aos officios. Quanto à pessoa, ha de dar cada hũ conta de sy, & quanto aos officios, ha de dar a mesma conta de todos aquelles, que governou, & lhe foram fogeitos. De sorte que o

Papa ha de dar conta de toda a Christandade, o Rey de toda a Monarchia, o Bispo de toda a Diocese, o Governador de toda a Provincia, o Parocho de toda a Freguesia, o Magistrado de toda a Cidade, & o cabeça da casa, de toda a familia. Oh se os homens foubérão o peso que tomão sobre sy quando com tanta ancia, & negociação pertendem, & procurão os officios, ou seculares, ou Ecclesiasticos, como he certo que havião de fugir, & benzerse delles! Mas não os procurão pelo peso, senão pela dignidade, pelo poder, pela honra, pela estimação, & mais que tudo hoje, pelo interesse. Porém quando no dia do Juizo se lhe tomar a conta pelo peso, então verão onde os leva a balança.

35 Se he tão difficiloso dar boa conta da Alma propria, que he huma, quam difficil, & quam impossivel serà dalla boa de tantas mil? Como he cer-

to, que não temos fé, nem sabemos a que nos obriga. Vedes quantas Almas ha nesta Cidade, quantas Almas ha nesta Provincia, quantas Almas ha em todo o Reyno? Pois sabeis, se o ignorais, ou não advertis, que de todas essas Almas hão de dar conta a Deos os que governam a Cidade, a Provincia, & o Reyno. Porque assim como sobre todos, & cada hum tem poder & mando, assim em todos, & cada hum são obrigados a lhe fazer guardar as Leys, nam só as humanas, senão tambem as divinas. Não he isto encarecimento meu, senão doutrina solida, & de fé pronunciada por boca de S. Paulo: *Obedite Præpositis vestris, & subiacete eis: ipsi enim pervigilant quasi rationem pro animabus vestris reddituri.* Obedecei, diz o Apostolo, a vossos Superiores, & sedelhe muito sogeitos; porque a sua obrigação he zelar, & vigiar sobre as vossas vidas, como aquelles

Hebr.
13.17

que hão de dar conta a Deos de vossas Almas. Vede quanto maior he a fogueição dos Superiores, que a dos subditos. Quantos são os subditos, que estão fogueitos ao Superior, tantas são as Almas de que está fogueito o Superior a dar conta a Deos. É posto que este oraculo bastava para nenhum homem que tem fé querer tomar sobre sy hũa tal fogueição; ouvi agora o que nunca ouvistes. Nem todas as sentenças de Christo estão escritas no Evangelho: algúas ficarão sómente impressas na tradição de seus Discipulos, entre as quaes he tão notavel como terrivel esta: *Omne peccatum, quod remissus, & indisciplinatus admiserit frater, ad negligentem protinus revertitur seniore.* Quer dizer: todos os peccados, que cometem os subditos, se escrevem, & carregão logo no livro das culpas do Superior, porque ha de dar conta delles. De modo, que segundo esta sentença, &

revelação do mesmo Christo, todos os homicidios, todos os adulterios, todos os furtos, todos os sacrilegios, & mais peccados que os vassallos cometem na vida, & reynado de hũ Rey, & as ovelhas, & subditos na vida, & governo de hum Prelado, todos estes peccados se lanção logo, & escrevem nos livros de Deos debaixo do titulo do tal Rey, & debaixo do titulo do tal Prelado, para se lhe pedir conta delles no dia do Juizo.

36 Ponhamos agora este Rey, & depois poremos tambem este Prelado diante do tribunal divino, & vejamos que respondem a estes cargos. O Rey he a cabeça dos vassallos: & quem ha de dar conta dos membros, senão a cabeça? O Rey he a Alma do Reyno: & quem ha de dar conta do corpo, senam a Alma? Pedirá pois conta Deos a qualquer Rey, não digo dos peccados seus, & da pessoa, senam dos alheos, & do officio. E que

responderà já não Rey, mas Reo? Parece que poderá dizer: Eu, Senhor, bẽ conhecia que era obrigado a evitar os peccados dos meus vassallos, quanto me fosse possível; mas a minha Corte era grande, o meu Reyno dilatado, a minha Monarchia estendida pela Africa, pela Asia, & pela America; & como eu não podia estar em tantas partes, & tão distantes, na Corte tinha provido os Tribunaes de Presidentes, & Conselheiros, no Reyno de Ministros de Justiça, & Letras, nas Conquistas de Viso-Reys, & Governadores, instruidos de Regimentos muito justos, & approvados. E isto he tudo o que fiz, & pude fazer Tambem poderá metter nesta conta o seu proprio Palacio, & aquelles de que se servia mais familiar, & interiormente. Mas sobre todos cae a replica. E esses que elegestes, (dirà Deos) porque os elegestes? Não forão algũs por afeição, & outros por in-

tercessão, & outros por adulação, & outros por ruim, & apaixonada informação? E os que ficarão de fóra com mais conhecido merecimento, porque os excluistes? Mas dado que todos fossem eleitos com os olhos em mim, & justamente; depois que na administração de seus officios conhecestes, que nam procedião como erão obrigados, porque os nam removestes logo, porque os dissimulastes, & conservastes, & o que peor he, porque os despachastes de novo, & com mais authorizados postos? Se o que assolou hũa Provincia, o deixastes cõtinuar na mesma assolação, & depois o promovestes a outro governo maior, como nam fostes complice das suas injustiças, & das culpas, que elle em vez de remediar acrecentou com as suas, & com o exêplo dellas? Se as suas tiranias vos foraõ manifestas, como as deixastes sem castigo, & os danos dos offendidos

sem restituição ? Quantas lagrimas de orfaõs, quantos gemidos de viuvas, quantos clamores de pobres chegavão ao Ceo no voffo Reynado, quando para fuprir superfluidades vans, & doações inofficiofas, voffos Ministros (por iffo premiados, & louvados) com impiedade mais que deshumana não os despojavão, mas despião ? Isto he o que poderà replicar Deos, emudecendo, & não tendo que responder o triste Rey. E qual ferà a fua fentença ? No dia do Juizo fe ouvirà. O certo he, que David Rey Santo antes de peccador, & depois de peccador exemplo de penitencia, o de que pedia perdão a Deos, era dos peccados occultos, & dos alheos : *Ab occultis meis mûda me, & ab alienis parce ferveo tuo.* Mas os peccados occultos naquelle dia ferão manifestos, & dos alheos, por ter fido Rey, fe lhe pedirà taõ eftreita conta, como dos proprios.

37 Entre agora o Pre-

lado a dar conta, & a ouvir em eftatus o processo, que depois da refurreição lhe ferà notificado em carne. Oh que espectaculo ferà aparecer defcoroado da Mitra, & despido dos paramentos Pontificaes diante da Mageftade de Christo Jesu aquelle, a quem o mefmo Senhor authorizou com o nome, & poderes de feu Vigario, & cuja humana, & divina Peffoa representou nesta vida ! *O Pastor, & Idolum !* lhe dirà Christo. Tu q̄ fofte Pastor no nome, & como Idolo te cõtentaste cõ a adoração exterior q̄ não merecias, dà conta. Não ta peço das miserias occultas, fenão das publicas, & escandalofas de tuas mal guardadas, & desprezadas ovelhas. Erão miseraveis no temporal, & não trataste de remediar fuas pobreza; & erão muito mais miseraveis no efpiritual, & não cuidaste de curar, nem de preservar feus peccados. Se as rendas, que com tâta cobiça recolhias,

Zach.

II. 17.

& com tãta avareza guardavas, eraõ o meu patrimonio, que eu adquiri naõ menos, que cõ o meu sangue; porque o naõ distribuiste aos meus verdadeiros acredores, que sãõ os pobres? Porque o despendeste em carroças, criados, & cavalloõs regalados, estando elles morrendo de fome: & em vestir as tuas paredes de ouro, & seda, andando elles despidoõs, & tremendo de frio? Se o zelo de teus Ministros visitava as vidas dos pequeninos, tratando mais de se aproveitar das condemnaçoens, que de lhe emendar as consciencias: os peccados monstruosos dos grandes, que taõ soberba, & escandalosamente viviaõ na face do mundo, como os deixaõte triunfar com perpetua immuniõdade, como se foraõ superiores às Leys da minha Igreja?

38 Confesso, Senhor, responderà o Prelado, que em hũa, & outra cousa faltei, mas naõ sem causa. O que despendi com minha

casa, & pessoa, foi para satisfazer aos olhos do vulgo, que só se leva destes exteriores, & para conservar a authoridade do officio, & veneraçãõ da dignidade. E se contra os peccados dos grandes me naõ atrevi, foi, porque os seus poderes sãõ inexpugnaveis; & julguei por menos inconveniente naõ entrar com elles em batalha, que com afronta, & desprezo das mesmas Leys da Igreja ficar no fim da pejeja vencido: & finalmente, Senhor, em hũa, & outra omiõsãõ seguiõ o exemplo universal, & o que usãõ neste officio os que com mais poderosas armas, & com maiores jurdiçoens que a minha, costumaõ em toda a parte fazer o mesmo. O ignorante, õ covarde, replicarà Christo. Taõ ignorante, & covarde, como se naõ tiveras lido as Escrituras, nem os Canones, & exemplos da mesma Igreja. Por ventura Pedro & Paulo, & os outros Apostolos, que me imitaraõ a

mim, & os seus verdadeiros successores, que os imitárao a elles, conciliavao a authoridade das pessoas, & do officio, ainda entre Genticos, com os apparatus exteriores? Naõ sabes, que esse mesmo Povo, com cujos olhos te escusas, se por dares tudo aos pobres te vissem desacompanhado, só, & a pè pelas ruas, & ainda com os pès descalços, entao se ajoelhariam todos diante de ti, & te adorariao? E quanto à covardia de te naõ atreveres com os grandes, tendo a teu lado a espada de Pedro; contra quem se atrevia David, que foi o exemplar dos meus Pastores? Entre as feras tomavase com os Leoens, & entre os homens com os Gigantes. Que fera mais fera, que a Emperatriz Eudoxia; & vè como a naõ temeo Chrysoftomo; & que Leao mais coroadado, que o Emperador Theodosio; & vè como o humilhou, & poz a seus pès Ambrosio. Finalmente, senão seguisse o

valor destes, senao o que chamas costume dos outros, agora veras em ti, & nelles, que se elles o costumao fazer assim, eu tambem costume mandar ao Inferno os que assim o fazem. Isto baste quanto à conta dos officios, & tomem exemplo os Ministros seculares na conta do Rey; & os Ecclesiasticos na do Prelado.

§. IX.

39 **Q**UANTO à conta dos Talètos, esta temos na Parabola dos criados a quem o Rey encomendou diferentes cabedaes, para que negociassem com elles em quanto fazia certa jornada: *Negotiamini dum venio.* O Rey he Christo, a jornada foi a de sua subida ao Ceo, & a tornada ha de ser no dia do Juizo, em que ha de pedir conta a cada hum do que negociou com os talentos, que lhe deo, & do que lucrrou, & ganhou com elles: *Post multum verò temporis veni*

Luc. 19.
13.Matth.
25.

veni

venit Dominus servorum illorum, & posuit rationem cum eis. Os talentos são os meyos assim universaes como particulares cõ que a Providencia divina assiste a todos os homens, & a cada hum para sua salvação, & perfeição: & os avãos, ou ganancias, são o augmento das virtudes, merecimentos, & graça, que no exercicio, agencia, & industria, com que se applicação os mesmos meyos, alcanção os que nam são negligentes. *Quam exacta* pois haja de ser esta conta, & *quam rigurosa* para os que usarem mal do talento, na mesma historia o temos. Os criados, a que o Rey fiou os talétos, eraõ tres: ao primeiro entregou cinco, o qual grangeou outros cinco: ao segundo entregou dous, o qual grangeou outros dous, & ambos foraõ louvados. Ao terceiro deo hum só talento, o qual elle enterrou. E posto que na conta o offereceo outra vez, & restituio inteiro, porque nam

tinha negociado com elle, nem adquirido couza alguma, o Senhor não só o lançou fóra de sua casa, & o mandou privar do talento, mas o pronunciou por *mao criado, serve nequam,* ^{Luc. 22.} que foi a sentença de sua condenação. E se quem na conta torna a entregar o talento que Deos lhe deo inteiro, & sem defraudo se condena; que será dos que o desbarataõ, & perdem, & talvez o convertem contra sy, & contra o mesmo Deos?

40 Para intelligencia desta gravissima, & perigosa materia havemos de suppor o que se não cuida; & he, que não só são talentos os dotes da natureza, os bens da fortuna, & os doens particulares da graça, senão tambem os contrarios, ou privaçoens de tudo isto. Não só he dote da natureza a fermosura, senão tambem a fealdade: não só as grandes forças, senão a fraqueza: não só o agudo entendimento, senão o rude: não só a perfeita

feita vista, fenaõ a cegueira: naõ só a faude, fenaõ a enfermidade: naõ só a larga vida, fenaõ a breve. Do mesmo modo nos bens que chamaõ da fortuna, naõ só he bem o illustre nascimento, fenaõ o humilde: naõ só as dignidades altas, fenaõ o lugar, & officio abatido: naõ só as riquezas, fenaõ a pobreza: naõ só o descanso, fenam os trabalhos: naõ só os successos prosperos, fenaõ os adversos: naõ só os mandos, fenaõ o ser mandado; nem só as vitorias, & triunfos, fenaõ o ser vencido. Finalmente nas graças, ou doens da graça, naõ só he graça o dom das linguas, mas o naõ saber fallar, ou ser mudo: naõ só o das letras, & ciencias, fenaõ o da ignorancia: naõ só o do conselho, & discriçaõ, fenam o de naõ ter nem poder dar voto: naõ só o da ostentaçaõ, & boáto dos milagres, fenaõ o de nam fer em cousa algũa maravilhofo, fenaõ totalmente desconhecido, & desprezado.

41 A razãõ desta verdade interior, & providência verdadeiramente divina, he, porque todas estas cousas, posto que entre sy contrarias, pòdem ser meyos, que igualmente nos levem à salvaçaõ, & promovaõ à virtude, principalmente sendo distribuidos, & dispensados por Deos, & applicados conforme o genio de cada hum, que por isso diz o Texto, que foraõ dados os talentos, *Unicuique secundum propriam virtutem*. Assim, que tanto se podia aproveitar Rachel da sua fermosura, como Lia da sua deformidade: tanto Achitofel do seu entendimento, como Nabal da sua rudeza: tanto Mathusalem dos seus novecentos annos, como o moço de Naim dos seus vinte: tãto Cresso dos seus thesouros, como Iro da sua pobreza: tanto Julio Cesar da sua fortuna, como Pompeo da sua desgraça: tanto Alexandre Magno das suas vitorias, como Dario & Poro de el-

Marsh
25 15.

Deos ter vencido : tanto Aram da soltura , & cloquencia da sua lingua , como Moyfes do impedimẽto da sua : tanto o sutilissimo Escoto da sua ciencia, como Frey Junipero da sua simplicidade : tanto S. Pedro dos seus milagres , como o Bautista de nunca fazer milagre. Daqui se segue, que tanta conta ha de pedir Deos ao rico da sua riqueza, como ao pobre da sua pobreza : tanta ao famda sua faude, como ao doente da sua enfermidade: tanta ao honrado da sua estimaçaõ, como ao afrontado da sua injuria : & tãta a todos do que deo a huns, como do que negou a outros ; porque se o rico póde grangear com o seu talento por meyo da esmola, o pobre tambem póde com o seu por meyo da paciencia. E assim dos demais. Antes he certo , que entre as coufas, que se chamaõ prosperas, ou adversas, mais efficazes são para o merecimento as que mortificaõ a natureza, que

as que lisongeão o appetite; & mais seguras para a salvaçaõ as que pezaõ, & carregão para a humildade, que as que elevam , & desvanecem para a soberba. Só soubéraõ manejar huns, & outros meyo, & aproveitarse com igualdade de ambos os talentos hum S. Paulo, que dizia: *Scio abundare, & scio esurire.* E hum Job, que na mesma volta da sua primeira para a segũda fortuna, disse: *Si bona suscepimus de manu Dei, mala quare non suscipiamus ?* Mas estes homens quadrados nascẽ poucas vezes no mundo. Os dados taõ firmes se assentaõ com poucos pòtos, como com muitos ; & taõ direitos estaõ com as fortes, como com os azáres.

42 Desta maneira (& seja esta a unica, & importantissima advertencia.) Desta maneira devemos aceitar como da maõ de Deos, & cõtentarnos com o talento, ou talentos, que elle foi servido darnos, ou sejaõ como os cinco , ou

como os dous, ou como hum fômente: & se poderá ser nenhum, ainda fora mais seguro. Quando o Rey distribuio os talentos aos criados, não lemos que algum delles se descôntentasse da repartiçãõ. Se os que Deos deo a outros, são maiores que os vossos, elles terão mais, & vòs menos de que dar conta ao mesmo Deos. Mas fomos como os que lanção nas rendas dos Reys, que só olhaõ para o que recebem de presente, & não para a conta, que haõ de dar de futuro. Admiravel foi neste genero a variedade, & repartiçãõ de fortunas, cõ que Jacob (digamolo assim) fadou a seus filhos, quando na hora da morte lhe lançou a bençãõ. Usou dos nomes de diferentes animaes, & a Judas chamou Leão, *catulus Leonis* Juda: a Dan Serpente, *fiat Dan Coluber in via*: a Benjamin Lobo, *Benjamin Lupus rapax*: a Neptali Cervo, *Neptali Cervus emissus*: a Izachar Jumêto,

Issackar Asinus fortis. Os animaes todos tem suas inclinaçoens, instintos, & propriedades, & todos suas como virtudes, ou vicios naturaes: o Leão generoso, a Serpente astuta, o Lobo voraz, o Cervo ligeiro, o Jumêto soffredor do trabalho. E debaixo destas metáforas significava Jacob aos filhos os talentos de cada hum, & o uso delles, & quaes haviaõ de ser as acçoens, & successos de suas vidas, & descendencias. E sendo assim, que estes mesmos irmãos soffréraõ taõ mal ao mesmo Pay fazer huma Tunica a hum delles de melhor estofa, que por isso a quizeirão tingir em seu proprio sangue; como agora nenhum delles se queixa de o Pay os vestir de taõ diferentes pelles, & pelos, & de lhe dar, ou chamar taõ diferentes nomes, & de taõ diferente nobreza, quãto vai de Lobo a Cervo, de Serpente a Leão, & de Leão a Jumento? Porque na differença da tuni-

ca obra Jacob como Pay em seu nome : na differença, & repartição dos talentos ; fallava como Profeta em nome de Deos: & como a distribuição era feita por Deos, & os talentos dados por elle ; posto que fossem tão diversos na estimação, & credito, quanto vai do imperio à servidão, & do Leão ao Jumento, todos abaixando a cabeça se contentáram, & conformáram com a sua sorte, & nenhum ouve que abrisse a boca para se queixar, ou metesse os olhos debaixo das sobrançellas para mostrar descontentamêto. E que dirão a isto os que tantas vezes deixáram a Religião, & a mesma Fè, por não terem humildade, nem paciencia para sofrer que se lhe antepuzessem os que não podião igualar no talento?

43 Todo o talento he arriscado ao perder, ou não dar boa conta delle a presumpção humana. Os maiores pela soberba, os menores pela enveja, & os

minimos pela desesperação, & pusilanimidade. Da casta destes ultimos foi o que enterrou o talento, podendo ser melhor, & mais celebrado que todos, se o não enterrára. Puzeram alguns Theologos em questaõ qual dos criados se mostrára mais industrioso, se o que com dous talentos grangeára dous, ou o que com cinco grangeára cinco: & como entre elles se não decedisse a questaõ, devolveose a hũa academia de mercadores, os quaes todos resolvéram, que mais industrioso fora o que com dous negociára dous, que o que com cinco grangeára cinco: porque mais difficiloso he ganhar pouco com pouco, que muito com muito. E sobre esta, que he primeira maxima nos negociantes, provada com a experiencia, acrecentáram, que se o que teve hum sô talento, grangeára outro, excederia sem comparação na industria ao dos dous, & ao dos cinco. Grande

consolação, & verdadeira, se a quizessem aceitar os talentos medianos. Mas quem poderá curar a cegueira, & contentar a enveja dos que se vem excedidos? Saul porque ouviu (vede a quem?) porque ouviu que as chacotas lhe preferião a David, tantas vezes, & por tantos modos o quiz matar, & por isso perdeu a coroa. E Dedalo, aquelle famoso artifice, que preso em hũa torre, inventou, & formou as azas com que fugio della voando, vendo que Perdiz seu discipulo inventára o compasso, & da imitação de hũa espinha a ferra, temendo que o havia de exceder no talento, o despeñhou primeiro da mesma torre.

44. Mas ainda são mais arriscados os talentos, que na eminencia se estremão sobre todos. Que havia de ser de Saulo, se o mesmo Christo não decêra do Ceo, & o derrubára do cavallo para lhe enfrear o orgulho? Que ha-

via de ser de Agostinho, de quem se rezava nas Escolas Catholicas: *Alogica Augustini libera nos Domine*, se amolecido com as lagrimas de sua mãy, ella (como hum lirio, q se gera das lagrimas de outro) o não tornára a gerar? Succederlhehia o que ao profundissimo engenho de Tertulliano, & ao immenso de Origenes, os quaes venerados como oraculos da sua idade, & primeiros Mestres da Igreja, a perdêrao, & se perdêrao. Mas que muito he que o barro caya, & se quebre, se o entendimento de Lucifer, sendo o maior, q Deos criou, excedendo-o só o do mesmo Deos, antes quiz cair do Ceo, que ver-se nelle excedido! Tanta conta tem como isto os talentos menores, & só por isso poderáo dar boa conta.

S. X.

45. **A** Das Dividas he a que só nos resta,

sta, ultima, maior, & mais difficultosa de todas. Esta se contém na Parabola do outro Rey , o qual fez o que muitos não fazem, que he tomar conta aos criados de sua casa: *Qui voluit rationem ponere cum servis suis.* Do que logo se segue no principio das contas se mostra bem, que este chamado Rey seria o mais poderoso, & rico Monarcha de quantos ouve , ou não ouve no mundo ; porque o primeiro criado foi convencido de que era devedor à fazenda, ou erario Real de cento & vinte milhoens de ouro. Tãto vem a montar os que o Texto chama, *decem millia talenta* ; porque fallando Christo com os Hebréos , & na lingua Hebraica, tambem o computo, & valor da divida se ha de entender de talentos, não Gregos , se não Hebraicos. Mas como era possivel, que hum criado devesse a seu Rey cento & vinte milhoens? Respondo, que quando a Parabola dissera dez mil ve-

zes outros tantos , ainda diria muito menos do que queria significar. Porque este Rey he Deos , & esta divida he a dos beneficios, que Deos tem feito ao homem : & como o menor beneficio divino por sy mesmo, ou por seu Autor, he de valor infinito, não ha numero em toda a Arithmetica, nem preço em todas as criaturas, com que se possa comparar, quanto mais igualar.

46 S. Agostinho para representar mais clara, & mais patentemente esta conta, introduz ao mesmo Christo fazendonos por sua propria Pessoa os cargos do que lhe devemos, como fará no dia do Juizo: *Quid est quod debui ultra facere vinee meae, & non feci ei?* Que cousa ha, que eu devesse fazerte, ô homem, ou devesse fazer por ti, que não tenha feito? De nada te era devedor , & como se o fora de quanto tenho, de quanto posso, & de quanto sou , tudo empreguei, & despendi contigo.

Matth.
8. 23.

Ibid. 24.

tigo. Crieite quando não eras, tirandote dos abissimos do não ser ao ser : deite hum corpo formado có minhas mãos, o mais perfeito : deite húa Alma tirada de minhas entranhas, & feita à minha imagem, & semelhança : ornei , & habilitei hum , & outro com as mais excellentes potencias, & os mais nobres sentidos , para que fossem os instrumentos có que me servisses, & amasses : & tu ingrato que fizeste? Dà conta dos cuidados, pensamentos, & machinas do teu entendimêto : das lembranças, & esquecimentos da tua memoria: dos desejos, & afeiçoens da tua vontade. Dà conta de todos os passos de teus pès, de todas as obras de tuas mãos, de todas as vistas dos teus olhos , de todas as atençaens dos teus ouvidos, de todas as palavras de tua lingua, & de tudo o mais que tu sabes, & não cabe em palavras. Depois de criado , que seria de ti, se eu com

o mesmo poder, & providencia te não conservára? De repête perderias o ser, & tornarias ao nada donde sahiste. Para tua conservação te dei nam só o necessário, senão o superabundante , & tanta immensidade de criaturas no Ceo, & na terra, todas sogeitas a ti , & occupadas em teu serviço. Deite hum Anjo, que de dia, & de noite velando, & dormindo te assistisse, & guardasse, como sempre assistio, & guardou. Agora te revelo os perigos secretos, & occultos de que foste livre por seu meyo : & tu lembra te dos publicos , & manifestos, que experimentaste, & viste. Quantos perecérao em outros muito menores? Quantos mais moços que tu acabárao de mortes desestradas, & repentinas, sem tempo, nem lugar de arrependimento, & emenda, que eu sempre te concedi? Dà pois conta da vida, dà conta da saude, dà conta dos annos, dà conta dos dias, dà conta

das horas, sendo mui poucas, & contadas as que não empregaste em me offender.

47 Atègora te referi as dividas exteriores do poder ; agora me responderàs às interiores, & pessoas do amor, & do muito que fiz, & padeci por ti. Por ti depois de te fazer à minha imagem, & semelhança, me fiz à tua, fazendo-me homem : por ti naci nos desemparos de hum Presépio : por ti fui desterrado ao Egypto : por ti vivi trinta annos fogeito à obediencia de hum official, ajudando o trabalho de suas mãos com as minhas, & acompanhando o suor do seu rosto com o meu. Por ti, & para ti fahi ao mundo a prêgar o Reyno do Ceo : por ti nas peregrinaçoens de toda Judéa, & Galiléa, sempre a pè, & muitas vezes descalço, padeci fomes, sedes, pobrezas, sem ter lugar de descanso, nem onde reclinar a cabeça : por ti recebi ingraticidoens por benefi-

cios, odios por amor, perseguiçoens por boas obras: por ti fuei fangue, por ti fui preso, por ti afrontado, por ti esbofeteado, por ti cuspido, por ti açoutado, por ti escarnecido, por ti coroado de espinhos, por ti emfim crucificado entre ladroens, aberto em quatro fontes de fangue, atormentado, & affligido de angustias, & agonias mortaes, & ainda depois de morto atravessado o coração com húa lança. De tudo isto pedi por ti perdaó a Deos, & o pago que tu me dêste, foi nam me perdoar, tornandome a crucificar tantas vezes, quantas gravemente peccaste, como te mandei declarar pelo meu Apostolo: *Rursum crucifigentes Filiū Dei.* Se as gotas de fangue, que derramei por ti, tiveraó conto, nem de húa só me podéras dar boa conta, ainda que padecéras por mim mil mortes; mas os milhares, & os milhoens foraó das vezes, que pizaste o mesmo fangue,

gue, sacrificando o infinito valor, & merecimento delle aos idolos do teu appetite.

48 Ainda em certo modo he maior divida, a de que agora te pedirci conta, que he a da vocação. Reservei o sahires à luz deste mundo para o tempo da Ley da Graça: chameite à Fè antes de me poderes ouvir: anticipou-se o meu amor ao teu uso da razaõ, & fizte meu amigo pelo Bautismo. Com o leite, & doutrina da Igreja te dei o verdadeiro conhecimento de mim, beneficio que por meus justos juizos em quatro & cinco mil annos não concedi a tantos, & de que ainda nos teus dias carecéraõ muitos. Não tiveste juizo, nem consideração para ponderar, & pasmar de que tendo a minha justiça razoens para condenar hum gentio, que me não conheceo, astivesse minha misericordia para perdoar a hum Christão, que conhecendome, tanto me offendia.

Perdida a graça da primeira vocação caiste, & torneite a chamar, & dar a mão, para que te levantasses: levantado tornaste a reincidir hũa, & tantas vezes, & eu posto que taõ repetidamente offendido, & com taõ continuadas experiencias da pouca firmeza de teus propositos, & falsidade de tuas promessas, não cessei de te offerecer de novo meus braços, & te receber sempre com elles abertos: atè que infiel, rebelde, & obstinado, cerrando totalmente os ouvidos a minhas vozes, te deixaste jazer no profundo letargo da impenitencia final. Dà agora conta de tantas inspiraçoens interiores minhas, de tantos conselhos dos Confessores, & amigos, de tantas vozes, & ameaças dos Prègadores, que ou não quérias ouvir, ou ouvias por curiosidade, & cerimonia: & tambem ta podêra pedir de eu mesmo te não chamar efficaçmente na hora da morte,

porque o desmereceste na vida.

49 Sete fontes de graça deixei na minha Igreja (que he o beneficio da justificação) para que nellas se lavassem as Almas de seus peccados, & com ellas se regassem, & crecessem as virtudes. Em hũa te facilitei em tal fórma o remedio para todas as culpas, que só com as confesar te prometi o perdaõ, que tu naõ quizeste aceitar, fugindo da benignidade daquelle Sacramento como riguroso, & amando mais as mesmas culpas, que estimando o perdaõ. Em outra te dei a comer minha carne, & a beber meu sangue, & juntamente os thesouros infinitos de toda a minha Divindade em penhor da gloria, & bemaventurança eterna, que foi o altissimo fim para que te criei. Desprezaste o fim, naõ quizeste usar dos meyo; & porque escolheste antes estar para sempre sem mim no Inferno, que comigo no Ceo; tua he, &

naõ minha a sentença, que logo ouviràs com os outros malaventurados: *Ite maledicti in ignem æternum.*

§. XI.

50 **A** Qui parou a conta das Dividas, que era a ultima, & maior partida, que só restava para as contas. E aqui viráõ a parar todos os que taõ descuidados vivem de as dar boas naquella dia. Oh dia de ira! ô dia de furor! ô dia de vingança! ô dia de amargúra! ô dia de calamidade! ô dia de miseria! ô dia estupendo! ô dia tremendo! ô dia sobre toda a comprehensãõ, terrivel! Assim lhe chamaõ com horror os clamores dos Profetas pela estreitissima conta, que nelle se nos ha de pedir a todos. E se tudo passa para a vida, & nada passa para a conta; que cegueira, & que infania he a dos que todos seus cuidados empregão no que passa, sem memoria,

ria, nem cuidado do que não ha de passar? Póde caber em entendimento cõ juizo maior locura, que trabalhar de dia, & de noite hum homem, & cançar-se, & desvelar-se, & matar-se pelo que passa com a vida, & ha de deixar com a morte, & não ser o seu unico cuidado, & desvelo tratar só do que só ha de levar comfigo, & do que só se lhe ha de pedir conta? Oução estes loucos a S. Agostinho: *Peccas propter pecuniam? hinc dimittenda est. Peccas propter villam? hinc dimittenda est. Peccas propter mulierem? hinc dimittenda est. Et quidquid est propter quod peccas, hinc dimittis, & ipsum peccatum, quod committis, tecum portas.* Peccas, homem, por amor do dinheiro? & cá ha de ficar o dinheiro. Peccas por amor da herdade? & cá ha de ficar a herdade. Peccas por amor da mulher, ou tua, ou não tua? & cá ha de ficar a mulher. Mashavendo de ficar cá tudo aquillo porque peccaste, o que só

Tom.7.

has de levar contigo, he o peccado. Toda a materia dos peccados cá ha de ficar, porque passou com a vida, & só o peccado ha de ir comnosco, porque nam passou para a conta.

51 Parece-me, que para desenganar a quem tem fé, basta a evidencia destes dous pontos. O que só quizera alcançar de Deos, & pedir aos que me ouviraõ, he, que tomem este desengano em quanto vivem neste múdo, & não o guardem para o Inferno. Descreve o Espirito Santo no livro da Sabedoria humana practica, que tiveraõ entre sy no Inferno os que lá foraõ, depois de ter gastado a vida em tudo o que passa com a mesma vida: & o que fallavão, era desta maneira: *Ergo erravimus à via veritatis, & Sol intelligentiæ non est ortus nobis.* O certo he (dizião) que errámos o caminho, & que andámos às escuras, & que em tantos dias, quantos vivemos, nunca nos amanheceo a luz do Sol. *Quid*

D iij nobis

Ibidem
2.

nobis profuit superbia : que nos aproveitárão a soberba, & gloria vã das honras do mundo ? *Divitiarum jaētantia quid contulit nobis* : de que nos servio a jaētancia das riquezas ; & os gostos, delicias , & passatempos em que ellas se cōsumem, de que nos aproveitárão ? Todas essas cousas passárão como a sombra : *Transferunt omnia illa tanquam umbra*. Todas passárão como o correio, que sempre caminha , & não pára : *Tanquam nūtius percurrens*. Todas passárão como a nao, que vai cortando as ondas , & depois que passou. se lhe não achavasto : *Et tanquam navis que pertransit fluctuantem aquam, cujus, cum praterierit, non est vestigium invenire*. Todas passárão como a ave, que voando, & batendo o leve vento, que corta, nem sinal deixa do seu caminho : *Aut tanquam avis que transvolat in aere verberans levem ventum , & nullum signū invenitur itineris illius*. Todas passárão

Ibid. 9.

Ibid. 10.

Ibid. 11.

como a seta despedida do arco ao lugar destinado, que dividindo o ar, o qual logo se cerra, & une, não se pôde conhecer por onde passou : *Aut tanquam sagitta emissa in locum destinatum, divisus aer in se reclusus est, ut ignoretur transitus illius*. Agora, agora conhecem bem no Inferno, & não achão comparação, com que bastantemēte declarar a summa velocidade, cō que todas as cousas passão, & com a mesma pressa (dizem) passamos nós, porque apenas nascidos logo deixámos de ser, & sem deixar sinal algum de virtude, em nossos proprios vicios nos consumimos : *Sic & nos n. ti continuo deservimus esse : & virtutis quidem nullum signum valuimus ostendere : in malignitate autem nostra consumpti sumus*.

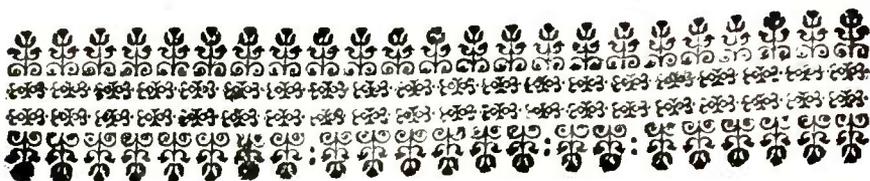
Ibid. 12.

Ibid. 13.

52 Isto conferiaõ entre sy naquella triste, & tarde defenganada conversação os miseraveis condenados: os quaes para maior dor levantando os olhos

ao Ceo, & vendo là gloriosos, & triunfantes os que tratárao mais da estreiteza da conta, que da largueza da vida: *penitentiam agentes, & præ angustia spiritus gementes*; com vozes que lhe sahiaõ do interior angustiado, & com arrependimento, & gemidos, que já naõ aproveitavaõ, *dicentes intra se*, diziaõ entre sy, & comfigo: que he o que diziaõ? *Hi sunt quos habuimus aliquãdo in derisum, & in similitudinem improperij*: Aquelles são os de que nós zombavamos, rindonos dos seus escrupulos de consciência, & das penitencias, & rigores com que mortificavaõ seus corpos, quando nós só tratavamos de regalar os nossos, & fatisfazer nossos appetites; & agora vemos que elles forãõ os prudentes, & fizudos, & nós os loucos, & insensatos, pois elles pondo os olhos no fim, & no premio de que nós naõ fizemos caso, estão gozando

da gloria entre os Santos, como nós padecendo as penas entre os condenados. *Nos insensati vitam illorum aestimabamus insaniam, & finem illorum sine honore: ecce quomodo computati sunt inter filios Dei, & inter Sanctos fors illorum est*. Taes são as cousas que differaõ, conclue o Espirito Santo, & taes os discursos que fizeraõ no Inferno os máos quando là se viraõ. *Talia dixerunt in Inferno hi qui peccaverunt*. Vejamos agora, & consideremos bem os que por misericordia de Deos ainda temos tempo, & vida, se he melhor aproveitar deste defengano neste mundo, ou guardalo para o Inferno: & se folgaremos no dia da conta de ter imitado os prudentes, que eternamente haõ de gozar a vista de Deos no Ceo, ou acompanhar os loucos, & insensatos, que haõ de padecer as penas do Inferno por toda a Eternidade?



S E R M A M

DA SEGUNDA DOMINGA

DO

A D V E N T O.

Joannes in vinculis. Matth. 11.

S. I.

53



Ue ha de haver outro juizo, & outro mundo nos ensinou a Igreja Catholica o Domingo passado com a fé: o mesmo artigo (se me não engano) nos prova hoje com a razaõ. Diz o Evangelista S. Matheus, q̃ o Bautista, aquelle grande Santo, aquelle grande Precursor de Chri-

sto, por mandado de Herodes, aquelle máo homé, & aquelle máo Rey, está hoje em prisoens: *Joannes in vinculis. Ioannes in vinculis!* O Bautista em prisoens! Logo ha de haver outro juizo, & outro mundo. Provo a consequencia. Porque se ha Deos, he justo: se he justo, ha de dar premio a bons, & castigo a máos: no juizo deste mundo vemos os máos, como Herodes, levantados; os bons,

bons, como o Bautista, opprimidos : seguese logo que ha de haver outro juizo, & outro mundo: outro juizo, em que se emendem estas desigualdades, & injustiças: outro mundo, em que os bons tenhaõ o premio de seus merecimentos, & os máos o castigo de suas culpas. Oh que altos são os segredos da providencia divina! os nossos proprios vicios faz que sejam testemunhas de nossa fé. Hum dos principaes fundamentos de nossa fé, he a immortalidade das almas, & a nossa injustiça he a mais evidente prova da nossa immortalidade. Se os homens não forão injustos, pudera-se duvidar se eraõ immortaes; mas permite Deos que haja injustiças no mundo, para que a innocencia tenha coroa, & a immortalidade prova. Quem pôde duvidar da immortalidade da outra vida, se vê nesta a maldade de Herodes levantada ao trono, & a innocencia do Bautista posta em prisões,

Ioannes in vinculis?

54 Mas assim como as prisoens do Bautista confirmão esta parte da doutrina que préguei no Sermão passado; assim tambem me obrigaõ as mesmas prisoens, a retratar outra parte da mesma doutrina. Préguei que havia de haver hum juizo final, em que Deos nos ha de julgar a todos: ainda o digo assim. Disse mais, que este juizo de Deos havia de ser o mais riguroso, o mais estreito, & o mais terrivel. Ainda o torno a dizer: porque verdadeiramente assim he. Porém hoje por muitas razoens vos parecerà, que ainda ha outro juizo mais terrivel, ainda ha outro juizo mais riguroso, ainda ha outro juizo mais estreito, que o juizo de Deos. E que juizo he este? He o juizo, que poz o Bautista em prisoens, o juizo dos homens. *Ioannes in vinculis!* O Bautista em prisoens! Logo o juizo dos homens he muito mais temeroso, que o juizo de

Deos.

Deos. Ainda esta consequencia he mais clara, que a primeira. No juizo de Deos atè hum ladraõ se salva; no juizo dos homês, atè S. Joaõ Bautista se condena: *Ioannes in vinculis*. E juizo em que atè a innocencia do Bautista sahe cõdenada, este he o juizo temeroso, este he o juizo formidavel, este he o tremendo juizo. E esta serà a materia do Sermão. Que o juizo dos homens he mais temeroso, que o juizo de Deos.

§. II.

55 **Q**uem melhor que todos entendeo esta grande verdade, ou novidade, que tenho proposto, foi o Real Profeta David. No Psalmo cento & quarenta & dous, diz David a Deos: *Non intres in iudicium cum seruo tuo*; Senhor, não entreis em juizo com vossõ seruo: no Psalmo vinte & quatro diz o mesmo David: *Iudica me Deus, &*

discerne causam meam: Senhor, julgai-me vòs, & decidí a minha causa. Notavel encontro de affectos: se David no primeiro Psalmo diz a Deos, Senhor, não me julgueis; como o mesmo David no segundo Psalmo diz a Deos, Senhor, julgai-me? Húa vez julgai-me, outra vez não me julgueis: que variedade he esta? Do que acredita David se verá a razão da differença: *Iudica me Deus, & discerne causam meam, de gente non sancta, ab homine iniquo eripe me*. Julgai-me vòs Senhor, livrai-me de me julgarem os homens. Aqui está a differença. No primeiro caso considerava David o juizo de Deos absolutamente, & por isso pedia a Deos, que o não julgasse; porque o juizo de Deos verdadeiramente he muito para temer. No segundo caso considerava David o juizo de Deos por comparação ao juizo dos homens, & por isso queria que Deos o julgasse; porque

Psalm.
142.2.

Psalm.
42.1.

que comparado o rigor do juizo de Deos com os rigores do juizo dos homés, muito mais riguroso, & muito mais tremendo he o juizo dos homens, que o juizo de Deos. No primeiro caso tinha David diante de sy o temor do juizo de Deos. No segundo caso tinha de húa parte o temor do juizo de Deos, & da outra parte o temor do juizo dos homens, & posto entre temor, & temor, achou que tinha mais que temer no juizo dos homens, que no juizo de Deos. Agora entenderéis o misterio daquellas palavras, que deixamos de ponderar no Evangelho passado. *Tunc videbunt Filiũ hominis venientem in nubibus Cæli*: Então verá o Filho do homé, q virá nas nuvens do Ceo. Christo he homem, & he Deos: pois porque não diz virá o Filho de Deos, senão virá o Filho do homem? Porque o intento de Christo era fazernos o seu juizo temeroso, & horrivel: & muito mais teme-

roso, & muito mais horrivel ficava representado como juizo de homem, que como juizo de Deos. He tanto mais temeroso o juizo dos homens, que o juizo de Deos, que quando este se quer fazer respeitar, & temer, quando se quer vestir de horror, & afombro, quando se quer mostrar medonho, & horrendo; chama-se juizo de homem: não achou outro nome mais fero, não achou outro nome mais atroz, não achou outro nome mais tremendo: *Tunc videbunt Filium hominis*.

56 Temos provado o assumpto em comum: deçamos agora às razoens particulares delle, que são muito varias, muito solidas, & de muita doutrina, & póde ser, que vos pareçaõ tão grandes, & taó novas como o mesmo assumpto.

§. III.

57 **P**Rimeiramête o juizo dos homés he

he mais temeroso , que o juizo de Deos ; porque Deos julga com o entendimento , os homens julgaõ com a vontade. Quando entre o entendimento de Deos, & a vontade dos homẽs, naõ ouvera aquella infinita distancia, bastava sò a differença , que ha entre vontade, & entendimento , para ser grande a desigualdade destes juizos. Quem julga com o entendimento, pôde julgar bem, & pôde julgar mal; quem julga com a vôtade, nunca pôde julgar bem A razaõ he muito clara. Porque quem julga com o entendimento , se entende mal, julga mal, se entende bem , julga bem. Porém quem julga com a vontade, ou queira mal, ou queira bem, sempre julga mal: se quer mal , julga como apaixonado, se quer bem, julga como cego. Ou cegueira, ou paixãõ, vede como julgará a vontade com taes adjunctos. No juizo divino naõ he assim: julga sò o entendimento, & tal

entendimento. Declarando o mesmo Christo Senhor nosso os seus poderes supremos de Juiz universal do mundo , diz que o Pay deo todo o juizo ao Filho: *Pater omne judiciũ* ^{103m} *dedit Filio.* Pergunto : & porque o naõ deo o Padre ao Espírito Santo ? Para hum juizo perfeito require se tres cousas : Sciencia para examinar, Justiça para julgar , Poder para executar. Pois se a pessoa do Filho, & a do Espírito Santo tem a mesma sabedoria, a mesma justiça, & a mesma omnipotência ; porque razaõ dà o Padre Eterno o officio de julgar ao Filho, & naõ ao Espírito Santo ? A razaõ moral, & altissima he esta. Porque o Espírito Santo procede por acto de vontade, & o Filho he gerado por acto de entendimento: & o julgar (ainda que seja Deos, o que julga) pertence ao entendimento , & nam à vontade. Ao Espírito Santo, que procede por vontade , dcolhe o Padre o despacho

pacho das merces : *Dator munerum* : ao Filho, que se produz por entendimento, deolhe o juizo das culpas : *Omne judicium dedit Filio* ; porque o dar, para que se agradeça, ha de proceder da vontade, & o cõdenar, para que se não erre , ha-o de regular o entendimento. Ainda nam està dito : ouvi hũa cousa grande. Quando o Padre ab-eterno gera o Filho, gera-o por puro acto de entendimento, sem intervenção ainda da vontade: quando o Padre , & o Filho produzem o Espirito Santo , produzem-no por acto da vontade , mas já com supposição do entendimento. Pois por isso o dar se attribue à terceira pessoa , & o julgar à segunda ; porque o dar ha de ser da vontade, mas cõ supposição do entendimento : o julgar ha de ser só do entendimento sem intervenção nenhũa da vontade. Eis aqui hum perfeito dictame da justiça punitiva, & distributiva. O conde-

nar só por entendimento, sem vontade; o dar mui por vontade, mas com entendimento. E seria bem que o dar fosse só por entendimento ; & que no condenar entrasse tambem a vontade? Não: porque dahi naceria o que acontece algũas vezes, que nem as merces obrigaõ, nem os castigos emendão. Condenar com vontade, he passar alêm de justo, dar sem vontade, he ficar à quem de liberal : no primeiro vai escrupulosa a justiça, no segundo fica de-fairosa a liberalidade.

58 De maneira que em Deos a vontade , & o entendimento tem repartidos os officios, o entendimento julga, a vontade dà. Nos homens não passa assim. O entendimento està deposto de seu officio, a vontade serve ambos : a vontade he a que dà, & a vontade he a que julga. A queixa de ser a vontade a que dà, deixemola aos cobiosos, & aos pertendentes; a sem-razaõ de ser a

vontade a que julga, he a que faz o juizo humano mais formidavel , que o divino. Veyo hũa vez a luz a ser julgada no juizo dos homens, & vinha ella muito confiada; porque já antigamente tinha apparecido diante do Juizo de Deos, & sahio delle com grandes approvações: *Fiat lux, & facta est lux, & vidit Deus lucem , quòd esset bona.* Com estas abonaçoens do juizo de Deos entrou a luz no juizo dos homens, & como vos parece que sahiria delle? Disse-o Christo no Capitulo terceiro de S. Joaõ; & foi necessario que o mesmo Christo o dissesse, para que nós o cressemos: *Venit lux in mundum, & dilexerunt homines magis tenebras, quàm lucem.* Veyo a luz ao mundo, & os homens antepuzeraõ as trevas à luz. Ha tal sem-razaõ ! ha tal cegueira ! ha tal maldade ! Quem ouvera de crer de juizos racionaes hũa sentença taõ barbara como esta, se o naõ affirmára o

mesmo Christo? Ha cousa mais fermosa , ha cousa mais util , ha cousa mais necessaria no mundo , que a luz? Pelo contrario ha cousa mais fea , ha cousa mais horrenda , ha cousa mais inutil, ha cousa mais chea de inconvenientes, que as trevas? Naõ saõ as trevas a capa dos latrocinios, as terceiras dos adulterios , as complices , & as consentidoras dos maiores insultos, das maiores enormidades , que se cometem no mundo? Pois como he possivel, que homens com olhos , & com entendimento antepuzessem as trevas à luz? As mesmas palavras de Christo deraõ a razaõ: *Dilexerunt homines magis tenebras, quàm lucem.* *Dilexerunt:* julgáraõ com a vontade, & naõ com o entendimento: & onde a vontade he juiz, taes como estas saõ as sentenças. Que havia de fazer hũa cega, senaõ condenar a luz? *Dilexerunt magis:* amáraõ mais: Eis aqui todo o juizo dos homens: amá-

Genes.
1.3.4.

Ioan. 3.
19.

amáraõ mais, ou amáraõ menos. Se amáraõ, ainda que seja as trevas, as trevas haõ de ser melhores, que a luz: se não amáraõ, ainda que seja a luz, a luz ha de ser peor, que as trevas. Oh quantas vezes renova o mundo esta sentença! Quãtas vezes vem a juizo a luz, & as trevas, & fahe cõdenada a luz! Vede que segurança pòde ter o merecimento, ou que immunnidade a innocencia em tal juizo? O summo merecimento, & a summa innocencia o diga.

59 Presentado Christo ante Pilatos, tirou elle as testemunhas, examinou as acusaçoens, & declarou a Christo por innocente: *Ego nullam causam invenio in homine isto*: Eu nenhũa causa acho neste homem. Dahi a pouco leváraõ a Christo ao Calvario, pregáraõno em hũa Cruz, *Et imposuerunt super caput ejus causam ipsius scriptam*, & puzeraõ nella, diz o Texto, a sua causa escrita. Pois se Pilatos não achou

causa em Christo, *Ego nullam causam invenio*: como lhe puzeraõ a causa escrita na Cruz: *Imposuerunt causam ejus scriptam*? Aqui vereis quanto vai de ser julgado com o entendimento, ou com a vontade. Depois que Pilatos declarou a innocencia de Christo, devolveo as acusaçoens ao juizo da vontade dos Principes dos Sacerdotes: *Jesum verò tradidit voluntati eorum*; & como Christo foi julgado no juizo da vontade, logo lhe acháraõ causa para o crucificar. No juizo do entendimento, ainda que era entendimento de Pilatos, não se achou causa a Christo: no juizo da vontade, ainda que era o julgado Christo, achou elle causa. E porque acha mais a vontade sendo cega, que o entédimento sendo lynce? Porque o entendimento acha o que ha, a vontade acha o que quer. Conforme a vontade quer, assim acha. Se a vontade quer favorecer, acharà mereci-

recimento em Judas , se a vontade quer condenar , acharà culpas em Christo. Que culpas tinha o Bautista contra Herodes, para o meter em prisoens ? mas tinha contra sy a sua vontade, que era a maior culpa de todas. Bem entendia Herodes, que era innocente o Bautista : mas não quero ir por aqui : ou Herodes entendia, que era innocente o Bautista, ou não o entendia: se o não entendia, vede a cegueira da vótade, que o fazia entender contra a razão : se o entendia, vede a tyrannia da vótade, que o fazia obrar cõtra o que entendia. De hũa maneira, ou de outra sempre o Bautista tinha certas as prisoens: *Joannes in vinculis.*

§. IV.

60 **A** Segunda razão de o juizo dos homens ser mais terrivel, que o juizo de Deos, he porque no juizo de Deos geralmente basta

só o testemunho da propria consciencia : no juizo dos homens a propria consciencia não val testemunha. Vede que grande he a fidalguia do juizo de Deos. Apareceis diante do Tribunal divino, acusaõvos os homens , acusaõvos os Anjos, acusaõvos os Demonios, acusaõvos vossas proprias obras, acusaõvos o Ceo, a terra, o mundo todo; se a vossa consciencia vos não acusa , estais-vos rindo de todos. No juizo dos homens não he assim. Tereis a consciencia mais innocente, que a de Abel, mais pura, q̃ a de Joseph, mais justificada, que a de S. João Bautista : mas se tiverdes contra vòs hum Caim envejofo, hum Putifar mal informado, ou hum Herodes injusto, ha de prevalecer a enveja cõtra a innocencia, a calumnia contra a verdade, a tyrannia contra a justiça, & por mais que vos esteja saltando, & bradando dentro no peito a consciencia, não vos haõ de valer seus cla-

clamores. Vede que comparação tem este rigor cõ o do juizo de Deos. Acho eu muita graça aos Prêgadores, que para nos representarem a terribilidade do juizo divino, trazem aquella authoridade, ou oraculo de Deos a Samuel: *Homo videt ea, quæ parent, Dominus autem intuitur cor*: os homens vem só os exteriores, porêm Deos penetra os corações: antes por isso mesmo he muito mais para temer o juizo dos homens; se os homens conheçêraõ os corações, se aos homens se lhe pudêra dar com o coração na cara; entãõ nam havia que temer seus juizos. Que maior descanso, & que maior segurança, que trazer hum homem sempre consigo no seu coração a sua defesa? Acusai-me, condenaime, infamai-me? quereis mil testemunhas, pois eilas aqui, & mostrarlhe o coração: *Bona conscientia mille testes*. Sabeis vòs para quem não era bõa invenção a de os

homens verem os corações? para os traydores, para os hypocritas, para os lisongeiros, para os mentirosos, & para outra gente desta relê; mas para os zelosos, para os verdadeiros, para os honrados, para os homens de bem; õ que grande costume, õ q grande felicidade fora! Mas como a consciencia no juizo humano não val testemunha, quem leva a calumnia nas obras, que importa que tenha as defesas no coração?

61 A maior defesa, & justificação, que Christo teve de sua innocencia, foi o depoimento de Pilatos, quando pedindo agua lavou as mãos, & pronúciou, que elle era innocente no sangue daquelle justo: *Accepta aqua, lavit manus coram populo, dicens: Innocens ego sum à sanguine justis hujus*. Reparou nesta agua, & neste sangue S. Cyrillo Jerosolymitano, & disse com opiniaõ singular, q aquella agua, & aquella sangue, que sahio do lado de Christo

Matth.
27. 24.

sto na Cruz, faziaõ alusão a esta agua, & a este sangue: *Erant hæc duo de latere, judicanti aqua, clamantibus verò sanguis.* A agua significava a agua, cõ que Pilatos lavou as mãos: *Accepta aqua, lavit manus:* o sangue significava o sangue, que o mesmo Pilatos declarou por justo, & os acusadores tomáráõ sobre

Bid. 25. *fy, Sanguis ejus super nos:* de mancira, que assim como cã o reo, ou o homisado, traz no seyo os papeis de sua defesã, assim Christo meteo no coração aquella agua, & aquella sangue, em que consistiaõ os testemunhos authenticos de sua innocencia. Ora vede agora sair a Christo do Pretorio de Pilatos, acompanhado de grande tropel de justiças, & vereis na representação daquella tragedia, o que cada dia acontece no mundo. O innocente caminhava para o suplicio, o pregaõ dizia as culpas, o coração levava as defesas. As culpas do pregaõ eraõ falsas, as de-

fesas do coração eraõ verdadeiras; mas como o coração no mundo não val testemunha, morreo crucificada a innocência. Quãtos treslados deste processo se formão cada dia no juizo humano! por isso os innocentes padecem, & os culpados triunfão. Quem mais innocente, que Joseph, quem mais culpado, que a Egypcia? mas a culpada mostrava os indicios na capa, & o innocente tinha as defesas no coração; por isso ella triunfa, & elle padece. Morre emfim Christo na Cruz, abrelhe húa lança o peito, fica o coração pateite, & entãõ sahirão em publico as suas defesas: *Exiit sanguis, & aqua.* Pois agora depois de Christo morto? Sim agora: que essa he a differença, que ha de hum juizo a outro juizo. No juizo depois da morte, que he o juizo de Deos, entãõ valem as defesas do coração; no juizo desta vida, que he o juizo dos homens, nenhũa valia tem. Oh desgra-

graçada sorte a do coração humano ! poder ser julgado dos homens para a culpa, & não poder ser visto dos homens para a defesa ! Se assim he, que muito que se não defenda a maior innocencia, *Ioannes in vinculis?*

§. V.

62 **O** Terceiro motivo de maior temor, que ha no juizo dos homens, comparado com o de Deos, he, que no juizo de Deos as nossas boas obras defendem-nos, no juizo dos homens, o maior inimigo, que temos, são as nossas boas obras. Demos revista a algũs exemplares do juizo humano, & constarnosha desta verdade. O primeiro condemnado, que ouve no juizo dos homens, foi Abel; & porque culpas? Porque o seu sacrificio agradou mais a Deos, do q̃ o de Caim. Ha tal crime como este? Se Abel fora como Caim, elle tivera os seus dias mais bé

logrados. Não ha maior delicto no mundo, que o ser melhor. Ao menos eu a quem amára das telhas abaixo, antes lhe desejava hum grande delicto, que hum grande merecimento. Hum grande delicto muitas vezes achou piedade: hum grande merecimento nunca lhe faltou a enveja. Bem se vê hoje no mundo: os delictos com carta de seguro, os merecimentos homisiados. Vamos a outro exemplar. Saul condenou tantas vezes à morte a David, & chegou a lhe tirar elle mesmo às lanças: & porque crimes? Porque se cantava pelas ruas de Jerusalem, que David era mais valente, que Saul: *Percussit Saul mille, David autem decem millia.* Este premio tirou David de matar hum Gigante com hũa funda. Mais venturosos haviaõ de ser os tiros, se não deraõ tamanho estallo. Ao Gigãte derrubou-o a pedra, & a David o somido. Eis aqui porque Da-

^{1 Reg}
18.7.

vid queria que o julgasse Deos, & naõ os homens: no juizo de Deos perdoãse os peccados como fraquezas; no juizo dos homens, castigaõse as valentias como peccados. Graças a Deos, que já nos himos emendãdo deste. Vamos ao terceiro exemplar. Mas para que he ir mais longe, se temos o maior exemplo de todos no Evãgelho?

63 Mandou o Baptista do carcere dous discipulos seus, que fossem perguntar a Christo se era elle o Messias, *Tues, qui venturus es, an alium expectamus?* Suspendeo o Senhor a resposta, porque havia ao redor grande multidaõ de enfermos, que esperavaõ, & depois de os sarar a todos milagrosamente, voltou-se para os Embaixadores do Baptista, & disse-lhes assim: *Ite renuntiate Ioanni quæ audistis, & vidistis.* Ide, dizei a Joãõ o que ouvistes, & visteis: *Cæci vident, claudi ambulant, mortui resurgunt.* Os cegos

vem, os mancos andaõ, os mortos resuscitaõ: *Et beatus qui scandalizatus non fuerit in me; & bemaventurado o que se não escandalizar em mim. Aqui repáro; & beatus qui scandalizatus non fuerit, & bemaventurado o que nam se escandalizar? E que tinha feito Christo, para se escandalizarem os homens? Se Christo arrancára olhos, & fizera cegos; se cortára pès, & fizera mancos; se tirára vidas, & matára homens: entãõ tinhaõ razaõ de se escandalizar de Christo; mas por sarar, por remediar, por resuscitar? Sim. Porque naõ ha cousa de que mais se escandalizem os homens, que de haver quem faça milagres. Antigamente escandalizavaõ os peccados, & edificavaõ as virtudes: hoje as virtudes escandalizaõ, & queira Deos, que os peccados naõ edifiquê. Deos vos livre de vossas boas obras, & muito mais das grandes: os peccados sofremolos facilmente; os*

milagres não os podemos sofrer. E porque? Porque os peccados são offensas de Deos, & os milagres são offensa nossa. Bem seguro eu, que havia mais de quatro enfermos em Jerusaleem, que não quizerão ser sarados, só porque Christo não fosse o milagroso. Não atirára Saul a lança contra David, que lhe tirava a enfermidade, se lhe não doera mais o milagre, do que lhe agradava a faude.

64 Oh quanto mais seguro he ir com peccados ao juizo de Deos, que com milagres ao juizo dos homens! Em Deos ha misericordia, na enveja não ha perdão. Que levou a Magdalena ao juizo de Christo? peccados: & como sahio? perdoada, *Remittuntur ei peccata multa.* Que levou Christo ao juizo dos homens? milagres: & como sahio? condenado, *Quia hic homo multa signa facit.* Com que escapará os homens do juizo dos homens, se Deos, & com

Tom.7.

milagres não escapa? Ainda dizia mais o processo de Christo: *Ecce totus mundus post eum vadit*: que era tal, que hia todo o mundo apos elle. Se disserão, que elle hia apos o mundo, condenassemno muito embora; mas porque o mundo hia apos elle! Eis ahi quaes são os crimes do juizo dos homens. Se fores apos o mundo, ninguem vos ha de condenar; se o mundo for apos vós, não vos ha de valer sagrado. Que disse hoje Christo do Bautista? que se despovoa-vão as Cidades para o buscar, para o ver: *Quid existis in desertum videre?* Que não era cana verde, que se moveffe com o vento: *Arundinem vëto agitatam?* Que não era homem da Corte, que vestisse sedas, senão cilícios, *Hominem mollibus vestitum*: Que era mais que Profeta, *Plusquã Prophetam*: finalmente, que era Anjo, *Ecce ego mit-*

Ioan. 12.
19.Marth.
11.7.8.

ibid. 10.

E iij tão

tão grandes como estas, & tão provadas? Mão pleito levais ao juizo dos homês; a vós vos tiraráo dos olhos, & dos ouvidos do mundo; a vós vos fecharáo em hum carcere, *Ioannes in vinculis.*

§. VI.

65 **A** Quarta cõsideração de fer mais temeroso o juizo dos homens, que o juizo de Deos, he porque Deos julga o que conhece, os homens julgáo-o que não conhecem. Hum dos maiores rigores do dia do Juizo, he que os mesmos Demonios hão de fer alli nossos acusadores; mas eu antes me quizera ver acusado de Demonios, que verme julgado de homens. O Demonio no dia do Juizo hanos de acusar de todas nossas obras, hanos de acusar de todas nossas palavras: mas em chegando aos pensamentos ha de tapar a boca o Demonio, porque os peccados de pensamento são reservados a

só Deos. Eis aquí atê donde chega o Demonio, quando acúsa; & o homem quando julga? Julgavos as obras, julgavos as palavras, & atê o mais intimo pensamento vos julga, & vos condéna. Ha tal temeridade de juizo? Que julgue o homem as obras, que vê, que julgue as palavras, que ouve, seja embora; mas que queira julgar os pensamentos, onde não chega com algum sentido do corpo, nem com algũa potencia da alma! Esta he hũa das mais graves razões, porque o juizo dos homens he mais para temer, que o juizo de Deos: Deos julga os pensamentos, mas conhece-os, o homem não pôde conhecer pensamentos, & julga-os.

66 Dirmeheis, que os homens julgáo os pensamentos pelas obras, & que pelas obras, que se vem, bem se podem julgar os pensamentos, que se não vem. Se assim fora, não eráo tanto para temer os juizos dos homens; mas

vede quanto ao contrario das obras julgaõ ainda os melhores homens os pensamentos. Estava Anna mãy de Samuel orando no Templo com os affectos, & effeitos, que costumão os afligidos : & que juizo vos parece , que faria o Summo Sacerdote Helí desta oraçaõ ? Julgou que era intemperança : & que os movimentos, que fazia Anna com a boca, tinhaõ a causa na mesma boca , & não no coração lastimado donde sahião: *Existimavit illam temulentam , & ait: Usquequò ebria eris ?* Veyo Naamão Syro à terra de Judea para que o Profeta Eliseo o curasse da lepra : & que juizo faria El Rey Ezechias desta jornada de Naamão ? Julgou, que era mandado cautelosamente por seu Rey, para que tornando se sem a faude, que viera buscar, tomasse daqui occasião de queixa, & da queixa passasse a rompimento de guerra, & lhe viesse conquistar o Reyno: *Animadvertite , & videte*

quòd occasiões querat adversum me. Lãcouse Aman aos pès da Rainha Esther, pedindo que lhe valesse contra a indignação del Rey, de cuja graça se via tão inopinadamente cahido: & que juizo faria Afuero desta acção de Aman ? Julgou-a tanto contra toda a razão, & contra o decoro, que a sy mesmo se devia, que em nenhum pensamento pôde caber o pensamento, que lhe veyo, nem ha palavras, com que se possa explicar sem dissonancia: *Etiã Reginam vult opprimere, me præsete, in domo mea.* Eis aqui como interpretaõ os homés as acçoens, & como julgaõ por ellas os pensamentos. Anna orava a Deos, & a sua oraçaõ foi julgada por intemperança : Naamão buscava a faude, & a sua confiança foi julgada por hostilidade : Aman pedia perdaõ, & o seu arrependimento foi julgado por sacrilegio. Nem chorar o arrependido, nem curarse o enfermo, nem orar o ne-

Esther
7.8.

cessitado, està izento de ser mal julgado dos homens. Anna pedia o remedio de sua esterilidade a Deos, Naamão pedia o remedio de sua enfermidade a Eliseo, Aman pedia o remedio de sua infelicidade a Esther; & nem em Esther o ser Rainha, nem em Eliseo o ser Santo, nem no mesmo Deos o ser Deos, lhe valeo aos miseraveis para que escapafsem. Nem com os Reys, nem com os Santos, nem com Deos se pôde tratar sem ser mal julgado dos homens. Tão injusto he o juizo humano em interpretar intençoens; tão atrevido, & tão temerario he em julgar pelas obras os pensamentos.

67 Julgar mal huma obra boa, grande maldade he: mas julgar, ou bem, ou mal hum pensamento, que não pôde ser conhecido, ainda he maior tyrannia. Se não conheces, nem pôdes conhecer o pensamento, como te atreves homẽ a julgalo? He tão reserva-

do a só Deos o juizo dos pensamentos, que nem de toda a Igreja Catholica fiou Deos o julgar hum pensamento: *Ecclesia non judicat de interno*. E o que Deos não fia dos Pontifices, o que não fia dos Concilios, o que não fia de toda a Igreja, que he julgar meus pensamentos, isso faz o juizo de qualquer homem. Parecevos muito isto? Parecevos muito, que os homens julguem pensamentos, & condenem só por pensamentos? Ora aguardai, que ainda nam disse nada. E quantas vezes vos julgáraõ, & condenárão os homens pelo que nunca vos passou pelo pensamento? Eis aqui outra maior differença dos dous juizos: Deos julga, & condena por pensamentos, os homens julgaõ, & condenaõ pelo que nunca passou pelo pensamento. Passoulhe algũa hora pelo pensamento a Joseph atreverse á honra de seu Senhor? Passoulhe algũa hora pelo pensamento a Daniel querer

rer machinar contra o Imperio dos Assyrios ? Passoulhe algũa hora pelo pensamêto a Christo (que tambem nião quiz darnos exemplo) quererse fazer Rey temporal , de que tantas vezes fugirá ? E com tudo Joseph por se atrever à honra de seu Senhor está em hum carcere : Daniel por machinar contra o Imperio está no lago dos Leoens : Christo por se querer fazer Rey está posto em hũa Cruz. Com este rigor nenhũa comparação tem o juizo de Deos. Para Deos condenar por pensamento he necessario, que haja pensamento, que seja máo, & que se consinta : para o homem condenar do mesmo modo, nam he necessario, que se consinta, nem que seja máo, nem que haja pensamento. Pòdesse imaginar maior rigor, maior injustiça, maior crueldade, que esta ? Eu cuidava, que não ; mas ainda passa adiante a sutileza, & a crueldade do juizo dos homens. Não só

vos condenão os homens pelo que não vos passou pelo pensamento a vós, mas condenãovos pelo que nem lhes passou pelo pensamento a elles. Mais claro. Não só vos condenão os homens pelo que vós nunca imaginastes , mas condenãovos pelo que nê elles imaginão de vós.

68 Chegárão os irmãos de Joseph ao Egypto, apparecêrao diante delle , & depois que disserao, quem erão, & a que vinhaõ , fcouse Joseph mui ao de ministro, & com aspecto severo disse : Vaõ presos esses homens. Presos nós, Senhor Viforey, (replicáraõ elles tremendo) & porque ? *Exploratores estis* : Sois espías : vindes a explorar os Reynos de Faraó meu Senhor. As palavras não eraõ ditas, & já os dez irmãos estavaõ com os pès, & mãos em outros tantos grilhoens, & algemas. Pergunto agora : Estes homens imagináraõ algũa hora de vir ser espías ao Egypto, & explorar os Rey-

Genef.
42 9/

Reynos de Faraó? Claro está que nunca tal imagináráo. Eraõ huns pobres lavradores, que vinhaõ fugindo à fome, comprar quatro grãos de trigo para manter a vida, & deitar à terra. Pergunto mais: & Joseph imaginava delles, que fossem espias, & exploradores? Ainda isto he mais claro, & mais certo. Nunca tal imaginou Joseph; porque conhecia mui bem, que erão os filhos de Jacob seu pay. Pois se estes homens nũca imagináraõ em ser espias, & se a Joseph nunca lhe passou pela imaginação, que o fossem; como os mandam prender? He possível que hão de estar huns innocentes arrastando cadeas em hũa masmorra pelo que nem elles imagináraõ, nem imaginou delles quem alli os meteo? Assim passa. Na historia de Joseph era aquelle rigor fingido; mas ainda mal, porque tantas tragedias se representaõ no mundo, em que as mesmas injustiças são verda-

deiras. Diga-o a de Naboth em Samaria, & a de Sufana em Babylonia. Por ventura imaginava Jezabel, que Naboth blasfemára o nome de Deos, & del-Rey? Não imaginava tal cousa. E com tudo Jezabel fez cõdenar a Naboth pelo que nem elle imaginou nunca, nem ella imaginava delle. Por ventura os Juizes de Babylonia imagináraõ de Sufana, que violára a fé, que devia a Joachim, no crime de que a acusavão? Não lhes passou tal pela imaginação. E com tudo foi condenada, & levada ao supplicio Sufana pelo que né ella imaginou, nem imagináraõ della os mesmos, que a cõdenáraõ. Quantas vezes julgais, condenais, infamais, & destruis hum innocente pelo que nem elle imaginou, nem vós imaginais delle? Sabeis de certo, que não fez o crime, & infamailo, & acusailo, & condenailo como se o fizera. Se condenar por culpas duvidosas he injustiça, cõdenar

denar por innocencia conhecida, que tyrannia será? a que úsa o juizo dos homens com o Bautista: *Ioannes in vinculis.*

§. VII.

69 **A** Quinta razão, & differença, que acho entre o juizo de Deos, & o juizo dos homens, he aquella, que parece faz o juizo de Deos mais temeroso, que he o ser juizo final. Juizo final! Oh que temerosa palavra! Mas dahi mesmo tiro eu quanto mais temeroso he o juizo dos homens, que o juizo de Deos. Deos não julga senão no fim, os homens não esperão pelo fim para julgar. Gram rigor! Semeou zizania o inimigo na seara do Pay de Familias; & que aconteceu? Verde a differença do Senhor aos criados. Os criados muito fervorosos: *Visimus, & colligimus ea?* Senhor, quereis que vamos, & arranquemos logo a zizania? O Pay de Familias

muito repousado, *Sinite utraque crescere usque ad messem.* Deixai nacer, deixai crecer, deixai amadurecer; là virà o tempo da messe, então se conhecerà, qual he o trigo, & qual a zizania. Eis aqui qual he Deos no julgar, & quaes são os homens. Deos não condena senão no fim: os homens não esperão pelo fim para condenar. Deos para colher espera pelo Agosto: os homens segão em Janeiro. Os que mais timoratamente procedem em julgar antes do fim, são aquelles, que regulão os fins pelos principios, mas como os successos do mundo, & da vida, & muito mais os que dependem do alvedrio, não guardão proporção algũa, todo este juizo he incerto, & todo injusto.

70 No dia da Payxão de Christo morrerão quatro pessoas notaveis, de que faz menção o Evangelho. Morreo Christo, morrerão os dous ladroes, & morreo Judas. Ora notai

tai a differença dos principios, & fins de todos. Christo começou bem, acabou bem: o máo ladrao começou mal, & acabou mal: o bom ladrao começou mal, & acabou bem: Judas começou bem, & acabou mal. Taes são as contingencias das cousas do mundo, & a pouca proporção, que guardão os fins com os principios. Muitas vezes a bons principios seguemse bons fins, como em Christo, & a máos principios máos fins, como no máo ladrão; & outras vezes pelo contrario a máos principios seguemse bons fins, como no bom ladrão, & a bons principios seguemse máos fins, como em Judas. Por isso quem quizer julgar bem, ha de aguardar pelos fins. Nos Reynos passa o mesmo, que nos homens. Quem julgasse o fim do Reyno de Saul pelos principios, diria, que havia de ser felicissimo, & foi desestrado: quem julgasse o fim do Reyno de David pelos principios,

diria, que havia de ser trabalhoso, & foi felicissimo. Antes de ver o fim não se póde fazer juizo. Pedro seguiu a Christo para ver o fim: *Vt videret finem*: se esperára até ver o fim, elle não negára. Esperai pelo fim, então negareis; mas eu vos fio, que se chegardes a ver os fins, que haveis de querer seguir, & não negar. Se alguém pudéra julgar antes do fim, era Deos; porque conheceos futuros; & com tudo nunca Deos já mais julgou, né condenou a ninguem, senão depois das obras. O juizo dos homens não he assim, conhece pouco do presente, menos do passado, & nada do futuro, & antes de as cousas terem fer, já estão julgadas. No mesmo dia em que se faz a eleição, já está adevinhado o successo, já está condenada a obra, já está descreditada a pessoa. Valham Deos, ainda não fiz bé, nem mal, & já me condenão! Não teremos huma pouca de paciencia para esperar

Co-
ith.
5.

esperar pelo fim? *Nolite ante tempus judicare*, nam queirais julgar ante tempo, diz o Apóstolo. Já que quereis ter predestinados, & precitos como Deos, julgai tambem como Deos no fim das obras. Mas que ao predestinado se lhe haja de adivinhar o merecimento para se lhe dar logo o premio; & ao precito se lhe haja de profetizar a culpa para o condenar dátemaõ? terrivel juizo.

71 Ainda passa adiante a razaõ porque Deos julga no fim, & os homens não. He porque no juizo de Deos não basta a certeza do futuro para o castigo, & basta a emenda do passado para o perdaõ. No juizo dos homens, nem para o futuro val a incerteza, nem para o passado a emenda. Diz o Evangelista S. Marcos, que veyo Christo Senhor nosso comer a casa de Simaõ Leproso: chamavase assim este homem, porque fora leproso antigamente, & o mesmo Senhor o fará.

Naõ sei se reparais na duvida. Se este homem ainda tivera lepra, que lhe chamassem leproso, muito justo; mas se elle estava saõ, porque lhe haõ de chamar leproso? Porque esse he o juizo dos homés. Fostes vós leproso algum dia? pois ainda que Deos faça milagres em vós, leproso haveis de ser todos os dias de vossa vida. Deos podervos-ha dar a faude, mas o nome da enfermidade não volo haõ de perdoar os homens. No juizo de Deos com a mudança dos procedimentos, mudaõse os nomes, antigamente ereis Saulo, hoje sois Paulo: no juizo dos homens por mais que os procedimentos se mudé, os nomes não se mudaõ já mais. Se fostes leproso huma vez, leproso vos haõ de chamar em quanto viverdes: *Simonis Leprosi*. Poderà haver milagre para sarar o Simão, mas milagre para tirar o leproso, não he possivel. Oh grande sem-razaõ do juizo huma-

Marc.
143.

no ; que da enfermidade vos hajaõ de fazer appellido ! E vem a ser peor o appellido , que a mesma enfermidade; porque a enfermidade, quando muito chega atè a morte ; o appellido passa à descendencia. O juizo de Deos terrivel he, mas possõme livrar delle emendandome. Porém o juizo dos homens, em que naõ val emenda, quem poderà negar , que he mais terrivel? E se contra o juizo dos homens naõ val a emenda onde a ha : que remedio teria aquelle innocente, em que a nam podia haver, porque nam havia que emendar, *Ioannes in vinculis?*

§. VIII.

72 **A**Ntes que passe adiante (que naõ sei se mo permitirà o tempo) me occorre, que pòde occorrer a alguem aquella famosa sentença de Christo : *Nolite timere eos, qui occidunt corpus, animam autem non possunt*

occidere: sed potius timete eum, qui potest & animam, & corpus perdere in gehennam. Quer dizer : Naõ temais aquelles, que mataõ o corpo, & naõ podem matar a alma: mas temeí antes a quem lançando o corpo, & alma no Inferno, tanto pòde matar a alma, como o corpo. E quem saõ aquelles, & quem he este? Aquelles saõ os homens, este he Deos. Logo parece que daqui se infere contra a doutrina que atègora provamos por tantos meyos, que mais temeroso, & mais para temer he o juizo de Deos, que o dos homens, como mais se deve temer o Inferno, & morte da alma, que a do corpo. Mas taõ erradas como isto costumão ser as consequencias de quem segue as suas apprehensoens, ou affectos, & naõ olha para o caso de que fallaõ os Textos, & para o intento, com que forãõ ditados, ou escritos. O intento do divino Mestre nesta occasiãõ foi animar a fé dos primitivos Christãos,

stãos, para que padecessem constantemente os tormentos, & martyrios dos tyrannos: & para que postos entre dous temores, hum, ou outro inevitavel, com o maior vencessem o menor, isto he, com o temor do Inferno o temor da morte. Assim o entendéraõ sempre Padres, Pontifices, & interpretes, dos quaes como tão diligente, solido, & literal abbreviador de todos, só porei aqui as palavras do doutissimo Alapide. *Quasi diceret: Nolite metu mortis, quam vobis intentabunt persecutores, negare meam fidem, aut cessare ab ejus prædicatione vobis à me imperata, vel aliquid ea indignum committere: quia si id feceritis incurretis mortem tum corporis, tum animæ longè atrociolem, & diuturniolem, scilicet æternam in gehenna, ubi damnati moriuntur morte immortalis, & vita moribunda vivunt, & perdurant.* De sorte que a comparação nam se faz aqui entre juizo, & juizo, senaõ entre perigo,

& perigo, & entre pena, & pena: porque comparada a pena do Inferno com a pena da morte, claro està, que muito mais para temer he a do Inferno. Pelo contrario se a comparação se fizera entre juizo, & juizo, isto he, entre o juizo de Deos, & o dos homens, posto que os homês só possaõ condenar à morte, & Deos ao Inferno; com a mesma evidencia se segue ainda neste caso, que mais para temer he o juizo dos homês, que o de Deos; porque o juizo dos homês condenandome à morte, póde ser injusto, & o de Deos condenandome ao Inferno, naõ póde deixar de ser recto: *Justus es Domine, & rectum judicium tuum.* E se ao juizo de Deos só està fogueita a culpa, & do juizo dos homens nam està segura a innocencia; vede qual mais se deve temer. De Deos saõ mais para temer os castigos, dos homens mais para temer os juizos. E destes he que nós fallamos.

73 Tambem fallou dos mesmos juizos o mesmo Christo, & não em outro, fenaõ no mesmo Texto, immediataméte antes, em admiravel comprovaçam do que digo. Afrontavam os Escribas, & Fariseos aos Discipulos do Senhor com nomes taõ injuriosos, & blasfemos como a seu Mestre: & chegavaõ a dizer, & prégar, & apregoar ao mundo, que as maravilhas, que elle, & elles obraõ, eraõ feitas em virtude, & com poderes de Belzebut Principe dos Demonios. E para que a innocencia, & constancia, ainda noviça, dos Apostolos, védose taõ indignamente calumniada, & condenada pelo juizo dos homens (& não de quaesquer, fenaõ dos mais autorizados, & dos que entre os demais professavaõ Religiaõ, & letras) nam desmayasse; com que razoens os animaria, & consolaria o divino Mestre para que não fizessem caso da temeridade daquelles Juizes. A razaõ foi huma

fó, & digna de seu Author: *Si Patrem familias Beelzebub vocaverunt: quanto magis domesticos ejus? Ne ergo timueritis eos, nihil enim est opertum, quod non reveletur, & occultum, quod non sciatur.* Não vos deveis admirar, que sendo vós os Discipulos, & eu o Mestre, & sendo vós os servos, & eu o Senhor, vos tratem, & vos julguem a vós os homens, como me tratão, & me julgaõ a mim. Mas para que não temais, nem façais caso dos seus juizos, & das afrontas, que vos dizem; sabei que Deos manifestará a vossa verdade, & as suas calumnias, ou no dia do Juizo, ou ainda antes. *Nolite tamen eorum probra, irrisiones, & sannas timere, quia tandem Deus vestram fidem, & veram Religionem patefaciet non tantum in die judicij, sed etiam in hac vita:* cõmenta o mesmo Author com S. Chrysostomo, Theophylato, & Euthymio. Oh argumento verdadeiramente divino, & outra vez digno da

da sabedoria de seu Author! De maneira, que a consolação, & appellação, que tem o juizo dos homens, he para o juizo de Deos: & debaixo desta esperança certa ensina Christo a seus Discipulos, que os não temão, *Ne timueritis eos?* Sim. Logo se o juizo de Deos he o seguro, que nos dà, o mesmo Deos para não temer os juizos dos homens; bem se conclue, que o juizo dos homens he o formidavel, & o que se deve temer, & não o de Deos nestas circumstancias. O dos homês temer-se; porque quando menos póde ser falso, & injusto; & o de Deos esperar-se sem temor; porque sempre he justo, & recto.

§. IX

74 **T**Udo isto ficou já convencido com as razoens, que ponderamos antes de responder a esta replica: restando muitas outras, com que se podia provar, & amplifi-

Tom. 7.

car a mesma verdade: mas porque nem o tempo dà lugar, nem eu volas quizera totalmentê dever; partamos o trabalho. Eu as aponto, discorreyas vós.

He mais temeroso o juizo dos homens, que o juizo de Deos, porque o juizo de Deos he juizo de hum só dia; o juizo dos homês he juizo de toda a vida. Todos os dias para os que vivem entre os homens, são dias do juizo.

O juizo de Deos ha de ser em hum só lugar; o juizo dos homens he em todos os lugares; julgaõvos na casa, & julgaõvos na rua; julgaõvos na praça, & julgaõvos na Igreja; julgaõvos na Corte, & julgaõvos no monte; julgaõvos no mundo, & julgaõvos na Religiaõ; julgaõvos em todos os lugares, onde estais, & nos lugares, onde não estais, tambem vos julgaõ: Emfim para o juizo de Deos ha de ir ao valle de Josaphat todo o mundo; para o juizo dos homens todo o mundo he

F valle

valle de Josaphat.

O juizo de Deos começa a julgar desdeos annos do uso da razaõ por diante: o juizo dos homens muito antes do uso da razaõ julga, & condena. Digaõ-nos as lagrimas de Rachel, & o sangue dos Innocentes de Bethlem. Faltavaõlhe cinco annos para o alvedrio, & bastáralhe dous para o cutello: *Ab imatu, & infra.*

75 Ainda depois do uso da razaõ não nos julga Deos mais, que as duas partes da vida; porque a terceira parte, que nos leva aquella morte quotidiana, a que chamamos sono, como não he capaz de peccar, nem de merecer, não a julga Deos. No juizo dos homens não he assim; nem dormindo nos izentamos de sua jurdição: Dormindo estava Joseph quando sonhou, & porque sonhou o condenáraõ à morte seus irmãos: *Ecce somniator venit, venite occidamus eum.*

Deos no seu juizo ha de

vir a julgar os vivos, & os mortos: os homens no seu juizo julgaõ os vivos, julgaõ os mortos, & julgaõ os por nacer. Não vos lembra a historia do cego de seu nascimento, a quem Christo deo vista? ainda não era nacido, & já o faziaõ peccador: *Domine, quis peccavit, hic, aut parentes ejus, ut cecus nasceretur?* Deos julga sòmente do facto, os homens atè do impossivel.

Antes do dia do juizo versehaõ muitos sinais: *Erunt signa in Sole, & Luna:* mas notai a differença. No juizo de Deos, os finais dizem com o juizo: no juizo dos homens, o juizo não diz com os finais. No juizo de Deos dizem os finais com o juizo, porque os finais são de rigor, & o juizo he riguroso: no juizo dos homens, o juizo nam diz com os finais, porque os finais são de amizade, & o juizo he de odio: Vede-o em Judas, os finais eram abraços, & o juizo treições: *Traditor autem dedit eis*

Matth.
2.16.

Genes.
37.19

Marc.
+14

eis signum : quemcunque osculatus fuero , ipse est , tene te eum.

Deos no seu juizo , he verdade, que ha de lançar os homens ao Inferno; mas ha de ser dizendolhe muito clara, & descubertamente: *Ite maledicti in ignem eternam*: os homens nam fazem assim no seu juizo: estaõvos dizendo : *Venite benedicti*, Bemdito, & bem vindo sejais; & no mesmo tempo estaõvos metendo, & desejavao debaixo do Inferno.

Deos julga como Juiz; os homés julgaõ como judicarios: entre o Juiz, & o judicario ha esta differença, que o Juiz suppoem o caso , o judicario adevinha-o. Quantos vemos hoje julgados, & condenados por adevinhação: não pelo que fizeraõ, senaõ pelo que se adevinha, que haveráõ de fazer!

76 O juizo de Deos, sendo Deos por natureza imutavel, se nõs nos cõvertemos, & nos mudamos, muda-se: o juizo dos ho-

més, sendo os homés a mesma mudança, por mais que nõs nos mudemos, nam se muda. Mudouse a Magdalena, & no juizo de Christo ficou santa; mas no juizo do Fariseo taõ peccadora como dantes era: *Quoniam peccatrix est.*

No juizo de Deos avemos de ser julgados pelos Mandamentos; quẽ guardou os Mandamentos pode estar seguro: no juizo dos homens não aproveita guardar os Mandamentos. Fizestes o que vos mandáraõ, & muito melhor do que volo mandáraõ, & sobre isso sois julgado, & cõdenado. Como a fem-razaõ he taõ moderna, nam ha exemplo della nas Escrituras: telohaõ os vindouros, se o crerem.

Deos julga a cada hum pelo que he , os homens julgaõ a cada hum pelo que são. Mais claro. Deos julganos a nõs por nõs: os homens julgaõnos a nõs por sy. Donde se segue, que para seres bem julgado no juizo de Deos, basta

que vós sejais bom ; mas para seres bem julgado no juizo dos homens, he necessario que ninguem seja máo. Terrivel juizo, em que para eu não fahir condemnado, he necessario que todo o mundo seja innocente!

No juizo de Deos basta ser bom no ultimo instante da vida, para ser eternamente bom: no juizo dos homens, basta ser máo em qualquer tempo da vida, para ser eternamente máo. Se fostes bom, & fois máo, julgaõvos mal pelo que fois: se fostes máo, & fois bom, julgaõvos mal pelo que fostes ; & se fois, & fostes sempre bom, julgaõvos mal pelo que podeis vir a ser. Ha juizo tão cruel como este ! As culpas em profecia, & o Profeta em prisõens : *Joannes in vinculis!*

§. X.

77 **T**enho acabado o Sermão ; & parece que me tem acon-

tecido nelle, o que succede aos máos Medicos , & aos máos conselheiros. O máo Medico encarece a enfermidade, & não lhe dá remedio: o máo conselheiro exagera os inconvenientes, & não dá meyo com que os melhorar. O officio de Prêgador tambem he de curar, & de aconselhar. Tenho encarecido a enfermidade, tenho ponderado os inconvenientes, tenho mostrado a cegueira, a sem-razaõ, a injustiça, & a tyrannia do juizo dos homens, mas que he do remedio para nos livrarmos deste juizo? Se não ha remedio, ainda he mais temerosa esta ultima circumstancia, que todas as que até agora temos considerado. Verdadeiramente, difficultosa, & impossivel cousa parece, achar remedio para escapar do juizo dos homens, sendo tantos, tão livres, & tão temerarios.

78 Mas ouçamos o que resolve nesta materia o todo Poderoso com sabedoria

bedoria infinita : *Nolite judicare, ut non judicemini: in quo enim iudicio iudicaveritis, iudicabimini.* Se não quereis que vos julguem, não julguéis, porque com o mesmo juizo, com que julgardes, fereis julgados. Esta sentença de Christo Senhor nosso, ou se pôde entender do juizo dos homens para com os homens, ou do juizo de Deos para com elles. Se se entender do juizo de Deos para com os homês, he absoluta, & universalmente verdadeira: mas se se entender do juizo dos homens para com os homens, não. Donde se torna a confirmar outra, & mil vezes, que mais rigoroso, & mais para temer he o juizo dos homens, que o de Deos. No juizo de Deos para com os homens he sempre verdadeira; porque, como altamente disse S. João Chrysoftomo, o juizo com que nós nos julgamos uns aos outros, he ley, que puzemos a Deos, para que elle por ella nos

julgue tambem a nós: *Legem prius ipse posuisti, severius de his, quæ proximus peccaverit, iudicando:* porque se nós julgarmos com benignidade aos nossos proximos, tambem Deos nos julgará benignamente: mas se nós os julgarmos severamente, tambem elle nos julgará cõ seyeridade. De sorte, q̃ no juizo de Deos para com os homens esta regra he geral: sem exceição: porê m no juizo dos homens para cõ os homens tem taõ pouca certeza, nem ainda probabilidade, que atè o mesmo Christo, sendo taõ benigno em julgar, & perdoar a todos, não escapou de ser taõ injustamente julgado, & condenado por elles. Se Christo, fuma Innocência, teve hum Anaz, hum Cayfaz, hum Pilatos, & hum Herodes, que o julgáraõ, & condenáraõ, que homem averá taõ innocente, & justo, que por estes quatro Juizes não tenha quatrocentos, que o julguem, & condenem?

79 Com tudo esta mesma sentença , ainda que universalmente não he certa no juizo dos homens para com os homens, por dictame natural da razaõ, & por providência particular de Deos, muitas vezes se verifica nelles. *Nolite judicare, & non judicabimini. nolite cõdemnare, & non condemnabimini.* Não julgueis , & não sereis julgados : nam condeneis , & não sereis condenados. Sabeis porque muitas vezes somos julgados, & taõ injustamente julgados ? Porque tantas vezes somos Juizes , & injustissimos Juizes : porq̃ julgais as obras alheas, por isso vos julgaõ as vossas obras : porque julgais as palavras alheas, por isso vos julgaõ as vossas palavras: porque julgais atè os pensamentos alheos , por isso vos julgaõ , & vos condenaõ, atè o que nam vos passou pelo pensamẽto. Diz S. Tiago na sua Canonica, que S. Miguel senão atrevo a julgar a

Lucifer. Se hum Serafim senão atrevo a julgar hum Demonio, como se ha de atrever hum homem a julgar outro homem ?

80 Se queremos julgar viremos os olhos para a parte de dentro , que ainda mal , porque tanto acharemos que julgar, que examinar , & que condenar. Se nos julgarmos sem paixãõ a nòs, eu vos prometo, que tenhamos tanto que fazer, & tanto que passar , que não nos fique, nem tempo , nem animo para julgar a outrem. Ora Christãos, por reverencia de Deos, pelo que devemos a Christo, pela obrigaçãõ que temos a nossas almas ; que seja o fruto deste Sermaõ temer muito hum juizo temerario , não o juizo, em que somos julgados, que isso não he culpa nossa; mas o juizo, em que nòs julgamos, que he a nossa condenaçãõ. *In quo alterum judicas , te ipsum condemnas*, diz S. Paulo:

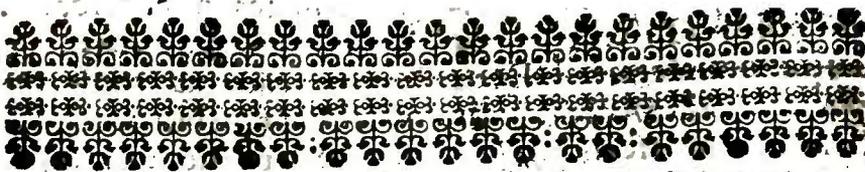
Quando julgamos os outros, condenamos a nòs.

E quan-

E quantos condenados estão hoje no Inferno só por hū juizo temerario! Deos por sua misericordia nos livre de hum escandalo como este tão facil, & tão ordinario, em que tantas ve-

zes tropeça a charidade, em que tão gravemente se embaraço as consciencias, em que tão perigosamente se perde a graça, & com ella a Gloria.





SERMAO

DA TERCEIRA DOMINGA

DO

ADVENTO.

Tu quis es? quid dicis de te ipso? Joan. cap. i.

S. I.

81



Ambem hoje temos juizo, & he já este o terceiro. No primeiro Sermao vimos o juizo de Deos para có os homens: no segundo o juizo dos homens huns para com os outros: neste hoje, que he o terceiro, veremos o juizo de cada hum para comfigo: *Tu quis es? quid dicis de te ipso?* Contem estas pa-

lavras hua proposta, ou embaixada, que fizerao ao Bautista os Sacerdotes, & Levitas, mandados pelo supremo Concelho Ecclesiastico de Hierusalem: quetem dizer: *Tu quis es, Vós quem sois? Quid dicis de te ipso,* Que dizeis de vós mesmo? Esta questao de termino tratar; porque sendo materia gravissima, & de grande importancia em qualquer parte do mundo, em Portugal he ainda

ao presente mais grave, & mais importante.

§. II.

82 **T**U quis es? quid dicis de te ipso? A primeira cousa, em que reparo, he, que estes Embaixadores de hũa pergunta fizeram duas questões: Hiaõ perguntar ao Bautista, quem era; & para isto parece que bastava dizer, Vós quem sois? E elles differaõ, Vós quem sois, & Vós quem dizeis que sois? Tu quis es? quid dicis de te ipso? Ora os Embaixadores não eraõ homens de capa, & espada; senaõ cá do foro da Igreja: *Sacerdotes, & Levitas*; mas elles falláraõ muito discretamente, & entenderaõ o negocio, como quem tinha grandes noticias do mundo. Quando hiaõ saber do Bautista, quem era; perguntaõlhe, Vós quem sois, & Vós quem dizeis que sois; porque os homens, quando testemunhaõ de sy mesmos, hũa cousa he

o que são, & outra cousa he o que dizem. Ninguem ha neste mundo; que se defineva com a sua definição; todos se enganaõ no genero, & tambem nas differenças. Que diferentes cousas são ordinariamente o que dizeis de vós, & o que sois! E o peor he, que muitas vezes não são cousas diferentes: porque o que sois, he nenhũa cousa, & o que dizeis, são infinitas cousas. Nesta materia de vós quem sois, todo o homem mente duas vezes, hũa vez mentese a sy, & outra vez mentenos a nós: mentese a sy, porque sempre cuida mais do que he: & mentenos a nós, porque sempre diz mais do que cuida. Bem distinguiraõ logo os Embaixadores o Tu quis es, do Quid dicis de te ipso; & quando hiaõ perguntar ao Bautista o que era, perguntáraõ o que era, & o que dizia; porque ninguem ha raõ recto juiz de sy mesmo, que, ou diga o que he, ou seja o que diz.

83 Entrou o Anjo Rafael a fallar com o velho Tobias em trajo de caminhante, ou ainda de caminhheiro; & antes de Tobias entregar o filho ao Anjo para aquella peregrinação tão sabida, fezlhe esta pergunta: *Rogo te, indica mihi, de qua domo, & de qua tribu es tu?* Por vida vossa, que me digais, de que familia, & de que tribu sois. A pergunta verdadeiramente era para embaraçar hum Anjo; mas a resposta foi notavel: *Ego sum Azarias Anania magni filius.* Eu sou Azarias filho de Anania o Magno. Como se dissessemos de Carlos Magno, de Pompeo Magno, de Alexandre Magno. Ha tal reposta de hum Anjo! Em Deos ha pay, & filho; nos homens, & nos animais ha pays, & filhos; nas mesmas plantas ha seu modo de geração: só nos Anjos, de todos os viventes do mundo (entrando o creado, & o increado) só nos Anjos não ha geração, nem pay, nem filho. Pois se nos An-

jos não ha geração; se nos Anjos não ha, nem póde haver pay, & filho; como diz o Anjo Rafael, que he filho do grande Ananias? Aposto eu, que estava agora cuidando algué, que para ençarecimento do meu assumpto havia eu de dizer, que em materia de vós quem sois, até os Anjos mentem. Não digo eu esses arrojamentos, este lugar he de verdades solidas. Os Anjos não podem mentir, nem errar (Fallos dos boos.) Mas agora fica a difficuldade mais apertada: Pois se os Anjos não podem entender, nem dizer contra a verdade, como diz o Anjo Rafael, que he filho do grande Ananias? Variamente respondem os Doutores à duvida; eu o farei com hum comparação. Entra hum comediante no teatro representando a Lucifer; & batendo com o Tridente, começa a fulminar blasfemias contra Deos: Entra outro representando a Nero; & tirando a espada, man-

Tob. 5.
16.

Ibid. 18.

manda que eortem cabeças, & que corraõ rios de sangue Christão por Roma : Sae outro representando hum Gentio ; & encontrando hũa estatua de Jupiter, prostrase por terra, bate nos peitos, & offerece incenso. Pergunto agora : Aquelle primeiro homem he blasfemo ? aquelle segundo homem he tyranno ? aquelle terceiro homem he idolatra ? Claro está que não : o primeiro não he blasfemo, ainda que diz blasfemias ; porque elle não he Lucifer, faz figura de Lucifer : o segundo não he tyranno, ainda que manda matar Christãos ; porque elle não he Nero, faz figura de Nero : o terceiro não he idolatra, ainda que se ajoelha diante da estatua de Jupiter ; porque elle não he Gentio, faz figura de Gentio. O mesmo digo do nosso caso. O Anjo não mentio ; nem pode mentir, ainda que disse huma cousa , q̄ pareça alheada verdade ; porque elle não era homem, fazia figura

de homem, & fallou como se o fora.

83 Seja outro Anjo fiador desta minha reposta. Aparecêraõ a Abraham no valle de Mambretres Anjos, hum de maior authoridade, a quem elle adorou, & outros dous menores, que o acompanhavaõ. E como Sara mulher de Abraham fosse esteril, prometeolhe o Anjo principal, que dalli a hum anno, por aquelle mesmo tempo tornaria, se Deos lhe dêsse vida, & que já entã teria Sara hum filho : *Revertens veniam ad te tempore isto, vita comite, & habebit filium Sara uxor tua.*

Quem averà, que não repare naquelle, *vita comite*, se eu for vivo, dito por hũ Anjo ? E não só fallou o Anjo por estes termos hũa vez, senaõ duas : porque pondo Sara duvida à promessa, tornou elle a ratificar a sua palavra, dizendo : *Juxta condictum revertar ad te hoc eodem tempore, vita comite.* Pois se os Anjos por natureza são immortaes,

Genes.
18.10.
14.

taes, & a sua vida por nenhum acontecimento pôde faltar; porque promete este Anjo, não absoluta, senão condicionalmente, que tornará dali a hum anno, se for vivo, *vita comite*? A ração, não só humana, mas Angelica, foi; porque este Anjo, & os outros dous, como declara o Texto, apparecerão a Abraham em figura de homens, *apparuerunt ei tres viri*: & elle os tratou, & elles se deixáráo tratar em tudo como homens, aceitando a sua mesa, & os outros agasalhos da hospedagem. E porque os homens prudentes na cõsideração da incerteza, & contingencia da morte, quando prometem algũa cousa de futuro, acréscetaõ, se Deos me der vida; por isso o Anjo acrescentou a mesma cõdição, *vita comite*, porque não fallava como Anjo, que era, senão como homem, cuja figura representava. Do mesmo modo, & com a mesma, & ainda maior propriedade fallou

o Anjo Rafael na reposta, que deo a Tobias. Faziã figura de homem, & para fazer bem a figura; hũa vez que lhe perguntáráo, Vos quem sois? não havia de dizer, o que era, havia de dizer, o que nam era; & assim o fez: porque nam ha propriedade mais propria dos homens, que perguntados o que são, dizerem hũa cousa, & serem outra. E notai, que vindo o Anjo vestido em hum pelote, & representando hum caminheiro, parece que era mais natural dizer, que era filho de hum layrador, ou de hum pastor daquelles campos; & com tudo não disse senão, que era filho de Ananias o grande, porque não ha homem de pe-tão de pe, nem caminheiro tão caminheiro, que se lhe perguntarem donde vem, não diga que vem do grande Ananias: *Ego sum Ananiae magni filius*.

84 Assim como Tobias ao Anjo, assim perguntáráo hoje os Sacerdotes, & Levitas ao Bautista: *Tu quis*

quis es? E que responderia aquelle grande Varaõ? *Et confessus est, & non negavit: & confessus est: quia non sum ego Christus:* E confessou, & não negou, & confessou, que não era elle o Messias. Em toda a ságrada Escritura não ha tal modo de fallar como este. Repetio o Evágelista tres vezes a mesma affirmacão (dizem os Doutores) porque lhe pareceo, que fora taõ grande cousa confessar o Bautista, que nam era o Messias, que se o differa menos vezes, nem elle se acabára de explicar, né nós acabaramos de o crer. Ora a mim nunca me pareceo esta acção do Bautista taõ grande como a fazem: Que havia de fazer o Bautista, havia de dizer, que era Messias? o Bautista nem o podia cuidar cõ razaõ, nem o podia dizer em consciencia: não o podia cuidar com razaõ; porque elle sábia mui bem, que era do Tribu de Levi, & que o Messias havia de ser do Tribu Real de Judá:

não o podia dizer em consciencia; porque seria pecar na mais grave materia, que ouve nunca no mundo. Pois porque repetem tanto os Evangelistas, & porque exageraõ tanto todos os Santos, & Doutores da Igreja esta acção do Bautista? Porque he taõ natural aos homens cuidarem mais de sy, do que são, & dizerem mais de sy, do que cuidaõ, que não negar o Bautista a razaõ, & nam atropellar a consciencia neste caso, se tem pela maior de todas as façanhas humanas. Que lhe perguntassem a hum homem: *Tu quis es?* E que estivesse em sua mão dizer, que era o Messias, & que o não fizesse! diga-o tres vezes o Evangelista, para que acabe de o crer a fé: *Et confessus est, & non negavit: & confessus est: quia non sum ego Christus.*

§. III.

85 **E**Mfim os Embaixadores se tornáraõ

rao do deserto sem acharem , quem lhe dissesse , que era o Messias. Mas povoado fei eu donde elles não havião de levar a embaixada de balde. Se os Sacerdotes , & Levitas desembarcárao em outras prayas, & vierão pelas casafas mais altas perguntando, *Tu quis es ?* como he certo, que a poucos passos havião de achar o Messias. E aonde ? húa legoa de Belem, sem ser em Palestina. Hum havia de dizer, que elle he o Messias; porque a elle se deve a nossa redempção: *Ipsa veniet, & salvabit nos.* Outro havia de dizer, que elle he o Messias; porque sobre seus hombros carrega todo o peso da Monarchia: *Cujus imperium super humerum ejus.* Outro havia de dizer, que elle he o Messias; porque o seu conselho he o nosso Anjo da guarda: *Et vocabitur magni consilij Angelus.* Outro havia de dizer, que elle he o Messias; porque na sua penna cõsiste a nossa faude: *Et sanitas in*

Isaie
35. 4.

Isaie
96.

Mala-
chiæ 4.
2.

pennis ejus. Outro havia de dizer, q̃ elle he o Messias; porque a paz, que estes annos se gozou, foi fruto da vara de sua justiça: *Erit in diebus ejus justitia, & abundantia pacis.* Outro havia de dizer, que he o Messias; porque elle he o Deos das armas, que com seu valor nos sustenta: *Vocabitur nomen ejus Deus fortis.* Só não havia de haver quem dissesse, que era o Messias, por se apressar aceleradamente a vencer, & tirar despojos: *Voca nomen ejus, accelera, festina, spolia detrahere;* porque ainda que às guerras nos inclinamos com grande valor, às victorias caminhamos com grande madurezã.

86 Por todas estas razões me parece, que havia de haver maior demãda na nossa Corte sobre o Messiado, do que a ouve entre os Apostolos sobre a maioria. E verdadeiramente, que se vem hoje muitas cousãs daquellas, que os Profetas antigamente de-

raão por finais dos tempos do Messias. O Messias, dizem os Profetas, que havia de dar olhos a cegos, pès a mancos, limpeza a leprosos, & vida a mortos: *Tūc saliet sicut cervus claudus, & aperta erit lingua mutorum, &c.* E todos estes milagres vemos em nossos dias. Quantos cegos vemos hoje cõ olhos; quantos mancos, & paralticos postos em pès; quantos aleijados com mãos, & com muita mão; quantos leprosos limpos; & quantos mortos, ou que deverão estar mortos, & sepultados, resuscitados, & com vida? Pois o poder, em cuja virtude se fazem estes milagres, como se ha de negar de Messias? Dizem mais os Profetas, que no tempo do Messias as lanças, & as espadas se cõverterão em fougès: *Conflabunt gladios suos in vomeres, & lanceas suas in falces.* E em tempo, que ou por beneficio da paz presente, ou por esquecimento da guerra futura, as armas,

que se fizerão para ferir, se occupão em segar: em tempo, que as caixas tocão a marchar, & as tropas marchão a recolher; & em que os despojos, que havião de ornar os templos, & armar os almazens cõmuns, enchem os celleiros particulares; como não ha de haver quem se jacte de Messias? Dizem mais os Profetas, que no tempo do Messias, os montes se humilharião, & se encherião os valles: *Omnis vallis implebitur, & omnis mons, & collis humiliabitur.* Oh quantos montes, que em tempos passados tocavam com o cume as Estrellas, se vem hoje, ou já se não vem de humilhados, & abatidos! E quantos valles pelo contrario pouco ha tão humildes, hoje tão levantados, & tão cheos! E a fortuna, que fez estes altibaixos, ou seja desigualdade, ou se chame justiça, como se não ha de ter por fortuna de Messias? Dizem mais os Profetas, que no tempo do Messias vivirião os lobos

Isaie II.
6.7.

bos juntos com os cordeiros, & que o leão, & o boy se sustentariao do mesmo mantimento : *Habitabit lupus cum agno, & leo quasi bos comedet paleas.* Se os lobos não fossem tão fagazes em despintar a pelle, com os olhos se podéra provar hoje o comprimêto desta profecia. Ainda mais que dos lobos, me teméra eu dos leons com palhas na boca. Mas quando ha quem domestique leons a que sejaõ animais de presépio, os authores destas industrias, ou destes milagres, porque não presumirão de Messias?

§. IV.

87 **N**Am ha duvida, que tem grande analogia a nossa era com a do Messias, & que parece podem competir os milagres (não digo os vicios) dos nossos tempos com as felicidades dos seus. Mas pelo mesmo caso, que se parecem tanto, não quizera eu, que a

muita semelhança mal entendida acertára de se nos converter em tentação. E porque não fio tanto de nossa modestia, como da de S Joáo Bautista; saiba cada hum, & desengane-se, por mais que se pinte maravilhofo no seu conceito, que lhe falta para Messias a condiçao principal. E qual he a principal condiçao de Messias? He aquella, com que o definio, & finalou Deos, quando o prometeo a Abraham : *In se-* Gen. 22.
mine tuo benedicentur omnes. No Messias, que nascer de vós, seráo abençoados todos. Se tendes benção para todos, douvos licença, que entreis em presumpçao de Messias: mas se tendes benção para huns, & para outros não, despedivos desse pensamento.

88 Quando o Anjo annunciou à Senhora, que havia de ser mãy do Messias, acrescentou estas palavras: *Da sit illi Dominus Deus sedem David patris ejus, & regnabit in do-*

mo Jacob in eternum. Dar-lheha o Senhor Deos o trono de David seu Pay, & reinarà na casa de Jacob para sempre. Nesta ultima clausula reparaõ com razãõ todos os Interpretes, porque diz o Anjo, que reinarà o Messias na casa de Jacob, & naõ na casa de Abraham, ou na casa de Isac? Se Abraham, & Isac naõ foraõ Reys, tambem Jacob naõ teve Cetro, nã Coroa; antes Abraham foi vencedor famoso de cinco Reys, que em certo modo he mais que ser Rey. Isac, & Abrahãõ eraõ mais antigos que Jacob: & a promessa do Messias foi feita a Abraham, quando acabava de embainhar a espada daquella grande facanha do sacrificio de Isac: pois porque naõ diz o Anjo, que reinarà o Messias na casa de Abraham, ou na casa de Isac, senaõ na casa de Jacob? Vede a razãõ, que he altissima. Na casa de Abraham ouve dous filhos, Isac, & Ismael; mas para Isac ouve ben-

çaõ, para Ismael naõ ouve bençaõ. Na casa de Isac ouve outros dous filhos, Esau, & Jacob; mas ouve bençaõ para Jacob, & naõ ouve bençaõ para Esau. Na casa de Jacob pelo contrario ouve doze filhos; & foi taõ abediçoada aquella casa, que para todos os doze filhos ouve bençam. Por isso pois diz o Anjo, que reinarà o Messias na casa de Jacob, & naõ na casa de Isac, nem na casa de Abraham; porque o Messias naõ he como Abraham, nem como Isac, que tem bençaõ para huns, & para outros naõ: he como Jacob, filho de hum, & neto do outro, no qual se comprio a profecia, & teve bençaõ para todos: *In semine tuo benedicentur omnes.* Sõ quem teve bençaõ para todos os do mundo, foi verdadeiro Messias do mundo: & só quem tiver bençaõ para todos os de hum Reyno, serà verdadeiro Messias delle.

89 Se lançarmos os olhos pelo nosso na mudã-

ça, ou fortuna presente, não me atreverei eu a provar, que todos tem benção, mas que tem benção muitos mais daquelles, que o cuidaó; as mesmas bençoens de Jacob nolo faráo evidente. Chamou Jacob a seus filhos para lhe deitar a bêção a todos antes de morrer; & he notavel a differença de palavras, & comparaçoens, có que fez esta ultima cerimonia. Chegou Judas, & deolhe benção de Leão:

Genel.
429.
17.21.
14.27.

Sedens accubivisti ut Leo: chegou Neptali, & deolhe benção de Cervo: *Neptali Cervus emissus:* chegou Dan, & deolhe benção de Serpente: *Fiat Dan Coluber in via:* chegou Ifachar, & deolhe benção de Jumento: *Iffachar Asinus fortis:* chegou Benjamin, & deolhe benção de Lobo: *Benjamin Lupus rapax.* Valhame Deos, que desigualdade de bençoens, hũas a huns taó altas, & outras a outros taó baixas! A hum benção de Serpente, & a outro de Cervo? A

hum benção de Leão, a outro de Lobo, a outro de Jumento? Sim: & era pay quem as dava, & eraó filhosos que as recebiaó: para que se entenda, que a diversidade das bençoens não argue desigualdade de amor em quem as dá, fenaó differença de merecimentos em quem as recebe. A Judas, que tinha valor, & generosidade, dafelhe bêção de Leão: a Neptali, que tinha presteza, mas não tinha valor, dafelhe benção de Cervo: a Dan, que tinha prudencia, mas tinha peçonha, dafelhe benção de Serpente: a Ifachar, q̄ tinha forças, & não tinha juizo, dafelhe benção de Jumento: a Béjamin, que tinha ousadia, mas junta com voracidade, dafelhe benção de Lobo. Não estão mui bem repartidas as bençoens? Qué traverá que o negue? Mas sabeis porque ninguem está contente com a sua benção? Porque a todos falta o conheciméto do *Tu quis es.* Conheçafse cada hum, & esta-

estarão contentes todos. Conheça o Leão, que he Leão: conheça o Cervo, que he Cervo: conheça a Serpente, que he Serpente: conheça o Lobo, que he Lobo: conheça o Jumento, que he Jumento, & logo estarão contentes. Mas como todos se cegaõ no juizo de sy mesmos, todos querem benção fóra da sua especie.

90 No principio do mundo deitou o Creador a sua benção aos animais, & às plantas: *Benedixit eis*. Disselhes a todos, que crescessem: *Crescite, & multiplicamini*; mas nota a Escritura, que tudo isto foi *Secundum species suas*: cada creatura conforme a sua especie. Contentese cada hum de crescer dentro de sua especie; contentese cada hum de crescer dentro da esfera do talento, que Deos lhe deo; & logo conhecerão todos, que tem benção, cada hum no seu elemento. No ar contentese a Andorinha, com ser Andorinha: & que ma-

ior benção, que poder morar nos Palacios dos Reys? No mar contentese a Ré-mora, com ser Ré-mora: & que maior fortuna, que sendo tamanina, poder ter mão em húa nao da India? Na terra contétese a Formiga, com ser Formiga: & que maior felicidade, que ter o celleiro provido para o Veraõ, & para o Inverno? Mas por todos os elementos se adoce de melancolia; porque nenhum se contenta com crescer dentro da sua especie: a Andorinha quer sobir a Aguia: a Ré-mora quer crescer a Balea: a Formiga quer inchar a Elefante. Porque as Formigas se fazem Elefantes, naõ basta toda a terra para hum formigueiro. Nas plantas temos iguaes exemplos de este engano, & desta verdade. A arvore mais anã he maior que a erva gigante: & com tudo de quantas cousas aqueita o Sol, nenhũa lhe he mais agradecida, que esta erva. Desde que o Sol nasce, atè que se

põem, vai sempre a erva gigante acompanhando o desde a terra, seguindo-o com tanta inclinação, & adorando-o com tanta reverencia, como vemos. Pois erva sinha do campo, q̃ agradecimentos ao Sol são estes? Não vedes tantas arvores, & tantas plantas, que recebem do Sol tanto mais, que vós? pois porque lhe haveis vós de ser a mais agradecida de todas? Porque me meço dentro da minha esfera. Conheço, que sou erva, & acho que ninguem deve mais ao Sol, que eu, porque me fez gigante das ervas. Se cada hum se medira com os compassos da sua esfera, ô quantos se haviaõ de achar gigantes! Porque vos haveis de descontentar da vossa benção, porque haveis de ser ingrato ao Sol, se vos fez gigante das ervas? Nam digo bem: se das ervas vos fez gigante? Oh quantos gigantes ha desagradecidos! Muito he de notar a tristeza de hum Cipreste

em tanta altura! Se o Cipreste lá de cima olhára para o vulgo das plantas, & ainda para a nobreza das arvores, que lhe ficaõ abaixo; elle vivera não só contente, senão ainda soberbo. Mas o Cipreste lá do alto descobre os Cedros do monte Libano, & como vê, que a natureza os fez torres, vive elle descontente de ser pyramide. Como cada hum senão mete, & senão mede dentro da sua esfera, ainda que seja Cipreste, que tantas vezes vê seus troncos sobre os altares, nam pôde viver contente. Não digo, que não trate cada hum de crescer, mas conheça cada hum o que he: *Tu quis es?* & depois creça conforme a sua especie: *Secundum speciem suam.*

191 Desenganemonos, que o crescer fóra da propria especie, não he augmento, he monstruosidade; ao menos benção nam he. Húa das cousas dignas de reparo, que tiveram as bençoens de Jacob a seus filhos,

filhos, foi a benção de Ruben, & de Joseph. A Joseph deolhe Jacob por benção, que crecesse: *Filius accrescens Joseph, filius accrescens*: a Ruben deolhe Jacob por benção, que não crecesse: *Ruben primogenitus meus non crescas*. He possível, que tambem hum *non crescas* se dà por benção! He possível, que tambem pòde ser benção o não crescer! Diga-o a Lua; nenhũa benção se podia dar à Lua mais venturosa, que o não crescer. Porque senão crecéra, não minguará. A quantos tem servido o demasiado crescer, nam de benção, senão de maldição! Mas porque razão em Joseph he benção o crescer, & em Ruben he benção o não crescer? Os procedimentos, & as acçoens do mesmo Ruben, & do mesmo Joseph o digão. O crescer nos que o merecem, he crescimento; o crescer nos que o não merecem, he crecença: & o crescimento he grandeza, a crecença he fealdade. Se

Tom. 7.

podeis crescer por crescimento, crecei com a benção de Deos: *Filius accrescens*: mas se não podeis crescer, senão por crecença, tende por benção o não crescer: *Non crescas*. Conheça cada hum a sua esfera: *Tu quis es*; & acharão todos, ou quasi todos, que tem benção: *In sermine tuo benedicentur omnes*. Com este conhecimento acabaráo de entender, que tem entre sy o verdadeiro Messias, como disse o Bautista: *Medius vestrum stetit quem vos nescitis*: & deixarão de o ir buscar aos desertos, onde o não ha: *Et confessus est, & non negavit, quia non sum ego Christus*.

Ioann. i.
26.

§. V.

92 **D** Esenganados os Embaixadores, de que o Bautista não era o Messias, foram por diante com a questão do *Tu quis es*: & perguntaráo se era ao menos Elias: *Elias est tu?* Sois vós por ventura Elias? As vezes as

Ioann. i.
21.

G iij

me,

menores tentações, principalmente em gente escrupulosa, são mais difficultosas de vencer, que as maiores: mas a contancia do Bautista de todos os modos era invencivel. Assim como à primeira pergunta respondeo, que não era Messias: *Non sum ego Christus*; assim respondeo à segunda, que não era Elias: *Non sum*. Que tem irem se buscar as cousas onde as não ha! Diz o Texto que: *Hæc facta sunt trans Iordanem*: que isto aconteceu da banda da lem do Jordaão. Se vieram os Embaixadores da banda daquem do Tejo, eu vos prometo, que elles achárao a Elias. *Tu quis es? Vós quem sois? Elias es tu*: Sois por ventura Elias? Por ventura? & disso se duvida? pois quem he o Elias senão eu? O meu zelo do bem cômum; o meu zelo da Fé, & da Christandade; o meu zelo do serviço do Rey; o meu zelo da conservação, & augmento da patria. Se ser Elias he isto,

Tb. d. 28.

ninguem he Elias como eu. Ao menos na presumpção eu volo concedo. Sò isso me parece, que tendes de Elias: cuidar que nam ha outro Elias, senão vós. Dizia Elias antigamente: *Zelo zelatus sum pro Domino Deo exercituum, & relictus sum ego solus*. Eu só sou o que zelo a honra de Deos, todos os outros são idolatras, & não tem Deos no mundo mais q a mim. No mesmo dia, em que Elias disse isto, lhe mostrou Deos, que tinha na mesma terra sete mil, que nam dobravão o joelho diante de Baal: *Derelinquam mihi in Israel septem millia virorum, quorum genua non sunt incurvat a ante Baal*. Quando Elias cuida, que não ha outro Elias no mundo, como elle, ha quando menos sete mil. Cuidais que sois hum homem unico, & não só sois homem de duzias, senão de milhares, ou de milheiros: ha sete mil como vós, & pòde ser que melhores.

3. Reg. 19. 14

3. Reg. 19

23 Não se queixará
Elias

E'ias de lhe medirmos o seu espirito pela sua capa, pois elle assim o fez. Ora cotejemos a capa de Elias com outra doutro Profeta, quasi do mesmo nome, (Ahias) & verà Elias, o que se reputa por unico, quanto vai de capa a capa, de espirito a espirito, & de zelo a zelo. Encontrou-se hũa vez Ahias com Jeroboam (entaõ era criado de Salamaõ, & não Rey) & trazia o Profeta naquelles dias hũa capa nova: *Pallium suum novum*, diz o Texto. Para que não cuideis, que he malicia reparar na novidade das capas; o mesmo Espirito Santo Author das Escrituras, repara nestas novidades. Emfim Ahias tirou a sua capa nova dos hombros, puxou logo de hũas tisouras, cortou hũa vez, cortou outra, atè onze vezes, com que ficou a capa dividida em doze partes: & disse, que do mesmo modo se dividiria o Reyno de Salamaõ em doze Tribus, dos quaes os dez seriaõ de

Jeroboam: *Ecce ego scindam Regnum de manu Salomonis, & dabo tibi decem Tribus.* Assim o disse o Profeta, & assim foi; porque o Reyno dos doze Tribus se dividio em Reyno de Israel, & Reyno de Judà. Mas vamos à capa. De maneira que Ahias antes da divisaõ dos Reynos tinha a sua capa muito nova, & muito sãa, depois que os Reynos se dividiraõ anda com a capa feita em retalhos. Oh quantos vemos vestidos hoje com o aveço da capa de Ahias! antes da divisaõ dos Reynos traziaõ a capa em retalhos, depois que os Reynos se dividiraõ, trazem hũa capa muito nova, & muito sãa. Pois por certo, que esta era a occasiaõ, em que as capas se haviaõ de fazer em retalhos: hum retalho para cobrir o soldado, que anda despido; outro retalho para vestir o orfaõ, cujo pay morreo pelejando na campanha; outro retalho para fazer hũa mantilha à viuva, que por

zelo da patria chegou a tirar o manto, por não faltar à decima. Que diz agora Elias? *Quid dicis de te ipso?* Cortastes algũ dia algum retalho da vossa capa? Tirastes algum fio della? Calçar. Eis ahi os vossos zelos. Mas vamos aos nossos.

94 Já eu me contentára com que os nossos zelosos, ou zeladores fossem como Elias. Todos dizem, daremos as capas, mas o menos avarento he o que guarda só a sua. Quando Elias se partio para o outro mundo, não teve de que testar mais, que da sua capa, que deixou a Eliseo. Se Deos hoje quizesse levar para o Paraíso-terreal alguns dos valentes Elias do nosso Carmelo, para depois pelejarem com o Ante-Christo; eu vos prometo, que se quizessem fazer bem, & verdadeiramente seu testamento, que haviaõ de testar de ameta-de das capas do lugar. E entao muito comidos, & muito carcomidos do zelo: *Zelus domus tuæ come-*

dit me! Vós estareis comidos do zelo, mas estais muito bem comidos. Ha huns a quem o zelo come, & ha outros, que comem do zelo. E por onde se haõ de conhecer huns, & outros? Tomandolhe as medidas pela cintura. Se o zelo vos come a vós, a vossa sustancia convertese em zelo; & se vós comeis do zelo, o vosso zelo convertesevos em sustancia. Oh quantos zelosos ha, que todo o seu zelo se lhe converte em sustancia! Tomemse as medidas, como dizia Roboam; & acharseha, que sois mais grosso hoje pelo dedo meminho, do que ereis antigamente pela cintura. Bom proveito vos faça o zelo, que tao bem se vos logra: final he que o comeis vós a elle, & não elle a vós. Mas, ou o vosso zelo coma, ou jejue (que me não quero meter nisso;) ao menos venhamos a hum partido. Se o zelo não ha de comer, jejue em todos, & se ha de comer, coma de todos: seja

seja o vosso zelo com vosco, & com os vossos, como com os demais, & não haverà quem se queixe delle.

95 Zelofo Elias contra os peccados do povo, chegou a tal extremo, que disse estas palavras: *Vivit Dominus, in cujus conspectu sto, sicut ros, aut pluvia.* Vive Deos, em cuja presença estou, que nam ha de chover do Ceo, nem cair hũa gota de orvalho sobre esta mà terra. Assim o jurou Elias, & assim o comprio, porque tres annos inteiros estiveram os Ceos como se fossẽm de bronze, sem os abrandarem, nem os clamores dos homens, nem os balidos, & mugidos dos animais innocentes, que pastavaõ pelos campos, & perenciaõ de sede. Secáraõse as fontes, secáraõse os rios, & atẽ as lagrimas se secáraõ: sendo circumstancia cruel de calamidade, não poderem chorar o mal os mesmos que o padeciaõ. Tudo isto via Elias podendo-o reme-

diar facilmente; porque Deos lhe entregára na maõ as chaves das nuvens, mas hia o rigor por diante. Tudo estava seco, mas as entranhas de Elias mais que tudo. Que se portasse com este rigor hum Profeta, não me espanto; que a quẽ conhece bem a graveza dos peccados, todo o castigo, que não he o eterno, lhe parece muito pouco. O que me espanta he, que soffressem os homens a Elias. He possivel, que se ha de estar abrazando o mundo, & que tenha Elias em sua maõ o remedio, & que o não queira dar! He possivel, que se esteja abrazando o mundo, & que nam querendo Elias dar o remedio, que tem em sua maõ, que soffraõ os homẽs a Elias? Sim: Sabeis porque o soffriaõ? Porque ainda que Elias tinha as chaves, tanto fechava as fontes para sy, como para os demais. Os outros estavaõ necessitados, & Elias andava mendigando; os outros estavaõ a põto de morrer, & Elias

& Elias vivia de milagre ; os outros secavaõse à fede, & Elias abrazava-se, & mirrava-se. Isto sim, que he ser zeloso. Mas que na vossa casa corraõ as fontes , & que nas outras se seque ! Que sobre as vossas seáras chovão as nuvens a rios, & que sobre as outras fira o Sol a raios ! Isto não he zelo. Se o tempo pede que haja Sol, seque-se todos : *Qui solem suum oriri facit super bonos, & malos.* E se he razão que haja chuva, molhem-se todos : *Qui pluit super justos, & injustos.* E se o mesmo zelo distar , q̄ entre os máos, & bons, entre os justos, & os injustos haja differença ; haja differença , mas seja qual conven : o mal carregue para os máos, mas seja para todos os máos : & o bem incline para os bons, mas seja para todos os bons. Esta he a cõdição do verdadeiro zelo. *Dura sicut infernus æmulatio* : diz o Espirito Santo : que o zelo he como o Inferno. Notavel cõparação ! O zelo hũa virtu-

de tanto do Ceo ha de cõpararse ao Inferno ? Sim : não conheceis as virtudes do Inferno. Sabeis porque se compára o zelo ao Inferno ? Porque o Inferno he hum fogo, que a nenhũ bom offende, & a nenhum máo perdoa Mas o fogo do vosso zelo não he assim : entre os máos té seus predestinados, a quem nao toca , & entre os bons tem seus precitos, a quem abraza. Oh rigor mais que infernal ! Não vos digo já , que sejais como os Santos do Paraíso : ao menos nam fereis como o fogo do Inferno ? E entao muito prefados de Elias ! quando muito tereis a sua capa. Elias foyse para o Ceo , & deixou a Eliseo a sua capa. O zelo foyse, & ficou a capa do zelo. E quantas maldades se cometem debaixo desta honrada capa !

96 Levou Deos hum dia em espirito ao Profeta t zechiel a Hierusalem ; & o que vio o Profeta foi hũa parede , ou fachada , em que estava hum idolo do zelo :

Matth.
5.45.

Cant 8.
6.

zelo: *Et ecce idolum zeli in ipso introitu.* Cuidas tu Ezechiel, diz Deos, que não ha aqui mais, que o q̄ apparece; ora rompe essa parede, & verás. Rompeo a parede Ezechiel, entrou, & vio hũa casa, em que estavaõ pintadas pelas paredes cobras, lagartos, basiliscos, serpentes, & outros monstros horriveis, & no meyo setenta homens de cans, que com turibulos na mão os incensavaõ: *Et septuaginta viri de senioribus domus Israel, stantium ante picturas, & unusquisque habebat, thuribulum in manu sua.* Adiãte, diz Deos a Ezechiel, Passa Ezechiel outra parede: *Et ecce sedebant mulieres plangentes Adonidem:* & vio muitas mulheres assentadas, que estavaõ chorãdo por Adonis. Sabida he a fabula, ou a historia de Adonis, & as gentilidades, que nasceraõ de sua gentileza: & por este estavaõ chorando vestidas de luto, & desgrenhadas. Por diante, Ezechiel, diz Deos terceira vez. Pas-

sa Ezechiel a terceira parede: *Et ecce quasi viginti quinque viri dorsa habentes contra templum Domini: & vio vinte & cinco homens, que estavaõ com as costas viradas para o Templo do Senhor: Et facies ad Orientem, & adorabant ad ortum solis:* E todos estavaõ com os olhos postos no Oriente, & com os joelhos em terra adorando ao Sol, que nascia. Eis aqui o que Deos mostrou a Ezechiel, & o que passa no mundo, ainda que se não veja. Se olhares aos homens para as primeiras paredes, nam vereis mais, que hum idolo do zelo: taõ zelosos, & taõ zeladores, que parecem huns idolatras do zelo: mas detras dessa parede do zelo, que he o que se faz? Huns estaõ chorando por Adonis: outros estaõ adorando o Sol, que nasce: outros estaõ incensando Altares prohibidos; & muitos ainda mal com as costas viradas para o Templo de Deos. Por fóra nam ha mais que zelo. mas dentro

tro ha cobras, & lagartos; ha basiliscos, & serpentes; ha monstros, & monstrosidades; ha coufas, que estão fechadas a tres paredes. Elias por fóra, idolatrias por dentro. Se ouvesse quem rompesse paredes, ó quantas coufas havia de ver o mundo! Este he o zelo, estes saõ os zelosos, estes saõ os Elias: *Elias es tu.*

§. VI.

97 **O**Uvida a resposta do Bautista, que não era Elias, instãraõ terceira vez os Embaixadores, & perguntãraõ: *Propheta es tu?* Já que não sois Elias, ao menos sois Profeta? A esta pergunta respondeo o Bautista ainda mais secca, & mais abreviadamente: *Non: Naõ.* Já sabeis, que haremos de fazer a mesma pergunta na nossa terra. *Propheta es tu? quid dicis de te ipso?* Vòs, que tantas coufas dizeis de vòs, sois tambem Profeta? *Propheta, & plusquam Propheta.* Os

vossos discursos saõ vaticinios: as vossas proposições saõ revelaçoens: os vossos dictames saõ profecias: os vossos futuros naõ tem contingencia: o que succede depois he tudõ o que dissestes antès: tendes intelligencias na secretaria do Espirito Santo: naõ se decreta là coufa, que se naõ registe primeiro com vosco. Basta isto? Ainda tendes mais. Se se tratam materias de estado, sois hũ Profeta Daniel: se se trataõ materias de guerra, sois hum Profeta Isaías: se se tratão materias de mar, sois hum Profeta Jonas: se se trataõ materias Ecclesiasticas, sois hum Profeta Ezechiel: se fazeis advertencias aos Reys, sois hum Profeta Nathan: se chorais as calamidades do povo, sois hum Profeta Jeremias: se pedis focorros ao Ceo, sois hum Profeta Baruc: & se tendes algum interesse, como tendes muitos, sois hum Profeta Balam. Muitas graças sejam dadas a Deos, que nos deo

tantos Profetas na nossa idade. Não debalde estão pronosticadas tantas felicidades ao nosso Reyno. Não poderà elle deixar de ser muito glorioso, tendo dentro em sy tantos, & taes Profetas. Christo Senhor nosso nasceo entre dous animais, morreo entre dous ladroens, & transfigurouse entre dous Profetas: entre dous animais esteve pobre; entre dous ladroens esteve crucificado; entre dous Profetas esteve glorioso. Tenhaõ os Reys, Profetas ao lado, & elles teraõ seguras as suas glorias. Mas que Profetas? Moyse, & Elias: hũ morto, outro vivo, mas ambos do outro mundo. Ora já que importa tâto ao Reyno o ter Profetas; examinemos o *Propheta es tu*, & vejamos por onde se haõ de conhecer os verdadeiros Profetas.

98 Primeiramente advirto, que os Profetas não se haõ de conhecer, nem avaliar pelo numero. Ainda que sejam mais os que

dizem hũa cousa, nem por isso se haõ de ter por Profetas. Ouvi hũa grande historia do terceiro livro dos Reys. Havêdo tres annos, que El Rey Acab estava em paz com todas as naçoens visinhas, entrou em pensamento se iria fazer guerra a El Rey de Siria, o qual lhe tinha tomado a Cidade, & terras de Ramoth Galaad. Para isto chamou Conselho de Profetas, & diz o Texto sagrado, que se ajuntarão quatrocentos Profetas: *Congregavit Rex Israel Prophetas, quadringētos circiter viros*. A proposta foi esta: *Ire debeo in Ramoth Galaad ad bellandum, an quiescere?* Devo ir fazer guerra a Ramoth Galaad, ou aquietarme? E a razão da proposta era: *An ignoratis quòd nostra sit Ramoth Galaad, & negligimus tollere eam de manu Regis Syria?* Que as terras de Ramoth erão daquella Coroa, & que parecia negligencia não as recuperare da mão dos Sirios. Ouvi-
da

3. Reg
22.6.

1bid. 3.

da a proposta, & a razão della, responderão todos os Profetas a hũa voz, que se fizesse a guerra, q̄ Deos daria a Sua Magestade victoria: *Ascende, & dabit eam Dominus in manu tua.*

Ibid. 6.

Com este bom anuncio dos Profetas resolveo Acab de fazer a guerra; mas para entrar nella com vantagem, pedio a ElRey Josaphat seu confederado, que o quizesse ajudar na empresa. Disse Josaphat, que sim: mas que se ouvesse algum Profeta do Senhor, folgaria que o consultassem tambem. Respondeo Acab, que alli havia hum Micheas, homem, a-quê elle aborrecia muito, porque sempre lhe fallava contra o gosto, & nũca lhe profetizara bem:

Ibid. 8.

Remansit vir unus, sed ego odi eum, quia non prophetat mihi bonum, sed malum. Levouse logo recado a Micheas, que viesse, & diz o Texto, que o que deo o recado disse a Micheas, que supposto que ElRey tinha quatroçétos Profetas, que

lhe aconselhavaõ a guerra, que fosse elle tambem da mesma opiniaõ, & que fallasse ao gosto: *Sit sermo tuus similis eorum, & loquere bona.* Que responderia Micheas? O que deve fazer em semelhantes casos todo homem devem: *Vivit Dominus, quia quodcũque mihi dixerit Dominus, hoc loquar.* Vive Deos, que não hey de dizer outra cousa, senam o que o mesmo Deos me inspirar, & o que entender em minha consciencia.

99 Finalmente chegou Micheas à presença dos Reys: propozselhe o caso: respondeo, q̄ se nam fizesse a guerra, porque se havia de perder o Rey, & o exercito. Notavel encôntro de Profetas! Que vos parece, que devia fazer Acab neste caso, por hũa parte quatrocentos Profetas, que aconselhavaõ, que fizesse a guerra, & por outra hum Profeta, dizendo que a não fizesse? Resolveo ElRey Acab o que elle aconselhara nas circũstancias

stancias presentes, ainda que fora da opiniaõ de Micheas. Mandou, que se fizesse a guerra; & isto por tres razoens. Primeira, porque havia muitos annos, que estava em paz com todos os Principes visinhos: & quando as armas estaõ desembaraçadas, & ociosas, he bem que se empreguem nas gloriosas empresas. Segunda, porque as terras de Ramoth Galaad pertenciaõ à sua Coroa: & as terras da Coroa haõ de fazer os Reys o possivel, & o impossivel, porque naõ estejaõ em mãos de inimigos. Cada torraõ das terras conquistadas, se se espremer, ha de deitar muito sangue de vassallos, & o que custou este preço, naõ se ha de dar por nenhum preço. Terceira, & principal razao, porque ainda que as razoens de Micheas fossem boas, estavaõ pela outra parte quatrocétos Profetas, a quem parecia o contrário: & nas materias publicas he bem, que se con-

formem os Reys, quanto puder ser, com o sentimento cõmum. Sõ por esta ultima razao (quando nam ouvera outras) aconselhãra eu a Acab, que nas circunstancias presentes fizesse a guerra: & isto ainda depois de ouvir a Micheas, em cujo parecer naõ avia risco; porque os dictames praticos devem se mudar todas as vezes, que se mudaõ as circunstancias. O Medico, conforme os preceitos da arte, manda que se corte o braço encancerado, porque se salve o corpo; mas se o enfermo repugna, & nam se acõmoda, tem a medicina outro dictame pratico, cõ que manda aplicar remedios menos violentos, ainda que sejaõ menos seguros. Conforme a este dictame seguiu El Rey Acab o parecer dos quatrocétos Profetas, resolveo que se fizesse a guerra: tocaõse as trombetas, marcha o exercito, dáse a batalha sobre Ramoth: mas a poucas horas de peleja ficou o exer-

exercito desbaratado, & Acab perdido. Notavel caso! Vede como são diversos os successos, & os juizos humanos; & a differença que vai de Profetas a Profetas. De hũa parte estavaõ quatrocentos Profetas, da outra parte estava hum só Profeta: o Rey inclinou para a parte, onde estavaõ quatrocentos, & o successo cahio para a parte, onde estava hũ. Por isso digo, que as profecias não se haõ de julgar pelo numero. As profecias chamãose na Escritura peso: *Onus Ninive, Onus Assyria, Onus Egypti*. Peso de Ninive, quer dizer, profecia de Ninive; peso de Assiria, quer dizer, profecia de Assiria; peso de Egypto, quer dizer, profecia de Egypto. Os Profetas haõse de pesar, não se haõ de contar. Os quatrocentos Profetas contados eraõ mais que Micheas, Micheas pesado era mais que os quatrocentos.

§. VII.

100 **S**UPPOSTO pois q
 Os Profetas se
 não haõ de conhecer pelo
 numero, por onde se haõ
 de conhecer? Por tres cou-
 sas: pelos olhos; pelo co-
 ração; & pelos successos.
 Conhecemse os verdadei-
 ros Profetas pelos olhos,
 porque o ver he o funda-
 mento do profetizar. Os
 Profetas na Escritura cha-
 mãose *Videntes*: os que
 vem. Sõ os que vem são
 Profetas. Assim como a
 mais nobre profecia sô-
 brenatural consiste na vi-
 saõ: assim a mais certa pro-
 fecia natural consiste na
 vista. Sõ quem vio pôde
 profetizar naturalmente
 com certeza. E a razaõ he
 muito clara. A profecia
 humana consiste no verda-
 deiro discurso; o discurso
 verdadeiro não se pôde fa-
 zer sem todas as noticias;
 & todas as noticias sô as
 pôde ter quem vio com os
 olhos. Nenhũa cousa ouve
 mais assentada na antigui-
 dade,

dade, que ser inhabitavel a Zona torrida : & as razoés, com que os Filozofos o provavaõ, erão ao parecer tão evidentes, que ningué havia, que o negasse. Descobrirão finalmente os Pilotos, & marinheiros Portuguezes as costas da Africa, & da America, & foubérão mais, & filosofáraõ melhor sobre hum só dia de vista, que todos os Sabios, & Filozofos do mundo em cinco mil annos de especulação. Os discursos de quem não vio, são discursos: os dictames de que vio, são profecias.

101 O outro final da profecia he o coração; porque conforme cada hum tem o coração, assim profetiza. Os antigos quando querião pronosticar o futuro, sacrificavão os animais, consultavãolhe as entranhas, & conforme o que vião nellas, assim pronosticavaõ. Não consultavão a cabeça, que he o assento do entendimento, senão as entranhas, que he o lugar do amor; porque

naõ pronostica melhor quem melhor entende, senão quem mais ama. E este costume era geral em toda Europa antes da vinda de Christo, & os Portuguezes tinhão hũa grande singularidade nelle entre os outros gentios. Os outros consultavão as entranhas dos animais, os Portuguezes consultavão as entranhas dos homens. Assim o diz Strabo no livro terceiro: *Lusitanis vetus mos erat ex intestinis hominum exta*

Strab.
lib. 3.

prospicere, atque inde omina, & divinationes captare. Era costume dos antigos Portuguezes (diz Strabo) consultar as entranhas dos homens, que sacrificavão, & dellas conjecturar, & adivinhar os futuros. A superstição era falsa, mas a allegoria era muito verdadeira. Não ha lume de profecia mais certo no mundo, que consultar as entranhas dos homens. E de que homens? De todos? Não: Dos sacrificados. As entranhas dos sacrificados eraõ as que consultavaõ os

antigos : primeiro faziam o sacrificio, então consultavaõ as entranhas. Se quereis profetizar os futuros, consultai as entranhas dos homens sacrificados : consultemse as entranhas dos que se sacrificárão , & dos que se sacrificão ; & o que ellas differem, isso se tenha por profecia. Porém consultar entranhas de quem não se sacrificou, nem se sacrificou, nem se ha de sacrificar ; he não querer profecias verdadeiras : he querer cegar o presente, & não acertar o futuro.

102 O ultimo final de conhecer os Profetas, são os successos. No Deuteronomio prometeo Deos a seu Povo , que lhe daria Profetas ; & o final que lhe deo para os conhecer, foi só este : *Hoc vobis signum : quod Propheta prædixerit , & non evenerit , hoc Dominus non est locutus.* Quando duvidares de algum se he Profeta, ou não , observareis esta regra : Se o que elle differ antes , succeder depois, tende-o por verda-

Deut.
18.22.

deiro Profeta : mas se o que elle differ não succeder, tende-o por Profeta falso. Não póde haver final, nem mais facil , nem mais certo. Sabeis a quaes haveis de ter por Profetas? Sabeis de quaes haveis de cuidar, que acertaráõ com os futuros ? aquelles de quem tiveres experiencia, que tudo, ou quasi tudo, o que disseraõ antes, veyo a succeder depois. Este dictame seguiu Faraõ com Joseph ; Nabucodonosor com Daniel ; & todos os Principes prudentes com seus conselheiros. Mas assim como ha Profetas de antes, assim ha Profetas de depois. Ha muitos mui prezados de Profetas, que depois de acontecerem os máos successos, então profetizão pelo arrependimento, o que fora melhor ter profetizado antes pelo discurso. Este foi hum dos tormentos da Payxão de Christo. Atáraõ a Christo hum pano pelos olhos, davaõlhe com as mãos sacrilegas na sagrada cabe-

ça, & diziaõ por escarneo, que profetizasse quem lhe dera: *Prophetiza nobis Christe, quis est qui te percussit*. Profetizar depois de levar na cabeça, he profecia de quem tem os olhos tapados: he escarneo da Payxão de Christo. Não haveis de profetizar quem vos deo, senão quem vos póde dar; porque he melhor reparar os golpes, que curalos: & se o successo mostrar, que a profecia foi certa, a quem a disser tende-o por Profeta: *Propheta est tu*.

§. VIII.

103 **C**ANÇADOS finalmente os Embaixadores de lhes responder o Bautista; que não era Messias, nem Elias, nem Profeta; pediraõlhe finalmente; que pois elles nam acertavaõ a perguntar, lhes dissesse elle quem era. A esta instancia não pode deixar de deferir o Bautista. E que vos parece, que responderia? *Ego sum vox*

clamantis in deserto: Eu sou hũa voz, que clama no deserto. Verdadeiramente não entendo esta resposta. Se os Embaixadores perguntáraõ ao Bautista o que fazia, então estava bem respondido, com a voz, que clamava no deserto; porque o que o Bautista fazia no deserto, era dar vozes, & clamar: mas se os Embaixadores perguntavaõ ao Bautista que era, como lhe responde elle o que fazia? Respondeo discretissimamente. Quando lhe perguntavaõ quem era, respondeo o que fazia; porque cada hum he o que faz, & não he outra cousa. As cousas definem-se pela essencia: o Bautista definiuse pelas acçoës: porque as acçoens de cada hum são a sua essencia. Definiose pelo que fazia, para declarar o que era.

104 Daqui se entenderá hũa grande duvida, que deixámos atras de poderar. O Bautista perguntado se era Elias, respondeo, que não era Elias: *Non*

sum. E Christo no Capitulo onze de S. Matheos disse, que o Bautista era Elias: *Joannes Baptista ipse est Elias*. Pois se Christo diz, que o Bautista era Elias, como diz o mesmo Bautista, que não era Elias? Né o Bautista podia enganar, nem Christo podia enganarse: como se hão de cõcordar logo estes Textos? Muito facilmente. O Bautista era Elias, & não era Elias: não era Elias, porque as pessoas de Elias, & do Bautista erão diversas: era Elias, porque as acçoens de Elias, & do Bautista erão as mesmas. A modestia do Bautista disse, que não era Elias, pela diversidade das pessoas: a verdade de Christo affirmou, que era Elias, pela uniformidade das acçoens. Era Elias, porque fazia acçoens de Elias. Quem faz acçoens de Elias, he Elias: quem fizer acçoens de Bautista, serà Bautista: & quem as fizer de Judas, serà Judas. Cada hum he as suas acçoens, & nam he

outra cousa. Oh que grande doutrina esta para o lugar em que estamos! Quando vos perguntarem quem sois, não vades revolver o nobiliario de vossos avõs, ide ver a matricula de vossas acçoens. O que fazeis, isso sois, & nada mais. Quando ao Bautista lhe perguntárao quem era, não disse que se chamava João, nem que era filho de Zacharias: não se definiu pelos pays, nem pelo apelido. Só de suas acçoens formou a sua definição: *Ego vox clamantis*.

105 Muito tempo ha, que tenho dous escandalos contra a nossa Gramatica Portugueza nos vocabulos do nobiliario. A Fidalguia chamãolhe calidade, & chamãolhe fangue. A calidade he hum dos dez predicamentos, a que reduziraõ todas as cousas os Filozofos. O fangue he hú dos quatro humores, de que se compoem o temperamento do corpo humano. Digo pois, que a chamada fidalguia nam he sómen-

mente calidade, nem sómente fangue; mas he de todos os dez predicamentos, & de todos os quatro humores. Ha fidalguia, que he fangue, & por isso ha tantos sanguinolentos: ha fidalguia, que he malencolia, & por isso ha tantos descontentes: ha fidalguia, que he colera, & por isso ha tantos mal sofridos, & infofríveis: & ha fidalguia, que he fleima, & por isso ha tantos que prestaõ para taõ pouco. De maneira, que os que adoecem de fidalguia, não sólle pecca a enfermidade no fangue, senão em todos os quatro humores. O mesmo passa nos dez predicamentos. Ha fidalguia, que he sustancia; porque algũs não tem mais sustancia, que a sua fidalguia: ha fidalguia, que he quantidade; são fidalgos, porque tem muito de seu: ha fidalguia, que he qualidade; porque muitos não se põde negar, são muito qualificados: ha fidalguia, que he relação; são fidalgos por

certos respeitos: ha fidalguia, que he paixão; são apaixonados de fidalguia: ha fidalguia, que he *ubi*; são fidalgos, porque occupaõ grandes lugares: ha fidalguia, que he sitio; & desta casta he a dos Titulos, que estão assentados; & os outros em pè: ha fidalguia, que he habito; são fidalgos, porque andaõ mais bem vestidos: ha fidalguia, que he duração; fidalgos por antiguidade. E qual destas he a verdadeira fidalguia? Nenhúa. A verdadeira fidalguia he Acção. Ao predicamento da acção he que pertence a verdadeira fidalguia. *Nam genus, & proavos, & quæ non fecimus ipsi, vix ea nostra voco*, disse o grande Fundador de Lisboa. As acçoens generosas, & nam os pays illustres, são os que fazem fidalgos. Cada hum he suas acçoens, & não he mais, nem menos, como o Bautista: *Ego vox clamantis in deserto.*

Ulysses
apud Ovidium
Metam.

S. IX.

106 **D**Esta doutrina tão verdadeira, & desta ultima conclusão do Bautista, tiro dous documentos, com que acabo: hum politico, outro espirital. Digo politicamente, que nas acçoens se hão de fundar as eleiçoens: Digo espiritalmente, que nas acçoens se devem segurar as predestinaçoens. As eleiçoens ordinariamente fundão se nas geraçoens, & por isso se acertaõ taõ poucas vezes. Não nego, que a nobreza, quando està junta com talento, deve sempre preceder a tudo; mas como os talentos Deos he o que os dà, & naõ os pays; naõ se devem fundar as eleiçoens nas geraçoens, senão nas acçoens. Este dictame he o verdadeiro em todo o tempo, & muito mais no presente. No tempo da paz pôde se soffrer, que se dem os lugares às geraçoens; mas no tempo da guerra, naõ se haõ de dar senão às acçoens. Vio o

Profeta Ezechiel no primeiro Capitulo das suas revelaçoes aquelle carro misterioso, porque tiravaõ quatro animais, Homem, Leão, Boy, & Aguia: no Capitulo decimo tornou a ver o mesmo carro com os mesmos animais, mas com a ordem trocada; porque na primeira visãõ tinha o primeiro lugar o Homem; na segunda visãõ tinha o primeiro lugar o Boy. Notavel mudança! Que o Homem na primeira visãõ se anteponha ao Leão, à Aguia, & ao Boy, muito justo; porque o fez Deos senhor de todos os animais: mas que o Boy, que foi criado para o trabalho, & para o arado, se anteponha a tres cabeças coroadas: ao Homem, Rey do mundo, ao Leão, Rey dos animais, à Aguia, Rainha das aves! Sim: a razão literal, & a melhor, que dão os Expositores, he esta. Na primeira visãõ estava o carro detrás do Templo; na segunda visãõ sahio o carro à campanha: *Egressa est gloria*

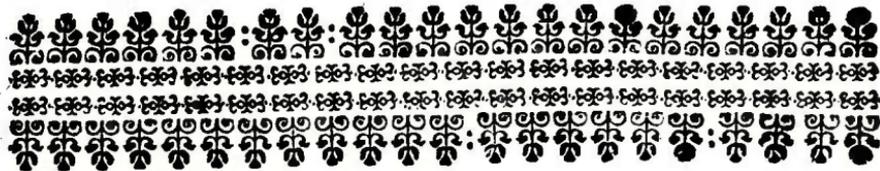
ria Domini de limine Templi: & quando o carro está quieto, dese embora o primeiro lugar a quem melhor he, mas quando o carro caminha, hase de dar o primeiro lugar a qué melhor puxa: & porque o Boy puxava melhor, que o Homem, por isso se deo o primeiro lugar ao Boy. Quando o carro estiver no templo da paz, demse embora os lugares a quem melhor for; mas em quanto o carro estiver na campanha, hamse de dar os lugares a quem melhor puxar.

107 E assim como politicamente he bem, que nas acçoens se fundem as eleiçoens, assim espiritualmente digo, que nas acçoens se haõ de segurar as predestinaçoens. S. Pedro na Epistola segunda: *Fratres satagite, ut per bona opera certam vestram vocationem, & electionem faciat*. Irmãos meus (diz S. Pedro) trabalhai cõ grande diligencia de fazer certa a vossa vocação, & predestinação por meyo das

vossas acçoens. Se perguntarem a hum homem: *Tu quis es?* Quanto ao temporal, em qualquer materia póde responder cõ certeza: se perguntarem a hũ homem: *Tu quis es?* Quanto ao espiritual, ninguem ha no mundo, que possa responder a esta pergunta. Cada hum de nós espiritualmente he o que ha de ser: o que ha de ser cada hum; ninguem o sabe: & assim ninguem ha, que possa responder com certeza à pergunta: *Tu quis es?* A maior miseria, a maior perplexidade, a maior afflicção de espirito, que ha na vida humana, he saber hum homem, que ha de ser, ou eternamente ditoso, ou eternamente infelice, & naõ saber qual destas duas ha de ser: naõ saber hum homem se he precito, ou se he predestinado. A este maior de todos os cuidados, a esta maior de todas as perplexidades acode S. Pedro com o unico remedio, que ella pode ter: *Satagite, ut per vestra*

bona opera certam vestram electionem faciatis. Se que-
reis ter segurança de vossa
predestinação, a maior q̄ se
revelação se póde ter nes-
ta vida; appellai para vos-
sas acçoens, & vossas boas
obras: fazei obras boas, &
estai moralmente seguros,
que sois predestinados.
Este he o verdadeiro en-
tendimento das palavras
de S. Pedro: & assim as ex-
plica S. Thomás, & todos
os Theologos. Oh que fe-
licidade tão grande, que
tenhamos nas nossas obras
hum seguro de nossã pre-
destinação! Na outra vida
hanos de pagar Deos as
boas obras com a posse da
gloria: nesta vida já no las
começa a pagar com a se-
gurança della. Ora Chri-
stãos, já que nas nossas ac-

çoens, já que nas nossas
obras estã depositado hum
thesouro tão grande, não o
percamos. *Satagite*, traba-
lhemos por segurar nossa
predestinação. Aplique-
monos muito de veras à
observancia dos preceitos
divinos: rompamos por
tudo o que nos póde ser es-
torvo, & impedimento:
conheçamonos, & conhe-
çamos o mundo, & seus
enganos: quebrems com
hũa grande resolução os
laços, & as cadeas, que nos
detem, quaesquer que se-
jão: convertamonos de
todo coração a Deos: *dis-*
ponhamonos com todas as
forças para receber sua
graça, & seguremos para
sempre o premio da Glo-
ria.



S E R M A M

DA QUARTA DOMINGA

DO

A D V E N T O.

Factum est verbum Domini super Joannem, & venit in omnem regionem Jordanis, predicans baptismum penitentiae in remissionem peccatorum. Luc. 3.

§. I.

S Em que eu odiga está dito por sy mesmo, que avemos de ter hoje o quarto juizo. No primeiro Sermão vimos o juizo de Deos para com os homens: no segundo vimos o juizo dos homens para com os outros: no terceiro vimos o juizo

de cada hum para com sy mesmo. Mas qual será o quarto, & ultimo juizo, que nos resta hoje para ver? Nem he juizo de sy mesmo, nem he juizo dos homens, nem he juizo de Deos: he o juizo destes tres juizos. Todos os tres juizos, que vimos, vem hoje chamados a juizo. Levanta neste Evangelho o Bautista o tribunal supremo

mo da Penitencia: *Prædicans baptismum penitentiae in remissionem peccatorum*: & affenta-o com grande propriedade, & misterio nas ribeiras do Jordão: *In omnem regionem Iordanis*; porque Jordão quer dizer: *Fluvius Iudicij*: o Rio do Juizo. A versê nas águas desterio, a presentarse diante deste tribunal vem hoje os tres juizos, cada hum por suas causas. O juizo de sy mesmo vem por sospeição; porque o damos por suspeito: o juizo dos homens vem por agravó; porque aggravamos delle: o juizo de Deos vem por appellação; porque appellamos de Deos para a nossa penitencia. Todos estes juizos haõ de ser julgados hoje, & espero que haõ de sair bem julgados; porque debaixo do juizo da Penitencia, o juizo de sy mesmo emenda-se; o juizo dos homês desprezase; o juizo de Deos revogase. Assim que o juizo de sy mesmo emenda-do: o juizo dos homens

desprezado: o juizo de Deos revogado: he o que avemos de ver hoje.

109 Tenho proposto (catholico, & nobilissimo Auditorio) a materia deste ultimo Sermão. E se nos passados mereci alguma cousa a vossos entendimentos (*quod sentio: quam sit exiguum*) quizera que mo pagassem hoje vossos coraçõens. Aos coraçõens determino prègar hoje, & não aos entendimentos. Christo soberano exemplar dos que prègaõ sua palavra, comparou os Prègadores aos que lavraõ, & semeão: *Exijt qui seminat* Luc. 8.
seminare: semen est verbum Luc. 8.
Dei. O ultimo Sermão he o Agosto dos Prègadores: se se colhe algum fruto, neste Sermão se colhe. Mas quando eu vejo, que hoje nos torna a repetir o Bautista, que clamava em Luc. 3.
deserto: Vox clamantis in
deserto; que confiança pôde ficar a qualquer outro Prègador, que não defmaye: ou que palavras pôdem ser tão fortes, & effi-
cazes

cazes às suas, que antes de as pronunciar a voz, nam emmudeção? Lembrame porèm, que para Christo converter hum homem, que o tinha negado tres vezes, porque se dignou de lhe por os olhos, bastou a voz irracional, & nocturna de hũa Ave, cujas azas apenas a levantaõ da terra, para o restituir outra vez ao caminho do Ceo. Tanto pode hum *respexit* dos olhos divinos. Assim he, Senhor, assim he. E posto que este indigno ministro de vossa palavra seja taõ desproporcionado instrumento para obra taõ grande: se os olhos de vossa piedade, & clemência se puzerem nos que me ouvem, & hum rayo de vossa vista lhes ferir as almas; não desespere, antes confio de vossa graça, que as soberanas influencias de sua luz farão o que podem, & o que costumão. *Qui respicit terram, & facit eam tremere*: olhai vós, Senhor, que ainda que sejamos de terra insensivel, & dura, nõs tre-

meremos de vos offender.

Aspexit, & dissolvit gentes: Hab. 3: 6. olhai vós, Senhor, que ainda que fõssemos gentios sem fé, & não Christãos, os nossos coraçõens se farão de cera, & se derreteirão. Neste dia pois, em que nos não resta outro, acendei a frieza de minhas palavras, & allumiai as trevas de nossos entendimentos, de forte, que resolutamente desenganados, façamos hoje hum inteiro, & perfeito juizo, de vós, de nõs, & do mundo: de vós, para que vos conheçamos; & vos amemos: de nõs, para que nos conheçamos, & nos humilhemos: do mundo, para que o conheçamos, & o desprezemos.

§. II.

110 **O**Ra venhaõ entrando os tres juizos, para serem examinados, & julgados no tribunal da Penitencia: o juizo de sy mesmo, para que se emende, o juizo dos homens, para que se despreze,

preze, o juizo de Deos, para que se revogue : & comecemos pelo que nos fica mais perto.

No tribunal dos Areopagitas em Athenas costumavaõ entrar os reos com os rostos cubertos. Assim entra, & se presenta diante do tribunal da Penitencia, o juizo de sy mesmo. Entra com os olhos tapados, porque não ha juizo mais cego. A cegueira do juizo, & amor proprio he muito maior, que a cegueira dos olhos: a cegueira dos olhos faz que não vejamos as cousas, a cegueira do amor proprio faz que as vejamos differêtes do que são: que he muito maior cegueira. Trouxeraõ hum cego a Christo, para que o curasse: pozlhe o Senhor as mãos nos olhos, & perguntoulhe se via? Respondeo: *Video homines velut arbores ambulantes*, que via andar os homens como arvores. Pergunto, & quando estava este homê mais cego, agora, ou antes? Agora não ha duvida, que ti-

Marc 8.
24.

na alguma vista, mas esta vista era maior cegueira, que a que dantes tinha, porque dantes não via nada, agora via hũa cousa por outra, homens por arvores: & maior cegueira he ver hũa cousa por outra, que não ver nada. Não ver nada he privaçaõ, ver hũa cousa por outra he erro. Eis aqui porque sempre erra o juizo proprio: eis aqui porque nunca acabamos de nos conhecer. Porque olhamos para nós com os olhos de hum mais cego que os cegos, com huns olhos que sempre vem hũa cousa por outra, & as pequenas lhe parecem grandes. Somos pouco maiores que as ervas, & fingimonos tão grandes como as arvores: somos a cousa mais inconstante do mundo, & cuidamos, que temos raizes: se o inverno nos tirou as folhas, imaginamos que nolas ha de tornar a dar o veraõ, que sempre avemos de florecer, que avemos de durar para sempre. Isto somos, & isto cuidamos. E que

111 E que faz a penitencia para emendar este juizo tão sem juizo? Que faz a penitencia para allumiar este cego tão cego? Duas cousas. Tiralhe o veo dos olhos: & metelhe hum espelho na mão. Tiralhe o veo dos olhos, como pedia o peccador a Deos: *Revela oculos meos*: metelhe hũ espelho na mão, como dizia Deos ao peccador: *Statuam te contra faciem tuam*. Porvoshei a vòs diante de vòs. Nenhũa cousa trazemos os homens mais esquecida, & desconhecida, nenhũa trazemos mais detras de nòs, que a nòs mesmos. E que faz o juizo da penitência? Poem-nos a nòs diante de nòs: *Statuam te contra faciem tuam*. Poem-nos a nòs diante de nòs, como a reos diante do tribunal, para que nos julgemos: poem-nos a nòs diante de nòs, como objecto diante do espelho, para que nos vejamos. Couza difficultosa he, que homẽs tão derramados nas cousas exteriores, cheguem a se

ver interiormente, como convem. Mas isso faz a penitencia por hum de dous modos, ambos maravilhosos: ou voltandonos os olhos de fôra para dentro, para que nos vejaõ; ou virandonos a nòs mesmos de dentro para fôra, para que nos vejamos.

112 Quando Deos quiz converter aquelle tão desvanecido Rey Nabucodonosor, para que se descesse de seus soberbissimos pensamentos, & conhecesse o que era; o primeiro passo por onde o encaminhou à penitencia, foi transformalo em bruto. Sobre o modo desta transformação ha variedade de pareceres entre os Doutores: huns dizem, que foi imaginaria, outros, que foi verdadeira: & posto que este segũdo modo he mais conforme ao Texto; de ambos podia ser. Se foi trãsformação imaginaria, voltou Nabueodonosor os olhos para dentro de sy mesmo, & vio tão vivamente o que era, que desde aquell-

aquelle ponto se não teve mais por homem, senão por bruto, & como tal se tratava. Se foi transformação verdadeira, converter Deos em bruto a Nabucodonosor, não foi outra cousa, que virallo de dentro para fóra, para que mostrasse por fóra na figura o que era por dentro na vida. Oh quam outro se imaginava este grande Rey antes de que agora se via! Dantes não se contentava com ser homem, & imaginava-se Deos: agora conhecia que era muito menos que homem, porque se via bruto entre os brutos. Se voltarmos os olhos para dentro de nós, ou se Deos nos virára a nós mesmos de dentro para fóra, que diferente conceito avia de fazer cada hum de sy, do que agora fazemos! Mas sigamos os passos deste novo monstro, & vellemos, & vernos-emos. Andou nascendo aquella bruto racional o primeiro dia de sua transformação entre os animais: lá pela

tarde teve sede: foyse chegando sobre quatro pés a margem de hum rio, & quando reconheceo no espelho das aguas a deformidade horrenda de sua figura, valhame Deos, que assombrado ficaria de sy mesmo! Provaria primeiro a fogir de sy; mas como se visse atado taó fortemente àquelle tronco bruto, remeteria a precipitar-se na corrente: & se Deos o nao tivesse maó, que o queria trazer por aquelles campos de Babilonia para exemplo eterno de soberbos, allí ficaria sepultado, primeiro em sua confusão, & depois na profundidade do rio. Que rio he este, senão o rio Jordaó, *Fluvius Iudicij*: Rio do juizo? E qué he este Nabucodonosor assim transformado, senão o peccador, bruto cõ razão, & sem uso della, que anda nascendo nos campos deste mundo entre os outros animais, mais animal que elles? Sõ húa differença ha entre nós, & Nabucodonosor, que elle
quiz

quiz fogir de sy, & não pode, nós ainda podemos, se quizermos. Chega emfim o peccador a ver-se nas aguas deste rio, espelhos naturaes, & sem adulação: vê de repente o que nunca tinha visto: vê-se a sy mesmo. Oh que assombro! He possível, que este sou eu? Tal fealdade, tal horror, tal brutesa, taes deformidades ha em mim? Sim: & muito maiores. Esse sois, & não o que vós cuidaveis. Vedê se diz esse retrato com o que vós tinheis formado de vós mesmo no vosso pensamento; vede bem, & considerai muito devagar nesse espelho o rosto, & as feições interiores da vossa alma: vede bem esses olhos, que são as vossas intenções: esses cabellos, que são vossos pensamentos: essa boca, que são as vossas palavras: essas mãos, que são as vossas acções, & as vossas obras: vede bem se diz essa imagem com a que tendes na vossa idèa: vede se se parece o que vedes com

o que imaginaveis: vede se vos conheceis: vede se sois esse, ou outro: *Tu quis es?*

§. III.

113 **S**Abeis porque andamos tão vangloriosos, & tão desvanecidos de nós mesmos? Porque trazemos os olhos por fóra, & a nós por dentro: porque não nos vemos. Se nos viramos interiormente como somos, se considerarmos bem a deformidade de nossos peccados; oh que differente conceito aviamos formar de nós! Tão desvanecidos de illustres, tão desvanecidos de Senhores, tão desvanecidos de poderosos, tão desvanecidos de discretos, tão desvanecidos de gentis homens, tão desvanecidos de sabios, tão desvanecidos de valentes, tão desvanecidos de tudo: porque? Porque vos não vedes por dentro. Dizeme vós, que hũa vez puzesseis bem os olhos em vossos

vossos peccados : oh como avieis de emendar todos estes epitetos ! Nenhum homem ouve no mundo, que mais se podesse prezar de sy, que David ; porque nelle ajuntou a natureza, a fortuna, & a graça, tudo o que repartio pelos grandes homens : & com tudo nenhum homem achareis mais humilde, nem menos prezado de sy mesmo , antes mais desprezador de sy, que David. E donde cuidais, que lhe vinha isto? *Peccatum meum contra me est semper*: estava David sempre olhando para seus peccados, & vendo-os, & vendose nelles. *Quasi peccatorum imagines contemplando* : comenta S. João Chrysofomo. Estava David contemplando os seus peccados, como se estiveira vendo, & considerando as imagens, & retratos de suas acçoens. Não ha duvida, que muitas peças do Palacio de David pelo verraõ nas pinturas, pelo inverno nos tapizes estariaõ ornadas com as famosas

historias de suas façanhas. Não deo tanta materia as artes Hercules em seus trabalhos, como David em suas victorias. Mas não eraõ estas as vistas, em que se entretinha aquelle grãde Rey, nem estas as galarias, em que hia passear. Em contraposição daquellas pinturas (sigamos assim a consideração de Chrysofomo) mandou fabricar David outra galaria, chamada de suas fraquezas, & nella pintar em diversos quadros, não as famosas, mas as lastimosas historias de seus peccados. Aqui vinha passear David: aqui tinha o bom Rey as suas meditaçoens : & aqui alcançava a maior de todas suas victorias, que foi o conhecimento de sy mesmo.

114 *Quasi peccatorum imagines contemplando*. Vamos com David considerando peccados, & mudãdo epitetos. Punha os olhos David em hum quadro, via a historia de Bersabè, & dizia com sigo: He possi-

Psal. 50.5.

Chryf. 16.

possível, que me tenha o mundo por Profeta, & que não antevisse eu, que de húa vista se avia de seguir hum pensamento, de hum pensamento hum desejo, & de hum desejo húa execução tão indigna de minha pessoa, & de meu estado! Não me chamem mais Profeta, chamem-me cego. He possível, que sou eu tido no mundo pelo valente da fama, & que bastou húa mulher para me vencer, & para que eu deixasse a guerra, & não sahisse à campanha naquelle tempo, em que costumavaõ andar os Keys armados diante de seus exercitos: *Eo tempore, quo solent Reges ad bella procedere!* Não me chame ninguem valente, chamem-me fraco. Dava dous passos adiante David, punha os olhos noutro quadro, via a historia de Urias: como dava a carta a Joab, & como apparecia logo morto nos primeiros esquadroens, & victoriosos os inimigos. He possível, que me prezo eu de

Tom. 7.

Principe verdadeiro, & que mandei cometer húa aleivosia tão grande debaixo de minha firma, & que a hum vassallo tão fiel, depois de lhe tirar a honra, lhe tirei tambem a vida enganosamente! Não me terei mais por verdadeiro, senão por fementido. He possível, que me fez Deos Rey do seu Povo, para lho conservar, & defender, & que consolo eu a nova da rota do meu exercito, com a nova da morte de Urias; & que pésa mais na minha estimação a liberdade de hum appetite, que a perda de tão fieis, & valerosos soldados! Não me chamem Rey, chamem-me tyranno. Hia por diante David, contemplava outro quadro, via o caso de Nabal Carmello: como mandára tirar a vida a tudo o que em sua casa a tivesse, & como depois lhe concedia perdaõ pelos rogos de sua mulher Abigail. He possível, que eu sou o celebrado de benigno, & piadoso, & mando tirar a vida a hum

I

ho-

homem, porque não quiz dar sua fazenda aos fogitivos, que me seguem! Eu fou o que domei os Leões, & os Uffos no deserto, & não pude domar hum impeto de ira d'entro em mim mesmo! Não me chamarei mais humano, chamarme-hei fero. He possível, que me preze eu de inteiro, & que sendo tão justificada a causa de Nabal, ao menos não digna de castigo, não bastasse para me aplacar a sua justiça, patrocinada só de sy mesma: & que depois representada por Abigail, pudesse mais hum memorial acompanhado do seu rosto, que da sua razão! Não me chamarei inteiro, chamarme-hei respectivo. Dava mais passos adiante David, via noutro quadro a historia de Siba: como acusava a Misibofet seu Senhor, como tomava posse da fazenda, & como depois de provada a calumnia, lhe mandára restituir só ametade. He possível, que me prezo eu de considerado, & que

pelo dito de hum criado, sem mais informação, nem figura de juizo, declaro a Misibofet, filho do Rey meu antecessor, por reo de lesa Magestade, & lhe confisco a fazenda, & a dou ao mesmo acusador! Não me terei mais por prudente, senão por temerario. He possível, que tenho eu opiniaõ de recto, & que depois de averiguada a calumnia, & provada a innocencia, deixo ao traydor com ametade dos bens, & não mando, que se restituã todos ao innocente! Não me terei mais por recto, senão por injusto. Eis aqui como David pelos retratos de seus peccados hia mudando os seus epitetos, & emendando o juizo de sy mesmo; & tendo em sy tanta materia para a verdade, achava tanta para os defenganos.

115 Christãos [& não digo Senhores, porq̃ quizera que vos prezasseis mais de Christãos] ponha-se cada hum diante das imagens de seus peccados,

Peccatorum imagines contemplando: cuide, & confidere nellas hum pouco, & verà como as idèas antigas, que tinha na fantasia, se lhe vaó despintando, & como muda, & emenda o juizo errado, que de sy mesmo fazia. Todos vos prezais de honrados, todos vos prezais de valerosos, todos vos prezais de entèdidos, todos vos prezais de sesudos: quereis emendar esses epitetos? Virar os olhos para dentro aos peccados. Eu sou o que me tenho por honrado; & cometi tantas vezes húa vileza tão grande, como ser ingrato, & infiel a meu Senhor, & a meu Deos, que me creou, & me remio cõ seu sangue! Naõ sou honrado, sou vil. Eu sou o que me tenho por valeroso; & cometi tantas vezes huma fraqueza tão baixa, como deixarme vencer de qualquer tentação, & virar as costas a Christo, sem resistir por seu amor, nem a hum pensamento! Naõ sou valeroso, sou covarde. Eu

sou o que me prezo de entendido, & cometi tantas vezes húa ignorancia tão fea, como antepõr a creatura ao Creador, a summa miseria ao summo, & infinito bem! Naõ sou entendido, sou nescio. Eu sou o que me prezo de sesudo; & cometi tantas vezes húa locura tão rematada, como arriscar por hum appetite leve, por hum instante de gosto húa eternidade de gloria, ou de Inferno! Naõ sou sesudo, sou louco. Desta maneira emenda o juizo da penitencia os erros, & as cegueiras do nosso. Em lugar de sesudo, poem louco; em lugar de discreto, nescio; em lugar de valeroso, covarde; em lugar de honrado, vil: & aquillo era o que cuidavamos, isto o que somos. Ninguem nos diz melhor o que somos, que os nossos peccados.

§. IV.

116

A Inda os nossos peccados
I ij po-

postos diante dos olhos de outro modo de cõvencer, & emendar mais apertado, & mais forçoso: que he convencernos a nós comnosco, & emendar o nosso juizo com o nosso proprio juizo. Cada hum em seu juizo não se deve estimar mais, que aquillo em que elle mesmo se avalia. E como se avalia cada hum de nós? Isto não se vê nos nossos pensamentos, ve-se nos nossos peccados. Todas as vezes, que hum homem pecca, vendese pelo seu peccado: *Venundatus est, ut faceret malum*, diz a Escriitura sagrada. Ora veja cada hum de nós o preço porque se vende, & dahi julgará o que he. Prezaivos muito, & estimais-vos muito, desvanceis-vos muito: quereis saber o que sois por vossa mesma avaliação? Vede o preço porque vos dais, vede os vossos peccados. Daif-vos por hum respeito, daif-vos por hum interesse, daif-vos por hum appetite, por hum pensamento, por hum asse-

3. Reg.
21. 25.

no: muito pouco he o que por tão pouco se dá. Se nos vendemos por tão pouco, como nos prezamos tanto? Filhos de Adam emfim. Quem visse a Adam no Paraiso com tantas presumpções de divino, mal cuidaria, que em todo o mundo podesse aver preço, porque se ouvesse de dar. E que succedeo? Deuse elle, & deo a todos seus filhos por hũa maçãa. Se nos vendemos tão baratos, porque nos avaliamos tão caros? Já que vos estimais tanto, não vos deis por tão pouco; & pois vos dais por tão pouco, não vostenhais por mais. Não he razão, que se avalie tão alto no seu pensamento, quem se vende tão baixo no seu peccado.

117 Agora entendeis o espirito, & a prudencia de David, em pôr diante dos olhos as imagens de seus peccados: *Peccatorum imagines contemplando*: quando para se excitar a contrição, & conhecimento de sua miseria, parece

rece que como Profeta pudéra representar diante de sy outra imagem, que mais o movéra. Não movéra mais a David huma imagem de Christo crucificado, pois elle sabia mui bem, que Deos havia de morrer em hũa Cruz por aquelles mesmos peccados? Digo que não: & vede a razão porque o digo. Muito melhor me conheço eu diante da imagem de hum peccado, que diante da imagem de hũ Christo crucificado. Quando estou diante da imagem de Christo crucificado, parece que tenho razoes de me ensoberbecer, porque vejo o preço, porque Deos me comprou; mas quando me ponho diante da imagem de hum peccado, não tenho senão razoes de me humilhar, porque vejo o preço, porque eu me vendi. Quando vejo, que Deos me compra com todo o seu sangue, não posso deixar de cuidar, que sou muito; mas quando vejo, que eu me

Tom.7.

vendo pelos ñadas do mundo, não posso deixar de crer que sou nada. Eis aqui a que se reduz, & como se desengana o juizo de sy mesmo, quando se vê como em espelho na imagem de seus peccados: & assim o muda, assim o emenda o juizo da penitencia: *Prædicans baptismum penitentiaæ.*

§. V.

118 **O** Juizo de sy mesmo [como acabámos de ver] emendase: & o juizo dos homens? desprezase. Entra pois o juizo dos homẽs a presentarse diante do tribunal da Penitencia: & não vem com os olhos veadados, como o juizo de sy mesmo; mas com todos os sentidos, & com todas as potencias livres, & muito livres; porque com todas julga a todos. Traz livres os olhos, porque julga tudo o que vê: traz livres os ouvidos, porque julga tudo o que ouve: traz livre a

I iij lin-

lingua , porque publica tudo o que julga: & traz livre mais que tudo a imaginação, porque julga, & condena tudo o que imagina.

119 Mas que faz a penitencia para desprezarmos este idolo tão adorado, tão temido, & tão respeitado no mundo? Que faz, ou q̄ pòde fazer a penitencia, para que não façamos caso, sendo homens, do juizo dos homens? Cõ abrir, ou fechar hum sentido faz a penitencia tudo isto. Para o juizo de sy mesmo abrenos os olhos: para o juizo dos homens, fechamos os ouvidos. No dia da Payxaõ choviaõ testemunhos, & blasfemias contra Christo; & o Senhor, como se nada ouvira. Assim lho disse admirado Pilatos: *Non audis quanta adversum te dicunt testimonia?* Não ouves quantos testemunhos dizem contra ti? Não ouvia Christo, porque ouvia, como se não ouvira. O Senhor naquella dia hia satisfazer pelos

Matth.
27.13.

peccados nossos, que fizera seus; & quem trata de satisfazer a Deos por peccados, não tem ouvidos para o que contra elle dizem os homens: *Ego autem tanquam surdus non audiebam.* Digaõ os homens, julguem os homens, condenem os homens o que quizerem, & quanto quizerem; que quem trata de veras da satisfação de seus peccados, que trata de veras de ser bem julgado de Deos, não se lhedà do juizo dos homens. Sabeis porque fazemos tanto caso dos juizos humanos, porque não somos verdadeiros penitentes. Se a nossa penitencia, se o nosso arrependimento for verdadeiro, que pouco caso haviamos de fazer de todas as opinioens do mundo!

120 Peccou David o peccado de Bersabè, & Urias: ao cabo de algum tempo veyo o Profeta Natam a advertillo do grande mal que tinha feito: reconheceo David sua culpa: disse:

Pecca-

Peccavi, Pequei; & no mesmo ponto por parte de Deos o absolveo o Profeta do peccado: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum*. Peccou Saul o peccado de desobediencia, reservando do despojo de Amalec para o sacrificio: veyo tambem o Profeta Samuel advertillo de quanto Deos sentira aquella culpa: conheceo-a Saul: disse: *Peccavi*, Pequei; mas nem o Profeta respondeo, que estava perdoado, nem Deos lhe concedeo perdaõ. He este hú dos notaveis casos, que té a Escritura, considerada a semelhança de todas as circunstancias delle. David era Rey, Saul tambem era Rey; David peccou, Saul peccou; a David veyo amoestar hum Profeta, a Saul veyo amoestar outro Profeta; David disse: *Peccavi*, Pequei; Saul disse: *Peccavi*, Pequei. Pois se os casos em tudo foraõ taõ semelhantes, como perdoa Deos a David, & naõ perdoa a Saul? Se hum *Pecca-*

vi basta a David, a Saul, porque lhe naõ bastou hú *Peccavi*? A razão literal, quedaõ todos os Doutores, he; que o *Peccavi* de David foi dito de todo o coração, o *Peccavi* de Saul foi dito sòmente de boca: a penitencia de David, foi penitencia verdadeira, a penitencia de Saul foi penitencia falsa. Muito bem dito: mas donde se prova? Donde se prova, que foi falsa a penitencia de Saul, donde se prova, que o seu *Peccavi* foi dito de boca, & naõ de coração? Naõ o dizem os Doutores, mas eu o direi, ou o dirà o Texto. Quando David disse: *Peccavi*; naõ fallou mais nada. Quando Saul disse: *Peccavi*; acrecentou estas palavras: *Peccavi: sed honora me coram senioribus populi mei, & coram Israel*. Pequei: mas vòs Samuel tratai de minha reputação, & honraime com os grandes, & povo de meu Reyno. Ah sim Saul, & vòs depois de dizer *Peccavi*, depois de vos pores em

1. Reg.
15.30.

estado de penitente, ainda vos lembra reputação, ainda fazeis caso do que dirão, ou não dirão de vós os homens? Sinal he logo, que não he verdadeira a vossa penitencia, & que aquelle *Peccavi* nasceo na boca, & não no coração. Quem chega a estar verdadeiramente penitente, quem chega a estar verdadeiramente arrependido, como estava David, nam lhe lembraõ mais, que os seus peccados: *Peccavi*: não se lhe dà do que julgão, nem do que dizem os homens.

§. VI.

121 **A**S razões desta verdade são muitas, & grandes, ouvi as da minha tibieza, que a quem tiver melhor espirito lhe ocorrerão outras mais, & maiores. O verdadeiro penitente, elle mesmo se acusa, & se condena: que se lhe dà logo, que digão outros o que elle confessa de sy? Que importa, que outros levem o pregação, quando eu mesmo

executo o castigo? Quem se confessa por Reo, nam lhe fazem aggravo a testemunhas. Se hum homem está verdadeiramente arrependido, se conhece verdadeira, & profundamente suas culpas, nunca ninguem dirá delle tanto mal, que elle senão julgue por muito peor. É que se vê julgado mais benignamente do que suas culpas merecem, antes tem razão de agradecer, que de queixarse. Por isso os grandes penitentes não se queixavaõ das injurias. Julgue, & diga o mundo o que quiser, que nunca poderá dizer tanto mal, quanto eu fei de certo, que ha em mim.

122 Nenhũa cousa de-seja mais hum verdadeiro penitente, que tomar vingança em sy das injurias de Deos: & como o juizo dos homens se poem da parte desta vingança, antes nos ajuda, que nos offende. Quem senão aborrece a sy, diz Christo, não me pôde servir a mim. Oh como

mo se aborrece a sy, & como se aborrece de sy, hum verdadeiro penitente ! E que se me dê a mim, que seja bem, ou mal julgado, quem eu aborreço ? Se eu conheço verdadeiramente a deformidade de minhas culpas, não hey de aborrecer mais a quem as fez, que a quem as diz ?

123 O verdadeiro penitente só hũa cousa estima, & sô hũa cousa teme nesta vida: só estima o que pôde dar graça de Deos, & só teme o que a pôde tirar. E como o juizo dos homens não pôde dar, nem tirar graça de Deos, que se lhe dê ao penitente do juizo dos homens ? O juizo dos homens, quando muito lhe demos, poderá fazer mal, mas não pôde fazer máos. Se eu sou bom, por mais que me julguem mal os homens, não me podem fazer máo. Se eu sou máo, por mais que me julguem bem os homens, não me podem fazer bom ; & como o juizo dos homens não tem poder para fazer

máos, nem bons, que caso ha de fazer deste juizo o verdadeiro penitente, o qual só hũa cousa deseja, que he ser bom, & só de hũa cousa lhe pesa, que he ter sido máo.

124 Feche todas estas razoes hũa maior que todas. O juizo dos homens por mais que vos condemnem, pôdevos impedir o Ceo, ou levarvos ao Inferno ? Naó. Ponde agora de hũa parte todos os juizos dos homens, & da outra os vossos peccados, & perguntai-vos a vós mesmo, quaes destes deveis mais temer. Os juizos dos homens, ainda que fação todo o mal, que podem, nem podem dar Inferno, nem tirar Paraíso: os peccados, ainda que acheis nelles todos os falsos bens, que vos prometem, só elles tirão Paraíso, & dão Inferno. E como o verdadeiro penitente está vendo, que só os seus peccados o podem tirar do Paraíso, & levallô ao Inferno, que caso ha de fazer dos juizos dos ho-

homens ? Dos peccados fim, & só dos peccados, porque só por elles o pôde condenar Deos. E quem teme, que o pôde cõdenar Deos, não se lhe dà, que o condenem os homens.

§. VII.

125 **S**Upposta a verdade desta doutrina, que poucos, & que poucas penitentes verdadeiras deve haver hoje no mundo, onde tanto se trata só de agradar, & contentar aos homens! Vejam-no os homens em David, & as mulheres na Magdalena. David, que pouco caso fez das injurias de Semey! Disse Semey a El Rey David em seu proprio rosto as injurias, que senão poderão dizer ao mais vil homem: quizeraõ remeter logo a elle os que acompanhavaõ ao Rey, para lhe tirarem a lingua, & a vida: & que fez David? Teve mão nelles, para que o deixassem dizer. As injurias são a musica dos peniten-

tes: tal hia David naquelle passo descalço, & chorando seus peccados. Quem conhece, que tem offendido a Deos, nenhũa cousa o offende. Assim desprezava David o juizo dos homês.

126 **D**a Magdalena quem o poderà explicar có a ponderação, que merece? Hũa senhora taõ principal em Jerusalem, taõ servida, taõ estimada, taõ dada à vaidade, & galas; quem a visse com o toucado desprendido, com o vestido sem concerto, pela rua sem companhia, em casa do Fariseo sem reparo, toda fóra de sy (ou toda dentro em sy, porque toda era coração naquella hora) os cabellos descompostos, o alabastro quebrado, os olhos feitos dous rios, lançada aos pès de Christo, abraçando-os, & abraçando-se com elles; que diria? Valhame Deos, Senhora, que mudança he esta? Não vedes quem sois? Não vedes o que fazeis? Não vedes o que dirão os homês? Não: nada vejo, que quem

vio seus peccados, não lhe ficaõ olhos para ver outra cousa. Não vejo o que sou, porque vi o que fui; não vejo o que faço, porque vi o que fazia. Já vi tudo o q̄ havia de ver nesta vida, & prouvéra a Deos, que não tivera visto tanto. Já não faço caso dos homens, nem dos seus juizos: digaõ o que quizerem.

127 Tres vezes foi a Magdalena julgada, & cõdenada dos homens. Julgou-a, & condenou-a o Fariseo, chamandolhe peccadora: *Quia peccatrix est*: Julgaraõ-na, & condenaõ-na os Apostolos, chamandolhe espedaçada: *Vt quid perditio hæc*: Julgou-a, & condenou-a sua irmãa, chamandolhe ociosa: *Reliquit me solam ministrare*. Tudo isto ouvio sempre a Magdalena, mas nunca se lhe ouvio hũa palavra: como se respondèra com o seu silencio: Condenem-me embora os Fariseos, condenem-me os Apostolos, condenem-me os de que menos se podia espe-

rar, os irmãos. Nos Fariseos condenem-me a malicia, nos Apostolos condenem-me a virtude, na irmãa condenem-me a mesma natureza; que a quem tem maiores causas para sentir, não lhe daõ cuidado essas. Quando as dores são iguais, sentem-se todas, quando hũa he maior, suspende as outras. A dor dos peccados, se he verdadeira, he a maior dor de todas, porque tem maiores causas, & a quem verdadeiramente lhe doem seus peccados, nenhũa outra cousa lhe doe. A setta que ferio o coração, defende de todas as settas; porque ainda que achem corpo, já não achaõ sentimento: faça os tiros que quizer o juizo dos homens, que se o coração está ferido de Deos, ou não offendem, ou não magoaõ. O amor he hum sentimento, que faz insensiveis: por isso se compára à morte. A morte faz insensivel a qué mata, o amor insensivel a qué ama. Quem trata só de amar a Deos, só sente ha-

vello offendido: a tudo o mais he insensível.

127 Exemplos tinha em sy mesma a Magdalena, & poderase argumentar a sy consigo. Que importa parecer mal aos homens, se eu parecer bem a Deos? Que importa parecer mal aos demais, se eu parecer bem a quem amo? Quantas vezes nas minhas locuras segui os desprezos deste dictame? E será bem, que seja agora menos animoso meu amor, & menos resolutos? Se eu não reparei no que diriaõ os homêes para offender a Deos; repararei agora no que dizem, ou no que diriaõ para o buscar? Não reparei em que dissesem, que era peccadora, & repararei em q̄ digaõ, que sou arrependida? Já que sofri, que murmurassem o peccado, não he menos, que calumniem a emenda?

128 Isto dizia o silencio da Magdalena as tres vezes, que a condenáraõ os homêes. E he muito de notar, que de todas estas

tres vezes estava a Magdalena aos pés de Christo. Oh que grande remedio são os pés de hum Christo para hum homem se lhe não dar dos juizos dos homens! E se isto faziaõ os pés de Christo vivo, quanto mais os pés de hũ Christo morto, & crucificado? He possível, Senhor, que estejais nessa Cruz julgado, & condenado, sendo a mesma innocencia, & eu não sofrerei ser julgado, & condenado, sendo peccador! Se a vòs vos julgaõ, & condenaõ pelos meus peccados, porque hei de sentir eu, que me julguem, & me condenem pelos meus? Em vòs estou adorando as injurias, & as afrontas, & em mim não as hei de sofrer? Para vos offender, & me perder, não reparei no que diriaõ os homens, & para vos amar, & me salvar, repararei no que diriaõ? Não he isso o que vòs me ensinaiis nessa Cruz.

129 Ouvi hũa coufa grande, em que parece, que

que mudou de condição Deos. Quando Deos quiz castigar o povo no deserto, allegoulhe Moyses o que diriaõ os Egypcios: *Ne quæso dicāt Egyptij;* & deixou o Senhor de os castigar. Quando Josue teve a primeira rota na terra de Promiffaõ, allegou a Deos o que diriaõ os Cananeos: *Quid facies magno nomini tuo;* & continuou o Senhor a favorecelo. Quando o Reyno de Israel estava mais afflicto, representou David a Deos o que diriaõ as Gentes: *Ne forte dicant inGentibus;* & cessou a afflicção. De maneira, que o remedio, que tinhaõ os Patriarcas antigos para alcançar de Deos o que queriaõ, era allegarlhe hũ *Ne dicant,* o que diriaõ os homens. Determina Deos de vir à terra a remir, & salvar o mundo; & se alli se achasse Moyses, Josue, ou David com o espirito profetico, que tinhaõ, parece que poderaõ fazer a Deos a mesma replica. Como assim, Senhor?

Quereis ir ao mudo? Quereis apparecer entre os homens? E não reparais no que diriaõ, & he certo, que haõ de dizer de vòs? Haõ de dizer, que sois hum Samaritano, & endemoninhado: *Samaritanus es tu, & Dæmonium habes;* haõ de dizer, que sois hũ blasfemo: *Blasphemavit;* haõ de dizer, que sois hum enganador: *Seductor ille;* haõ de dizer, que sois hum perturbador da Republica: *Subvertentem gentem nostram;* haõ de dizer, que tendes pacto cõ o Demonio: *In Beelzebub Principe Dæmoniorum ejicit Dæmonia;* haõ de dizer, que vos não podeis salvar: *Se ipsum non potest salvum facere;* haõ de dizer finalmente infinitos opprobrios contra vòs: *Saturabitur opprobrijs.* Mais. Hase de levantar hum Arrio, que ha de dizer, que não sois consustancial ao Padre; hase de levantar hum Manicheo, que ha de dizer, que não sois homem; hase de levantar hum Nestorio,

Ioan. 8.
48.Matth.
26.65.Matth.
27.63.Luc.23.
2.Luc.11.
15.Matth.
27.42.Thren.
3.30.

rio, que ha de dizer, que não sois Deos; ha-se de levantar hum Calvinó, que ha de dizer, que não estais no Santissimo Sacramento; ha-se de levantar infinitos Heresiarcas outros, que haõ de dizer contra vossa Divindade, & Humanidade infinitas blasfemias. Pois se Deos estava prevendo tudo isto; & se antigamente podia tanto com Deos o que diriaõ os homens; porque agora faz taõ pouco caso do que diráõ? Porque antigamente encontravase o que diráõ dos homens com o nosso castigo, agora encontravase com o nosso remedio: & quando o que diráõ dos homens se encontra com o nosso castigo; deixa Deos de castigar pelo que diráõ: mas quando o que diráõ dos homens se encontra com o nosso remedio; pelo que diráõ os homens, não deixa Deos de salvar. Vã por diante o negocio da salvaçaõ, & digaõ os homens o que quizerẽ. Christãos, ha alguns de

nõs taõ pusillanimes, que por medo do que diráõ os homens deixamos de fazer muitas cousas, que importaõ à nossa salvaçaõ. Deos nos livre de hũa covardia como esta. Façamos por nossa salvaçaõ, o que Deos fez pela nossa. Deos por me salvar a mim, não fez caso do juizo dos homens, & será bem que o faça eu? Faça-se tudo o que for necessario à salvaçaõ, & digaõ os homens o que quizerem. Que importa ser bem julgado dos homens, se vòs não vos salvais? E se vòs vos salvais, que importa ser mal julgado dos homẽs? Eis aqui como o juizo dos homens se despreza no juizo da Penitencia: *Prædicans baptismum Penitentia.*

§. VIII.

130 **E** Mendado no juizo da Penitencia o juizo de sy mesmo, & desprezado o juizo dos homens; resta só por julgar o juizo de Deos, que

como temos dito ha de sair revogado neste juizo. Os outros dous juizos entraráo a ser julgados, & appareceráo diante do tribunal da Penitencia. Do juizo de Deos não sei como me atreva a dizer outro tanto. Não he o juizo de Deos aquelle juizo supremo, q não só não reconhece superior, mas nem pôde ter igual no Ceo, nem na terra? Não he o juizo de Deos, de que fallamos, aquelle ultimo, & universal juizo, onde sem appellação, nem aggravado, se haõ de absolver, ou condemnar para toda a eternidade aquelles, que nelle forem julgados, que haõ de ser todos os homens? Pois como pôde ser, que haja outro tribunal no mundo, em que a sentença deste juizo se revogue; ou como pôde ser revogar-se?

131 O como veremos logo: agora vejamos entrar o juizo de Deos, & presentarse diante do tribunal da Penitencia, acompanhado de toda aquella

grandeza, & temerosa Magestade, que no ultimo dia do mundo o fará horrivel, & tremendo. Não traz diante as varas, & secures Romanas, insignias da suprema justiça, & authoridade; mas traz aquella espada de dous gumes: *Gla-* Apoca-
diusex utraque parte acu- lyp. 1.6
tus: que significaõ as duas penas de dano, & de sentido, a que só o juizo de Deos, & nenhum humano, pôde condemnar não só os corpos, mas tambem os espiritos. Oh que authoridade tão severa! oh que jurdição tão horrenda! oh que instrumentos tão formidaveis! Se assim faz tremmer o juizo de Deos quando aparece a ser julgado, que será quando vier a julgar!

132 Mas que faz a Penitencia, ou que pôde fazer para revogar este tão absoluto, & tão indepêdente juizo? Faz quasi o mesmo que para os demais. Para emendar o juizo de sy mesmo, abrenos os olhos: para desprezar o

juízo dos homens, tapamos os ouvidos: para revogar o juízo de Deos, voltamos o coração. Em dando húa volta o coração, está o juízo de Deos revogado. Falla o Profeta Joel à letra do juízo final de Deos: descreve o Sol, a Lua, & as Estrellas escurecidas, & o Ceo, & a terra tremendo à sua vista: *A facie ejus contremuit terra, moti sunt Cæli: Sol, & Luna obtenebrati sunt, & Stellæ retraxerunt splendorem suum*: descreve os exercitos innumeraveis de Anjos armados de rigor, & obediencia, de que o Senhor sahirà acompanhado como executores de sua justiça, & vingança: *Dominus dedit vocem suam ante faciem exercitus sui, quia multa sunt nimis castra ejus, quia fortia, & facientia verbum ejus*: descreve finalmente a grandeza, & terribilidade daquelle temeroso dia: *Magnus enim dies Domini, & terribilis valde*: & perguntando qué haverà no mundo, que o possa suportar: *Et quis su-*

stinebit eum? Conclue com estas palavras: *Nunc ergo, dicit Dominus, convertimini ad me in toto corde vestro*. Vedes todos estes apparatus, todos estes rigores, todos estes assombros de ira, de justiça, de vingança? com dar húa volta ao coração está tudo acabado. Voltai o coração a mim, ou voltaivos a mim com o coração, diz Deos, & toda a sentença que estiver fulminada contra vòs neste meu juízo, ficará revogada: *Nunc ergo, dicit Dominus, convertimini ad me in toto corde vestro*. Notai o *nunc ergo*: pelo que agora: de maneira que a penitencia ha de ser agora, & o juízo ha de ser depois. Esta differença ha entre o juízo de Deos, & o juízo dos homens: no juízo dos homens appellase depois, no juízo de Deos appellase antes. *Nunc ergo*: Agora, agora, Christãos, que agora he o tempo; & porque agora sim, & depois não? Porque depois não pôde haver penitencia,

Joel. 2.
10.

Ibid. 11.

Ibid. 12.

cia. Se depois do dia do juizo pudéra haver penitencia, poderase revogar a sentença do juizo de Deos: mas a razão porque aquella sentença senão poderá revogar então, he porque não ha tribunal da Penitencia senão agora: *Nunc ergo*. Mas vejamos já os poderes deste tribunal, por hum exemplo; & seja o maior, que ouve no mundo: daime attenção.

§. IX.

133 **E**Ntra o Profeta Jonas pregando, ou apregoando pela Cidade de Ninive: *Adhuc quadraginta dies, & Ninive subvertetur*: Daqui a quarenta dias se ha de sotverter Ninive. Era esta a sentença, que estava dada no tribunal da divina justiça pelos peccados daquela Cidade, & o Profeta não fazia mais, que officio de hum notario de Deos, que a publicava. Com este pregação andou Jonas por toda a Cidade, a qual era tão

desmedidamente grande, que não pode chegar à praça, onde estava o Paço, menos que ao cabo de tres dias. Souu a sentença nos ouvidos do Rey, & que vós parece, que faria? Decese do trono Real em que se assentavaõ sempre os Reys, conforme o costume daquelles tempos; rasga a Purpura, vestese de hú aspero cilicio; tira a Coroa; lança da mão o Cetro; cobre a cabeça de cinza: & manda que vão seguindo a Jonas com outro pregação, em q: se diga; que faça toda a Cidade o que El Rey fazia. O pregação de Deos hia diante, o pregação do Rey hia atráz: o pregação de Deos para se executar dali a quarenta dias, o pregação do Rey para que se executasse logo, & assim se fez. Vestiose de cilicio a Rainha, vestiraõse de cilicio as Damas, vestiraõse de cilicio os Cortesãos, vestiose de cilicio todo o Povo; & o que senão podéra crer, se o não diffiera a Escritura, vestiraõse, & cu-

briraõse tambem de cilicio, para horror, & assombro dos homens, atè os mesmos animais. Desta maneira foi passando a Cidade todos aquelles quarenta dias em continuo jejum, em continua oraçaõ, em continuas lagrimas, & clamores ao Ceo. Chegando o ultimo dia, retirou-se Jonas a hum monte, para ver como Ninive se sovertia: Aportára elle às prayas de Ninive, supponhamos, que às nove horas da manhã, & quando ouvio dar asoito daquelle dia: Ah misera Cidade, que já não te resta mais que húa hora de duraçaõ! Já se vê a suspensaõ em que passaria o Profeta toda aquella hora. Tocão ás nove: eis lá vai Ninive. Assim se lhe figurou a Jonas quasi deslumbrado entre o lume dos olhos, & o da profecia: mas Ninive ainda se tinha mão. As suas torres estavam mui direitas: os muros estavam muito firmes: & nem a casa que dantes estava para cair fez movi-

mento algum. Passou assim a primeira hora, passou a segunda, passou o dia todo, & Jonas a benzer-se, & a pasmar. Que he isto, Senhor? Que he da fé de vossas palavras? Que he da verdade de vossos Profetas? Não estava determinado no tribunal de vossa divina justiça, que Ninive fosse sovertida por seus enormes peccados? Não estava afinado o termo preciso de quarenta dias, para a execuçaõ? Não estava notificada por vosso mandado esta sentença? Não sou eu o que a publiquei? Pois como agora falta tudo isto? Como passaõ os quarenta dias? Como fica a minha profecia sem comprimento? Como fica Ninive em pé, & a vossa palavra por terra? Se o difestes, foi porque o tinheis decretado; & se o tinheis decretado, porque não se executou? Porque o Rey, & Povo de Ninive foraõ tão discretos, que sendo-lhe notificada a sentença do juizo de Deos, appelláraõ

rão para o tribunal da Penitencia. E he tão superior a jurdição do tribunal da Penitencia, que o que no juizo de Deos se sentença, no juizo da Penitencia se revoga. Disse superior, porque se estes dous juizos foraõ iguaes, assim como no juizo da Penitencia se absolve, o que no juizo de Deos se condena; assim no juizo de Deos se podéra condenar, o que no juizo da Penitencia se absolvesse: mas he taõ superior o juizo da Penitencia sobre o mesmo juizo de Deos [por excesso de misericordia sua] q̃ o que no juizo de Deos se condena, no juizo da Penitencia pode se absolver; mas o que no juizo da Penitencia se absolve, no juizo de Deos não se pôde condenar. Bemdito seja elle: *Qui dedit potestatem talem hominibus.*

135. Tudo o que tenho dito he literal; mas ouçamos para maior confirmação a S. Paulino: *Ninivite meruerunt denuntiatiū eva-*

dere excidium, quia se spontaneis luctibus cruciando divinam sententiam prævenierunt sua. Os Ninivitas, diz S. Paulino, impedirão a execução do castigo, que já lhe estava denunciado, porque condenandose a voluntaria penitência, preveniraõ a sentença de Deos com a sua. De maneira, que por beneficio da Penitencia pode mais a sentença, que os Ninivitas deraõ contra sy, que a sentença, que Deos tinha dado contra elles: *Divinam sententiam prævenierunt sua.* Oh grande dignidade! oh grãde soberania da Penitência! No juizo final de Deos (ide notando comigo grãdes differenças, & grandes excellencias do juizo da Penitencia sobre o juizo de Deos.) No juizo final de Deos, não he licito appellar de hum attributo divino para outro attributo. Não he licito appellar da justiça de Deos para sua misericordia: no juizo da Penitencia, he licito appellar da justiça de Deos,

para a minha justiça. No juizo final de Deos não se pôde appellar do Filho para o Padre, nem do Padre para o Filho, nem do Padre, & do Filho para o Espirito São; em summa, no juizo de Deos não se pôde appellar de Deos para Deos: no juizo da Penitencia posso appellar de Deos para mim. No juizo final de Deos são condemnados os peccadores a nam vera Deos; no juizo da Penitencia são condemnados os peccadores a não o offender: que suave cõdenação! No juizo final de Deos não aproveitão lagrimas, nem prantos; no juizo da Penitencia basta hũa só lagrima para todos os peccados do mundo. No juizo final de Deos não valem intercessõens; no juizo da Penitência não são necessarias. No juizo final de Deos condenaõse os peccadores pelos peccados; no juizo da Penitencia condenaõse os peccados, & salvaõse os peccadores. No juizo final de

Deos huns sahem absoltos, outros sahem condemnados; no juizo da Penitencia ninguem se condena, todos sahem absoltos. No juizo final de Deos manifestaõse os peccados a todos os homens; no juizo da Penitencia manifestaõse a hum só homem. Finalmente no juizo final de Deos, Christo ha de ser o Juiz; no juizo da Penitencia, Christo he o advogado: *Si quis peccaverit, advocatũ habemus apud Patrem Jesum Christum justum.* Vede com tal advogado no tribunal da Penitência, que differença haverã do avogar ao revogar! Como não serã revogado o juizo, aonde he advogado o Juiz! assim se revoga o juizo de Deos no juizo da Penitência: *Prædicans baptismum penitentia.* E temos o juizo de Deos revogado, o juizo dos homens desprezado, & o juizo de sy mesmo emendado.

§. X.

136 **O**Ra, Christãos, supposto que todos os males, & perigos que temos visto nestes juizos tem o remedio na Penitencia; & supposto que elles são tão grandes, que abração todos os bens da vida, & todos os da eternidade; que resta a quem tem fé, & a quem tem esperança, senão tratar de fazer penitencia? *Agita penitētiā appropinquabit enim Regnum Cælorum*; fazei penitencia, porque he chegado o Reyno do Ceo. Ha mil & seiscentos annos, que o Bautista disse estas palavras, & nós estamos dizêdo todos os dias; *Adveniat Regnum tuum*. Pois se o Reyno já então era chegado; como pedimos nós ainda agora, que venha? O Reyno dos Ceos em todos os tempos tem tres estados: hum em que tem chegado, outro em q̄ chega, outro em que vem chegando. Para os que

estão mortos tem chegando; para os que estão morrendo chega; para os que estão vivos vem chegando. A huns chegarà mais cedo, a outros mais tarde, mas a todos muito brevemente. Esta he a cõsideração mais poderosa de todas; para nos mover à penitencia; Fazamos penitencia, Christãos, não nos ache a morte impenitentes. Nenhum Christão ha, que não diga, que ha de fazer penitencia, mas nenhum a quer começar logo, todos a deixão para o fim da vida: *Prædicans baptismum penitentiæ in remissionem peccatorum*. O Bautista prègava bautismo de penitencia para remissão dos peccados. Se queremos remissão de peccados, tomemos a penitencia como bautismo. Todos queremos a penitencia como Extrema-unção, là para o fim da vida: não se ha de tomar senão como bautismo, que não he licito dilatallo a quem tem fé. Se tendes fé como não fazeis penitencia?

cia? É se tendes proposito de a fazer, & de vos converter a Deos, para quando a dilatais? *Si aliquando cur non modò*, dizia S. Agostinho. Se me hey de converter em algum tempo, esse tempo porque não será hoje? Esta pergunta não tem resposta. Nem o mesmo Santo Agostinho lha achou, nem os Aristoteles, nem os Platoens, nem os Anjos do Ceb, nem o mesmo Demonio do Inferno lha pode achar já mais para nos enganar.

137 Christãos da minha alma, sobre tantos juizos, bem he que venhamos a contas. Se me ouve algú, que esteja resoluto de nam se converter já mais, não fallo com elle; mas se tendes propósitos de vos converter: *Si aliquando cur non modò*? Se tendes propósitos, & dizeis, que vos haveis de converter depois, porque o não fazeis agora? Que motivos haveis de ter depois, que agora não tendes? Apertemos bem este ponto: estai comigo.

Que motivos de vos converter haveis de ter depois, que agora não tendes? Se depois haveis de fazer verdadeira penitencia, a qual não póde ser verdadeira, sem verdadeira contrição; ha-vos de pesar de ter offendido a Deos por ser elle quem he; pois Deos hoje não he o mesmo, que ha de ser depois? Não he a mesma Magestade, não he a mesma grandeza, não he a mesma omnipotencia? Não he tão bom, não he tão amavel, como ha de ser então? Pois se então o haveis de amar, porque o não amais agora? De maneira, peccador, que Deos então ha de ser digno de ser amado sobre todas as cousas, & agora he digno de ser offendido em todas? *Si aliquando cur non modo*? Mais: se depois vos haveis de arrepedder bem, & verdadeiramente, he força que vos peze de todo o coração de vos não haveres arrependido agora: pois que locura he estares agora fazêdo

por

por vosso gosto, & por vossa vôtade aquillo mesmo, que nesta hora estais propondo de vos pesar depois de todo coração? Ou então vos ha de pesar, ou não: se vos ha de pesar, condenais-vos, & se vos ha de pesar, & propondes de vos pesar, porque o fazeis? Se vos ha de pesar depois do presente, porque vos não pesa agora do passado? *Si aliquando cur non modò?* Mais: se os motivos de vosso arrependimento não haõ de ser contrição perfeita, nem amor de Deos sobre todas as cousas, senão temor das penas do Inferno sómente: *Si aliquando cur non modò?* Se por temor do Inferno vos haveis de arrepender então, porque vos não arrependeis agora por temor do Inferno? Por ventura fostes já ao Inferno, & perguntastes pela idade dos que là estão ardendo? Se no Inferno não ardem senão os homens de setenta, & de oitenta annos, guardai embora a vossa emenda para

essa idade; mas se ao Inferno se vai de sete annos, porque se ha de guardar a emenda para os setenta? Pois se as mesmas razoês, & os mesmos motivos, que havemos de ter depois, temos agora, se então nam havemos de ter nenhuma cousa mais, que agora, salvo mais peccados q chorar, & mais culpas de que nos arrepender: *Si aliquando cur non modò?*

138 Mas atègora himos argumentando em húa supposiçãõ, que eu não quero conceder daqui por diante, porque vos quero defenganar de todo. Quem diz: *Si aliquando cur non modò*: se vos haveis de cõverter depois, porque vos não converteis agora; suppoem que se vos não converteres agora, que vos haveis de cõverter depois. Eu não quero admitir tal supposiçãõ; porque quero mostrar o contrario. Christãos, se vos não converteres agora, ordinariamente fallando, não vos haveis de converter depois. Deme

licença S. Agostinho para trocar a sua pergunta, & apertar mais a difficuldade. S. Agostinho diz: *Si aliquando cur non modò*: se nos havemos de converter depois, porqué não nos convertemos agora? Eu digo: *Si non modò cur aliquando?* Se não nos cöveremos agora, porqué cuidamos, que nos havemos de converter depois? As razoes, que haveis de ter depois para vos converter, todas essas, & muito maiores tendes agora: pois se estas razoes não bastão para vos converter agora: como hão de bastar humanamente para vos converter depois? A força desta razão fez enforcar a Judas. Fez Judas consigo este discurso: maiores motivos do que eu tive para me converter, não são possíveis, porq̃ tive o mesmo Christo a meus pés: pois se Christo a meus pés não foi bastante motivo para me converter; não me fica que esperar, venha hum laço. Christãos, eu nam quero

desesperar a ninguem, ne quero dizer, que a salvação não he possível em todo tempo: o que sô vos quero persuadir, he o que dizem todas as Escrituras, & todos os Santos. Que os que deixão a penitência para a hora da morte, ou para o fim da vida, tem muito arriscada sua salvação, porqué raramente se salvão: *Si non modò cur aliquando?* Senão vos converteis agora, que tendes vida, como vos haveis de converter depois, quando pode ser, que a não tendes? Dizeis, que vos não converteis agora, mas que vos haveis de converter depois: & se o depois for agora? Se moreres no estado presente, se não chegares a esse depois, que ha de ser de vós? Quantos amanhecêrao, & não anoitecêrao! Quantos se deitárao à noite, & nam se levátárao pela manhã! Quantos postos à mesa os afogou hum bocado! Quantos indo por húa rua os sepultou húa ruina! A quantos levou húa balla não esperada!

perada! Quantos endoudecerao de repente! A quantos veio a febre junta com o delirio! A quantos hum espasmo, a quantos hua apoplexia: a quantos infinitos accidetes outros, que ou tiraõ o uso da razão, ou a vida! Todos estes cuidavaõ, que haviam de morrer hua morte ordinaria, como vós cuidais: & quem vos deo a vós seguro, de que vos naõ ha de succeder o mesmo? *Si non modo cur aliquando?* Se agora que estais saõs cõ o uso livre de vossos sentidos, & potencias, vos naõ convertereis, como cuidais que vos haveis de converter na hora da morte, cercado de tantas angustias, & de tantos estorvos, a mulher, os filhos, os criados, o testamento, as dividas, os acredores, o Confessor, os Medicos, a febre, as dores, os remedios, a vida passada; a conta quasi presente. Quando todas estas cousas juntas, & cada hua dellas bastaraõ para perturbar, & pasmar hua alma, & naõ a

deixar com o juizo, & com a liberdade, que pede a materia de maior importancia: quando ja as potencias estaraõ fora de seu lugar, & vós mesmo naõ estareis em vós, como cuidais, que vos podereis converter entaõ?

139 Mas eu vos dou de barato a vida, & a saude, & o vigor das potencias, & dos sentidos; mais ha que isto. Para hum homem se converter, naõ basta só vida, & saude, & juizo, mas he principalmente necessaria a graça de Deos. Pois *si non modo cur aliquando?* Se agora que tendes offendido menos a Deos, Deos vos naõ da graça efficaz para vos converteres, que sera quando o tiverdes offendido mais? Parecevos que he boa diligencia multiplicar as offensas de Deos para grangear a graça de Deos? Se ides continuando assim, naõ ha duvida, que depois haveis de ser muito peor, ainda do que sois agora: pois se agora que sois melhor,

lhor, ou menos máo, vos não converteis, como o haveis de fazer depois, quando fordes peor? Os peccados quanto mais cōtinuados, tanto mais endurecẽ, & obstinão ao peccador: pois *si non modò cur aliquãdo*? Se agora quando o vosso coração não està ainda tão endurecido, & tão obstinado, não ha prègaçoens, nem inspiraçoens, nem exemplos, nem mortes repentinas, & desastreadas, que vos abrendem, que serà quando estiver feito de marmore, & de diamante? Os peccados com a continuação, & com os habitos tomão cada vez mais forças, & fazem se cada dia mais robustos, & a alma pelo contrario com o costume mais fraca: pois *si non modo cur aliquando*? diz a Escritura: *Beatus qui occidit parvulos suos ad peccatam*: bemaventurado o que quebra a cabeça a seus peccados, quando pequenos. *Et tu*, diz S. Bachiario, *expectas donec inimicus tuus gigas efficiatur*? E nõs

para vencer estes inimigos somos tão loucos, que esperamos, que elles se fação Gigantes? Se agora, que os peccados estão menos robustos, & crecidos, & a alma tem ainda algum vigor, os não podemos derribar, & vencer; que serà quando os peccados estiverem Gigantes, & a triste alma tão envelhecida nelles, & tão enfraquecida, que senão possa mover? Finalmente, Christãos, não vamos mais longe: se Deos nesta mesma hora vos està chamando, & vos està dando golpes ao coração, & vos não lhe quereis abrir, nem o quereis ouvir; como esperais que Deos vos chame depois, ou que vos ouça quando o chamares, ou que o possais chamar como convem? *Si non modò cur aliquando*! O mesmo Deos por suas palavras quero que vos defengane desta vã esperança, em que vos confiais, & vos precipitais ao Inferno: ouvi a Deos no Capitulo primeiro dos

Proverbios: *Vocavi, & renuistis*, chameivos, & não acodistes: *Extendi manum meam, & non fuit qui aspiceret*, estendi a minha mão, & não ouve quem fizesse caso: *Despexistis omne consilium meum*, desprezastes todos os meus conselhos: & que se seguirá daqui? *Ego quoque in interitu vestro ridebo, & subsannabo*: eu também, diz Deus, quando vier a hora de vossa morte zombarei, & nam farei caso de vós, & assim como agora eu vos chamo, & vós não me ouvis, assim então eu não ouvirei ainda, q̄ vós me chameis: *Tunc invocabunt me, & non exaudiam*. Christãos, nós fiamonos em q̄ Deus tem prometido, que todas as vezes, que o peccador o chamar de todo o coração, o ha de ouvir: & esta promessa anda muito mal entendida entre os homês. He necessario advertir o que Deus tem prometido nella, & o que não té prometido. Deus tem prometido, que todas as vezes,

que o peccador o chamar de todo seu coração, o ha de ouvir: mas não té prometido, que todas as vezes, que o peccador quizer, o ha de chamar de todo o seu coração. Vai muito de hũa cousa a outra. Se chamardes a Deus de todo o coração, ha-vos de ouvir Deus: mas se vós agora não ouvirdes a Deus; depois não o haveis de chamar de todo o coração. O chamar de todo o coração não depende só de nosso alvedrio, depende de nosso alvedrio, & mais da graça de Deus: & té Deus decretado conforme os juizos altísimos de sua justiça, que o não possã chamar de coração na morte, quem lhe não quiz dar o coração na vida. Que faz Deus em toda a vida, se não estarnos pedindo o coração: *Fili prabe mihi cor tuum*: & como vós agora negais a Deus o coração, que vos pede, assim Deus então vós negará justissimamente, que lhe peçais de todo o coração. Deus agora

agora buscaños, & não nos acha, então buscaremos nós a Deos, & não o acharemos. O mesmo Deos o prometeo, & ameaçou assim: *Queritis, & non invenietis me, & in peccato vestro moriemini*: buscar-me-heis, & não me achareis, & morrereis em vosso peccado. Não diz menos que isto.

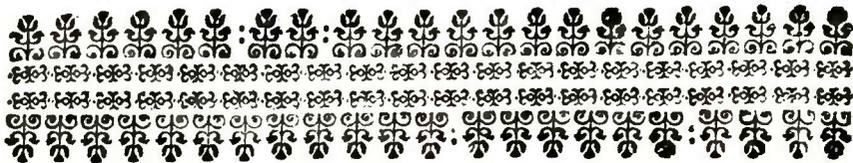
14^o Ora, Christãos, pelas Chagas de Christo, & pelo que deveis a vossas almas, que não queirais, que vos aconteça tão grande infelicidade. Desenganai-vos, & seja este o ultimo desengano; que se vos não converteis desde logo, & continuais pelo caminho que ides, vos haveis de perder, & condenar sem remedio. O remedio he: *Baptismum penitentiae*: húa contrição de coração muito verdadeira, huma confissão mui inteira, & mui apostada com firme resolução de não offender mais a Deos. Em fim fazei agora aquillo, que dizeis, que haveis de fazer de-

pois. Se vos haveis de converter no fim da vida, imaginai, que chegou já esse fim, que não he imaginação. Mas que importa, Senhor, que eu o diga, se a vossa graça não ajuda a tibieza de minhas palavras? Soccorreinos, Senhor, com o auxilio efficaz desses olhos de misericordia, & piedade; allumjai estes entendimentos, acendei estas vontades, abrazaí, & abrandai estes endurecidos coraçoes, para que vos não sejam ingratos, & se aproveitem nelles os merecimentos infinitos de vossa encação: *Per adventum tuum*, Senhor, pelo amor com que viestes ao mundo a salvar as almas, que salveis hoje nossas almas: ao menos húa alma, Senhor, à hora de vosso santissimo nascimento: *Per nativitatem tuam*: pelo amor, & pela misericordia có q' nascestes em hū Presépio, por aquelles desemparras, por aquelle frio, por aquellas palhinhas, por aquellas lagrimas, por aquella

aquella estremada pobreza, & por aquelle affecto ardentissimo com que tudo isto padecestes por amor de nós. Virgem Santissima, hoje heo dia dos encédidissimos desejos de vossa Expectação, parti com nosco, Senhora, desfes affectos, para que naça tambem Christo em nos-

fas almas. Convertei os suspiros em inspiraçoens, pedi a vosso querido Esposo, o Espirito Santo, trespasse nossos coraçõens cõ hum rayo efficaz de sua luz, para que o amemos, para que o sirvamos, & para que mereçamos a sua graça, & por meio della a gloria.





SERMAM

DA

CONCEICAM

IMMACULADA DA VIRGEM MARIA S.N.

Maria, de qua natus est Jhesus. Matth. i.

§. I.

141



Omo em todas as materias cõtroverfas dizer o jã dito he superfluo , assim na de que hoje sou obrigado a fallar, dizer o que ainda não esteja dito, he difficuloso. Entre os mysterios, todos soberanos, de Maria Máy de Deos , o que hoje celebra a Igreja, & todos dese- jaõ ouvir estabelecido cõ

algũa novidade , he o de sua Conceiçaõ immacula- da. Mas todas aquellas es- tradas, por onde se pôde caminhar seguramente, ou ao templo desta adoraçaõ, ou ao castello desta defen- sa, estão taõ batidas, & de- batidas, que como bem di- zia ha muitos annos hũ dos maiores Oradores de Hes- panha , ninguem pòde pòr o pè, senaõ sòbre pègada alhea. Boa satisfãçaõ para a desculpa, mas muito des- conso-

consolada para o desejo. Desta mesma se valeo Terencio, aquelle taõ celebrado Comico, o qual pedia perdaõ ao theatro Romano delhe representar o que já tinha ouvido, & allegava em seu abono, que o mesmo tinhaõ feito os velhos, & assim o faziaõ os modernos:

Nullum est jam dictũ, quod non dictum sit prius.

Quare æquum est vos cognoscere, & ignoscere:

Quod veteres factitarunt, sic faciunt novi.

E se isto se usava na cabeça do mundo ha mais de mil annos, que serà hoje entre nõs, onde não he taõ facil inventar novos argumentos, como novos trajos?

142 Eu porèm não me acabo de sôgeitar a este dictame; porque ainda que os antigos bebéraõ primeiro nas fontes, nem por isso as esgotáraõ: *Multum egerunt qui ante nos fuerũt, sed non peregerunt*, diz Se-

neca. Muito fizeraõ os que vieraõ antes de nõs, mas não perfizeraõ. Entre o fazer, & o perfazer ha grandes intervallos: *Multum autem restat operis, multumque restabit.* Assim como elles acrecentáraõ sobre o que tinhaõ dito os mais antigos, assim nõs podemos acrecentar, & descobrir de novo o que elles não acháraõ, como tambem sobre nõs os que depois vierem. Isto escreveo animosamente o maior espirito dos Estoicos. E nem a mim me mete medo dizer Salamaõ, que não ha cousa nova debaixo do Sol: *Nihil sub Sole novum;* Eccel. xi 10. porque a materia de que hoje hei de tratar, não he de debaixo do Sol, senaõ do mesmo Sol, & acima delle.

143 Duvidoso pois entre o que tem de verdadeiro hũa destas sentenças, & o que oppoem de difficuloso a outra; o meyo que determino, & devo tomar, he o que ensinou o Mestre divino, em que am-

Terencius in Terentio.

Seneca Phil. 64.

Matth. 13. 52. *ambas se concilião, & se concordaõ: Ideo omnis scriba doctus similis est Patrifamilias, qui profert de thesauro suo nova, & vetera.*

Por isso todo o estudioso douto nas Escrituras he semelhante (diz Christo) ao Pay de Familias rico, o qual tira do seu thesouro o novo, & mais o velho. Assim o farei eu hoje, posto que reconheço a minha pobreza: *Ego vir videns paupertatem meam.* Dos thesouros da Theologia, & da Escritura suporei na materia presente o velho, & verei se posso dizer o novo. A Virgem immaculada, cuja graça sempre foi antiga, & sempre nova, me assista com a sua.

Ave Maria.

§. II.

Maria, de qua natus est Iesus. Matth. I. 16.

144 **P**rometi suppor o velho para dizer o novo. E posto que esta proposta na mate-

ria da Conceição immaculada seja mais facil de prometer, q de desempeñar; comecemos brevisimamente pelas supposições. Supponho como certas tres cousas geralmente recebidas, cada qual porèm dentro do seu grao de certeza: a primeira scientifica, a segunda mais que provavel, a terceira expressamente de fé. A primeira, & scientifica he, que ha dous modos de remir, ou de redempção, húa que tarda, & remedeia o cativeiro, outra que se anticipa, & preserva del-le. A segunda, & tão provavel, que já se não póde afirmar em publico o contrário, he, que pela redempção que remedeia, remio Christo a todo o genero humano, & pela que se anticipa, & preserva, remio a sua santissima Mãe. A terceira, & expressamente de fé, he, que o preço de húa, & outra redempção foi o merecimento, & valor infinito do sangue do Filho de Deos offerecido, & derra-

& derramado por todos. Este sangue pois, & o modo com que Christo o derramou singularmente por sua Mãy, com muitos primores de redempção atégora não ponderados, será a novidade, que para maior gloria da Mãy; & do Filho desejo provar. A tudo me dão fundamento as palavras do Evangelho, que tomei por Thema: *Maria, de qua natus est Iesus*. Em Maria temos a Remida, & preservada: no nome de Jesu, que quer dizer Redemptor, temos a redempção: & nas duas palavras, *de qua natus est*, temos o preço, que foi o sangue; porque encarnando, & nascendo Jesu de Maria, della o recebo para o dar universalmente por nós, & muito particularmênte pela mesma Mãy.

§. III.

145 **E**Ntrando pois nas considerações, & modos particulares com que o bendito Fi-

Tom. 7.

lho da Virgem Maria em quanto Jesu, & em quanto Redemptor, em obsequio, & beneficio singular da mesma Senhora deo o sangue, que de suas purissimas entranhas tinha recebido: *de qua natus est*; seja o primeiro, & mais geral, como fundamento de todos, ser a mesma Senhora preservada do cativoiro do peccado de Adam por valor, & virtude do mesmo sangue.

146 Mandando Deos a Moyses, que dos desertos de Madian onde vivia fosse ao Egypto resgatar o seu Povo, que là estava cativo, levou Moyses em sua companhia a Sephora sua Esposa. E foi esta acção do seu Enviado tão esfranhada, & abominada do mesmo Deos, que antes de chegar ao Egypto, lhe tornou a aparecer taõ indignado contra elle, que queria não menos, que tirarlhe a vida: *Cumque esset in itinere, in diversorio, occurrit ei Dominus, & volebat occidere eum*. Paremos, & reparemos

Exod 4.
24

L paremos

paremos aqui com S. Agostinho, Theodoretto, Eusebio Cesariense, Emisseno, & outros, os quaes colhem do mesmo Texto, que esta, & não outra foi a causa de hũa taõ notavel, & impensada demonstração. Pois, Senhor, a Moyses, a quem acabais de eleger por Redemptor do cativo do vosso Povo, taõ de repente quereis privar, não só do officio, senão da vida? Taõ grande culpa, & taõ mal soffrida de vós, foi querer levar sua Esposa consigo? Sim. Porque quando eu mando a Moyses, que vã libertar aos que estaõ cativos no Egypto; que queira elle meter no mesmo cativo a sua Esposa, que taõ livre estava delle, quanto vai do Egypto a Madian; não soffro eu tal deslumbramento, & tal erro em hum homem, que fiz Redemptor universal do meu Povo, & por isso representador de meu Filho. Reparem neste juizo de Deos os que interiormente se não acabão de

conformar com o que hoje prégamos, se por ventura ha ainda algum. Se Deos quiz matar a Moyses, porque não soffreo, que elle metesse no cativo do Egypto com os outros cativos a Esposa que era de Moyses; se a Esposa fosse do mesmo Deos, como o soffreria? Sendo pois verdadeiramente Esposa sua a Virgem Maria, como soffrerá aos que lha querem cativar, & meter com os demais no mesmo cativo? Mas advertido isto de passagem, vamos por diante com a historia ao nosso ponto.

147 Postos Moyses, & Sephora em termos tam apertados, & perigosos como vimos: elle debaixo da espada de Deos condemnado à morte, & ella caminhando para o Egypto, onde todos eraõ cativos; que succedeo? Levavaõ ambos hum filhinho consigo, ao qual naquelle estado circuncidou a Mãe, dizendo ao Pay, q̄ elle era a causa de lhe derramar o sangue:

Exod. 4. 25. *gue: Sponsus sanguinum tu mihi es: & no mesmo ponto, aplacado Deos, a Moyses lhe foi perdoada a culpa, & Sephora ficou livre de ir ao Egypto, apartandose delle: Et dimisit eum.*

Ibid 26. Idest Sephora Moysen ita Lyran. Quem se não admira neste caso do modo tão facil, & tão breve com que dous nós tão fortemente apertados se desfatao, & dous perigos tão grandes se resolvêrao? De sorte, que em se derramado o sangue do filho, o Pay ficou absolto da culpa, & a Mãy livre do cativoiro? Com razão disse S. Paulo, que tudo o que naquelle tempo succedia, erao figuras, & húa como comedia do que depois havia de ser: *Omnia in figura continebant illis.* O filho innocête era figura de Christo: o Pay era figura de Adaó, de quem tomou a natureza: a Mãy era figura da Virgem Maria, de quem nasceo. E tanto que o sangue do filho se derramou, o Pay ficou livre da culpa, pela qual estava cõdenado à morte: & a Mãy

ficou livre do cativoiro para onde a levava o mesmo Pay. Põde haver representação por todas suas circumstancias mais propria? Mas ainda faltao por advertir duas para maior gala do mysterio. A primeira, que a Mãy foi livre do cativoiro não depois de ir ao Egypto, & estar cativa, senão antes, & preservada, para que o não fosse. A segunda, que o mesmo cativoiro do Egypto naquella occasião já estava acabando, & havia de durar muito pouco: mas como o filho de Sephora representava o Filho de Maria, não permitio o seu sangue, que sua Mãy estivesse cativa, nem por hum só instante.

148 Parece que depois de tal figura não pôde haver prova real, que a iguale: mas serà tanto maior, & melhor, quanto vai da luz à sombra. Quando o mesmo Christo na ultima Cea consagrou o seu preciosissimo sangue no Caliz, foi com estas pala-

vras: *Hic est Calix sanguinis mei, qui pro vobis, & pro multis effundetur*: Este he o Caliz de meu sangue, o qual se derramarà por vós, & por muitos. Terrível palavra foi esta ultima! O sangue de Christo he de fé, que se derramou por todos, porque por todos morreo, de que temos cótra o Herege moderno o texto expresso de S. Paulo: *Pro omnibus mortuus est Christus*. Pois se o mesmo Christo havia de derramar, & derramou o sangue por todos, porque não diz, Este he o Caliz do meu sangue, o qual se derramarà por vós, & por todos, senão por vós, & por muitos, *pro vobis, & pro multis*? Lede as palavras seguintes, & vereis quam admiravelmête resolvem a duvida. *Qui pro vobis, & pro multis effundetur in remissionem peccatorũ*: Serà derramado, diz o Senhor, o meu sangue por vós, & por muitos: mas como? *in remissionem peccatorum*, em remissão de peccados. A-

qui está a differença. O sangue de Christo absolutamente derramouse nam só por muitos, senam por todos: mas em remissão de peccados, não se derramou por todos, senam por muitos; porque do numero dos todos foi exceptuada a Mãy, que lhe deo o mesmo sangue. Por todos os mais foi derramado o sangue de Christo, & em remissão de peccados: só por sua Mãy foi tambem derramado, sim, mas em remissão de peccados, não, porque não teve peccado. Oh bendito Filho de Maria, que bem mostrastes ser juntamête Filho de Deos, poistaõ altamente acodistes pela honra de vossa Mãy! Havia de dizer S. Paulo, que todos peccaráõ em Adam: & que o sangue de Christo se derramou por todos. Mas para que o mundo se não enganasse, & soubesse, que no contrahir o peccado ouve exceiçaõ, & no derramar o sangue, differença; por isso declarou o Senhor có duas

2. Cor.
5. 15.

limitações tão expressas, que o seu sangue se derramaria por muitos, & em remissão de peccados. Por muitos, & não por todos, para excluir a sua Mãe: & em remissão de peccados, & não por outro modo, para a eximir de toda a culpa, da qual nam foi perdoada por remissão, senão prevenida, & preservada por graça. Assim o disse, & protestou em tal hora, em tal acto, & com o Caliz do sangue que havia de derramar nas mãos, como Filho emfim; & Redemptor, que era da Mãe de quem recebera o mesmo sangue: *De qua natus est Iesus.*

§. IV.

149 **E** Stabelicido este fundamêto geral, em que ficão tão bẽ provadas (& não sei se cõ algũa novidade) as supposições do que chamei velho: para entrarmos no que mais propriamente he novo, & tudo sobre o san-

Tom. 7.

gue, que Christo derramou, para remir singularmente a sua Mãe, & a preservar do peccado; saibamos quando, onde, & como obrou o bẽdito Filho este grande, & occulto mysterio, & nunca atẽgora distintamente examinado.

150 S. Bernardino Senense diz, que remio Christo a sua Mãe com o primeiro sangue, que derramou na Cruz, & com grande preferẽcia a todos os que nella forão remidos. Fundase naquellas palavras dos Canticos: *Vulnerasti cor meum, soror mea sponsa, vulnerasti cor meum: nas quaes reconhece o Sãto primeiras, & segundas feridas, & diz que as primeiras offereceo Christo na Cruz pela redempçam de sua Mãe, para q a mesma Senhora, sendo remida primeiro que todos, fosse a Primogenita do Redemptor. As palavras do devotissimo, & doutissimo Padre saõ estas: *Vulnerasti cor meum, soror mea sponsa, vulnerasti**

Bernardin. Ser. de Conception.
Cant. 4.
9.

L iij

Luc 2.
7.

vulnerasti cor meum : pro tuo amore carnem sumpsi, & vulneribus primis in cruce vulnerasti cor meum ; nam Primogenita Redemptoris Filij sui Iesu est virgo Beata. Alto sentir, & digno de feu Author. De forte, que assim como o Filho foi o Primogenito da Mãy em quanto Homem, *Peperit Filium suum Primogenitum*; assim a Mãy foi a Primogenita do Filho em quanto Redemptor, *Primogenita Redemptoris Filij sui*. E esta foi a primeira fineza, ou primorosa correspondência com que o Filho Jesu, em quanto Jesu, & Redemptor da Mãy, de quem nasceo, lhe pagou o beneficio do ser, não que della tivesse já recebido, senão que havia de receber. O Filho Primogenito da Mãy, & a Mãy Primogenita do Filho: o Filho Primogenito da Mãy no nascimêto, a Mãy Primogenita do Filho na Conceição.

151 Até aqui S. Bernardino, declarada a sua

sentença quãto ella o per-
mite. É verdadeiramente,
que quando o Santo disse,
vulneribus primis, se nam
acrescentàra *in Cruce*, na
Cruz, não tinha eu mais
que desejar, & dera opa-
rabem ao meu pensamen-
to de se encontrar como
de taó allumiado, & subli-
me espirito. Mas porque
tenho outras Escrituras
mais claras, que citarei,
conformandome em que
o fangue, que o Redemp-
tor derramou, por sua
Mãy, foi o primeiro, di-
go que não foi na Cruz, se-
nãõ no Horto. Abranos o
caminho à prova desta no-
vidade o grande Doutor
da Igreja S. Ambrosio, o
qual florecendo mil annos
antes, já entãõ deixou es-
crito, que dandó o Filho
de Deos principio à obra
da universal Redempção,
começou por sua Mãy.
*Nec mirum si Dominus re-
dempturus mundum, opera-
tionem suam inchoavit à
Matre, ut per quam salus
omnibus parabatur, eadem
prima fructum salutis hau-*

D. Am-
brosio,
Luc. c. 2.

. rirer

riret ex pignore. Elegante, & eloquentemente, como sempre, Ambrosio. Quer dizer, que ninguem se deve maravilhar de que havendo de dar principio o Redemptor à obra da redempção do mundo, começasse por sua Mãy, para que ella, que o havia de ajudar na redempção de todos, fosse a primeira, que na mesma redempção colhesse os frutos do fruto do seu ventre.

152 Isto posto, se alguém perguntasse ao mesmo Filho, & à mesma Mãy, onde colhéraõ estes primeiros frutos da redempção, não ha duvida, que ambos havião de responder, que no Horto: & assim o dizem expressamente a Mãy, & mais o Filho. He passo, que se não podia de-
 fejar, nem inventar melhor: & foi hum dialogo, que tiveraõ entre sy o Esposo, que he Christo, & a Esposa, que he a Virgem, no mesmo livro dos Canticos. *Veniat dilectus meus in hortum suum,* (diz alli a

Senhora) & comedat fructum pomorum suorum: Venha o meu amado ao seu Horto, & colha o fruto dos seus frutos; isto he, os primeiros, & as primicias delles. Isto disse a Esposa: & logo tendo satisfeito o Filho ao desejo da Mãy, diz assim: *Veni in hortum meum, soror mea sponsa, & messui myrrham meã:* Vim ao meu Horto, irmãa, & Esposa minha, & o que alli colhi, foi a minha myrrha.

A mirrha propriamente não he fruto, senão hú licor, que se sua, & estila das arvores do mesmo nome. Pois se a Esposa tinha convidado o Esposo, para que fosse ao seu Horto colher os primeiros frutos, *Veniat in hortum suum, & comedat fructum pomorum suorum:* como indo o Esposo ao mesmo Horto, em vez de colher frutos, colheo myrrha: *Veni in hortum meum, & messui myrrham meam?* Assim o disse, porque assim foi, nem se podia declarar melhor. Como a myrrha he aquelle licor

ibidem.

aromatico, que suaõ as arvores, o fruto que Christo colheo no Horto, fatisfazendo ao desejo de sua Mãy, foi o fangue, que por amor della fuou na oraçaõ do mesmo Horto. Expressa, & concordemente S. Cyrillo Jerosolymitano, Philo Carpacio, & Ruperto. *Christus enim in Horto orans, myrrham messuit, cū sanguinem sudavit.* Põde haver coufa mais clara, mais breve, & mais exacta; em que se exprima como desejavamos, o onde, o como, & o quando? O onde, no Horto, *in Horto*: o como, orando, *orans*: o quando, quando fuou o fangue, *cū sanguinem sudavit*?

153 A vista pois desta primeira conclusaõ tão nova, & tão provada, que diremos? Diremos por vètura, que andou tão finalmente primoroso o soberano Redemptor na redempçaõ de sua Mãy, que não só quiz que fosse immaculada a Remida, senão tambem immaculada a mesma redempçaõ? E

porque a redempçaõ, que obrou no Calvario, era redempçaõ de peccado, & de peccadores; para que a de sua Mãy de nenhú modo se envolvesse, & misturasse com ella, a dividio, & separou no tempo, no lugar, no fangue, & no modo de o derramar, fazendo no Horto hum novo Calvario sem monte, & no suor hũa nova Cruz sem cravos? Assim o cantou elegantemente Hildeberto Turõense: *Sanguineus sudor Crucis fuit ante crucem.* Mas ouçamos a S. Paulo. S. Paulo parece que faz distincção entre hum, & outro fangue, attribuindo a redempçaõ universal só ao fangue da Cruz: *Pacificans per sanguinem Crucis ejus* Collec. 1.20. *sive quæ in terris, sive quæ in Cælis*: & estes são os termos geraes com que communmente fallaõ os Santos Padres. Donde se segue, que se o fangue da Cruz foi só o preço da redempçaõ universal, no tal caso todo o sãgue do Horto foi unicamente applicado

Cyroll.
Philo
Carp.
Rupert
rbi.

do pelo Filho à redempção da Mãy , & por isso propriamente não só Primogenita, como queria S. Bernardino, mas Vnigenita; porque a Primogenita tem segundos, & a Vnigenita he singular, & unica. Mas esta fineza de nenhú modo se deve, nem pôde entender com exclusão do sangue da Cruz , porque he certo, que o Filho da Virgem tambem morreo pela Mãy, de quem nasceu; que foi nova correspondencia de reconhecimento, & gratidão, pagando-lhe o nascimento com a morte. Que diremos logo à vista destes dous theatros, ou amfiteatros, ambos sanguinolentos , hum do Horto, outro do Calvario? Digo, que em hum, & outro obrou o Filho de Maria como Jesu, & como Redemptor a sua redempção ; mas no Calvario como universalmente Remida; no Horto , como singularmente preservada, & em hum , & outro, como purissima , & sem

macula. Em tudo quanto digo, fallo pela boca da mesma Mãy, & do mesmo Filho: & neste ponto com texto milagrosamente feito só para elle.

154. Hum dos mais notaveis Textos da Escritura no que diz, & na ordem, & consequencia com que o diz, são aquellas palavras do Esposo Divino, fallando primeiro com si-go, & depois com a Esposa: *Vadam ad montem myrrhæ, & ad collem thuris:* Cant. 4.
totapulchraes amica mea, & macula non est in te. 6.7. Eu [diz o Esposo) irei ao monte da myrrha, & ao oiteiro do incenso: & vós, Esposa, & amiga minha, toda sois fermosa, & toda pura sem macula. Superfluo he repetir, que a Esposa he a Virgem Maria, & o Esposo Christo seu Filho. Mas que correspondencia tem dizer o Filho, que ha de ir ao monte da myrrha, & ao oiteiro do incenso: & logo inferir, & concluir, que a Mãy toda he fermosa, & toda pura
 sem

fem macula? *Vadam ad montem myrrhae, & ad collem thuris*: & logo de repente fem outro motivo: *Tota pulchra es amica mea, & macula non est in te*? Para entendimento desta notavel consequencia em q se infere com tanta clareza, & expressão a pureza immaculada da Virgem, he necessario saber, que monte, & que oiteiro, que myrrha, & que incenso he este? A myrrha significa a morte, o incenso significa a oração: & neste sentido, que he de todos os Santos Padres, o monte da myrrha he o Calvario, onde Christo morreo, & o oiteiro do incenso, he o Horto de Getsemani, onde orou: (porque Getsemani estava situado em hum tezo sobre o Valle de Cedron.) E de Christo morrer na Cruz, & orar no Horto, tira por consequencia, & conclue o mesmo Senhor, que sua Mãy toda he pura, & fem macula: cõ razão, & consequencia, torno a dizer, milagrosa; porque pa-

ra Christo remir o genero humano depois do peccado, bastava o sangue, que derramou na Cruz; mas para remir, & preservar a sua Mãy fem macula de peccado, quiz elle por fineza particular acrescentar ao sangue da Cruz o sangue, que derramou na oração do Horto. Isto he ir ao monte da myrrha: *Vadam ad montem myrrhae*, & juntamente ao oiteiro do incenso, *& ad collem thuris*. E tanto que se unirão os effectos destas duas jornadas, & se ajuntou hú sangue com outro sangue, entã exclamou, & declarou a vozes o Filho, que sua Mãy era toda pura, & fem macula: *Tota pulchra es, amica mea, & macula non est in te*; porque o effecto geral do sangue da Cruz, foi remir, & o particular do sangue do Horto, remir preservando.

155 Comparemos hú sangue com outro, o da Cruz com o do Horto, & veremos com os olhos esta mesma differença. Quando

do na Cruz deraõ a lança-
da a Christo, sahio sangue,
& agua : *Exiuit sanguis, &*
aqua : mas quando o Se-
nhor suou no Horto, só-
mente sahio sangue : *Fa-*
ctus est sudor ejus sicut gut-
tæ sanguinis. Parece, que
naõ havia de ser assim.
Mais proprio era do san-
gue do Horto, que do san-
gue da Cruz ; sair junta-
mente com agua. Porque
depois de exhausto o suor
natural, que he humor
aqueo, entaõ se seguia o
preternatural, & prodigi-
oso, que he o de sangue.
Qual foi logo o mysterio,
porque o sangue da Cruz
sahio juntamente cõ agua,
& o do Horto naõ? Todos
os Padres uniformemente
dizem, que o sangue da
Cruz significava a redemp-
ção, & a agua o bautismo
primariamente instituido
para lavar o peccado origi-
nal. S. Athanasio: *Exiuit*
sanguis, & aqua, ut ita re-
demptio & immudatio prio-
ris Adæ dimanaret. E S.
Ambrosio: *Exiuit aqua, &*
sanguis : aqua, ut mundaret,

sanguis, ut redimeret. Assim
os demais. E como o san-
gue da Cruz era para re-
mir, & a agua para lavar as
manchas do peccado de
Adam ; por isso sahio na
Cruz o sangue juntamen-
te com agua : *Exiuit san-*
guis, & aqua. Porém no
Horto, como o sangue era
para remir naõ lavando,
senaõ preservando da mes-
ma mancha : porque só ha-
via de remir, & naõ tinha
que lavar; por isso o suor
naõ foi de sangue junto cõ
agua, senaõ de sangue só-
mente: *Sicut guttæ sangui-*
nis. Esta he a razão, &
propriedade porque o Se-
nhor quando disse, que ha-
via de ir ao Calvario, *Va-*
dam ad montem myrrhæ,
naõ fallou palavra na pu-
reza da Mãe ; mas tanto
que ajuntou, que havia de
ir tambem ao Horto, *& ad*
collem thuris, logo a publi-
cou, & canonizou por im-
maculada, *& macula non est*
inte. Bem podera o sangue
da Cruz, como de infinita
virtude, produzir por sy
só este effeito, mas como a

redempção da Mãy era tão to mais nobre, tanto mais alta, & tanto mais preciosa, que a de todos, tambem era credito da mesma redempção, que fosse maior, & mais subido o preço que se dêsse por ella. Por isso os empenhos sempre mais, & mais primorosos do Filho não se contentaõ com menos, que com dobrar a paga, acrescentando hum preço sobre outro preço, & hum sangue sobre outro sangue, como Redemptor emfim, & Jesu da Mãy, de quem o tomou, & nasceo: *De qua natus est Iesus.*

§. V.

156 **T**EMOS prova-
do a preroga-
tiva do sangue, que Chri-
sto suou no Horto em res-
peito do que derramou na
Cruz, & como foi parti-
cularmente aplicado pelo
mesmo Filho à redempção
immaculada de sua Mãy:
mas ainda não temos dá-
do, nem inquirido a razão.

No sangue de Christo tan-
to valor tem húa gota co-
mo todo: & se no todo se
quizeffe especular alguma
consideração de excessõ,
ou ventagem, o todo foi o
da Cruz, & as gotas o do
Horto: *Sicut gutta sangui-
nis.* Que razão de preroga-
tiva teve logo o sangue
do Horto, para ser elle o
preferido neste mysterio
ao da Cruz? Respondo,
que a razão, convenien-
cia, & primor desta pre-
ferencia, foi; para que não
só o Redemptor, & a re-
dempção, senão tambem
o preço della, que foi o san-
gue, se unissem no mesmo
modo singular, & extraor-
dinario de remir, com que
o Filho remio a Mãy, &
ella foi remida. Como foi
remida a Virgem Maria?
Não depois, senão antici-
padamente, que isso he ser
remida por preservaçam.
Pois essa foi a razão, o pri-
mor, & a fineza, porque
não só o Redemptor, & a
redempção, senão també
o preço della se anticipou.
O Redemptor apressouse,
& adí-

& adiantou-se à redempção : a redempção apressou-se, & adiantou-se ao peccado : & para que o preço, que era o sangue, se apressasse, & adiantasse também , anticipou-se o sangue do Horto ao da Cruz.

157 Caminhando o Pay, & Mây de Samsam por hũa estrada deserta cerrada de bosques, adiantou-se o filho, que os acompanhava , & saindo-lhe ao encontro hum Leão taõ feroz na catadura, como soberbo nos bramidos, arremeteo a elle o valente moço, sem mais armas, que as proprias mãos, & affogando-o entre ellas, o lançou morto no bosque. Grã façanha, & mais que humana! Assim o nota a sagrada Escritura, dizendo, que isto fez Samsam movido do Espirito divino. Mas o primeiro movimento com que se adiantou, deixando atraz seu Pay, & sua Mây, parece que nem foi necessario, nem conveniente. Necessario não ; porque as suas forças eraõ

as mesmas, & tanto podia matar o Leão adiantando-se, como indo ao lado dos Pays : conveniente também não, & muito menos ; porque acompanhando os mesmos Pays , os assegurava melhor do perigo daquella, ou de outra fera do bosque. Qual foi logo o fim (que não podia deixar de ser grande, & mysterioso] porq̃ o moveo o mesmo espirito a que se adiantasse? O fim grande, & mysterioso foi, como já notáraõ alguns Escriitores modernos ; porque nesta historia de Samsam se representava maravilhosamente, & com todas suas circunstancias o mysterio da Conceição immaculada. A estrada por onde caminhavão o Pay, & a Mây, he aquella por onde descendemos de Adam todos os que recebemos o ser por geração natural : o Leão feroz, & soberbo he o peccado original, que naquella passagem espera a todos os homens, & antes de nascidos lhe não perdoa, &

os mata: o Samsam, que o matou a elle, he Christo por natureza izento de peccado, & que sô tem poder, & forças para vencer, & destruir não sô o original, mas todos. Assim pois como Samsam se adiátou, & anticipou para livrar do Leaó a seu Pay, & sua Mãy, antes que elle os encontrasse; assim Christo se adiantou, & anticipou a preservar do peccado original a sua Mãy, antes que ella o encoresse.

158 Atè aqui os Doutores allegados, não reparando nenhum delles, nem acodindo a húa circumstância, & impropriedade, que sendo esta figura taó natural do mysterio, não sô a deslustra, & afea, mas a nega, ou poem em duvida. Samsam livrou das garras do Leaó a seu Pay, & a sua Mãy: Christo não prefervou do peccado original a homem algum, senão a húa mulher sômente, que foi a Virgem immaculada: logo a historia não diz com o mysterio, nem a figura cõ

o figurado, antes desfaz, & descompoem toda a gloria, & privilegio da Conceição, que consiste em ser a Senhora unicaméte preservada? Mas que seria se eu dissesse, que nesta que parece impropriedade da historia, consistio a maior energia, & gala do mysterio? Assim o digo. Porque Samsam livrou daquella fera, que representava o peccado original, não sô a sua Mãy, senão tambem a seu Pay; por isso mesmo foi perfeitissima figura de Christo no mysterio da Conceição. Mas de que modo? Por isso mesmo. Porque Christo foi Filho da Virgem Maria: & a Mãy que he Virgem, nam sô he Mãy, senão Mãy, & Pay de seu Filho, porque não tem outro Pay. Logo para Samsam ser perfeitissima figura de Christo no mysterio da Conceição, não sô havia de livrar do Leaó a sua Mãy, senão a sua Mãy, & a seu Pay juntamente. Este he o fundamento porq̄ graves Theologos

logos tiverão para sy, que a Virgem Maria em respeito de feu Filho se havia, ou podia chamar nam só *Mater* como as outras Mãys, senão *Matripater*, que quer dizer Mãy, & Pay. E pela mesma razão lemos em muitos Santos Padres, que o amor da Virgem em respeito do mesmo Christo foi dobrado; porque o amor dos outros filhos naturalmente gerados, divide-se entre o pay, & a mãy; porèm na Mãy Virgem, como em Mãy, & Pay, estava todo unido.

159 Ainda tem a mesma historia de Samsam outra admiravel propriedade em confirmação do mesmo mysterio. Já vimos como Samsam, quando matou o Leaõ, o lançou, & escõdeo no bosque. E declara a Escriptura, q̄ nem a seu Pay, nem a sua Mãy, nẽ a outrẽ descobrio aquella façanha, sendo de tanta honra sua, & tão bizarra. Assim esteve occulto o mysterio deste silencio, & segredo, atẽ

que depois de muitos dias se manifestou, que o intento de Samsam fora formar, como formou, da sua mesma historia aquelle famoso enigma, que propoz, & expoz ao juizo dos homẽs com nome de problema: *Proponam vobis problema.* J. idic. 14. 12. Já estou vendo, que nenhũ entendimento haverà tam rude, que nesta singular circumstancia não reconheça mais, & melhor a historia da Conceiçam de Maria, que a do mesmo Samsam. Adiãtouse Christo a vécer, & matar o peccado original antes da Conceiçam de sua Mãy: & estãdo por muito tempo occulta aquella singular façanha do Filho; que fez o mesmo Filho? Da mesma façanha occulta, & do mesmo segredo só a elle manifesto, fez o mais celebre, & mais altercado problema, que nunca ouve no mundo, disputãdo as mais doutas Escolas da Theologia, se Maria fora concebida em peccado original, ou não. Que Escriuras se
naõ

não tem desenterrado, & desentranhado? Que livros se não tem mandado à estampa? Que discursos, & argumentos senão tem inventado? E em quantas disputas publicas, & secretas se não té cõtrovertido este mesmo ponto, seguindo huns Doutores a parte affirmativa, & outros com maior applauso a negativa? Mas todos atégora problematicamente; porque assim o quiz para maior celebridade, & gloria do mesmo mysterio o soberano Author do mesmo problema: *Proponam vobis problema*. E será sempre problema? Não. Porque da mesma historia cõsta, que Samsã revelou o enigma a sua Esposa. E assim como Samsã o revelou a sua Esposa, & por meyo della o entendéraõ todos; assim Christo finalmente acabará de o revelar a sua Esposa a Igreja, como já tem começado; & como for definida por ella a verdade, cessará a cõtroverfia, & será conheci-

da, & festejada de todos.

160 Tornando ao fio do nosso discurso, assim como o Filho se adiantou, & antecipou à redempção da Mãy; assim a mesma redempção se adiantou, & antecipou ao peccado, & com nova, & admiravel correspondencia. Foi tam admiravel a pressã có que o peccado original se adiantou, & antecipou a matar os homens; que sendo todos filhos de Adam, primeiro os matou seu Pay com o peccado, do que elles nasceem. E para que se veja, que a redempção da Virgem Maria nam foi menos apressada, nem seu Filho se adiantou, & antecipou menos em preservar a Mãy, do que Adam se tinha adiantado, & anticipado em matar os filhos; pergunto, Qual foi primeiro, o nascimento do Filho, ou a Conceição da Mãy? Não ha duvida, que a Conceição da Mãy foi muito primeiro, que o nascimento do Filho. Pois se o Filho ainda não era nascido, como

mo preservou' do peccado a Mãy antes de nascer? Respondo tornando a perguntar. E quando Adam peccou, eraõ já nascidos seus filhos? Não: & có tudo pode-os Adam matar com o peccado antes de nascerem. Pois seria bem, que os filhos de Adam os mataffe seu Pay có o peccado antes de nascerem; & o Filho de Maria não preservasse do mesmo peccado a sua Mãy antes de nascer? He verdade, que esta redempção taõ anticipada foi effeito do sangue da Mãy, que elle ainda não tinha recebido. Mas essa he a virtude do sangue de Christo, como agora veremos.

161 Quando ouverão de nascer Zaráõ, & Phares dous filhos gemeos de Thamar; Zaráõ lançou primeiro fóra hum braço, no qual a que assistia ao parto lhe atou hum fio de purpura, entendêdo q̃ elle seria o primogenito; mas enganouse, porque Phares se adiantou, & nasceu pri-

meiro. Todos os Santos Padres reconhecem neste caso grande mysterio, & concordão em que aquelle fio de purpura foi final do sangue de Christo. S. Cyrillo comentádo as palavras do Texto, *Vnus protulit manum, in qua obsterix ligavit coccinum*, diz, *Coccinum sanctissimũ Christi sanguinem signat*. E o mesmo dizem S. Ambrosio, S. Bernardo, & outros Padres. Foi pois o caso, que os dous gemeos Zaráõ, & Phares cada hum procurava nascer primeiro, & ser o primogenito, para que do seu sangue nascesse o Messias, que era toda a ambição, & emulação daquelle tempo. E que fez o mesmo Messias? A Phares concedeo, que receberia delle o sangue, & a Zaráõ, que com o mesmo sangue o assinalaria: & assim foi. Mas a Zaráõ deo-lhe logo a purpura, & o final do sangue, & de Phares não o recebeu senam muito tempo depois. E porque? Porque he virtu-

Genesi
38. 27.

Cyrill.
apud Li-
pomanũ
Ambr.
Bernar.

de propria do fangue de Christo poderse dar antes de se receber. O fangue de Phares não o recebeu Christo senão quando nasceu o mesmo Christo, & o final, & effeito do seu fangue recebeu-o Zaráo antes de nascer o mesmo Zaráo: & isto foi, nem mais, nem menos o que se verificou na Conceição de Maria, & no nascimento de seu Filho. O Filho recebeu o fangue da Mãy, quando della nasceu, que foi no dia do seu nasciméto: & a Mãy recebeu o effeito do fangue, que deo ao Filho antes de nascer a mesma Mãy, que foi no dia da sua Conceição. De forte, que o Filho foi Redemptor da Mãy por meyo do fangue, que della recebeu, antes de o receber: & a Mãy foi remida, & preservada por meyo do fangue, que deo ao Filho, antes delho dar. E temos fundada, & declarada a razão, porque este fangue foi o do Horto.

162 Assim como o

Redemptor foi Redemptor anticipado, porque se adiantou, & anticipou à redempção: & assim como a redempção foi anticipada, porque se adiantou, & anticipou ao peccado; assim foi conveniente para maior lustre, & gloria do mysterio, que o preço da mesma redempção, que era o fangue, fosse também antitipado, & por isso o fangue do Horto se adiantou, & anticipou ao fangue da Cruz. Assim o notou, & celebrou com admiraveis propriedades a mesma Virgem tão primorosamente remida. Depois de dizer seu bemdito Filho, que o fruto, que colheu no Horto, foi a sua myrrha: *Veni in Hortum meum, messui myrrham* ^{Cant.} *meam:* a qual myrrha, como vimos, he o fangue q̄ no mesmo Horto suou; diz logo a Senhora, falando com o mesmo Filho, que essa myrrha a que chama primeira, foi o estillado de sua sagrada boca: *Labia ejus distillantia myrrham* ^{Ibid.}

ham primã. Mas se aquelle sangue, que o Senhor suou, sahio, & brotou por todos os póros do sagrado corpo, como diz a Senhora, que foi estillado de sua boca? Agora se verá com quanta propriedade interpretamos do Horto, & da oração do mesmo Horto o nome de *collem thuris*. Chamase o sãgue do Horto estillado da boca de Christo; porque a força, & efficacia da oração do mesmo Senhor no Horto, como taó fervorosa, & ardente, foi a que acendeo, & futilizou o sangue nas veas, & o fez manar em fuor. Assim o diz cõ a mesma consequencia o Evangelista S. Lucas: *Prolixius orabat, & factus est sudor ejus sicut gutta sanguinis*: E Elias Cretense comentando o mesmo Texto: *Ardenter orat, ac sudor guttarum sanguinearum ab ipso fuit*. E como ao passo, que da boca sahia a oração, das veas rebentava, & corria o sangue, esta foi a propriedade com que disse a

Senhora, que da mesma boca se estillava a myrrha primeira: *Labia ejus distillantia myrrham primam*.

163 A palavra *distillãtia* he a mesma com que o texto Arabico explica o fuor do Horto: *Et factus est sudor ejus velut sanguis distillans*. Mas porque razão chama a Senhora nas mesmas palavras ao sangue do fuor do Horto nam só myrrha, senão myrrha primeira, *myrrham primã*, nome taó singular, que só neste Texto se acha em toda a Escritura sagrada? Toda a myrrha nam he aquelle licor, ou humor precioso, & aromatico, que se estilla da arvore onde nasce? Sim. Pois porque se chama particular, & singularmente o sangue, & fuor do Horto, naó myrrha de qualquer modo, senão myrrha primeira: *Distillantia myrrham primam*? Não se poderá mais propria, & eruditamente declarar o mysterio de ser sãgue anticipado. A myrrha, como descreve Pli-

nio, colhe-se da arvore onde se cria por dous modos. O primeiro he, suado a arvore por sy mesma aquelle licor mais futil estillado naturalmente, & sem violencia: & esta se chama myrrha primeira. O segundo he, picando primeiro a arvore, & dandolhe golpes, pelos quaes sae, & se descarrega o licor mais grosso: & esta se chama myrrha segunda. E quem não vê que tal foi com admiravel propriedade a myrrha, & sangue do Horto, comparado com a myrrha, & sangue da Cruz? O sangue da Cruz não sahio senão depois de ferido, & aberto o corpo do Redemptor com os cravos, & com a lança: o do Horto porém anticipandose a todos os instrumentos da violencia, elle sahio, & se estillou por sy mesmo das veas em suor, & espontaneamente. O sangue da Cruz tirado à força do ferro, como myrrha segunda: o sangue do Horto suado sem força mais que a do amor, como

myrrha primeira: *Myrrhã primam*. E faz tanto caso a Virgem purissima desta circumstancia, & celebra, & louva tanto a seu Filho por ella: porque consistindo não fò a prerogativa maior, senão a mesma essencia da sua preservação em ser redempção anticipada; que mais primorosa, & elegante fineza se podia esperar, ou imaginar do mesmo Redemptor, do que querer seu amor, & inventar sua sabedoria, que assim como a redempção de sua Mãe foi anticipada, assim fosse anticipado o preço da mesma redempção, & o sangue com que a remio, tambem anticipado? Assim provou finalmente ser sangue daquelle Jesus, & daquelle Redemptor: daquelle Redemptor, que o foi de sua Mãe antes de ser homem, & daquelle Jesus, que o foi de Maria antes de ser Filho: *De qua natus est Jesus*.

§. VI.

164 **I**A parece que as
 Obrigaçoens de
 Redemptor juntas com as
 de Filho se devérao dar
 por satisfeitas nos primos-
 res, & finezas taõ repeti-
 das com que singularizá-
 raõ a redempção da purif-
 sima Mãy; mas ainda resta
 a mais primorosa, & a mais
 fina de todas. Foi senten-
 ça de alguns Padres anti-
 gos, como hoie he cõmun
 entre os Theologos, que
 o sangue, que o Verbo en-
 carnado tomou da Virgẽ
 fantissima, sempre o con-
 servou unido à Divindade,
 sem permitir ao calor na-
 tural, que o alterasse, mu-
 dasse, ou diminuisse. O
 mesmo conserva hoje glo-
 rioso no Ceo, como diz S.
 Agostinho; & o mesmo
 cõmungamos no Sacra-
 mento, como diz S. Pedro
 Damiaõ. Isto supposto, naõ
 me julgarà por temerario
 a piedade Christãa, se eu
 disser, que o sangue, que
 Christo suou no Horto,
 Tom.7.

foi o mesmo, que na En-
 carnação tinha recebido
 de sua fantissima Mãy.

165 A primeira, & na-
 tural razaõ em que me
 fundo, he tirada do peito
 do mesmo Verbo encar-
 nado, & dos archivos de
 seu entendimento, & von-
 tade, & naõ em correspon-
 dencia de outro mysterio,
 senaõ do mesmo da Encar-
 nação. Duas cousas rece-
 beo de nõs o mesmo Ver-
 bo naquelle mysterio, que
 foraõ a carne, & o sangue.
 E que he o que fez dellas,
 & porque razaõ? De am-
 bas instituio o Santissimo
 Sacramento da Eucharis-
 tia; & a razaõ foi, diz S.
 Thomás, para que tudo o
 que tinha recebido dos
 homens, o empregasse em
 faude dos mesmos homẽs:
Totum quod de nostro accep-
pit, totum nobis contulit ad
salutem. Lembremonos
 agora, que do Cenaculo
 onde o Senhor tinha insti-
 tuído o Sacramento, se par-
 tio immediatamente para
 o Horto, onde a mesma
 carne, que tinha sacramẽ-
 tado

tado, fuiu parte não de outro, senão do mesmo sangue. E haverà quem se persuada, que em tão pouco espaço de tempo, & de lugar mudasse de pensamento, & affecto o mesmo entendimento, & a mesma vontade de Christo, & se tivesse esquecido daquelle mesmo dictame da sua bondade, & daquelle mesma correspondencia de seu amor? Claro està, q̃ quem tal imaginasse, seria com manifesta injuria tanto do Filho, como da Mãy. Logo se a bondade, & amor de Christo tinha julgado, que devia empregar em faude dos homens tudo o que tinha recebido dos homens: havendo de applicar algũa parte de seu sangue para a anticipada redempção de sua Mãy; porque não seria aquella mesma parte, que de suas entranhas tinha recebido? Quem tão inteiramente o tinha conservado, & guardado trinta & tres annos, sem duvida, que não seria senão para o empregar em

tão devída, & primorosa occasião.

166 Isto he o que digo, & não só, & sem Autho. Eusebio Emiffeno (que alguns querem fosse Eucherio, ambos antigos Padres da Igreja, & de grande authoridade) ou ambos, ou qualquer delles dizem estas notaveis palavras. *De carne Mariae coagulatus, de ejus formatus visceribus, de ejus substantia consummatus, sanguinem quem etiam pro Matre obtulit, de sanguine Matris accepit.* Querem dizer: Christo gerado da carne de Maria, formado das entranhas de Maria, & da sustancia de Maria feito homem consumado, o sangue que tambem offereceo por redempção de sua Mãy, foi o que do sangue da mesma Mãy tinha recebido: *Sanguinem quem etiam pro Matre obtulit, de sanguine Matris accepit.* Notemse muito nestas admiraveis palavras aquelle *sanguinem de sanguine Matris*, & aquelle *etiam*.

Euseb.
Emiff.
hamil.
de Na-
tivit.
Domin.

etiam. De forte que o sangue de que se falla não he todo o sangue de Christo, senão parte delle, & essa parte não outra, senão aquella mesma parte, que recebeo do sangue de sua Mãy: *Sanguinem quem de sanguine Matris accepit*. E aquella *etiam*, *etiam pro Matre obtulit*, denota que foi paga, & preço particular, offerecido particularmente só pela redempção da Mãy, além do preço geral offerecido por todos, o qual não foi só parte do sangue de Christo, senão todo o sangue, & não só a parte que tinha recebido do sangue da Mãy na Encarnação, senão todo o que adquirio em todo o tempo da vida. Este sangue todo foi o preço da redempção universal do genero humano: mas aquella parte recebida do sangue da Mãy, posto que foi parte deste todo, também em quanto parte separada, *etiam*; também, & por modo particular, *etiam*; também, & sobre o preço ge-

ral, *etiam*; foi especialmente applicada, como diziamos, à redempção da mesma Mãy: *Quem etiam pro Matre obtulit*.

167 E para que o mesmo sangue nos confirme altamente este pensamento, vamos ao mesmo Horto, & ao mesmo passo, & modo com que se derramou. Quando Christo Senhor nosso entrou, & perseverou na oração do Horto tantas vezes repetida, as ancias da mesma oração eraõ fundadas no temor natural da morte, & dos tormentos, tendo dado licença o Senhor à parte sensitiva da sagrada humanidade (assim para prova da verdade della, como para mais padecer por nós) a que se fogueitasse a todos os effeitos da natureza, ainda com finaes de temerosa, & fraca. Neste sentido disse S. Marcos: *Capit pavere, & tedere*: o que entendem todos os Padres de proprio, verdadeiro, & natural temor. Mas este mesmo temor

M iiij pa-

parece que faz difficuloso o suor de fangue ; porque não só a Filosofia, senão a experiencia nos ensina, que com o temor se recolhe o fangue, & acode ao coração, & por isso ficam pallidos os que temem. Pois se Christo verdadeiramente temia, & assim o temor como o suor de fangue, posto que extraordinario, foi natural ; como em vez de se recolher o fangue para dentro, sahio, & brotou para fóra? A razão tambem natural he; porque no mesmo fangue havia os impulsos, & causas destes diferentes effeitos, assim como eraõ diferentes os affectos, que então combatiaõ o coração do mesmo Senhor. Húa parte do fangue, seguindo o affecto do temor, era tímido, outra parte do fangue, seguindo o affecto contrario, era animoso : o tímido acodio ao coração, o animoso saltou, & sahio fóra : & esta parte do fangue animoso, que saltou, & sahio fóra, foi o fangue,

que o Verbo encarnado conservava, & tinha recebido do fangue de sua Mãy. Provo. Quando o Anjo deo a embaixada à Senhora, turbouse hū pouco o animo humilissimo, & modestissimo da Virgem, como tão alheo do que ouvia: *Turbata est in sermone ejus.* Então o mesmo Anjo lhe socegou o cuidado, & lhe tirou o temor, dizendo: *Ne timeas, Maria:* Maria, não temas. Socegado pois o temor, então aceitou a Senhora animosamente a embaixada, & dizendo: *Fiat mihi secundum verbum tuum,* então encarnou o Verbo em suas entranhas. E como o fangue, que o Verbo tomou do fangue de sua Mãy, era fangue actualmente animoso, *Ne timeas Maria,* este foi o fangue, que no Horto não acodio ao coração, como tímido, mas como animoso sahio, & saltou fóra das veas: *Factus est sudor ejus sicut gutta sanguinis.* Assim se portou galhardo, & generoso o fangue

Luc. 1.

29.

Ibid. 30.

Ibid. 31.

gue do Horto, como lembrando-se não só de quem era, mas de quem tinha sido, para acodir na causa original pela honra de sua propria origem : *Sanguinem quem etiam pro Matre obtulit, de sanguine Matris accepit.*

168 Emfim, & em summa, que Jesu, que nasceo de Maria, para se mostrar perfeito, & perfectissimo Jesu, & perfeito, & perfectissimo Redemptor de sua Mãy, não só a preservou sem macula em sua purissima Conceição, que he o mais perfeito modo de remir; mas para que ella fosse a primeira entre todos os remidos, & a Primogenita, ou Unigenita da redempção do mesmo Filho; antes de elle derramar todo o sangue por todos na Cruz, o começou a derramar no Horto, ou unica, ou particularmente por ella, anticipando o preço da sua redempção, assim como a mesma redempção foi anticipada; mas quiz tambem por ultimo excess-

so de amor, gratidão, & primorosissima correspondencia, que a parte anticipada do sangue, que especialmente applicou, & dedicou à sua preservação, fosse aquella mesma, que de suas purissimas entranhas tinha recebido, & guardado. Eu não sei ponderar, nem admirar este extremo de fineza; mas darei por mim outros admiradores de mais alta esfera, que todos os humanos.

169 Quando Christo como Redemptor universal nosso, & como Redemptor particular de sua Mãy subio triunfante ao Ceo, admirados perguntavam todos os Espiritos Angelicos: *Quis est iste, qui venit de Edom, timentis vestibus?* Ifai. 63. 1. Quem he este, que vem da terra de Edom com as vestiduras tintas em sangue? *Iste formosus in stola sua, gradientis in multitudine fortitudinis suæ.* Vem acompanhado da multidão dos que libertou com a fortaleza de seu braço: & quam fer-

fermoso elle, & quam gentil homem no seu vestido! Ninguém haverá, que não repare muito nestas ultimas palavras: & ser o vestido do triunfador o principal motivo da admiração dos Anjos, & fundaré no mesmo vestido todos os encarecimentos de sua fermosura: *Iste formosus in stola sua?* Se era pela tintura do fangue, *tinctis vestibus*, não levava o Senhor no mesmo triunfo as suas Chagas abertas? Pois porque passão em silencio as feridas do corpo, & só admiraó o fangue do vestido? O que manou das Chagas, & na cor viva, & brilhante, com que nellas se via, não era o mesmo? Pois porque se celebra tanto o do vestido, & não o das Chagas? Porque as Chagas eraó recebidas na Cruz pela redempção universal de todos, & o fangue do vestido era o suado no Horto pela redempção particular, & preservação de sua Mãe. Notai bem toda a historia da Payxão, &

achareis que o fangue de que se tingio o vestido proprio de Christo, foi só o do Horto. Nos açoutes estava o Senhor totalmente despido, & o fangue que delles correo ficou no pavimento do Pretorio. Na coroação de espinhos, o fangue que elles tirárao da sagrada cabeça, tambem cahio, & se recebeu na purpura, de que lhe fingio a Opa real a jocosa impiedade dos soldados. Na Cruz tambem estava despido, & o fangue das quatro Chagas, & da quinta todo regou a terra do Calvario. Assim que o fangue de que se tingio a tunica, & vestiduras proprias do Senhor, foi o fangue que por todos os póros do corpo suou no Horto. E como este fangue se singularizou nos extremos tantos, & taó admiraveis, que vimos, na preservação de sua Mãe; por isso o soberano Redemptor o vestio pela melhor, & mais rica gala de seu triunfo: & por isso como tal a admirárao os

Anjos, & a celebráção pela maior gentileza do mesmo Redemptor: *Iste formosus instola sua.*

170 Tudo o mais que succedeo no mesmo triumpho, cõfirma ser este fangue taõ admirado, o que particularmente se applicou à Cõceição immaculada da Virgem santissima. Perguntáraõ os Anjos, quem era o soberano triunfador: *Quis est iste?* E elle mesmo respondeo: *Ego, qui loquor justitiam, & propugnator sum ad salvandum:* Eu sou o que faço justiça, & sou defensor para salvar. A todos salvou Christo; mas só a sua Mãy propriamente como defensor, *propugnator*; porque aos outros salvou, livrádo-os do peccado; porèm a sua Mãy defendendo-a, que o nam encorresse. E essa he a distincção da justiça, de que falla: *Ego, qui loquor justitiam*; porque aos outros depois do peccado salvou-os, satisfazendo de justiça à lesa Magestade do Pay; porèm a Senhora prefer-

vando-a, & defendendo-a do peccado, salvou-a, satisfazendo tambem de justiça às obrigaçoens, que como Filho devia a sua Mãy. Instáraõ mais os Anjos: *Quare ergo rubrum est indumentum tuum, & vestimenta tua sicut calcantium in torculari?* E que cor vermelha he a desse vestido semelhante à dos que pizão no lagar? Cõ a mesma comparação tinhaõ já dito acima, *tingitis vestibus de Bosra*; porque Bosra, quer dizer *vindemia*, vindima. Respondeo o Senhor: *Torcular calcavi solus, & de gentibus non est v'r mecum*: porque o lagar em que se me tingiraõ os vestidos, eu só o pizei, sem estar ninguem comigo. Donde se vê a differença do fangue derramado na Cruz, em que a mesma Mãy o acompanhou como Corredemptora, & esteve cercado de tantos, assim seus como estranhos, à do fangue suado no Horto, em que esteve só, & solitario, & até os que tinha deixado

Ibid. 2.

Ibid. 3.

xado

xido mais perto, dormindo. E porque este fangue do Horto na metáfora de lagar foi o applicado particularmente à redempção da Virgem : aqui vem caindo quando menos o som das palavras de Jeremias : *Torcular calcavit Dominus Virgini filiae Iuda*: que o mesmo Senhor foi o que pizou o lagar para a Virgem filha de Juda. Finalmente conclue o Divino triunfador com hûas palavras, que parece desfazem quanto temos dito; porque diz que aquelle fangue de que estavaõ tintas as suas vestiduras , era dos que na sua batalha tinha vencido: *Aspersus est sanguis eorum super vestimenta mea*: logo se o fangue era dos vencidos, nam era seu, como supomos? Antes por isso seu, porque dos vencidos. Deos nam tinha fangue , & para ter fangue com que remir os homens, tomou o fangue dos mesmos homens , & por isso diz, que o fangue, que derramou, era delles :

Thren.
1. 15.

Isai. 63.
3.

Sanguis eorum. Mas se Christo remio os homens com o fangue , que tinha recebido dos mesmos homens, aqui se cõfirma mais o que diziamos, que o fangue com que remio a Mãy, foi o que tinha recebido da mesma Mãy. E para q̃ acabemos com as primeiras palavras: *Quis est iste, qui venit de Edom*, Edom, & Adam he o mesmo, porque hum , & outro nome tem o mesmo significado. E diz a admiração dos Anjos em figura de Edom, que o soberano triunfador vinha de Adam, porque a gloria deste triunfo, ou a parte mais gloriosa delle toda pertencia à Virgem immaculada. O resto do genero humano remio Christo naõ só do peccado de Adam , que he o original, senão dos peccados actuaes de todos, & de cada hum : porẽm a Virgem Maria, que naõ teve peccado actual, só a remio, & preservou do original de Adam ; & porque de là começou o triũfo, de là veyo
o tri-

Cornel.
ibid.

o triunfante: *Quis est iste, qui venit de Edom?*

§. VII.

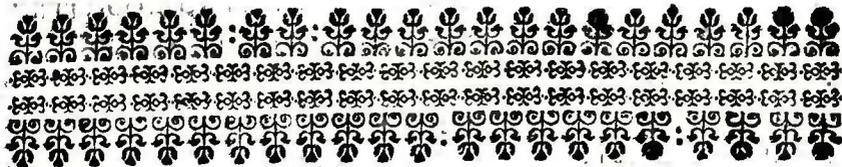
171 **E**Ste foi o famosissimo triunfo de Jesu em quanto Redemptor, primeiro de sua Mãy, & depois do mundo, mais admirado dos Anjos pela gala do vestido, que pela propria Pessoa; & mais galhardo pelas gotas de sangue do Horto, de que vinha matizado, que pelos rios que derramou na Cruz, & regárao o Calvario. Para os devotos da Conceição immaculada não nos fica mais que de-sejar, nem que fazer, senão acompanhar com as vozes, affectos, & jubilos do coração as admirações, & applausos dos Anjos, & dar mil parabens, & mil vivas a tal Filho, & a tal Mãy. E posto que todos pela graça do Bautifmo estamos livres do peccado original, como ficamos sujeitos à corrupção, & fraqueza, que com elle her-

damos, & às tentações, & perigo dos peccados actuaes; o que muito nos convem, & de que muito necessitamos, he, que por meyo da intercessão poderosissima da mesma Mãy nos valhamos da efficacia do mesmo sangue do Filho. Alleguemos a ambos, que a virtude daquelle preciosissimo sangue, nam só he remir, & livrar dos peccados já cometidos, senão preservar anticipadamente delles; & digamos ao misericordiosissimo Redemptor o que tantas vezes repete a Igreja: *Citò anticipent nos misericordie tue*: que não só nos livre sua infinita misericordia dos peccados com que o temos offendido, mas se anticipe a nos preservar dos futuros, para que nunca mais o offendamos. Naquella noite fatal, em que Deos tinha decretado matar os Primogenitos do Egypto, mandou aos filhos de Israel, que anticipadamente sacrificassem hum Cordeiro, & que com o fan-

fangue delle tingissem, & rubricassem todas as portas de suas casas, para que o Anjo a quem estava encomendada aquella execução, onde visse o fangue, passasse, & deixasse livres os que estavam dentro, & onde o não visse, entrasse, & matasse a todos os Primogenitos. Este Anjo he mais provavel, que não era Anjo bom, senam Demonio, & assim diz a Igreja, que por medo do mesmo fangue não se atrevia nem a olhar para as casas, que elle defendia: *Sparsum cruorem postibus vastator horret Angelus.* Se as portas exteriores de nossa alma, que são os sentidos, & as interiores, que são a nossa memoria, entendimento, & vontade, estiverem finaladas com o caracter, & armadas com a protecção daquelle fangue tão anticipado destruidor do peccado, não só desconfiará o Demonio de nos vencer, mas ainda terá me-

do de nos tentar. E finalmente, para que ninguem duvide, que o mesmo fangue anticipado foi figura do fangue do Horto, & não do da Cruz: o da Cruz derramouse doze horas depois, ao meyo dia: & o do Horto já se tinha derramado doze horas antes, à meya noite: & esta foi a hora em que o fangue triunfador obrou aquelles prodigiosos effeitos: *Factum est autem, in noctis medio percussit Dominus omne primogenitum in terra Egypti.* Assim livrou Deos aos filhos de Israel do cativoiro do Egypto por meyo do fangue do Cordeiro, & assim nos livrará do cativoiro do peccado por virtude do seu fangue o Cordeiro, que tira os peccados do mundo, preservandonos anticipadamente dos actuaes, como anticipadamente preservou do original a Mãe de quem nasceo: *De qua natus est Iesus.*

Exod.
12.19f



S E R M A M

DA

D O M I N G A

DECIMASEXTA POST PENTECOSTEN.

Recumbe in novissimo loco. Luc. 14.

S. I.



172 **T** Odas as vezes, que o Filho de Deos se assentou à mesa dos homens, sempre foi o melhor prato a sua doutrina. Comia o que regulava a temperança, & ensinava o que dictava a prudencia. A materia era a que lhe dava a occasião, & elle sobre a occasião estendia, illustrava, & definia a ma-

teria. Os documentos todos eraõ divinos, & não só Moraes, senão ainda politicos. E digo Moraes, & politicos; porque tal foi a doutrina do presente Evangelho. Os que entãõ com nome authorizado, & hoje com significacão odiosa se chamaõ Fariseos, eraõ os Religiosos daquelle tempo. Diz pois o Evangelista S. Lucas, que convidando hum Principe dos Fariseos, isto he, hum

hum Prelado daquelles Religiosos, a Christo Redemptor nosso, para que quizesse honrar a sua mesa em hum dia de festa, que era o sabbado, aceitou o benignissimo Senhor o convite. Aceitou, posto que não faltava quem murmurasse o aceitar. Parecialhe aos murmuradores, que semelhantes convites eram menos conformes à austeridade da vida, & à authoridade, & profissão de hũ Mestre decido do Ceo. Mas a razão, que o Senhor tinha para senão escusar, mostravaõ depois os effeitos muito diversos, & de outra mais levantada esfera, como tambem se vio no caso presente.

173 A tenção dos Fariseos era farisaica; porq̃ lhe armáraõ a Christo cô hum Hydropico, a ver se o curava naquelle dia, para o poderem calumniar de quebrantador do sabbado: *Sabbato manducare panem, & ipsi observabant eum.* Não os levou alli a observancia, senão a ob-

servação: não a observancia do dia, mas a observação do côvidado. E q̃ fez o Senhor, que lhe conhecia os coraçõens? Aceitou a mesa como homem, dissimulou a malicia como Deos: & no que obrou como Deos, & reprehendeo, & ensinou como Mestre, mostrou que era Deos, & homem. Curou ao Hydropico, & depois tratou de os curar a elles: ao Hydropico, tocando-o com a mão, & a elles pondolheas mãos, & muito bem postas. Não ha vicio mais descortez, que a soberba, nem mais descomedido, que a ambição. Como carece da modestia por dentro, tambem lhe falta a urbanidade por fóra. Não diz o Evangelista o lugar, que dessem na mesa a Christo; mas diz, que os convidados sem cortesia, nem urbanidade, todos procuravaõ, & ainda contendiam sobre os primeiros lugares. Esta foi a occasião, & este o ponto da doutrina, por isto moral, & juntamente

mente

mente politicó.

174 Fez Deos este mundo em fórma circular, como a mesa, ou tabola redonda dos Pares de França, para evitar a contenda dos lugares, não sendo justo, que desigualasse o lugar os q̄ tinha feito iguaes a natureza. Mas como a soberba, & ambição prevertesse a igualdade desta ordem, com outra ordem desordenada de primeiros, segundos até ultimos lugares, & os Fariseos na mesa affectassem os primeiros; este foi o vicio, q̄ o Senhor observou nos seus observadores. *Intendens quomodo primos accubitus eligerent.* Olhava [diz o Evangelista] com particular attenção para o que faziaõ os convidados, & para o modo com que o faziaõ: o que faziaõ, era tomarem por propria eleição os primeiros lugares: *primos accubitus*: & o modo com que o faziaõ, *quomodo*, era introduzindo se nelles sem nenhum modo de modestia, respeito, nem

cortesia. Na eleição dos lugares notava-os o Senhor de pouco juizo, & no modo de cada hum se preferir, & antepor aos outros, de pouca urbanidade: & estes dous desprimores nascidos ambos do mesmo vicio da ambição, & soberba, reprehendeo, & emendou o soberano Mestre tambem com hum sô documento: *Cum vocatus fueris ad nuptias, recumbe in novissimo loco*: Quando fores convidado à casa, & à mesa alhea, não deveis tomar os primeiros lugares, senão o ultimo. E porque? Porque não succeda vir o senhor da casa, a que pertence a repartição dos lugares, & vos mande levantar do que tomastes, & o dê a outro melhor, & mais honrado que vós. Então vos achareis cõ afronta no ultimo lugar, porque fostes tão descomedido, que vos atrevestes a tomar o primeiro: *Et incipias cum rubore novissimum locum tenere.*

Ibid. 10.

Ibid. 9.

175 Esta foi a historia
N da-

daquelle caso, & daquelle dia, a que o mesmo Euan-gelista tambem chama parabola: *Dicebat autem & ad invitatos parabolam.* Mas se era historia, como era parabola? Tudo era. Era historia quanto ao successo, & era parabola quanto á doutrina. Quanto ao successo, era historia particular para os presentes: & quanto à doutrina, era parabola universal para todos. A todos, & a cada hum préga hoje Christo: *Recumbe in novissimo loco.* E haverá neste mundo quem escolha por propria eleição, & se contente com o ultimo lugar? Difficultoso ponto para se entender, & muito mais difficultoso para se persuadir. Por isso tomei por Thema esta unica, & admiravel sentença, & ella sô será toda a materia do meu discurso. *Ave Maria.*

§. II.

Recumbe in novissimo loco.

176 **T**Odo o homẽ neste mundo

deseja melhorar de lugar. E nenhum se acha em tal posto, por levantado, & acomodado que seja, que não procure subir a outro melhor. He propria esta inclinação da natureza racional, como se fora razão, & não appetite. Primeiro nasceo no Ceo com os primeiros racionaes, q̃ são os Anjos, & depois se propagou na terra com os segundos, que somos os homens. Lucifer no Ceo tendo a suprema cadeira entre as Gerarchias, nam aquietou naquelle lugar, & quiz igualar o seu com o do mesmo Deos: *Exaltabo solium meum; similis ero Altissimo.* Adam na terra tendo o absoluto dominio de todas as creaturas dos tres elementos, nam coube, nem se contentou com hum Imperio tão vasto, & em hũa Corte tão deliciosa como o Paraíso, tambem quiz melhorar de lugar: *Eritis sicut dij.* E q̃ filho ha deste primeiro Pay, de que todos nascemos, que não herdasse del-

13.14

Geneb
5.

le

le a altiveza sempre inquieta desta mesma paixão? O Letrado, o Soldado, o Fidalgo, o Titulo, o de grande nome, & o que não tem nome, com o cuidado, & desejo nunca já mais satisfeito, nem socgado, todos trabalhaõ, & se desvelaõ por adiantar, & melhorar de lugar. Sò parece, que deviaõ viver izentos de semelhante fogueição os que deixaraõ o mundo, & professaõ o desprezo d'elle; mas là os segue, & fogeita o mesmo mundo a que lhe paguem este duro, & voluntario tributo.

177 Couza foi digna de admiração, que os Discipulos de Christo, antes de decer sobre elles o Espirito Santo, contendessem sobre qual era o maior: *Quis eorum videretur esse maior?* A occasiaõ porrêm, & o motivo desta cõtenda ainda he muito mais admiravel. E qual foi? Acabava o Senhor de lhes revelar, que hia a Jerusaleem a morrer, & no mesmo

ponto contenderaõ todos sobre a maioria; porque logo aspirou cada hum a lhe succeder no lugar. Do Emperador Trajano disse Plinio, que ninguem o conhecia taõ pouco a elle, nem se conhecia taõ pouco a sy, que tivesse ousadia de lhe succeder: *Nemo est tam tui, quam ignarus sui, ut locum ipsum post te concupiscat.* E tiveraõ atrevimento doze pescadores, para quererem succeder ao mesmo Filho de Deos, & lhe pleitear o lugar ainda em vida.

Plinius
in Panegy.
97.

§. III.

178 **P**ara refutar, & convencer este abuso universal, naõ sò das guerras, & competencias, mas ainda das pertençaõs pacificas do melhor lugar; naõ deixarei de referir primeiro tres opinioens, ou supposiçoens tiradas da sagrada Escritura, as quaes naõ sò conde-naõ esta ambição taõ profundamente arraigada nos

corações humanos, mas totalmente cortão as raízes a toda a nossa questaõ. A primeira nega absolutamente o que suppomos, & diz, que naõ ha lugares: Porque? Porque tudo isto que no mundo se chama lugar, por alto, & levantado, que pareça, bem examinado, he nada: *Vidi impium superexaltatum, & elevatum sicut cedros Libani: transivi, & ecce non erat, & non est inventus locus ejus*: Vi ao ambicioso, diz David, levantado sobre os outros homens, como os cedros do Libano sobre as outras arvores: dei dous passos adiante, & quando voltei os olhos para o tornar a ver, já o naõ achei a elle, nem ao seu lugar. A qui està o ponto da admiração: *Et non est inventus locus ejus*. Que David a taõ poucos passos naõ achasse ao ambicioso, que tinha visto taõ levantado, a ninguém deve admirar, porque para fazer semelhantes mudanças, nem a morte, nem a fortuna haõ mi-

ster muito tempo. Naõ o achou, & *non erat*, porque, ou tinha cahido do estado, ou tinha acabado a vida: mas que naõ achasse David o lugar onde o tinha visto, *non est inventus locus ejus*? Sim, responde Cartusiano, & o prova com Aristoteles. *Locus enim, & locatum sunt simul, secundum Philosophũ, subtracto ergo locato, & locus non manet*. O lugar, & quem està nelle, segundo a verdadeira Filosofia, saõ taõ reciprocamente dependentes hum do outro, que faltando o que estava no lugar, nem elle, nem o mesmo lugar pòdem subsistir: & por isso disse bem David, que tanto que desapareceo o ambicioso, & poderoso, nem a elle o pode ver, nem achar o lugar onde estiveira: *Et non est inventus locus ejus*.

179 E se esta consequencia he verdadeira no lugar que chamaõ fisico, no lugar moral, de que fallamos, ainda he mais certa, segundo a definição do mes-

mesmo Filosofo. Aristoteles definindo o lugar, diz que he a superficie ambiente do que està nelle. E quando o lugar não he o ambiente do homem, senão o homem o ambiente do lugar, como no nosso caso, muito melhor se segue, que faltando a superficie ao chamado lugar, nem he lugar, nem cousa algũa. E se nam he cousa algũa, como o havia de achar David? Mas tornemos a apertar mais esta proposição, pois o mesmo David no mesmo Psalmo a repete duas vezes, huma vez dizendo que buscou, & não achou o lugar: *Quæsevi, & non est inventus locus ejus: &* outra vez dizendo, que se nós o buscarmos, também o nam acharemos: *Quæres locum ejus, & non invenies.* Pergunto: Este mesmo lugar, que David buscou, & não achou, não he o mesmo, q o ambicioso occupou antes de morrer, ou cair? Sim. E este lugar, que occupou antes de morrer, ou

cair, não he o mesmo que herdou, ou pertendeo antes de o occupar? Sim também: pois se pertendido, occupado, & deixado, era o mesmo lugar, porque o não achou David depois de deixado? Porque depois de deixado, era o mesmo que dantes tiuha sido, & pertendido, possuido, & deixado, sempre foi nada. Elegante, & doutamente Hugo Cardeal: *Non est inventus locus ejus: quòd sua dignitas nulla erat, & suum esse non esse erat.* Nam se achou o lugar do que estava levantado como os cedros do Libano; porque o fer dos que neste mundo se chamão lugares, nam he fer, he não fer: *Suum esse non esse erat.* E se os mesmos chamados lugares, ou pertendidos, ou possuidos, ou deixados, não são cousa algũa; bem se conclue, que neste mundo nam ha lugares. E isto que não he, nem ha, he o que com tanto desvelo amão, & buscao os pertendentes da vaidade, & da mentira: *Vt quid*

Psalms.
4.3.

diligitis vanitatem, & queritis mendacium?

180 A següda supposição, seguindo o sentimento vulgar, & cômum, admite, que no mundo ha lugares; mas nega que haja lugar melhor. E porque? Porque a melhoria nam está no lugar, senão na pessoa que o occupa. Por alto, ou baixo que seja o lugar, se sois bom, será o vosso lugar bom; & se sois melhor, será melhor: mas se fores mau, & peor, também será mau, & mais que mau o vosso lugar. Diz Christo Senhor nosso, que sobre a cadeira de Moyses se assentáraõ os Escribas, & Fariseos: *Super cathedram Moysi sederunt Scribae, & Pharisei.* E quem foi Moyses, & quem eram os Escribas, & Fariseos? Moyses foi o maior Santo do seu tempo, & os Escribas, & Fariseos eram os mais maos homens do seu. Pois se estavaõ assentados na mesma cadeira de Moyses, porque não eraõ como elle? Porque os homens

saõ os que daõ a bondade, ou melhoria aos lugares, & não os lugares aos homens. Se fores bom, ainda que a cadeira seja dos Escribas, & Fariseos, será bõ o vosso lugar: & se fores mau, ainda que a cadeira seja de Moyses, nem por isso o vosso lugar será bom. Que melhor lugar, que o Ceo, & o Paraíso? E nem o Ceo fez bom a Lucifer, nem o Paraíso fez bom a Adam. Jeremias taõ bom era no carcere, como no pulpito: & Job taõ bom no muladar, como no seu Palácio. Melhor lugar era no mar o navio, que o ventre da Balea, & Jonas foi melhor no ventre da Balea, que no navio. Assim que os lugares por sy mesmos não são maos, nem bons, nem ha lugar melhor, ou peor. O lugar que hoje té S. Mathias, não foi o mesmo de Judas? O mesmo, & não outro. Se fores como Judas, não vos ha de fazer bom o lugar de S. Mathias, & se fores como S. Mathias, não vos ha de fazer

mao

Matth.
23.2.

máo o lugar 'de Judas. Se
 quereis ter o melhor lu-
 gar de todos, fazei por ser
 o melhor de todos, & logo
 o voffo lugar, qualquer q̄
 seja, ferà tambem o me-
 lhor. Mas todos querem
 melhorar de lugar, & nin-
 guem quer melhorar de
 vida. Sucedelhe aos ambi-
 ciosos, o que aos peregrin-
 nos, diz Socrates. O pere-
 grino sempre anda mudã-
 do de lugar em lugar, &
 nunca melhora, porque
 sempre se leva a sy com si-
 go. *Quia miraris nihil ti-
 bi peregrinationes prodesse,
 cum te circumferas?* Como
 quereis melhorar de lu-
 gar, se vos levais a vós cõ
 vosco? Deixai-vos a vós,
 & como vós fordes outro,
 logo o voffo lugar ferà
 melhor. Se sois o mesmo,
 ainda que subais ao pina-
 culo do Templo, nunca
 sahireis do lugar onde es-
 tais: & se fordes outro, &
 muito outro, sem sair do
 lugar onde estais, vos ve-
 reis subido ao mais alto do
 Templo. Em conclusão,
 que não ha lugares melho-

res, nem peores: para que
 ninguém se descontente
 do seu, senão de sy.

182 A terceira suppo-
 sição admite melhores lu-
 gares; mas diz que estes só
 osha no Ceo, & nam na
 terra. E porque? Porque
 todos os lugares da terra,
 por melhores que sejaõ, ou
 pareçaõ, mais são alheos,
 que nossos, mais para os
 deixar, que para os possuir,
 mais para os perder, que
 para os lograr. Os lugares
 da terra são passagem, só o
 do Ceo he assento: os da
 terra são de poucos dias, o
 do Ceo ha de durar para
 sempre. Quando Christo
 Senhor nosso partio deste
 mundo para o Ceo, a ra-
 zaõ com que consolou aos
 Apostolos faudosos de sua
 ausencia, foi, dizendo, que
 hia diante a prepararlhe o
 lugar: *Vado parare vobis*

locum: sendo porèm o mo-
 tivo desta consolação o lu-
 gar, mais perto estavaõ os

lugares em que o Senhor
 os deixava, que o lugar
 que lhes havia de prepara-
 rar: porque sendo este fu-

turo, & distante, parece que vinha a ser consolar hũa ausencia com outra. Naquella ultima hora em que Jacob morrendo se apartou de seus filhos (que tambem eraõ doze) a consolação com que lhes enxugou as lagrimas, foi a repartição das terras em que os deixava acomodados a todos. E se para os doze Patriarcas eraõ motivo de consolação na ausencia de seu Pay taõ pequenos lugares da terra, quaes podiaõ caber a cada hum dividida a Judea em doze partes; quanto maior podia ser para os Apostolos todo o mundo, quam grande he repartido entre elles? Diga pois Christo a Pedro, que lhe deixa Roma, & a Italia; diga a Jacobo, que lhe deixa as Hespanhas, a João a Asia, a André a Grecia, a Felippe a Sythia, a Bartolomeu a Armenia, a Mattheus a Etyopia, a Thomè a India, a Simão o Egypto, a Thadeo a Arabia, & a Persia, & ao outro Jacobo o

menor Jerusaleim, & a mesma Judea, de que era cabeça. Pois se eraõ taõ imensamente grandes os lugares em que Christo deixava aos seus Apostolos, & com taõ suprema dignidade, & jurdição sobre todos elles; porque os não consola o Senhor com a consideração destes lugares presentes, senão com o lugar futuro, que lhes hia preparar? Porque este era lugar no Ceo, os outros na terra. E nesta só palavra se encerraõ ambas as razãoes, que no principio apontamos. Os lugares da terra saõ passagem, o do Ceo he assento. Por isso quando S. Pedro perguntou a Christo: *Quid ergo erit nobis?* o q̃ o Senhor lhe respõdeo, foi: *Sedebitis super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israel.* Não lhe respondeo às barcas, & redes, que tinhaõ deixado, com as dignidades que haviaõ de ter neste mundo, senão com as cadeiras em que se haviaõ de assentar no dia do juizo: porque só

Matth
19.27.

Ibid. 28.

o de que se ha de tomar
 posse naquelle dia, tem as-
 sento, o de cà tudo he pas-
 sagem. E porque mais?
 183 Porque só o lugar, que en-
 taó nos couber, he nosso, &
 os desta vida mais são
 alheos, que proprios, por
 mais larga que seja a mes-
 ma vida. Ningué logrou,
 nem ha de lograr o Ponti-
 ficado mais annos, que S.
 Pedro, & com tudo já tem
 succedido no mesmo lugar
 duzentos & trinta & sete
 Pontifices, & não se sabe
 quantos viráo depois: pa-
 ra que vejais se era mais
 alheo, que seu. So he nos-
 so, ou seja no Ceo, ou fó-
 ra delle o lugar, q' ouver-
 mos de ter para sépre. Ef-
 se foi o documéto, & ener-
 gía tremenda com que o
 mesmo Principe dos A-
 postolos disse, que Judas
 perdéra o Apostolado: pa-
 ra que? *Vt abiret in locum*
suum: para ir ao lugar, que
 era seu. O que teve neste
 mundo, & entre os Apo-
 stolos, era alheo, porque
 era de S. Mathias, & dos
 que lhe haviaó de succeder:

o que tem no Inferno en-
 tre os Demonios, esse era o
 seu, porque esse he o que
 ha de durar por toda a
 eternidade. E se isto suce-
 deo a hum homem chama-
 do por Deos, & eleito por
 Christo; onde iráo parar
 as negociaçoens, os sobor-
 nos, as adulaçoens, & as
 simonias com que se pro-
 curaó, & alcançaó os luga-
 res, que haó de durar pou-
 cos dias, sem memoria da
 eternidade, nem temor da
 conta?

§. IV.

184 **E** Stes são os tres
 fundamentos,
 ou as tres supposiçoens ge-
 raes, com que não só se im-
 pugna a ambição dos me-
 lhores lugares; mas se cor-
 taó as raizes a quanto ella
 deseja. Porque a primeira,
 como vimos, diz absolu-
 tamente, que não ha luga-
 res: a segunda concede q'
 ha lugares, mas nega ha-
 ver algũ, que seja melhor:
 a terceira defende que ha
 lugar, & melhor lugar, mas
 não

et. 1.
 5.

naõ na terra, senam no Ceo. Isto posto, com razão, & tambem com curiosidade, estarão esperando todos, qual destas partes he a que eu pertendo persuadir. Primeiramente, respondo que nenhuma dellas. Porque contra a primeira, digo que ha lugares: contra a segunda, que ha lugar melhor; & contra a terceira, que este melhor lugar naõ està no Ceo, (de que agora naõ fallo) senaõ na terra. Admitindo pois com o cõmum sentimento, que ha lugares, & huns melhores que outros; o que pertendo hoje declarar, he: Entre todos os lugares do mundo, qual seja o melhor. Não pôde haver materia mais digna de toda a attenção, & tanto mais, quanto já cada hum a tem resoluta com siigo, & lhe parece sem controversia. No Evangelho temos o parecer dos Fariseos, & o conselho de Christo. Os Fariseos tem para sy, que o melhor lugar do mundo he o primeiro: *Quomodo*

primos accubitus eligerent: Christo pelo contrario aconselha, que tomemos o ultimo lugar: *Recumbe in novissimo loco.* E posto que a sentença de Christo, por ser de Christo, naõ se pôde contrariar, & a dos Fariseos, por ser dos Fariseos, parece que já està cõvencida; com tudo a de Christo todos a regeitaõ, & a dos Fariseos todos a seguem. Assim o vemos hoje, & já em seu tempo, com fer taõ visinho ao de Christo, o provava com a experiencia Tertulliano: *Ad primum locum certamè omnium contendit: secundum solamen habet, victoriam non habet.* O desejo, a pertençaõ, & a vontade de todos os homens he sobre quem ha de levar o primeiro lugar: & taõ porfiada, & unicamente o primeiro; que o segundo lugar, ainda que seja algũa consolação, de nenhum modo he victoria. E se ninguem se contenta com o segundo lugar, porque naõ he o primeiro; posto que
acima

acima de sy veja hum só, & abaixo de sy todos os outros; quem haverà, que se contente com o ultimo? Nos famosos jogos Olimpicos, que se celebravaõ na Grecia, & eraõ provocados à contenda todos os homens do mundo, havia primeiros, segundos, & terceiros premios: & com tudo diz S. Paulo, que hum só levava o premio: *Omnes in stadio currunt, sed unus accipit bravium*: porque o premio a que todos aspiravão, era o primeiro, & só os que se adiantavaõ na carreira aos demais, & cõseguaõ o primeiro lugar, eraõ os estimados por vencedores, & laureados com a coroa. E se S. Paulo depois de Christo, & escrevendo a Christãos, quaes eraõ os Corinthios, lhe propoem este exemplo, posto que nascido entre os Gentios; quem se atreverà a persuadir a qualquer homem, que o melhor lugar he o ultimo? Digo a persuadir, & não a crer; porque basta ser conselheiro

de Christo; para que o creamos. Mas este ponto, que não persuade a Fè, como o persuadirà a razaõ?

185 Ora esta serà hoje a minha empresa: De mostrar a todos os homens, que o melhor lugar do mundo he o ultimo. E não sô para a outra vida, senam para esta; nem só para a virtude, senaõ para a commodidade; nem sô para a mortificaçaõ, senaõ para o gosto; nem só para a humildade, senaõ para a honra. E tudo isto quer dizer: *Recumbe in novissimo loco.*

§. V.

186 **A** Primeira prerogativa do ultimo lugar he ser muito facil de conseguir. Aos outros lugares, ainda que não sejaõ os mais altos, chegasse tarde, & com difficuldade; ao ultimo, logo, & facilmente. Não he mais difficultoso o subir, que o decer? Pois esta he a razaõ ainda natural da grande facilidade com que o ultimo

mo lugar se consegue. Aos outros caminha-se a passo lento, subindo; ao ultimo, quasi sem dar passo, decendo. Quando El Rey Ezechias desejou, que Deos lhe confirmasse os annos de vida, que lhe prometéra, com algum milagre: poz o Profeta Isaias na eleição do mesmo Rey, que escolhesse hum de dous, ou que o Sol decesse dez linhas, ou que subisse outras tantas. É porque estando Ezechias na cama, não podia ver o Sol, & só podia ver a sombra no relógio de Palacio, que desde a mesma cama se descobria, foi a proposta esta: *Vis ut ascendat umbra decem lineis, an ut revertatur totidem gradibus?* Quer Vossa Magestade, que a sombra suba, ou que deça dez linhas? A mesma proposta, conforme o sitio em que o Sol se achava naquella hora, mostrava bem, que não seria menos milagre o de decerem as sombras, que o de subirem. Có tudo o Rey, sem mais especulação, res-

4. Reg. 7
20. 9.

pondeo em continente, que não queria que decessem, senão que subissem, dando por razão, que o decer era facil: *Facile est umbram crescere decem lineis, nec hoc volo ut fiat, sed ut revertatur retrorsum decem gradibus.* Assim respondeo Ezechias, não como Mathematico, segundo a observação particular daquelle caso, mas como prudente Principe, & tão amigo da fama, como da vida, segundo as regras geraes da experiencia: & disse bem. O seu intento era acreditar o milagre pela difficuldade do movimento do Sol, & por isso disse com tanta resolução, que não queria que decesse, senão que subisse; porque natural, & experimentalmente tão difficiloso he sempre o subir, como facil o decer. A setta para subir, segue violentamente as forças do arco, & do impulso; mas para decer, não tem necessidade de braço alheo, a mesma natureza a leva sem violencia ao bai-

Ibid. 10.

xo, & quanto mais baixo, tanto mais depressa. A barquinha posta na vea do Rio, com a vela tomada, & os remos recolhidos, levada só do impeto da corrente como em hombros alheos, taó descançadamente dece, como apressada. Pelo contrario ao subir pelo mesmo Rio acima, seja o vento embora taó forte, que quasi rebente as velas, & os remeiros taó robustos, que quebrem os remos, mais he a agua que suaó, que a que vencem. Nos mesmos para subir a hum monte, he com tanta difficuldade, & molestia, que a propria respiração se cança, & se aperta: mas para decer ao fundo do valle, o mesmo peso do corpo o ajuda, ali geira, & move: & mais levados, que andando, chegamos sem cançar ao lugar mais baixo, & ultimo. Taó facil he o decer, & taó difficuloso o subir.

187 Digaó agora os que subiraó aos primeiros lugares, quam difficuloso

famente subiraó. A setta nos deo o exemplo no ar, a barquinha na agua, & nós mesmos na terra; mas nas Cortes, que saó outro quarto elemento mais cheo de impedimentos, & difficuldades, ainda he mais trabalhoso o subir. Tambem o pòdem dizer os que cançados da mesma subida tomáraó por melhor conselho o parar: & muito mais os que depois dos trabalhos, & molestias do subir, em vez de conseguir o lugar, só alcãçáraó, & tarde, o desenganho. Naó assim o pertendente do que ningué pertende, & o estimador do que ninguem estima, o qual contente com o ultimo lugar, para decer com a setta, naó ha mister arco, para decer com a barquinha, naó ha mister remo, & para decer com o homem, & como homem, quasi naó ha mister pès, nem passos. As azas do favor, os impulsos do poder, & os cuidados da diligencia, tudo para elle saó des-

desprezos, & riso: & quando os outros chegam cançados aos primeiros lugares, onde haõ de começar a cançar de novo, elle descançado se acha no ultimo, onde só repousa o verdadeiro descanso.

188 Não acho exemplo desta inclinação, & desta facilidade entre os homens; porque a sua natural ambição mais os leva a subir pelo difficultoso, que a decer pelo facil. Mas se elles se lembrarem da facilidade, & felicidade có que a Pedra de Daniel deceo do monte, & derrubou a Estatua de Nabuco, & trocou com ella o seu lugar de que a fez desaparecer com todos seus metaes:

Daniel.
235.

Nullusque locus inventus est eis: naquelle espelholto, & infensivel veráõ estes mesmos dous erros do seu mal polido juizo. Deceo a Pedra do monte, & não bateo a cabeça, nem os peitos, senão os pés da Estatua, onde parou; porque este era o lugar ultimo, & o mais baixo, aonde

a levava o peso da sua natural inclinação. E nota, & pondéra muito o Texto, que a mesma Pedra se arrancou, & deceo do cume do monte sem mãos: *Abfissus lapis sine manibus*: Porque? Porque esta he a facilidade, & differença có que se dece ao lugar mais baixo, & se não póde subir ao alto. Aquella Pedra não era pequena, como cõmummente se cuida, senão muito grande. Taõ grande, que sendo a estatúra da Estatua de sessenta covados, & os pés, & espaço entre hum, & outro iguaes a esta grandeza, ella com o mesmo golpe os alcançou, & bateo a ambos. Agora pergunto: E quãtas mãos, & quantas machinas seriaõ necessarias para subir esta grande Pedra ao mesmo lugar do monte, donde tinha decido? Mas onde não podia subir se nam com muitas mãos, & muitas machinas, ella deceo por sy mesma sem necessidade de mãos proprias, né alheas, *sine manibus*. Oh ceguei-

cegueira da ambição humana! Dizeime, quantas mãos bejais, dizeime, quantas mãos encheis, dizeime, quantas machinas fabricais para vos alar aonde quereis subir? E dizeime tambem, quantas vezes defarmão em vão essas mesmas machinas, & essas mãos bejadas, & cheas, quantas vezes vos deixão com as voífas vazias; porque elles alcançaraõ o que pertendiaõ de vós, & nam vòso que esperaveis delles; A Pedra não derrubou a Estatua, para subir [como vòs fazeis] pelas ruínas alheas, mas o lugar que ella como soberba pisava, & tinha debaixo dos pès, esse mesmo, por ser o mais baixo, & o ultimo, he o que tomou para sy a Pedra, & nelle descansou como em proprio centro.

189 Infinita cousa fora se ouvessemos de pôr em paraléllo as difficuldades dos primeiros lugares, & a facilidade do ultimo. Os lugares que dependem da votade, & poder alheo,

ou os distribue a justiça, ou são indulgencias da graça. Para a justiça he necessario o merecimento, para a graça he necessario o favor. E bastaõ estas duas cousas taõ difficultosas de ajuntar? Não bastaõ. Abel tinha o merecimento, & o favor: & o mesmo merecimento, & favor foraõ o motivo de Caim seu irmão lhe tirar a vida. Pois se com o merecimento, & com o favor, o lugar que veyo a alcançar Abel foi o primeiro entre os mortos; não he melhor ter o ultimo entre os vivos, sem o trabalho de o merecer, nem o perigo de o não lograr? E se isto aconteceo nos tempos em que os homens se matavão sem ferro, & a graça, & o favor se alcançava sem ouro; que será no tempo presente? Depois que as dignidades se fizeraõ venaes, os lugares mais se allugaõ, do que se alcanção: & não se dáõ a quem melhor os merece, senão a quem mais caros os compra. O que se busca

nos

nos homens, são os que antigamente se chamavão talentos: & os que hoje tem o mesmo nome, senão estão engastados no mesmo metal, por singulares que sejam, não tem preço. Sò o ultimo lugar, porque não tem compradores, senão vende; & por isso só elle se consegue sem cabedal, & se logra sem despezza.

190 Considerai, & medid bem os degraos, huns tão altos, outros tão baixos, por onde tropeçando, ajoelhando, & caindo, ou se perde a pertença, ou se chega finalmente a tomar posse do lugar pretendido: & vereis quanto mais custa o alcançar, que o merecer. A David para merecer, bastoulhe derrubar hum Filisteo: mas para alcançar o merecido, foilhe necessario vencer a duzentos. E que Ministro ha, ou Official de Ministro, que mais pelo inteiriçado, que pelo inteiro, não seja hum Filisteo carrancudo, & armado?

Estaturas tão desmesuradas de balde as conquistas com medidas, que já se acabou o tempo, em que os negocios se adiantavão com fazer pès atraz. As habilitações de pessoa, a fé dos officios, as certidoens dos serviços, & a justificação das certidoens, tudo não tem tantas letras, quantas são as difficuldades có que nellas topão, & sempre a sorte he sua, & vossò o azar. Aos menores haveis de dar, que he menos, aos maiores haveis de pedir, & rogar, que em quem tem honra, he muito mais: ficando pendente a vossa esperança do seu agrado, & da hora, & humor com que fostes ouvido. Nos Conselheiros haveis de sollicitar a consulta, nos Secretarios a penna, & no Principe não só a resolução, mas na resolução o effeito; para que tudo, depois de pagar os direitos, não venha a ser húa folha de papel sellada com as Armas Reaes, as quaes haveis de cõquistar de novo, para

para que chegue a ser al-
gũa cousa, o que ainda de-
pois do despacho he nada.
Emfim, que estes são os
difficultosos, & cançados
degraos por onde sobem,
quando não caem, os que
alcanção os primeiros lu-
gares: & só aquelle que se
contenta com o ultimo,
nem serve, nem requiere,
nem pleitea, nem adula,
nem roga, nem paga, nem
deve: & sem depender de
Ministros, nem de Tribu-
naes, nem do mesmo Rey,
elle he o que se consulta,
& elle o que se faz a mer-
ce, porque se despacha a sy
mesmo. E que podendo-
me eu despachar a mim,
haja de requerer diante
de outrem? Não he mais
facil o querer, que o re-
querer? Ouvi a justa excla-
mação de S. Bernardo ne-
ste mesmo caso. *Operver-*
sitas! ô abusio filiorũ Adam!
quia cum ascendere difficili-
imum sit, descendere autem
facilimum; ipsi & leviter
ascendunt, & difficilius des-
cendant! Oh perversidade,
ô abuso dos filhos de A-

dam! que sendo difficul-
tissimo o subir, & facili-
mo o decer, elles perver-
tendo as leys da razaõ, &
da natureza, antes que-
rem subir com difficulda-
de, & trabalho, que decer
com facilidade, & descan-
ço. E notai, que he tanta
a facilidade, & o descanso,
que só fez Christo men-
ção do descansar, & não do
decer. Não disse como a
Zacheo, *descende*, senam,
recumbe; porque o decer,
ainda que facil, demanda
passos, & o *recumbe*, que he
estar recoitado, como os
Hebreos estavam à mesa,
só significa descanso com
gosto, & sem trabalho: *Re-*
cumbe in novissimo loco.

§. VI.

191 **A** Segunda pre-
rogativa do
ultimo lugar he ser o mais
seguro. Os outros lugares
quanto mais altos, tanto
menos segurança tem: & a
sua mesma altura he o pro-
nostico certo da sua ruina.
Não quero que vejamos
O esta

esta pouca segurança em outro lugar, fenaõ naquelle mesmo, que por ser o mais firme do mundo, lhe poz Deos o nome de firmamento. Anunciando Christo Senhor nosso os sinaes do dia do Juizo, diz que o Sol se escurecerà, que a Lua naõ darà a sua luz, & que as Estrellas cahirão do Ceo: *Sol obscurabitur, & Luna non dabit lumen suũ, & Stellæ cadent de Cælo*. Sobre este cair das Estrellas se dividem os Interpretes em muito diferentes expoliçoens; porque suppoem, que estando as Estrellas fixas no Ceo, & sendo o Ceo incorruptivel, naõ he possivel cahirẽ propriamente. Mas a mim (diz Maldonado discretamente) quando Aristoteles nega o q̃ Christo affirma, parece-me, que antes devo crer a Christo, que a Aristoteles: *Magis enim Christo id affirmanti, quàm Aristoteli neganti fieri posse, credendum esse arbitror*. Supposto pois que as Estrellas verdadei-

ra, & propriamente haõ de cair, & o Sol, & a Lua escurecerse sómente; porq̃ se naõ escurecem todos, ou caem todos? Que culpa, ou que causa tem as Estrellas, para serem ellas sô as que haõ de cair? Tem a culpa, que tiveraõ desde que forã collocadas no Ceo, que he ser o seu lugar o mais alto. A Lua eistã no primeiro Ceo, o Sol no quarto, as Estrellas no oitavo, que he dos que alcança a nossa vista o supremo: & não he necessaria outra culpa, ou causa para serem ellas as que haõ de cair. Em todos os tres sinaes seguio Christo a natureza dos lugares. No eclipse da Lua seguio a natureza do lugar; porque no primeiro Ceo naturalmente a eclipse a terra; no eclipse do Sol seguio a natureza do lugar; porque no quarto Ceo naturalmente o eclipse a Lua: & no cair das Estrellas tambem seguio a natureza do lugar; porque no oitavo Ceo, sendo este o mais alto, tam-

bem

Matth.
24 29.

bem he natural o cair.

192 Não ha altura neste mundo, que não seja precipicio. Todo o lugar mais alto que os outros, está sempre ameaçando a propria ruina, sem outra causa, ou culpa, que o fer mais alto. Que culpa tem as torres, & os montes para serem elles os ameaçados dos trovoens, & os feridos dos rayos? Nenhúa outra senão a sua propria altura, & serem os lugares mais levantados da terra. Parece que se dà por offendido o Ceo de se avisharem mais a elle, como se todas as torres foraõ a de Babel, & todos os mōtes os dos Gigantes. Quando Christo para nos dar exemplo se defaõiu com o Demonio, a primeira eleição do lugar foi sua, provocando-o ao deserto: *Ductus est in desertum, ut tentaretur à Diabolo.* Mas a segunda, & terceira eleição foraõ do mesmo Demonio, levãdo elle a Christo aos lugares, que lhe parecêraõ mais a proposito

para a tentação. O primeiro foi a torre do Templo de Jerusaleem: *Assumpsit eum in sanctam Civitatem, & statuit eum super pinnaculum Templi.* O segundo foi hum monte o mais levantado, que havia naquelle districto: *Iterum assumpsit eum in montem excelsum valde.* E porque razão a hũa torre, & a hum monte? Porque em hum, & outro lugar armava a derrubar a Christo. Na torre, sollicitando-o a que se precipitasse: *Mitte te deorsum:* no monte, fazendolhe grandes promessas, para que cahisse: *Si cadens adoraveris me.* Os que tanto anelaõ à subida de semelhantes lugares, já que não pôdem ver quem os leva, vejaõ ao menos aonde são levados. A torre era lugar Ecclesiastico, & sagrado; o monte, lugar secular, & profano: na torre prometeolhe o Demonio Anjos; no monte offereceolhe mundos: mas como hum, & outro lugar eraõ os mais altos, ou as offertas fossem do

Ibid. 5.

Ibid. 8.

Ibid. 6.

Ibid.

Ceo , ou da terra , ou na Igreja, ou fóra della , ambos eraõ igualmente os mais perigosos, & os mais aparelhados para a cahida.

193 Já muito antes tinha enfiado o Demonio esta mesma tragedia em duas grandes figuras de hum, & outro estado. Daniel era pessoa ecclesiastica dedicada ao serviço de Deos: Aman era Ministro secular occupado nos negocios do mundo. Aman tinha o primeiro, & maior lugar na Corte del Rey Assuero: Daniel tambem o primeiro , & maior na Corte del Rey Dario: mas quem he aquelle, que na praça da Metropoli de Suzan pregado em hũa Cruz de cincoenta covados có a mais infame morte está acabando a vida? He Aman. E quem he aquelle, que na famosa Cidade de Babylonia , levado por Minitros da Justiça he lançado no lago dos Leoens, para morrer espedaçado de suas unhas? He Daniel. Pois Daniel taõ estimado

de Dario: & Aman taõ valido de Assuero, ambos taõ de repête cahidos, & mais sendo taõ diferentes na vida, como na profissaõ? Sim. Daniel servia a Deos, Aman servia ao mundo: Daniel era justo, & santo, Aman era mau, & perverso; mas levantados ao cumme dos primeiros lugares, nem a Aman lhe valeo a sua industria, para se sustentar, nem a Daniel a sua virtude, para se defender da cahida. Mais admiravel foi ainda a de Daniel, que a de Aman. Aman cahio, porque perdeu a graça do Rey: Daniel tendo por sy toda a graça do Rey, toda ella lhe não bastou, para que não cahisse. E parou aqui? Não: livrou Deos milagrosamente a Daniel das garras dos Leoens: & canonizado seu merecimento com hũa taõ publico, & estupendo pregaõ do Ceo, o Rey o restituiu outra vez ao lugar q dantes tinha. Mas o que agora se segue ainda foi maior prodigio. Foraõ taõ pode-

poderosas, & tão astutas as machinas de seus inimigos, que obrigáráo ao mesmo Rey a que elle o tornasse a meter no lago, & o entregasse outra vez à fome, & voracidade das feras.

194 Oh bemaventurado só, & só bem entendido aquelle, que entre todos os lugares do mundo sabe escolher hum tal lugar, do qual ninguem o possa derrubar, nem elle cahir. Dos lugares altos he verdade, que nem todos cahiraó; mas tambem he certo, que os mesmos, que não cahiraó, podiaó cahir. E basta o poderem cahir, para não estarem seguros. Como pôde ser segurança a do mar, se sempre está fogueita à inconstancia dos ventos? Os Latinos tem dous nomes, com que declaráo dous generos de segurança muito diversa: *Tutus*, & *Securus*. *Tutus* significa a segurança do q̄ que não periga: *Securus*, a segurança do que não periga, nem pôde perigar. O

Tom. 7.

doente que não ha de morrer, está *tutus* na febre aguda; mas não está *securus*; porque não está sem perigo, sem temer, & sem cuidado: que isso quer dizer *Securus, hoc est, sine cura*. Esta he a energia, & elegancia daquella sentença de Seneca: *Scelera tuta esse, secura non possunt*. E este genero de segurança segura não só do perigo, senão tambem do temor, & do cuidado, a qual nunca pôde haver nos lugares altos, he a que só se acha no ultimo. Quem está no lugar alto, pôde não cahir; mas quem está no ultimo não pôde cahir, que he só a verdadeira segurança. E porque? Porque se do lugar ultimo se podéra cahir, não seria o ultimo. Do lugar alto pôde se cahir ao baixo, do baixo pôde se cahir ao infimo: mas do infimo, que he o ultimo, nam se pôde cahir, porque nam ha para onde.

195 Este foi aquelle evidente argumento, com que o Profeta Jeremias

Q iij con-

consolou a Jerufalem no caso da transmigração de Babylonia. Chorou o Profeta eloquentissimamente aquella transmigração cõ quatro Abecedarios de lastimas, finalando a cada letra hum novo motivo de dor: & chegando ao ultimo verso, & à ultima letra, acabou cõ esta breve sentença: *Filia Sion, non addet ultra, ut transmigret te.* A tua transmigração, ô Jerufalem, foi o *non plus ultra* dos males, que te podia fazer Babylonia. Mas agora, que estás padecendo esta transmigração, tu a deves consolar naõ com outra couza, senaõ cõ a mesma transmigração: Porque? Porque se ella foi o *non plus ultra*, & o ultimo dos males, naõ pôde passar dahi: *Non addet ultra, ut transmigret te.* Taõ altamente exagerou Jeremias o mal, quam sutilmente lhe excogitou o alivio. He propriedade dos males ultimos izentarem de sy mesmos a quem oprimem. A morte, que he o ultimo

de todos os males, izenta da morte, & faz immortaes aos que mata; porque nem ella os pode já matar, nem elles morrer. E este privilegio he o que logra na vida, quem conheceo o bem do ultimo lugar, & se contenta com elle. Antes de se recolher a este fortissimo asilo, pôde decer por vontade, pôde cahir por desgraça, & pôde ser derubado por força; mas depois de estar no ultimo lugar, nem a força alhea, né a mesma vontade propria, nem todo o poder da fortuna o pôde fazer cahir, nem decer. Acrecente a fortuna hum degrao além do ultimo, & outro abaixo do infimo, (o que Deos naõ pôde fazer) & sã entaõ poderà decer, quem está no infimo lugar, & cahir quem está no ultimo.

196 Só quem soube fazer esta eleição desfarmou a fortuna. Oh que glorioso trofeo! A fortuna despida de suas armas, & ao pé desfes despojos aquelle verso: *Maior sum quam cui possit fortuna*

fortuna nocere. Assim, se desarma a fortuna, que só he forte com as armas, que nós lhe damos. Todos os poderes da fortuna em que consistem? Em levantar, & abater: & se eu me contento com o ultimo lugar, né ella me póde levatar, porque não quero, nem abater, porque não póde. Antes digo, que nem abater-me, nem levantarme póde a fortuna, ainda que queira; porque temos os conceitos trocados. Levantarme não, segundo o meu conceito; porque o que ella tem por melhor lugar, esse he o que eu desprezo. E abaterme tambem não, segundo o seu conceito; porque o que ella tem por peor lugar, esse he o que eu estimo. Abra os olhos a fortuna cega, & emende a falsa apparencia dos seus errados conceitos, & só então poderá fazer bemafortunados, têdo pelo melhor lugar do mundo não o primeiro, & mais alto, senam o mais baixo, & ultimo. Só he verdadeiramente

bemafortunado, que nam póde cahir; & só não póde cahir, quem não tem para onde. E porque não pareça, que dissimulo a sutileza de hũa instancia, que tem esta Filosofia, dirá alguem, que no mesmo lugar ultimo, sem haver outro inferior, & mais baixo, póde cahir quem está nelle: *Qui se existimat stare, videat ne cadat*: Quem está em pé, olhe não caya; porq̃ quem está em pé, póde cahir dentro no mesmo lugar, sem cahir para outro. He o q̃ disse judiciosamente o Poeta: *In se magna ruunt*. Mas esta instancia não tem lugar no nosso caso: quem está em pé póde cahir no mesmo lugar, mas não que está deitado; & isso quer dizer, *recumbe*. Os que subiaõ, & deciaõ pela escada de Jacob podiaõ cahir, mas elle que jazia ao pé da mesma escada no ultimo lugar, & deitado, estava fe-guro de poder cahir, & por isso dormia a sono solto: *Recumbe in novissimo loco*.

r Cor.
10. 12.

§. VII.

197 **A** Terceira prerogativa do ultimo lugar sobre mais facil, & mais seguro, he ser tambem o mais quieto, ou só elle quieto. Nesta perpetua roda em que se revolve o mundo, tudo se move, tudo se altera, tudo se muda, tudo está em contínua agitação, sem consistencia, nem firmeza: nem ha lugar algum em que se goze de quietação, & socego, senão unicamente o ultimo, & só por ser o ultimo. Opinião foi antiga de muitos Filósofos, que não era o Sol o que se movia, & dava volta ao mundo, senão que permanecendo sempre fixo, & immovel, esta terra em que estamos he a que, sem nós o sentirmos, se move, & nos leva consigo, & quando nos aparta do Sol, faz a noite, & quando nolo torna a mostrar, o dia. Mas esta opinião, ou imaginação mathematica, assim como

refuscitou em nossos tempos, assim foi tambem condenada como erronea, por ser expressamente encontrada com as Escrituras divinas. Do Sol diz o Texto sagrado com palavras tão claras, como a luz do mesmo Sol, que elle he o que dá volta ao mundo, allumando-o: *Oritur Sol, & occidit, gyrat per Meridiem, & flectitur ad Aquilonem, lu, trans universa in circuitu.* E pelo contrário, da terra diz, que ella está immovel, & firme sem se mover, nem haver de mover já mais: *Terra autem in æternum stat.* Pois se o Sol Principe dos Planetas se move, & todos os Astros, & corpos celestes de dia, & de noite estão em perpetuo movimento, & abaixo do Ceo arrebatada com elle se move a esfera do fogo, & abaixo do fogo o ar, & os ventos, & abaixo do ar a agua, ou correndo perpetuamente nos rios, & nas fontes, ou indo, & tornando às prayas no mar duas vezes no dia, ainda quando

as tempestades o não levantaão às Estrellas, ou abismaão às areas; qual he a razão porque a terra no meyo de todas estas agitações, & tumultos da natureza, só ella está firme, & immovel, só ella em perpetua quietação, & socego: *Terra autem in eternū stat?* Não vedes como neste immenso globo do universo só à terra como centro delle coube o ultimo lugar do mundo? Pois essa he a razão porque só ella no mesmo mundo goza de quietação, & socego: *Causa stabilitatis, & immobilitatis terræ est ejus gravitas, quæ exigit infimum mundi locum*, cõmenta Cornelio. Em suma, que todos os outros lugares mais, ou menos altos são naturalmente inquietos, & só o infimo, ultimo, & mais baixo de todos he o assento firme, & o centro immovel da segura, & perpetua quietação.

198 Oh se a terra tivera olhos, & entendimento, & olhasse cã debaixo

para o Ceo, & para tudo o que se move entre o Ceo, & a mesma terra, que contente estaria do seu ultimo lugar, & que graças daria por elle ao Author da natureza: vendo o curso, & revolução sempre inquietada do Sol, da Lua, & das Estrellas: & a continua batalha dos elementos, comendose huns aos outros sem paz, nem quietação, mas em perpetua conquista de dilatar cada hum a propria esfera, & só ella pacifica, & quieta por beneficio da ultima baixeza em que Deos a fez a baze do mundo, & lhe deo por baze o seu proprio centro: *Fundasti terram super stabilitatem suam?* Mas o ho-

mem, que he terra com entendimento, & olhos, se o mesmo Deos lhos abriu de maneira, que soube não querer outro lugar senão o ultimo; elle he o que verdadeiramente logra a quietapaz, & pacifica quietação do seu tão felice como desconhecido estado, sem quem lho perturbe,

nem

nem altere. Batalhem os outros, & comão se sobre quem ha de subir, & alcançar os lugares mais altos; que eu (dirá) quanto mais olho para elles, & vejo de fóra os seus perigos, & naufragios, tanto mais me satisfazo da minha paz, que das suas batalhas; da minha retirada, que das suas victorias; & da minha segura baixeza, que das suas inquietas alturas. Olhai, que bem entendérao a inquietação de todas ellas vivos, & mortos. Quando Saul depois de morto Samuel, o tirou do fundo da terra, & o fez vir a este mundo, posto que por tão breve espaço, a razão porque Samuel se queixou delle não foi outra, senão porque o inquietára: *Quare inquietasti me, ut ascenderem?* E Sidonio Apollinar refutando o parabem de certo lugar eminente a que fora promovido hum seu amigo, escreveu estas notaveis palavras *Sed sententiae tali nunquam ego assentior, ut fortunatos putem, qui Rei-*

publicæ præcipitibus, & lubricis culminibus insistent, hoc ipso, satis miseres; quòd parum intelligunt inquietissimo se subjacere famulatui. Notai a palavra superlativa *inquietissimo*, cõ que hum Varaõ de tão alto juizo como Sidonio, não só chama servidaõ á dos lugares altos, mas inquietissima servidaõ: *Inquietissimo famulatui.*

199 As causas naturaes desta inquietação dos lugares altos, ou são as competencias dos que os procuraõ, ou as envejas dos que os desejaõ, ou o proprio desassozego dos mesmos lugares, que ainda depois de adquiridos, nem elles aquietaaõ, nem deixaõ aquietar a quem está nelles. Quanto às competencias; porque pelejavaõ Jacob, & Esau nas entranhas de sua Mãe: & Phares & Zaraõ, que lhe sucederaõ, não pelejavão nas entranhas da sua? Porque Jacob & Esau ambos pertendiaõ o primeiro lugar: & entre Phares & Zaraõ tão fóra estava

1. Reg.
28. 15.
Text.
Hebr.

Sidon.
Apollinaris
lib. 2. E.
p. 113.

estava de haver a mesma
 contenda, que tendo Za-
 raõ já na mão com a pur-
 pura a investidura do pri-
 meiro, *hic exiet prior*, tor-
 nou a retirar o braço para
 dar a Phares. De sorte,
 que nas mesmas entranhas
 maternas, onde ouve dous
 que competirão sobre o
 primeiro lugar, tudo foraõ
 inquietaçoens, & batalhas;
 & onde ouve hum só que
 quiz antes o ultimo, que o
 primeiro, tudo foi paz, &
 quietação. Isto quanto às
 200 competencias. É quanto
 às envejas? Maior caso ain-
 da. Pedirão os filhos do
 Zebedeo as duas cadeiras
 da mão direita, & esquer-
 da do Reyno de Christo:
 & com que tenção as pe-
 dirão? Com tenção, diz S.
 João Chrysoftomo, que S.
 Pedro, de quem só se te-
 miaõ, lhe não levasse o pri-
 meiro lugar, ou primazia
 do Reyno. *Primum hu-
 jus confessus impetrare, &
 praeponi quidem se ceteris
 sciebant, Petrum verò sibi
 praeferrì formidantes dice-
 re ausi sunt, ut unus à dex-*

tris, alter à sinistris sedeat.
 Os outros Discipulos, a
 quem os dous irmãos se
 viaõ preferidos, nam lhe
 davaõ cuidado: & só de
 Pedro se temiaõ. Mas se
 João & Diogo eraõ os
 dous mais virtuosos do A-
 postolado, & os dous ma-
 iores amigos de Pedro, co-
 mo o queriaõ excluir por
 esta via? Porque onde en-
 tra a enveja, & a ambiçam
 de lugares, não ha virtude,
 nem amizade segura: o ma-
 ior amigo vos ha de des-
 viar, & o mais virtuoso se
 ha de introduzir. Os pri-
 meiros lugares leve-os Jo-
 aõ & Diogo: & a S. Pedro?
 Nenhum lugar. Por cer-
 to, que não havia de haver
 esta inquietação no Apò-
 stolado, se o lugar fora o
 ultimo. O ultimo lugar não
 tem envejosos, nem quem
 o escolheo por melhor, té
 que envejar: & onde nam
 ha envejoso, nem enveja-
 do, tudo està quieto. É ba-
 sta isto? Não basta. Porque 201
 ainda que não haja com-
 petencia, nem enveja, que
 inquiete os lugares altos,
 he

Chry.
 Homil.
 66 in
 Matth.

he nelles tão natural a inquietação, como dizia, que elles mesmos se inquietão, & a quem está nelles. Lucifer foi criado no Ceo, donde cahio: *Quomodo cecidisti de Cælo Lucifer*: & com tudo dizia a sua ambição, que havia de subir ao Ceo: *Qui dicebas in corde tuo: In Cælum conscendã*. Pois, Demonio, se tu estás no Ceo, como anelas a subir ao mesmo Ceo? Como desejas o que já tens? Como pertendes o que já alcançaste? Como te inquietas o que já gozas? Como queres subir onde já subiste, & estar onde já estás? Porque o mesmo lugar em que estava, o inquietava de sorte, que estando nelle, não podia aquietar nelle. Por isso sem competencia, nem enveja de outrem, que o derrubasse, elle se derrubou a sy mesmo. A Adam derrubou o Demonio, ao Demonio elle mesmo se derrubou, porque tanto o inquietou o lugar que tinha, como se o não tivera.

I sai. 14.
12.

Ibid. 13.

202 Sõ o ultimo lugar está livre destas inquietações, & perigos, & nam por outro privilegio, ou immuidade, senão por ser o mais baixo. Erradamente se chamão baixos aquelles em que naufragão os navegantes. Não são baixos, senão os lugares mais altos do mar, que em penhascos, ou areas se levantão no meyo delle. Por isso nelles naufraga o mesmo mar, & se quebrão, & espedação as ondas. Ditozas as que sem querer sair, nem subir, se deixão estar no seu fundo, que ellas sã se conservão em paz, & gozão de inteira quietação: & se là chegão os eccos das que perigão, & quebrão, ellas descansão, & dormem ao som das outras. Desta mesma quietação segura, & firme nos dá outro documento a terra naquelles grandes corpos a que concedeo a vida, & negou os sentidos. Todas as arvores tem hũa parte firme, & outra movediça. A firme, que são as raizes, está

estã no baixo; & a move-
diça, que são os ramos, no
alto. Sô alli tem jurdição,
& imperio, ou a lifonja
das viraçoens, ou o açoute
dos ventos. Todas na ca-
beça leves, & inquietas, &
só no pè seguras, & firmes.
No alto quebraõse os ra-
mos, voaõ as folhas, caem
as flores, & perdemse an-
tes de amadurecer os fru-
tos: & só no baixo susten-
taõ as raizes o tronco, &
nelle as esperanças de re-
cuperar em melhor anno
tudo o perdido. Oh mal-
enfinado juizo humano,
que nem as plantas insen-
siveis, nem os elementos
sem vida bastaõ a te fazer
sezudo! aprende ao menos
das criaturas sensitivas,
& sejaõ as menores as que
te ensinam.

203 O Pardal, & a Ro-
la [diz David) soubéraõ
buscar, & achar o lugar
mais conveniente a sua
conservação: *Etenim Pas-
ser invenit sibi domum, &
Turtur nidum sibi, ubi ponat
pullos suos.* E a que fim traz
David este exemplo, & o

poem em dous animadi-
nhos de taõ pouco vulto?
Para que se envergonhem
os homens com todo o seu
uso da razão, de naõ sabe-
rem escolher o lugar, que
mais lhe convem. E são
tãõ esquecidos, & descui-
dados todos em fazer esta
escolha, que se algum ou-
ve, que a fizesse, foi por es-
pecial auxilio da graça
divina. Assim continua o
mesmo David com estas
admiraveis palavras: *Bea-
tus vir cujus est auxilium
abs te: ascensiones in corde*

*suo disposuit, in valle lacry-
marum, in loco quem posuit.*
Bemaventurado, Senhor,
aquelle homem a quem
vos assistis com particular
auxilio de vossa graça; por-
que este considerou todas
as ascençoens, isto he, to-
dos os modos de subir
com que os outros procu-
raõ alcançar os lugares
mais altos; porèm elle es-
colheo para sy o mais bai-
xo de todos, & poz o seu
lugar no valle das lagri-
mas: *In valle lacrymarum,
in loco quem posuit.* Mas

Ibid. 6. 7.

que

que valle de lagrimas he este? O mundo vulgarmẽte chama-se valle de lagrimas: porẽm nem todo elle he valle, nem todo de lagrimas. Não he todo valle, porque tem campos, outeiros, & montes; & não he todo de lagrimas, porque tambem he de gostos, delicias, & passatempos. Que valle he logo este onde só o homem assistido da graça de Deos poz o seu lugar. *In valle lacrymarum, in loco quem posuit?* He o valle que fazem os montes das ascençoens, isto he, os lugares altos onde todos desejaõ subir, que elle considerou muito attentamente: *Ascensiones posuit in corde suo.* Os que subiraõ a estes lugares altos, estaõ nos montes da alegria, porque conseguiraõ o que desejavaõ: & os que nam poderaõ subir, estaõ no valle das lagrimas; porque todos choraõ, & se choraõ de lhe não chegar o dia da sua ascençãõ, & de nam serem promovidos aos lugares, que desejaõ. Neste

valle pois, que he de lagrimas, & tristeza para os demais, neste mesmo, & no mais fundo delle, que he o ultimo, & mais baixo, poz o seu lugar aquelle a quem Deos assistio; porque não basta só para esta valente resoluçãõ o entendimento, & juizo proprio, mas he necessario o auxilio da graça divina: *Cujus est auxilium abs te:* auxilio de luz para o conhecer por melhor; auxilio de valor para o preferir a todos; & atè auxilio do amor proprio, para descansar sem engano unicamente nelle: *Recumbe in novissimo loco.*

§. VIII.

204 **T**emos visto como o ultimo lugar, entre todos os do mundo, para alcançar he o mais facil, para conservar o mais seguro, & para lograr o mais quieto: prerogativas nelle singulares, pelas quaes deve ser preferido a todos os outros. Né

o nome de ultimo lhe deve tirar nada de estimaçãõ, porque senãõ fora o ultimo, naõ as tivera. He todo o lugar ultimo como o que coube a Benjamin na mesa de Joseph. Como os Irmãos se assentáraõ à mesa conforme as suas idades, a Benjamin, que era o mais moço, coubelhe o ultimo lugar. Foi porèm cousa, que os mesmos Irmãos, & todos os Egepcios muito admiráraõ ; que fazendo Joseph os pratos, o de Bè-jamin se avantejava sempre com notavel excessõ a todos. Olhamos para o lugar, & naõ olhamos para o prato. Oh se foubessemos tomar o fabor aos gostos, & regalos puros, & sinceros, que só no ultimo lugar se achãõ, livres das amarguras, & dessabores , que em todos os outros lugares, por altos, & soberanos que sejaõ , ainda com os olhos cerrados, mal se pòdem tragar! Là disse Democrito, que aquelle que se resolvesse a naõ desejar, poderia competir de fe-

licidade com Jupiter: & esta felicidade sobre humana só a depositou nam o falso, senãõ o verdadeiro Deos nos thesouros escondidos do ultimo lugar. Sò alli se vive sem desejo, sem temor, sem esperança, sem dependencia, & sem cuidado algum, nem ainda leve pensamento, que a perturbe. Sò alli o sono he descansão, o comer sustento, a respiraçãõ vital, & a vida, vida; porque só alli està a Alma naõ dividida, mas inteira, & toda comsigo, & dentro em sy mesma, como tambem o homem todo em sy, & fóra do mûdo; porque naõ quer nada d'elle. E que naõ baste tudo isto, para que o ultimo lugar seja o mais estimado, o mais querido, & o mais pertendido dos homens? Tanto pòde com elles a falsa apreheusãõ daquelle nome de ultimo, com que reconhecêdo-o no demais por taõ avantejado, & melhor, o reputaõ com tudo naõ só por menos honrado, mas por afrontoso, &

por

por isso o desprezo, & fogem delle.

205 Este he o ultimo engano, que só nos resta por refutar, cuja intelligencia consiste em saber distinguir no mesmo lugar hũa grande differença de ultimo a ultimo. O ultimo lugar merecido por distribuição alhea, pôde ser afrontoso; tomado por eleição propria, he o mais honrado. Quem voluntariamente, & por propria eleição escolhe o ultimo lugar do mundo, esse só usa do mesmo mundo como senhor delle. Denos a primeira prova o mesmo mundo, não como vão, & errado, mas como cortez, & entendido. Vistes passear na praça de Palacio hũa cochada de Fidalgos; & qual delles he o senhor da carroça? O que vai no ultimo lugar. Vistes os mesmos, ou outros em conversação, ou visita; & qual he o senhor da casa? O que está na ultima cadeira. Pois assim como o que té o ultimo lugar na carroça, he

o senhor da carroça: & assim como o que tem o ultimo lugar na casa, he o senhor da casa; assim o que voluntariamente tem o ultimo lugar do mundo, he o senhor do mundo. Nam ponhamos a decisaõ na vontade dos homens, que pôde ser errada; mas na do mesmo Deos, que he a regra de toda a razão, & verdade. Começou, & acabou Deos a grãde obra da criação deste mundo em seis dias: mas porque ordem? Depois de criar no primeiro dia a luz, no terceiro criou as arvores, & plantas, no quarto o Sol, Lua, & Estrellas, no quinto os peixes, & aves, no sexto os animaes, que andaõ, ou se arrastão sobre a terra: & depois de povoados por este modo o Ceo, o ar, a agua, & a mesma terra, della formou, & criou o homem, para dominar como senhor tudo o que tinha criado. Assim o disse o mesmo Deos no mesmo acto em que o formou: *Faci-* Genes. 1.26.
mus hominem ad imaginem,
& si-

& similitudinem nostram, ut præsit piscibus maris, & volatilibus Cæli, & bestiis, universæ que terræ. Pois se o homem era a primeira, & mais nobre de todas as criaturas deste mundo, & criado para senhor dellas, porque o não criou Deos no primeiro lugar, senam no ultimo? Por isso mesmo. Porque a honra, & dignidade do ultimo lugar do mundo só competia, & era devída ao Senhor, & dominador delle. Vede agora se he honrado, & quam honrado he o ultimo lugar. *Merito ergo postremus, quasi finis nature formatus: recte ergo novissimus, quasi totius summa operis, quasi causa mundi, propter quem facta sunt omnia,* diz S. Ambrosio. Mas ainda não está dito o que excede quanto se pôde dizer.

206 Deos em quanto Deos, por ser infinito, & immenso, he incapaz de lugar: porèm depois que deceo do Ceo a este mundo, & se fez homem, ha-

vendo de ter lugar entre os homens, que lugar tomaria? O de Nazareth? O de Belem? O do Egypto? O do Calvario? Tal foi o lugar que tomou sempre, & em toda a parte; que vendo-o o Profeta Isaias, não teve outro nome com que se explicar, senão chamando-lhe o ultimo dos homens: *Novissimum vi-* Ifai. 53.
3. *rorum.* E porque razão o ultimo, sendo sua a eleição do lugar? Não porque tivesse para sy, que a igualdade, que tinha com o Eterno Padre, fosse alhea, ou roubada, & não natural, & propria, como notou S. Paulo; mas porque sendo tão Deos, & tão supremo Senhor do universo, como o mesmo Padre, né outro lugar era capaz de sua grandeza, nem outro mais decente a sua soberania, né outro emfim mais conforme a sua doutrina, senão aquelle mesmo a que hoje nos exhortou, o ultimo. Em hum banquete a que ElRey Dionysio de Sicilia convidou as maiores

iores personagens do seu Reyno, como puzesse no ultimo lugar da mesa a Aristippo, oraculo daquella idade, o que lhe disse o grande Filosofo, foi: *Hunc planè locum decorare, & illustrem reddere voluisti*. Sem duvida, ô Dionysio, que hoje quizeste enobrecer, & fazer illustre este lugar. E se assim honrou, & illustrou Aristippo o ultimo lugar sô com se assentar nelle, que diremos depois que Deos o escolheo, & tomou para sy? *O novissimum, & altissimum!* exclama S. Bernardo. Antes de Deos escolher este lugar entre os homens, podia andar em opinioens se era honrado, ou não o ultimo lugar; mas depois que Deos o escolheo, & tomou para sy, intoleravel blasfemia seria dizer, que não heo mais honrado de todos.

§. IX.

207 **P**Or fim só resta satisfazer à cõ-

clusão da parabola, na qual parece que desfez o divino Mestre tudo o que temos dito. Dando o Senhor a razão porque se não devem procurar os primeiros lugares, senão o ultimo: porque virà (diz) o dono da casa, & do convite, & se vos vir no ultimo lugar, dirvos ha: *Amice, ascende superius*: Amigo, subi para cima: & pelo contrario, se tiveres tomado o primeiro, o que ouvireis, ferà: *Da huic locum*: Levantavos desse lugar, & dai-o a este: & com grande confusão, & vergonha vossa ficareis no ultimo: *Et incipias cum rubore novissimum locum tenere*. Este dono da casa, & do convite no fim da parabola he Deos, que segundo as nossas acçoens, & deliberaçoens as ha de premiar, ou castigar: & não pondéro, que só ao que escolheo o ultimo lugar chamou amigo, *Amice*: nem pondéro, que o que tinha tomado o primeiro lugar, não ficou no segundo, nem no terceiro, mas deceo, ou foi

foi lançado no ultimo: mas o que pondéro, & reparo, he, que ao que elegeo o ultimo lugar o premiou Deos com o primeiro, & ao que tomou o primeiro o castigou com o ultimo: logo se o ultimo lugar se dà por castigo, & o primeiro por premio, melhor parece que he o primeiro lugar, que o ultimo.

208 Assim parece, porque não consideramos nos mesmos lugares o onde, & o quando. Onde, & quando foi a eleição, que os homens fizeram dos lugares? Neste mundo. E onde, & quando ha de ser a mudança com que Deos os ha de trocar? No outro. Pois essa he a razão da differença, & da troca. No outro mundo he melhor o primeiro lugar: neste, o ultimo. E porque? Porque o Ceo he a patria de todos os bons, & de todos os bês: a terra a de todos os máos, & de todos os males. Na terra tudo são soberbas, ambiçoens, envejas, discordias, contendias, cavil-

laçoens, enganos, falsidades, traiçoens, violencias, & tratar cada hum de subir, ainda que seja pelas ruinas alheas; & para escapar de todos estes males, maldades, & malicias, não ha outro lugar seguro, & quieto, senão o ultimo. Pelo contrario, no Ceo tudo he charidade, paz, concórdia, amor, contentamento, bemaventurança, & estimar, & gozaríe cada hum do bem do outro, como do proprio: & por isso os primeiros lugares de ninguem envejados, nem pertendidos, mas de todos aprovados, & venerados, sem receo que os inquiete de dentro, nem perigo q os perturbe de fóia, são tão firmes, & perpetuos, como os mesmos bens, & felicidade, que lograó.

209 E para que vejamos estas duas differenças estabelecidas por Deos desde o principio do mundo, húa na terra entre os elementos, & outra no Ceo entre os Anjos; ouçamos a Escritura sagrada. Na criação

ção do mundo gastou Deos seis dias, mas só cinco delles foraõ propriamente de criação. No primeiro criou, no terceiro criou, no quarto, no quinto, & no sexto criou, & sómente no segundo não criou cousa algũa. Pois se o segundo dia foi totalmente esteril, & infecundo sem produção de nova criatura; em que gastou, & empregou Deos todo aquelle dia? Empregou-o todo em hõrrar, & exaltar o ultimo lugar, quanto elle merece. Diz o Texto, que no segũdo dia dividio Deos o elemento da agua, & levantou hũa parte delle, & a poz sobre o firmamento, a que chamou Ceo. Estas são aquellas aguas de que diz David: *Et aquæ omnes quæ super Celos sunt, laudent nomen Domini*: onde declara, que o Ceo sobre que foraõ collocadas, he o supremo, & mais alto de todos. E donde lhe veyo ao elemento da agua ser assim exaltado, o que Deos não fez a algum outro?

Porque sendo a agua por natureza superior à terra, & sendo o lugar da terra o ultimo, ella deixando o sitio mais eminente em que fora criada, correo espontaneamente a encher as concavidades da mesma terra, & se abraçou de tal sorte com ella no mesmo lugar, que da agua, & da terra se formou hum só globo. E foi taõ grata aos olhos de Deos esta acção, posto que natural, do elemento da agua, que havendo de lhe compençar como Author da natureza hum lugar com outro lugar, pelo ultimo a que se abateo na terra, o levantou ao supremo do Ceo. Mas pois estamos no Ceo, vejamos quam contrario foi là a este exemplo da agua elementar o do fogo racional, que isso quer dizer Serafim. Tinha o primeiro lugar no Ceo entre o Coro dos Serafins Lucifer, & não se contentando có menos sua altiveza, que com subir ao supremo sobre todas as criaturas. Isto he o q

Isi. 14.
13. 14.

bid. 15.

revolvía no pensamento, quando disse: *Super astra Dei exaltabo solium meum: similis ero Altissimo.* E que lhe fez o mesmo Altissimo a quem affectou ser semelhante? *Verumtamen ad Infernum detraheris in profundum lacu.* Do Ceo o precipitou no Inferno, & do supremo lugar, que affectou no Empireo, ao infimo dos abismos. Assim castiga, ou premea Deos, & assim troca os lugares, sublimando até o supremo a quem se abateo ao ultimo; & derubando até o ultimo a que affectou o supremo. Tanto monta na parabolá do nosso Evangelho, ou, *Amice ascende superius,* ou *Incipias cum rubore novissimum locum tenere.*

210 A vista deste eterno desengano, não he necessario inferir qual deve ser a resolução nesta vida dos que ainda tem livre a eleição dos lugares. Mas que farão os que já conseguirão a sua, & por nascimento, ou negociação, ou qualquer outra fortuna estão

postos nos primeiros? Facil he dar o conselho, senão for difficultosa a resolução. Mas esta não corre por minha conta. Porque não farão os que tem menos que deixar, o que fizerao tantos Reys, & Emperadores? Não tinha fé do Ceo, nem do Inferno Diocleciano & Maximiano, & só pela experiencia que tinhao dos primeiros lugares do mundo, cançados de o governar, & mandar, ambos de comum consentimento renunciárao o Imperio em hum mesmo dia (que foi o de dezasete de Fevereiro do anno de trezentos & quatro) Diocleciano em Nicomedia, & Maximiano em Milam. E que nam exclamará neste passo: ô cegueira do juizo humano! ô fraqueza grande da nossa fé! que dous Gentios, & de mã vida, tivessem valor para hũa resolução como esta, & que sendo a medida dos lugares có que nos levantamos sobre os nossos iguaes tão curta, baste a lição desta preferencia tão

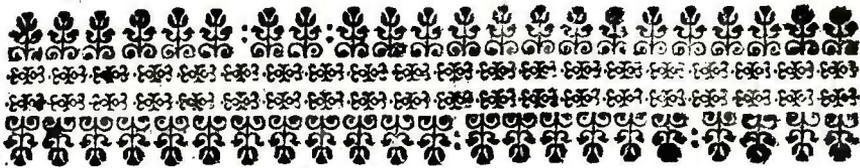
trabalhosa, & incerta para a antepormos nesta vida à quietação, & descanso da temporal, & à segurança da eterna!

211 Razoens pôde haver tão urgentes, & obrigação estáo fortes, q̃ não permitão romper estes laços: mas nos tais casos, que não podem ser, senão muito raras, já que se não possaõ renunciar os lugares, ao menos se deve renunciar o amor. Mais estranhava Christo nos Escribas, & Fariseos o amor que tinhaõ aos primeiros lugares, que os mesmos lugares: *Amant autem primos recubitus in cænis, & primas cathedras in synagogis.* Para serem tão arriscados como vemos os primeiros lugares, basta serem primeiros, ainda que se não amem. Os Santos não os amavaõ, & com tudo se lè de todos, que os repugnaõ, & fugiaõ delles: mas se forem primeiros, & juntamente amados, entãõ são muito mais perigosos, & perniciosos, assim para os

mesmos a quem inchaõ, & enganaõ, como para a Republica, que arruaõ. Estes mesmos Escribas & Fariseos amadores dos primeiros lugares, foraõ os sollicitadores da morte de Christo, & os que puzeraõ o Filho de Deos em húa Cruz: Porque? Sò por não perderem os lugares, que tanto amavaõ: *Venient Romani, & tollent nostrum locum.* Emfim, que se os primeiros lugares se nam amarem, ferãõ menos os danos, que causarãõ, proprios, & alheos; mas, ou amados, ou não amados, se os que estaõ nelles, os não renunciarem de todo, & trocarem generosamente pelo ultimo, de nenhum modo poderãõ gozar a liberdade, a quietação, & o descanso seguro, que tão largamente tenho mostrado; porque este privilegio só he concedido por Deos ao ultimo lugar: *Recumbe in novissimo loco.*

Marth.
23.6.

Joann.
11.48.



S E R M A M

DO SANTISSIMO

SACRAMENTO

EM DIA DO CORPO DE DEOS, H
na Igreja, & Convento da Encarnação.

Hic est panis, qui de Cælo descendit. Joann. 6.

§. 1.



Elebra hoje esta Igreja, o q celebraõ todas, mas nenhũa com tãta obrigação, nenhũa cõ tanta propriedade. Nas outras he a solemnidade propria do dia, nesta he do dia, & do lugar. Andão taõ ligados entre sy estes dous soberanos mysterios, Encarnação, & Sacramento, que a mesma Sabedoria, & elo-

quencia divina, para prégar as grandezas do Sacramento, se valeo das excellencias da Encarnação: *Hic est panis, qui de Cælo descendit*: Este he o paõ, diz Christo, q deceo do Ceo. Mas quãdo deceo do Ceo este paõ? Não no dia em q se instituiu o mysterio do Sacramento, senão no dia em que se obrou o da Encarnação. Assim o confessemos todos cõ os joelhos

Joann.
6. 59.

P iiij em

em terra: *Descendit de Caelis, & incarnatus est.* De maneira, que no mesmo texto do Thema temos dous dias, & dous mysterios. O dia, & o mysterio do Sacramento: *Hic est panis*: & o dia, & o mysterio da Encarnação: *qui de Caelo descendit*: o dia, & o mysterio do Sacramento conforme a celebridade, & o dia, & mysterio da Encarnação conforme o lugar. Havendo pois de ser o Sermão (como he bem que seja) não do corpo de Deos vagamente, senão do corpo de Deos na Encarnação: & havendo de tomar as medidas ao discurso pelo mesmo corpo de Christo, não só em quanto corpo de Deos sacramentado, senão também em quanto corpo de Deos encarnado; digo, que o dia da Encarnação, & o dia do Sacramento, ambos são dias do corpo de Deos; mas com grande differença. O dia da Encarnação he dia do corpo de Deos, porque no dia da Encarnação deo

Deos a tomar condiçoens de corpo: & o dia do Sacramento também he dia do corpo de Deos, porque no dia do Sacramento subio o mesmo corpo a tomar attributos de Deos. Isto he o que determino pregar hoje; mas ainda não acertei ao dizer com os termos grandes, que pede a magestade da materia. Para que eu a saiba, & me saiba declarar melhor, recorramos a fonte da Graça, que está presente. *Ave Maria.*

§. II.

Hic est panis, qui de Caelo descendit.
e 213 **O** Apostolo S. Paulo fallando da segunda parte deste Texto, isto he, de quando o Verbo divino deo do Ceo a vestir-se de nossa carne, diz estas notaveis palavras: *Cum in forma Dei esset, non rapinam arbitratus est esse se equalem Deo, sed semetipsum exinanivit*

nivit formã servi accipiens, in similitudinem hominum factus, & habitu inventus ut homo. Quer dizer : Sendo o Eterno Verbo igual ao Padre em tudo, & nam podendo deixar de o ser, fazendo-se porèm homem, & semelhante em tudo aos outros homens, de tal maneira encolheo, & sumio em sy mesmo os attributos de sua divindade, & grandeza, que não se viaõ, nem appareciaõ nelle depois de encarnado mais que os vazios da mesma divindade. Esta he a propria, & rigorosa significação daquelle *exinanivit semetipsum* : & assim foi. Era o Verbo pela divindade Espirito, & pela Encarnação teve corpo: era pela divindade immenso, & pela Encarnação ficou limitado: era pela divindade infinito, & pela Encarnação ficou finito: era pela divindade eterno, & pela Encarnação ficou temporal: era pela divindade invisivel, & pela Encarnação viaõ-no os olhos: era pela di-

vindade immortal, & impassivel, & pela Encarnação já padecia, & estava sogeto à morte. Não são grandes vazios da divindade estes? Taõ grandes, & taõ profundos, que só a comprehensão de Paulo os pode de algũa maneira sondar: *Exinanivit semetipsum*. Mas aguarde trinta & tres annos a mesma divindade encarnada, & fará com igual, ou maior milagre ao mundo o Sacramento do Altar: Para que? Para que os vazios da divindade na Encarnação se tornassem a encher no Sacramento. Agora acertei a me declarar. Assim como pela Encarnação a divindade de Christo se despio dos attributos de Deos, & se vestio das propriedades de corpo: assim o mesmo corpo de Christo pelo Sacramento se despio das propriedades de corpo, & se vestio dos attributos de Deos. E este foi o modo mais que admiravel có que os vazios da divindade na Encarna-

deiro o mesmo Christo. Assim o ensinou S. André ao Proconsul Egeas, dizendo: *Ego omnipotenti Deo, qui unus, & verus est, immolo quotidie immaculatū agnum, cujus carnem postquam omnis populus credentium manducaverit, integer perseverat, & vivus.*

216 Supposto pois, que o Cordeiro vivo, & como morto, que S. Joáo vio, era Christo, & Christo sacramentado; entrem agora as segundas, & mais admiraveis palavras do Texto, com que os applausos, & aclamaçoens de toda a Corte celestial cantavaõ, & diziaõ ao mesmo Cordeiro, que elle era digno de receber a virtude, & divindade: *Dignus est agnus, qui occisus est, accipere virtutem, & divinitatem.* O mesmo S. Joáo nota, que este canticum era novo: *Cantabant canticum novū:* & parece que não era novo, senão antigo, & que já tinha de antiguidade, quando menos, trinta & quatro annos, que tantos se podẽ

contar desde o dia da Encarnação do Verbo até o dia da instituição do Sacramento. Quando se fez o Filho de Deos homem, & quando se unio à humanidade de Christo a divindade? Não ha duvida, que no dia da Encarnação. Pois se o receber Christo em quanto homem a divindade, pertence ao mesmo Christo em quanto encarnado: que novidade he agora a deste canticum, em que toda a Corte do Ceo lhe dà o parabem de receber a divindade, não na Encarnação em quanto Deos encarnado, senão no Sacramento, & em quanto Cordeiro sacramentado: *Dignus est agnus accipere divinitatem?* A palavra *dignus* ainda aberta, & acrecenta mais a duvida; porque *dignus* significa merecimento, & a uniaõ hypostatica, em que a natureza divina se unio com a humana, nem a mereceo, nem a podia merecer a humanidade de Christo: pois se foi divindade, & di-

divindade merecida , como se diz que Christo he digno de a receber , & que a recebeo como sacramentado? A razao altissima, & nova, como lhe chama S. Joao, he a que eu tenho dito , & vou provando. Porque duas vezes, & por dous modos diferentes recebeo Christo a divindade: a primeira na Encarnação, em que Deos , do modo que era possivel , se despio dos attributos de Deos, vestindose do corpo humano: a segunda no Sacramento, em que Christo, do modo tambem que podia ser , enchendo em sy os vazios da divindade, revestio o mesmo corpo das propriedades de Deos. Onde se deve muito notar a propriedade das palavras *accipere divinitatem* ; porque no mysterio da Encarnação não foi o corpo mais propriamente o que recebeo a divindade, senão a divindade a que recebeo o corpo: *Verbum caro factum est* : porèm no mysterio do Sacramento:

assim como a divindade na Encarnação foi a que propriamente recebeo o corpo, assim o corpo propriamente foi o que recebeo a divindade: *Dignus est agnus accipere divinitatem.*

217. Prègando o mesmo Christo aos que tinha sustentado com o milagre dos cinco pães, alli começou a revelar o mysterio do Sacramento , exortando-os a que comeassem de outro melhor paõ, que elle lhes daria, o qual era paõ de vida, não temporal, mas eterna: *Operamini non cibum, qui perit, sed qui permanet in vitam aeternam,* Joann. 6.27. *quem Filius hominis dabit vobis.* E para que não duvidassem da virtude deste maravilhoso paõ, acrescentou, que Deos tinha impresso nelle o seu sigillo, ou sinete: *Hunc enim Pater signavit Deus.* A palavra *signavit* val o mesmo que *sigillavit*: & assim se lê no Texto Original. Saibamos agora: & qual foi a figura, ou imagem que estava aberta neste sinete? Todos

Ibid.

os Santos Padres concordão, em que era a figura, & imagem da divindade: & essa força tem o nome de Deos acrescentado ao de Padre: *Hunc Pater signavit Deus*: modo de fallar em Christo singular nesta occasião. Mas se Christo falla de sy em quanto homem, & em quanto sacramentado: em quanto homem, *quem Filius hominis dabit vobis*; & em quanto sacramentado, *cibum qui permanet in vitã æternam*; porque prova os poderes desta virtude com o sinete da divindade, que Deos imprimio nelle? Não se poderá melhor confirmar o altíssimo pensamêto em que estamos. Aquella Hostia, em que a nossa Fè creê, & adora o corpo de Christo, he hũa obrêa consagrada, em que Deos imprimio o seu sinete: & como neste sinete estava aberta a imagem, & figura da divindade com todos seus attributos, tambem na mesma Hostia ficou impressa a semelhança de todos el-

les, & por isso se achão todos no Sacramento. Ainda falta a maior propriedade, & energia da metafora do sinete de que usou o Senhor, para que melhor entendessemos todo o mysterio. O que no sinete está cavado, & vazio, he o que na materia em que se imprime fica relevado, & cheo: & assim ficarão cheos no Sacramento os vazios da Encarnação: *Exinavit semetipsum: hunc Pater sigillavit Deus*. Na Encarnação todos os attributos divinos vazios, & no Sacramento cheos: na Encarnação todos fumidos, & no Sacramento todos relevados.

§. III.

218 **P**Or este modo ficou o corpo de Christo no Sacramento revestido dos attributos divinos, & com maior propriedade corpo de Deos. Corpo de Deos, porque espiritual: corpo de Deos, porque immenso: corpo de

de Deos , porque eterno: corpo de Deos, porque infinito: corpo de Deos, porque invisível : corpo de Deos , porque immortal: corpo de Deos, porque impassível. E isto he o que agora parte por parte , & attributo por attributo ha de ir mostrando o nosso discurso. Mas porque todas estas maravilhas de seu corpo divinizado foraõ ordenadas por Christo para nosso remedio , & proveito, de tal maneira as irei provando no Sacramento , que juntamente mostrarei como o mesmo Sacramento nolas cõmunica todas a nõs. Elle se digne de me ajudar, & assistir com nova graça em materia taõ alta, & taõ difficultosa.

219 A primeira propriedade taõ natural da divindade, como alhea do corpo, que he ser Deos espirito ; assim como foi o primeiro vazio com que o mesmo Deos se exinaniõ na Encarnação , assim he tambem o primeiro attri-

buto com que Christo o restaurou, & encheo no Sacramento: no qual estã seu corpo sacramentado sem ocupar lugar, & com todas as condiçõens de espirito.

Assim o ensina a Fè, & para o provar com a Escritura, he necessario que nos engolfemos em hum pégo sem fundo, qual he o Capitulo sexto de S. João, em que já começamos a entrar. Por occasiã do milagre referido dos cinco pães, que he o principio deste Capitulo, falla Christo na maior parte de todo elle, do paõ que deceo do Ceo o Santissimo Sacramento do Altar. Hũa vez diz : *Nisi manducaveritis*

carnem Filij hominis , & biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis: Senão comerdes a minha carne, & beberdes o meu sangue , não tereis vida: outra vez mais brevemente: *Qui manducat me , ipse*

Joan. 6. 54.

Ibid. 58.

vivet propter me: Quem me comer a mim , vivirá por mim. E alé destes dous lugares do mesmo Capitulo, nelle

nelle promete outras muitas vezes, & por muitos modos a todos os que o comerem a mesma vida. Mas não se pode encarecer o grande abalo, perturbação, & escandalo, que esta doutrina causou, não só nos ouvintes de fóra, senão nos mesmos Discipulos da Escola de Christo, muitos dos quaes, só por este ponto se fãrão della. Quando ouvião ao Senhor, que lhe havião de comer a carne, & beber o fangue, parecia-lhe cousa horrenda, & barbara: quando ouvião por outra frasi, que o havião de comer a elle, o que não significava parte do mesmo corpo de Christo, senão todo inteiro, parecia-lhe impossivel, que hum homem ouvesse de meter dentro em sy a outro: & quando em hum, & outro caso ouvião, que aquella carne, & aquelle corpo lhe havia de dar vida, parecia-lhe que este effeito era contra toda a razão natural, porque o que dá vida ao homem, não he

a carne, nem o corpo, senão o espirito: como se vio no espirito, que Deos infundio no barro de Adam, & na vida, que a Alma dá aos nossos corpos, a qual em faltando, não vivem. Atéqui a murmuração, a duvida, & o escandalo dos ouvintes; vamos agora à resposta do divino Mestre.

220 O que Christo respondeo, forão estas palavras: *Hoc vos scandalizat? Si ergo videritis Filium hominis ascendentem ubi erat prius? Spiritus est qui vivificat, caro non prodest quidquam.* Isto vos escandaliza? Que seria se me visseis subir ao Ceo, donde deci? E quanto às duvidas do que me ouvistes, o que vos digo he, que o espirito he o que dá a vida, que a carne nenhũa cousa aproveita. Pois se Christo fallava de sua carne, & da mesma carne dizia, que havia de dar vida aos que a comessem; como agora diz, que a carne nenhũa cousa aproveita, & que o espirito he o que dá a vida? He tão diffi-

difficultosa esta sentença, q̄ deixados os delirios dos Hereges, os Sâtos Padres, & Doutores Catholicos se dividê na exposição della em sete opinioes. A ultima, & singular de Amonio, Padre Grego, he a meu ver a que melhor penetrou o sentido de Christo, & resolve todas as duvidas dos incredulos com a verdade do mesmo Sacramento. O corpo de Christo no Sacramento não està com as condiçoens naturaes de corpo, senão com as sobrenaturaes, & milagrosas de espirito: & por isso neste lugar chamou o Senhor espirito a sua propria carne: *Spiritum hîc vocat plenam vivifici spiritus virtute carnem, manet enim caro:* faõ as palavras de Amonio. E como a carne de Christo no Sacramento não deixando de ser carne, he carne com todas as condiçoens de espirito; nem a carne comida deste modo podia causar horror, que era a primeira duvida: nem o corpo do mes-

mo modo podia ter impedimento para todo, & inteiro entrar em outro corpo, que era a segunda: nem era contra a razão natural, senão muito conforme a ella, que sendo espirito vivificasse, & dêsse vida, que era a terceira. E desta sorte desfeitas todas as difficuldades, se fica verificando com summa propriedade, & com adequada reposta a todas as objecçoens, a sentença de Christo: *Spiritus est qui vivificat, caro non prodest quidquam.* Porque a carne não obra alli como carne o que sô como carne não podia, mas obra como espirito, & como carne espiritualizada o q̄ he proprio do espirito. E daqui fica declarada a grãde, & exacta correspondência, com que este primeiro vazio da Encarnação se restaurou com o primeiro cheo do Sacramento. Porque na Encarnação a divindade do Verbo se vestio da corporeidade da carne, & no Sacramento a carne de Christo se vestio

da incorporeidade do espirito. A frasi particular de que usão os Santos no mysterio da Encarnação, he chamar a Deos incorporado; & da mesma usa a Igreja cantando na festa da Epiphania: *Ducem salutis cœlitus incorporatum gignere*. Pois assim como na Encarnação se contrahio o vacuo da divindade pelo incorporado, assim no Sacramento restaurou, & encheo o corpo de Christo o mesmo vacuo pelo incorporeo.

221 Sobre as palavras *Verbum caro factum est, & habitavit in nobis*, repara o Cardeal Cayetano em dizer o Evangelista, que unindose o Verbo a nossa carne, habitou em nós. Parece que mais propriamente havia de dizer, que habitou com nosco, ou entre nós, como verdadeiramente habitou Christo com os homens: pois porque não diz, que habitou entre nós, ou com nosco, senão em nós? Agudamente perguntado, mas com

muito maior agudeza respondido: *Dixit hoc, ne errares, existimando quod Verbum ex hoc quod factum est caro, impedimentum esse ad habitandum spiritualiter in animis nostris*. Deos em quanto Deos habita, & sempre habitou em nós: *In ipso enim vivimus, movemur, & sumus*. E antes de Deos se vestir de nossa carne, nenhũa duvida tinha, nem podia ter, que Deos, sendo espirito, estivesse, & habitasse dentro em nós: porêm depois que Deos se vestio do nosso corpo, podia cuidar alguém, que esse mesmo corpo podia ser impedimêto para que deixasse de estar em nós, por quanto dous corpos nam podem estar juntos no mesmo lugar: para tirar pois este erro, disse nomeadamente o Evangelista, queo Verbo depois de se fazer carne, não sô habitou com nosco, senão em nós: *Caro factum est, & habitavit in nobis*. Atèqui Cayetano: o qual porêm declara, que isto se ha de

Albr.
17.28.

entender não corporal-
mente do seu corpo nos
nossos corpos, senão espi-
ritualmente da sua Alma
nas nossas Almas: & assim
foi no myſterio da Encar-
nação precisamente. Mas
depois que sobre o myſte-
rio da Encarnação o mes-
mo Verbo encarnado acre-
centou o do Sacramento,
não só habita Christo em
nós espiritualmente quan-
to à Alma, senão corpo-
ralmente quanto ao cor-
po; porque estando o mes-
mo corpo espiritualizado
no Sacramento, como es-
pirito pôde estar juntamé-
te o seu corpo dentro do
nosſo, ſem o impedimento
de hum corpo excluir o
outro. E esta he hũa nova,
& altíssima razão porque
nas meſmas palavras nam
diſſe o Evangelista, que o
Verbo ſe fizera homem,
ſenão que ſe fizera carne:
Verbum caro factum eſt:
porque ſendo a carne a
propria, & immediata ma-
teria do Sacramento: *Caro
mea verè eſt cibus*; por me-
yo da meſma carne sacra-

mentada havia Christo de
habitar não ſô com noſco,
ſenão propriamente em
nós: *Et habitavit in nobis*.

222 Deſta maneira en-
cheo Christo no Sacramen-
to o primeiro vazio da di-
vidade na Encarnação,
espiritualizando o ſeu cor-
po, & fazendo-o espirito,
aſſim como Deos, q̄ he espi-
rito, ſe tinha feito corpo.
Mas eſta admiravel trans-
formação, não ſó a obrou
Christo em ſeu corpo ſa-
cramentado, ſenão que
tambem, como prometi,
por meyo do meſmo cor-
po ſacramentado no la có-
munica a nós. Abre bem a
boca, que eu ta encherei:
diſſe Deos a David: *Dila-
ta os tuum, & implebo illud*.
Eſtas palavras ſe entédem
do diviníssimo Sacramen-
to, do qual ſe diz no meſ-
mo Pſalmo: *Cibavit eos ex
adipe frumenti*. E diz Deos,
que elle he o que lhe en-
cherà a boca: *Et ego imple-* Ibid 17.
bo illud: porque ſô Deos
pôde encher a capacidade
da noſſa Alma, & não com
outra couſa, ſenão confi-

Pſalm.
80. II.

H. go
ibi.P. 1m.
118. 31Hiero-
nym in
huc:
locum.

go mesmo, como faz no Sacramento. *Et ego implebo illud, me ipso*, comenta Hugo Cardeal. Abriu pois a boca David, como Deos o tinha convidado: & que lhe succedeo? *Os meũ aperui, & attraxi spiritũ*: Abriu a boca, & o que recebi nella, & por ella, & o com que Deos ma encheo, tudo foi espirito. Pois se a promessa de Deos tinha sido, que lha encheria com seu corpo sacramentado: Apertemos mais esta supposiçãõ cõ a authoridade do Doutor Maximo S. Jeronymo no mesmo lugar: *Mis comedere ipsum Deum tuum, & Salvatorem? Audi quid dicat: Dilata os tuum, & implebo illud. Dilatate ora vestra, ipse est & Dominus, & panis: ipse hortatur nos ut comedamus, & ipse noster est cibus*. Pois se a promessa, digo, de Deos feita a David era, que lhe havia de encher a boca cõsigo mesmo, & com seu corpo sacramentado; como abrindo a boca o mesmo David, o que recebeo, não foi cor-

po, senão espirito: *Os meũ aperui, & attraxi spiritum?* Porque o corpo de Christo assim como está no Sacramento transformado em sy, assim está também transformado para nós: em sy transformado em espirito, para caber sem extençãõ debaixo das especies, que o cobrem: & para nós transformado em espirito, para caber sem a mesma extençãõ dẽtro dos corpos dos que o communhão: em sy transformado de corpo em espirito, & em nós transformandonos de corporaes em espirituaes. Expressamente S. Bernardo: *Transformatur manducans in naturam cibi: corpus enim Christi manducare nihil est aliud, quàm corpus Christi effici*. E porque seria cousa muito dilatada confirmar a verdade destes maravilhosos effectos com os exemplos d'elle; baste por prova o mesmo S. Bernardo, que não só o disse, mas o exprimẽto em sy mesmo, vivendo em corpo por virtude do mes-

mesmo corpo, como se não tivera corpo, andando veffido de carne, como se fora espirito, podendo dizer com S. Paulo: *Spiritu vivimus, spiritu & ambulemus.*

§. IV.

223 **O** Segundo vazio da divindade he a immensidade divina, a qual pelo mysterio da Encarnação se limitou a hum só lugar, qual era o que occupava a sagrada humanidade. Ouve Heresges, que entendendo este mysterio ás aveffas, tiveram para sy, que pela uniaõ hypostatica a humanidade se fizera immensa, & estava como Deos em toda a parte, & por isso forão chamados Ubiquitarios. Mas não foi a humanidade a que pela uniaõ cõ o Verbo se estendeo à immensidade divina, senão a immensidade divina a que pela communicacão dos idiomas se estreitou à limitacão humana, sendo verdadeiro dizer, que Deos foi conce-

Tom. 7.

bido em Nazareth, que nasceo em Belem, que pré-gou em tal, & tal lugar de Judéa, & Galiléa, & morreo em Jerusaleem. Desta immensidade porèm de que Deos se despio pela Encarnação, se revestio outra vez pelo Sacramento, no qual o corpo de Christo, ou reproduzido, ou multiplicando as presenças, sendo hum só, & o mesmo, està no mesmo tempo em todas as partes do mundo.

224 No mesmo mundo, & na mesma hora em que Christo instituiu o Sacramento, se estava vendo para confirmacão da nossa Fè hum milagre natural desta mesma multiplicacão das suas presenças. A hora em que Christo instituiu o Sacramento, era já a primeira, ou segunda da noite: *In qua nocte trad-*

I. Cor.
11. 23.

batur: & que he o que vem entãõ os nossos olhos neste Emisferio? Vem que ausentandose o Sol de nós, por hũa presenca sua de que nos priva, se nos deixa

Q iij

mul-

multiplicado em tantas presenças, quanto he o numero sem numero das Estrellas; porque cada hũa dellas não he outra cousa, senão hũ espelho do mesmo Sol, em que elle sendo hum só, & ausente, se nos torna a fazer presente, multiplicado tantas vezes, & em tantos lugares, quantos são desde o Oriente a Poente, & desde o Setentrião ao Meyo dia os de todo o mundo que vemos. Isto mesmo he o que fez o nosso divino Sol Christo sacramentando seu sacratissimo corpo. Ausentouse de nós segundo a presença natural; mas por esta presença se deixou com nosco em tantas outras, quantos são os lugares, & altares de todo o múdo, em que verdadeira, & realmente, sendo hum só, & o mesmo, está multiplicado no Sacramento. Vede a propriedade có que assim o descreveo o Profeta Malachias.

225 Queixavase Deos de os filhos de Israel à imitação de Caim sacrificava-

rem, & offererem em seus altares não o melhor, & mais precioso, como era decente, senão o peor, & mais vil, & os confunde có estas notaveis palavras: *Non est mihi voluntas in vobis, & munus non suscipiam de manu vestra: abortu enim solis usque ad occasum magnum est nomen meum in gentibus: & in omni loco sacrificatur, & offertur nomini meo oblatio munda.* Defenganaivos, que não quero vossos sacrificios, nem aceitarei vossas offer-tas: & porque não cuideis, que me faráo falta; sabei para confusão vossa, & da vossa Jerusalem em que só tenho Templo, & sou conhecido, que virá tempo em que desde o Oriente até o Poente, em todos os lugares do mundo, & entre todas as gentes, se offererá, & sacrificará a meu nome não muitos sacrificios, & impuros como os vossos, senão hum purissimo, & santissimo. E que sacrificio he este? Posto que todos os Santos Padres, &

Malach.
1.10.14

Doutores dizem, que he o Santissimo Sacramento da Eucharistia, naõ temos necessidade de sua authoridade, porque assim o tem definido (& he de fé) o sagrado Concilio Tridentino. Só acrecento, que a palavra Hebréa, que responde a *oblatio munda*, significa hũa offerta particular, chamada Mincha, a qual se fazia como as nossas hostias, da flor da farinha, & no Levitico se chama Sacrificio. Este sacrificio pois a que naõ falta a propriedade das especies de paõ, he o sacrificio do corpo de Christo sacramentado, o qual enchendo o vazio da immensidade divina encolhida, & escondida na Encarnação, se estende immensamente desde o Oriente ao Occaso, por todas as partes, & lugares do mundo: *Ab ortu enim solis usque ad occasum in omni loco sacrificatur, & offertur homini meo oblatio munda.*

226 Assim como os soldados do Calvario partiraõ em quatro partes as

vestiduras de Christo, assim as quatro partes do mundo (diz S. Cyrillo) repartiraõ entre sy a carne do mesmo Christo sacramentado, da qual se tinha vestido o Verbo: *Quatuor orbis partes ad salutem reductæ indumentum Verbi, hoc est, carnem ejus impartibiliter partiti sunt.* E nota elegantemente o Santo Padre, que nesta repartiçaõ, ou partiçaõ, naõ ouve partir: *Impartibiliter partiti sunt*; porque cõunicandose o Senhor, & santificando a todos, & a cada hum por meyo de sua carne na alma, & no corpo, & estando presente em todas as partes do mundo, naõ està nellas como parte, senaõ todo, sendo hum só, & o mesmo: *In singulos enim impartibiliter transiens, & animam, & corpus eorum per carnem suam sanctificans, impartibiliter atque integre in omnibus est, cum unus ubique sit nullo modo divisus.* Atè aqui o grande Cyrillo: naõ se podendo mais largamente estender a immensidade

Cyrill.
lib. 12.
in Joan.
cap. 32.

que Christo tem no Sacramento, que na brevidade daquellas duas palavras, *unus ubique*, hum em toda a parte.

227 E para que se veja como o mesmo Senhor sacramentado comunica esta immensidade aos homens, ponhamonos no Cenaculo de Jerusaleem. O primeiro acto em q̄ Christo começou a exercitar esta sua immensidade, foi quando entregando o pão consagrado nas mãos dos Apóstolos, lhes disse, que o dividissem entre sy: *Dividite inter vos. Dividiraõ o pão, & o sagrado corpo, que até entãõ nas mãos do Senhor estava em hum só lugar, logo ficou em doze lugares. Agora pergunto: E assim como Christo comunicou aos Apóstolos seu corpo por aquelle modo immenso, comunicou-lhes tambem a mesma immensidade? Creio, & digo que sim. E essa foi a razão porque o Senhor não admitio à primeira mesa em que se consagrou o Sacra-*

*mêto, senãõ aquelles mesmos doze a quem havia de encarregar a conversãõ de todo o mundo. Sendo cousa mui difficultosa de entender, que taõ poucos homens, & de vidas, que não foraõ largas, podessem em taõ pouco tempo penetrar todas as terras, & prègar a todas as naçoens do mundo, senãõ fõsem multiplicando as presenças como Christo no Sacramento. Os Evangelistas sõ dizem dos Apóstolos, *Prædicaverunt ubique*: mas assim como Christo sacramentado *unus ubique*, primeiro esteve em hũa sãõ parte, depois em todas; assim elles hũas vezes estavaõ firmes em hum só lugar, & outras vezes multiplicados em muitos.*

228 Atègora não he isto mais que conjectura minha, o que eu me não atrevêra a dizer, se o não pudêra provar. Fallando David dos mesmos Apóstolos, como affirma S. Paulo, & he de fé, diz, que as vozes de sua prègação se

se ouviraõ em todo o mundo atè os ultimos fins del-
 le: *In omnem terram exiit sonus eorum, & in fines orbis terræ verba eorum.* E se pedirmos ao mesmo David, que nos declare com algũa comparaçaõ, como sendo os Apostolos taõ poucos, se pode estender a sua prégaçaõ a taõ remotas distancias? Responde, que do mesmo modo com que os Ceos prégaõ, & apregoaõ a gloria de Deos de dia, & de noite: *Cæli enarrant gloriam Dei, & opera manuum ejus annuntiat firmamentum: dies diei eructat verbum & nox nocti indicat scientiam.* E como prégaõ os Ceos de dia, & de noite? De dia prégaõ de hum só lugar, que he o do Sol: de noite prégaõ de muitos lugares, que saõ os dos outros Planetas, & das Estrellas. Pois assim préga-
 vaõ os Apostolos, já cada hum como hum em hum só lugar, & já cada hum como muitos em muitos lugares confirmando admiravelmête com esta seme-

lhança, que a sua immensidade, & multiplicação de presenças a tinhaõ recebido de Christo sacramentado, o qual, como fica dito, na noite em que instituiu o Santissimo Sacramento, ausentandose de nós como Sol, se deixou multiplicado no mesmo Sacramento como nas Estrellas.

229 E se alguem replicar, porque não dizem isto os Historiadores, que escrevéraõ as vidas, & peregrinaçoens dos Apostolos? Respondo, que sim dizem, & que só na supposição do q̄ digo se podem conciliar. Muitos Authores assinalaõ a cada hum dos Apostolos varias regioens, & gentes a quem prégeraõ, o que outros porèm negaõ, fundados sómente na chronologia dos tempos por onde saõ julgadas por apocrifas aquellas historias. Mas se suppozermos, como devemos suppor, que no mesmo tempo por multiplicação das presenças assistiaõ os Apostolos em diversos lugares, tudo

tudo facilmente se verifica com grande gloria do Evangelho. Nem causará grande admiração este milagre aos que considerará a necessidade delle; porque se estando o mundo tão cheo de Ministros do mesmo Evangelho, sabemos que concedeo Deos esta graça de aparecer em partes muito distantes a S. Martinho, a S. Gemeniano, a S. Trontano, a S. Antonio de Padua, a S. Francisco de Assis, a S. Francisco Xavier, & a outros muitos para fins de muito menor importancia; quanto mais para a conversão universal do mundo, sendo os instrumentos della tão poucos? Finalmente se a S. Basilio foi licito dizer de sy mesmo *nullo loco circumscriptus sum*: & a Enochio chamar a Epiphanyo *in opere vir immensus*, que negará a participação desta immensidade à immensidade daquellas obras, que sem ella eraõ impossiveis?

230 Assim multiplicou

Christo as suas presenças, assim multiplicaráõ os Apóstolos as suas, & assim devemos nós multiplicar as nossas para assistir ao divinissimo Sacramento em toda a parte. O nosso corpo não he capaz naturalmente desta multiplicação, ou immensidade, mas a nossa alma sim, & a nossa memoria, a qual só nos peidio o mesmo Senhor na instituição deste immenso mysterio: *Ubiunque fuerit corpus, illic congregabuntur & aquilæ*; notai a palavra *ubique*, em toda a parte. Em toda a parte, diz Christo, onde estiver o corpo, allí voaráõ, & concorrerão as aguias. E que corpo, & que aguias são estas? O corpo, respõde S. Ambrosio, he o corpo do mesmo Christo no Sacramento, & as aguias são as almas de sublime, & levantado espirito, que com as azas do pensamento, & do affecto o assistem, adoraõ, & venerão em todas as partes do mundo: *Est corpus de quo dictum est, Caro mea vere est cibus*,

Luc. 37.

Nazian.
Orat. 20

Enod. in
vita Epi-
phanij.

Ambr.
in Luc.
cap. 17.

cibus, circa hoc corpus aquilae sunt, quae alis circumstant spiritualibus. Este he o modo com que nossas almas pelo pensamento, & memoria immensas hão de assistir, adorar, & louvar sempre ao mesmo Senhor em todo lugar, como David exhortava à sua, que o fizesse: *In omni loco dominationis ejus benedic anima mea Domino.*

S. V.

231 **O** Terceiro vazio da divindade na Encarnação foi o da sua eternidade, fazendo-se temporal, nascendo, & vivendo em tempo o que era eterno. Mas desde a mesma eternidade jurou Deos de dar a seu Filho encarnado hũa tal prerogativa com que pudesse maravilhosamente encher este grande vazio, que foi o sacerdocio eterno següdo a ordem de Melchisedech: *Iuravit Dominus, & non penitebit eum, tu es Sacerdos in æternum secundum*

ordinē Melchisedech. Chamase o sacerdocio de Christo, sacerdocio següdo a ordem de Melchisedech, não quanto à dignidade, como se Melchisedech [que foi Sacerdote da Ley da Natureza) o instituisse; mas quanto à semelhança da victima, & materia do sacrificio, porque não sacrificava Cordeiros como Abel, nem outras rezes, ou aves como Abraham, senão pão, & vinho, que he a materia do sacrificio da Ley da Graça, & Sacramento de Christo: *Melchisedech proferens panem, & vinum: erat enim Sacerdos Dei altissimi.* E chamase sacerdocio eterno, porque não acabou como o sacerdocio de Aram. No sacerdocio de Aram acabou o sacerdocio, & acabava o Sacerdote: acabou o sacerdocio, porque se acabou aquella Ley: a qual necessariamente ha de acabar quando o sacerdocio acaba, como doutamente define o Apóstolo S. Paulo: *Translatio*

Genes.
14.18.

Apo. 1. br. 7.
12.

enim

enim sacerdotio, necesse est, ut & legis translatio fiat.

E acabava o Sacerdote, porque morrédo hum Sacerdote, lhe sucedia outro, como succedeo a Aram seu filho Eleazaro, & a Eleazaro os demais: o que não foi, nem podia ser na Pessoa immortal de Christo, como notou o mesmo S. Paulo: *Et alij quidem plures facti sunt Sacerdotes, idcirco quod morte prohiberentur perm. nère, hic autem eo quod maneat in æternum, sempiternum habet Sacerdotium.*

Ibid. 23.
24.

232 Mas posto que o sacerdocio de Christo seja eterno, & eterno o mesmo Sacerdote Christo, parece que se não segue, que o vazio da eternidade do Verbo na Encarnação, se suprisse, ou encheffe no Sacramento, porque o Sacramento não he, nem ha de ser eterno, & só dura, & ha de durar até o fim do mundo, & acabar juntamente cõ elle. Depois do fim do mundo só ha de haver Ceo, & Inferno: os do

Inferno não são capazes de sacrificio, nem de Sacramento: os do Ceo não haõ mister hum, nem outro. Não haõ mister o sacrificio, porque são justos, & já não põdem crescer na graça: nem haõ mister o Sacramento, porque a presença de Christo, q̄ criaõ, & veneravaõ encuberta, & invisivel, là a tem descuberta aos olhos, & a gozaõ manifesta: logo se o sacrificio, & Sacramento do Altar não ha de durar mais que este mundo, & ha de ter fim como elle, segue-se que não he eterno. Esta mesma duvida excitou S. Thomás na questãõ vinte & duas da terceira parte, & responde, que no sacrificio se devem considerar duas cousas, a oblação, & a consumação: a oblação em que se offerece o sacrificio, & a consumação em que se consegue o fim, & se lograõ os effeitos delle. A oblação pertence a este mundo, & a consumaçam ao outro. Por isso S. Paulo chamou a Christo, *Pötifex*

Div.
T. 2.º
p. 3.º
art. 5.

H. br. 9.
11.

Futurorum bonorum: Pontifice, & Sacerdote dos bens futuros, porque os bens futuros, que são os que se gozão, & haõ de gozar no Ceo, são os que Christo nos mereceo pelo seu sacrificio. E posto q a oblação neste mundo fosse téporal, & em tempo, a consumação no Ceo ha de durar por toda a eternidade; & por isso he eterna, como disse o mesmo S. Paulo: *Vna oblatione consummavit in sempiternum sanctificatos.*

233 No Levitico temos hũa excellente figura desta differença, & desta ordem no dia chamado das Expiçoens. Mandava Deos, que o summo Sacerdote não entrasse no Sancta Sanctorum, sem primeiro fóra delle offerer o sacrificio, que no mesmo lugar dispoem a Ley: *Ne ingrediatur Sanctuarium, quod est intra velum, nisi hæc ante fecerit: vitulum pro peccato offeret, & arietem in holocaustum: his ritè celebratis, ultra velum in-*

trabit in sancta. E porque razaõ, ou com que mysterio o sacrificio se havia de offerer primeiro, & fóra do Sancta Sanctorum, & não depois, & dentro nelle? Porque o summo Sacerdote significava a Christo, o Sancta Sãctorum o Ceo, o sacrificio o da morte de Christo na Cruz, ou no Altar, onde se representa a mesma morte: & este sacrificio não se havia de offerer depois, senão antes, nem no Sancta Sanctorum, senão fóra delle. Não depois, isto he, na eternidade, senão antes, & em tempo, em quanto dura o mundo: nem no Sancta Sãctorum, isto he, no Ceo, senão fóra delle, & na terra. Assim foi quanto à oblação, & assim ha de ser quanto à consumação não de outro, senão do mesmo sacrificio. Foi quanto à oblação; porque na terra offerreço Christo o sacrificio da Cruz como hoje offerreço o do Altar, & offerreça até o fim do mundo: & ha de ser quanto á consumação;

Lehr.
o. 14.

Levit.
x6. 2. 3.
21. 12.

mação ; porque no Ceo ha de consumir Christo o mesmo sacrificio, cõmunicandonos os effeitos delle, que consistem na vista clara de Deos por toda a eternidade : & por isso o Sacerdote, & o sacrificio, hum, & outro eterno.

234 Tudo isto vio S. Joaõ no Ceo, como já tinha visto o Cordeiro vivo depois de morto, & glorioso depois de sacrificado. Falla o Evangelista Profeta da Cidade de Jerusalem Triunfante, que he o Ceo, & diz, que a claridade de Deos a allumea, & que o lume fae do Cordeiro : *Nã claritas Dei illuminavit eam, & lucerna ejus est agnus*. Fallou S. Joaõ como o primeiro, & maior Theologo da Igreja. Para os Bè-aventurados verem claramente a Deos, he necessario que os seus entendimentos sejião elevados por hũa claridade sobrenatural, a que os Theologos chamaõ lume da gloria ; & isto he o que vio, & diz o Evangelista. A claridade

de Deos, que allumea a Cidade de Jerusalem celeste, he a vista clara do mesmo Deos : *Claritas Dei illuminavit eam* : & o lume da gloria, sem o qual se não pôde ver a Deos, esse fae do Cordeiro : *Et lucerna ejus est agnus*. Mas porque fae o lume da gloria, nam do objecto essencial da mesma gloria, que he Deos, & claramente visto, senaõ do Cordeiro, que he Christo, o qual S. Joaõ vio como sacrificado? Porque esse foi o fim, & esses são os effeitos do mesmo sacrificio offerecido na terra, & consumado no Ceo : offerecido em tempo, & consumado na eternidade ; & por isso taõ eterno como o mesmo Sacerdote : *Tu es Sacerdos in æternum*.

235 Esta eternidade he a que faz eterno o Santissimo Sacramento, ainda que a oblação do sacrificio em que se consagra o mesmo Sacramento haja de ter fim, & acabar com o mundo. E posto que esta eternidade, em que não ha

duvida, basta para prova do meu intento; & isto he o que ensina o Doutor Angelico, allegando os mesmos textos do Apocalypse, & Levitico proxima-mente citados; eu com tudo acrecento, que o diviniſſimo Sacramento nam ſó he, & ſerá eterno no Ceo pela eternidade de ſeus effeitos, ſenão tambem de ſua propria ſuſtancia: porque depois do fim do mûdo, quando já não haverà Altares, nem Sacraríos na terra, ſe conſervarà eternamente no meſmo Ceo hãa Hoſtia conſagrada. Affim o conſiderão, & preſumem muitos Authores aſceticos, & contemplativos, cuja opiniaõ para mim não he menos prova-vel, que pia. No dia do juizo ha de aparecer no Ceo com o meſmo ſupremo Juiz a ſua Cruz: *Tunc parebit ſignum Filij hominis in Cælo.* E que Cruz ha de ſer eſta? S. Joãõ Chryſoſtomo com muitos outros Doutores, diz que ha de ſer a meſma em que Chri-

ſto foi crucificado no Calvario, & aſſim o profetizou a Sibylla:

O lignum felix, in quo Deus ipſe pependit!

Sibylla
lib.6.
Carm.

Nec te terra capit, ſed Cali tecta videbis.

Cùm renovata Dei facies ignita micabit.

Suppoſto pois, que a Cruz de Chriſto dividida hoje em infinitas partes, ſe ha de recolher outra vez de todo o mundo, & reunirſe com maior milagre, que o da reſurreiçaõ dos mortos, à ſua inteireza, & conſervarſe eternamente no Ceo; porque ſe negará ſemelhante privilegio ao pão vivo, & vital, que de-CEO do meſmo Ceo? Se hum lenho morto, ſeco, & duro mereceo ſer ſublimado a tanta dignidade, & eternizado nella, ſó porque foi fantificado com o cõtaõto do corpo de Chriſto, & matizado com ſeu ſangue; o Sacramento, que cõtêm todo o meſmo corpo, & ſangue, & foi inſtituido para dar vida eterna aos homens; porque care-

cerà

cerà da mesma eternidade? Foi tanto o respeito, que o Verbo encarnado guardou àquella partesinha de carne, & sangue, que recebeu das entranhas purissimas de sua Mãy; que nunca consentio, que o calor natural, como naturalmente costuma, a gastasse, & consumisse, & como diz S. Agostinho, ainda depois de resuscitado a conserva, & conservará eternamente em sy mesmo: *Caro Christi quamvis gloria resurrectionis fuerit magnificata, eadem tamen mansit, quae simpla est de Maria.* E que aggravado fariamos a este mesmo respeito, & amor, se imaginássemos do mesmo Christo, que haja de permitir ao tempo, que assim como ha de consumir, & acabar o mundo, assim consuma, & acabe com elle hum Sacramento em que não só está húa parte da sua carne, & sangue, senão toda em todo, & toda em qualquer parte? Digamos logo, & creamos piamente, que as-

August.
Serm. de
Assump-
tione B.
V.

sim como a Hostia consagrada se preservou muitas vezes de outros incendios, assim se preservará do incendio universal do mundo, para que como paó dos Anjos, que comeraõ os homens, a adorem eternamente no Ceo homens, & Anjos.

236 Os mesmos Autores, & outros (& nam com leve conjectura) attribuem semelhante prerogativa ao livro dos Evangelhos: não porque os outros sagrados não contenhaõ a palavra divina; mas porque esta foi pronunciada pelo proprio Filho de Deos: *Novissime lo-* ^{Hebr.} _{1.2.} *quuntus est nobis in Filio: & assim como no dia do juizo aparecerà a Cruz, assim estará aberto, & patente o Evangelho para serem julgados por elle, huns porque o não creraõ, outros porque o não guardáraõ. No seu Apocalypse diz S. Joaõ, que pelo meyo do Ceo vio voar hum Anjo, o qual tinha na mão hum E-*

vangelho eterno: *Habētem* ^{Apoc.} _{14.6.}

Evangelio

Evangelium eternum: & com grandes vozes avisa-va a todo o genero humano, que temessem a Deos por ser chegado o dia do juizo: *Quia venit hora judicij ejus*. De sorte que tambem no dia do juizo apparecerà o Evangelho. E se perguntarmos porque se chama Evangelho eterno; responde S. Jeronymo, que a razaõ, & mysterio he, porque o Evangelho neste mundo foi temporal, & prègado temporalmente; mas no Ceo durarà por toda a eternidade: *Sempiternum futurum in Caelis, ad cõparationem videlicet hujus nostri Evangelij, quod temporale est, & in transituro mundo, ac seculo predicatum*. Com o mesmo sentido disse David: *In æternum, Domine, verbum tuum permanet in Cælo*: onde o *verbum tuum, Domine*, propria, & particularmente significa o Evangelho, ao qual tantas vezes chama S. Paulo *Evangelium Christi*. E se o livro dos Evangelhos por ser palavra de

Christo mereçe justamente ser perpetuado na eternidade do Ceo; quanto mais a maior obra das suas palavras, & o sagrado, & confagrado volume do divinissimo Sacramêto, que tambem Ezechiel recebeu da maõ de outro Anjo, & comeo em fôrma de livro? S. Joãõ, que escreveo o seu Evangelho depois dos outros Evangelistas, confessa, & protesta no fim, que as maravilhas, que o Filho de Deos obrou neste mundo, foraõ tantas, que se se ouvèssẽ de escrever, naõ caberiaõ no mesmo mundo os livros. Logo se no Ceo ha de durar eternamente o Evangelho, em que se contẽm parte sõmente das mesmas maravilhas; com maior razaõ, & em suplemento do mesmo Evangelho, se deve là eternizar o Sacramento, em que estãõ resumidas todas: *Memoriam fecit mirabilium suorum, escam aedit timentibus se?* Finalmente o Sacramento he o penhor da gloria, que o Ceo nos

deo nesta vida: & quando depois do fim do mundo se desempenhar, & nos meter de posse da gloria, então se restituirá o mesmo Ceo, & tornará a receber o seu penhor. Em summa, que assim como a Cruz de Christo, & o livro dos Evangelhos não haõ de acabar com o mundo, mas ser eternos, assim, & com mais justificada providencia o Sacramento em húa Hostia consagrada.

237 E para que não pareça, que estas tres exceçoens são totalmente reservadas ao conhecimento divino, & secreto de nenhum modo revelado, ao menos naquella parte da Escritura sagrada, em que as figuras do futuro se pintavaõ na historia do passado; lembremonos da Arca do Testamento, na qual conservou Deos tres cousas entre todas as daquelle tempo singulares: a Vara de Moyses, as Taboas da Ley, & com maior milagre a Vrna do Maná, o qual era tão corruptivel, que

não durava mais que hum dia. E com que mysterio estas tres cousas sõmente, & todas na Arca? A Arca encerrada no Sancta Sanctorum, na qual residia Deos presencialmente sobre azas de Cherubins, representava o que David chama Ceo do Ceo, que he o Empireo: *Celum Cali* ^{Psalm.} ^{113.16.} *Domino*: & o mysterio mais proprio, & mais proporcionado de toda esta representação, ou não he, ou não parece que pòde ser outro, senão que conservará Deos eternamente no Ceo, a Cruz significanda na Vara, o Evangelho significado na Ley, & o Santissimo Sacramêto significado no Maná. Por isso o mesmo Christo alludindo à Arca do Testamento, deo ao mesmo Sacramento o nome de Testamento, & eterno: *Novi, & aeterni Testamenti*. Ao mesmo fim podemos dizer, que está preparado no Ceo aquelle Altar, que là vio S. João: *Vidi subtrus Altare animas intersectorum propter verbum* ^{Apocál.} ^{6.9.}

hum Dei. E que peças, pergunto eu, mais proprias, & mais dignas de ornar hum Altar, que húa Cruz, o Santissimo Sacramento, & hum livro dos Evangelhos?

238 Provado assim por hum modo com certeza, & por outro com probabilidade, como o corpo de Christo sacramentado loggra, & logrará para sempre o attributo de eterno; só resta mostrar como o mesmo corpo, q por amor de nós se sacramentou, comunica aos que o cômungão a mesma eternidade. Esta he a segunda obrigação, & a mais difficultosa, que acompanha todos os nossos assumptos; mas neste carece de toda a difficultade pela asseveração tão clara, & tão expressa có que o mesmo Senhor nos certificou desta verdade, dizendo: *Qui manducat hunc panem, vivet in eternum.* Mal cuidou Adam, que nunca elle, nem seus filhos ouvissent tal oraculo, quando vio o caminho

da arvore da vida defendido por hum Cherubim com húa espada de fogo, só para impedir totalmente, que comêdo daquelle fructo, não vivesse eternamente: *Collocavit ante Paradisum Cherubim, & flammeū gladium ad custodiendam viam ligni vitæ. Ne forte sumat etiam de ligno vitæ, & vivat in æternum.* Perguntaó agora os Expositores se está ainda este Cherubim guardando o que guardava: & senão está, quando embainhou, ou apagou a espada? Respondem cômummente, que a apagaraó as aguas, & inundação do diluvio, o qual tambem dizem, que destruío, & desbaratou o Paraíso, & suas arvores: mas tudo isto he incerto. Se o diluvio não derrocou, nem secou a oliveira, donde a pomba trouxe o ramo verde, porque havia de arrancar, ou derrubar as arvores do Paraíso, & mais a da vida, que Deos quiz guardar? Se o mesmo diluvio não affogou no mesmo Pa-

Genes.
3.24.22.

raiso a Enoch, como havia de tirar da sua estancia ao Cherubim, que não respira com ar, nem se affoga com agua? E se elle, como dizem os mesmos Authores, não só guardava dos homens aquelles frutos, senão tambem do Demonio, para que com elles nos não tentasse; como se havia de apagar com agua o fogo da espada, q os mesmos Demonios temião mais que o do Inferno? Digão pois os Interpretes, ou presumaõ adivinhar como quizerem, que eu sô digo, & com toda a certeza affirmo, que o Cherubim deixou a sua estancia, & embainhou, ou apagou a sua espada na mesma hora ditosissima em que o soberano Restaurador das ruinas de Adam instituiu o Santissimo Sacramento; porque entã cessou o fim daquella prohibiçã, & daquella guarda. A guarda, & a prohibiçã era, para que o homem comendo não vivesse eternamente: *Ne sumat de ligno vitæ, &*

vivat in æternum. E como Christo instituindo o Sacramento deo facultade a todos os filhos de Adam, para que comendo vivessem eternamente; entã apagou o Cherubim a espada, & deixou a sua estancia, & não só ficou franqueado o caminho da arvore da vida, senão a mesma arvore transplantada por todo o mundo, para q todos os que, pelo que comeo o mesmo Adam, ficãmos condenados à morte, não de outro modo, senão tambem comendo, vivamos eternamente: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.*

§. VI.

239 **M**uito me di-
cher estes primeiros tres vazios da divindade: & porque ainda nos restaõ quatro, ferà força, quanto for possivel, reduzilos a maior brevidade. O quarto he a immortalidade feita mortal, o quinto a impassibilidade feita passivel: & de ambos pela mesma

ma razão, & por serem tão conexos, trataremos juntamente. Digo pois, que se na Encarnação a immortalidade divina, do modo que podia ser, se fez mortal, & a impassibilidade passível; o corpo de Christo no Sacramento de tal sorte suprio, & encheo estes dous vazios da divindade, que sendo naturalmente corpo mortal, ficou immortal, & sendo naturalmête passível, ficou impassível.

240 Com serem tantas as figuras do Santissimo Sacramento, que se tem, & o precedêrao na sagrada Escritura; a primeira que nos propõe a Igreja, he a do sacrificio de Isaac: *In figuris præsignatur, cum Isaac immolatur.* Mas se bem se considera a historia tão sabida do mesmo Isaac, parece que se não pôde representar nella o Sacramento, porque verdadeiramente não foi sacrificio. Mandou Deos a Abraham, que lhe sacrificasse seu filho Isaac, &

quando já a victima estava sobre o Altar, a espada desembainhada, & entre o golpe, & a garganta do filho sô havia dous dedos de distancia, teve Deos mão no braço do Pay. Logo assim o golpe, como o sacrificio, tudo ficou no ar. E o mesmo Deos o provou, porque alli, & no mesmo instante appareceo atado hum Cordeiro, no qual Abraham acabou de executar o golpe, & este foi o que morreo, & foi sacrificado. Pois se o Cordeiro foi o morto, & Isaac ficou vivo; como foi Isaac figura do sacrificio de Christo? Por isso mesmo: & có a maior propriedade, que se podia imaginar. Christo não foi húa só vez sacrificado, senão duas: húa vez na Cruz, outra vez no Sacramento; & primeiro no Sacramento, & depois na Cruz, assim como primeiro foi sacrificado Isaac, & depois o Cordeiro. O Cordeiro morreo, & padeceo, porque foi figura do sacrificio da Cruz, no qual o

corpo natural de Christo, como mortal, & passivel, padeceo, & morreo: porém Isaac foi figura do sacrificio do Altar; & por isso, sendo sacrificado, não morreo, nem padeceo; porque o corpo de Christo no Sacramento está immortal, & impassivel. Excellentemente Ruperto: *Christus immolatur, & tamen impassibilis permanet & vivus, quemadmodum illic Isaac immolatus, & tamen gladio non est attactus.* Se em Isaac se executára o golpe, & morréra, seria figura do sacrificio da Cruz em que o corpo natural de Christo padeceo, & morreo: mas porque posto sobre o Altar não padeceo, nem morreo; por isso foi figura do sacrificio do Altar, em que o mesmo corpo sacramentado se conserva immortal, & impassivel: *Impassibilis permanet & vivus.*

241 As palavras omnipotentes com que Christo instituiu, & obrou hum tão milagroso mysterio, foraõ:

Hoc est corpus meum, quod pro vobis tradetur: Este he o meu corpo, que por vós será entregue. E porque não disse o Senhor, que por vós será morto, ou crucificado, senão entregue? A palavra *tradetur* significa entrega por traição, & tal foi a entrega que fez Judas do mesmo corpo de Christo aos Judeos, húa vez em quanto corpo natural, & outra vez em quanto sacramentado. Muitos, & graves Authores, entre os quaes he Santo Thomás, entendem q̄ quando Christo disse a todos os Apostolos: *Accipite, & manducate;* Judas tomou nas mãos o paõ sacramentado, mas não o comeo. E para que saibamos o que fez delle, acrecenta Theophilacto, que o escondeo, & levou aos Principes dos Sacerdotes, quando com elles foi ajustar a venda: *Panem accepit, & non comedit, sed occultavit, ut manifestaret Iudæis, quod corpus suum vocaret.* Depois desta primeira traição, & entrega feita

Ruper.
lib. 6. in
Genes.
cap. 32.

feita por Judas, entãõ executou elle a segunda , que foi a da prisãõ no Horto. O que supposto, pergunto: Porque razaõ, ou com que mysterio quiz Christo q duas vezes fosse entregue aos Judeos seu corpo, hũa no estado natural, & outra no de sacramentado? Sem duvida, para que posto de hum , & de outro modo nas mãos de seus inimigos, atè elles, o seu odio, a sua raiva, & as suas mãos experimentassem o que podiaõ, ou não podiaõ sobre o corpo do Redemptor, que para o ser, se poz nelas. O corpo natural pode-raõno atormentar, & matar, & por isso o crucificáraõ, & lhe tiráraõ a vida: o corpo sacramentado tambem o quizeraõ crucificar, & matar ; mas não poderáõ. Ouvei agora o que por ventura nunca ouvistes.

242 He caso , que revelou o mesmo Christo por boca do Profeta Jeremias , falando dos Judeos : *Cogitaverunt super me consilia, dicentes : Mittamus lignum in*

panem ejus , & eradamus eum de terra viventium. O *lignum* he a Cruz , o *panem ejus*, he o paõ consagrado : & diz o Senhor, que resollvéraõ em conselho, de pôr o seu paõ na Cruz, & o crucificar para lhe tirarem a vida. Assim entendem este Texto pela figura Hypállage Tertulliano , Lactancio, S. Thomás, Joachim, Maldonado, & outros. E quando esta execuçaõ, por se applicarem os Principes dos Sacerdotes à do Calvario, se não verificasse na occasiãõ referida por Theophilacto ; he certo que em outros tempos depois, roubáraõ, & escondéraõ os Judeos, como Judas, a Hostia consagrada, & lhe deraõ muitas punhaladas : mas com que effeito? Algũas vezes manou della copioso fangue em prova de que debaixo daquellas especies exteriores se encerra realmente o verdadeiro corpo de Christo : & outras vezes cessou este prodigio , nem viraõ final, ou effeito al-

gum da sua impiedade facrilega: para que a cegueira Judaica se defenganasse; que se na Cruz lhe poderia tirar a vida, porque estava nella mortal, & passivel: no Sacramento lhe não podem fazer dano punhaes, cravos, nem lanças; porque está alli tam immortal, & impassivel, como no Ceo. No Ceo immortal, & impassivel; porque depois de morto se immortalizou pela resurreição: & no Sacramento tambem immortal, & impassivel; porque antes da morte se tinha já immortalizado pela consagração. Bem se encheo, & suprio logo nesta immortalidade, & impassibilidade do corpo de Christo sacramentado a immortalidade, & impassibilidade divina, de que o Verbo na Encarnação se tinha exinanido.

243 E que estes dous efeitos de immortal, & impassivel se nos comunicuem a nós no Sacramento; hum dos principaes motivos da sua instituição

o prova quanto à immortalidade. Assim como Deos feito homem quiz morrer na arvore da Cruz para se vingar do Demonio, que com outra arvore tinha enganado aos primeiros homens: assim traçou com sua infinita sabedoria, & omnipotencia, que nós o comessemos no Sacramento, para continuar, & consumir a mesma vingança, fazendo verdadeiras nelle as duas mentiras, com que o mesmo Demonio falsamente tinha acreditado a virtude daquella fruta. O que o Demonio prometeo a Eva, foi, que se comessem da fruta da arvore vedada, não só não morre-rião, mas ficarião como Deoses: *Nequaquam mor-te moriemini, & eritis sicut dij.* Ah fim Demonio, diz Christo, pois isto mesmo, que tu mentindo fingiste, farei eu verdadeiro, & inventarei hum tal genero de manjar, que comendo-o os homens, não só fiquem endeosados, *sicut dij*, senão tambem immortaes: *Nequaquam*

quaquam morte moriemini. Assim o fez a seu tempo o mesmo Senhor, & assim declarou, que este fora o seu intento, quando tão expressamente disse: *Hic est panis de Cælo descendens, ut si quis ex ipso manducaverit, non moriatur.* De sorte, que não ha duvida, em que o corpo de Christo cômungado em quanto no Sacramento está immortal, & impassível, destes dous soberanos attributos nos cõmunica o primeiro, que he a immortalidade.

244 Sobre o segundo porêm, que he o da impassibilidade, se recorreremos à experiencia, a mesma experiencia parece que o faz difficuloso. De todas as historias Ecclesiasticas cõsta, que no tempo dos Neros, & Dioclecianos, quando os Christãos erão tirados dos carcerezes, ou para adorar os Idolos, ou para padecer exquisitissimos tormentos: lembrados da sentença de David: *Parasti in conspectu meo mensam adversus eos, qui tribulant*

me: primeiro se armavão com o Santissimo Sacramento. Assim armados entravão em tão perigosas batalhas, assim pelejavão, assim vencião; mas cõ tão diferentes modos de vencer, que a mesma victoria parece que punha em duvida a fortaleza, & virtude das armas. Huns martyres caminhavão sobre as espinhas como sobre flores, outros a cada passo que davão, lhe brotavão dos pès encravados tantas fontes de fangue, quantos eraõ os espinhos: huns lançados com pedras ao pescoço no mar, respiravão debaixo das ondas, & saião vivos às prayas, outros morrião afogados: huns vestidos de laminas ardentes, ou metidos nas fornalhas, não lhe fazia mal o fogo, outros ardião, & ficavão desfeitos em cinza: huns expostos no Anfiteatro aos Leoens, & Tygres erão reverenciados das feras, outros despedaçados, & comidos da sua voracidade, & fereza: huns estendidos

nos e queleos, nas cataftas, nas grelhas, riãose dos tyranos, outros invocavão o nome do Deos, por quem padecião, com o qual na boca, exhallavão constantemente a vida. Pois se todos pelejavão armados cõ o mesmo Santissimo Sacramento, como a huns communicava o impassível corpo de Christo a sua impassibilidade, não consentindo que padecessem, & a outros não, deixando-os padecer?

245 Respondo, que a huns, & a outros fazia o divinissimo Sacramento impassiveis, mas com diferente milagre: a huns impassiveis pela impassibilidade, a outros impassiveis pela paciencia. Ouçamos ao Mestre de hũ dos mesmos tyranos, & o maior delles, que foi Nero. *Ferte fortiter adversa: hoc est quo Deum anteceditis*, diz Seneca: Padecei forte, & constantemente, advertindo, que isto he só aquillo em que podeis exceder ao mesmo Deos. E porque?

Ille extra patientiam est, vos supra patientiam. Porque Deos he impassível por natureza, & vos felohéis superiormente pela paciencia. No que toca ao exceder a Deos, falla Seneca como Gentio; mas na impassibilidade da paciencia ouçamos nos aos Santos Padres. S. Pedro Veronense poz em questão se se ha de chamar impassível a fortaleza, que padece tão constantemente, como se não padecera. *Incertum est utrũm impassibilis judicetur, cum aliquid passa, quaj nihil passa sit, inveniat.* Porém S. João Chrysoftomo sobre as palavras de S. Paulo, *omnia* 1. Cor. 13.7. *suffert*, não com duvida, mas como proposição certa, & evidente, afirma que o que assim sofre, & padece, já tem passado de homem passível à impassibilidade dos Anjos: *Traductus est ad ipsam Angelorum impatibilitatē.* Assim que, ou por impassibilidade fazendo que não padeção, ou por paciencia tão forte, & in-

falm.
7.25.

invencível como se não padecerao, faz o corpo de Christo sacramentado impassiveis aos que o comê. E já pôde ser em confirmação da primeira, & desta segunda prerogativa, que por isso David disse do mesmo Sacramento: *Panem Angelorum manducavit homo*. Se os Anjos não consagrao, nem comem, nem podem consagrar, né comer este divino paõ, como lhe pôde convir o nome de paõ de Anjos; se não porque faz immortaes, & impassiveis, como Anjos, aos homens, que o comem?

§. VII.

248 **O** Sexto, & grandissimo vazio da divindade do Verbo na Encarnaçao, he a infinidade com que, sendo por natureza infinito, se fez finito. Mastambem o corpo de Christo no Sacramento suprio, & enche admiravelmente este vazio. Em todas as partes da quaõtida-

de da Hostia, por minimas, & imperceptiveis que se jaõ, està inteiramente todo o corpo de Christo. Perguntemos agora aos Filósofos quantas saõ as partes da quantidade? As duas opinioens mais celebres concordaõ, em que saõ infinitas: & só differem em que genero de infinidade; porque huns defendem, que saõ actualmente infinitas, o qual infinito se chama Categorematico, outros só admitem, que se jaõ infinitas potencialmente, o qual infinito se chama Syncategorematico. E porque esta segunda opiniaoõ he a mais comum, & as partes que admite neste genero de infinito não podem ser menos infinitas, que as do outro, conformandome com ella, digo assim: *Infinitum est, cujus semper aliquid extra licet accipere*: O infinito, como define Aristoteles, he aquillo, cujas partes por mais, & mais que se dividão, sempre restaõ outras mais em que se possa dividir.

dir. Estando pois o corpo de Christo todo em toda a Hostia, & todo em qualquer parte della por minima que seja, & sendo potencialmente na mesma Hostia tantas as partes da quantidade, que por mais que se divida, sempre se pôde dividir mais, & mais sem fim: bem se segue, como concluem todos os Theologos, que está o corpo de Christo no Sacramento, não finita, senão infinitamente.

247 E posto que esta verdade a não alcãcem os sentidos, antes se enganam nella, em hum mesmo exemplo fez Christo, que a provasse o gosto, que a apalpassem as mãos, & que a vissem os olhos. Deo o mesmo Senhor de comer a cinco mil homens (a fóra a outra multidão de mulheres, & mininos, porque o seguião as familias inteiras) com cinco pães sómente, os quaes crescerão de forte, que depois de satisfeitos todos, recolherão os Apóstolos das fo-

bras doze alcofas. Mas de que modo creceo tanto este pão, sendo tão pouco? *Frangentis fragmenta succedunt, & fallunt semper per fracta frangentes*: Creceo tanto aquella quantidade de pão, sendo tão pequena, diz S. Hylario; porque quanto mais, & mais se dividia, tanto mais, & mais se multiplicava. Tomou Christo o pão em suas sagradas mãos, partio-o, & quanto mais o partia, tanto mais crecia nas mãos de Christo: deo-o Christo aos Apóstolos, & quanto os Apóstolos mais o partião, tanto mais crecia nas mãos dos Apóstolos: davão-no os Apóstolos aos pays, partião-no os pays, & tanto mais crecia nas mãos dos homens: davão-no os pays às mãys, partião-no as mãys, & tanto mais crecia nas mãos das mulheres: davao-no as mãys aos filhos, partião-no os filhos, & tanto mais crecia nas mãos dos mininos. Desta maneira partião todos, & comerao todos: & por-

porque o pão quáto mais, & mais se partia , tanto mais, & mais se multiplicava ; por isso sendo taó pouco, sobejou tanto ; & se o numero da gente fosse maior , sobejaria muito mais. Tanto assim , que quando os doze Apostolos repartiraó entre sy o mundo, se cada hum levára cófigo a sua alfofa , naó seria necessário , que os lavradores arassem a terra, nem semeassem, nem segassem, nem recolheassem , porque aquellas mesmas sobras de pão tantas vezes partidas, partindose mais, & mais, bastariaó a sustentar o múdo.

248 E porque ninguẽ duvide, que do mais partir nascia o mais crescer , combinemos este milagre com outro semelhãte. Em outra occasiaó, & em outro deserto deo o mesmo Christo de comer a quatro mil homens com sete pães: & recolhendose tambem as sobras , foraó as alcofas que se encheraó sete. Pouca Aritmetica he necessã-

ria para reparar na differença destes numeros em hum, & outro caso. No primeiro, os que coméraó, eraó mais, & os pães eraó menos ; porque os que coméraó, eraó cinco mil, & os pães cinco. No segundo, os que coméraó, eraó menos, & os pães eraó mais ; porque os que coméraó, eraó quatro mil, & os pães sete. Logo por boa conta parece, que mais havia de sobejar neste segundo milagre , que no primeiro. Qual foi pois a razão porque quando os que coméraó, eraó mais, & os pães menos, sobejou mais : & quando os que coméraó, eraó menos , & os pães mais, sobejou menos ? A razão he manifesta, como eu dizia, porque do mais partir nascia o mais crescer. No primeiro milagre como os que comiaó , eraó mais, & os pães menos, foi necessário partir mais, & por isso creceo o pão mais: no segundo, como os que comiaó, eraó menos, & os pães mais , foi necessário par-

partir menos, & por isso creceo menos. E que pertenceo Christo Senhor nosso com esta evidencia tão sensível aos olhos, às mãos, & ao gosto? Egre-
giamente S. Paulino: *Populos quinque panibus Christus implevit, esurientes fidem carnaliter satians, spiritualiter irrigans.* O milagre dos cinco pães foi o prologo com que o divino Mestre quiz dispor os animos dos homens para a fé do Sacramento de seu corpo, do qual tratou naquella occasião tão largamente, que tudo o que ensinava a Igreja, & o mesmo Evangelho que hoje canta, he húa só parte daquella doutrina. Por isso fez o Senhor, que o paó sendo tão pouco, sensível & palpavelmente crecesse sempre mais, & mais entre as mãos dos mesmos que o partiaó, para que não duvidassem crer, que em tão pequena quantidade como a de húa Hostia se podia comprehender toda a grandeza sem fim de hum

infinito, & que não só finita, senão infinitamente estava nella seu corpo. Esta he a infinidade, de que diz S. Thomás: *Esse Christum in Hostia semel in actu, infinities in potentia*: porque estando todo Christo em toda a Hostia, & todo em qualquer parte, se estas actualmente se dividirem, estará também actualmente em todas, & sempre mais, & mais sem fim, porque o não tem.

249 Sendo pois esta manifesta infinidade a có que o corpo de Christo no Sacramento suprio a infinidade do Verbo escondida na Encarnação; só resta saber (o que não parece facil) como nos comunica também a nós a mesma infinidade? Digo que nos comunica Christo no Sacramento a infinidade de seu corpo, fazendo que assim como he infinito o manjar, que nos dá a comer, seja também infinita a fome, ou nós infinitos na fome com que o comeremos. O manjar syncategorematicè

D. Th. 4. Dist. 10. q. 1. Art. 3. explicatus a Summo in 3. p. Dist. 48. Sec. 8.

rematicè infinito, & a fome tambem infinita syncategorematicè. Texto expresso do Espirito Santo no capitulo vinte & quatro do Ecclesiastico: *Qui edunt me, adhuc esurient, & qui bibunt me, adhuc sitient.* Christo na Hostia dà a comer seu corpo, & no Caliz dà a beber seu sangue: mas o mesmo corpo causa tal fome aos que o comem, & o mesmo sangue tal sede aos que o bebem, ambas syncategorematicè infinitas, que os que o comem, quanto mais, & mais comem, tanto mais, & mais desejaõ comer: *Qui edunt me, adhuc esurient:* & os que o bebem, quanto mais, & mais bebem, tanto mais, & mais desejaõ beber: *Et qui bibunt me, adhuc sitient.*

250 Naõ seria o divino Sacramento manjar do Ceo, senaõ causara estes effeitos taõ contrarios aos da terra. Nos manjares da terra [diz S. Gregorio] à fome succede o comer, ao comer a fartura, & à fartura,

ra o fastio: *In illis appetitus saturitatem, saturitas fastidium generat:* porèm nos do Ceo, posto q̄ tambem à fome succede o comer, & ao comer a fartura, à fartura naõ succede o fastio, senaõ outra vez a fome: *In istis autem appetitus saturitatem, saturitas appetitum parit:* donde se segue (conclue o Santo) que aquelle que mais, & quanto mais come, este mais, & tanto mais fica faminto: *Tantoque amplius à comedente esuriuntur, quanto amplius ab esuriente comeduntur.* Notai a repetição, & conexaõ de hum, & outro *amplius: amplius ab esuriente, amplius à comedente:* mais o que come, & mais o que tem fome, porque a comida, & a fome successiva, & reciprocamente se causaõ hũa a outra. E deste mais, & mais que crescendo sempre naõ pôde ter fim, se fórma o infinito dos que assim comem: porque como ao mais, & mais da fome se segue o mais, & mais da fartura,

Gregor.
Homil.
36 in
Evang.

tura, & ao mais, & mais da fartura o mais, & mais da fome; ou estes fartos, & famintos haõ de deixar de comer, ou se comem, haõ de continuar mais, & mais infinitamente. O milagre do deserto teve fim; porque sobejou o paõ, & faltou a fome: sobejou o paõ: *Superaverunt fragmenta*: faltou a fome: *Saturati sunt*. Mas no milagre do Sacramento, nem o paõ pôde sobejar, nem a fome faltar. A fome não pôde faltar; porque nasce do paõ: & o paõ não pôde sobejar; porque a mesma fome que delle nasce, o come. E por isso nem o milagre, nem a fome, nem o paõ, nem os que o comem podem chegar já mais a ter fim, nem a deixar de participar por este modo o modo de infinidade, que o corpo de Christo té no Sacramento. No seu Altar mandava Deos, que sempre ardesse fogo: *Ignis in Altari semper ardebit*. E porque? Porque o fogo nunca diz, basta: *Ignis*

Joann.
6.12.
Marc. 8.
8.

Levit.
6.12.

nunquam dicit, sufficit: & como a materia do Altar era inconsumptivel, & o fogo que della se sustentava, insaciavel, nem o insaciavel do que comia, nem o inconsumptivel do que se dava a comer podiaõ deixar de ser perpetuos: *In Altari semper ardebit*. Finalmente este era o mysterio que depois se verificou no Sacramento do Altar, assim quanto ao corpo, como ao sangue de Christo; porque sendo os que o comem insaturavelmête famintos, & os que o bebẽ, insaciavelmente sequiosos; nem aos que comem pôde faltar já mais a fome, nem aos que bebem, a sede: *Qui edunt me, adhuc esurient, & qui bibunt me, adhuc sitient*.

Prov. 30.
16.

S. VIII.

251 **F** Inalmête o ultimo attributo de que o Verbo se despio, vestindose de nossa carne, foi a invisibilidade divina, fazendo-se de invisivel

vifi.

Baruch.
33.

visível. Heo que disse o Profeta Baruch: *Post hæc in terris visus est, & cum hominibus conversatus est*: & por isso o mesmo Evangelista S. Joáo tanto que disse: *Verbum caro factum est*; ajuntou logo; & *vidimus gloriam ejus, gloriam quasi Unigeniti à Patre*. Mas se o Verbo vestindo-se de corpo humano, & manifestandose a nossos olhos, de invisível se fez visível; o mesmo corpo, para recuperar a invisibilidade perdida na Encarnação, depois de visível, & visto, encobrindose outra vez aos nossos olhos, se tornou a fazer invisível no Sacramento. Esta primeira parte do nosso assumpto não ha mister prova; porque a invisibilidade só se pôde ver, não vendo, como nós não vemos ao mesmo Christo, que cremos, & adoramos presente, mais firmemête, que se o viramos. Mas a segunda parte do mesmo assumpto, em que atégora mostramos, que as mesmas

Joann.
14.

propriedades da divindade exinanida, não são as recuperá em sy Christo sacramentado, mas também não as comunica a nós; como se pôde verificar, ou provar no attributo da invisibilidade? Se fora outro lugar, seria difficiloso; neste em que estamos, he evidente.

253 Fallando a Esposa santa de Christo sacramentado, diz que está encuberto, & invisível detraz daquella parede dos accidentes: *En ipse stat post parietem nostrum*. Assim entendem este lugar communmente os Interpretes. Olhai agora para aquella parede, & para estas paredes. Detraz daquella parede está o Esposo: dentro destas paredes estão as Esposas: alli o Esposo invisível, aqui as Esposas também invisíveis. Que maior, & mais estreita invisibilidade, que aquella que não por hum dia, nem por muitos, senão para sempre se negou, & se escondeo aos olhos do mundo?

Cant. 2.

252

do? Tal he a invisibilidade de Christo no Sacramento, & tal a das Esposas do mesmo Christo. Essa he a grande energia com que a Esposa chamou parede àquelles accidentes: *Post parietem nostrum*. Poderalhe chamar véo, poderalhe chamar nuvem. No Templo de Jerusalem o que fazia invisivel o Propiciatorio em que estava figurado Christo, era o véo que cobria o Sancta Sanctorum: *Sanctuarium quod est intra velum*: no monte Olivete a que tambem tirou dos olhos dos Discipulos ao mesmo Christo subindo ao Ceo, foi hũa nuvem: *Et nubes suscepit eum ab oculis eorum*. Pois se os accidentes daquella Hostia são os que nos tirão dos olhos, & nos fazem invisivel o Esposo sacramentado; porque lhe não chama a Esposa véo, ou nuvẽ, senão parede, *post parietem*? Porque o véo pòde-se correr, & a nuvem pòde-se mudar; porẽm a parede he impedimento firme, im-

Levit.
6. 2.

Agor.
9.

movel, & immudavel. E este he o modo, & encerramento perpetuo com que naquella parede, & nestas paredes o Esposo, & as Esposas estaõ para sempre escondidas aos olhos humanos.

254 O Profeta Ifaias fallando com Christo no Sacramento, diz: *Verè tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator*: Verdadeiramente, Senhor, vòs sois Deos escondido, Deos escondido, & Salvador. E fallando do mysterio da Encarnação, diz que a escondida conceberà: *Ecce abscondita concipiet*. Assim se lê no Original Hebreo, em cuja lingua, escondida, & Virgem, tem o mesmo significado. Christo Deos escondido no Sacramento, & as Virgens consagradas a Christo, escondidas na Encarnação. Nem he maravilha, que debaixo deste sagrado nome já entaõ fosse exemplar a Virgem das Virgens às que depois a haviaõ de seguir: *Adducetur Regi Virgines post eam*.

Ifai. 45

15

Ifai. 7.

14.

Text.

Hebr.

Psal. 44

15.

E pois

E pois estamos no ultimo attributo da divindade recuperado por Christo no Sacramento, & cõmunicado a estes generosos Espiritos, que por seu amor em corpo se fizeraõ invisiveis; que lhe posso eu dizer por fim, senaõ o que lhe diz S. Paulo: *Mortui estis, & vita vestra abscondita est cum Christo, in Deo*: Estais mortos, diz o Apostolo, *Mortui estis*; & nãõ diz demasiado; porque hũa vida encerrada entre quatro paredes, nem vista, nem visivel, que outro nome lhe vem mais proprio, que o de morta, & sepultada? Assim encareceo Job o estado da sua sepultura, naõ tanto pelo enterrado, quãto pelo invisivel: *Nec aspiciet me visus hominis*: nẽ me verãõ já mais os olhos dos homens. Mas posto que esta vossa vida por escondida, & invisivel pareça aos outros morta, & sepultada, considerai-vos para vossa consolação, onde està escondida, & com quem: escondida cõ Chri-

sto, & escondida em Deos: *Et vita vestra abscondita est cum Christo in Deo*. Estã escondida com Christo, porque tambem Christo està escondido no Sacramento; & està escondida em Deos, porque quanto mais retirada dos olhos humanos, tanto mais senaõ tiraõ nunca della os olhos divinos. Sendo esta taõ grande consolação, ainda he maior a com que conclue S. Paulo: *Cum Christus apparuerit vita vestra, tunc & vos apparebitis cum ipso in gloria*: Christo que agora he a vossa vida, & alli està como vòs invisivel, & escondido, virã aquelle dia ultimo, em que ha de aparecer, & ser visto de todo o mundo: & entaõ tambem vòs haveis de aparecer, & verãõ os olhos, a que agora vòs negais, quã precioso he, & quam agradavel aos divinos, que sãõ vos vẽ, o invisivel desta vossa clausura; porque assim como agora imitastes a Christo na sua invisibilidade, assim elle visivelmente

nos olhos de todo o mundo vos ha de coroar com a sua mesma gloria: *Et vos apparebitis cum ipso ingloria.*

§. IX.

255 **B**Em acabava

baqui o Sermão: mas em dia, & solénidade tão universal, obrigação he precisa, que digamos húa palavra para todos. Se o corpo de Christo no Sacramento enche os vazios da divindade, quanto mais facilmente encherà os da nossa necessidade? Tudo Deos criou vazio, mas logo encheo tudo. Vazia criou a terra: *Terra autem erat inanis, & vacua*; mas logo a encheo por dentro de thesouros, & por fóra de plantas, & animaes: vazio criou o Ceo; mas logo o encheo por dentro de Gerarchias, & por fóra de Sol, Lua, & Estrelas: vazio criou o mar, & o ar; mas logo encheo o ar de tãta variedade de aves, & o mar de tão infinita

Genes.
1. 2.

multidão de peixes: vazios criou aos primeiros homens como vasos de barro; mas logo os encheo de justiça original, & de tantos outros dotes, & graças. Tão natural he à divina bondade, que foi, he, & serà sempre a mesma, encher os vazios de suas criaturas: & assim encherà os da nossa necessidade, & pobreza, muito melhor que o oleo de Eliseo, por muitos que seião, *vasa vacua non pauca*. Antigua-^{4. Reg. 43.} mente na ley, que era de rigor, mandava Deos que ninguem apparecesse em sua presença com as mãos vazias: *Non apparebis in conspectu meo vacuus*: porèm hoje que estamos na Ley da Graça, a todos nos exhorta o mesmo Senhor, que naõ só lhe presentemos vazias as mãos, senaõ tambem, & muito mais, os coraçãoes, & os desejos, para nolos encher abundantissimamente do que elle melhor sabe dar, que nõs pedir. Quando os Irmãos de Joseph foraõ buscar

Erod.
23. 45.

car

car paõ ao Egypto , todos levavaõ os saccoz vazios, & todos os trouxeraõ cheos, & nelles juntamente o preço; porque este divino paõ, que naquelle se representava, era paõ de graça. E depois que Deos pelo beneficio da Encarnação se fez Irmaõ nosso, não seria taõ bom Irmão como Joseph, se recorrendo aos celleiros de sua liberalidade, que no mesmo paõ estaõ encerrados, nos não despachasse cheos, & ricos de tudo o que a nossa necessidade lhe presentasse vazio. Chegai, chegai (diz S. Thomás Arcebispo de Valença) chegai, não a esta fonte , senão a este oceano immenso de graças , que a todos està exposto, a todos deseja, a todos chama, a todos espera; & por maiores , & de maior fundo que sejaõ os vazios de vossa necessidade, cada hum encherà os seus atè não poder levar mais. *Oceanus est gratiarũ immensus , vas suum quisque ad summum replet.*

Tom. 7.

256 Mas he tanta (de quem me queixarei ?) he tanta a fraqueza da nossa fé, & taõ pouca a estimação, que fazemos dos bens do Ceo, que nem de graça os queremos. Ouvi o que diz a semelhantes Almas atè hum Poeta Gentio: *O curvas animas hominum, & caelestium inanes !* Oh Almas dos homés taõ brutas, & irracionaes como as dos mesmos brutos : *curvas*, porque sempre andais encurvadas, & inclinadas para a terra, & por isso vazias dos bens do Ceo , & *caelestium inanes !* Por mais que húa Alma fosse senhora de toda a terra, & desde a terra ao Ceo senhora de todo o mundo, sempre ficaria vazia, porq̃ só Deos a pòde encher. E tendo nõs a Deos tão perto, quantas Almas ha indignas deste nome, que se não chegaõ a elle, senão por força , & a mais não poder de anno em anno? Elle chamou se paõ de cada dia, para que todos os dias o comessemos, como faziaõ os pri-

S iij meiros

meiros Christãos: & somos chegados a tempo em que se tem por grande christãdade, & devação cômungar todos os meses. Que bem compete aos que nem isto fazem, as palavras de Job! *Sic & ego habui menses vacuos.* Devendo ser os dias cheos, atè os meses são vazios. Passase hum mez, & outro mez, passase hum Jubileo, & outro Jubileo, & nem a importancia da graça, nem a cõveniencia das graças (como se não ouve-ra fé, nem outra vida; como se não ouvera Inferno, nem Purgatorio) nos permitem os vícios, de que estão cheas as nossas Almas, que por meyo da contrição, & confissão as presentemos àquella sagrada mesa vazias.

257 Vazias assim dos peccados as nossas Almas, (se somos Christãos, ou daqui por diante o queremos ser) o que deve procurar cada hum de nós com verdadeira resolução, são duas cousas: a primeira, encher a Alma com a graça,

para que não esteja vazia: a segunda, encher a graça com obras christãs, para que perseveremos na mesma graça. Qual he a razão, ou defeito, porque os que se confessão, & cômungão, & se poem em graça de Deos, não perseverão na graça muitos dias, & tal vez no mesmo dia a perdem? A razão, & o defeito he; porque ainda que enchemos a Alma com a graça, não enchemos a graça com as obras, sem as quaes ella não pôde permanecer. Consideremos, & pesemos bem o que diz S. Paulo de sy, & o que nos aconselha a nós. O que nos aconselha o Apostolo, que foi ao Ceo, & tornou, he, que não tenhamos a graça vazia: *Ne in vacuum gratiam Dei recipiatis: &* o que nos diz de sy, he, que a graça que recebo de Deos, nunca a teve vazia, & por isso permaneceo sempre nella: *Gratia ejus in me vacua non fuit, sed gratia ejus semper in me manet.* Sendo a graça tão contraria

2. Cor.
6. 1.

1. Cor.
15. 10.
Ex ad-
dit Ec-
cl. 1.

traria

traria à natureza , só nisto se parece a natureza com a graça , ou a graça com a natureza. A natureza de nenhum modo admite, nem permite vacuo , donde nasceo o Proloquio, *Non datur vacuum in rerum natura.* E essa he a Filosofia, porque nos elementos, & mixtos, ou espontaneamente, & por sy mesmas, ou obrigadas da arte , vemos tantos effeitos , que parecem milagrosos, & verdadeiramente são naturaes. Vemos subir a agua, & a terra, vemos decer o ar, & o fogo, vemos róperemse os marmores, & estallar os bronzes, tudo por acudirem a impedir o vacuo , ou vazio, o qual se ouvesse na natureza , pereceria o mundo. O mesmo aconteceria (& acontece) à graça, se nella ouvesse vacuo: & por isso o devemos resistir com todas as forças: *Ne in vacuum gratiam Dei recipiatis.* Se a graça em nós nunca estiver vazia, como em S. Paulo: *Gratia ejus in me*

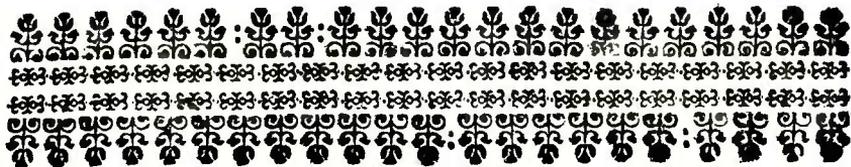
vacua non fuit: tambem será em nós como nelle sempre permanente, *Et gratia ejus semper in me manet.*

258 E se me perguntais como estará a graça sempre cheia, & nunca vazia? Respondo , que enchendo os vazios que na Alma occupavaõ os vicios, primeiro có os actos, & depois com os habitos das virtudes contrarias. Em lugar da soberba entre em nossas Almas a humildade, em lugar da intemperança entre a pureza, em lugar da enveja a caridade, em lugar da ira a mansidão, em lugar da gula a sobriedade, em lugar da ambição o desprezo do mundo, em lugar da vangança o perdaõ das injurias, em lugar do odio o amor do proximo , ainda que seja o maior inimigo: finalmente em húa palavra, por mais que a natureza corrupta , & mal habituada repugne, que o alto, & leve deça, & o baixo, & pesado suba: porque de-

sta maneira nos conformaremos com todo o exemplar do nosso assumpto, imitando a Deos na Encarnação, que de ceo a tomar condiçoens de corpo, & a Christo no Sacramento, cujo corpo subio a

participar os attributos de Deos, os quaes nõs tambem gozaremos eternamente na mesa da Gloria por graça do mesmo paõ, que para nõs subirmos de ceo do Ceo: *Hic est panis, qui de Caelo descendit.*





SERMAM DE S. GONCALO.

*Si venerit in secunda vigilia, & si in tertia vigilia venerit,
& ita invenerit, beati sunt servi illi. Luc. 12.*

S. I.

259  Nde ha muito em que eleger, naõ pòde haver pouco sobre que duvidar. Celebra hoje a nossa devaçãõ hum Santo, sobre cujo estado duvidãrãõ os Historiadores, sobre cuja profissãõ duvidou elle mesmo, & sobre cujas grandezas, para eleger as maiores, eu sou o que mais duvido. Duvidãrãõ os Hi-

storidores sobre o seu estado; porque huns o fizeram da Jerarchia Clerical, como filho de S. Pedro; outros da Monastica, como Monge de S. Bento; outros da Mendicante, como Religioso de S. Domingos: controversia em que he mais gloriosa a duvida, que a decisaõ. Assim duvidãrãõ, & contendẽrãõ as mais nobres Cidades da Grecia sobre qual fosse, ou ouyesse sido a Patria

tria do famoso Homéro. Duvidou o mesmo Santo sobre qual seria a profissão em que Deos mais se agradaria que elle o servisse: porque não basta servir a Deos; mas he necessario servilo como elle quer. E como neste requerimento empenhaffe muitas horas, & muitos dias de fervorosa oração, & porque já era Sacerdote, muitos sacrificios; finalmente lhe respondeo o divino oraculo, que se dedicasse a seu serviço naquella Religião, em que se dà principio aos Officios Divinos pela Ave Maria. Com este indicio, no qual era significado claramente o sagrado Instituto dos Prégadores, resolveo o Santo a sua duvida: & com o mesmo espero eu resolver a minha. Para dar pois bom principio ao nosso discurso, antes de saber, nem propor qual ha de ser, comecemos tambem saudando a Mãe da graça, & digamos *Ave Maria,*

§. II.

*Si venerit in secūda vigilia,
& si in tertia vigilia venerit, beati sunt servi illi.*

LUC. 12.
38.

260 **D**Uvidoso eu, & muito duvidoso, como dizia, entre as grandezas do nosso Santo, para eleger, & prégat delle as mais admiraveis, sobre esta minha duvida encontro no Evangelho có outra maior. Diz Christo Mestre divino, & Senhor nosso, que os servos que elle achar vigilantes, ou venha na segunda vigia da noite, ou na terceira, effes são os Bemavéturados. A supposição, & frasi he militar; porque já os soldados naquelle tempo dividiaão a noite em quatro vigias, de cujo numero persevera hoje o nome de se chamarem quartos. E porque a nossa vida, como diz Job, he milicia, & neste mundo vivemos às escuras, ou com pouca luz como de noite; divide o **Se-
nhor**

nhor a mesma vida do homem em quatro partes com nome de quatro vigias. A primeira parte, ou idade he a de minino, a segunda a de mancebo, a terceira a de varaõ, a quarta a de velho. Supposto pois que estas partes, ou idades no curso da vida humana são quatro, porque deixa o Senhor a primeira, & a ultima, & só faz menção da segunda, & da terceira? *Si venerit in secunda vigilia, & si in tertia vigilia venerit?* A razão natural quanto às vigias, he, porque na segunda, & na terceira he mais carregado o sono, mais trabalhosa a resistencia, & mais difficultosa a vigilancia. E quanto às partes, ou idades da vida he tambem a mesma, ou semelhante; porque na idade de mancebo, & de varaõ, assim como as tentações são mais fortes, assim he mais trabalhosa a resistencia dos vicios, & mais difficultosa a observancia das virtudes. Na primeira idade, que he a

dos mininos, ainda os não tenta o mundo; na ultima, que he a dos velhos, já os não tenta: & a virtude sem batalha, que nos mininos he innocencia, & nos velhos desengano, quanto mais está em paz, & fóra da guerra, tanto menos té de victoria, & de solida, & forte virtude.

261 S. Gregorio Nazianzeno concordando este texto com a Ley em q̄ Deos nos manda que o amemos, dà outra razão igualmente propria, & natural, mas muito mais sublime: *Diliges Dominum* Luc. 10. *Deum tuum ex toto corde* 27. *tuo, & ex tota anima tua, & ex omnibus viribus tuis, & ex omni mente tua.* Amarás a Deos teu Senhor com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento, & com todas as tuas forças. De forte que destas quatro partes, ou destes quatro todos ha de constar o amor de Deos, para ser legitimo de todos os quatro costados. Amor de todo o coração, amor de toda

toda a alma, amor de todo o entendimento, & amor de todas as forças. Pois esta he a razão, porque Christo só falla da segunda, & da terceira vigia, & não da primeira, nem da quarta: E porque só chama Bemaventurados aos da segunda, & terceira idade, que são os mancebos, & os varoens, & não aos da primeira, & da quarta, que são os mininos, & os velhos? Sim, & clarissimamente. Porq̃ Deos quer ser amado não só com todo o coração, & com toda a alma, senão também com todo o entendimento, & com todas as forças: & posto que os mininos, & os velhos têm coração, & tem alma; os mininos ainda não tem entendimêto, & os velhos já não tem forças: logo só os da segunda, & terceira vigia, só os mancebos, & os varoens podem amar, & servir a Deos com todas as quatro partes, ou todos os quatro todos do inteiro, & perfeito amor: com todo o coração, *ex toto cor-*

de: com toda a alma, *extota anima*: com todo o entendimento, *extota mente*: com todas as forças, *ex omnibus viribus*.

262 Entendido assim (pois assim se deve entender) o Evangelho, parece que elle por sy mesmo nos tem já dividido o discurso em duas partes, & que segundo ellas, devemos tratar das duas principais idades do nosso Santo: a segunda, que nos mancebos he florente, & a terceira, que nos varoens he matura; sendo húa, & outra na sua perfeição, ambas forão cheas de flores, & ambas de frutos. Mas posto que assim pareça a outros, a mim, cuja he a eleição, não me parece. Não são as excellencias de S. Gonçalo tão pouco grandes, que caibão em tão estreitos limites. Quando o Rio fae da Madre, também as margens são Rio. Não só havemos de alargar o Evangelho, senão também o numero das vigias. Digo pois, ou determino dizer, que

que S. Gonçalo não só foi Santo da segunda, & da terceira vigia, senão também da primeira, & da quarta: & não só da primeira, da segunda, da terceira, & da quarta, senão também da quinta. Santo, & admiravel Santo na primeira idade de minino: Santo, & admiravel na segunda de mancebo: Santo, & admiravel na terceira de varaó: Santo, & admiravel na quarta de velho: & finalmente Santo, & admiravel na quinta depois de morto, em que té já cinco vezes tantos annos, quantos teve de vida. Se o discurso for largo, facilmente se acomodará a devação com a paciencia.

§. III.

263 **C**omeçando pela primeira vigia; foi Santo, & admiravel Santo S. Gonçalo na primeira idade de minino, porque não foi minino minino, senão minino homem. Os outros mininos para chegarem a ser homens há de esperar mui-

tos dias; S. Gonçalo não esperou nem hum só dia, porque no mesmo dia em que nascendo sahio à luz do mundo, já era homem, & grande homem no ser, posto que fosse minino na estatúra. Fallando o Profeta Zacharias do futuro Salvador do mundo, excita primeiro as admirações do que havia de dizer com a palavra *Ecce*: & o que disse, he, que o seu nome seria: O que nasce homem: *Ecce vir oriens nomen ejus*. E se he prodigio digno de admiração, & admirações, Zachar.
6.12. que hum homem, que era juntamente Deos, nascesse minino, & homem, *Vir oriens*; quam admiravel Santo devemos entender, que foi o nosso, sendo desde seu nascimento não homê minino, senão minino homem? Hum só homem ouve no mundo, que nascesse homem. Este foi Adam, a quem Deos criou em idade, & estatúra perfeita. Mas este homem, que unicamente nasceo homem, nem por isso deixou de ser
minino.

minino. Vòs o julgai. O de que era senhor, & o que tinha de seu Adam, não era menos que todo este mundo: & hum homem, que tendo tanto, deo quanto tinha por húa maçãa; vede se foi minino. Adam nascido homem, mas homem minino; Gonçalo nascido minino, mas minino homem.

E quando começou este grande minino a mostrar publicaméte, que era minino homem? Oito dias depois de nascido, que foi o de seu bautifmo. Sahio da pia onde os outros mininos estranhaó tão to o rigor da agua, & quando a ama o recolheo nos braços para o acalentar do choro, & lhe dar o peito; o prodigioso infante em vez de chorar, & mamar, fitou os olhos em hum Christo crucificado, & com o rosto alegre, & os bracinhos abertos, & estendidos, parecia que lhe dava as graças da graça que recebéra. Assim esteve por largo espaço com admiração, &

pafmo dos circunstantes, sem o poderem divertir da vista firme, & contemplação attenta do sagrado objecto. E quem negará, que foi isto receber o bautifmo não como minino, senão como homem? O bautifmo, ou o recebê os adultos, que são os homens, ou os innocentes, que são os mininos: mas com grande semelhança no bautifmo, & com grande differença nos bautizados. No bautifmo com grande semelhança; porque assim a huns como a outros cõmunicava aquelle Sacramento a graça, & infunde os habitos de todas as virtudes: mas nos bautizados com grande differença; porque nos innocentes ficão os habitos das virtudes como amortecidos sem poderê exercitar os actos dellas: & nos adultos ficão vivos, & promptos; porque logo, ou produzem, ou podem produzir os actos virtuosos, a que os mefmos habitos os inclinão. Assim se vio no bautifmo de S.

Agostinho, que foi baptizado em idade de trinta & tres annos, & assim elle como S. Ambrosio q̄ o baptizou, & tambem tinha sido baptizado em idade adulta, compuzeraõ extemporaneamente, & cantáraõ o Hymno, *Te Deum*, em que se contêm tantos, & taõ excellentes actos, & taõ ardentes affectos de todas as virtudes. Agora pergũto: E a qual destas duas differenças, ou classes de baptizados pertéce o nosso São? He certo, q̄ não à dos mininos, & innocentes, senaõ à dos homens, & adultos. Porque logo, como se o baptismo lhe infundira não só os habitos, senaõ os actos de todas as virtudes; em não chorar, exercitou o da fortaleza; em não tomar o peito, o da temperança; em fixar os olhos, & estender alegre os bracinhos para a imagem de Christo crucificado, o da prudencia, o da justiça, o da religiaõ, o da fé, o da caridade: & em o não poderem divertir daquella

devota, & constante attençaõ, o da perseverança.

264. Là diz o Real Profeta do homem que logo começa, & ha de ser grande Santo: *Et erit tanquam lignum, quod plantatum est* Pfal. m. *secus decursus aquarum, quod fructum suum dabit in* 1.3. *tempore suo*: Que serà como a arvore nova, & tenra plantada junto às correntes das aguas, a qual darà o fruto a seu tépo. As aguas correntes saõ as do baptismo: as plantas novas regadas cõ ellas, saõ os baptizados não adultos, senaõ mininos, & innocentes: & destes diz o Profeta não que dão logo o fruto, senaõ que o darãõ a seu tempo. Porque? Porque naquelle estado imperfeito da natureza, que he a infancia, assim como tem emmudecida a lingua, & enfaixados os braços, assim as potências da Alma como dormentes não estão promptas, & expeditas para exercitar logo os actos das virtudes. Crescendo porèm depois, & tomando forças,

então sae , ou amãhece , como Sol de entre nuvês , o lume do entendimento , & da razaó , & então he o tempo determinado pela natureza , & esperado pela graça , para poderem produzir , & produzirem os frutos : *Et fructum suum dabit in tempore suo*. Assim succede a todos os mininos. Porém o nosso , como exceição dos demais , anticipando os limites , & vagares da natureza , fez seu o tempo que não era seu , & seus os frutos que não eraó do tempo. Reparou , & considera discretamente S. Agostinho , que os mininos vaó ao bautifmo com pês não seus , & crem com coração não seu , & confessáo o que crem com lingua não sua : *Parvulis mater Ecclesia aliorum pedes accommodat ut veniant , aliorum cor ut credant , aliorum linguam ut fateantur*. E tudo isto fizeráo seu os olhos do nosso minino , fixandose em Christo crucificado. Aquelles olhos fizeráo sua a lingua com que confessáo

raó a Fé , aquelles olhos fizeráo seu o coração com que a creraó , & aquelles olhos fizeráo seus os pês , ou para melhor dizer , as azas , com que vencéraó as distancias , que ha de minino a homem , sem deixar espaço em meyo. Assim ficou o nosso Santo , & se mostrou publicamente minino , & homem juntamente no mesmo tempo ; porque não sendo o tempo seu em quanto minino , em quanto homem , & com açoens de homem o fez seu : *Et fructum suum dabit in tempore suo*.

265 Não parou o prodigio naquelle primeiro dia ; mas depois se continuou com novas , & maiores circumstancias ; porque o mesmo minino , que então não chorou , agora chorava irremediavelmente , & o que então não tomou o peito , agora estava constante em de nenhum modo o querer admitir. Não se entendia ao principio o segredo destas lagrimas , & abstinencias ; até que finalmente

mente se conheceo q̄ eraõ
 faudades dos seus primei-
 ros amores. Para que não
 chorasse, & se deixasse ali-
 mentar, de que industria
 usáráo ? Levavaõ a Gon-
 çalo, ou Gonçalinho à
 mesma Igreja, & tanto que
 punha os olhos na imagem
 de Christo crucificado,
 esta vista lhe enxugava lo-
 go as lagrimas, & lhe tira-
 va o fastio, com que já con-
 tente, & gostoso aceitava o
 natural alimento. Este era
 o unico remedio, sem ha-
 ver nenhum outro : caso
 verdadeiramente raro, &
 mais se consultarmos nelle
 a S. Paulo. Para intelligê-
 cia do grande prodigio,
 que encerra, se ha de sup-
 por, que o homem he com-
 posto de duas partes, húa
 animal, & outra espiritual:
 a animal consta de duas vi-
 das, que são a vegetativa,
 & sensitiva ; & a espiritual
 consiste em húa só, que he
 a racional. E que diz S.
 Paulo ? Tudo o contrario
 do que acabamos de con-
 tar do nosso minino. Diz
 que posto que a parte es-

Tom. 7.

piritual seja mais nobre no
 homem que a animal, a
 animal com tudo he pri-
 meiro que a espiritual, &
 que a espiritual não tem
 lugar senão depois da ani-
 mal: *Non prius quod spiri-
 tuale est, sed quod animale,*
deinde quod spirituale. Húa,
 & outra cousa confirma o
 Apostolo com o exemplo
 de Adam homem da terra,
 de quem recebemos a vida
 animal, & foi primeiro que
 Christo : & com o exem-
 plo de Christo homem do
 Ceo, de quem recebemos
 a vida espiritual, & foi de-
 pois de Adam. Isto he o
 que ensina S. Paulo. Va-
 mos agora ao que se via no
 nosso Santo. O chorar, ou
 não chorar, pertence à vi-
 da sensitiva ; porque o cho-
 ro he effeito do sentimen-
 to : o tomar, ou não tomar
 o peito, pertence à vida ve-
 getativa ; porque a nutri-
 ção he effeito do alimento:
 do mesmo modo o chorar
 por ver a Christo, & não
 admitir gosto sem elle, he
 effeito da vida racional, &
 o mais racional da mesma

1. Cor.
 15. 46.

T VI

vida. Pois se S. Paulo diz, que primeiro he no homem a parte animal, & depois a parte espirital; como eraõ primeiro no nõsso minino os actos da parte espirital, & depois os da animal: primeiro o buscar, & ver a Christo, & depois o cessar do choro, & tomar o peito? Porque S. Paulo fallava conforme a ley ordinaria da natureza, & dos mininos, que primeiro saõ mininos, & depois homẽs: porẽm o nõsso Santo obra va como exceiçãõ da mesma ley, & não como minino sõmente minino, senãõ como minino juntamente homem.

266 Daqui se segue em maior assombro do caso, que o mesmo não cessar do choro, & o mesmo não tomar o peito, senãõ com Christo diante dos olhos, já não eraõ no nõsso Santo actos animaes, & de minino, senãõ racionaes, & de homem. Para prova desta grande consequencia supponho com a Fè, & com a Theologia tres cousas: pri-

meira, que Deos he o ultimo fim do homem: segunda, que todas as acçoens humanas, & propriamente de homem, devem ser encaminhadas a este ultimo fim: terceira, que as acçoens, que não levãõ diante dos olhos este fim, ainda que as faça hum homem de cem annos, não saõ humanas, nem de homem, senãõ animaes, & de minino, ou bruto. E digo indistintamente de minino, ou bruto; porque taõ animal acçãõ he o mamar, & o chorar em hum minino, como o mamar, & o balar em hum cordeiro. Nem o exemplo, ou nome de minino de cem annos he novidade neste ponto; porque mininos de cem annos chamou o Profeta Isaias aos que deste modo obraõ: *Pueri centum annorum*. E ^{Isai. 6} como o nõsso minino cessava do choro, & tomava o peito com Christo diante dos olhos, que he o ultimo fim do homem, o mesmo cessar do choro, & o mesmo tomar o peito, que nos
outros

2. Cor.
13.11.

outros mininos são acções
animaes, & de minino, nel-
le eraõ racionaes, & de ho-
mem. Oh que grande mi-
nino, & que grande homé
fois, meu Santo! O mesmo
S. Paulo dizia de sy: *Cum
essem parvulus, loquebar ut
parvulus, sapiebam ut par-
vulus, cogitabam ut parvu-
lus: quando autem factus
sum vir, evacuavi quæ erāt
parvuli*: Eu, diz o Aposto-
lo, quando era minino, fal-
lava como minino, enten-
dia como minino, & cui-
dava como minino; porém
depois que creci, & fui ho-
mem, deixei tudo o que
era proprio de minino. S.
Gonçalo era muito mais
minino que S. Paulo; por-
que S. Paulo na idade em
que se chama minino, já
fallava: *Loquebar ut par-
vulus*: & S. Gonçalo ainda
não fallava, nem começou
a fallar senão dahi a dous
annos: & quando o Apo-
stolo do terceiro Ceo era
minino, & obrava como
minino, & lhe faltavão ain-
da muitos para ser homé;
não nessa mesma idade, se-

não muito antes della, ain-
da mudo, & ainda total-
mente infante, já o nosso
minino era juntaméte ho-
mem. Tire pois S. Gonça-
lo das mesmas palavras do
Apostolo o *quando autem*,
& applicando a sy as pri-
meiras, & as ultimas, diga
confiadamente: *Cum essem
parvulus, factus sum vir*.

S. IV.

267 **Q**Uanto à segū-
da vigia, foi
Santo, & admiravel Santo
S. Gonçalo na idade de
mancebo; porque feito na-
quelles annos Pastor de
Almas (officio tão peri-
goso para a propria, como
util para as alheas) de tal
forte acodio a hũa obriga-
ção sem faltar a outra, que
a ambas satisfez adequa-
damente. Faltavaólhe ao
novo Prelado as cans, que
no sacerdocio são os es-
maltes da coroa, & na pre-
lazia o ornamento da dig-
nidade, mas não lhe falta-
va nada do que as mesmas
cans significão, & não pou-

Matth.
23. 27.

Pſalm.
13.

Sap. nr.
4. 9.

cas vezes defmentem. São como as neves de que sempre eſtã cuberto o monte Ethna, debaixo das quaes ſe ocultaõ volcoens, & incendios: ſão como as que o divino Meſtre chamou ſepulturas cayadas, *Sepulchra dealbata*, brancas por fóra, & corrupção por dentro. E tambem pôdem ſer como aquella arvore, a q já comparamos o noſſo Santo em mais levantado ſentido. Della diz o Profetã, que nunca lhe cahirá a folha: *Folium ejus non deſluet*: & as arvores que não mudão a folha, tão verdes ſão de poucos annos, como de muitos. Mas quanto com maior indecencia ſe devem eſtranhãr nos velhos as verduras, tanto he digna de maior veneração nos moços a madureza. As verdadeiras cans, diz o Eſpirito Santo, ſão o juizo ſezudo, & não conſiſte a velhice na cor dos cabellos, ſenaõ na pureza da vida: *Cani autem ſunt ſenſus hominis, & atas ſeneſtutis vita immaculata*. Os me-

lhores cabellos, & a peor cabeça, que nunca ouve, foi a de Abſalão: os cabellos vendião ſe a peſo de ouro, & a cabeça nenhum peſo tinha. Mais lhe tomãra eu o chumbo na teſta, que o ouro na gadelha. Tambem ha cabellos, que parecem de ouro, & ſão de prata ſobredourada; & iſto he o peor, que tem as cans, poderem ſe tingir. Não aſſim os cabellos negros, que não admitem outra cor. Por iſſo a Paſtora das Eglogas de Salamão o que louvou nos cabellos do ſeu Paſtõr, foi ſerem da cor do corvo: *Comae ejus ſicut elãtae palmarum, nigrae quaſi corvus*. Cant. 5.

268 Sendo pois o melhor, & maior de todos os Paſtores Paſtor, & mancebo, grande louvor he do noſſo Santo ſer eleito Paſtor na meſma idade. Mancebo era Abel, & que Paſtor mais religioſo? Mancebo era Jacob, & que Paſtor mais vigilante? Mancebo era David, & que Paſtor mais animoſo, & eſforçado?

forçado? Se o Leão (diz o Texto) lhe tomava o cordeiro pela cabeça, tiravalho da garganta pelas pontas dos pès : & se lho engolia pelos pès , arrancavalho das entranhas pelas orelhas. A idade da velhice he já muito fria para acçoens tão alentadas, & tão ardentes. O peor gado de guardar , he o homem. Quarêta annos guardou ovelhas Moyfes sem nenhum perigo, & não havia dous annos, que era Pastor de homens, quando só Deos lhe pode guardar a vida dos mesmos a quem elle guardava. Elle levava-os a beber nas correntes purissimas do Jordaó, & elles suspiravaó pelos charcos do Nilo, & lodos do Egypto. A maior falta que hoje se exprimenta nos Pastores, he a do valor. Se S. Gonçalo o não tivera mostrado antes, tanta culpa teria quem lhe meteo o cajado na mão, como elle em o aceitar. Se não tens valor para arcar com os vicios authorizados, & te-

Tom.7.

mes o rosto dos poderosos, não aceites o officio, diz Deos: *Noli fieri iudex, nisi valeas irrumpere iniquitates, ne forte extimescas faciem potentis.* No rebanho manso das ovelhas tambem ha valentes de testa tão dura, & armada, que se batem huns com os outros, mas todos temem, & reverenceaó o Pastor. Assim foi antigamente, quando os Pastores eraó Chrysofostomos, & Ambrosios, posto que os mais poderosos da manada fossen Theodosios, & Arcadios. Se os Pastores não guardáraó tantos respeitos , elles foraó mais respeitados. E assim o foi S. Gonçalo, posto que mancebo.

269 Do tempo em que governou a sua Igreja, dizem muitas cousas os Historiadores, todas proprias de hum bom Pastor. Dizem que não se vestia da lã das ovelhas, nem se sustentava do seu leite , & muito menos do seu sangue. Dizem que o patrimonio de Christo não o

T iij ga-

gastava com criados, cães, ou cavallos, nem có acrescentar a casa, ou lhe vestir as paredes. Dizem que excepta a limitada congrua do proprio sustento, tudo o demais distribuía aos pobres, & não como proprio com nome de caridade, senão como seu delles, & por obrigação de justiça. Dizem que não só prègava aos ouvidos, senão tambem, & muito mais aos olhos; porque os exemplos da sua vida eraõ a alma de toda a sua doutrina. Estas, & outras muitas cousas dizem os Historiadores, mas todas em cõmum. E porque do tempo em que o nosso Santo foi Pastor, hum só caso referem em particular: por este collegiremos os demais; & vendo como obrava, conheceremos qual era. Havia entre os freguezes de S. Gonçalo o abuso, que ainda dura em outros, de terem perdido o medo às excõmunhoens. Eraõ daquella gente que não crè o que não se vê, & sentiaõ

mais a pena que os multava na bolsa, que a que os condenava na Alma. Prègando pois hum dia o Santo, & affeando este abuso como tão alheo da Fè, & Religiaõ Christãa; vio passar húa mulher, que levava húa cesta de pão, chamou-a, mandoulhe que pozesse a cesta a seus pès, & repetindo com voz temerosa a fõrma da excõmunhaõ sobre os pães, que eraõ muito alvos, subitamente se convertéraõ em carvoens. Ficáraõ assombrados todos, & muito mais a pobre mulher, que deo por perdido o seu pão. Mas depois que com a vista de taõ estranha, & repentina mudança os vio persuadidos ao que não acabavão de entender; agora, diz o Santo, para que vejais tambem quam contrario he o effeito, que obra a absolvição nos excõmungados, repetio sobre os carvoens as palavras da absolvição, & no mesmo momento, & do mesmo modo ficáraõ outra

vez convertidos em pães taó alvos como dantes eraõ.

270 Feita a demonstração de hum, & outro milagre, disse S. Gonçalo à mulher, que levasse o seu paó com a benção de Deos: & aqui reparo muito. Sendo o paó naõ húa, senão duas vezes milagroso, dobrada razão tinha o Santo para o aplicar à Igreja. Oh tempos! Parocho sei eu, que à conta de húa excõmunhaõ teve paó com que sustentar muitos dias a sua familia, & era muito mais numerosa que a de S. Gonçalo. E porque não fez elle outro tanto? Ao menos parece que devéra mandar reservar alguns daquelles pães convertidos em carvão para perpetua memoria, & horror do caso. Porque tornou pois a entregar à mulher todo o seu paó taó inteiro no numero, & tão branco na cor como era dantes? Porque entendo o bom, & desinteressado Pastor, que era coufa muito fóra de razão que-

rer fazer milagres à custa do pão alheo. Quantos milagres vemos neste mundo, & quantos homens, & alvitres milagrosos, & todos à custa do pão alheo, & nenhum do seu? A Elias sustentava Deos cada dia com dous pães, & a S. Paulo primeiro Ermitaõ tambem cada dia com meyo pão: & sendo os Ministros de hum, & outro milagre corvos, sempre o pão era da mesa de quem mandava sustentar os famintos, & não tomado a outrem. O maior milagre neste genero foi o dos pães, que sendo cinco, se multiplicáraõ a tantos milhares, que sustentáraõ cinco mil homens, & sobejáraõ tantas alcofas Mas estes sobejos para quem foraõ? Para os donos dos cinco pães, que eraõ os Apostolos. Semelhante milagre já o vimos, & estamos vendo. O que hontem se cõtava por unidades, hoje se conta por milhares, & por milhoens. Mas à custa de quem? Dos mesmos que daõ a mate-

ria, & o cabedal para o milagre. E em vez de terem parte na multiplicação, & quando menos nos sobejos, até os seus cinco páes lhos excômungão de maneira, que antes os querem perder, que lograr; porque sò lhos permitem convertidos em carvão.

271 O remedio desta grande perdição, & desta grande lastima já o ensinou S. Gonçalo, se ouuer quem lhe queira tomar a lição. E em que consistio o remedio? Còsistio em tornar a converter o carvão em paó, assim como o paó se tinha convertido em carvão. Não está a perfeição do milagroso em poder fazer os milagres, senão em os saber desfazer. E a razão no nosso caso he; porque quando os milagres são danosos, para refazer o dano do milagre, he necessario que desfaza o segundo o que fez o primeiro. Tendo hum Anjo feito húa grande promessa a Gedeão, que tambem era Pastor, pediolhe elle em

confirmação dous milagres; mas com tal condição, que o que fizesse o primeiro, desfizesse o segundo. Tomou pois Gedeão hum vélo de lãa das suas ovelhas, & pondo-o no meyo da eyra, disse: Quero que todo o orvalho desta noite caya na lãa, & nada na eyra: & assim succedeo. Ao outro dia posto o vélo no mesmo lugar, disse: Agora quero às aveças, que todo o orvalho desta noite caya na eyra, & nada na lãa: & tambem succedeo do mesmo modo. Mas porque senão contentou Gedeão com hum só milagre, senão com dous, & que desfizesse o segundo o que tivesse feito o primeiro? Porque se quiz certificar da promessa do Anjo, & conhecer q̄ eraõ milagres de Deos. E entẽdeo que sendo o orvalho bem cõmum de toda a terra, não podia Deos defraudar húa parte della com o primeiro milagre, sem que lhe refizesse o dano com o segundo. Isto he o que pedio.

dio Gedeão, isto o que fez S. Gonçalo, & isto o que não ha quem imite. Basta que tudo ha de ser para o particular, & nada para o cômum; tudo para o vélo de Gedeão, & nada para a eyra? Assim o execução sem nenhũa igualdade os que querem ter jurdição até no que cae do Ceo: & por mais que as queixas cheguem ao mesmo Ceo, nenhum dos que fazem os milagres os quer desfazer. Se cuidaõ que he descredito, & menos authoridade do poder desfazer o que fizeraõ, enganaõse; porque muito mais poderosos se mostraráõ no desfazer do milagre, que em ofazer. Vede-o no nosso caso. Converter o paõ em carvoens, põde-o fazer o fogo queimando-o; mas converter os carvoens em paõ, só o põde fazer a omnipotencia obrando sobre as leys de toda a natureza.

272 Finalmente neste milagre se retratou o nosso bom Pastor a sy mesmo, & mostrou qual era. Este mi-

lagre teve aveço, & direito: & taes haõ de ser os homens, que governaõ homens. O bom Pastor nam ha de ser todo bondade: *Cum electo electus eris, & cum perverso pervertéris.* Nem tudo ha de ser indulgencia, nem tudo censura. Ha de ter excómunhoens para os rebeldes, & absolviçoens para os arrependidos: & tanto para os brãcos como os pães, como para os pretos como os carvoens. Ha de saber fazer, & desfazer, converter, & desconverter. Deos converteo a Nabucodonosor de homem em bruto, & depois tornou-o a converter de bruto em homem. A vara de Moyfes era o mesmo cajado com que elle governava as suas ovelhas. É que propriedades tinha este cajado? Húas vezes se convertia de vara em Serpente, & outras de Serpente em vara. Nem por ser a Ley de Christo Ley da Graça, ha de ser nella tudo graça. A cerimonia com q o Author da mesma Ley

Psalm.
17.27.

constituição a S. Pedro supremo Pastor, foi meter-lhe na mão as chaves do Ceo, & da terra. E porque, ou com que mysterio chaves? Porque a chave tem húa volta para fechar, & outra volta para abrir. Nem ha de fechar tudo có rigor, nem deixar tudo aberto com demasiada benignidade. Quando for necessario, fechar de pancada; mas se não for necessario, não andar às pancadas. Com serem porém as insignias do poder pastoral as chaves, já eu notei noutra occasião, que não disse Christo, o que fechares, será fechado, & o que abrires, aberto; senão, o que atares, será atado, & o que desfatares, desfato. E porque? Porque quer Christo que os seus Pastores faibão atar, & desfatar, & não sejam homens, que não atão, nem desfato. Porque não atão, andão os vicios soltos; & porque não desfato, estão as virtudes presas. Oh se refuscitára hoje S. Gonçalo, como se havia

de ver trocado tudo! Mas temo que o não haviaõ de merecer os nossos tempos, como também os seus o desmereçeraõ.

S. V.

273

QUanto à terceira vigia, foi Santo, & admirável Santo S. Gonçalo na idade de varaõ; porque tanto que entrou nella, sahio da patria, & se partio peregrino a Jerusalem a visitar os sagrados lugares de nossa redempção, & viver, como viveo, na Terra Sãta todo o restante da mesma idade. Não admiro nesta notavel resolução o deixar a patria, onde o amor natural costuma lançar aquellas fortes, & doces raizes, que tão difficulosamente se arrancão: mas quando vos vejo, meu Santo, com o cado de Pastor trocado em bordaõ de peregrino, deixando as vossas ovelhas, & de Christo, por ir correr, & venerar os passos q o mesmo Senhor andou nesta vida para as apascentar, & rematou na morte para as

remir; isto he o que não sei admirar bastantemente, nem acabo de entender.

274 Hũa vez sabemos que mudou Christo os trajos, & se vestio de peregrino: mas quando, ou para que? Era no mesmo dia da sua resurreição, tendo dito tres dias antes, q̄ quando tirassem a vida ao Pastor, se derramariaõ as ovelhas: *Percutiam pastorem, & dispergentur oves gregis.* E porque duas dellas hiaõ desgarradas, & quasi perdidas de Jerusaleem para Emaüs, esta foi a causa daquella peregrinaçam, querendo-as reduzir outra vez o Senhor, & unir com o seu rebanho. Pois se Christo como bom Pastor se faz peregrino para trazer duas ovelhas de Emaüs a Jerusaleem; como S. Gonçalo, que devia imitar a Christo, se parte peregrino a Jerusaleem, deixando em Emaüs não duas ovelhas, senão todo o rebanho de que era Pastor? Emaüs quer dizer, Cõselho temeroso: *Timens consilium*; &

este conselho parece que não só foi temeroso, senão temerario. Nota o Evangelista, que Emaüs estava distante de Jerusaleem sessenta estadios, *Stadiorum sexaginta*, que fazem da nossa medida tres legoas: & se Christo não soffreo, que duas ovelhas se ausentassem do seu rebanho tres legoas, & as foi buscar ao meyo do caminho: *Ipsse Iesus appropinquans ibat cum illis*; como se ausenta S. Gonçalo das suas ovelhas em não menor distancia, que de mil legoas, quantas dista Portugal de Jerusaleem? Mais nota o Evangelista, que esta diligencia a fez Christo no mesmo dia, *In ipsa die*: & se o bom Pastor no mesmo dia acode a hũa tão pequena parte do seu rebanho; como S. Gonçalo deixa, & desempara totalmente o seu, & se vai viver tão longe delles, não por menos espaço de tempo, que quatorze annos inteiros?

275 Se alguém quizer buscar escusa a hũa tão notavel

Luc. 24.
13.

Ibid. 15.

Ibid. 13.

rch.
34.

tavel resolução do nosso Santo, difficulosamente a acharà tal que satisfça. Se dissermos que quiz trocar a sua terra pela Terra Santa; esta razão, ainda que parece pia, não he bastante para deixar o seu rebanho, sendo Pastor. Porque ainda que trocar a sua terra pela Terra Santa, fora trocar a terra pelo Ceo, devéra trocar o Ceo pela terra, não digo por acodir a todo o rebanho, senão a húa só ovelha delle. Que Pastor ha, diz Christo, o qual tendo cem ovelhas, se acaso se lhe desgarrou, & perdeu húa, não deixe as noventa & nove no deserto, & vá buscar a ovelha perdida? Assim o fez o mesmo Christo. A ovelha perdida era o homem: as noventa & nove erão os nove coros dos Anjos: o deserto onde as deixou, era o Ceo: & se o bom, & verdadeiro Pastor deixou o Ceo, & veyo à terra para acodir a húa só ovelha perdida; ainda que trocar S. Gonçalo a sua terra pela Terra

Santa, fora trocar a terra pelo Ceo, devéra não fazer tal troca, mas deixar, & trocar o Ceo pela terra, não só para conservar todo o seu rebanho, como dizia; mas para acodir a húa só ovelha delle. E se quizermos considerar, que a jornada da Terra Santa foi feita com espirito, & desejo de lá converter os Infieis Mahometanos, que a dominavão, & habitão, também esta escusa he insufficiente, & alhea do exemplo de Christo. Quando os Apostolos pedirão ao mesmo Senhor, que ouvisse os clamores da Cananéea, que era Gentia, respódeo, que as ovelhas, que Deos lhe encomendára, eraõ os filhos de Israel, & não os Gentios: *Non sum missus nisi ad oves quæ perierunt domus Israel.* E em consequência desta mesma doutrina mandou a seus Discipulos, que só prègasssem aos Judeos, & nam à Gentilidade: *In viam gentium ne abieritis.* E como as ovelhas, que S. Gonçalo dei-

Matth.
15. 24.

Matth.
10. 5.

dei-

deixava na sua patria, & na sua Igreja, eraõ as que Deos lhe tinha encomendado; ainda que a sua peregrinação a Jerufalem fosse com intento de converter outras do Paganismo, comparado este zelo com a sua obrigação, não sô não parece louvavel, mas nem ainda licito.

nam: & diz o Texto sagrado, que vendo Deos que elle voluntariamente hia, o chamou, & lhe mandou, *Ibid. 4. 1*

que fosse: *Cernens quod pergeret ad videndum, vocavit eum.* Pois se Moyses já hia por sua propria vontade; porque o chamou Deos? Porque este era o caso como o do nosso Santo, em que não basta a inclinação, & deliberação propria; mas he necessaria especial vocação divina. A Çarça ardente juntamente, & illesa, como dizem todos os Santos, significa o mysterio, & mysterios da redempção humana; & assim disse o mesmo Senhor, que decêra a libertar o seu Povo: *Descendi ut liberem*

eum: a terra em que estava a Çarça, significava a Terra a que hoje chamamos Santa, & assim lhe chamou a voz da Çarça: *Locus enim in quo stas, terra sancta e. t.* *Ibid. 5.*

E para hum Pastor como Moyses, deixar como elle deixou a a listécia das suas ovelhas por ir ver, & contemplar de mais perto os my-

276 Primeiramête respondendo, que a peregrinação de S. Gonçalo à Terra Santa, não só foi licita, & louvavel, mas verdadeiramête santa; porque elle a emprendeo não só por espirito, & devação particular sua, senão por impulso, & vocação especial de Deos. Vejamos o caso resoluto, & definido na Historia sagrada. Era Pastor Moyses, & andava nos desertos de Madian guardando as ovelhas, que Jetro lhe tinha encomendado, quando vio de longe a Çarça que ardia, & não se queimava. Resolveose então a ir ver de mais perto aquella maravilha: *Vadam, & videbo visionem hanc mag-*

13

mysterios de nossa redempção, & venerar com os pés descalços a Terra Santa, não basta só a vontade, & deliberação propria; mas he necessaria particular, & especial vocação de Deos: *Cernens quòd pergeret ad videndum, vocavit eum.* Assim o fez Moyses, que totalmente deixou então o officio, & o rebanho: & assim o fez o nosso Santo chamado tambem, & inspirado por Deos, & por isso não só licita, & louvavel, senão santamente, & com acto de maior perfeição.

277 Mas se foi grande a duvida em que da sua parte nos meteo a deliberação do nosso peregrino em deixar as suas ovelhas; muito maior he a que devemos admirar da parte de Deos na vocação divina tão especial, rara, & não usada do mesmo Deos, como agora veremos. Pedio a Pastora dos Cantares ao seu divino Pastor lhe manifestasse os lugares onde apacentava as suas ovelhas, & onde descansava

pelo meyo dia, para que o não buscasse erradamente, & de balde por outras partes: *Indica mihi quem diligit anima mea, ubi pascas, ubi cubes in meridie, ne vagari incipiam post greges sodalium tuorum.* E que lhe responderia o soberano Pastor? Primeiro lhe disse, q̄ não conhecia quem era: *Si ignoraste;* porque se conhecesse suas obrigações, não faria semelhante petição: & sem deferir a ella, lhe mandou que seguisse as pisadas do seu rebanho, & que tratasse de o apacentar como os outros Pastores: *Egredere, & abi post vestigia gregum, & pascce hœdos tuos juxta tabernacula pastorum.* Quem não reconhece nesta breve historia, quam semelhante foi a petição da Alma santa ao desejo do nosso Santo: & quam diferente a resposta que elle alcançou de Christo, à que ouviu de sua boca a mesma Alma, em que se representavaõ as de todos os Pastores de sua Igreja que mais o amão?

Cant.
1. 6.

ibid. 7

A petição da Alma fanta, & o desejo do nosso Santo era de ver os lugares onde Christo em sua vida apacentou suas ovelhas com a doutrina que trouxe do Ceo, & onde finalmente descáçou ao meyo dia, naõ à sombra da arvore da Cruz, senaõ pregado, & morto nella. Isso quer dizer, *Ubi pascas, ubi cubes in meridie*. Mas se ao nosso Santo sendo actualmente Pastor lhe cõcedeo o mesmo Christo esta peregrinação, & que fosse ver, & viver naquelles sagrados lugares; como a Alma, & Pastora fanta, em que eraõ significados os outros Pastores, de nenhum modo lhe defere o Senhor a estes mesmos desejos, & resolutamente lhe manda, que apacentem as suas ovelhas, & que trate cada hum de seguir naõ as pisadas de Christo em Jerusalem, senaõ as do seu rebanho na sua terra: *Abi post vestigia gregum*.

280 O que desta admiravel differença se segue,

he, quam singularmente estimou Christo os affectos tambem singularissimos com que S. Gonçalo na sua peregrinação acompañou os passos da vida, & morte do mesmo Senhor, pois antepoz esta devação, & desejo à obrigação, & cuidado da guarda das suas ovelhas. De hũa, & outra parte foi desufada fineza; mas muito mais admiravel da parte de Christo, a qual ainda naõ está bastantemente pöderada, & só se pôde dignamente encarecer ouvindo ao mesmo Christo com S. Pedro, isto he, ao primeiro, & supremo Pastor com o segundo. Perguntou Christo Redemptor nosso a S. Pedro, se o amava mais que os outros Discipulos: *Simon Ioannis, diligis me plus*

Joan.
11.15.

his? E como S. Pedro respondesse có a devida modestia, *Tu scis Domine, quia amo te*, Bem sabeis vós, Senhor, que vos amo: Pois, Pedro, se me amas, disse o Senhor, *Pasce oves meas*, Apacenta minhas ovelhas.

Fei-

Feita esta primeira recomendação, repetio Christo a mesma pergunta; & como Pedro respondesse do mesmo modo: Pois, Pedro, torna a dizer o Senhor, se me amas, como dizes, *Pasce agnos meos*, Apacenta os meus cordeiros. Já as perguntas sobre o amor eraõ duas, & as recommendações do rebanho tambem duas, & ainda acrecentou o Senhor a terceira, *Dicit ei tertio*; de forte que Pedro se entristeceu, como se o divino Mestre, a quem são manifestos os coraçoes, duvidasse do seu amor, ou desconfiasse do seu cuidado. Pois se tres vezes examina Christo o amor de S. Pedro, não sô como grande, senão como maior de todos, & as prendas q̄ lhe pede deste amor húa, duas, & tres vezes, he que apacente as ovelhas, & cordeiros do seu rebanho, *Pasce oves meas*, *Pasce agnos meos*; que novo, ou que outro amor he este de S. Gonçalo para Christo, & de Christo para S. Gonça-

lo, pois em lugar de lhe dizer, que continuasse em apacentar as ovelhas, que lhe tinha encomendado, lhe inspira que deixe as mesmas ovelhas, & se parta peregrino a Jerusaleem, não só a visitar, senão a viver nos lugares sagrados, onde o mesmo Senhor tinha passado a vida, & padecido a morte?

281 A mesma vida, & morte de Christo sempre fixa, & ardente na memoria do nosso peregrino Pastor não ha duvida que foi, como de Jacob, a sua amada Rachel, pois por ella servio duas vezes sete annos naquelle voluntario desterro, sendo as suas fadadas as ovelhas, & os seus desejos, & suspiros os cordeiros que apacentava, começando deíde Nazareth, & acabando no monte Olivete, & repetindo este amoroso circulo com tantas pausas, & estancias, quantos eraõ, ou tinhaõ sido os passos do seu ausente amor. Mas quem nos acabará de descobrir o myste-
rie

rio desta taõ singular novidade, & sem exemplo na estimação de Christo ? O primeiro pensamento que me occorreo, foi, que em premio da pureza virginal, que perpetuamente guardou o nõsso Santo, lhe quiz Deos conceder na terra, o que só concede aos Virgens no Ceo. He privilegio concedido no Ceo aos Virgens, diz Saõ Joaõ no Apocalypse, que elles só sigaõ ao Cordeiro, que he Christo, a todas as partes por onde, & para onde for : *Virgines enim sunt : hi sequuntur Agnum quocumque ierit.* Porẽm os Virgens no Ceo naõ só seguem os passos do Cordeiro, mas vem o mesmo Cordeiro, & S. Gonçalo na terra sem ver, nem poder ver o Cordeiro, lhe seguia, & adorava os passos. Elles seguem os passos do Cordeiro onde està o Cordeiro; mas S. Gonçalo naõ seguia os mesmos passos onde o Cordeiro estivesse, se naõ onde tinha estado, & só porq̃ tinha estado alli,

Tom.7.

se naõ podia apartar delles. Oh singular, & admiravel fineza ! E esta digo em conclusaõ, que foi a que Christo assim amado tanto estimou. A primeira pessoa a quẽ Christo appareceo na manhãa da sua Resurreiçaõ, foi à Magdalena. Assim o dizem os Evangelistas. Mas porque mereceo a Magdalena naõ só com exceiçaõ de todas as outras devotas mulheres, mas tambem dos mesmos Apostolos, este taõ singular privilegio ? Lede a Historia sagrada, & o que ella fez, & os outros naõ fizeram, & achareis a razaõ. As outras Marias, como os Anjos lhe disseraõ, que o Senhor refuscitara, & naõ estava alli, foraõse : S. Pedro, & S. Joaõ como achãraõ no sepulchro a mortalla, & o Sudario, & naõ o sagrado corpo, tambem se foraõ : porẽm a Magdalena sómente porque sabia como os demais q̃ aquelle era o lugar onde o Senhor fora sepultado, isto sõ bastou para que perseverasse

V

alli,

alli, & não se apartasse do mesmo lugar. De maneira que os outros deixáráo o sepulchro, porque Christo não estava nelle; porém o amor da Magdalena não se soube apartar do mesmo sepulchro; porque ainda que o Senhor não estava nelle, tinha estado. E assim como bastou, que Christo tivesse estado dentro daquellas pedras, para que a Magdalena se não pudesse apartar dellas, esta foi também da sua parte a fineza, & da parte do mesmo Senhor a razão, porque tanto estimou o seu amor, & o antepoz ao de todos.

282 Deste mesmo modo assistia S. Gonçalo não só ao sepulchro de Christo, senão a todos os outros lugares, em que o Senhor vivo, ou morto tinha estado: respondendo, & pagando com esta fineza o amor, com que o mesmo Christo em quanto Verbo tinha todas as suas delicias ab æterno em estar com os homens na terra. Notai muito. Traçava este mun-

do ab æterno a Sabedoria divina, que he o mesmo Verbo, & diz que recreando-se pelos lugares da terra, erão as suas delicias estar cõ os homens: *Delectabar per singulos dies, ludens in orbe terrarum, & delicia mea esse cum filijs hominum.* Mas se ainda então não havia homens, que estivessem naquelles lugares, como tinha as suas delicias o Verbo em estar com elles? Porque ainda que os homens então não estivessem alli, havião de estar depois. Como se dissera o Verbo: Aqui ha de estar o Paraíso terreal, & as suas delicias erão estar com Adam: Aqui se ha de fabricar a Arca, & as suas delicias erão estar com Noé: Aqui se fundará a Cidade de Hebron, & as suas delicias erão estar com Abraham: Aqui será a terra de Hus, & as suas delicias erão estar com Job: Aqui se levantará o monte Sinay, & as suas delicias erão estar com Moyses: & assim dos outros homens, & dos outros

tros lugares. Do mesmo modo S. Gonçalo. Em Nazareth dizia: Aqui encarnou o Verbo: em Belem, Aqui nasceo: no môte Tabor, Aqui se transfigurou: no Calvario, Aqui morreo: no Olivete, Daqui subio ao Ceo: & em todos estes lugares serão as suas delicias estar com Christo, não porque alli estivesse, mas porque alli tinha estado. De forte que o Verbo suppondo o futuro, & S. Gonçalo suppondo o passado, ambos có o mesmo amor, & com a mesma fineza; o Verbo tinha as suas delicias com os homens, onde não estavam, porque haviam de estar; & S. Gonçalo tinha as suas com Christo, onde não estava, porque havia estado. E por este modo excellente, & singular comprio melhor que todos o nosso peregrino o que Deos prometeo por Isaias, que havia de fazer gloriosos os lugares onde tinha posto os seus pés: *Et locum pedum meorum glorificabo.*

S. VI.

283 **Q**Uanto à quarta vigia, foi Santo, & admiravel Santo S. Gonçalo na idade da velhice; porque passando se a hum deserto a fazer vida cremitica, soube deixar o mundo, antes que o mudo o deixasse. Não quiz que o achasse a morte dentro dos muros do povoado; mas elle se sahio ao deserto para a esperar em campanha. Oh que valente resolução, & que bem entendida! Como a velhice he o horizonte da vida, & da morte, o horizonte onde se ajunta a terra com o Ceo, & o tempo com a eternidade; que resolução pôde haver mais bem aconselhada, & mais digna da madureza de humas cans, que dedicar à cóntemplaçao da mesma eternidade aquelles poucos dias, & incertos, que pôde durar a vida? Não foi admiravel o nosso Santo velho, porque isto fez, mas he verdadeiramente admira-

Senec
Epist. 10

vel, porque fez o que devé-
rao fazer todos os velhos,
& não vemos algum que o
faça. Notou judiciosamê-
te Seneca, que de todos os
outros generos de morte,
fendo tantos, & tão varios,
pòde haver esperança de
escapar; só a morte q̄ traz
comfigo, ou apos sy a ve-
lhice, he morte sem espe-
rança. Mata a doença, ma-
ta o incendio, mata o nau-
fragio, mata a espada, ma-
ta a seta, ou descuberta, ou
atraçoada; mas de todos
estes generos de mortes
muitos escapárao; só da
morte da velhice ninguem
escapou: *Alii genera mor-
tis spei mixta sunt, nihil ha-
bet quod speret quem sene-
ctus evocit ad mortem.* E sen-
do tão desesperada esta es-
perança, mais dignas são
para mim de admiração as
nossas velhices, do que foi
a de S. Gonçalo, pois nos
não defenganamos com
ellas. Quanto mais temos
vivido neste mundo, tanto
mais amamos o mesmo
mundo, & a mesma vida, &

quanto mais são os annos,

que contamos, tanto mais
são as raizes com que esta-
mos pegados à terra. Mas
consideremos quam diffe-
rentemente tinha passado
o nosso Santo velho as ou-
tras suas idades, do que
nós temos vivido, ou des-
baratado as nossas, & esta
seja a maior advertencia
de o reconhecermos por
singular, & venerarmos
por admiravel.

284 Emfim não tendo
S. Gonçalo porque fugir
de sy, fugio de nós para o
seu deserto, & levantando
húa pequena Ermida so-
bre as ribeiras do Rio Ta-
maga, fabricada pelas me-
didas do seu espirito, alli
só por só com Deos em-
pregava os dias, & velava
as noites na altissima con-
templação daquelle sum-
mo bem, que cedo espera-
va gozar com a vista. Não
havia, ou se ouvia naquelle
bemaventurado lugar al-
gum ruido, que perturba-
se a quietação do Santo
Anacoreta, senão a tépos
de inundaçãoens, & tem-
pestades os gemidos, & vo-
zes

zes mortaes dos que arrebatados da furia, & correntes do Rio tão impetuofas, como fubitas, ou efpedaçados nos penhaſcos, ou afogados no remoinho das aguas perecião laltimofamente, & fem remedio. Eraõ muitos todos os annos os miseraveis naufragantes, & muito mais as lagrimas dos que nelles perdião filhos, pays, ou maridos. E que faria quando isto ouvia, & via hum coração tão cheo, & abraçado do amor divino? Quanto maior he nos Santos o amor de Deos, tanto mais forte he, & mais foliçito o amor do proximo. Orava continuamête, mas porque de ordinario para remediar os trabalhos humanos não baſtão as mãos ocioſas, poſto que levantadas a Deos: refolveoſe o espirito de hum pobre, & folitario Ermitão ao que nunca ſe atrevêraõ a intêtar os braços poderofos dos Reys, que foi unir as duas ribeiras do Tamaga com húa ponte, & meter

Tom. 7.

debaixo dos pès dos paſſageiros a braveza, & furia do Rio, que a tanto tinha tragado.

285 Grande empreſa! mas tão alhea do ſogeito que a emprendia, como difficuloſa, & impoſſivel por todas ſuas circumſtancias. Affim ſeriaõ agora do imaginario remedio os q̄ tantas vezes tinhaõ chorado os verdadeiros perigos. E certamente quando ſe não conſideraſſe no novo architecto mais que o peſo, & debilidade dos annos; a velhice he idade para ter trabalhado, & não para trabalhar, para ter feito, mas não para fazer. E que proporção tem (diziaõ) as contemplaçoens de hum Anacoréta com as execuçoens, & actiuidades de húa tão grande obra? Se S. Pedro foi chamado neſcio, porque ſendo peſcador quiz fazer tabernaculos; que ſe diria do noſſo Ermitão determinado a fabricar pontes? A ſuperficie deſta deſaprovaçam do vulgo ainda tem muito

V iij ma-

maior fundo na Theologia eſpiritual, & aſcetica. Quando Martha ſe queixou de que Maria ſua irmãa a não ajudaffe, o que lhe reſpondeo o divino Meſtre, foi: *Martha, Martha, ſolicitaeſ, & turbaris erga plurimam: Maria optimam partem elegit*: Eſſe voſſo cuidado, Martha, poſto que bem intencionado, não ſerve mais que de voſ perturbar, & divertir em muitas couſas alheas da proſiſão de Maria: & ſe cuidais que ella aſſentada a meus pès, & ouvindome eſtã ocioſa, enganaiſ-vos; porque eſcolheo a parte que lhe eſtã melhor, & mais me agrada. E iſto meſino parece que eſtava dizendo, ou ditando a S. Gonçalo a doutrina de Chriſto naquelle caſo, & contra a ſua determinação. Maria ſignifica a vida contemplativa, & interior, que he a que profeſſão os Eremitas: Martha ſignifica a vida activa, que he a que ſe emprega em acçoens exteriores, poſto que em ſerviço de

Deos, & do proximo: & ſe eſta das portas adentro de hũa caſa, & occupada ſó em preparar o que lhe parecia neceſſario para hũa meſa, divertia, & perturbava tanto a Martha; qual ſeria a perturbação, & perpetuos divertimentos do noſſo Ermitão, empenhada a ſua velhice na fabrica de hũa ponte tão difficultoſa? Pareceme que eſtou ouvindo os ruidos dos carros, dos penhaſcos, dos madeiros, & a continua bateria dos instrumentos dos Officiaes, & trabalhadores, huns deſbafando, outros lavrando, outros fabricando, & levantando as machinas para ſuſtentar os arcos, & guindar, & aſſentar a pedraria já lavrada: & o author, & ſuperintendente da obra no meſino tempo dividido em tantas partes, com o cuidado, & os olhos nas mãos de todos. Vede ſe cõpetia a eſta ſua fadiga melhor que a Martha o *Solicitaeſ, & turbaris erga plurimam*.

286 Mas esta mesma era a maior prova do altíssimo grao da contemplação a que o espirito do Santo Eremita tinha subido. A Alma que chegou ao cume da perfeição da vida contemplativa, nem as acçoens lhe divertem a contemplação, nem a contemplação lhe impede as acçoens; mas toda dentro, & toda fóra de sy, juntamente está obrando no exterior, & no interior cõtemplando. Que vida mais activa, & mais actiosa, que a dos Anjos sempre occupados, & nunca já mais divertidos? *Omnes sunt administratorij spiritus in ministerium missi.* Os Anjos da guarda de dia, & de noite estão velando, cada hum sobre o homem que lhe está encomendado: os Custodios dos Reynos, & Monarchias sempre attendendo ao governo, & conservação dellas na paz, & na guerra, & em tantos outros accidentes, que nunca parão: os que guião com tanta ordem, & concerto

os Astros, cada hum movendo a sua estrella, quasi todas maiores que este mundo. E de todos diz Christo: *Semper vident faciem Patris, qui in Calis est:* Que estão sempre cõtemplando a face de Deos, como se estiverão no descanso, & socego do Empireo sem outra occupação, ou cuidado. E tal era a cõtemplação verdadeiramente Angelica do nosso Anacoréta, tão quieto, & sem perturbação no meyo do tumulto, & trafego da sua obra, como senão tivera sahido da sua Ermida. Podendose dizer delle o que do mesmo Deos, de cuja vista nunca se apartava: *Immotusque manens das cuncta moveri.*

Matth.
18.10.

287 Vencida esta primeira apprehensão, & conhecida a concordia, & armonia, que conservão dentro no mesmo espirito, se he perfeito, a vida activa, & contemplativa, a qual não entendião os que consideravão o nosso Eremita divertido do exercicio

da sua profissão ; seguese a segunda, em que toda a prudencia, & providencia humana podia reparar muito. E qual era? Que hum homem só, & desaffistido de toda a outra companhia, & poder, se atrevesse a húa empresa, que muitos, & muito poderosos juntos já mais emprenderião, nem imaginavam possível. Se os fabricadores da Torre de Babel, sendo todos os homens que havia no mundo juntos, & unidos no mesmo pensamento, o fim, & effeito que conseguirão, foi a confusão, & desengano da sua temeridade; verdadeiramente parece, que não faziam grande injuria às cans, & prudencia do nosso Santo velho, os que reprovavão, que elle sendo hum, & só, (ainda que a sua idade fosse mais viva, & mais robusta) intentasse húa tal obra. Mas o que ninguem cria, nem esperava, intentou, profegiuo, & levou ao fim em S. Gonçalo a caridade, & amor do Proximo,

do qual diz S. Paulo, que tudo crê, tudo espera, & com tudo pôde: *Omnia credit, omnia sperat, omnia sustinet.* Hú dos que se achá-rão entre os edificadores da Torre de Babel, foi Noè; & he cousa bem notavel, que a elle só encomendasse, & delle só fiasse Deos a fabrica da Arca. *Fac tibi Arcam de lignis levigatis,* lhe disse o supremo Architecto daquella nova machina, & prescrevendolhe a traça, a fôrma, & as medidas com tanta miudeza, nem em cômum, nem em particular faz menção de outro Artifice, ou companheiro, que ouvesse de ter parte na obra, senão o mesmo Noè sómente: *Mansunculas in Arca facies, & bitumine linies intrinsecus, & extrinsecus: & sic facies eam.* Pois se a fabrica era tão grande, & tão nova, & previa Deos que todos os homens do mundo, entrando neste numero o mesmo Noè, nam haviam de poder conseguir, nê continuar aquella Torre

1. Cor. 13.7.

Genes. 6.14.

Ibid 14.15.

Torre

Torre na terra, havendo de ter esta fabrica os alieffes sobre a agua; como a encomenda, & fia de hũ só homem? Porque o intento da Torre era a vaidade, o intento da Arca a caridade. O intêto da Torre era celebrarem os homens o seu nome antes de se dividirem: *Celebremus nomen nostrum antequam dividamur*: o intento da Arca era salvar os homens da inundaçãõ universal do Diluvio: *Ut possint vivere*: & quando para conseguir os intentos da vaidade, naõ bastaõ todos os homens; para os da caridade, por arduos, & difficultosos que sejaõ, basta hum só homem. Trocai agora o nome de Noè em Gonçalo, o da Arca em Póte, & o do Diluvio em Rio: & vereis quam bem fundada foi a caridade do nosso Santo na esperança de levar ao cabo a sua obra; pois assim como a de Noè era para salvar os homens da inundaçãõ do Diluvio, assim a sua era para os sal-

var das inundaçoens do Rio.

288 Mas ainda aqui nos falta por dar satisfaçam a hũa grande maxima da doutrina de Christo. *Quis ex vobis volens turrim edificare, non prius sedens computat sumptus, qui necessarij sunt: ne posteaquam potuerit perficere, omnes qui vident, incipiant illudere ei?* Que homem ha de vòs, o qual querêdo edificar hũa torre, naõ lance primeiro as suas contas muito devagar, & computando o cabedal com as despesas, naõ veja se he bastante; porq̃ lhe naõ aconteça começar a obra, & não a poder acabar, ficando ella, & elle expostos ao riso das gentes? Isto he o que ensina Christo Senhor nosso, & estas faõ as contas, & o computo que devia fazer o nosso Eremita antes de pôr, naõ digo a mão, senaõ o pensamento à obra: ver primeiro se tinha com que comprar os materiaes, cõ que pagar aos Mestres, cõ que

Genef.
11.4.

Genef.
6.20.

Luc. 14.
28.29.

que fazer a feria, & sustentar os trabalhadores, & isto não só para começar a obra, senão para a pôr em perfeição. Agora perguntou se fez S. Gonçalo este computo? Digo que sim, & com tão nova, & abreviada Aritmetica, q̃ todo o resumio a duas adiçoens sómente: primeira, Eu não posso nada: segunda, Deos pôde tudo. O mesmo tinha já feito S. Paulo, quando disse: *Omnia possum in eo qui me confortat*: Eu pelas minhas forças nenhuma cousa posso; mas pelas que Deos me dá, sou todo poderoso. Tal era o espirito, & tal a consequencia do nosso Santo: porque eu não posso nada, eu sem Deos não poderei mover huma pedra: mas porque Deos pôde tudo, eu com Deos, & Deos comigo bem poderemos fazer a ponte. E assim foi. Não deo Deos a S. Gonçalo a Vara de Moyses; mas para lhe dar ainda mais, deolhe a Cithara de Orfeo, fazendo-a de fabulosa verdadeira. Contaõ as

fabulas, que Orfeo com a sua Cithara edificou os muros de Thebas, porque era tal a doçura, & suavidade daquelle pequeno instrumento tocado por elle, que levava apos sy as arvores, os montes, os rios, as feras, & até a liberdade dos homens. Assim creciaõ fabulosamente em Thebas os muros, & assim em Amarante verdadeiramente a ponte.

289 Derãolhe a S. Gonçalo huns touros bravos, & feros, & elle com a voz de húa só palavra os amansou de maneira, que logo tomáraõ o jugo, & tiráraõ pelo carro, seguindo a quem os guiava, como se tiveraõ ensino de muitos annos. Chegava à ribeira do Rio, chamava os peixes, & elles corrédo em cardumes saltavão aos pès do Santo, em quanto elle não dizia basta, & os demais com sua benção se retiravaõ para tornarem outra vez quando fossẽm chamados. Era necessaria agua para mais facil serviço da obra, tocou o San

o Santo velho com o seu bordão em húa pedra, & correo logo húa fonte: mas porque a agua bastava para fatisfazer a sede, & nam para alegrar, & dar forças aos trabalhadores, tocou do mesmo modo em outra pedra, & sahio della outra fonte de vinho. Trabalhavaó muitos braços, & muitos instrumentos para abalar hum grande penedo, sem elle se mover, mas cõ o impulso de húa só mão do Santo, mais como andando por sy mesmo, que levado por força, se foi pòr onde era necessario. Porém como ha homens mais duros que as pedras, & mais irracionaes que os brutos; assim como com estes persuadindo-os o Santo suavemente a quanto queria, se mostrava mais evidentemente a oculta divindade, que lhe governava a lingua; assim ouye hú tão duro, & tão astuto, que pedindolhe o pobre Ermitão, em cuja santidade não cria, algum socorro para a sua obra, por ser muito ri-

co, elle escusandose por estar fóra de casa, lhe respõdeo, que sua mulher o soccorreria, dandolhe para ella hum escrito. Recebeo-o a mulher, & rindose para o Santo, lhe disse: Padre Ermitão, este credito não val nada; porque o que nelle me diz meu marido, he qvovos dè de esmola quanto pezar este papel. Despedido taõ secamente, replicou com tudo o Santo, que se pezasse o papel como mandava o dono da casa, & que elle pelo pezo se contentaria cõ a esmola. Caso verdadeiraméte da mão oculta de Deos! Poz-se o papel em húa parte da balança, & quando parece que bastavaó poucos grãos de trigo para a pòr em equilibrio, vieraó facos, & mais facos, & podéra vir todo o celleiro, sem igualar o pezo do papel, que não chegava a húa folha. Là se queixava Job de que a Omnipotencia divina para o mortificar, ostentasse seu infinito poder contra húa folha, que leva o vento; *Can-*

Job. 13
25.

*tra folium, quod vento rapi-
tur, ostendis potentiam tuã:*
& cá para canonizar a S.
Gonçalo ostenta seu poder
a divina Potencia em fazer
taõ pezada hũa meya fo-
lha , que nenhum pezo a
podeffe igualar, nem levã-
tar, nem mover. Assim cõ-
correo Deos juntamente
com o nosso Santo no co-
meçar, no continuar, & no
aperfeiçoar a sua obra; &
assim a deixou perfeita, &
acabada para tanto bem
de tantos, antes que a ulti-
ma idade lhe acabasse a vi-
da.

§. VII.

290 **C**ONcluidastaõ
felizmente as
quatro vigias, & idades da
vida humana, qual cuida-
mos que seria a quinta vi-
gia, que eu prometi do
nosso Santo, naõ já de vi-
vo, & mortal, senaõ de im-
mortal, & depois da mor-
te? Esta nova prerogativa
mais parece que lhe con-
vem a S. Gonçalo de Ama-
rante pelo sobrenome, que
pelo nome, O Amarantho,

como diz Plinio, he huma
flor, a qual porque nunca
se murcha, mereceo desde
a antiguidade o nome de
immortal. Isso significa o
mesmo nome que lhe po-
zeraõ os Gregos, por onde
lhe cantou a immortalida-
de o Poeta Latino: *Immor-
talesque Amaranthi.* E se
buscarmos no Evangelho
esta quinta vigia, achare-
mos que depois de fallar
expressamente na segũa,
& terceira, & suppor nesta
mesma conta a primeira, &
a quarta, introduz em
quinto lugar outra inde-
terminada, & nella hum
Pay de familias muito vi-
gilante: *Quoniam si sciret*
Pater familias qua hora fur
veniret, vigilaret utique.
Esta pois, naõ das idades
que tem fim, mas da vida
immortal que naõ acaba,
foi, & he a quinta vigia do
nosso Santo, na qual lhe
quadra admiravelmente o
nome de Pay de familias;
porque elle verdadeira-
mente he o Pay universal
naõ só daquella grande, &
numerosa Provincia, mas
de

Luc. 12.
39.

de todas as vizinhas, & côfinantes; as quaes em tudo o que haõ mister de perto, & de longe, a elle recorrê. Sõ quem o vio, o pòde cõtar, & crer. Se naõ tem filhos, a S. Gonçalo os pedê; & se tem muitos, a S. Gonçalo consultaõ se os haõ de mandar à guerra, ou ao estudo, ou aplicar ao arado. Se haõ de casar as filhas, S. Gonçalo he o casamenteiro, & se os proprios pays, ou naõ pòdem, ou se descuidão de lhe dar estado, a lembrança que ellas por modestia se naõ atrevem a lhe fazer, a fazem em segredo ao Santo, que como mais poderoso, & mais vigilante Pay, se naõ descuida. A elle encomendaõ os Pastores os gados, & os Lavradores as sementeiras: a elle pedem o Sol, a elle a chuva: & o tanto pelo imperio que tem sobre os elementos, a seu tempo, & fóra de tempo os alegra com o despacho de suas petições. Elle os remedeia nas pobrezas, elle os cura nas enfermidades, elle os recõ-

cilia nàs discordias; elle enfim, se andão desgarrados, os encaminha, & tal vez os castiga també amorosamente, para que naõ degenerem de filhos de tal Pay.

291 Por todas estas razões confirmadas có infinitos exemplos me parecia ao principio, que cõ o nome de Pay de familias satisfazia S. Gonçalo às obrigaçoens da quinta vigia, que lhe acrescentamos à vida. Mas bem considerado o que depois de morto, & immortal obra, & està obrando cada dia em beneficio dos que o invocaõ, naõ ha duvida, que lhe vê muito curto este nome. E para inventarmos algum q̃ iguale as medidas, & encha o conceito de suas maravilhas, assim como ao principio disse, que no seu nascimento foi minino como homê, assim digo por fim, que depois da sua morte foi homem como Deos. Alguns annos depois de morto S. Gonçalo em occasião de hũa extraordinaria

ria tempestade vinha tão cheo, & furioso o Rio Tamaga, que não só levava envolto consigo quanto encontrava nas ribeiras, mas também nos montes. Entre outras cousas vinha atravessado na corrente hú carvalho de tanta grandeza, que julgáráo attonitos quantos o viaó, que batendo com o pezo seu, & das aguas a Ponte, arruinaria os arcos, & a derrubaria sem duvida. S. Gonçalo, (gritáraó todos) S. Gonçalo, acudi à vossa Ponte: eis que no meyo destes clamores vem sair da Igreja hum Fradinho vestido de branco com o manto negro, & hum cajadinho na mão, o qual voando pelo ar ao Rio, lançou a volta do cajadinho a hum ramo do tronco, & fazendo-o encanar, & embocar direito pelo olho do arco maior, elle passou precipitado có a corrente, & a Ponte sem dano, né perigo, ficou tão firme, & inteira como fora edificada. Com iguaes clamores, & triunfos deram

todos graças a S. Gonçalo, que pelo Habito, & lugar donde sahira visivelmente, se lhe manifestou quem era. E eu torno a repetir, como dizia, que nesta acção, bem entendida, mostrou o nosso Santo, q para com as suas obras nam se portava como homem homem, senão como homem Deos.

292 Entre as causas segundas, como são os homens, & a causa primeira, que he Deos, ha tal differença cômummente no obrar, que das causas segundas, como fallão os Filosofos, dependem as obras sómente *in fieri*; mas da primeira causa dependem *in fieri*, & *in conservari*: das causas segundas dependê as cousas quanto á criação; mas da causa primeira não só dependem quanto à criação, senão também quanto à conservação. Quanto à criação, Deos, & o Pay geraó o Filho: quanto à conservação, Deos he só o que o conserva sem dependencia, nem concurso do Pay.

Da-

Daqui se entenderà aquelle modo notavel de fallar com que diz a Escritura, que Deos ao dia septimo descãçou de todas as obras que tinha feito: *Requievit die septimo ab universo opere, quod patrarat*: & logo acrecenta, q̄ todas as mesmas obras as tinha Deos criado, & feito para as fazer: *Ab omni opere suo, quod creavit Deus, ut faceret*. Pois se as tinha já feito, como as fez, & criou para as fazer? Porque a primeira vez fellas de novo pela criação, & depois de criadas, para que não deixassem de ser, sempre as havia de estar fazendo pela conservação. He o que respondeo, & declarou Christo, convencendo admiravelmente aos que o calumniavão de obrar ao sabbado: *Pater meus usque modo operatur, & ego operor*. Por ventura Deos no mesmo dia do sabbado em q̄ descãçou das suas obras, deixou de obrar? Não; porque se deixára de obrar cõservando-as, deixáraõ ellas

de ser. Pois assim como meu Pay obrou ao sabbado naõ servil, senão soberanamente, assim o faço eu. Isto he o que faz Deos cõservando as suas obras; & isto he o que fez S. Gonçalo sahindo por sy mesmo a conservar a sua. Conservou-a entãõ, & ha tantos centos de annos, que a cõserva, & a cõservarã sempre; porque nas suas obras não obra como homẽ homem, de quem dependem só *in fieri*, senãõ como homẽ Deos, de quem dependem *in fieri, & cõservari*.

293 Vamos a outras obras de Deos homem, & de S. Gonçalo. Foraõ os discipulos do Bautista pergutar em nome de seu Mestre a Christo, se era elle o verdadeiro Deos, & homẽ prometido pelos Profetas, & esperado do mundo: *Tu es qui venturus es, an alium expectamus?* E que respondeo o Senhor? Em presença dos mesmos discipulos deo olhos a cegos, ouvidos a surdos, lingua a mudos,

mãos

Matth.
11. 3.

Genes.
2.

bid. 3.

Joann.
5. 17.

Ibid. 4.

mãos a alejados, pès a mãcos, faude, & limpeza a leprofos, & vida a mortos. E esta foi a reposta com que os despedio, dizendo: *Euntes renuntiate Ioanni, quæ audistis, & vidistis*: Ide, dizizei a João o que ouvistes, & vistes. O mesmo respondendo eu a quem por ventura duvidar do que tenho dito, ou estranhar que se diga de S. Gonçalo, q̄ nam obrava como homem homem, senão como homem Deos. Ide, ide a Amaranthe, visitai no sagrado Mausoleo de S. Gonçalo as memorias immortaes de sua vida posthuma, & vereis o que me ouvis. Vereis, ou pintadas, ou de vulto, como trofeos das suas obras divinamente humanas, as muletas dos manços, os braços dos alejados, os olhos dos cegos, as orelhas dos surdos, as linguas dos mudos, as mortalhas dos mortos, ou moribundos: & porque os males interiores, & invisiveis são os que mais atormentaõ, & mataõ; tambem vereis os co-

raçoens dos tristes, dos afflictos, dos perseguidos, dos desesperados, que só na invocação do nome de S. Gonçalo acháraõ a consolação, o alivio, a respiração, o remedio.

294 Assim obra como immortal depois de morto o grande imitador de Deos homem. E porque o mesmo Senhor deixou dito, q̄ depois de subir ao Ceofariaõ seus fieis servos na terra não são semelhâtes obras às suas, senão maiores: *Opera quæ ego facio, faciet, & maiorâ faciet, quia ad Patrem vado*. Se attentamente considerarmos as circumstancias destes milagres, acharemos que os de S. Gonçalo comparados cõ os do mesmo Deos homẽ tem hoje no modo de os obrar grandes excessos de maioria. Grandes eraõ os concursos dos que em fé dos milagres que obrava, buscavão, & seguiaõ a Christo: *Sequebatur eum multitudo magna, quia videbant signa, quæ faciebat super his, qui infirmabantur*, diz

Joann.
1+12Joann.
6.2.

diz S. Joáo. E se pergun-
tarmos ao mesmo Evange-
lista a que numero chega-
ria a maior multidão de-
stes concursos ; não só com
o nome de maior, senão de
maxima, diz que chegáráo
a ser quasi cinco mil : *Cum
sublevasset oculos Iesus , &
vidisset quia multitudo ma-
xima venit ad eum : & logo
declarádo o numero : Dis-
cubuerunt ergo viri numero
quasi quinque millia.* Ah Sen-
hor, com quanto excessso
se prova no vossó fidelissi-
mo servo a verdade da-
quella grande promessa !
Quando na terra levanta-
stes os olhos para ver a
multidão dos que pela fa-
ma, & experiencia de vos-
sos milagres vos seguiáo, a
maior, & mais numerosa q
vistes, foi de cinco mil ho-
mens. Porém hoje se do
Ceo onde estais, abaterdes
os mesmos olhos divinos,
& os puzerdes em Amará-
te, vereis que pela fama , &
experiencias dos milagres
de S. Gonçalo, os que con-
correm neste seu dia a vi-
sitar suas sagradas reli-

quias, & encomendarse a
seu patrocínio, não são cin-
co mil, nem dez, né vinte,
senão trinta , & quarenta
mil. Vereis que a multidão
innumeravel de naturaes,
& estrangeiros não cabe
pelas estradas , que cobre
os montes, que inunda os
valles, & que não podendo
todos entrar, nem chegar
de perto, cercáo tumultuo-
samente a Igreja, veneran-
do, & adorando de longe
as paredes santas, que en-
cerraó tão benefico , & so-
berano deposito. E este he
outro excessso de maioría,
que tambem na compara-
ção de vós mesmo lhe pro-
metestes.

295 Para receberem a
faude, dizem os Evangeli-
stas, que a multidão dos q
concorriaó a Christo , to-
dos procuraváo tocar seu
sacratissimo corpo, do qual
sahia a virtude, que os sa-
rava : *Omnis turba quere-
bat eum tangere, quia virtus
de illo exhibat , & sanabat
omnes.* Cà tambem procu-
raó o mesmo ; mas porque
o aperto, & a multidão que

contenciosamente se impede, lho não permite, de longe venéram o Santo, de longe se encomendão a elle, & de longe, ou recebem logo os milagrosos effeitos de sua virtude, ou a levão consigo alegres a suas casas, como primicias, & penhores certos dos beneficios, que na occasião da necessidade nenhum duvida lhe hajão de faltar. Mas que muito he, que aquella venturosa Provincia, & as outras visinhas, & confidentes logrem a felicidade de tão continuos, & certos favores: se as remotissimas terras da Africa, da Asia, & desta America, onde apenas ha lugar, que não tenha levantado Templos, ou Altares a S. Gonçalo, só com a invocação de seu nome, como se nelle se tivera sacramentado, pelo effeito maravilhoso de suas graças de tão longe o experimentaõ, & tem presente. De Deos dizia o Profeta Isaias: *Invocabis, & Dominus exaudiet: clamabis, & dicet: Ecce adsum:*

Invocareis o Senhor, & elle vos ouvirá: chamalo heis, & elle dirá: Aqui estou. Aqui estou, diz Deos: & Aqui estou, diz S. Gonçalo, homem emfim no obrar como Deos: *Invocabis, & dicet: Ecce adsum.*

E porque algũa vez invocado S. Gonçalo, succederá que vos não conceda o que pedis, & pareça que vos nam ouve; sabei de certo, que vos enganais, & não quero por prova outro exemplo, senão o do mesmo Deos. Deos diz, que peçamos, & que receberemos: *Petite, & accipietis:* & com tudo mostra a experiencia, que muitas vezes pedimos, & não recebemos. Não ha tal, accorde S. Agostinho. Que nam recebemos o que pedimos, he verdade: mas que não recebemos, he falso: porq se nam recebemos o que pedimos, & queremos; recebemos o que deveramos pedir, & querer. *Negar Dominus quod volumus, ut tribuat quod malleamus.* Assim faz tambem algumas vezes

Joann.
16.24.

August.
Epiſt.
43. ad
Paulin.

vezes S. Gonçalo, & não fora Santo, nem amigo, se assim o não fizera. Taõ milagroso he quando faz por vós o milagre, porque vos está bem, como quando cessa de o fazer, & o suspende, porque vos estaria mal. Vede-o no mesmo Santo. Já deixamos dito como para a fabrica da sua Ponte abriu duas fontes nas pedras, húa de agua, outra de vinho: mas a de agua ainda hoje corre, & persevera, & faz milagres: a de vinho secouse totalmente. E porque se secou? Porque maiores naufragios podia padecer aquelle Povo nesta fonte, do que dantes padecia no mesmo Rio. O primeiro que espremeo as uvas, & inventou o vinho, foi Noè: & sendo Noè aquelle grande Piloto, que na maior tempestade do mundo soube governar a primeira náu, & levou nella a salvamento o mesmo mundo: gostando depois o mesmo licor, que inventára, areou de tal maneira, que não só perdeu a mode-

stia, senão tambem o juizo. Vede o que succedia ao Povo de Amarante, se perseverasse a fonte do vinho? Por isso o Santo ainda no tempo da sua obra, como notaõ os Historiadores, abria, & fechava a mesma fonte tres vezes no dia: a primeira vez a horas de almoço; a segunda a horas de jantar, & a terceira a horas de cea: & nestes tres tempos que succedia? Tanto que os officiaes, & trabalhadores recebiaõ cada hum por medida a sua reção, a pedra se fechava outra vez, & a fonte não corria. Taõ provido, & vigilante era S. Gonçalo em que os seus milagres fossem para proveito, & não para dano daquelles por quem os fazia. E esta he a regra por onde haveis de conhecer os milagres, & beneficios do nosso Santo, taõ agradecidos quando vos negar o que lhe pedirdes, como quando volo conceder, pois vindo por sua mão húa, ou outra cousa, sempre he para vossõ bé.

296 Até aqui tenho fallado em tudo com os Authores da vida, & milagres de S. Gonçalo. Por fim quero acabar cõ hum caso, de que eu mesmo fui testemunha. Havia em Lisboa hum devoto, & côfrade do mesmo Santo, o qual todos os annos concorria para a sua festa com vinte & cinco cruzados. Hum anno porèm em que os Officiaes eleitos eraõ ricos, sendo tambem rica a Confraria, entrou elle em pensamento, que seria maior serviço de Deos depender aquelle dinheiro com os pobres. Assim o resolveo comsigo sem o comunicar a outra pessoa: fenaõ quando no mesmo ponto lhe sobreveyo hũa dor interior, que de nenhum modo podia sopor- tar; & chamados à pressa os Medicos, resolvêraõ que logo logo tomasse os Sacramentos, porque infallivelmente morria. Que faria pois com esta iúbita sentença, quem hum momento antes estava sam, &

com todas as suas forças? Cuidando em seus peccados, lembroulhe o novo proposito que tinha feito, & arrependendose daquelle que tivera por melhor obra, pediu perdaõ ao Santo, ratificando com voto, que não faltaria já mais à sua antiga devação, se escapasse daquelle accidente com vida. Não eraõ acabadas estas palavras, quando com segundo repente cessou totalmente a dor, & passado o moribundo das portas da morte à inteira faude, achandose tão sam como dantes; foi por seu pè dar as graças ao Santo, que tão áspero, & tão benigno tinha experimentado em dous momentos. Mas quem haverà, que se não admire do novo estylo praticado neste caso contra a ley geral da esmola, & contra a preferencia, & privilegio dos pobres tantas vezes publicado, & prègado por boca do mesmo Deos? Quando concorrem Christo, & os pobres para a esmola, day-a,
diz

Matth.
25. 40.

diz Christo , aos pobres, porque dando-a a elles, mais a mim: *Quod uni ex his minimis fecistis, mihi fecistis.* Pois se neste caso concorre S. Gonçalo com os pobres, como ameaça o mesmo Christo de morte a quem quer dar a esmola aos pobres, & não offerta-la a S. Gonçalo? Basta que iguala Christo os pobres a sy mesmo, & quer que S. Gonçalo seja preferido aos pobres? Basta que antes quer Christo que seja festejado S. Gonçalo com maiores aparatos, & maiores despesas, que os pobres mais socorridos? Basta que sendo os pobres substitutos de Christo, não quer o mesmo Christo, q̄ o sejaõ de S. Gonçalo? Pois assim he , seja tambem o mesmo Christo seu Prêgador, & acabe o seu panegyrico, que eu emudecido confesso, que o não sei louvar. E este he o excesso de favor, & lugar a que S. Gonçalo subio na sua quinta vigia, em q̄ vive, & reyna immortal no trono da gloria. Tom. 7.

S. VIII.

297

Tenho acabado, ou deixando sem o acabar, o meu discurso. Mas se os Sermoens de S. Gonçalo todos eraõ encaminhados à doutrina dos ouvintes, & não he licito faltar à imitação do Santo no seu proprio dia; que doutrina posso eu tirar deste Sermaõ, que seja acomodada aos que me ouvem? Heyde exhortalos a q̄ sejaõ bons Pastores, como S. Gonçalo? Isso pertence aos Ecclesiasticos. Heyde exhortalos a que vão em peregrinação do Brasil a Jerusalem? Assaz peregrinos são os que taõ longe se desterráraõ da patria. Heyde exhortalos a que fação milagres? Basta que sejamos Santos sem aspirar à canonicização. Que doutrina ferà bem logo a que tiremos da vida, & obras de S. Gonçalo? A primeira que me occurria muito util, & muito necessaria, he, que o

X iij imi-

imitassemos em fazer pões. Coufa he digna de grande admiração, & que mal se poderà crer no mundo, que havendo cento & noventa annos, que dominamos, & povoamos esta terra, & havendo nella tantos rios, & passos de difficultosa passagem, nunca ouvesse industria para fazer húa ponte. Que rio, ou que regato ha na Europa sem nome, & que lugar de quatro visinhos, que nas pontes não seja magnifico? Sò por ellas se conserva em Hespanha a memoria de que os Romanos a domináraõ. Porque Anco Marcio fez a Ponte Sublicia, da Ponte, & de a fazer lhe formou Roma a dignidade de Pontifice, cujo nome, antes ainda de a mesma Roma ser Christãa, se unio ao Sũmo Pontificado. Tanto honra este genero de fabricas a seus Authores. Pois por certo, que nem por pobre, nem por avaréta padece a nossa Republica esta falta. Eu a attribuo à inercia natural

do clima, porq̃ não creyo, como cuida o vulgo, que os que lhe administraõ o Erario, mais o querem para o Papado, que para o Pontificado.

298 Mas porque o defcuido que estranha esta advertencia pertence a poucos; seja doutrina, & exemplo geral para todos, q̃ ao menos procuremos acabar por onde S. Gonçalo começou. S. Gonçalo, como vimos, sendo minino, foi homem: nõs sendo na idade homens, na vida, & nos costumes somos mininos. Melhor o disse Seneca do que se pòde traduzir na nossa lingua: *Adhuc non solum pueritia in nobis, sed quod est gravius, puerilitas remanet: & hoc quidem peius est, quòd auctoritatem habemus senum, vitia puero- rum, nec puero- rum tantum, sed infantium.* Temos a auctoridade de velhos, & os vicios de mininos; & o peor he, que não só se vê em nõs a mininisse, que he defeito da idade, senaõ as mininisses, que o saõ do juizo:

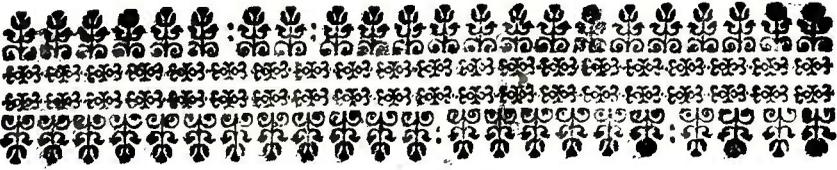
juizo : *Non solùm pueritia in nobis , sed puerilitas remanet.* A primeira cousa que fez S. Gonçalo, foi pôr os olhos em hum Christo crucificado, & estender os bracinhos para se abraçar com elle: & isto he o que moços, & velhos guardaõ para o fim da vida. Entãõ vem o crucifixo, entãõ se abraçaõ com suas Chagas, & como he por força, & a mais não poder, muita graça de Deos he necessaria para que seja de coraçãõ. Quem quer começar bem, & acabar bem, ha de começar pelo fim, & acabar pelo principio. Desde o principio do mundo ensinou Deos ao homem esta importantissima maxima nas primeiras palavras da Escritura: *In principio creavit Deus Cælum, & terram:* onde nota S. Joã Chrystomo, que Deos na obra da criaçaõ começou pelo Ceo, & acabou pela terra: por isso não diz o Texto: *Creavit terram, & Cælum,* senãõ *Cælum, & terrã.* Mas criar primeiro o Ceo, &

depois a terra, parece que he começar o edificio pelas abobodas, & acabar pelo alicesses. Quanto mais, que sendo a terra, & o Ceo criados para o homem, assim como o fim do homẽ he o Ceo, & o principio a terra, assim parece que devia começar pela terra, & acabar pelo Ceo. Antes não, & por isso mesmo. Porque o homem tem o seu principio na terra, & o seu fim no Ceo, por isso lhe propoem Deos primeiro o Ceo, & depois a terra; porque se quer começar bem, & acabar bem, ha de começar pelo fim, & acabar pelo principio. Assim começou, & assim acabou S. Gonçalo. E sendo a sua vida, & morte hũa perpetua imitaçaõ de Christo; foi cousa maravilhosa, que assim como nascido tomou por exemplar a Christo morto na Cruz, assim morrendo imitou ao mesmo Christo nascido no Presépio. Morreo em fim S. Gõçalo, entregando a Alma nas mãos da Rainha dos

Anjos, de que foi devotíssimo, & se achou presente a seu felicíssimo transito; & tanto que espirou, se ouviu no ar hũa voz, que dizia, Ide todos ao enterro do Santo. Concorrêraõ todos, & o leito em que acháraõ defunto o sagrado corpo, foi deitado no chaõ sobre hũas palhas. Assim acabou na morte imitando a Christo nascido no Presépio, quem assim desde seu nascimento tinha imitado a Christo morto na Cruz. Oh ditoso nascer, & ditoso

morrer! ô ditoso começar, & ditosíssimo acabar! Este foi o ultimo exemplo, que S. Gonçalo deixou ao mûdo, & com que deixou o mûdo, que todos tambem havemos de deixar. E pois o não imítamos no nascimento, ao menos comece-mos desde este dia seu ao imitar na morte, trazendo sempre diante dos olhos o fim da vida, para que por seus merecimentos; & intercessãõ consigamos a vida sem fim. Amen.





S E R M A M

DA

D O M I N G A

VIGESIMA SEGUNDA POST PENTECOSTEN,

Na occasião em que o Estado do Maranhão se repartio em dous Governos, & estes se deraó a PESSOAS PARTICULARES moradores da mesma terra.

Cujus est imago hæc, & superscriptio? Dicunt ei: Cesaris. Matth. 22.

§. I.



300 **N**ão ha terra mais difficultosa de governar, q a patria: nê ha mândo mais mal soffrido, nem mais mal obediçido, que o dos iguaes. Vivendo os Hebreos governados por Deos, o qual

no Propiciatorio respôdia a todas suas consultas, & ordenava em voz clara o que se havia de fazer, ou não fazer; foraó elles tão mal aconselhados, q quizeraó ser governados por homens, como as outras naçoens: & sendo tão soberbos, que desprezavaó a todas em tudo o mais, neste

ste ponto, que era a sua maior prerogativa, pedirão ser semelhantes a ellas: *Constitue nobis Regem, sicut & univ[er]sa habent nationes.* Os primeiros Governadores pois, que Deos lhes concedeo com poder, & soberania real, foram Saul & David: Saul que andava buscando as jumetas, que se perdérao a seu Pay, & David que andava guardando as ovelhas do feu. Não fez Deos differença das qualidades, porque todos erao filhos de Abraham: nem a fez tambem dos officios, porque todos naquelle tempo viviaõ de suas lavouras, & dos seus pastos. Sõ teve attenção às pessoas, & aos talentos; porque assim Saul como David debaixo do feu sayal eraõ homens de taõ grandes espiritos, como logo mostráraõ as suas obras. Mas quaes foraõ os applausos com que foi recebida naquella Republica depois de taõ apertadas instancias a eleição destes dous governos? A terra era

a patria, & os eleitos eraõ iguaes (como dizia) & não bastou que hum fosse Saul, & outro David, para serem bem aceitos. Alegáraõse os parentes, murmuráraõ os estranhos, & os demais (que eraõ quasi todos) ficáraõ descontentes. Não digo o que disse-raõ, porque as cousas nam eraõ para dizer, nem saõ para ouvir: sõ digo que estamos no mesmo caso. Temos repartido este nosso Eitado em dous governos iguaes, & debaixo de duas cabeças, ambas naturaes da mesma terra, sem fer a de Promissaõ: & assim da parte das cabeças, como dos membros, assim da parte dos novos Governadores, como dos subditos, se podem recear, como já se temem, não pequenos incõvenientes. O recurso està longe, o remedio não pòde chegar, sennão tarde; entretanto sõ vos peço, que tomeisõ melhor conselho. A obrigação dos Prègadores, a quem a Escritura chama Anjos da paz, he serem

1 Reg.
8.5.

301

ferem Ministros da uniaõ, & concordia : & porque esta devemos desejar todos, como bons Christãos, como bons republicos, & como bons vassallos; para eu satisfazer à minha obrigação, não me occorre outro meyo mais efficaz, que declarar a huns, & a outros as suas. O meu intento será este, o Evangelho a guia, a intercessora para a graça a Virgem Senhora nossa. Peçamola com aquella attenção que requiere tão importante materia. *Ave Maria.*

S. II.

302 **P**ergütado Christo Senhor nosso como Mestre da Ley, se era licito aos Hebreos pagar tributo ao Cesar Emperador dos Romanos, respondeo, que lhe mostrassem primeiro a moeda do tributo: *Ostendite mihi numisma census.* E como na moeda estivesse estampada hũa figura com certas letras em roda; perguntou mais o

Senhor, Cujá era aquella imagem, & cujo o nome escrito nas letras: *Cujus est imago hæc, & superscriptio?* Respondéaõ, que a imagem, & o nome era do mesmo Cesar: *Dicunt ei: Cesaris.* Isto he o que contém as palavras que propuz. O resto do Evangelho ficará para outra occasião, & tambem a moeda. Eu não quero para hoje mais que a imagem do Cesar; porque com as imagens dos Cesares hey de fallar.

303 *Cujus est imago hæc?* Todos os que governaõ são imagens de seus Principes: porque os representaõ na pessoa, & no exercicio dos poderes. Começou este nome, ou titulo de imagem no primeiro governo do mundo, dado não menos que por Deos ao primeiro homem, & nam nas provisõens do officio, senão antes da creação delles, & do mesmo que o havia de exercitar. *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram, & præsit:* Façamos o homem

Ibid. 20]

Genes. 1. 26.

(disse

Matth. 22. 19.

(disse Deos) à nossa imagem, & semelhança , para que tenha a presidencia, & governo do mundo. Sobre estas palavras he grave questaõ entre os Theologos, em que consista no homem o ser imagé de Deos? Os Hereges Audeános differaõ, que consistia na fôrma, & estatura do corpo. E tambem he heresia politica a de alguns Principes, os quaes tanto se deixaõ levar dessas apparencias exteriores , que por ellas fazem a eleiçaõ das suas imagens. Taõ pouco importa para o governo da Republica a estatura, ou gentileza dos corpos, (diz Seneca) como para o governo da não ser o Piloto fermoso. Resolvem pois todos os Santos, & Doutores Catholicos , que a razaõ da imagem de Deos no homem consiste na Alma adornada de tres potências, em que representa ao mesmo Deos trino, & hum. Porém S. Basilio & S. Joaõ Chrysofostomo acrescentaõ, que a Adam particularmê-

te deo Deos o titulo de imagem sua , porque lhe encarregou o governo do mundo , & que ajuntou à imagem a semelhança, *ad imaginem, & similitudinem*: para que no mesmo governo se lembrasse Adam, que se devia fazer semelhante quanto fosse possível ao supremo Senhor a quem representava: *Imaginem dixit ob principatus rationem, similitudinem, ut pro viribus humanis similes fiamus Deo.*

304 Oh quantos, & quã excellentes documentos deixou Deos naquella primeira acção aos Principes de como deviaõ fazer , & eleger as suas imagés! Todas as outras criaturas mãdou-as Deos fazer, ou mãdou que se fizessem: o homem, que o havia de representar como sua imagem, & a quem havia de entregar o governo do seu mundo, fello cõ consulta, & cõselho, & não de homens, que ainda não havia, nem de Anjos, que já eraõ criados, mas das tres PESSOAS divinas: *Faciamus hominẽ*

ad imaginem, & similitudinem nostram: & para que? Et præsit piscibus maris, & volatilibus Cæli, & bestijs, univèrseque terræ: para que governe os peixes do mar, as aves do ar, & os animaes da terra. E se para a eleição de quem ha de governar brutos, se requiere tanto aparato, & prevenção de consultas, & conselhos na sabedoria do mesmo Deos; que serà para eleger hum homem, que ha de governar homens? O caracter de imagem sua pollo Deos por ventura na Alma do homem, porque se não ha de entregar o governo a homens sem Alma? Sim; mas não só por isso. Não basta que o que ouver de governar seja homem com Alma, mas he necessario, que seja Alma có homem. Setiver Alma, & boa Alma, não quererà fazer mal: mas se juntamente não tiver actividade, & resolução, & talento de homem, não farà cousa boa. Deolhe Deos memoria, entendimento, & vontade: a me-

moria, para que se lembre da sua obrigação; o entendimento, para que saiba o que ha de mandar; & a vontade, para querer o que for melhor: & não homens de húa só potencia (que por isso fazem impotencias) & faltandolhe a memoria, & o entendimêto, só tem mà vontade. Com todas estas qualidades formou Deos, & aperfeçoou a imagem, que no governo do mundo havia de representar a Magestade divina: bem assim como representaõ as Magestades humanas os que em seu lugar, & com seus poderes governaõ estas, ou outras pequenas partes do mesmo mundo. A imagem do Cesar não só estava estampada na moeda, senão tambem, & muito mais em quem governava a Republica. Na moeda era imagem morta, em quẽ governava, imagem viva: na moeda davalhe o cunho o valor, em quem governava davaõlhe as provisões o poder. E se de qualquer dellas se perguntasse:

talle: *Cujus est imago hæc*; Cuja he esta imagem? De ambas se havia de responder em differente sentido, mas com a mesma verdade, que era imagem do Cesar: *Dicunt ei: Cesaris.*

305 Supposta esta significação nascida com o mundo, & cõ a mesma natureza, de que são imagens dos Principes os que governaõ em seu nome, & os representaõ; se eu prégara em outra parte, havia de repartir o Sermão em tres pontos. Primeiro, como haõ os Cesares de fazer as suas imagens: segundo, como haõ as imagens de representar os Cesares: terceiro, como os subditos, & vassallos dos Cesares haõ de reverenciar, & obedecer às mesmas imagens. Mas porque o primeiro ponto não pertence a esta terra, nem a este Auditorio; tratarei sõmente do segundo, & do terceiro, que são taõ proprios do lugar, como necessarios ao tempo.

§. III.

306 **C**omeçãdo pois pela obrigação das imagẽs, assim como he grande dignidade haver de representar hum Principe supremo nos olhos do mundo, (ou seja maior, ou menor o theatro) assim he mui difficultoso, & arriscado o acerto dessa grande representaçã. Facil no que toca ao poder, mas no mandar, & obrar, muito difficultosa, & de poucos. Isso quiz significar o Proverbio dos antigos, quando disseraõ, que a imagem de Mercurio não se faz de qualquer madeiro: *Non ex quolibet ligno fit Mercurius.* E porque mais a imagem de Mercurio, que a de Jupiter, q̃ era entre os Deusesa primeira, & mais alta soberania? Porque Jupiter era Deos do poder, Mercurio da sabedoria, & prudencia: & a magestade do poder qualquer a pòde representar facilmente, as acçoens porẽm da sabedoria,

ria, & prudencia são mui poucos os que sejaõ capazes de as compor, & exercitar, como ellas requerê. Mais facil he parecer Jupiter, que Mercurio. Quando S. Paulo, & S. Barnabè entráráõ em Licaonia, admirados aquelles Gentios do que viaõ em ambos, differaõ, que os Deoses em femelhança de homens tinhaõ decido do Ceo à sua Cidade: & a Barnabè chamavaõ Jupiter, & a Paulo Mercurio: *Vocabant Barnabam Iovem, Paulum verò Mercurium.* Mas se Paulo por tantas, & taõ excellentes prerogativas era maior que Barnabè, porque deiraõ a Barnabè, & naõ a Paulo o nome de Jupiter, & a Paulo, & naõ a Barnabè o de Mercurio? Porque Barnabè excedia na estatura, & magestade da pessoa, Paulo na eloquencia, na sabedoria, & na doutrina: *Quoniam ipse erat dux verbr:* & a representaçõ da sabedoria requiere muito maior cabedal, & muito maior homê, q̃a da magestade.

307 Subamos das deidades fabulosas à verdadeira, & ella nos darà a razão desta differença. O Verbo eterno como Filho natural de Deos Padre, he imagem perfeitissima do mesmo Deos. E porque no ser divino atè os Gentios consideravaõ duas eminências superlativas, húa da summa bondade, & outra da summa grandeza, por onde chamavão a Deos Optimo Maximo: declarando Salamão no livro da Sabedoria a summa perfeição com que no Verbo se representão húa, & outra, diz que he espelho sem macula da Magestade de Deos, & imagem de sua bondade: *Speculum sine macula Dei maiestatis, & imago bonitatis illius.* O que aqui só reparo, he, que húa, & a mesma representaçõ em quanto he da magestade, se chama espelho: *Speculum maiestatis;* & em quanto he da bondade, se chamã imagem; *imago bonitatis illius.* E a razão desta differença, deixando

Sapientia
7.26.

por

por agora a Theologica, & buscando sómente a Moral, qual he, ou pòde fer? He a mesma que exprimê-tamos na facilidade das imagens, que vemos no espelho, & na difficuldade das que se mostraõ, & representão em sy mesmas. As imagens que se representão em sy mesmas, ou são de pintura, ou de escultura. As de pintura fazê-se com muitos debuxos, muitas cores, muitas sombras, muitos claros, muitos escuros: as da escultura có muito bater, muito cavar, muito polir, muitos cheyos, muitos vazios: & humas, & outras có muita arte, muita applicação, muito trabalho. Pelo contrario as imagens, que se representão no espelho, ellas se pintão sem tinta, & se entalhão sem ferro, & apparecem perfeitas em hum momento sem mais trabalho, ou artificio que hũa reflexão natural. Pois por isso as da magestade se representão no espelho, porque a magestade, & o po-

der, & a ostentação, & execução delle he muito facil: porèm as da bondade, que são as do bem mandar, & bem obrar, & bem fazer a todos, representão se nas outras imagens, ou pintadas, ou esculpidas, porque estas são muito difficul-tosas, & trabalhosas, & que requerem muita arte, muita sabedoria, muita proporção, muita regra. As imagens de escultura fazê-se tirando, as de pintura, pondo: para este tirar, he necessario muito desinteresse: para este pór, & acrescentar, muita igualdade: & para hũa cousa, & outra, muita prudencia, muita justiça, muita inteireza, muita constancia, & outras grandes virtudes, q̄ mais facilmente faltaõ todas, do que se achão juntas.

308 Nas duas imagẽs de Jupiter & Mercurio, q̄ se attribuiraõ aos dous Apostolos, temos o exemplo de tudo. A imagem de Jupiter pintavase com hum rayo na mão, a de Mercurio com hum baculo entre duas

duas serpentes. E aqui se via bem quam facil he húa representação, & quam difficullosa outra. Fulminar rayos, estremecer o mundo com trovoens, escalar torres, derrubar casas, matar homens, fender de alto a baixo cedros, ciprestes, enzinhas, & todas as outras violencias, & danos, que causão os rayos, tudo he muito facil ao poder, em quem abusar d'elle. Porém meter o bastão entre serpentes discordes, & venenosas, & fazer que não se mordão, nem se espedacé: domar ferezas, amansar rebeldias, & reduzir a que vivão conforme a razão os que por natureza, & costume não tem uso della; esta he a difficuldade grande em toda a parte, & na terra em que estamos, maior que em nenhúa outra. Menos ha de cincoenta annos, que nesta terra se não conhecia o nome de Rey, nem se tinha ouvido o de Ley: & que difficuldade será fazer obedecer, & guardar nella as Leys dos Reys? Desde

Tom. 7.

o mesmo tempo se sustentão os que a conquistárão não dos pastos de animaes domesticos, senão da caça, & montaria de homês: & que difficuldade será ainda maior manter em paz, & justiça os que só se mantem da guerra injusta? Esta he pois a primeira difficuldade geral deste governo; mas esta a obrigação, & officio dos que nelle representão a imagem do Cesar.

§. IV.

309. **A** Segunda difficuldade, que mais ainda impede, & quasi impossibilita a boa representação destas imagens, he, que as imagens, & o Cesar estão muito distãtes. Quando respondêrão a Christo, que aquella imagem era do Cesar, o Cesar estava em Roma, & a imagem em Jerusaleem. Que será onde o Cesar, & o Rey está na Europa, & as imagens na America? O Rey em hum mundo, & os que

Y ore,

o representão em outro? Até Deos se temeo destes longes: não porque não esteja em toda a parte, & veja tudo, mas porque vê sem ser visto. Assim o mandou notificar ao mundo pelo Profeta Jeremias: *Putas ne Deus e vicino ego sum, & non Deus de longe?* Cuidais que eu sou Deos só de perto, & não de longe? Enganaif-vos; porque ainda que no Ceo tenho a minha Corte, tanto assisto na terra, como no Ceo: *Celum & terram ego impleo.* Ouve com tudo homens tão ignorantes, que interpretando mal o verso de David: *Celum cali Domino, terram autem dedit filijs hominum:* cuidárao que porq̃ Deos puzera a sua Corte no Ceo, demittira de sy o dominio da terra, & o dera aos homens. Não creyo q̃ os que governão as Conquistas cuidão o mesmo, mas he certo, que muitos as dominão tão despoticamente, como se o cuidá-rão. Tão senhores se fazem dellas, como se ellas, & el-

les não tiverão outro senhor. Tanto atrevimento lhe dà estar o Principe longe, o recurso longe, o remedio longe, & até a verdade não só escurecida, mas opprimida dos mesmos longes. A Rainha Sabà chamava bemaventurados os que serviaó a El-Rey Salamão em sua presença. E desta bemaventurança se privão em tempo de tão bons, & tão justos Reys como os nossos, os que por serviço feu, & de Deos, se expoem não só às inclemencias dos climas, que he muito menos, mas às furias dos longes: & a ver, & chorar de perto as perdas temporaes, & eternas, de que elles são causa.

310 Diz a parabola do Evangelho, que partio hú Rey para muito longe a conquistar hú novo Reyno, & entre tanto deixou encomendada a sua fazenda a tres criados, para que negociassem com ella. Destes tres criados hum naó negociou, mas não roubou, & os dous derão tão boa

Jerem.
23.23.

Ibid.24.

Psal. m.
213.16.

boa conta da sua negocia-
ção, que dobrarão o cabe-
dal do Rey, & merecerão
delle grandes merces. Di-
toso tempo, em que de tres
criados de que fez confi-
ança hum Rey, servindo
não à sua vista, senão mui-
to longe d'elle, os dous lhe
acrecentarão a fazêda em
dobro, & o menos diligen-
te, posto que a não acre-
centou, nem hum se til
furtou della. Acharseha
hoje hum par, & meyo de
criados semelhantes a es-
tes? Nem em tres, nem em
trinta, nem em trezentos.
E qual he a razão? O me-
smo Texto a deo narrativa-
mente em bem clara prova
do que imos dizendo. Diz
o Texto, que foi o Rey
muito longe do seu Reyno
a conquistar outro, mas
para tornar outra vez:

Luc 19.
12. *Abijt in Regionem longin-
quam accipere sibi Regnum,
& reverti. Quando os Reys
vão do seu Reyno às Con-
quistas, & das Conquistas
tornão ao Reyno: ainda
que as Conquistas estejaõ
muito longe, aquelles lon-*

ges tem depois os seus per-
tos; & por isso os criados
na ausencia servem cõ tal
respeito, ou tal medo, que
na presença dão boa conta
de sy. Porém quando os
Reys não vão às Conqui-
stas, ou ellas são tão remo-
tas, que não podem là ir;
como os longes sempre são
longes; quam longe est à o
Rey dos criados, tão longe
se poem elles das suas obri-
gaçoens. Quando o Rey
vai do Reyno às Conqui-
stas, & das Conquistas tor-
na ao Reyno, he Rey do
Reyno, & mais das Con-
quistas: mas quando o Rey
fica no Reyno, & às Con-
quistas manda só os cria-
dos, os criados são os Reys
das Conquistas, & não o
Rey. O Rey fallos suas
imagens, & elles fazemse
Reys.

311 E quem lhe dà
estes azos, ou estas azas, se-
não aquellas que os levão,
& poem tão longe? De
Roma a Jerusalem ainda
tinhaõ algum vigor os res-
peitos do César: *Si hunc* Joann.
dimittis, non es amicus Cæ- 19. 12.

Y ij *saris,*

metem estas sombras de baixo dos pés do Principe, senão também dos de seus Ministros. Mas quando chegão àquellas Indias, onde nasce o Sol, ou a estas, onde se poem, crecem tanto as mesmas sombras, que excedem muito a medida dos mesmos Reys, de que são imagens.

He cousa muito notavel, & que por ventura não tendes advertido, quanto excedeo a medida de Nabucodonosor a grandeza daquella imagem, que elle mandou fazer depois que vio em sonhos a da sua Estatua. Diz a Historia sagrada, que tinha de altura, ou cõprimento sessenta covados: *Nabuchodonosor Rex fecit statuam auream altitudine cubitorum sexaginta*. Agora pergunto: E quanto vinha a ser maior a grandeza desta imagem, que a estatura do mesmo Rey, a quem representava? Segundo as regras de Vitruvio, & a symetria, & proporçoens de hum corpo humano, o dedo menor

da mão, a que vulgarmente chamamos meminho, contém a decima oitava parte do mesmo corpo. E que se segue daqui? Cousa verdadeiramente não sei se mais para admirar, se para rir. Segue-se que todo Nabucodonosor cabia dentro do dedo meminho da sua imagem. Já não he grande a insolencia de Roboam em dizer, que era mais grosso o seu dedo meminho, que El Rey Salomão seu Pay pela cintura. Mas qual será a daquelles vassallos, que sendo sômente imagens dos seus Reys, se fazem tanto maiores q' elles cã onde o Sol se poe, ou là onde o Sol nasce, quanto he o excessõ immenso com que a sombra se estende, sem outra medida, sem outra proporção, nem outro limite mais que o que no mar, ou na terra fecha os horizontes. A imagem de Nabuco era de ouro, as suas são de sombra: mas como as artes que vê, ou vão exercitar, são as da solida, & verdadeira alchimia,

mia, elles sabem converter essa sombra em ouro, & fazer-se melhor adorar que o mesmo Nabuco. A imagem de Nabuco para os seus adoradores não tinha premios, & para os que não adoravaõ tinha fornallhas. Lá, & cá não he assim. Os que adoraõ, & os que não adoraõ, todos ardem: porque todos por diversos modos ficão abrazados, & consumidos.

313 Ainda resta a maior dor, & o maior escandalo. E qual he? He que quando estas imagens tornaõ para donde vieraõ, saõ taes as bullas de canonizaçãõ, que levãõ consigo, que merecem ser collocadas sobre os Altares. Oh quem lhe puzera tambem diante as insignias dos seus milagres! Vede que Xavieres da India, & que Anchietas do Brasil! É o peor he, que se algum os não imitou, nem teve imitadores; esse he recebido sem applauso, & está sepultado sem culto. Mas não deixemos em silencio os milá-

gres dos applaudidos. Nestes famosos Santuarios da Europa, onde se veneraõ imagens milagrosas, alli se vem penduradas as mortallas, as muletas, as cadeas, as amarras, os pès, os braços, os olhos, as linguas, os coraçõens dos que protestaõ naquelles votos deverlhe miraculosamente todos estes beneficios. Deixadas pois as outras terras mais remotas, que tambem pôdem testemunhar neste caso; vòs que me ouvis, que direis da vossa? Que milagres visteis nos já mortos? (que não fallo, nem quero que falleis nos vivos.) É quaes feriãõ as merecidas insignias, ou trofeos dos mesmos milagres, com que a verdade sem lisonja, & a memoria ainda com horror, lhe adornaria as sepulturas? Tambem alli se veriaõ mortallas, não de poucos que resuscitassẽ, mas de infinitos, & sem numero, a quem tirãraõ a vida. Tambem se veriaõ cadeas, não dos que libertá-

rao do cativeiro, mas das naçoens, & povos inteiros, que sendo livres, fizerao cativos. Tambem se veriaõ amarras, naõ dos navios, que salváraõ, mas dos que fizeraõ naufragar, & perder, sendo elles no mar, & na terra a maior tormẽta. Tambem se veriaõ mulctas, naõ dos estropeados que sãrassẽ, mas dos que sendo ricos, & abastados, os deixáraõ mendigando por portas, & sem remedio. Tambem se veriaõ braços, & pès dos que sendo poderosos, só porque o eraõ, os enfraqueceo, derubou, & oprimio o seu injusto poder sem mais razao que a violencia Tambem se veriaõ finalmente os olhos, que fizeraõ cegar com lagrimas: & os coraçoens que afogáraõ em tristezas, em lastimas, & desesperaçoens: & as linguas que emudecéraõ sem poderem fallar, nem dar hum ay, por lhe naõ ser licito clamar à terra, né ainda gemer ao Ceo. Estes, & outros saõ os milagres da-

quellas canonizadas imagens, que chegando aqui despidas, & tolcas, tornãraõ estofadas de borcado, & ouro: & pintadas cõ as falsas cores com que enganáraõ a fama, por ella saõ recebidas em andores, & frequentadas com romarias.

§. VI.

314 **A** Tègora tenho representado aos nossos novos Governadores, & naturaes o que naõ devem imitar nos estranhos. Nem creyo lhe ferà difficultosa a abominação de taõ perniciosos exemplos, naõ só como experimentados em todos, mas tambem como feridos, & magoados. Saibaõ porẽm que nelles como naturaes concorre outra terceira difficultade, que nos estranhos naõ tem lugar. Porque? Porque ainda que huns, & outros saõ imagens, elles saõ imagens com as raizes na terra. As imagens naõ só saõ obras dos Estatuarios, & Pintores,

res, senão também dos Jardineiros. Hũa das cousas mais curiosas, que se vê nos jardins, onde as terras se cultivão mais primorosamente que nesta nossa, são varias figuras de murta, ou de outras plâtas formadas com tal artificio, proporção, & viveza de membros, que tirada a cor verde, em tudo o mais se não distinguem do natural que representa. Mas esta mesma representação he muito difficultosa de conservar. As outras imagens, ou sejaõ fundidas em metal, ou esculpidas em pedra, ou entalhadas em madeira, ou pintadas nos quadros, ou tecidas nos tapizes, sem mais diligencia, nem cuidado, sempre cõservão, & representaõ a figura, que lhe deo o artifice. Porém as que são formadas de plantas, como tem as raizes na terra, donde recebem o humor, crescendo naturalmente os ramos, facilmente se descõpoem, & se fazem monstros. Isto mesmo succede, ou pôde su-

ceder aos que tem o governo da sua propria patria, & não por outra razão, ou fundamento, senão porque tem as raizes na terra. Alli tem os parêtes, alli os amigos, alli os inimigos, alli os interesses da fazenda, da familia, da pessoa: & qualquer destes humores, ou respeitos, & muito mais todos juntos pòdem descõpor de tal sorte a imagem, & representação de quem governa, que nem apparecia lhe fique do que deve ser, & em tudo obre, & seja o cõtrario do que he obrigado. Se o humor das raizes lhe brotar pelos olhos, não poderà ver as cousas, nem ainda olhar para ellas sem paixão, que he a que troca as cores às mesmas cousas, & faz que se vejaõ hũas por outras. Se lhe tomar, & occupar os ouvidos, não ouvirà as informações com a cautela cõ que as deve examinar, ou ficarà tão surdo, que as não ouça, ainda que sejaõ clamores. Se lhe rebentar pela boca, mandarà o que de-

pinheiro? He reposta muito digna de ponderação. A proposta das arvores foi a mesma: *Veni, & impera super nos: & elle respondeo não só como Espinheiro, senão como espinhado: Si verè me Regem vobis constitutis, venite, & sub umbra mea requiescite: si autem non vultis, egredietur ignis de rhamno, & devoret cedros Libani: Se verdadeiramente me dais o imperio, vinde todas deitarvos a meus pés, & porvos à minha sombra: & se ouver algũa que repugne, sahirà tal fogo do Espinheiro, q abraze os mais altos cedros do Libano. Não sei se repaírais na differença. As arvores, que lhe offerecerão o governo, disserão-lhe, *Veni: & elle disselhes, Venite. Não sou eu o que hei de deixar as minhas raizes, senão vòs as vossas. Em conclusão, que quem ha de governar bê, deixa as suas raizes; & quem governa mal, arranca as dos subditos, & sò trata de conservar as suas.**

§. VII.

317

E Sta he a particular difficuldade, & o grande perigo em que estaõ de se não conformarem com o soberano original, que representaõ as imagens, que tem as raizes na terra. He necessario para se conservarem nesta nova representaçõ, & para governarem como devem, que se apartem das suas proprias raizes. Olhai para todas as varas desde a maior à menor com que se governa a Republica. Aquellas varas não tiverão tambem suas raizes? Sim tiverão. Mas para governarem, & terem jurdiçãõ, todas foraõ primeiro cortadas das mesmas raizes, & por isso todas saõ varas secas. Que remedio logo para que as novas varas, que nos governão, tendo como tem as raizes na terra, conservem a imagem do Cesar que representaõ? O melhor, & anticipado remedio ouvera sido escusarêse como

como fizerão as arvores bem entendidas; mas a escusa já não tem lugar. O receo de poderem ser como o Espinheiro, que prometeo sombras, & ameaçou rayos, tambem me não dá cuidado; porque todos conhecemos a moderação, & modestia dos que accitarão o governo. Mas porque os mesmos governos antes costumão mudar as condiçoens dos homens, que conservalas; o mais seguro meyo de todos seria cortar as raizes. E quando a resolução de algum fosse tão animosa que assim o fizesse; eu me atrevia a lhe prometer da parte de Deos, que nem por isso lhe farião falta. A Vara de Atram não tinha raizes na terra; & com tudo verdeceo, floreceo, & deo em meyo dia o fruto, que as raizes lhe não podião dar em menos de hum anno. Mas deixados os milagres a Deos, & recolhendonos aos limites da natureza, só vos aconselho, que façais com toda a applicação o

que pôde a diligencia, & a industria. Que faz o Jardineiro para conservar a representação das suas imagens, por mais que tenhaõ as raizes na terra? Traz sempre os olhos postos na figura que representaõ; & contra todo o impeto do humor, que as mesmas raizes naturalmente cõmunicão à planta, já endireitãdo, já dobrando, já ligando, já decotando, conserva nellas a imagem tão proporcionada, inteira, & sem mudança, como se a tivera lavrado em marmore, ou fundido em bronze.

318 Tudo isto he necessario a quem ha de retratar, ou transfigurar em sy não outra, nem menor, ou menos sagrada imagẽ, q̃ a da mesma Pessoa Real, a quem representa. Ha de endireitar, ha de dobrar, ha de ligar, ha de cortar: & como? Ha de endireitar a intenção, tendo-a sempre muito recta de servir só a Deos, & ao Rey. Ha de dobrar a vontade, para que sempre se incline, & siga o

pinheiro? He reposta muito digna de ponderação. A proposta das arvores foi a mesma: *Veni, & impera super nos: & elle respondeo não só como Espinheiro, senão como espinhado: Si verè me Regem vobis constituitis, venite, & sub umbra mea requiescite: si autem non vultis, egrediaturs ignis de rhamno, & devoret cedros Libani: Se verdadeiramente me dais o imperio, vinde todas deitarvos a meus pès, & porvos à minha sombra: & se ouver algũa que repugne, sahirà tal fogo do Espinheiro, q abraze os mais altos cedros do Libano. Não sei se reparaes na differença. As arvores, que lhe offerecerão o governo, differãolhe, *Veni: & elle disselhes, Venite. Não sou eu o que hei de deixar as minhas raizes, senão vòs as vossas. Em conclusão, que quem ha de governar bê, deixa as suas raizes; & quem governa mal, arranca as dos subditos, & sò trata de conservar as suas.**

[bid. 14.

[bid. 15.

§. VII.

317 **E**Sta he a particular difficuldade, & o grande perigo em que estão de se não conformarem com o soberano original, que representaõ as imagens, que tem as raizes na terra. He necessario para se conservarem nesta nova representaõ, & para governarem como devem, que se apartem das suas proprias raizes. Olhai para todas as varas desde a maior à menor com que se governa a Republica. Aquellas varas não tiverão tambem suas raizes? Sim tiverão. Mas para governarem, & terem jurdição, todas foraõ primeiro cortadas das mesmas raizes, & por isso todas saõ varas secas. Que remedio logo para que as novas varas, que nos governão, tendo como tem as raizes na terra, conservem a imagem do Cesar que representaõ? O melhor, & anticipado remedio ouvera sido escusarêse como

como fizerão as arvores bem entendidas; mas a escusa já não tem lugar. O receo de poderem ser como o Espinheiro, que prometeo sombras, & ameaçou rayos, tambem me não dà cuidado; porque todos conhecemos a moderação, & modestia dos que aceitarão o governo. Mas porque os mesmos governos antes costumão mudar as condiçoens dos homens, que conservalas; o mais seguro meyo de todos seria cortar as raizes. E quando a resolução de algum fosse tão animosa que assim o fizesse; eu me atrevia a lhe prometer da parte de Deos, que nem por isso lhe farião falta. A Vara de Atram não tinha raizes na terra; & com tudo verdeceo, floreceo, & deo em meyo dia o fruto, que as raizes lhe não podião dar em menos de hum anno. Mas deixados os milagres a Deos, & recolhendonos aos limites da natureza, só vos aconselho, que façais com toda a applicação o

que pòde a diligencia, & a industria. Que faz o Jardineiro para conservar a representação das suas imagens, por mais que tenhaõ as raizes na terra? Traz sempre os olhos postos na figura que representaõ; & contra todo o impeto do humor, que as mesmas raizes naturalmente cõmunicão à planta, já endireitãdo, já dobrando, já ligando, já decotando, conserva nellas a imagem taõ proporcionada, inteira, & sem mudança, como se a tivera lavrado em marmore, ou fundido em bronze.

318 Tudo isto he necessario a quem ha de retratar, ou transfigurar em sy não outra, nem menor, ou menos sagrada imagé, q̃ a da mesma Pessoa Real, a quem representa. Ha de endireitar, ha de dobrar, ha de ligar, ha de cortar: & como? Ha de endireitar a intenção, tendo-a sempre muito recta de servir só a Deos, & ao Rey. Ha de dobrar a vontade, para que sempre se incline, & liga o

juízo, & ditames da verdadeira razão. Ha de ligar, & atar o appetite, que junto com o poder, he muito violento, & rebelde, para que se não desenfrec. E finalmente, se algum destes affectos quizer brotar no que não he decente a tão soberana representação, decotalo logo, & cortalo para que a não descomponha; & se acaso se sente por dentro, não appareça fóra. A figura que haveis de trazer sempre diante dos olhos, he o mesmo Rey de quem sois imagé: & não como ausente, senão como presente; nem como invisível, senão como visível. Mas como pôde isto ser, se elle está tão distante? Muito facilmente, se não tirares os olhos do seu Regimento, no qual vereis ao mesmo Rey tão natural, & vivamente retratado em sua propria figura, como se a tivereis presente. Dirmeheis que no vosso Regimento ledes sim as palavras, & firma do Rey, mas não lhe vedes a figura.

Ora abri melhor os olhos, & logo a vereis; mas he necessario levantar o pensamento. S. Paulo diz, que o Verbo eterno he a figura da propria sustancia do Padre: *Qui cum sit splendor gloriæ, & figura substantiæ ejus*.^{Hebr. i. 3.} E que he, ou quer dizer o Verbo? He, & quer dizer a palavra. Pois a palavra de Deos he a figura da sua propria sustancia, *figura substantiæ ejus*? Sim. Porque toda a sua sustancia, & todo o seu ser imprimio, & exprimio Deos na sua palavra, como propria, natural, & perfectissima figura de sy mesmo. E assim como Deos imprime, & exprime a sua figura na sua palavra, assim os Reys, que são os Deoses da terra, se imprimem, & estampão nas suas. De maneira que quem lê as palavras, a firma, & as ordens do Rey nos seus Regimentos, vê a propria figura do Rey, ou vê ao Rey em sua propria figura. Nunca o pincel de Apelles retratou tão felizmente a Alexandre,

dre, & o representou aos olhos taõ proprio, & taõ vivo, como os Reys no que escrevem, & ordenaõ, se retrataõ, ou reproduzem a sy mesmos. *Sapiens in verbis producet seipsum*: diz o Espirito Santo. Mas ouçamos a hum Rey.

319 Notempo em que os Godos domináraõ a Italia, hum dos Reys que tiveraõ a fortuna de escrever com a penna de Cassiodoro, despachando seus Regimentos a alguns Ministros ausentes, que nunca o tinham visto, diz assim: *Tenete speculum cordis, speculum voluntatis, ut quibus non sum facie notus, siam morũ qualitate recognitus*: Quando chegarem a vossas mãos estas minhas letras, recebei-as como hum espelho do meu coração, da minha vontade, & de mim mesmo: das quaes, pois me não conheceis pelo rosto, me conhecereis pelo animo. Notai agora o que acrecenta com juizo verdadeiramente real, & descricião, & agudeza mais

que de Rey: *In hac me potius parte conspiciate quæ latet præsentibus: non est vobis damnum absentia meæ: utilius est mente nosse, quàm corpore*. Folgai (diz) de me ver antes no que vos escrevo, que em minha propria pessoa, entendendo que me vedes melhor do que os que na minha Corte estaõ presentes; porque vereis o que elles não vem, & sabereis de mim o que eu lhe encubro a elles: assim q̃ por este modo nenhum dano recebereis da minha ausencia, nem a minha presença vos fará falta; porque na presença, como os demais, vermeheiso rosto, & na ausencia, pelo que vos ordeno, vermeheis a Alma. Mas não deixemos sem pôderação chamar o Rey às suas ordens escritas espelhos de sy mesmo: *Tenete speculum cordis, speculum voluntatis*. A mais perfeita figura, que inventou a natureza, & não pôde imitar a arte, he a que se vé no espelho. Porque o q̃ se vé

nas cores da pintura, ou no vulto das estatuas, he só hũa semelhança, & representação da pessoa; porém no espelho não se vê semelhança, ou representação, se não a mesma pessoa por reflexão das especies. O espelho não he outra cousa que hum impedimento das especies com que vemos, o qual as não deixa passar, & tornaõ para os olhos. E assim como o espelho sendo impedimento da vista por meyo da reflexão melhora a mesma vista, assim na ausencia, que tambem he impedimento da vista, por meyo da escritura fica a mesma vista melhorada. Sem escritura he a ausencia impedimento, com escritura he espelho. Este espelho pois dos Reys, em que mais vivamente se representa a sua mesma Pessoa, que na sua propria figura, he o q̃ haõ de trazer sempre diante dos olhos os que tem por obrigação, & officio ser imagẽs do Rey. Entendendo que em quã-

to observarem as ordens do seu Regimento, serãõ imagens do Cesar; & pelo contrario no ponto em q̃ senaõ conformarem com ellas, perderãõ a semelhança, a figura, & o ser de imagens suas.

320 Perguntaõ os Theologos, se Adam pela desobediencia perdeu o ser que tinha de imagem de Deos? E respondem geralmente que não; porq̃ não perdeu a memoria, entendimento, & vontade, em que consistia a semelhança de Deos trino, & hum, a que o mesmo Deos tinha criado. Mas esta resposta tem necessidade de distincão. O mesmo homem de dous modos era imagem de Deos: hum como imagem natural, outro como imagem politica. Em quanto criatura racional com a soberania do livre alvedrio em tres potencias, era imagem, que naturalmente representava a Deos, a qual de nenhum modo podia perder, porque nella consistia a sua propria essencia.

fencia. Porèm em quanto senhor do mundo com o governo de todos os animaes, era locotenente do mesmo Deos, & imagem politica sua, & esta não só a podia perder Adam, senão que de facto a perdeu. Mas quando, & como? Tinha-lhe Deos dado por Regimento, que guardasse o Paraíso, & que nem elle, nem sua mulher comessem do fruto da arvore vedada. E em quanto Adam guardou este Regimento (que não se sabe ao certo por quanto tempo foi) conservou inteiramente em sy esta segunda imagẽ de Deos, sendo venerado, & reconhecido por senhor, & obedecido no ar, no mar, & na terra de tudo quanto vivia nestes tres elementos. Porèm depois que faltou à observancia do mesmo Regimento, antes o quebrantou em tudo, não guardando o Paraíso, porque deixou entrar nelle a Serpente, nem se abstenendo da arvore prohibida, porque consentio que Eva

comesse, comendo tambẽ elle; logo perdeu a imagem, em que representava a Deos politicamente, & os animaes, q̃ já não viaõ, nem reconheciao nelle a imagem, que tinha perdido, por instinto natural se rebelláraõ, & lhe negáraõ a obediencia.

321 Vistes (diz elegantemente neste passo S. Chrysostomo) vistes a sujeição có que o vossõ caõ vos reconhece, a promptidão có que chamado acode, o amor com que vos segue, & o alvoroço natural có que vindo de fóra, vos fae a receber, & a saltos vos festeja: & pelo contrario, se vos disfarçastes, & cobristes o rosto com hũa mascara, esse mesmo caõ, ladrando, remete a vòs, & como estranho, ou inimigo dà rebate contra vós em vossa propria casa? Pois isto mesmo succedeo a Adam com todos os animaes, depois que desobedecendo, mudou a figura, & perdeu a imagẽ de Deos, que era o caracter visivel

do dominio do Universo, que nelle tinha delegado. Tanto vai de guardarem, ou não guardarem o Regimento, & ordens do supremo Principe, os que elle substituiu em seu lugar, para que como imagens suas o representem. Eu não me queixo das imagens em mascaradas, porque sei muito bem as cores, có que honesta, & modestamente se sabem tingir, & fingir, em quanto assim lhe importa a suas pertençoens; mas a minha queixa, & de todos he, que depois que se vem feitas, ou enfeitadas em imagens, então tirão a mascara, & mostrão descubertamente o q̄ eraó, & sempre foraó. Assim que não ha outro meyo certo, & seguro de se conservaré na inteira representação de imagens do Cesar, os que por merce, & authoridade sua tem esse nome, senão a verdadeira, & exacta observancia de suas ordês; & veremse, & comporêse, & retrataremse em seus Regimentos, como em espelhos.

§. VIII.

322 **O** Dito atéqui basta (quãdo não fobeje) para que os nossos novamente eleitos tenhaõ entendido o modo, có que podem, & devem satisfazer as obrigaçoens de imagens do Cesar, em que sem outro exemplo se vem de presente constituidos: que era o primeiro ponto da nossa proposta. O segundo pertence aos subditos, & vassallos do mesmo Cesar, & he, como devem obedecer, & reverenciar as mesmas imagens: em que todas as difficuldades, que no primeiro discurso apontamos, estão facilitadas, & por isso será este muito breve.

323 Primeiramente nos subditos nao ocorre a difficuldade do acerto na indifferença, ou resolução do que se ha de obrar; porque esta só pertence a quem manda, & não a quem só deve obedecer: sendo privilegio singular da obediencia,

encia, que podendo errar quem manda, & errando muitas vezes, só o que obedece, ainda seguindo esses mesmos erros, sempre acerta. Do mesmo modo não estão expostos os subditos àquella terrivel tentação, em que mete as imagens dos Cesares o estar longe delles; porque se as imagens, que os representam, estão longe, os que se devem conformar com ellas, ainda que ellas sejam disformes, sempre as tem à vista. Finalmente, o serem imagens, que tem as raizes na terra, tão fóra está de ser inconveniente, que he o que mais convem a toda a Republica. Os que nascerao, ou se criarao na mesma terra, como as qualidades de cada húa são diferentes, & diferentes os climas, & influencias do Ceo que nellas dominão, & conhecem as inclinações, & costumes, ou bõs, ou viciosos dos que as habitão, & de tudo tem larga experiencia, assim como podem suavemente pro-

mover o bem, assim sabem os meyoos efficazes, & mais provados, com que se pôde obviar o mal. É de todas estas propriedades, & noticias, não só importantes, mas totalmente necessarias, carecem os que vem de novo, & de fóra, sem lhes valer, como inexperitos, nenhúa ciencia, discursão, ou juizo, por agudo, & bem instruido que seja. Adam & Eva tinhao ciencia infusa, & sabendo, como não podião ignorar, que as cobras não fallavão, por informação de húa dellas, tendo-os Deos posto no Paraíso para governarem o mundo, o mundo, & o Paraíso tudo perdérao em poucas horas.

324 Pelo contrario, quiz Deos acodir ao perigo de se perder totalmente, em que o Povo de Israel estava no Egypto; & a quem escolheo para esta grande empresa de o conservar, & livrar de tão poderosos inimigos? A pessoa que escolheo, foi a de Moyses, o qual posto que

vestido de pelles, & com hum cajado na mão guardava ovelhas em hum deserto, não tinha menos que quarenta annos de vida, & experiencia do mesmo Egypto. No Egypto nascéra, entre os Egypcios se criára, & nas escolas do Egypto aprendéra quanto elles sabião: & por isso não com outros instrumentos, senão com o mesmo cajado venceu todas as difficuldades, & conseguiu felizmente a empresa, obrando os maiores milagres, q já mais tinha visto, nem vio o mundo. Então queremos que remedee os cativeiros do Egypto, & faça milagres no Egypto, quem nunca vio o Egypto. O Profeta Abacuc quando Deos lhe mandou, que fosse a Babilonia soccorrer a Daniel, que estava no lago dos Leoens, prudentissimamente se escusou, dizendo, que nunca vira a Babilonia, nem sabião onde estava tal lago: *Babylonem non vidi, & lacum nescio.* E se foi a Babilonia, &

tornou a Judéa, & fez em meyo dia pelo ar, o que hũ diligente caminheiro não podéra em meyo anno, foi porque o mesmo Anjo, que lhe deo o recado da parte de Deos, o levou, & trouxe, & lhe mostrou o que nunca vira, & ensinou o que não sabião. Supposto pois que os que vem de mil legoas a esta nossa terra, tão nova para elles, como Babilonia para o Profeta, né trazem, nem são trazidos de Anjos em suprimto das experiencias que não tem, & quando começaõ a decorar os primeiros rudimentos dellas, se voltaõ outra vez para onde vierão; muito melhor providos estão hoje os lugares, que elles havião de occupar, nos que com tanta capacidade de conhecimento, juizo, talento, & verdadeiro amor da mesma terra, a cultivarão como propria, & não desfrutarão como alhea. E quando de seu cuidado, & trabalho colhão algũ fruto, esse quando menos ficará onde nasceu.

ceo, que he o mesmo que semearse de novo : & não dallo a terra, para que o leve o mar.

325 Todas estas razões de conveniencia , & utilidade persuadem no presente governo a prompta fogueição, & alegre obediencia dos subditos, respeitando estas novas imagens do Cesar com tanto maior propensão , & vontade, quanto mais tem de naturaes, domesticas , & suas. Mas he tal a protervia da condição humana , & vicio tão proprio da patria ; que por serem naturaes, domesticas, & suas as mesmas imagens, em vez de conciliarem maior veneração, obediencia , & respeito, degeneraõ em desprezo, desobediencia, & rebeldia. Assim lhe succedeo a Saul , & a David, sendo ambos eleitos por Deos, & os mais dignos do governo da sua patria. Huns obedecerão, outros se rebelláraõ, & em alguns durou a rebeldia não menos que sete annos inteiros , até que a

Tom. 7.

experiencia do seu erro os fogueitou à razaõ. E se buscarmos as raizes a este vicio, acharemos, que todo elle nasce da igualdade das pessoas, presumindo cada hum, que a elle se devia a eleição do lugar, & a preferencia. A eleição do summo sacerdocio na pessoa de Aram foi tão mal recebida de muitos, que Datan , Abiron, & Coré levantáraõ tal tumulto no povo , que para Deos o socegar, & castigar os rebeldes, se abriu subitamente a terra, & vivos foraõ sepultados no Inferno com todas suas casas, & familias , & abraçados com fogo do Ceo mais de quatorze mil homens, que seguiraõ a mesma rebellião. E porque a seguirão ? Porque muitos delles erão iguaes, & parentes de Aram , & não sofriaõ que lhe fosse preferido. Mas tanto sente Deos, & tão severamente castiga a cegueira de semelhantes ambiçoens; tendo dado por ley ao mesmo povo, que quando em algum tempo

Z iij

ou

ouveſſem de eleger quem os governaſſe a todos, não foſſe outrem, ſenaõ de ſeus irmãos, & de nenhum modo homem eſtranho : *Non poteris alterius gentis hominem Regem facere , qui non ſit frater tuus.* Finalmente, ſe como diz Chriſto Senhor noſſo, o bom Paſtor he aquelle, que conhece as ſuas ovelhas, & as ſuas ovelhas o conhecem a elle: *Ego ſum Paſtor bonus , & cognoſco oves meas , & cognoſcunt me meæ :* como as poderà governar, & encaminhar bem o eſtranho, (& mais ſe for Mercenario) que nem elle as conhece a ellas, nem ellas a elle?

§. IX.

326 **M**As contra tudo iſto ſe levãta aquella politica mais ſeguida pelo coſtume, que approvada pelos exêplos, a qual tem perſuadido ao mundo, que ſó olhe, ou ſe deixe cegar do reſplendor das imagens, ſem advertir

que a representaçãõ, em que ellas conſiſtem, poſta em qualquer materia, ſempre he a meſma. Quê verdadeiramête crê em Chriſto, tanto adora em hum Crucifixo de ouro, como em outro de chũbo. Querem com tudo os liſongeiros, & os liſongeados, que ſõ ſe devaõ os governos, & ſõ ſejaõ aptos para elles os nomes pompoſos, & appellidos illuſtres: como ſe as acçoens, & feitos honroſos ſenaõ hajaõ de eſperar com maior razaõ daquelles, que querem adquirir a honra, que dos que cuidaõ, & dizem, que já a tem. O meſmo luſtre dos illuſtres lhes tira o temor, & os enche, ou incha de immuni- dade, que lhe daõ confian- ça para grandes ouſadias; & das ouſadias grãdes nãcem maiores ruinas. O mais illuſtre dos elementos, o mais alto por lugar, & o mais nobre por calidade, he o fogo, & delle ſe acendem os rayos no Ceo, & ſe ateaõ os incendios na terra. O ſeu natural onde che-

Dent
1. 15.

Joann.
10. 14.

chega, he levantar fumaças, & fazer cinzas: & não he acomodado instrumento para edificar, & conservar Cidades, o que costuma abraçar Troyas. Os outros elemētos fervem-nos de graça, & só o fogo à nossa custa, porque para servir ha de ter que queimar, & se não queima, não serve. Tal he a luz do mais illustre elemento: & tal muitas vezes o governo dos mais illustres. Não era illustre David, & foi illustrissimo seu filho Salomão: & o Reyno, que sustentou, & amplificou o q̄ não era illustre, perdeu, & desbaratou o illustrissimo.

327 No Apologo que referimos da Escritura sagrada, em que as Arvores buscárao, & elegérao quem as governasse, he muito para notar, que aquellas, a que offerecérao o governo, forao a Oliveira, a Figueira, & a Vide, sem entrar outra nos pelouros desta eleição. Reparai agora nos appellidos de Figueira, Vide, & Oliveira, que

todos são honrados, mas da nobreza do meyo. E porque não fizerao as Arvores este mesmo offerecimento aos Cedros, às Palmas, & aos Ciprestes? Não são estas Arvores entre todas as mais altas, as mais celebradas, as mais illustres? Pois porque não entrárao em cõsideração para querer a verde, & florente Republica das plantas, que ellas a governassem? Por isso mesmo; porque erao as mais altas, & as mais illustres. O alto, & o illustre he bom para o bizarro, & ostentoso, mas não para o util, & necessario. As arvores não as fez Deos para bandeiras dos ventos, senão para sustento dos homens. Que importa que a sua altura, ou a sua altiveza seja muita, se o seu fruto he pouco? A que sustentárao já mais os Cedros, as Palmas, ou os Ciprestes? Pelo contrario a Figueira he a que saborea o mundo, a Oliveira, a que o alumia, a Vide, a que o alegra; & todas entre as

plantas as que mais o sustentão. O que diz a Escri-
tura das outras tres arvo-
res altissimas, & illustri-
ssimas, he, que todas buscaõ
a sua exaltação nos montes
mais levantados: *Quasi Ce-
drus exaltata sum in Liba-
no, & quasi Cypressus in mō-
te Sion: quasi Palma exal-
tata sum in Cades.* Hon-
remse embora com essas
arvores os seus môtes, que
os nossos valles não haõ
mitter quem procure a sua
exaltação, senão quem tra-
te do nosso remedio. Os
Cedros, as Palmas, & os
Cyprestes são os Gigantes
das arvores, & o que trou-
xeraõ os Gigantes à terra,
não foi menos que o dilu-
vio. Oh que duro seria o
governo daquelle soberbo
Triunvirato no forte do
Cedro, inflexivel; no ru-
goso da Palma, aspero; &
no funesto do Cipreste,
triste! Porém o das outras
arvores de meãa estatura,
seria igual, seria modera-
do, seria suave, que por isso
todas allegáraõ a sua do-
çura. E isto he pelas mes-

mas razoens o que deve-
mos esperar do nosso.

328 Sendo pois taõ
particulares as convenien-
cias do novo governo nas
imagens, que temos pre-
sentes, do nosso felicissimo
Cesar, que Deos guarde,
seja tambem nova, & mais
exacta que nunca a foguei-
ção, respeito, & reveren-
cia, com que todos os vas-
fallos da mesma Magesta-
de os venerem, & obede-
ção, não só como se a Real
Pessoa estivera presente,
senaõ em certo modo ain-
da muito mais. Tenho ob-
servado assim no Ceo co-
mo na terra, que mais esti-
maõ os supremos Monar-
cas os obsequios, que se
fazem a suas imagens, que
a suas proprias Pessoas. Lê-
brame haver lido em S.
Agostinho no livro dos
seus Comentários sobre os
Psalmos, que residindo em
Roma no tempo, em que
ainda não estava desterra-
da de todo a idolatria, se
admirava muito de que os
homens fossem ao Templo
do Sol, de que hoje se vem
naõ

naõ pequenos vestigios, & que alli de dia, & naõ de noite adorassẽm a imagem do mesmo Sol com as costas muitas vezes voltadas a elle? Pois se tinhaõ o Sol presente, porque naõ adoravaõ ao Sol, senaõ a sua imagem? Porque entendo a religiaõ, ou supersticiaõ dos Romanos, governada pelos primores da sua própria politica; que muito maior magestade era do Monarca dos Planetas ser venerado de taõ longe em sua imagem, do que adorado em sy mesmo, posto que visto. Ao menos assim he certo, que o julgou a soberania de Nabucodonosor, quando se reputava sua soberba naõ sã senhor, mas Deos de todo o mundo. Fez aquella Estatua de ouro de taõ desmedida grandeza como sabemos, & com as fornalhas acesas contra os que a naõ adorassẽm, mandou, que ao som de trombetas todos dobrassẽm os joelhos diante della. Pois se Nabucodonosor estava presente, por-

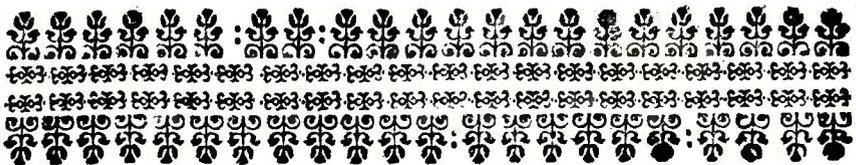
que naõ mandou, que o adorassẽm a elle, senaõ a sua Estatua? Porque era maior ostentaçaõ, & gloria da sua, que chamava omnipotencia, ser venerado, & adorado na imagem, que o representava, que em sua propria Pessoa.

329 Sõ em hũa circumstancia obrou Nabuco como desconfiado, que foi em fazer a mesma imagem de ouro. Faze-a, Rey, de pedra, & serãõ as suas adoraçoens para ella muito mais reverentes, & para ti muito mais gloriosas. Na Estatua de ouro pòde parecer que adoraõ a materia, & naõ a fõrma, o preço do metal, & naõ a representaçaõ da imagem. Onde a materia das imagens he menos preciosa, alli està a fé, & a reverencia mais fina. E esta he a fineza do nosso caso, adorando, respeitando, & obedecendo o original soberano do nosso Cesar, naõ nas imagens de ouro, que atègora cã se mandavaõ, senaõ nos marmores naturaes, & dome-

sticos da nossa mesma terra. Se o effeito for qual se espera, & eu me estou prometendo desta mudança da mão do Altissimo; o presente governo ferà taõ aceito a Deos, & ao Rey, que Sua Magestade o confirme, & faça perpetuo: com menos despesa sua, com grandes utilidades nossas, & com taõ conhecidas melhoras, & augmẽ-

to do serviço Real, & Divino, que com summa paz, quietação, & concordia se verifique em todo este Estado, o que Christo respõdeo à pergunta, que hoje lhe fizeraõ no Evangelho, isto he, que a Deos se dê o de Deos, & o de Cesar a Cesar: *Reddite quæ sunt Cesaris, Cesari, & quæ sunt Dei, Deo.*





S E R M A M

DE NOSSA SENHORA

D A G R A Ç A,

ORAGO DA IGREJA MATRIZ DA CIDADE
do Pará, cuja festa se celebra no dia da Assump-
ção da mesma Senhora.

Maria optimam partem elegit. Luc. 10.

§. I.

330 **G**Rande dia, grã-
de festa, grande
Evangelho : &
grande difficul-
dade tambem a de côcor-
dar com propriedade , &
verdade o concurso destas
tres obrigaçoens. O dia he
grande ; porque he aquelle
fermoso dia, em que a Vir-
gem Maria, depois de pa-

gar o tributo à morte, co-
mo verdadeira filha de A-
dam, resuscitando logo co-
mo verdadeira Mãe de
Deos, subio ao Ceo a gozar
para sempre a gloria de sua
vista. A festa he grande ;
porque he da Senhora da
Graça, titulo desta Igreja
Matriz, a primeira, & ma-
ior de hũa taó dilatada
Provincia, & cabeça de to-
das. O Evangelho he gran-
de ;

de; porque nelle debaixo dos mysteriosos nomes de Martha & Maria se representa as duas vidas activa, & contemplativa, em cujo complexo se contém, & cõprehende toda a perfeição Evangelica. E he finalmente grande a difficuldade de concordar o concurso destas tres obrigaçoens; porque sendo a gloria o fim, & a graça o meyo de a conseguir, antes por a graça à gloria, & o meyo ao fim, não só parece dissonancia, senão desordem manifesta: & porque applicando o Evangelho a melhor eleição, & a melhor parte à gloria da Senhora, em vez de celebrar a mesma gloria no dia de sua Assumpção, troca-la pelo titulo da Graça, também parece impropriedade, por lhe não dar nome de injustiça.

331 O motivo que tiverão os antigos fundadores, para que havendo levantado este Templo debaixo do titulo da Senhora da Graça, unissem a cele-

bridade do mesmo titulo ao dia da gloriosa Assumpção da mesma Senhora, não consta, nem ficou em memoria. Mas nesta q̃ parece sem-razão, & impropriedade, acho eu tres grandes propriedades, & adequadas razoens. A primeira, porque a graça he o direito por onde se deve aos Justos a gloria: a segunda, porque a gloria se distribue a cada hum pela medida da graça: a terceira, porque quando acaba de se aperfeiçoar a graça, então se começa a possuir a gloria. E como o dia em que se cerrou o direito, em que se igualou a medida, & em que se consumou a perfeição da graça immensa da Mãe de Deos, foi o mesmo dia da sua gloriosa Assumpção: & não em diferentes horas, ou momentos daquelle dia, senão na mesma hora, & no mesmo momento, em que acabou de consumir a immensidade da graça, começou a Senhora a gozar a immensidade da gloria; não só foi piedade, & de-

& devação particular, senão justiça, que neste dia fosse celebrada, como he, com titulo de Senhora da Graça. Tanto assim, q em nenhum outro dia, ou festa da Virgem Senhora nossa se lhe pode dar propria, & cabalmente o titulo da Graça, senão neste. E porque? Porque em todos os outros dias sempre a sua graça hia crescendo, neste só chegou ao summo grao de sua grandeza, & se vio toda junta, & consumada. No dia da Conceição foi a Senhora cócebida em graça, mas essa graça creceo desde a Conceição até o Nasciméto, desde o Nascimento até a Presentação no Téplo, & desde a Presentação no Templo até a Encarnação. No dia da Encarnação esteve a Senhora cheia de graça, mas essa graça foi crescendo até a Visitação, da Visitação até o Parto, do Parto até a Purificação, da Purificação até a Morte, & Resurreição, & Ascensão de seu Filho, & por tantos annos depois,

em que viveo neste mundo, sempre creceo mais, & mais até o ultimo instante da vida. Logo em nenhum outro dia, senão no ultimo da mesma vida, que foi o mesmo dia da Assumpção da Senhora, se podia, & devia celebrar propria, & cabalmente a sua graça; porque só naquelle dia se acabou de consumir a mesma graça em toda sua perfeição, & grandeza. E isto he o que faz esta nossa Igreja.

332 Mas porq a graça da Virgem Maria foi cósumada no dia, em que acabou a vida temporal, & a gloria da mesma Senhora també foi consumada no dia, em que começou a eterna; para entrar na altissima questão, que se não póde evitar nestes termos, & neste dia, entre a graça, & gloria da mesma Senhora, ambas cósumadas: & para resolver a qual pertence, conforme o nosso Thema, a eleição da melhor parte, *Maria optima partem elegit*; peça-mos à mesma Senhora da Gloria, & da Graça nos assista

sista de tal modo com sua graça, q̄ a mereçamos ver na sua gloria. *Ave Maria.*

§. II.

Maria optimã partē elegit.

333 **O**cupada Maria com toda a sua atençaõ em ouvir as palavras de seu, & nosso divino Mestre, assentada a seus sagrados pès: & occupada tambem Martha com todo o seu cuidado nas prevençoens, & policias da mesa, em que havia de servir, & regalar a taõ soberano hospede: Maria entendêdo, que ainda em ley de cortesia era maior obrigaçaõ a da sua assistencia: & Martha queixosa de q̄ sua Irmãa a deixasse só; respondeo o Senhor à queixa de hũa, & acodio pelo silencio de outra, pronunciando como oracuõ divino, que Maria escolhéra a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.* Esta historia tomada em allegoria, por não ter Evangelho

proprio, applica a Igreja Catholica à presente solênnidade da gloriosa Assumpçaõ da Virgê Senhora nossa. Não comparando Maria (a Magdalena) a Martha, mas preferindo Maria (a Mãe de Deos) a toda a Corte celestial Anjos, & homens. Divide a gloria do Ceo em duas partes, hũa, que comprehende todos os Bemavêturados, outra, que unicamente pertence a Maria, & esta canta, & apregoa, que não só he melhor de qualquer modo, senão em grao superlativo optima, *Optimam partem elegit.*

334 Por este modo se concorda muito acomodadamente o Evangelho có a gloria da Virgem Senhora nossa; mas a segunda difficuldade, que reservamos para este lugar, não consiste em concordar o Evangelho com a sua gloria, senão com a sua graça. E que seria se eu dissesse, q̄ muito mais propriamente se concordão o mesmo Evangelho, & as mesmas palavras

com

com o titulo da Graça, que com o da Gloria da mesma Senhora. Assim o digo, & assim o provo. Porque tudo o que Maria adquiria aos pés de Christo, & as melhoras em que foi preferida a sua Irmãa, historial, literal, & propriamente eraõ da Graça, & não da Gloria. Cõfirmase do mesmo Texto, o qual diz, que Maria estava ouvindo ao Senhor: *Audiebat verbum illius*. Não diz, que via, senão que ouvia, & o ouvir, que he o sentido da fé, pertence a esta vida, onde a alma se melhora pela graça, & não à outra, em que se beatifica pela vista. Logo quanto à concordia do Evangelho cõ o titulo, muito melhor concordado o temos cõ o titulo da Graça, que com o da Gloria. Porque à Gloria só se attribue em parabola, & por acomodação, & da Graça falla historial, propria, & naturalmente.

335 Sõ resta a comparação de hũa parte boa, & outra melhor, & a ventagẽ

de quem conseguiu a optima, *Optimam partem elegit*. Na cõparação literal, Maria Magdalena foi preferida a Martha na melhora da graça: na comparação allegorica, Maria Mãy de Deos foi preferida a todos os Bemaventurados na melhora da gloria. Porém na comparação nossa, & desta Igreja particular, em que a festejamos debaixo do titulo da Graça, no mesmo dia, em que a Igreja universal a celebra debaixo do titulo da Gloria: quando a comparada não pòde ser senão a mesma Senhora comfigo, nẽ a comparação pòde ser outra, senão entre a mesma Graça, & a mesma Gloria; a qual destes dous titulos havemos de dar a preferencia, & de qual havemos de dizer; *Maria optimam partem elegit*: de Maria em quanto Senhora da Graça, ou de Maria em quanto Senhora da Gloria? Este serà o altissimo ponto do nosso discurso. E posto que ambos os titulos na Mãy de Deos sejam immẽ-

fos;

fos; para maior gloria da mesma Senhora, daremos a preferencia ao titulo da sua Graça. Oh se a mesma Senhora da Graça nos assistisse com a sua para penetrarmos, ou nos deixarmos bem penetrar desta verdade!

§. III.

336 **P**ara demonstração, & intelligencia della [que não he facil ainda aos maiores entendimentos] havemos de suppor, que assim a graça como a gloria, são bens sobrenaturaes. E se me perguntardes [como deveis perguntar, ou todos, ou quasi todos) que cousa he bem sobrenatural? Haveis de saber, que he hum bem, o qual na nobreza, no preço, & na dignidade excede a todos os bens da natureza, assim visiveis, como invisiveis. E para que declaremos este excessão com algum exemplo: será como hum diamante comparado com as pedras da rua? Será como o Sol compara-

do com a sombra? Será como hum homem comparado com húa formiga? Será como hum Serafim comparado com húa borboleta? Não. Porque a pedra, & o diamante, o Sol, & a sombra, o homem, & a formiga, o Serafim, & a borboleta, tudo são cousas naturaes, & criadas por Deos em quanto Author da natureza: & como são naturaes, nenhúa dellas tem comparação com o que he sobrenatural. Tanto assim, que se Deos criasse, como pôde, outros mil mundos mais perfeitos que este, & povoados de creaturas muito mais nobres, & excellentes, sempre o sobrenatural as excederia incóparavelmente. Porque he gráo muito superior a tudo o que comprehende em sy a esfera da natureza. E taes são a graça, & a gloria, que só se podem comparar entre sy, como nós as comparamos nesta nossa questão.

337 Digo pois, ou torno a dizer, que havendo de fa-

fazer escolha entre a gloria, & a graça, conforme o nosso Thema, *Maria optimam partem elegit*, antes devemos escolher a graça, que a gloria. E isto não por húa razaõ, senão por muitas. Seja a primeira, porque a graça envolve consigo a gloria: & ainda que possa haver graça sem gloria, não pôde haver gloria sem graça. A graça he fundamêto da gloria, & a gloria he consequência da graça: a graça a ninguem he devída, & a gloria he devída a todo o que està em graça. Diz o Apostolo S. Pedro, que na graça, que he a fôrma com que Deos nos faz participantes da natureza divina, nos deo as maiores, & mais preciosas promessas. Este he o sentido daquellas palavras: *Per quem maxima, & pretiosa nobis promissa donavit, ut per hæc efficiamini divinæ consortes nature.* De sorte que na dadiva nos deo Deos a dadiva, & mais as promessas. Mas se as promessas são de futuro,

& a dadiva de presente, como nos deo as promessas na dadiva? Porque as promessas futuras são a gloria, & bemaventurança, que havemos de gozar no Ceo, a dadiva presente he a graça de que já gozamos na terra: & porque na graça se envolve a gloria, & bemaventurança, que lhe he devída, por isso quando nos deo a dadiva, nos deo juntamente as promessas: *Maxima, & pretiosa nobis promissa donavit.*

338 Assim declaraõ este famoso lugar de S. Pedro os mais doutos, & mais literaes Expositores, mas eu tenho outro melhor Expositor que todos elles, o Real Profeta. *Quia misericordiam, & veritatem diligit Deus, gratiam, & gloriam dabit Dominus.* Porque Deos ama a misericordia, & a verdade, por isso darà a graça, & mais a gloria. Reparemos muito naquella, *Quia*; porque. Pois porque Deos ama a misericordia, & a verdade: porque Deos he misericordioso,

Psal. 83. 12.

2. Petr. 1. 4.

fo, & verdadeiro, effa he a
 razão, ou effas faõ as ra-
 zoens porque ha de dar a
 graça, & mais a gloria?
 Sim. A graça, porque he
 misericordioso, & a gloria,
 porq̃ he verdadeiro. Co-
 mo a graça com que Deos
 nos perdoa os peccados, &
 nos reconcilia comfigo, a
 ninguem he devída, toda
 he liberalidade, & dadiva
 de fua misericordia: po-
 rêm a gloria, como Deos a
 tem prometida a todo o q̃
 eftiver em graça, toda per-
 tence à fua verdade, por-
 que como verdadeiro não
 pôde faltar ao que tẽ pro-
 metido. Excellentemente
 S. Agostinho: *Ille qui tri-
 buit misericordiam servat
 veritatem, indulgentiã do-
 navit, coronam reddet. Do-
 nator est indulgentiæ, debitor
 coronæ.* O mefmo Deos
 (diz Agostinho) que na
 graça nos mostrou a fua
 misericordia, na gloria nos
 mostrará a fua verdade.
 Na graça a fua misericor-
 dia, porque nos deo a in-
 dulgencia que não devia;
 & na gloria a fua verdade,

porque nos darà a coroa
 de que se fez devedor: *Do-
 nator indulgentiæ, debitor
 coronæ:* & o modo com que
 se fez devedor não he por-
 que recebesse de nòs algũa
 coufa, que nos haja de pa-
 gar, mas porque elle nos
 prometeo o que não pôde
 deixar de cumprir: *Debi-
 torem Dominus ipse fecit se,
 non accipiendo, sed promit-
 tendo. Non ei dicitur, redde
 quod accepisti, sed redde quod
 promisisti.* E como nos ar-
 chivos da graça estaõ de-
 positados os creditos da
 gloria, vede se se deve an-
 tes escolher a graça, que a
 gloria, pois a graça, & a
 gloria tudo pertence à gra-
 ça.

339 Por esta conexão
 infallivel da graça com a
 gloria chamou S. Paulo bê-
 aventurada a esperança, cõ
 que nesta vida esperámos
 a mefma gloria: *Expectan-
 tes beatam spem, & adven-
 tum gloriæ magni Dei.* Mas
 para que nos não engane-
 mos com esta esperança,
 como com as demais, que
 tanto costumão enganar,
 he

he necessario advertir , que ha húa grande differença entre os fundamentos della. O lugar da esperança he entre a fé, & a caridade ; se a esperança se funda sómente na fé, nam he verdadeiramente bemaventurada , porque tem a bemaventurança duvidosa: mas se se funda na caridade, que he a graça , então he certamente bemaventurada, & sem nenhúa duvida; porque lhe não pôde Deos negar a bemaventurança, & gloria que espera: *Expectantes beatã spem, & adventum gloriae magni Dei.*

§. IV.

340 **A** Segúda razão porque mais se deve escolher a graça, que a gloria , he tirada da definição , & essencia de húa, & outra. A graça consiste em amar, & ser amado de Deos, a gloria em ver ao mesmo Deos: & posto que o ver a Deos seja a maior felicidade, quem negará a

vantagem à correspondência do amor infinitamente desigual, mas reciproca do homem para com Deos, & de Deos para com o homé? A verdade desta soberanissima correspondencia o mesmo Deos a fez de fé, quando disse: *Ego diligentes me diligo.* Mas ainda comparado o ver a Deos só cõ o amar a Deos de nossa parte ; nenhum entendimento haverà justo, & desinteressado, que não escolha antes o amar. E senão tomemos por juizes aos q̄ mais vem, & mais amão a Deos, que são os Serafins. Ao lado do trono de Deos no Ceo vio o Profeta Isaias dous Serafins, os quaes com duas azas cobrião os olhos, & com outras duas abrião o peito: *Duabus alis velabant faciem ejus, & duabus volabant.* Todos os Anjos vem , & amão a Deos, & quanto mais vem, mais amão; & quanto mais vem , & mais amão, mais alto, & mais eminente lugar tem cada hum na sua Gerarchia. Pois se os Serafins

Isai. 6. 2.

rafinos segundo esta ordem, assim como tem o supremo lugar na suprema Gerarchia, assim são os que mais vem, & mais amão a Deos, - como se mostráráo ao Profeta com os olhos cubertos para não ver, & só com o peito aberto para amar? Para amar digo, & para mais amar; porque o movimento das azas [não sendo para voar, porque estavam firmes) mais era para tolerar o incendio do amor, como dizem huns

Sanctus
Cornel.
hic.

Interpretes, ou para mais o excitar, & acender, como dizem outros. Pois se tanto amão, & tanto, & tão ardentemente estão amado, como parece que apagaõ com hũas azas o mesmo q̃ acendem com outras: & como negaõ ao mesmo amor a vista do objecto amado?

341 Duas repostas tem esta bem fundada duvida. A primeira, que cobriaõ os olhos para não ver, quando abriaõ o peito para amar, sendo o objecto da vista, & do amor o mesmo

Deos; porque mais se prezão os Serafinos, & mais estimão na felicidade suprema do seu estado a singularidade do amor, q̃ a preeminencia do ver. Por isso, como nota S. Dionysio Areopagita, a denominação do entendimento, que são os olhos com que se vê a Deos, a deixáráo aos Cherubins, que estão hum grão mais abaixo, & tomáráo para sy a antonomasia do incendio, com que se abrazaõ no amor do mesmo Deos, chamandose Serafins, que quer dizer os ardentes. A segunda razão, & muito mais alta, he, que fechaõ os olhos, quando abrem o peito, porque tem por maior fineza, & mais digna do mais perfeito amor o amar sem ver, do q̃ amar vendo. Heo q̃ encontreo S. Pedro nos primeiros Professores do Christianismo, dizendo, que sem ver a Deos o amavaõ: *Quem cum non videritis diligitis.* E he a differença verdadeiramente Serafica, com que amão na terra os bem-

1. Petr.
1.8.

Bemaventurados da graça, & no Ceo os da gloria. Os da gloria amão a Deos, mas vendo-o: os da graça tambem o amaõ, mas sem o ver.

3.ª 2.ª E se esta ventagém tem em quanto sómente amão a Deos, que he huma parte da graça; que serà em quanto amão a Deos, & são amados de Deos, em que consiste toda? Esta reciproca correspondencia de amor entre Deos, & o homem, que està em graça, declarou a Alma dos Cantares, quando disse: *Dilectus meus mihi, & ego illi*: Deos he o meu amado, & eu sou a amada de Deos. E sendo Deos quem he por sua infinita grandeza, & soberania: & sendo o homé quem he (ou qué não he) por sua vileza, & baixeza, em respeito de Deos tambem infinita; quem haverá que não estranhe, & se assombre desta confiança, & igualdade de fallar: *Ille mihi, & ego illi*: Elle o meu amado, & eu a sua amada?

S. Bernardo cõmentando

Tom. 7.

estas duas palavras, não duvidou de chamar a cada húa dellas insolente, & a ambas insolentissimas: *Insolens verbum, & ego illi: nec minus insolens dilectus*

meus mihi: nisi quod utroque insolentius utrumque si-

mul. Mas a Alma que isto disse, era húa Alma, q̄ estava em graça, & he tanta a alteza, a que a mesma graça levanta a Alma, não só em quanto ama, senão em quanto ama, & juntamente he amada de Deos; que o que podia parecer insolencia da parte do homem, da parte de Deos he justa condecendencia, tratando-se com tal familiaridade Deos com o homem, & o homem com Deos, como se foraõ iguaes: *Quasi ex æquo morem gerere, & rependere vicem*, como nota o mesmo S. Bernardo. Comparaimo agora o amar a Deos no Ceo por razão da vista, com este ser amado de Deos na terra por razão da graça. Os Bemaventurados no Ceo dirão, q̄ porque vem a Deos, amão ne-

D.º Bernard.
serm.
68.

Aa iij cessa-

rafin's segundo esta ordem, assim como tem o supremo lugar na suprema Gerarchia, assim são os que mais vem, & mais amão a Deos, como se mostráráo ao Profeta com os olhos cubertos para não ver, & só com o peito aberto para amar? Para amar digo, & para mais amar; porque o movimento das azas [não sendo para voar, porque estavam firmes) mais era para tolerar o incendio do amor, como dizem huns Interpretes, ou para mais o excitar, & acender, como dizem outros. Pois se tanto amão, & tanto, & tão ardentemente estão amado, como parece que apagaõ com hũas azas o mesmo q̃ acendem com outras: & como negaõ ao mesmo amor a vista do objecto amado?

34. Duas repostas tem esta bem fundada duvida. A primeira, que cobriaõ os olhos para não ver, quando abriaõ o peito para amar, sendo o objecto da vista, & do amor o mesmo

Deos; porque mais se prezaõ os Serafin's, & mais estimãõ na felicidade suprema do seu estado a singularidade do amor, q̃ a preeminencia do ver. Por isso, como nota S. Dionysio Areopagita, a denominação do entendimento, que são os olhos com que se vê a Deos, a deixáraõ aos Cherubins, que estão hum grão mais abaixo, & tomáraõ para sy a antonomasia do incendio, com que se abrazaõ no amor do mesmo Deos, chamandose Serafin's, que quer dizer os ardententes. A segunda razaõ, & muito mais alta, he, que fechaõ os olhos, quando abrem o peito, porque tem por maior fineza, & mais digna do mais perfeito amor o amar sem ver, do q̃ amar vendo. He o q̃ encarreceo S. Pedro nos primeiros Professores do Christianismo, dizendo, que sem ver a Deos o amavaõ: *Quem cum non videritis diligitis.* E he a differença verdadeiramente Serafica, com que amao na terra os

bem-

ganches
Cornel.
hic.

1. Petr.
1. 8.

Bemaventurados da graça, & no Ceo os da gloria. Os da gloria amão a Deos, mas vendo-o: os da graça tambem o amão, mas sem over.

3.42 E se esta ventagém tem em quanto sómente amão a Deos, que he huma parte da graça; que será em quanto amão a Deos, & são amados de Deos, em que consiste toda? Esta reciproca correspondencia de amor entre Deos, & o homem, que está em graça, declarou a Alma dos Cantares, quando disse: *Dilectus meus mihi, & ego illi*: Deos he o meu amado, & eu sou a amada de Deos. E sendo Deos quem he por sua infinita grandeza, & soberania: & sendo o homé quem he (ou qué não he) por sua vileza, & baixeza, em respeito de Deos tambem infinita; quem haverá que não estranhe, & se assombre desta confiança, & igualdade de fallar: *Ille mihi, & ego illi*: Elle o meu amado, & eu a sua amada?

S. Bernardo cõmentando

estas duas palavras, não duvidou de chamar a cada húa dellas insolente, & a ambas insolentissimas: *Insolens verbum, & ego illi: nec minus insolens dilectus meus mihi: nisi quod utroque insolentius utrumque simul*. Mas a Alma que isto disse, era húa Alma, q̄ estava em graça, & he tanta a alteza, a que a mesma graça levanta a Alma, não só em quanto ama, senão em quanto ama, & juntamente he amada de Deos; que o que podia parecer infolencia da parte do homem, da parte de Deos he justa condecendencia, tratando-se com tal familiaridade Deos com o homem, & o homem com Deos, como se foraõ iguaes: *Quasi ex aequo morem gerere, & rependere vicem*, como nota o mesmo S. Bernardo. Comparaime agora o amar a Deos no Ceo por razão da vista, com este ser amado de Deos na terra por razão da graça. Os Bemaventurados no Ceo dirão, q̄ porque vem a Deos, amão ne-

D.^o Bernard.
serm.
68.

cessariamente a Deos : & nõs diremos na terra, que porque estamos em graça de Deos , somos amados necessariamente de Deos. Sobre esta minha proposição, cabia melhor ainda a censura de insolente, se não fora de fé, como he. Se a vista de Deos necessita aos Béaventurados a amar a Deos, tambem a graça necessita a Deos a amar ao homem. A vista necessita aos béaventurados a amar a Deos, porque não podem deixar, nem cessar de amar a Deos visto : & a graça necessita a Deos a amar ao homem , porque não pòde Deos deixar, nem cessar de amar ao homem , que està em graça.

§. V.

343 **A** Terceira razão, ou ventagem , porque prescindindo a graça da gloria (q̄ he o sentido em que fallamos) se deve antes escolher a graça , he, porque a graça faz ao homem filho

de Deos, a gloria herdeiro. Se os homens conhecerão o que encerra este nome filho de Deos, & como a graça não só nos dà o nome, senão o ser do que o nome significa , que differentemente estimarião em sy, & reverenciarião nos outros este nascimento infinitamente mais que Real ! Se nascer de Felipe em Hespanha, ou de Luis em França , ou de Ferdinando em Alemanha, se tem com razão pela maior fortuna ; qual serà a daquelles, dos quaes se diz com verdade : *Non ex sanguinibus, sed ex Deo nati sunt?* Os outros nascimentos estimão se pelo sangue, o dos filhos de Deos por não sangue. Mas a causa de os homens nam fazeré deste altissimo nascimento a estimação que merece, he, porque não conhecem a Deos. Se não conhecem o Pay , como hão de estimar os filhos? Assim o ponderou com profundissimo pensamento o Evangelista S. João : *Videte qualem charitatem dedit nobis*

Joan.
1. 13.

1. Joan.
3. 1.

bis

bis Pater, ut filij Dei nominemur, & simus. Propter hoc mundus non novit nos, quia non novit eum. Vede o que chegou a nos dar a immensa caridade do eterno Padre, hum dom tão excellente, & sobre humano, & hum foro tão chegado a sua propria divindade, que não só nos chamemos filhos de Deos, mas que verdadeiramente o sejamos. E se o mundo não estima como devia aos que somos filhos deste Pay, he, porque o não conhece a elle: *Propter hoc mundus non novit nos, quia non novit eum.* Como se differa a Aguia dos Evangelistas: Eu sou desprezado, porque o mundo conhece o Zebedeo de quem sou filho por natureza, & não me estima como devéra, porque não conhece a Deos, de quem sou filho por graça.

344 Notai o que diz, & não diz S. Joaõ. Parece que havia de dizer, que o mundo não nos estima, porque não conhece que somos filhos de Deos: mas

não diz assim, senão que o mundo não nos estima, porque não conhece a Deos, de quê somos filhos: *Propter hoc mundus non novit nos, quia non novit eum.* De sorte, que porque o mundo nos não conhece por filhos de Deos, se segue que nam conhece a Deos? Sim. E a razão he; porque presume, & faz conceito de Deos, não como de Deos, senão como de homem. O homem só prefilha, & faz herdeiro ao servo, quando não tem filho proprio. Assim disse Abraham a Deos, que supposto não ter filho, seria seu herdeiro Eliezer seu servo: *Ego vadam absque liberis: & Eliezer vernaculus meus, hæres meus erit.* E depois que Deos deo a Abraham hum filho, que foi Isaac, disse Sara sua mulher, que lançasse fóra a Ismael filho da escrava, porque não havia de ser herdeiro com seu filho: *Ejice ancillam, & filium ejus, non enim erit hæres filius ancillæ cum filio meo Isaac* Isto he o que fazem os homês,

Genef.
15. 23.

Genef.
20. 10.

& o mesmo presume , & cuida de Deos quem o não conhece: *Quia non novit eum.* Como Deos tem filho proprio , & natural, igual em tudo a sy mesmo, & nõs os homens somos servos, cuida o mundo ignorante, que não havia de fazer Deos aos servos herdeiros com o filho. Mas he tanto pelo contrario, que para que os servos fossem herdeiros com o filho , sendo servos por natureza, os fez primeiro filhos por graça. Expressamente S. Paulo: *Ipsè enim spiritus testimonium reddit spiritui nostro, quòd sumus filij Dei. Si autem filij, & hæredes: hæredes quidem Dei, cõhæredes autem Christi: sitamen cõpatimur, ut & conglorificemur.*

345 Nesta ultima palavra *conglorificemur*, & na palavra *cõhæredes* declara o Apostolo, que assim como a graça nos faz filhos, assim a gloria nos faz herdeiros. Para que nõs agora vejamos se nos havemos de prezar mais de herdeiros,

que de filhos, & se havemos de estimar mais a herança, ou o nascimento. Cã onde os Pays são homens, pòde succeder, & succede muitas vezes ser o nascimento tão baixo, & tão vil, & a herança tão copiosa, & tão rica, que se despreze o nascimento, & se estime a herança; mas onde o Pay he Deos, tão infinito na nobreza, como na essencia, ainda que seja a gloria a que nos faz herdeiros, claro està que sempre havemos de estimar, não só mais, senão infinitamente mais, a graça, que nos faz filhos. Essè foi o erro, & o acerto daquelles dous filhos do Pay, que representava a Deos, hum louco, outro sezudo. O louco, que era o Prodigio, em vida do Pay pedio que lhe dèsse a sua herança, porque estimava mais o ser herdeiro, que filho: porèm o sezudo, que era o irmão mais, velho, deixou se ficar sempre na casa do Pay sem fallar, nem se lembrar da herança, porque tanto me-

nos estimava a herança, que o nascimento, como se fora só filho, & não herdeiro. E isto he o que deve fazer todo aquelle, que com juizo maduro, & inteiro comparar a graça, & a gloria.

§. VI.

346 **A** Quarta razão desta preferência he tão futil, & bem arguida como seu Author. Aquillo he melhor (diz Escoto) cujo opposto he peor: o opposto da gloria, que cõsiste em ver a Deos, he não ver a Deos: o opposto da graça, que consisite em amar a Deos, he não amar a Deos: logo melhor he a graça, que a gloria, porque peor he não amar a Deos, que he o opposto da graça, que não ver a Deos, que he o opposto da gloria. E que seja peor não amar a Deos, que não ver a Deos, he manifesto; porque não querer ver a Deos, não só pôde ser licito, senão meritorio, & querer não amar a Deos,

não só he sempre peccado, & gravissimo peccado, mas não he possível motivo, que o faça toleravel, ou licito.

347 No Testaméto Velho, & Novo temos dous famosos exemplos desta Theologia nos dous maiores Heroes da caridade, Moyses & Paulo. Determinado Deos a acabar de húa vez com o Povo de Israel pela idolatria do bezerro: oppoz-se Moyses a esta determinação, que Deos lhe revelára, dizendo: *Aut mitte eis hañc noxam, aut* Exod. 32. 34. *sinon facis, dele me de libro tuo, quem scripsisti.* Ou vós, Senhor, haveis de perdoar ao Povo este peccado, ou senão fazeis o que vos peço, riscaime do voffo livro. Este livro, como consta de muitos lugares da Escritura, he o livro em que estão escritos os que são predestinados para a gloria. Mas paremos aqui, & vamos a S. Paulo. S. Paulo declarando o grande sentimento que tinha de ver como os da sua nação não que-

riaõ crer em Christo, & se precipitavão obstinadamente à perpetua conde-nação, diz que por elles desejava fazer hum tal sa-crificio de sy mesmo a Deos, que Deos o privasse eternamente da gloria, que consiste na sua vida, com tanto que a mesma gloria, de que elle se privava, a ouvessem elles de gozar crendo em Christo. Isto he o que querem dizer aquel-las animosas palavras: *Optabam ego ipse anathema esse à Christo pro fratribus meis, qui sunt cognati mei secundum carnem.* E assim entendem este Texto, & o de Moyfes S. Joaõ Chryso-stomo, Theofilacto, Ecu-menio, Ruperto, Cassiano, Origenes, S. Bernardo, & entre Theologos, & Interpretes he a sentença mais literal, & cõmum.

348 Antes porèm que cerremos este ponto nam quero passar em silencio hũa advertencia muito necessaria a esta nosã terra. Os que sã estimaõ o que se vê com os olhos, quando

vem que se embarcãõ para estas partes, ou outras povoadas de Gentios, os Ministros Evangelicos, nam se pòdem persuadir, senaõ que os traz, ou leva a ellas, algum motivo de interesses temporaes. E certo que para desfazer este engano bastava a cõsideração, que fazia hum homem muito bem entendido, quando se embarcava de Roma para os destertos do Ponto Euxino: *Vel quò festinas ire, vel unde, vide:* Olha donde vãs, & para onde. Esses, cujos intentos taõ grosseiramente julgais, vede donde vem, & para onde: & considerai (ainda temporalmente) o que là deixão, & o que cà achaõ. Mas a razão porq̃ a valiaistaõ baixamente os riscos dos mares, as incomodidades das terras, & a estranheza dos climas a que expoem a vida, he, porque não conheceis como elles o valor das almas. Parecevos que fazia bem Moyfes, & que fazia bem S. Paulo em quererem trocar a gloria, & bem;

Roman.
9. 3.

béaventurança do Ceo pela salvação das almas de seus proximos? Não creio, q' seja tão rude a vossa fé, que digais que fazião mal. Pois muito menos he trocar Portugal, que o Ceo, & querer salvar as almas proprias, & mais as alheas, que levar a ver a Deos as alheas à custa de o não ver por toda a eternidade. E isto he o que fazia não só depois de Christo S. Paulo, senam antes de Christo Moyses.

349 Agora pergunto: Estes dous homens tão valentes, & tão deliberados, que assim se resolviao a não ver a Deos, suppunhaõ tambem com o impeto, & fervor da mesma resolução, que o não haviaõ de amar? *Absit*: De nenhum modo. Porque assim como por hum motivo tão pio, & de tanta caridade seria acção não só licita, mas heroica offerecerse a não ver a Deos, assim seria não só illicita, mas impia querer-se expor ao não amar. Antes he certo, que quanto mais renunciavão a vista

de Deos pelo amor do proximo, tanto mais fortes raizes lançavão no amor do mesmo Deos. Ouçamos a eloquencia de Chrysostomo arguindo neste caso a S. Paulo: *Quid ais, Paule, nonne jam dixisti: Quis nos separabit à charitate Christi?* E bem Paulo, não fois vós aquelle que já dissestes, que nenhũa coufa vos separaria do amor de Christo? Não fois aquelle que quereis, que a vossa alma se desfataffe do vosso corpo, para estar sempre com elle? Pois como agora quereis carecer de o gozar, & ver por toda a eternidade? Antes por isso mesmo, responde em nome de S. Paulo o mesmo Chrysostomo. Porque eu amo muito a Christo, por isso me quero privar de o ver, & gozar, para que em lugar de mim, que sou hum só, o vejaõ, & gozem muitos, & segundo o meu desejo, o amem, & louvem todos: *Imò quia amo Christum, cupio separari à fruitione Christi, ut plures, imò*

Roman.
835.

omnes eum ament, & laudent. E quanto fosse agradável a Deos este excesso de caridade, assim em S. Paulo, como em Moyses, posto que a nenhum delles aceitou o offerecimento, se vio bem nas merces com que depois honrou a hum, & a outro: fazendo geralmente, & para com todos tal differença entre a sua graça, & a sua gloria; que a quem não quer a sua graça, castiga-o com o privar da gloria, & a quem por semelhante motivo não quizer a sua gloria, premia-o com lhe aumentar a graça.

§. VII.

350 **M**Ui dilatada cousa seria, se ouvessemos de ponderar como atègora as outras razões desta differença: mas porque não he bem, que totalmente fiquem em silencio, de corrida as irei apontando. Seja a quinta, que por conservar a graça não só he licito, & louvavel renunciar a gloria do

Ceo, senão tambem querer antes padecer as penas do Inferno. Isto não pertendeo Moyses, né S. Paulo, mas he resolução famosa de S. Anselmo, & à qual no mesmo caso està obrigado todo o Christão: *Si hinc peccati pudorem, & illinc cernerem inferni horrorem, & necessario uni illorum habere immergi, prius me in infernum immergerem, quam peccatum in me admitterem.*

Ansel.
lib. de
similit.
cap. 190.

Se de hũa parte, diz Anselmo, se me puzesse o peccado, & da outra o Inferno com todo o seu horror: & me fosse necessario escolher hum dos dous, antes me havia de lançar logo no Inferno, que admitir em mim o peccado. Mais: E se fosse possivel (como de potencia absoluta não repugna) ver hum homẽ a Deos no Ceo estando em peccado: qual seria no tal caso mais ditoso, este homem, ou Anselmo? Não ha duvida, que Anselmo. Porque Anselmo no Inferno conservava a graça, ainda que padecia as penas dos condenados,

Selas.
Taner.
Lorca.
Ovied.
Ariag.

denados, & o outro no Ceo posto que via a Deos; em que consiste a gloria dos Bemaveturados, não estava em graça.

351 Mais ainda; & não suppondo casos extraordinarios, senão o que de facto está sempre obrando Deos no Ceo, & na terra. No Ceo sempre Deos está comunicando a sua vista aos que depois da morte são dignos da gloria: & na terra sempre está comunicando a sua graça aos vivos, que se dispoem para ella. É porque modo, ou com que differença de authoridade, & honra comunica Deos a huns, & outros a sua vista, & a sua graça? Bem dita seja a divina Bõdade, nunca nas demonstraçoens mais divina! Aquelles a quem comunica a sua gloria, leva-os ao Ceo, & dalhes lugar na sua Corte: porèm aquelles a quem comunica a sua graça, vem elle em pessoa a darlha, & fallos morada sua. Se hirmos ao Ceo, moramos com Deos, mas se estamos em

graça, não só mora Deos comnosco, senão em nós. E para que em nada seja menor esta assistencia pessoal de Deos em nós, que a vista do mesmo Deos nos que estão na gloria; concordão os Theologos, que para ser verdadeiramente bemaventurado o que vê a Deos, não basta só ver ao Padre, ou ao Filho, ou ao Espirito Santo; mas he necessario ver todas as tres Pessoas divinas; porque só deste modo he ver a Deos como elle he: *Tunc videbimus eum sicuti est.* Pois assim como no Ceo os Bemaventurados da vista, nam só vê hũa pessoa da Trindade, senão todas tres; assim na terra os Bemaventurados da graça não só tem dentro em sy o Padre, ou o Filho, ou Espirito Santo, senão todo Deos trino, & hũ em todas as pessoas. E isto com tanta differença, & ventagem, quanta vai de objecto a morador. He texto expresso do mesmo Christo: *Si quis diligit me,*

1 Joan. 3. 2.

Joan. 14. 23.

sermonem meum servabit, &

ad.

ad eum veniemus, & mansionem apud ipsum faciemus. Qui diligit me, eis ahi a graça: Et ad eum veniemus, eis ahi as tres pessoas divinas: Et mansionem apud ipsum faciemus, eis ahi a morada perpetua, & assistencia permanente.

352 Mais outra vez; posto que depois do que acabamos de dizer, pareça que não pôde haver mais. É a razão desta nova differença, ou ventagem he: que a gloria que havemos de gozar no Ceo pela vifta, já a possuimos na terra pela graça. Escrevendo o Apostolo S. Pedro aos novos Christãos do Ponto, Galacia, Capadocia, Asia, & Bithinia, aonde sendo Summo Pontifice, & Vigario de Christo, tinha ido prègar a Fè [para que vejais outra vez, quam alto ministerio he o da conversão dos Gentios, taõ pouco conhecido da gente rude) diz estas notaveis palavras: *Benedictus Deus Pater domini nostri Iesu Christi, qui secundum misericor-*

*diam suam magnam regeneravit nos in hereditatem incorruptibilem, & incontaminatã, & immarcescibile, conservatam in Calis in vobis. Quer dizer: Bemdito seja Deus, Pay de nosso Senhor Jesu Christo, o qual pela graça do bautismo nos gerou segunda vez para a gloria incorruptivel, & perpetua, que está guardada no Ceo, & em nós. Nestas duas ultimas palavras, no Ceo, & em nós, in Calis, & in vobis, está o maravilhofo desta sentença. Que a gloria esteja guardada no Ceo, bem se entende; porque o Ceo he o lugar da gloria, & no Ceo he que a havemos de gozar; mas se aquelles com quem fallava S. Pedro estavaõ na terra, como nós estamos; porque lhe diz que essa mesma gloria não só está guardada no Ceo, senam nelles mesmos, & em nós: *Servatam in Calis, & in vobis?* Porque acabava de lhes lembrar, que estavaõ gerados segunda vez pela graça do bautismo, como*

nòs estamos: & effa mesma gloria, que depois havemos de gozar no Ceo pela vista, já agora a possuímos na terra pela graça. De forte, que o Christão que está em graça, quando vai ao Ceo, não só leva o direito para a gloria comsigo, senão a posse da mesma gloria em sy. Por isso não diz, q̄ está guardada para nòs, senão em nòs, *in Cælis, & in vobis*. Veja agora cada hum se escolheria antes a posse do bem, ou presente, ou futura, ou dentro em sy, ou fóra.

§. VIII.

353 **M**Ais ainda. Diz S. Joáo Chrysofotomo, que assim como não havemos de temer o Inferno por horror das penas, senão por ter offendido a Deos, & perdido sua graça: assim não havemos de desejar o Ceo, principalmente por amor da gloria, senão por gozar da mesma graça, & amar ao mesmo Deos eternaméte;

Ut gehennam timere non debemus propter ignem, sed quia offendimus tam bonum Dominum, & ab illius gratia sumus alieni: ita ad regnum nobis festinandum propter amorem in illum, ut ejus gratia fruamur. De maneira que o amor, & desejo bẽ ordenado da gloria, não ha de ser por amor da gloria, senão por amor da graça. He erro em q̄ cahio Moyses, mas de que logo se emendou no mesmo acto com admiravel retractação de palavras. Tinha Deos dito a Moyses, que estava em sua graça: *Inveni gratiam coram me.* E sobre esta supposição de estar em sua graça, instou Moyses dizendo: *Si ergo inveni gratiam in conspectu tuo, ostende mihi faciem tuam, ut sciam te, & inveniam gratiam ante oculos tuos.* Pois Senhor, se já estou em vossa graça, concedeme a vista de vosso rosto, para que esteja em vossa graça. Quem haverà, que não veja, & note nestas palavras como Moyses no

Chrysof. homil. 23. in Genel.

Exod. 33. 12. 13.

mesmo acto de as pronunciar trocou a ordem com que as começou a dizer, & com que acabou. Quando começou, ordenou a graça de Deos para a vista de Deos: *Si inveni gratiam in conspectu tuo, ostende mihi faciem tuam*; & quando acabou, ordenou a mesma vista de Deos, para a mesma graça de Deos: *Ostende mihi faciem tuam, ut inveniã gratiam ante oculos tuos*.

Pois a mesma graça nas primeiras palavras he meyo para alcançar a vista de Deos, & logo a mesma vista de Deos nas segundas palavras he meyo para alcançar a mesma graça? Sim: porque assim emendou Moyses, & melhorou o seu desejo. Ordenar a graça para a gloria, & fazer a gloria fim da graça, bom desejo he; mas ordenar a gloria para a graça, & fazer a graça fim da gloria, he muito melhor desejo. Porque? Porque a graça antes da gloria está perigosa, & depois da gloria está segura. E posto que he bom dese-

jo querer a graça para gozar a gloria; muito melhor desejo, & muito mais alto pensamento he desejar a gloria, por segurar a graça. O primeiro fez Moyses có menos consideração, quando disse: *Si inveni gratiam in conspectu tuo, ostende mihi faciem tuam*: & o segundo com muito mais fino, & prudente juizo, dizendo: *Ostende mihi faciem tuam, ut inveniam gratiam ante oculos tuos*.

354 Finalmente, seja a ultima razão de escolher antes a graça, que a gloria, a esterilidade da mesma gloria, & a fecundidade da mesma graça. A gloria no Ceo he hũa felicidade grande, mas felicidade, que não creçe, porque hũa gloria não causa outra gloria; porém a graça na terra he hũa felicidade, ou hũa bé-aventurança, que sempre crece, porque sempre hũa graça está produzindo outra graça. Depois que o Evangelista S. João declarou a gloria de Christo pela superabundância de graça de que

que estava cheo : *Vidimus gloriam ejus quasi unigeniti à Patre, plenum gratia, & veritatis*, diz que desta enchente, como de fonte pèrenne recebemos todos a graça, & não hũa só graça, senão hũa sobre outra sempre mais, & mais : que isso quer dizer : *De plenitudine ejus omnes accipimus gratiam pro gratia*. Onde se

Ibid. 16.

deve muito notar, que tẽdo fallado na gloria, & graça de Christo, só da graça diz, que recebemos graça por graça, & graça sobre graça, & da gloria não; porque no Ceo não dá Deos gloria por gloria, ou huma gloria sobre outra. Este privilegio, & esta prerogativa he só da graça. E quam superior seja por isso mesmo à gloria do Ceo, em nenhum outro dos que muito crecêrao na graça, o podemos ver melhor, que no mesmo S. Joaõ. Vio S. Joaõ no seu Apocalypse a Deos assentado em trono de Magestade, & que o assistiaõ em roda do trono quatro animaes mysterio-

Tom. 7.

fos todos cheos de olhos, o primeiro semelhante a Leão, o segúdo a Bezerro, o terceiro a Homem, o quarto a Aguia. Ninguem ignora que nestes quatro animaes eraõ representados os quatro Evangelistas, S. Marcos no Leão, S. Lucas no Bezerro, S. Matheus no Homem, S. Joaõ na Aguia; & todos cheos de olhos, *ante, & retro*, porque todos na parte posterior tinhaõ as noticias da divindade, & na anterior as da humanidade de Christo, de quem escrevêraõ. Vindo pois a S. Joaõ, dalhe o Texto o quarto lugar, & diz que só elle voava : *Et quantum animal simile aquilæ volanti*. Pois se S. Joaõ entre todos os Evangelistas foi o que mais altamente escreveu, porque se lhe dà o ultimo lugar. & se todos os outros animaes tinhaõ azas; porque se diz, que só elle voava? Primeiramente dáse a S. Joaõ o ultimo lugar, porque elle escreveu depois dos outros Evangelistas, & não

Bb me.

Apoca-
1) p. 4.7

meños que trinta annos depois , havendo outros tantos que S. Matheus, S. Marcos, & S. Lucas eraõ já mortos. Mas daqui mesmo se acrecenta mais a segunda duvida ; porque se os outros tres Evangelistas estavão já no Ceo vendo a Deos, como voava elle só estando na terra ? Por isso mesmo. Porque os outros estavão gozando na gloria, dõde senão sobe, & S. João estava merecendo na graça, onde sempre se crece. Eu vos prometo , diz S. Bernardo, q se Deos dêsse licença aos Bemaventurados, que o estão vendo no Ceo, para virem à terra a merecer, & crescer a maior graça, que todos aceitariaõ este partido deixando a gloria, para depois voarem à mesma gloria mais cheos de graça : logo se a escolha se faria no Ceo, onde senão pôde fazer, porque senão fará na terra ? Em S. João não foi eleição sua : mas he certo, que elle foi o mais amado, & quando os meños amados viao, elle voava.

§. IX.

355 **A**Tèqui temos visto as razões porque comparada a gloria com a graça, se deve escolher antes a graça, que a gloria. E se alguem cuidar, que não fallamos atègora no que principalmente deviamos fallar, que he a Virgem Senhora nossa da Graça, cuja festa celebramos ; digo, q o que atègora disse, assim como foraõ prerogativas da graça, assim foraõ excellencias da Senhora debaixo do mesmo titulo. S. Thomás com seu Mestre Alberto Magno distinguem na graça da Virgem Maria tres estados de perfeição: o primeiro desde o principio de sua Conceição, a que chamão de sufficiencia : o segundo desde o ponto em que concebeo o Verbo eterno, a que chamão de abundancia: o terceiro por todo o tempo da vida até a morte, a que chamão de excellencia singular. Por

todas as razões pois que referimos, muito melhor, & mais altamente entendidas, comparandose a Senhora comfigo mesma, como aquella singularissima alma, que sobre todas as criaturas amou, & foi amada de Deos, tambem nam pôde deixar de estimar mais a graça, que a gloria, pois no mesmo amor reciproco consiste a graça. Estimou mais a graça, que a gloria, não por assegurar no Ceo a mesma graça, em que fora confirmada desde o instante de sua Conceição, mas por aumentar mais, & mais o amor, que lá se iguala com a vista por toda a eternidade. Batalhava no coração da Mãe de Deos o mesmo amor, por húa parte com o desejo de mais depressa o ver, & por outra com a razão de mais o amar eternamente, & porque este motivo foi o vencedor, por isso escolheu como melhor parte a da graça: *Maria optimam partem elegit.*

356 Naquellas palavras,

Indica mihi, quem diligit anima mea, ubi pascas, ubi cubes in meridie: manifestou o amor da Senhora quâto desejava ver a Deos no meyo dia da gloria: & a resposta foi, q̄ mais convinha por entãõ, que na ausencia de seu Filho ficasse apascentando o seu rebanho: *Abi post vestigia gregum tuorum, & pasce hœdos tuos juxta tabernacula pastorum.* Assim o fez a Senhora, sendo dalli por diante o oraculo de toda a Igreja, & Mestre dos mesmos Apostolos, não só em Jerusaleem, & na Judéa, mas peregrinando a outras partes do mundo. Durou, não digo este desterro da gloria, mas esta ausencia de seu Filho, não menos que vinte & quatro annos depois que elle tinha subido ao Ceo, como prova o Cardinal Baronio, fundado no testemunho irrefragavel de S. Dionysio Areopagita: até que finalmente em tal dia, como hoje, foi chamada a bemditissima Mãe a receber da mão

de feu Filho, & gozar por toda a eternidade a coroa immensa da gloria, que tinha merecido a sua graça. E digo que foi chamada; porque assim o declaraõ as vozes de toda a Santissima Trindade, não em cõmum, mas distintamente repetidas por cada hũa das divinas Pessoas: *Veni sponsa mea, veni de Libano, veni coronaberis.* O Padre disse, *Veni,* chamado-a como Filha, o Filho disse, *Veni,* chamando-a como Mãy, o Espirito Santo disse, *Veni,* chamando-a como Esposa. Mas se toda a Santissima Trindade, & cada hũa das divinas Pessoas por sy, & por tão particulares motivos desejava ver a Virgem Maria no trono da gloria, onde tambem como Filha visse o Padre, como Mãy o Filho, & como Esposa o Espirito Santo: & a mesma Senhora suspirava por este dia com tão ardentes desejos, & violentissimas faudades, que ellas, & o amor lhe rompéraõ os laços da vida, & lhe desfátaraõ a al-

ma; como as mesmas Pessoas divinas, que pòdem quãto querem, não só permittiraõ, mas quizeraõ, que a mesma Alma santissima continuasse neste mundo privada do Ceo, & da gloria, & padecesse feu amor este largo martyrio por tantos annos? Aqui vereis, quam verdadeira he a doutrina de todo o nosso discurso, & as razões d'elle. Assentou no Consistorio da Santissima Trindade o Padre, que a sua Filha, o Filho, que a sua Mãy, & o Espirito Santo, que a sua Esposa se lhe dilatasse a vista de Deos, & a gloria por espaço de vinte & quatro annos, para que em todo este tempo merecesse mais, & mais, & crecesse na graça; porque computados tantos annos de gloria com outros tantos de graça, não só por eleição da mesma Senhora, senão por decreto de todas as Pessoas divinas lhe convinha, & importava mais o crescer na graça, que o gozar a gloria. *Vt cumulares merita,*

ejus

Pet. Da
mian.
serm. d.
Afsupr.
Ving.

ejus assumptionem ad gloriam tamdiu distulisti, diz S. Pedro Damiaõ.

§. X.

357 **M**As quem poderá declarar quaes foraõ os aumentos de graça com que a Virgẽ Maria (em todo este tempo mais propriamente Senhora da Graça) accumulou, hũa sobre outra , as immensidades da sua ? S. Epiphany disse : *Gratia Sanctæ Virginis est immensa* : S. Boaventura : *Immensa certè fuit gratia qua ipsa fuit plena* : & S. Anselmo : *Quid amplius dicere possũ, Domina, immensitatẽ quippe gratiæ, & gloriæ, & felicitatis tuæ considerare incipienti & sensus deficit, & lingua fatiscit*. Eites Santos com palavras claras, & expressas apregoaõ por immensa a graça da Virgẽ Maria : & S. Joaõ Damasceno, S. Jeronymo, S. Efreem, S. Bernardo, S. Ignacio Martyr, S. Pedro Veronense , & quasi todos os

Santos dizem o mesmo cô termos naõ de menor expressaõ, mas de mais profunda intelligencia , que por isso naõ repito. Sõ quizera, que todos os que me ouvis fosseis Theologos, para a demonstraçaõ dos aumentos de graça, a que a Senhora creceo nestes ultimos annos de sua fantissima vida. Procurarei porẽm de os reduzir às regras de outra ciencia mais vulgar, & mais practica, pela qual jã que nenhum entendimento humano pòde comprehender esta immensidade, ao menos de algum modo a possamos todos conjecturar.

358 Todos sabeis aquelle modo de conta, que vulgarmente se chama ao galharim, em que tudo o que se possue , & precede em hum numero, se dobra no seguinte. Suppondo pois cô a mais assentada Theologia (em que ella naõ está pouco obrigada ao doutissimo Soares de nossa Companhia) que os actos do amor, & caridade da Virgẽ

Epiph.
Orat. de
Laudib.
Virg.
Bonav.
in Speculo
cap 5.
Anselm.
de Excellent.
Virg.
cap 3.

Suar.
to n. 2.
in 3. p.
dulp. 18.
lect. 4.

santíssima, os quaes todos eraõ perfeitissimos, con- dignamente mereciaõ ou- tro tanto aumento de gra- ça, qual era o que tinhaõ em sy, & por isso huns so- bre outros sempre mais, & mais hiaõ dobrádo a mes- ma graça; façamos agora a conta aos grãos de graça, q̃ a Senhora podia acqui- rir em hum só dia, & para que a conta proceda com toda a clareza, naõ presup- ponhamos na alma da mes- ma Virgem mais que hum grão de graça, nem consi- deremos que fazia em cada quarto de hora mais que hum acto de caridade. Isto posto, no primeiro quarto de hora, & pelo pri- meiro acto de caridade, dobrou a Senhora o mere- cimento, & mereceo dous grãos de graça: no segun- do quarto mereceo qua- tro: no terceiro, oito: no quarto, dezaseis: no quin- to, trinta & dous: no sex- to, sessenta & quatro: no setimo, cento & vinte oi- to: no oitavo, duzentos & cincuenta & seis: no nono,

quinhentos & doze: no de- cimo, mil & vinte & qua- tro. De sorte, que em dez quartos de hora, & com dez actos de caridade me- receo a Senhora, & creceo a mil & vinte quatro grãos de graça. Agora faça cada hum de vagar em sua casa a conta que resta em todos os quartos de hora de hum dia, que saõ noventa & seis, porque ainda que se- gundo a forçosa ley da hu- manidade alguns quartos da noite occupasse o bre- vissimo sono os sentidos exteriores da Virgem, esse sono naõ interrompia as acçoens da alma, que sem- pre vigiava, amava, & me- recia: *Ego dormio, & cor- meum vigilat.* Mas porque Capit. 2.

Nos vinte quartos de hora daquelle dia tinhaõ crecido os grãos da graça da Senhora a numero de qui-

quinhétos & vinte & quatro mil & duzétos & oitenta & oito. Em trinta, a quinhentos & trinta & sete contos, quinhentos setenta & quatro mil nove centos & doze. Em quarenta, a mil & trezentos & setenta & seis milhoens, setenta & seis contos, setecentos & trinta & cinco mil quatrocentos & oitenta & oito. Em cinquenta, a hum conto quatrocentos & nove mil duzentos & vinte milhoens, cento & setenta & sete contos, setecentos & setenta & nove mil setecentos & doze. Em sessenta, a tres milhoens de milhoens, duzentos & onze contos, quarenta & hum mil setecentos & trinta & cinco milhoens, & quarenta & seis contos quatrocentos & trinta & sete mil & oitocentos & oitenta & oito. Em setenta, a sete mil & duzétos & vinte & quatro milhoens de milhoens, duzentos & treze contos, quatrocentos setenta & tres mil quinhentos & dezasete milhoens, & trezentos &

quatro contos, setecentos & noventa & quatro mil seiscentos & vinte & quatro. Em oitenta, a seis contos trezentos & oitenta & cinco mil quatrocentos & vinte & dous milhoens de milhoens, & cento & noventa & seis contos oitocentos & oitenta & dous mil & cento & oitenta & oito milhoens, cento & setenta contos, & cento trinta & quatro mil & novecentos & setenta & seis. Em noventa & seis finalmente, faz a soma de quatrocentos & treze mil, quatrocentos & setenta & cinco contos, quarenta & oito mil quatrocentos & quarenta & nove milhoens de milhoens, seiscentos & setenta & hum contos, noventa mil milhoens, & trezentos & noventa & sete contos, setecentos & oitenta & sete mil céto & trinta & seis, que he o ultimo quarto de hora de hum dia natural.

359 Demonstrada esta immensidade de graça adquirida pela Virgem Senhora nossa em hū só dia,

cuidareis sem duvida todos, & estareis esperando, que eu tire por consequencia as immensidades da mesma graça, a que a mesma Senhora creceria no compridissimo espaço de tantos dias, mezes, & annos, quantos se contáráõ desde a Ascenção de seu Filho até a sua gloriosa Assumpção. Mas não digo, nem direi tal cousa; porque seria diminuir, & apoucar muito, & fazer grande aggravo à mesma graça. As duas supposições que fiz na conta deste dia, foraõ só ordenadas à clareza, & evidencia da mesma côta, & fingidas como por exemplo com dous defeitos contrarios à manifesta evidencia da verdadeira supposição. Suppuz q a Senhora no primeiro quarto daquelle dia tivesse hum só grão de graça, & esta supposição foi fingida, porque no dia da Ascenção de Christo tinha a Senhora tão innumeraveis grãos de graça, quanta desde o instante de sua purissima Cõ-

ceição tinha adquirido em trinta & quatro annos da vida de seu Filho, & quarenta & oito da sua. Suppuz em segundo lugar, que em cada quarto de hora fazia a Senhora sómente hum acto de caridade, & amor de Deos, sendo estes actos tantos, quantas eram as respiraçoens da mesma Senhora, cuja memoria, entendimento, & vontade, nem por hum momento se divertia da attentissima contemplação do divino objecto, com que sua alma inseparavelmente estava sempre unida, amando-o de dia, & de noite sem cessar com mais intensos, & efficazes affectos, que os Serafins da gloria. Isto he o que entãõ não suppuz para a clareza da conta, & o que agora supponho para a consequencia, & conjectura da graça, na qual como em hum pégo, ou abismo sem fundo afogados, & perdidos todos os numeros da Arithmetica, só resta ao discurso, & entendimêto humano o passo,

mo, & à lingua o silencio, & confissão de que a graça de Maria he incomprehenfivel.

360. Qué sómente foubе achar paralélo à graça da Mãy de Deos, foi o antiquissimo Andrès Cretenfe, o qual a comparou com o ineffavel myfterio da humanidade do Filho, a que chama infinitas vezes infinitamente infinito. As fuas palavras faõ estas : *Siquid, quod nos superat, in ea divina operata est gratia, nemo*

finita, quod in ea divina operata est gratia infinites infinite. E como a immensa grandeza do infinito só a pôde comprehender entêdimento infinito, qual he unicamente o de Deos; por isso conclue S. Bernardino, fallando da perfeiçam da graça da Senhora neste mesmo dia, que o conhecimento della só está reservado para Deos : *Vt soli Deo cognoscenda reservetur.*

D. Bernard. Sermon. 4.º de Assumpt. Virg.

miretur intuens ad novum, & ineffabile quod in ea perceptum est mysterium, ab omni infinitate infinites infinite exemptum. Notemse muito estes novos, & ultimos termos, *ab omni infinitate infinites infinite.* Foi o myfterio de Deos feito homẽ infinito sobre toda a infinidade, *exemptum ab omni infinitate,* porque foi infinito infinitas vezes, *infinites, & infinito infinitamente, infinite.* E nesta infinidade, ou infinidades só se pareceo com elle a graça da Mãy infinitamente in-

361 No dia da Assumpção desceo o mesmo Filho de Deos a honrar o triunfo de sua Mãy, acompanhado de toda a Corte do Ceo, Anjos, & Santos: os quaes admirados diziam : *Quæ est ista, quæ ascendit de deserto, delicijs affluens, in-nixa super dilectum suum?* Quem he esta, que sobe do deserto, naõ só chea, mas inundando delicias, sustentada do seu amado? O seu amado he o bemdito Filho, primeiro motivo daquella admiração, o qual para maior magestade do triunfo, quiz elle ser em

Cant. 8.5.

peessoa

Andreas Crete. Sermon. de Dormitione Virg.

peſſoa o que levaffe de braço a ſua Mãy. As delicias, ou inundaçãõ de delicias, que juntamente admiravaõ, & das quaes não fó hia chea, mas como de fonte redundante manavaõ, & enchiaõ tudo, não podendo ſer a da gloria para onde começava a ſubir, eraõ ſem duvida as da graça, que na terra, & na vida tão immenſamênte tinha adquirido. Affim comenta eſte lugar o doutiſſimo Cardeal Hailgrino: *Affluere autem dicitur gratiarum delicijs, & virtutum: & innixa ſuper dilectum, cujus imitebatur gratia.* Mas o que eu ſobre tudo admiro nos meſmos admiradores, he, que em tal dia, & em tal concurſo chamem à terra deſerto: *Quæ eſt iſta, quæ aſcendit de deſerto?* Se toda a Corte do Ceo tinha decido com o ſeu Príncipe à terra: Se deſpovoado o meſmo Ceo, todo naquella dia eſtava junto na terra donde começava a marchar o triunfo, como ſe chama deſerto? Porque

tanto que appareceo a glorioſa triunfante revellida das immenſidades de ſua graça, maiores na grandeza, que todas as delicias, que atè entãõ ſe tinhaõ gozado na gloria, tudo quanto tinha decido do Ceo à terra deſappareceo à ſua viſta. Excellentemênte S. Pedro Damião: *In illa inaccessibili luce perlucens, ſicutrorumque ſpirituum habetabat dignitatem, ut ſint quaſi non ſint, & comparatione illius, nec poſſint, nec debeant apparere.* Que Regiaõ mais povoada (he cóparaçãõ do meſmo Santo) Que Regiaõ mais povoada que o Ceo de noite? Tantos Planetas, tantas conſtellaçoens, tanta multidãõ de Eſtrelas maiores, & menores ſem numero. Mas em apparecendo o Sol, o meſmo Ceo ſubitamente ficou hum deſerto, porque tudo à viſta delle ſe ſumio, & deſappareceo, & fó elle apparece. O meſmo ſucedeo a todas as Gerarchias do Ceo neſte dia. Por grandes, & innumeraveis

naõ

Cant. 8.
5.P. Dan
S. rm d
Aisup
Virg

naõ cabiaõ na terra, mas tanto que abalou o triunfo, & apparecêraõ os soberanos resplandores da graça, ou da Senhora da Graça, tudo o mais desapareceo, & ficou hum deserto: *Quæ est ista, quæ ascendit de deserto*; porque todas effas Gerarchias em sua presença eraõ como senaõ foraõ, *ut sint tanquam non sint*, & porque todas em sua comparação, nem podiaõ, nem deviaõ apparecer, *et comparatione illius, nec possint, nec debeant apparere*; só appareceo, & só se fez menção do seu amado, *innixa super dilectum suum*, que he nova confirmação desta mesma verdade; porque junta com a graça de Maria só a de seu Filho avulta, & apparece, por ser graça de homem Deos, abaixo do qual, como diz S. Anselmo, nenhũa se pôde cõsiderar, nem entender maior que a de sua Mãy: *Quamator sub Deo nequeat intelligi*. E isto baste finalmente, para que todos celebremos, & confessemos

com os applausos das vozes, com os affectos dos coraçoes, & com os jubilos, & parabens de toda a alma, que Maria em quanto Senhora da Graça, ainda em comparação da sua mesma gloria, escolheo a melhor parte: *Maria optimam partem elegit*.

§. XI.

362 **I**sto posto (para que nos naõ falte o fim de taõ largo discurso, quando o temos acabado) perguntára eu a todos os que me ouviraõ, se fariam esta mesma eleição: se a tem feito atè agora, ou se a determinaõ fazer? De ninguem creio, se he Christaõ, & tem fé, que naõ faria a mesma eleição, estimando mais a graça de Deos, que a mesma gloria, como fez, com a maior luz de todas as luzes do Espirito Santo, sua soberana E sposa Maria Senhora nossa: bastando para isso, quando naõ ouvera tantas razoes, como vimos, ser eleição, & reso-

lu-

lução sua. E digo, se he Christaó, & tem fé; porque o contrario feria não dar credito às Escrituras sagradas, que allegamos: não imitar, nem venerar os exemplos dos maiores Santos de hum, & outro Testamento Moyfes & S. Paulo: & cerrar as portas da propria casa a toda a Santissima Trindade, que em todas as tres Pessoas, como ouvistes da boca do mesmo Christo, vé fazer morada na alma, que está em graça. Se quando tres Anjos em figura das tres Pessoas divinas foraõ ser hospedes de Abraham, elle os não recebéra, & agasalhára com tantas demonstraçoens de cortezia, & amor, antes os lançára de sua casa, quem se não afombraria de tal descomedimento? Pois o mesmo, & muito maior he o que fazem a Deos os que nam aceitaõ a sua graça, ou se despedem della, não dando com as portas na cara a tres Anjos, senão verdadeiramente às tres Pessoas

da Santissima Trindade, ao Padre, ao Filho, & ao Espirito Santo. Sõ quem não tem fé, como dizia, não tremerá de ouvir, & imaginar hum tão horrendo sacrilegio. Entaõ prezem-se os q̄ isto fazem de ser devotos da Senhora da Graça, & de ter dedicado a sua Igreja, & posto a sua patria debaixo do titulo, & protecção da mesma Graça. Como a graça consiste em amar, & ser amado de Deos, sô quem de todo coração estima mais a sua amizade, que a sua mesma vista, pòde afirmar com verdade, que faria a mesma eleição, que fez a Senhora da Graça.

363 Mas passãdo à segunda pergunta, respondeime, se fizestes esta eleição atègora? Oh valhame Deos, que confusão, & que angustias seráo as vossas, quando no dia do Juizo se vos fizer esta mesma pergunta! O lume da razão natural, sem chegar aos preceitos da Ley de Deos, está ditando a todo o homem,

mem, que entre o bem, & o mal deve eleger o bem, & entre o bom, & o melhor, eleger o melhor. Vejamos agora nos vossos pensamentos, nas vossas palavras, & nas vossas obras, que todas alli haõ de apparecer publicamente, que he o que escolheste: a graça, ou o peccado? Nos pensamentos o peccado, nas palavras o peccado, nas obras o peccado, & sempre, & em tudo, ou quasi tudo o peccado, com perpetuo esquecimento, & não só esquecimento, mas desprezo da graça. E porque? Nas obras por hum appetite irracional, ou por hum vilissimo interesse: nas palavras por hũa murmuração da vida alhea, ou por hum impeto da ira: nos pensamentos por hũa representação do desejo vaõ, & tal vez por hũa chimera não só fingida, mas impossivel. E he possivel, que por isto se troque, se venda, & se perca a graça de Deos: & sobre tudo, que sentindose tanto outras, que não me-

recem nome de perdas, só as da graça senão fintaõ! Verdadeiraméte, que não sei onde está a nossa fé, nem o nosso entendimento! O que só sei he, que semelhante insensibilidade só se acha em almas, que estão destinadas para o Inferno, & já nesta vida merecem o odio de Deos, como Esau: *Esau autem odio habui.* Vendeo Esau o seu morgado a Jacob por hum appetite taõ vil, & hum gosto taõ grosseiro, & taõ breve como sabemos, & pondéra a Escritura sagrada, que depois de fazer esta venda se apartou dalli: *Parvi pendens, quòd primogenita vendidisset,* sem fazer caso do que tinha feito, nem pesar o que tinha vendido. Assim acontece aos que perdem a graça de Deos, & muito mais se a vendem por algũa cousa de seu gosto. Por qualquer outra perda se entristecê, & por esta, & com esta taõ fôra estão de se entristecer, que antes se alegraõ: *Latantur cū malè fecerint.*

Mala-
ch. 1. 3.

Genes.
25. 34.

364 Aos que atègora fizeram tam mà, & taõ errada eleição como esta, só peço que tomem a balança na mão, & pesem o que Esau não pesou. Dizeime: Quaes são as cousas neste mundo pelas quaes os homens costumão perder, ou vender a graça de Deos? Geralmente, diz S. João Evangelista, são, ou desejo de riquezas, ou desejo de honras, ou desejo de gostos, & deleites dos sentidos. Pondeme agora tudo isto em hũa parte da balança, & da outra hum só grão de graça, & vede qual pesa mais. Ponde todo o ouro, toda a prata, todas as perolas, & pedras preciosas, que gera o mar, & a terra, & hum grão de graça, nam só pesa mais sem nenhũa comparação, mas o mesmo seria se toda a terra fosse ouro, & todas as pedras diamantes. Acrescentai mais à balança todas as honras, todas as dignidades, todos os Cetros & Coroas, todas as Mitras & Tiaras, & tudo quanto es-

tima a ambição humana, & nenhum pendor faz em respeito de hum só grão de graça, como tambem o não faria, ainda que Deos levantasse hum novo Imperio, no qual hum homé dominasse a todos os homens, & a todos os Anjos. Finalmente, sobre as riquezas, & honras accumulense todos os gostos, todas as delicias, todos os prazeres, nao só quantos se gozáraõ, & pòdem gozar neste mundo, senão tambem os que se perdéraõ no Paraíso Terreal; & para que vos não admireis de que pese muito mais hum grão de graça, sabei que ainda he mais digno de se appetecer, que tudo quanto gozáo, & quanto hão de gozar por toda a eternidade com a vista clara de Deos todos os Bemaventurados do Ceo: & sendo isto assim, pôde haver maior locura, que por hũa onça de interesse, por hum pontinho de honra, & por hum instante de gosto perder, naõ hum só grão de gra-

graça de Deos, senão toda a sua graça?

365 Mas para q̄ acabemos de pesar o que ainda não está pesado, tornemos ao morgado de Esau. O morgado, que Esau vendeo, era o temporal, que elle herdou de seu Pay Isaac, o qual indo a ser sacrificado, não chegou a derramar o sangue: o morgado, que nós vendemos, he o sobrenatural, & da graça, do qual o Filho de Deos nos fez herdeiros, tendo-o comprado com todo o sangue, que derramou na Cruz. É este preço infinito he o que nós tão vil, tão impia, & tão sacrilegamēte desprezamos. Dizeime, se quando na Missa se levãta o sangue de Christo no Caliz, ouvesse algum, que em vez de o adorar, & bater nos peitos, lhe voltasse o rosto, lhe fechasse os olhos, & com o gesto de ambas as mãos o regeitasse, & lançasse de sy, quem haveria que não abominasse tal homem, & se possesse, o queimasse logo?

Pois isto he o que fazeis, sem o entender, todas as vezes q̄ desprezais a graça de Deos. Ouvi ao mesmo Christo como já se queixava deste desprezo por boca do Profeta: *Pretium meum cogitaverunt repellere: Chegarão os homens a tal extremo de cegueira, & maldade, diz Christo, que entrãrao em pensamento de regeitar, & desprezar o meu preço. Ah Senhor, que os mesmos, que crem em vós, & se chamao Christãos, não só chegarão a entrar em tão abominavel pensamento; mas com os pensamentos, com as palavras, com as obras, & com tudo o que cuidão, & fazem, desprezão, & dao por nada este vosso preço! Nota aqui Hugo Cardeal, que em tudo o que se vende, ou compra não ha hũ só preço, senão dous. Hũ o preço da cousa comprada, outro o preço daquillo com que se compra: *Quod emitur, & quo emitur*. Estes são os dous preços, q̄ despreza todo aquelle que pecca,*

Psalms.
61. 5.

& ven-

& vende, ou troca pelo peccado a graça de Deos. Hum o preço da graça, que Christo nos comprou com seu sangue, & outro o preço do mesmo sangue, com que nos comprou a graça. E se me perguntais até onde chega este desprezo? Tremo de o dizer, mas he bem que o ouçais, & fálbais. Chega este desprezo não sô a desprezar de qualquer modo a graça de Deos, & o sangue de Christo, mas a meter debaixo dos pés, & pizar a mesma graça, & o mesmo sangue, & o mesmo Filho de Deos. São palavras expressas, & tremendas do Apostolo S. Paulo: *Qui filium Dei conculcaverit, & sanguinem testamenti pollutum duxerit, in quo sanctificatus est, & spiritui gratiæ contumeliam fecerit*; vede se falla nomeadamente da graça, nomeadamente do sangue, & nomeadamente de Christo. Da graça, a que faz tão grande injuria: *Spiritui gratiæ contumeliam fecerit*: do sangue, que reputa por

digno de ser abominado: *Et sanguinem testamenti pollutum duxerit*: & do mesmo Christo com expressão, & reflexão de ser Filho de Deos, o qual piza, & mete debaixo dos pés: *Qui Filium Dei conculcaverit*.

366 Chegada a verdade, & evidencia do nosso discurso a este extremo de impiedade, & horror, que senão podéra crer, nê imaginar, senão fora de fé; bem creio que não haverà alma tão perdida, nem consciência tão desesperada, que conhecendo o erro, & cegueira em que atêgora a sofreo a paciencia, & misericordia divina, sem a deitar mil vezes no Inferno, como pondéra o mesmo S. Paulo, & como hũ tal desprezo do sangue de Christo, & do preço do mesmo sangue merecia; bem creio, digo, que ninguem haverà, que não tenha mudado de resolução, & com verdadeiro arrependimento, & dor do passado, a não tenha feito muito firme de

Hebr.
10, 29.

antepòr a graça de Deos a tudo quanto pòde ter , ou desejar neste mundo , em quanto no mesmo mundo, excepta só a sua graça , lhe pòde dar o mesmo Deos. E para que isto não fique só em bons propositos, que pòdem esquecer, & tornar a ser vencidos do mau costume ; acabo com declarar a todos, & lhe protestar da parte do mesmo Deos, sobpena de salvar, ou não salvar, o que devem fazer.

367 Tudo se reduz a tres pontos, & muito breves, para que vos fiquem na memoria. O primeiro, que logo, & sem dilação o que estiver em peccado se ponha em graça de Deos por meyo do Sacramento da Penitencia, fazendo taó exacto, & taó fiel exame , & confissão de toda a vida passada, como se aquella fosse a ultima para ir dar conta à divina Justiça. O segundo, hum total, & firmissimo proposito de conservar a mesma graça , & perseverar nella , sem fazer caso de fazenda, hon-

ra , ou qualquer outro interesse , & conveniencia humana, & com resolução de antes padecer mil mortes, que cometer hum peccado mortal. Terceiro, não só conservar a mesma graça, mas procurar com todo o cuidado de a aumentar com o exercicio contrario de virtudes, & obras Christãas : com observancia dos preceitos divinos, com a frequencia dos Sacramentos, com a oração , com a esmola, com o jejũ, & mortificação de todas as paixoens da carne, com amor dos inimigos, com o perdaõ das injurias, com a paciencia dos trabalhos, & conformidade com a vontade de Deos em todas as cousas, que nesta miseravel vida ordinariamente são adversas : & como dantes com os pensamentos, palavras, & obras offendia ao mesmo Deos, assim daqui por diante as ordene todas com recta intenção a seu divino serviço, & aumento de sua graça , na qual taó brevemente co-

mo vimos, pôde adquirir, & multiplicar muito grandes thesouros, & recuperar em poucos dias de verdadeira contrição, & amor de Deos tudo o que esperdiçou, & perdeu em toda a vida passada.

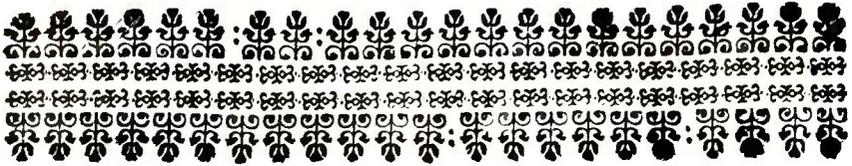
368 E porque deliberada, & reduzida a alma a este segundo, & felicissimo estado, he certo, que nam se descuidará o Demonio em procurar de a derrubar delle com tentações; aqui entra o patrocínio, & amparo da Senhora da Graça, & seu santissimo nome terrivel sobre todos ao mesmo Demonio, nomeandoa, & invocâdo a muitas vezes no mesmo conflicto, & dizendo: *Maria Mater gratiæ, Mater misericordiæ, tu nos ab hoste protege*: Maria Mãy da graça, Maria Mãy da misericordia, vòs que só podeis fortalecer a nossa fraqueza, nos defendei deste cruel inimigo.

369 Assim postrados diante de vòsso soberano acatamento, como Trono

da Graça vos pedimos unicamente esta, que vòs estimastes sobre todas. E confiadamente, Senhora, vos fazemos esta petição debaixo da promessa do vòsso Apostolo: *Adeamus ergo cum fiducia ad thronum gratiæ, ut misericordiam consequamur, & gratiã inveniamus in auxilio oportuno*. Graça, & misericordia nos promete debaixo do vòsso amparo. E como nos pôde faltar a graça, ou a misericordia, sendo vòs Maria Mãy da graça, & Mãy da misericordia: *Maria Mater gratiæ, Mater misericordiæ*? Como Mãy da graça não só têdes abundantissima graça para vòs, senão para vòsso filhos, que somos os peccadores. O mesmo Anjo, que vos saudou dizendo: *Gratia plena*, acrescentou logo, *Spiritus Sanctus superveniet in te*: porque não só fostes cheia de graça, senão sobrechea: *Plena sibi, superplena nobis*, como diz vòsso devoto S. Bernardo: Chea para vòs, & para nós sobrechea;

chea; com que destas superabundancias de graça não podeis deixar de partir liberalmente com nosco como Mãy da graça, *Mater gratiae*. É muito menos o devemos desconfiar de vossa misericordia, como Mãy de misericordia, pois temos razão de vos pedir, ou demandar a mesma graça, não só de misericordia, senão de justiça. O mesmo Anjo vos disse: *Invenisti gratiã apud Deũ*: Que vós achastes a graça. Quem acha o perdido, tem obrigação de o restituir a quem o perdeu, & se Eva nos perdeu a graça, vós como Reparadora de todas as suas perdas, a deveis nam só por misericordia, senão por justiça, & por restituição a seus filhos. O mesmo inimigo, que a ella tentou, & venceu, nos tenta tam-

bem a nós, & nos pertende vencer: pelo que, Senhora da Graça, a vós vos pertence defendernos de suas tentações, & astucias: *Tu nos ab hoste proteges*. E nam só vos dizemos, *Tu nos ab hoste proteges*, mas para que esta protecção seja perpetua, & segura até a morte, acrecétamos, *Et horamortis suscipe*. Este dito so dia, Senhora, foi aquelle, em que pagando como filha de Adão o tributo à morte, na mesma hora em que começou a vossa gloria, se consumou a vossa graça: pelo que, Senhora da Gloria, & da Graça, por vossa santissima morte, nos concedei para a nossa húa tal hora, em que acabando esta miseravel vida em Graça, na eterna, & felicissima possamos acópanhar vossa Gloria.



S E R M A M

DE

S. JOAM EVANGELISTA

Festa do Principe D. Theodosio na Capella
Real, anno 1644.

*Conversus Petrus vidit illum discipulum, quem diligebat
Jesus, sequentem. Joann. 21.*

§. I.



370 Uidava eu, que
só dos que seguê
ao mundo havia
venturosos, &
desgraçados. Tambem na
santidade ha fortuna. S.
João Bautista foi desgra-
çado com Reys, S. João
Evangelista foi venturoso
com Principes. S. João
Bautista foi desgraçado cõ

Reys, porque hum Rey o
fez nascer em hũa monta-
nha, & outro Rey o fez
morrer em hum carcere.
S. João Evangelista foi vên-
turoso com Principes, por-
que o Principe do Ceo, &
o Principe da Igreja, am-
bos andaõ em competen-
cia neste Evangelho sobre
qual se lhe ha de mostrar
mais afeiçoado. Fez Chri-
sto a §. Pedro Principe
uni-

Joann.
21.21.

universal da sua Igreja, & apontando S. Pedro para S. Joaõ, disse: *Domine, hic autem quid?* Senhor, se a mim me dais o Pontificado, se a mim me entregais as chaves do Ceo, aos merecimentos de Joaõ, que lhe haveis de dar? Que responderia Christo a S. Pedro? *Sic eum volo manere donec veniam, quid ad te?* Se eu quero que Joaõ se fique assim, quem vos mete, Pedro, a vós nisso? Quem vos fez procurador de Joaõ? *Quid ad te?* Notavel resposta de Christo, & notavel proposta de Pedro! Christo & Pedro ambos parece que estaõ queixosos pelo que haviaõ de estar agradecidos. Na repartiçam dos lugares sentemse as dignidades, que se dão aos outros: nos negocios dos amigos, sentemse que haja descuidados, mas nam que haja cuidadosos. Pois se Christo era amigo de Joaõ, & Pedro estava feito Pontifice: porque se mostra sentido Pedro da dignidade, que lhe dava Christo?

Tom. 7.

porque se mostra sentido Christo do cuidado, que mostrava Pedro? Os sentimentos eraõ diversos, mas a causa era a mesma. Sentião-se ambos, porque ambos amavaõ muito a S. Joaõ. Pedro sentia-se da dignidade, que lhe dava Christo; porque como Pedro amava muito a Joaõ, queria a dignidade para elle, & não para sy: Christo sentia-se do cuidado, que mostrava Pedro, porque como Christo amava mais que todos a Joaõ, não queria que ouvesse quem se mostrasse mais cuidadoso que elle. Onde está Joaõ, dizia Pedro, porque me haõ de dar o Pontificado a mim? *Hic autem quid?* Onde estou eu, dizia Christo, porque ha de ter outrem cuidado de Joaõ? *Quid ad te?* De maneira, q o Principe da Igreja, & o Principe da Gloria andarão ambos em competencia sobre qual havia de amar mais a S. Joaõ, porq fer amante do Evangelista amado, ou he destino,

Cc iij

ou

ou he obrigação dos maiores Principes.

371 Taõ qualificada, Senhor, & taõ authorizada como isto tem V. A. a devaçaõ do seu amado Evangelista S. Joaõ: authorizada com os cuidados do Principe da Igreja, & mais authorizada com as emulaçoens do Principe da Gloria. Com tudo, Senhor, eu quando confidiro a V. A. Principe de Portugal, naõ deixo de ter meus escrupulos nesta devaçaõ. S. Joaõ foi o valido de Christo; & hum Principe de Portugal logo em seus primeiros annos affeiçoado a validos! Devaçaõ a valido, ainda que Santo, em hum Principe! Escrupulosa devaçaõ. Lá diziaõ os Israelitas a Deos, que lhe naõ haviaõ de chamar Baalim, que quer dizer, Senhor meu; porque ainda que Baalim era nome de Deos, equivocavase cõ Baal, q̃ era nome do Idolo. Pois se o nome do Idolo, ainda posto em Deos, era perigoso; o nome de

valido, ainda que posto em S. Joaõ, porque o naõ ferà? Valido ainda que seja S. Joaõ, he valido: & affeicãõ a valido no nosso Principe! Pois por certo, Senhor, que naõ saõ esses os exemplos, que V. A. vê: naõ he essa a doutrina com que V. A. he criado. Quanto mais que havendo de haver valido, parece que naõ havia de ser S. Joaõ. Os validos inventáraõse para os Principes descancarem nelles; & S. Joaõ era hum valido, de quem diz o Evangelista: *Recurvavit supra pectus Domini*: Joãm 21.20. Que esteve encostado sobre o peito de seu Senhor. Lindo talento de valido! Em vez de o Principe descancar nelle, elle descanca no Principe!

S. II.

372 **C**Om isto se representa 'assim, eu acho duas razoens muito forçosas para o Principe N. S. se affeiçoar a este grande valido de Chri-

Christo. A primeira, pelas partes do válido: a segunda, pela authoridade de quem o inculcou. Quiz ElRey Athalarico tomar por seu válido a Tholonico patricio Romano, & escreveolhe assim em húa Epistola, que he a nona do livro 8. de Cassiodoro: *Ad relevandã florentissimã etatis nostrã sollicitudinẽ visum est te virum prudentissimum adhibere, quem constat etiam Domino avo nostro laudabiliter adhãssisse:* Querovos por cõpanheiro no governo destes meus primeiros annos, diz Athalarico a Tholonico, por duas razoes: porq̃ tendes prudencia para o ser, & porque o fostes primeiro do Senhor Theodorico meu avo: *Quem constat etiam Domino avo nostro laudabiliter adhãssisse.* Estas mesmas saõ as razoes, que o Principe, que Deos guarda, tem para ser taõ affeicoado a este grande válido de Christo. A primeira, porque tem grandes partes para o ser: a segunda,

porque o foi primeiro do Serenissimo D. Theodosio seu Avo: *Etiam Domino avo nostro laudabiliter adhãssisse.* Sendo S. A. de muito menos annos sonhou, que lhe aparecia o Senhor Dom Theodosio, & que lhe encomendava muito, que fosse grande devoto de S. João Evangelista, de quem elle toda a vida fora devotissimo. Não foi esta a vez primeira, que felicidades de S. João tiveraõ principio em sonhos. Este sonho mysterioso foi o principio desta devaçãõ: & esta herança divina foi a que deixou a hũ tal Neto hum tal Avo.

373 Já outra vez ao pé da Cruz foi S. João Evangelista deixado em herança; & a meu ver, este he hum dos grandes louvores do Discipulo amado: ser hum amigo, de quem se pôde testar. Hum dos grandes escandalos, que tenho do mundo, he, porque se não ha de testar dos amigos? Na morte testaõ os homẽs de todos seus bens,

& por essa mesma razão parece, que haviaõ de testar dos amigos em primeiro lugar; porque entre todos os bens, nenhú bem ha maior que os amigos, & entre todas as cousas nossas, nenhúa he mais nossa que os amigos. Pois se os amigos são os nossos maiores bens, & os bens mais nossos, porque não testamos delles? A razão he esta; porque os bens de que testão, & podem testar os homens, são aquelles, que permanecem depois da morte; & os amigos, ainda que sejaõ os nossos maiores bens, são bens que se acabaõ com a vida. O maior amigo permanece até a morte, depois da morte ninguem he amigo. Morreo Lazaro estando Christo ausente; & he muito de reparar o modo cõ que Christo Senhor nosso deo esta nova aos Apostolos. A primeira vez disse: *Lazarus amicus noster dormit*: Lazaro nosso amigo dorme. Dahi a pouco explicou se mais, & disse: *Laza-*

rus mortuus est: Lazaro he morto. Notavel differença! Quando Christo diz que Lazaro dorme, chame-lhe amigo nosso: *Lazarus amicus noster dormit*; quando diz que Lazaro he morto, não lhe chama amigo: *Lazarus mortuus est*. Pois se lhe chama amigo quando disse que dormia, porque não lhe chama amigo, quando disse que morrera? Porq̃ quando disse que dormia, supunha-o vivo; que o dormir em rigor he de quem vive; quando disse que morrera, declarava-o morto: & o nome de amigo acabase com a vida: depois da morte ninguem he amigo. Lazaro vivo he amigo: *Lazarus amicus noster*, Lazaro morto he Lazaro: *Lazarus mortuus est*. E como as amizades humanas são bens que não permanecem depois da morte, por isso os homens não testão destes bens, por isso se não deixaõ os amigos em testamento. Sõ S. Joao Evãgelista foi excei-

Ibid. 14

ção desta regra, como de todas. Fez Christo seu testamento na hora da morte, & a principal herança de que testou, foi S. Ioaõ: *Mulier, ecce filius tuus*. Sabia q̃ o amor do seu amado não se havia de acabar com a vida; p̃r isso foi a herança principal de seu testamento.

374 No Sacramento da Eucharistia consagrou Christo igualmente seu corpo, & sangue: mas no modo da consagração reparo eu em hũa differença grande. A consagração do Caliz, chamoulhe Christo testamento: *Hic Calix novum testamentum est in meo sanguine*: à consagração do corpo não lhe chamou testamento: *Hoc est corpus meum*, & nam disse mais. Pois se Christo chama testamento ao sangue, porque não chama testamento ao corpo? & se testou do sangue, porque não testou do corpo? A razão muito a nosso intento he esta; porque as finezas do corpo de Christo acabáráo

com a morte: as finezas do sangue de Christo ainda depois da morte perfeve-ráráo. O corpo de Christo concorreo à redempção, padecendo; o sangue de Christo concorreo à redempção, derramandose: pois por isso testou Christo de seu sangue, & não testou de seu corpo, porque o corpo depois da morte não padeceo, o sangue depois da morte ainda se derramou: *Exiuit sanguis*. Esta foi a causa porque advertidamente o Evangelista fallando da lança, não disse que ferira, senão que abrira: *Latus ejus aperuit*: porque a lançada nam foi ferida para o corpo, foi porta para o sangue: nam foi ferida para o corpo, porque o corpo não a sentio; foi porta para o sangue, porque o sangue sahio por ella: *Exiuit sanguis*. E como no corpo depois de morto não havia sentimêto para padecer, & no sangue depois da morte ainda havia impulsos para sair, por isso testou Christo de seu

Joann.
19. 26

Joann.
19. 34.

LUC. 22.
20.

Ibid. 19.

Ibid.

seu sangue, & não de seu corpo: *Hic Calix novum testamentum est in meo sanguine*: Oh divino João, que bem mostrais ser sangue de Christo na fineza de vossa amizade! Não se acabáraõ vossas finezas com a morte, antes depois que Christo morreo por vós, morrestes vós mais por elle: por isso testou de vós vosso Mestre: por isso testaráõ de vós nossos Principes.

375 Ora eu me puz a considerar em razão de herdeiro, a qual devia mais o Principe, que Deos guarde, se a El Rey nosso Senhor, se ao Senhor Dom Theodosio? Em quanto herdeiro del Rey nosso Senhor, a herança he o Reyno de Portugal: em quanto herdeiro do Senhor D. Theodosio, a herança he S. João Evangelista. Pois a qual deve mais S. A. em razão de herdeiro? Naõ ha duvida, Senhor, que em razão de herdeiro deve V. A. mais ao Senhor Dom Theodosio, que a El Rey

nosso Senhor. Provo em proprios termos. Quando Christo fez o seu testamẽto na Cruz, teve duas coufas de que testar: testou do Reyno, & testou de S. Ioão. Saibamos: E a quem deixou estes dous legados? O Reyno deixou-o a Dimas, S. Ioão deixou-o a sua Mãy. Pois como assim, Senhor, parece que se haviaõ de trocar os legados: o Discipulo bastava deixalo a hum amigo, o Reyno convinha deixalo à Mãy: pois porque deixa o Discipulo à Mãy, & o Reyno a Dimas? Porque a quem Christo amava mais, era bem que deixasse o melhor legado. E có o Reyno de Christo ser o melhor do mundo, à Mãy, a qué amava mais, deixou a Ioão, a Dimas, a quem amava menos, deixou o Reyno. Porque muito menor herança era o Reyno, do que Ioão. S. Ambrosio expressa, & estremadamente: *Matri dixit: Ecce filius tuus: Latroni dixit: Hodie mecum eris in Paradiso: pluris putans, quod*

quòd pietatis officia dividebat, quàm quòd Regnũ Cæleste donabat. A Mãy , a quem amava mais, deo a Ioaõ, a Dimas, a quẽ amava menos, deo o Reyno: porque pondo em fiel balança de hũa parte o Reyno do Ceo , de outra parte a S. Ioaõ, entendeo Christo, que dava mais a sua Mãy em lhe dar a Ioaõ, do que a Dimas em lhe dar o Reyno: *Pluris putans, quòd pietatis officia dividebat, quàm quòd Regnum Cæleste donabat.* E se S. Ioaõ sem lisonja he melhor herança, que o Reyno do Ceo, sem ingraticidãõ podemos dizer, que he melhor herança tambem, que o nosso de Portugal.

Esta he a primeira razão, & mui justificada, que S. A. tem para ser mui affecto ao grande válido de Christo, por ser herança do Senhor Dom Theodosio seu Avo. A segunda he, pelas boas partes, que em S. Ioaõ se achãõ para válido, como agora veremos.

§. III.

376

A Primeira boa parte, que eu reconheço em S. Ioaõ para válido, he ser Evangelista. Os válidos haõ de ser Evangelistas. O officio dos Evangelistas he dizer verdade; & os válidos haõ de ter o dizer verdade por officio. Alguns homens tem havido Evangelistas, muitos homens tem havido válidos: mas válido, & Evangelista juntamente só S. Ioaõ o foi. A razão, ou sem-razão disto he ; porquẽ os q̃ são válidos não querem ser Evangelistas: & os que são Evangelistas nam chegaõ a ser válidos. Sõ em S. Ioaõ se ajuntãõ estas duas propriedades, das quaes se compoem a maior prerogativa sua. Sabeis qual he a mais singular prerogativa do Evangelista amado? He ser amado sendo Evangelista. Reparo eu muito no nosso Evangelho em hũa cousa em que não vejo reparar. *Et sci-*

scimus quia verum est testimonium ejus: diz S. João por fim de seu Evangelho, que tudo o que diz nelle he verdade. Ociosa advertencia, ao que parece, por certo. Leão se todos os Evangelistas, & nenhun se acharà, que fizesse semelhante advertencia. Pois se os outros Evâgelistas não dizem que he verdade o que escrevérao; porque ciz S. João, que he verdade o que escreveo? Não tin ha igual authoridade? Não era Evangelista como os demais? Sim era, mas era Evangelista amado; & porque o amor podia fazer sospetosa a verdade, advertio, que ainda que era amado, era verdadeiro: *Discipulum quem diligebat: & scimus quia verum est testimonium ejus*. Ordinariamente nas Cortes dos Principes, os que contrafazem a verdade, são os q̃ grangeão o amor. Na Corte de Christo não he assim: os que tem por profissão ser verdadeiros, são os que tem por premio

ser amados. Oh que grande gloria de Christo! ó q̃ grande gloria de João! Grande gloria de Christo, que o seu amado seja hum Evangelista: grande gloria de João, que sendo Evangelista seja o amado. Mas isto não se acha em toda a parte: só na Corte do Ceo, & na de Portugal; só no Principe da Gloria, & no nosso Principe. O q̃ importa, Senhor, he, que seja sempre assim. Os amados sejaó só os Evangelistas: & quem não for Evâgelista, não seja amado.

377 E qual he a razão porque os Evâgelistas devê ser os amados? A razão he evidente: porque o maior merecimento para ser amado, he amar, & a maior prova de amar, he fallar verdade. Perguntou Dalila a Sanção por tres vezes, em que parte tinha vinculada sua fortaleza, & que remedio podia haver para ser vencido? Respondeo Sanção a primeira vez, que se o atassem fortemente com nervos: a segúda vez, que

que se o atasssem com cordas: a terceira vez, que se o atasssem com os cabellos; mas de todas as tres vezes rompeo elle com facilidade as ataduras. E que faria Dalila vendose assim enganada? Queixouse muito de Sansaõ: disse, que sabia de certo, que a não amava, & fez-lhe este argumento: *Quomodo dicis quòd amas me? per tres vices mentitus es mihi*: Como dizes tu, Sansaõ, que me amas, se me mentiste tres vezes? Bem tirada consequencia: mentiste-me, logo não me amas. A consequencia he clara: porque amar he entregar o coração, mentir he encobri-lo: bem se segue logo, que quem não falla verdade, não ama; porque como ha de entregar o coração, quem o encobre? De maneira, que da verdade de cada hum pôde julgar o Principe o seu amor: com advertencia porém, que não deve esperar, como Dalila, pela terceira mentira: *Per tres*

vices mentitus es mihi. Pela primeira falsidade em que o vassallo for achado, ha de cair logo da graça do Principe, & cair para sempre. Parece demasiado rigor; porq a graça de Deos não se perde por qualquer mentira: bem pôde hum homem não fallar verdade, & mais ficar em graça de Deos. Com tudo no Principe não he bem que seja assim. Porque? Porq para Deos, que conhece os coraçãoes, bem pôde haver mentiras veniaes, mas para quem os não conhece, todas he bem que sejaõ mortaes, & que por todas se perca a graça. A graça consiste no amor: quem não falla verdade, não ama; logo onde se prova o defamor, bem he que se perca a graça. Perca se a graça, onde se provar o defamor, que he a mentira: ganhesse a graça, onde só se provar o amor, que he a verdade: & andem juntos como em S. Ioaõ o titulo de Evangelista com o de amado.

378 Não sou amigo de deixar duvidas na minha doutrina. Todos me estaõ pondo contra esta hũa grande instancia. S. Matheus, S. Marcos, S. Lucas tambem foraõ Evangelistas; com tudo não alcançaráõ privilegio de amados: logo S. João não foi amado por ser Evangelista: & se foi amado por Evangelista, qual hẽ a maior razão? A maior razão he esta: porque S. João Evangelista, como notou S. Ieronymo, disse no seu Evangelho muitas cousas, que os outros Evangelistas deixáraõ de dizer: & dizer as verdades, que os outros dizem, não he acção que mereça singular amor; mas dizer as verdades, que os outros deixaõ de dizer, quem isto faz, merece ser singularmente amado. As verdades que disse S. Matheus, disse-as S. Marcos, disse-as S. Lucas: as verdades que disse S. Marcos, disse-as S. Lucas, disse-as S. Matheus: as verdades que disse S. Lu-

cas, disse-as S. Matheus, disse-as S. Marcos: mas muitas verdades que disse S. João, não as disse S. Matheus, nem S. Marcos, nem S. Lucas; elle só as disse. E quem sabe dizer as verdades, que todos os outros callão, elle só merece ser mais amado que todos. Não ha de ser o amado quem calla as verdades, que os outros dizem, senão quem diz as verdades, que os outros callão. Assim o fez S. João, & por isso foi o singularmẽte amado: *Discipulum quem diligebat.*

§. IV.

379

A Segũda qualidade de válido que teve S. João, & a que eu admiro muito neste grande Santo, he ser hũ valido, que ficou assim: *Sic eum volo manere.* Perguntou S. Pedro a Christo: *Domine, hic autem quid?* Senhor, se a mim me fazeis Principe da vossa Igreja, S. João, o vossõ valido, que ha de ser? Respondeo o

Senhor: *Sic eum volo manere*: Quero q̄ fique assim. Esta he, a meu ver, huma das grandes excellencias do Evangelista, ser hum válido, que ficou assim. Ser válido, & ficar logo de outra maneira, isso acontece a todos, mas ser válido, & ficar assim como dantes, he singularidade de S. Ioaõ. S. Pedro, que media a S. Ioaõ pelos outros válidos, imaginava que havia de crescer muito com o valimento: *Hic autem quid?* Mas S. Ioaõ, que se media consigo, ficou se assim como dantes era: *Sic eum volo manere*.

380 Húa das circumstancias em que reparo muito na criação do mundo, he formar Deos a Eva do lado de Adão: não a pudéra formar da cabeça, para que fora entendida? Não a pudéra formar das mãos, para que fora executiva? Não a pudéra formar dos pès, para que fora diligente? Pois porque a fórma do lado? Porque o lado de Adão era a parte

mais acomodada para o que Deos pertendia. Deos de húa pequena parte de Adão queria fazer subitamente húa Eva, que fosse taõ grande como elle; pois por isso a formou do lado, & não doutra parte; porque he propriedade dos lados crescer muito em pouco tempo. Ainda agora costa, & já Eva? Ainda agora húa parte taõ pequena do lado de Adão, & já taõ grande como o mesmo todo de que era parte? Sim: porque a costa era parte do lado de Adão. Adão era Principe universal de todo o criado: & não ha cousa que mais creça, nem mais depressa, que os lados dos Principes. Veja-se em Ioseph com ElRey Faraõ: veja-se em Amão com ElRey Assuero: veja-se em Daniel có ElRey Dario. E que sendo taõ natural o crescer nos lados dos Principes, que S. Ioaõ, que era o lado do maior Principe do mundo, nam tratasse de acrescentamento, & se deixasse ficar assim:

Sic eum volo manere? Grãde excellencia do Evangelista!

381 Tres coufas ha neste múdo, que sempre crecem, & nunca ficão assim: hũa faz a natureza, outra faz a graça, outra faz a fortuna. A natureza as palmas: a graça os Santos: a fortuna os válidos. A estatura da Alma Santa diziaõ as outras Almas suas companheiras, que era semelhante à palma: *Statura tua assimilata est palmae*. E porque mais à palma, que a outro corpo bizarro, & vistoso de quantos criou nos campos a natureza? Porque todas as outras arvores, ainda que sejaõ os cedros mais gigantes do Libano, tem limite no crescer, & termo na estatura: fô a palma não, sempre crece. Taes saõ as almas dos Santos. Como a virtude não tem termo, como a perfeição não tem limite, sempre estão crescendo na virtude, sempre estão subindo na perfeição, sempre se estão renovando, &

melhorando, à *claritate in claritatem*, como diz S. Paulo. Esta he a estatura das palmas alentadas pela natureza; esta he a estatura dos Santos inspirados pela graça; & esta he a estatura dos válidos assoprados pela fortuna. Estatura que por mais crecida, & por mais remontada até as nuvens que a vejamos, sempre crece mais, & mais. E senão lembraivõs dos tres que agora dizia. Deo Jacob por bêção a Joseph, que crecesse sempre: *Filius accrescens Ioseph, filius accrescens*: & onde se cumprio esta benção? Na privança, & valimento de Farão. Amam graõ privado de Assuero, até o dia em que acabou creceo; & porque não teve mais para onde crescer, acabou. Pareceo desgraça, & foi natureza; que assim acontece à palma, ou crescer, ou acabar. Daniel na privança de Dario, tendo subido a ser hũ dos tres supremos Principes de toda a Monarchia, ainda o Rey queria que cre-

Cant.
7.7.

2 Co.
rinth. 3.
18.
Genes.
19. 24

cre-

Daniel.
6 +

crecesse mais, & que fosse elle só sobre todos : *Porro Rex cogitabat constituere eum super omne Regnum.* Offenderaõse os grandes de tanto crescer : & o remedio que inventáraõ para que não crecesse mais Daniel, foi buscaremlhe occasiaõ com que o tirassem do lado do Rey. Não he frase só da nossa lingua, senão do mesmo Texto sagrado : *Vnde Principes, & Satrapæ quærebant occasionem, ut invenirent Danieli è latere Regis.* Do lado o querião tirar, porque do lado lhe vinha o crescer. Não sei que influencias tẽ o lado do Principe , que em todo este elemento em que vivemos, não ha parte tão fertil , & tão fecunda como aquelles dous pès de terra : tudo alli se dà, tudo alli medra, tudo alli crece. Crescem os parentes , os amigos, os criados: crescem as honras, os postos , os titulos : crece a casa, a fazenda, o regalo : crece o poder, o dominio, o respeito, a adoraçãõ, & sobre tudo

Tom.7.

crece a estatura dos mesmos adorados. Hontem Pygmeos, hoje homens, à menhã Gigantes, o outro dia Colossos. Pesame desta ultima comparaçãõ, porque quando lhe acrecentei a grandeza, lhe tirei a alma. Não assim o maior válido do maior Principe S. Joãõ : *Sic eum volo manere.* Sempre ficou na mesma estatura, sempre se conservou do mesmo tamanho, & nem apparencias de maioría lhe grangeou o lado.

Levantouse questãõ entre os Apostolos, qual delles fosse maior? *Quis eorum videretur esse maior?* Esta questãõ, a meu juizo, foi o maior louvor de S. Ioãõ. Que seja S. Ioãõ sem questãõ o válido, & que ainda esteja em questãõ quem he o maior ! Grande louvor de válido ! Naquelle mesma hora , & naquelle mesmo lugar em que se levantou a questãõ, que foi à mesa da cea, tinha Christo feito publica entrega do seu lado a S. Ioãõ ; & naquella mesma hora, & na-
Dd quella

Luc 22.

24

quella mesma mesa se tinha S. Pedro valido de sua valia, para saber por elle o segredo do traidor, & elle o tinha perguntado a Christo. Pois se o valimento de S. João estava tão declarado, se o lado do seu Principe lhe estava tão publicamente entregue todo, & só a elle; como duvidaõ ainda os Apostolos, & cõtendem sobre qual dos doze he o maior? Não està claro, que o maior entre todos he João? Assim havia de ser, se João não fora hum valido, que ficou assim. Era S. João tanto do seu tamanho sempre, tão medido com a sua estatura, & tão igual só conigo, que por mais que creciam os valimentos, elle sempre se ficava assim como dantes era: na valia era sem contenda o maior, mas na maioría como os demais: *Quis eorum videretur esse maior.* E notai, que a contenda em rigor não foi sobre quem era o maior, senão sobre quem o parecia: *Quis eorum vide-*

retur. E tinha crecido, & medrado tão pouco S. João com o seu valimento, que todos os outros Apostolos não só podiaõ pleitear com elle a maioría, senão ainda as apparencias. De sorte que no cume da sua privança, & no mais subido, & remõtado do seu valimento, não só não era maior, mas nem o parecia: *Quis eorum videretur.* Sò isto he ficar assim.

382 Mas neste ficar assim de S. João, quem ficou mais acreditado, o lado, ou o valido? Eu cuido que ambos. Assim como nos validos, que não ficão assim, tanto he o delcredito dos validos, como o dos lados; assim neste grande valido, que ficou assim, tão acreditado ficou o lado, como o valido. Não fiava tão delgado como isto a mãy de S. João, & fiada no sangue que corre pelas veas, pedio a Christo para cada hum de seus filhos hum dos lados, & hũa das maiores cadeiras do Reyno: *Dic ut sedeant hi duo filij*

Matth.
20. 21.

filijs mei, unus ad dexteram, & alius ad sinistram in Regno tuo. Naõ diffirio Christo por estaõ, mas a seu tempo de ametade desta petição fez dous despachos: deo hum lado a S. Ioaõ, & deo hũa cadeira a S. Pedro. Pois se a mãy pedia para S. Ioaõ a cadeira, & mais o lado, porque lhe naõ deo Christo o lado, & mais a cadeira? E já que lhe naõ quiz dar ambas as cousas que pedia, senaõ hũa só, porque lhe naõ deo a cadeira, senaõ o lado? Deolhe o lado, & naõ a cadeira, para acreditar o lado; & deolhe o lado sem a cadeira, para acreditar a S. Ioaõ. Se Christo amando a S. Ioaõ mais que a todos lhe naõ dera o lado, senaõ a cadeira, mostrava que estimava mais a cadeira, que o lado; & era defacreditar o lado: & selhe désse o lado, & a cadeira juntamente, mostrava que S. Ioaõ naõ sô estimava, & queria o lado, senaõ tambem a cadeira; & era defacreditar a S. Ioaõ. Por isso lhe

naõ deo a cadeira, senaõ o lado, & por isso lhe deo o lado sem a cadeira. Querer antes a cadeira, que o lado, he afrontar o lado: querer o lado, & mais a cadeira, he afrontar-se o válido: querer o lado, & naõ querer a cadeira, he honrado válido, & mais do lado. Isto he o que ningué faz, isto he o que fez S. Ioaõ, & isto o que Christo queria: q fosse seu válido S. Ioaõ, & que sendo válido seu, se ficasse assim: *Sic eum volo manere.*

§. V.

383 **A** Terceira qualidade admiravel, que resplandece no Evangelista, foi ser hum válido, que fez do segredo ignorancia. Hum dos argumentos de seu valimento, que S. Ioaõ allega neste Evangelho, foi perguntar a Christo: *Quis est, qui tradet te?* Quem era o traidor, que o havia de entregar? Respondeolhe o Senhor, que era Judas: & acredita

JOANN.
21. 23.

Joann.
13 28.

conta o Evangelista: *Hoc autem nemo scivit discumbentium*: que isto ninguém o soube dos que estavam à mesa: logo não o soube o mesmo S. João, que era hūdos que estavam a ella. He consequencia de S. Agostinho. Pois se Christo o disse a S. João, como he possível, que S. João o não soubesse? Claro está que o soube: pois se o soube S. Ioaõ, como diz que o nam soube? *Hoc autem nemo scivit*? A razão he esta: porque o que Christo disse a S. Ioaõ, dissello em segredo, & S. Ioaõ o que sabe em segredo não o sabe. Nos outros homens o saber em segredo he saber, em S. Ioaõ o saber em segredo he ignorar: *Nemo scivit*. Nenhum segredo he segredo perfeito, senam o que passa a ser ignorancia; porque o segredo que se sabe, pòdesse dizer, o que se ignora, não se pode manifestar. Esta he a causa de os homens cõummente não saberem guardar segredos; porque encomen-

dão o segredo à memoria, sendo que o haviaõ de encomendar ao esquecimento. O segredo encomendado à memoria corre perigo; o segredo encomendado ao esquecimento está seguro. A razão he: porque o segredo encomendado à memoria he cautela, & o que se guarda com cautela, pòdesse perder: o segredo encomendado ao esquecimento he ignorancia, & o que se ignora totalmente, não se pòde manifestar. Logo o perfeito segredo he só o que chega a ser ignorancia, & tal era o de S. Ioaõ: *Hoc autem nemo scivit discumbentium*. Busquei prova a este pensamento, & só em hum homem Deos a achei.

384 Falla Christo da incerteza do dia do Iuizo, & diz assim: *De die autem illa nemo scit, neque Angeli, neque Filius*. O dia do Iuizo ninguém o sabe, nem os Anjos, nem o mesmo Filho do homem. Este texto he hum dos mais difficultosos, que tem o Testamen-

mento Novo; tão difficul-
toso, que se cansarão nelle
todos os quatro Doutores
da Igreja contra a heresia
dos Arrianos. Dizer Chri-
sto que né o mesmo Chri-
sto sabe quando ha de ser o
dia do Iuizo: notavel pro-
posição! Christo em quan-
to Deos sabe quando ha
de ser o dia do Iuizo, por-
que a Ciencia divina he
cômua, & igual em todas
as tres divinas PESSOAS:
Christo em quanto homé
tambem sabe quando ha
de ser o dia do Iuizo, por-
que ainda que a Ciencia
de Christo em quanto ho-
mem não he infinita, he
universal, & perfeitissima,
& conhece todos os futu-
ros, & decretos divinos.
Pois se Christo em quan-
to Deos, & em quanto ho-
mem sabe quando ha de
ser o dia do Iuizo, porque
diz que o não sabe? *De die
autem illa nemo scit, neque
Filius?* A exposição deste
passo mais recebida de to-
dos os Doutores, he esta:
porque ainda que o Filho
de Deos sabia muito bem

Tom. 7.

quando havia de ser o dia
do Iuizo, sabia-o de ma-
neira, que não queria re-
velar este segredo aos A-
postolos: & nas PESSOAS di-
vinas, como Christo, o sa-
ber em segredo he igno-
rar. S. Hylario: *Quod Fi-
lius hominis nescit, sacra-
mentum est, quod taceat.* O
que Christo chama igno-
rancia do dia do Iuizo,
não he ignorancia, he se-
gredo; mas chamase o se-
gredo ignorancia, porque
nas PESSOAS divinas o en-
cobrir he como o ignorar.
O mesmo passou em S.
Ioaõ (que delle, & de Deos
fallaõ com o mesmo estilo
os Evangelistas) quiz di-
zer que encubríra, & disse
que ignorára: *Hoc autem
nemo scivit discumbentium.*

385 Ainda não está en-
carecido o fino do segredo
de S. Ioaõ. Tornemos ao
nosso Texto. *Qui recubuit
supra pectus Domini, & di-
xit: Quis est, qui tradet te?*
Diz S. Ioaõ, que vio S. Pe-
dro aquelle discipulo
amado do Senhor, o qual
na Cea esteve reclinado so-

Dd iij

bre

bre seu peitò, & lhe perguntou quem era o traidor? Reparo. Parece que S. Joáo não havia de dizer, que era aquelle que perguntou a Christo, qué era o traidor, senão que era aquelle a quem Christo disse, quem era o traidor. Fundo a duvida: porque o intento de S. Joáo era provar, que elle era o amado de Christo, & o amor de Christo para com S. Joáo não se prova com S. Joáo perguntar o segredo a Christo, senão com Christo revelar o segredo a S. Joáo. Pois se Christo revelou o segredo a S. Joáo, porque nam diz S. Joáo, que Christo lhe revelou o segredo? Porque diz sómente, que elle lho perguntou: *Et dixit: Quis est, qui tradet te?* Não se podia subir a mais em materia de segredo. Foi taó escrupuloso valído em materias de segredo S. Joáo, que nem quiz dizer os segredos, que lhe disseraó, nem quiz dizer que lhe disseraó segredos. Que

os perguntára, sim, que lhos disseraó, não. Não dizer hum homem o segredo que sabe, he muito. Mas não dizer que sabe o segredo, he muito mais. Porque? Porque não dizer o segredo que sabe, he guardar segredo às cousas: mas não dizer que sabe o segredo, he guardar segredo ao segredo. A vista de S. Paulo se verà melhor esta fineza de S. Joáo. A S. Paulo arrebatou-o Deos ao terceiro Ceo, & revelouhe grandes segredos: *Audivi arcana verba, quae non licet homini loqui.* Ovi segredos, q̄ senão pòdem contar. Ora vede quanto vai de S. Paulo a S. Joáo. S. Paulo não disse os segredos que ouvira, mas disse que ouvira segredos: *Audivi arcana verba, quae non licet homini loqui.* S. Joáo não disse os segredos que lhe disseraó, nem disse que lhe disseraó segredos, que os perguntára só disse: *Et dixit: Quis est, qui tradet te?* S. Paulo guardou segredo às cousas, porque nam disse

disse as revelações ; mas não guardou segredo ao segredo , porque disse que lhas reveláraõ. S. Ioaõ guardou segredo às coufas, porque não disse quem era o traidor ; & guardou segredo ao segredo, porque não disse que lhe descubrirão quem era. Que muito logo, que sendo taõ secretario S. Ioaõ, fosse taõ válido ! *Discipulum, quem diligebat Iesus, & dixit: Quis est, qui tradet te?*

S. VI.

386

A Quarta, & ultima boa parte que admiro em S. Ioaõ, he ser válido , que quiz a graça por amor da graça. Logo me explicarei mais. No Sacramento da Eucharistia deixou Christo as fontes de sua graça ; mas he muito de reparar, que não quiz Christo que ficasse alli a sustancia do pão. Fundo o reparo. Menos milagres erão necessários para estar o corpo de Christo , & a sustancia de pão juntamente, que para estar o corpo de Christo

fem a sustancia de pão. Pois se com menos milagres se podia fazer cabalmente o mysterio , Deos que sempre acurta de milagres , porque não quiz que ficasse a sustancia do pão no Sacramento ? Eu não vos direi a verdadeira razão, mas dirvoshei hũa moralidade muito verdadeira. Todos os Sacramentos são instrumentos da graça, & este de mais graça que todos : & não quiz Christo, que a graça se desse junta com o pão , nem que o pão andasse junto cõ a graça. O maior abuso, & o maior risco que tem a graça dos Principes, he andarem o pão, & a graça juntos. Seno Altar se dera o pão a moyos , ainda que não fora consagrado, muitas cõmunhoens se havião de fazer por amor do paõ, q̃ senão fazem por amor da graça. Querer a graça por amor da graça, he devação, querer a graça por amor do paõ, he fome. Por isso ha tantos famintos, ou tantos esfaimados da graça. To-

dos querem ser cheos de graça, mas não de graça vazia. *Gratia Dei in me vacua non fuit*, dizia S. Paulo em bem mais honrado sentido. A graça ha de ser para vòs encheres as obrigaçoens da graça, & nam para a graça vos encher a vòs, ou vòs vos encheres com ella. Então seria a graça menos custosa a que a dá, & mais bem avaliada em quem a logra. Por isso Christo não quiz que o pão andasse junto com a graça. Mas porque os omnipotentes do mundo não fazem esta separação como poderão sem grande milagre; chegou a graça a transubstanciar-se tanto no pão, que ninguem busca já a graça por amor da graça, senão a graça por amor do pão, & pela medida do pão, ou pelo pão sem medida, se avalia a graça. Porque tem hoje mais pão que todos, quem ontem não tinha hum pão? Porque está mais na graça, que todos. Oh q grosseria tão grande! Mas que bê acu-

dio Christo a este inconveniente. No mesmo Sacramento ainda que nam está pão quanto à sustancia, está pão quanto aos accidentes: porèm a graça não se mede com o pão. Muitas vezes quem cômunga hũa hostia muito grande, leva pouca graça, & quem cômunga hũa particula muito pequena, leva muita graça: para que entendão os homens, que a graça não se deve medir com o pão.

387 Oh que bem governado andaria o múdo, se vissemos pobres de pão, os que vemos ricos da graça! Mas sô na de Deos he isto: na graça dos homens, querem elles que seja de outra maneira. Ninguem teve mais graça com o seu Principe, que David com Ionatas: & qual foi a prova dessa graça? O Texto sagrado o diz: *Spoliavit se Ionathas tunica qua erat indutus, & dedit eam David*: Despojouse Ionatas de seus vestidos, & deo os a David. De sorte que a pro-

Reg
18.4.

va da graça do Principe são os despojos : *Spoliavit se*. Notavel cousa ! que cuidem os homens , q̃ não tem a graça do Principe, senão quem lhe leva até os vestidos ! E que tenha a graça despojos, como se fora guerra ! Os despojos são sinaes de haver vencido ao inimigo : & que a graça dos amigos dos Principes tenha os mesmos sinaes ! Por isso eu temo , que este modo de conquistar a graça he fazer guerra : só quem faz guerra quer despojos. Quem conquista a graça pela graça , contentase có o coração. Vejase no nosso Evangelista. Conquistou a graça de Christo, & veio-se a rematar a conquista em que ? Em lhe render Christo o coração : *Recubuit supra pectus ejus*. Muito estimou S. Ioaõ o coração do seu Principe ; mas estimou-o, porque se lhe rendeo, & não porque lhe rendia. O coração do Principe ha-se de estimar pelo rendimento , & não pelas rendas : ha-se de estimar

nelle o rendido , & não o rendoso. Sò S. Ioaõ soube estimar a graça do Principe, como se ha de estimar : a graça por amor da graça , & nada mais.

388 Tres , ou quatro vezes falla S. Ioaõ em sy neste Evangelho , & sempre se chama aquelle Discipulo , nunca se chama Ioaõ : *Discipulus ille*. Pois porque se não chama S. Ioaõ pelo seu nome ? Aparentemos a duvida. S. Ioaõ neste Evangelho falla em Christo, falla em Pedro, & falla em sy : a Christo chamalhe Christo , a Pedro chamalhe Pedro, mas a sy não se chama Ioaõ : pois se a Christo chama Christo , & a Pedro Pedro, a Ioaõ porq̃ lhe não chama Ioaõ ? A razão he , porque Ioaõ quer dizer graça & amou S. Ioaõ a graça tanto por amor de sy mesma , que né o nome de graça quiz ter com ella. Os que amão a graça dos Principes mais desentereffadamente , ao menos querem com a graça o nome, querem com a
graça

graça as vozes: mas S. João amou a graça do seu Principe tão finamente desinteressado, que quiz a graça ainda sem o nome, quiz a graça ainda sem as vozes. Por isso callou o nome de João, porque era nome de graça. A graça por amor da graça: este he o timbre do Evangelista.

389 O mais fino amor da graça consente consigo outro amor, que he amar a graça por amor da gloria. S. João passou adiante, & até do amor da gloria quiz separar o amor da graça. Moyses dizia a Deos: *Si invenigratiam in oculis tuis, ostende mihi faciem tuam*: Senhor, se achei graça em vossos olhos, mostra-me o vosso rosto, em que consiste a gloria. E S. João que dizia? *Vidimus gloriam ejus, gloriam quasi unigeniti à Patre plenum gratia*: Vimos a sua gloria, como gloria do Unigenito do Padre cheio de graça. De sorte que Moyses amava a graça de Deos, como

de gloria: & S. João amava a gloria de Deos, como gloria de hum Deos cheio de graça. Vai muito de hũa consideração a outra: porque amar a graça por amor da gloria, he querer gozar o premio: amar a gloria por amor da graça, he querer segurar o amor. Qual he a melhor cousa, que tem a Bemaventurança? A melhor cousa, que tem a Bemaventurança, não he o gozar a gloria, he o segurar a graça; porque os Bemaventurados não podem perder a graça de Deos: & isto he o que considerava S. João. Moyses considerava a graça como penhor da gloria, S. João considerava a gloria como seguro da graça. O amor de Moyses era interessado, porque ordenava a graça à gloria, encaminhava o amor à vista. O amor de S. João era fino, & puro, porque queria a graça por amor da graça; queria amar sem attenção a ver.

390 Daqui se entenderà hum mysterio grande,

Exod.
33.13.

Joann
1.14.

de, & nunca affaz entendi-
do, do nosso Evangelho: *Discipulum, quem diligebat, qui & recubuit in cæna supra pectus Domini.* Enca-
rece S. João o amor que
havia entre elle, & Chri-
sto, & para prova deste
amor, diz que adormeceu
sobre o peito do Senhor.
Boa prova de amor, por
certo! Amar he de vélo,
adormecer he descuido:
pois como pôde fer, que o
descuido seja prova de
descuido: & que o adorme-
cer seja prova do amar?
Adormeceu, logo amou:
he boa consequencia esta?
Sim: porque S. João ador-
meceu com o peito reclin-
ado sobre o peito de
Christo: & não pôde haver
mais fino, nem mais pro-
vado amor, que aquelle
que entrega o coração, &
fecha os olhos. Entregar o
coração cõ os olhos aber-
tos, he querer a vista por
premio do amor: entregar
o coração com os olhos fe-
chados, he não querer no
amor nem o premio da vi-
sta. Donde se infere clara-

mente, que teve mais per-
feitas circumstâncias o amor
de S. João, que o amor dos
Bemaventurados; porque
os Bemaventurados amão
com os olhos abertos, S.
João amou com os olhos
fechados. Os Bemaventu-
rados amão com as satisfa-
çoens da vista, S. João ama
sem os interesses de ver.
Se he boa a minha conse-
quencia, digaõ-no os mes-
mos Serafins da gloria. Vio
Isaias os dous Serafins, q̃
assistem ao trono de Deos,
& diz que com duas azas
voavaõ, & cõ outras duas
cobriaõ o rosto: *Duabus* Isai. 6. 2.
volabant, & duabus vela-
bant faciem. Pois se todos
os Anjos estão sempre vê-
do a Deos, como cubriam
estes Serafins os olhos? He
que como os Serafins no
Ceo são por antonomasia
os amantes, queraõ ao
menos na representaçam
offerecer a Deos hũ amor
mais fino que o dos outros
Espiritos bemavêturados.
E amor mais fino q̃ o amor
dos Bemaventurados, he
abrir o coração, & fechar

os olhos: *Duabus volabant*: eis ahi o coração aberto: *Duabus velabant*: eis ahi os olhos fechados. Os outros Béaventurados amão com o coração aberto, & com os olhos abertos: mas os Serafins, que os vencem no amor, amão com o coração aberto, & com os olhos fechados. Bem assim como S. João, de quem aprendérao esta fineza: *Discipulū, quem diligebat, qui recubuit supra pectus Domini.*

§. VII.

391 **F** Como em S. Ioão havia tântas qualidades de amante, & taõ grandes partes de válido, que muito que o amasse tanto o Principe da gloria Christo: q̃ muito que o amasse tanto o Principe da Igreja Pedro! Para que acabemos por onde começamos: o maior encarecimento, que se pôde dizer de hum válido, he o que disse Curcio de Epaminondas privado de Ale-

xandre Magno: *Multa ille sine Rege prosperè, Rex sine illo nihil magnæ rei gessit.* Foi taõ grande homem Epaminondas, que sendo válido de Alexandre Magno, elle fez muito grandes cousas sem Alexandre, Alexandre nenhũa cousa grande fez sem elle. Outro tanto podemos dizer de S. Ioão có toda a propriedade: sendo válido, nam de Alexãdre, mas do mesmo Christo. Ioão fez muitas cousas grandes sem Christo visivelmente presente, Christo naõ fez as maiores cousas sem Ioão. S. Ioão sem Christo véceo os tormentos de Roma, sem Christo bebeo os venenos de Efeso, sem Christo padeceo os destellos de Padmos, sem Christo converteo, & reduzio a Christo a Asia, sem Christo ensinou a todo o mundo, & propagou a Ley do amor de Christo. Grandes cousas fez S. Ioão sem Christo: *Multa ille sine Rege prosperè.* Pelo contrario Christo sem S. Ioão apenas fez

fez cousa grande. Fez Christo o primeiro milagre nas vodas, & ahi estava S. Ioaõ: Resuscitou Christo a filha do Principe da Sinagoga, & levou consigo a S. Ioaõ: Instituiu Christo o Santissimo Sacramento da Eucharistia, que foi a maior de suas maravilhas, & tinha a S. Ioaõ sobre o peito: Transfigurou-se Christo no Tabor, & S. Ioaõ assistio naquella gloria: Derramou sangue Christo no Horto, & S. Ioaõ acompanhou-o naquella pena: emfim, remio Christo o mudo morrendo na Cruz, & não teve outrem a seu lado, senão S. Ioaõ: *Rex sine illo nihil magna rei gessit.*

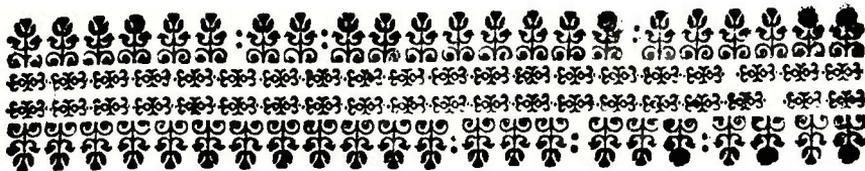
392 E se isto succedeo ao Principe da gloria, que muito que ao Principe da Igreja acontecesse o mesmo? Arrojou-se S. Pedro ao mar para buscar a seu Mestre, mas S. Ioaõ foi o que lhe mostrou a Christo: Quiz saber S. Pedro na Cea, quem era o traidor, mas S. Ioaõ foi o que o per-

guntou: Atreveose S. Pedro a entrar no atrio do Pontifice, mas S. Ioaõ foi o que o introduzio: Resolveose S. Pedro a reconhecer a sepultura de Christo, mas S. Ioaõ foi o que o guiou. De maneira que o Principe da gloria, & o Principe da Igreja ambos se valiaõ de S. Ioaõ; mas com esta differença: o Principe da gloria valia-se de S. Ioaõ como de valido, o Principe da Igreja valia-se de S. Ioaõ como de valedor. E o nosso Principe como? Por ambos os titulos. Tem V. A. Senhor, em S. Ioaõ valido, & valedor: valido para a devaçãõ, valedor para a necessidade. Restituiu Deos a V. A. a seus Reynos em tempo que he necessario defendellos com a espada na maõ. Deo a fortuna a V. A. por competidor hum Principe Balthasar, tão poderoso como o de Babilonia. Mas sabida cousa he, que bastãraõ tres dedos com huma penna para fazer tremer a Balthasar. Oh que acomodada

dada empresa para o nosso Príncipe! Tres dedos de S. Joáo com hũa penna, & hũa letra, que diga : *Contra Balthasarem satis*: Com amor , & entendimento tudo se acaba. Esta penna he da Feniz do amor : esta penna he da Aguia dos entendimentos. Com esta penna se escreverà a sentença de hũa demanda tão justa: com esta penna se confirmarão as Escritu-

ras de nossa conservação: com esta penna se farão autenticos os vaticinios, que tão gloriosamente fallão da Coroa de V. A. neste felice reynado. Finalmente (que finalmente aqui vem a parar tudo) com esta penna, que he de hum Evangelista, que tem por nome graça , se firmaráo a V. A. depois de cumpridissimos annos , os decretos da Gloria.





S E R M A M

DA SEGUNDA

D O M I N G A

DA QVARESMA.

Assumpsit Iesus Petrum, & Iacobum, & Ioannem, & duxit illos in montem excelsum seorsum, & transfiguratus est ante eos. Matth. 17.

§. I.

393  S portas quasi da terra de Promissão mandou Moyfes apre- goar em dous montes altos, & oppostos (com vozes, que todo o exercito immenso dos filhos de Israel estendido pelos campos milagrosamente ouvia) em hum chamado Garizim, as felicidades dos que guardassem a Ley

de Deos, & em outro que se chamava Hebel, as mal- diçoens, & desgraças dos q̃ a não guardassem. Taes se me afiguraõ nesta entrada da Quaresma os dous montes tambem muito altos, & não só oppostos, mas totalmente contrarios, cuja historia Evangelica neste Domingo, & no passado nos representou, & representa a Igreja. No primeiro monte o Demonio, q̃ ainda se chamava Principe

cipe deste mundo , mostrou a Christo todos os Reynos do mesmo mundo , & todas suas glorias: *Ostendit ei omnia Regna mundi , & gloriam eorum.*

Matth.
4 8.

No segundo Christo verdadeiro Rey, & Senhor do Ceo mostrou a alguns Discipulos seus mais familiares, não todo o Reyno, né toda a gloria do mesmo Ceo, porque não eraõ capazes de a ver os oíhos humanos ; mas algũa parte della : *Et transfiguratus est ante eos.* Oh quanto vai de monte a monte ! ô quanto vai de Reynos a Reyno ! ô quanto vai de glorias a gloria ! Tambem hum destes montes , & com mais razaõ, se podia chamar o das felicidades, & outro o das maldiçoens. E tambem està brádando o pregação em cada hum delles : Que as felicidades estão guardadas para os que guardarem a Ley de Deos, a que Christo transfigurado nos anima com a vista da gloria do Ceo : & as maldiçoões do mesmo mo-

Matth.
27.2.

do estão aparelhadas para os que desprezaõ , & quebrantão a mesma Ley , a que o Demonio tentador nos incita com a falsa apparencia das glorias do mundo.

394 Como ambos estes montes são de gloria, posto que taõ diversas , a cada hum delles responde a sua assumpção. Ao primeiro, *Assumpsit eum Diabolus*: ao segundo, *Assumpsit Iesus Petrum , & Iacobum , & Ioannem.* E certo q̄ bastava ser hũa assumpção do Diabo, & outra assumpção de Jesu , para todos amarem, & desejarem a assumpção de Jesu , & abominarem , & renegarem da assumpção do Diabo. Mas que he o que vemos ? O caminho do monte Tabor, por onde se vai à gloria do Ceo , deserto, & quasi sem haver quem o pize : & a estrada do outro monte sem nome, por onde se vai às glorias do mundo, chea, & rebentando de gente de todos os estados, ainda daquelles que professão

Matth.

4.5.

Matth.

17.1.

fessão o desprezo do mesmo mundo ! Là disse David, que todo o homem, que tem fé, & entendimento, o que faz muito de proposito neste valle de lagrimas, he dispor a sua ascensão: *Ascensiones in corde suo disposuit, in valle lacrymarum, in loco, quem posuit.* Pois se todos desejamos, & esperamos que a nossa ascensão, & affumpção seja para gozar eternamente as verdadeiras felicidades da Bemaventurança; como deixamos o caminho do monte por onde Christo nos guia à gloria do Ceo, & seguimos com tanta ancia, & contenda, não digo já a estrada, senão os precipicios, por onde o Demonio, debaixo do falso nome de glorias do mundo, nos leva às maldiçoens do Inferno?

395 Ora eu có a graça divina quizera hoje desfazer esta cegueira, que tantas Almas tem enganado, & perdido, as quaes nesta vida a não conhecêrao, & agora sem nenhum reme-

Tom.7.

dio a choraõ. A este fim porei hum monte à vista do outro monte, & hũas glorias á vista da outra gloria: o monte da tentação à vista do monte da Transfiguração, & as glorias do mundo à vista da gloria do Ceo: comparando não bens có males, senão bens com bens. Por este meyo mais clara, & manifestamente, que por nenhum outro, se verá a differença dos falsos aos verdadeiros: & já que os nossos entendimentos, & vontades andão taõ enganados, ao menos nos defenganaráo os olhos. A luz da divina graça se sirva de nos abrir, & allumiar por intercessão da chea de graça. *Ave Maria.*

§. II.

396 **P**osto o monte da tentação có as glorias do mundo à vista do monte da Transfiguração com a gloria do Ceo, quem nos mostrará a differença dos bens, que
Ee se

se prometêraõ no primeiro monte, & se prometem no segundo, senão quem se achou em ambos, tentado em hum, & transfigurado no outro? Esta mesma duvida tiverão muitos, que refere David, os quaes perguntavão: Quem nos mostrará os bens? *Multi dicunt: Quis ostendit nobis bona?* E responde o mesmo Profeta, que o lume do rosto do Senhor nos mostraria: *Signatum est super nos lumen vultus tui Domine.* Nunca o rosto de Christo Senhor nosso esteve mais allumiado, & mais luminoso, que neste dia de sua Transfiguração, em que resplandeceo o seu rosto como o Sol: *Resplenduit facies ejus sicut Sol.* E em final de que logo aqui se virão os bens, disse S. Pedro em nome de todos: *Bonum est nos hic esse.* Sendo pois o lume do rosto de Christo o que nos ha de mostrar os bens, & sendo o lume do mesmo rosto como o do Sol, tres cousas acho no lume do Sol, que

tão claramente como a luz do mesmo Sol nos podem mostrar a grande differença, que ha entre os bens da gloria do Ceo, & os que tambem se chamão bens das chamadas glorias do mundo. O lume do Sol he puro, & sem mancha: he tanto para cada hum, como para todos: & todo se goza junto, & não por partes. Nestas tres propriedades pois do lume do Sol, nos mostrará o rosto de Christo tres differenças dos bens do Ceo aos do mundo, que tambem serão os tres pontos do nosso discurso. No primeiro veremos, que os bens do mundo ião bens com mistura de males, & só os bens do Ceo puros, & sem mistura: no segundo, que dos bens do mundo, quando muito logra cada hum os seus, & nos bens do Ceo logra cada hum os seus, & mais os de todos: no terceiro, que os bens do mundo, se chegão a se gozar todos, he successivamente, & por partes; porèm os bens do Ceo sem-

Pfalms
46.

Ibid. 7.

Matth.
17. 2.

Ibid. 4.

sempre, todos, & juntamente. Prometi que tudo isto veriamos cõ os olhos, & posto que a materia de alguns destes pontos seja superior a todos os sentidos, a luz da Transfiguração a fará tão clara como o mesmo Sol.

§. III.

397 **D**Iza primeira differença da nossa proposta, que todos os bens do mundo são bens com mistura de males, & só os bens do Ceo bens puros, & sem mistura. E assim he. Quando Deos nosso Senhor fabricou este grande edificio do Universo, dividio-o em tres partes: hũa na terra, que he este mundo em que vivemos, outra debaixo da terra, que he o Inferno, outra acima da terra, que he o Ceo: & em todas estas tres regioens repartio os bens, & os males, mas com grande justiça, & differença. No Inferno ha só males sem bens; no Ceo ha só

bens sem males; na terra ha bens, & males juntamente. E porque razão? No Inferno ha só males, porque ha só maos: no Ceo ha só bens, porque ha só bons: & na terra onde andão de mistura os bons com os máos, era justo que andassem tambem misturados os bens, & os males.

398 A primeira mostra desta verdade he a mesma natureza em tudo o que criou para o homẽ. No maior mimo dos sentidos, que he a Rosa, cercando-a de espinhos, nos deixou, diz S. Ambrosio, hum claro, & desenganao espelho desta deliciosa, & dolorosa mistura: *Spina sèpsit gratiam floris tanquã humanae speculum præferens vite, quæ suavitatem perfunctionis suæ finitimis curarum spinis sæpè compungat.* A mesma consideração seguio, & adiantou Boecio, o qual ajuntando ao exemplo da belleza o da doçura, cantou, ou chorou elegantemente: *Armat spina Rosam, mella te-*
 Ee ij *gunt*

Ambr.
ib 3.
Ex. m.
cap. 17.

gunt apes. E assim como não ha nesta vida Rosa sem espinho, nem mel sem abelha; assim não ha perola sem lodo, nem ouro sem fezes, nem prata sem liga, nem Ceo sem nuvem, nem Sol sem sombra, nem lume sem fumo, nem triaga sem veneno, nem monte sem valle, nem quantidade sem peso, nem enchente sem minguate, nem trigo sem palha, nem carne sem osso, nem peixe sem espinha, nem fruta, por saborosa que seja, sem caroço, ou casca que deitar fóra. No mesmo tempo de que se compoem a nossa vida, não ha verao sem inverno, nem dia sem noite. E nesta mesma semelhança he tanta a differença, que para haver verao, & inverno, he necessario hum anno, & para haver noite, & dia, são necessarias vinte & quatro horas; mas para haver mal, & bem, basta hum só momento.

399 Os Gentios sem se ensinados só da experi-

encia; differaõ que Deos tinha dous tanques, hum de mel, outro de fel, & que nenhũa cousa mandava aos homens, que não viesse passada por ambos: & que esta era a causa, porque em todas as que chegavão à terra, vinha a doçura do bem misturada cõ a amargura do mal. Não poderaõ fallar mais ao certo, se tiverão lido a David. Diz o Real Profeta, que Deos tem na mão hum Caliz, pelo qual dà de beber aos homens, cheo de vinho puro, & misturado: *Calix in manu Domini vini meriple-* Psal. 749.
nus misto. Repara, & pergunta S. Agostinho: *Quomodo meri, si mixto?* Se o vinho era puro, como era misturado; & se era misturado, como era puro? Porque não ha bem natural, & deste mundo, ainda que dado pela mão de Deos, por mais puro, & defecado que seja, que não traga em sy, & consigo algũa mistura de mal. O vinho he aquelle cordeal simplez, medicado pela natureza para alegrar

o coração humano : mas não ha alegria, ou causa de alegria tão contraria , & alhea de toda a tristeza, que não dê que penar ao coração. Se ri, o riso será misturado com dor : se gosta, o gosto será metido entre pezares. Assim o deixou em proverbio Salamão: de presente como experimentado , & de futuro como Profeta: *Risus dolore miscebitur , & extrema gaudij luētus occupat.*

400 E pois nomeámos o mais sabio de todos os homens, & o mais opulento, & delicioso de todos os Reys, elle nos dirá o verdadeiro conceito que fez, & nós devemos fazer dos bens do mundo. Eu me resolvi, diz Salamão, a me dar a todas as delicias , & gozar todos os bens desta vida: *Dixi ego in corde meo, vadam, & affluam delicijs, & fruar bonis.* Com este presuposto querendo, podendo , & sabendo fazer quanto quizesse , porque ninguem pode tanto, nem quiz mais, nem soube me-

lhor que Salamão, vede o que faria ? Fabricou hum Palacio real em Jerusalém, que depois do Templo que elle edificára, foi o segundo milagre: no monte Libano traçou varios retiros, & casas de prazer, em que dê mais de se ver junto todo o raro , & curioso do mundo , a amenidade dos jardins, a frescura das fontes, a espessura dos bosques, a caça , & montaria de aves, & feras , & até as sombras no verao , & os Soes no inverno excedião com a arte a natureza : o trono de marfim em que dava audiencia, & a carroça chamada Ferculo , em que passeava, erao de tal architectura, & preço, que faz particular descripçam deller a Escritura : às galas de Salamão o mesmo Christo lhe chamou gloria: os thesouros de ouro, & prata, que ajuntou , erao immensos: os gados maiores, & menores , que naquelle tempo tambem erao riqueza dos Reys , não tinham numero: os cavallos

estavaõ repartidos em quarenta mil presepios: a sumptuosidade da mesa, para a qual concorriaõ diversas Provincias, & a magestade, grandeza, & ordem dos Officiaes, & Ministros, com que era servido, foi a que encheo de pasmo a Rainha Sabà: as baxellas, & vasos eraõ de ouro, as musicas de vozes exquisitas de ambos os sexos, & os cheiros, & aromas com que tudo recendia, quanto cria, & exhala o Oriente. Não fallo na calidade, & gentileza das Damas, filhas de Principes, & escolhidas em diferentes naçoens, entre as quaes só as que tinhaõ nome, & estado de Rainhas, eraõ sessenta, servidas todas com apparatus, & magnificencia Real. Tudo isto gozava Salamaõ em summa paz, & com igual fama, sem inimigo, ou receo que lhe dèsse cuidado, & em tudo se empregava com tal applicação, & excessõ, que elle mesmo confessã de sy, que nenhuma

cousa viraõ seus olhos, nẽ inventáraõ seus pensãmentos, nem appeteceraõ seus desejos, que lhe negasse: *Omnia quæ desideraverunt oculi mei non negavi eis, nec prohibui cor meum quin omni voluptate frueretur.* Estando pois nestas felicidades de Salamaõ naõ só recopilados, mas estendidos todos os bens do mundo, saibamos por fim, que cõceito fez delles? Elle o diz, & em bem poucas palavras: *Cum me convertissem ad universa opera, quæ fecerunt manus meæ, & ad labores in quibus frustra sudaveram, vidi in omnibus vanitatem, & afflictionem animi.* Voltando os olhos a tudo quanto tinha feito, em que de balde tinha trabalhado, & suado (feito diz, & trabalhado, & suado, & não gozado, porque tudo o que gozou, foi de balde, *frustra*) & o que vi, & achei em tudo, he, que tudo he vaidade, & afflicção de animo: *Vanitatem, & afflictionem animi.* Logo se todos os bens do mundo
faõ

Ecccl. 2

10.

Ibid. 11.

saõ vaidade, como podem ser verdadeiros bens ? E já que lhe concedamos o nome de bens ; se todos causaõ afflicção do animo, como podem ser bens sem mistura de males ?

401 Mas porque nam cuide alguém, que do tempo de Salamaõ para cá terãõ mudado os bens do mundo, ou melhorado de natureza ; ouçamos outro grande oraculo quasi de nossos dias. Quando o Emperador Carlos Quinto fez aquella grande acção, em que teve poucos a quẽ imitar, & terã menos imitadores , de renunciar o Imperio ; dando as causas desta retirada depois de tantas vitorias, confessou com lagrimas diante de todo o Senado de Bruxellas, que a principal, ou huma das principaes fora ; porque em todo o tempo (diz) de minha vida, depois que puz na cabeça a Coroa, nem hum só quarto de hora tive de pura, & verdadeira alegria, senaõ sempre misturada cõ cui-

dados, afflicçoens , & dores: *Setoto Regni tempore, nec ad unum quidem horæ quadrantem puram habuifse, meramque lætitiã, sed multis illam curis, angoribus, doloribusque permixtam.* E se esta triste mistura exprimentãraõ nas maiores felicidades do mundo entre os Reys Salamaõ, & entre os Emperadores Carlos, que poderãõ dizer das suas particulares, ainda os mais bem vistos da fortuna ?

§. IV.

402 **G**randes foraõ Gas q̃ sonhou Joseph , & saíraõlhe taõ verdadeiros os sonhos, que de vendido, & escravo se vio Viso-Rey do Egypto, & com tal authoridade, & poderes, que lô no nome, & na Coroa o precedia o Rey. Tudo governava, tudo mandava Joseph, tudo lhe obedecia, com nunca vista, nem esperada felicidade ; mas onde ? No Egypto. Ninguem he, nem

E e iiii põde

pode ser felice com a Alma noutra parte. O corpo, o poder, & a dignidade estavão no Egypto, a Alma, o amor, & a fauldade andavão peregrinando em Canaan; com que toda aquella apparencia dos maiores bens da fortuna vinhaõ a ser suplicio, & desterro. No Egypto vivo, na patria morto: no Egypto applaudido, na patria chorado: no Egypto dando de comer ao mundo, na patria comido das feras: no Egypto tudo, na patria nada. Ainda que Joseph não fora levado ao Egypto para escravo, senão para Viso-Rey, igualmente hia vendido: porque muito melhor fortuna era para elle estar em casa de Jacob, sendo o filho mais mimoso do Pay, que na Corte, & no Palacio de Faraõ, sendo o primeiro Ministro, & o mais valido do Rey. Abra os olhos o mundo, & não se contente com ver os homens por fóra, penetre-os tambem, & considere-os por dentro, &

achará que andaõ nelle taõ contrapesados os males com os bens, que ainda em comparação dos maiores se pode pôr em balança se pesão mais os males.

403 De Joseph foi Pay Jacob tambem assáz ditoso. A que Jacob teve pela maior ventura de sua vida, foi quando ao cabo de tantos annos de servir alcançou por premio a companhia de Rachel. Se o que muito se deseja, muito se preza; se o porque muito se trabalha, muito se estima, nenhum gosto, nenhũa alegria teria já mais quem tanto amava, que se iguallasse com esta. Mas vede quam pensionados dà o mundo os gostos, & bens desta vida. A felicidade foi hũa, as pensoens foraõ tres, & todas assáz pesadas. A esterilidade da mesma Rachel, os enganos de Labam, & osciumes de Lia. Por mais amadas, & por mais pertendidas que sejaõ as que chamamos venturas, todas no cabo são Racheis. Não ha Rachel,

chel, que não tenha o seu Labaõ, & a sua Lia. Se Rachel agrada, Labam molesta: se Rachel dà gosto, Lia dà pena. Quanto mais que para molestar, & dar pena, bastalhe a Rachel ser Rachel. Lede a historia sagrada, & achareis que foi taõ mal acondicionada aquella fermosura, que era necessario todo o amor de Jacob para aturar, & sofrer seus antojos. Muito mais trabalho lhe deo depois, do que tinha trabalhado por ella antes. Tão travados andaõ nesta vida os gostos com os desgostos, tão misturados os males com os bens. Se Rachel tem bom rosto, tem mã condiçãõ: se Lia tem boa condiçãõ, tem máo rosto: & não ha bem nenhum taõ inteiro, que possã encher os olhos, & mais o coração.

Estendei a vista, ou o pensamento por todas as cousas do mundo, & vereis que não achais hũa só instancia, nem hum só exemplo contrario a esta verda-

de. Muito estimão os homens a gentileza, muito estimão o valor, muito estimão o entendimento: mas perguntem os fermosos a Absalam, os valentes a David, os entendidos a Achitofel, que pensão pagou o primeiro à sua gentileza, o segundo ao seu valor, & o terceiro ao seu entendimento. Era Absalam taõ galhardo mancebo, que do pè atè o cabello da cabeça, como falla a Escritura, nenhum pintou a natureza mais bello. As Damas lhe compravaõ os cabellos a peso de ouro, & dos mesmos cabellos lhe teceo a morte o laço, com que pendurado dos ramos de hum carvalho, acabou infamemente a vida, passando pelos peitos com tres lanças. E esta foi a pensão, que pagou Absalam à sua gentileza. Era tão valente David, que tremendo todo o exercito de Israel á vista do Gigante Golias, elle só, & desarmado aceitou o desafio, & derrubado a seus pés, com a sua propria espada

pada lhe cortou a cabeça Mas foi tal a inveja , & odio, que desde aquella hora lhe cobrou ElRey Saul, que mais de hũa vez com a lança, que trazia na mão por cetro, o quiz pregar a hũa parede. De maneira que lhe foi necessario a David homiziar-se pela morte do Gigante , como se matára hum Hebreo, & fugir da sua vitoria , como se fora delito. E esta foi a pensão, que pagou David ao seu valor. Era taõ entendido Achitofel, & taõ prudentes , & sabios seus conselhos , que por testemunho do Texto sagrado se ouviaõ como oraculos do mesmo Deos. Seguiu as partes de Absalam, quando se rebellou contra seu Pay, aconselhou-o como lhe convinha ; & porque o moço fatal não quiz seguir sennaõ o que já o levava ao precipicio , foi tal a sua desesperaçãõ, que atando a banda ao pescoço, & a hũa trave, se afogou a sy mesmo. E esta foi a pensão, que pagou Achitofel ao

seu entendimento. Fiaivos là de entendimentos, fazei là caso de valentias, & prezaivos de gentilezas! Têm os males taõ viciados, & corrompidos os bens, que a gentileza he laço, o valor delito , & o entendimento locura.

404 Mas para que he irmos buscar exemplos ao Testamento Velho, se no Novo, & no nosso Evangelho temos o maior de todos. Transfigurou-se Christo no Tabor, apparecêraõ alli Moyses, & Elias ; & quando parece que haviaõ de dar o parabem ao Senhor, da gloria com que o viãõ naquelle monte, o em que lhe falláraõ , foi da morte que havia de padecer no do Calvario : *Loquebantur de excessu, quem completurus erat in Ierusalem.* Luc. 9. 31. Pode haver pratica mais alhea da occasiao que esta? Quando o rolo de Christo està resplandecente como o Sol, então lhe fallão no ecclipsé? Quando as tuas roupas estão brancas como a neve, então

taõ lhe fallaõ nos lutos? E no dia que tem mais alegre na sua vida, entaõ lhe fallaõ na morte? Sim. Porque naõ ha alegria neste mundo taõ privilegiada, que naõ pague pensaõ à tristeza. Atè no monte Tabor, atè na Pessoa de Christo, atè no milagre da Transfiguração, por mais soberanos que sejaõ os bens, hũa vez que tocáraõ na terra, naõ pôde haver gosto sem pezar, nem gloria sem pena. Tanto assim, que se saltar o motivo na presença do que he, have-lo-ha na memoria do que ha de ser: transfigurado agora, mas crucificado depois. E sendo a Transfiguração, como logo disse o mesmo Christo, parecida com a Resurreição, & naõ com a morte; virão dous homens do outro mundo, que misturem a morte cõ a Transfiguração, & fundaõ o Calvario com o Tabor.

405 Seja pois a conclusão destas experiências, & desenganos do mundo,

fazermos taõ pouco caso dos seus chamados bens, pela mistura que sempre trazem de males, como se verdadeiraméte foraõ puros males sem nenhũa composição, ou temperamento de bens. He doutrina, que despedindose do mundo o Redemptor delle nos deixou estampada com seu exemplo no mesmo monte Calvario. Duas vezes no Calvario deraõ fel a Christo, hũa antes, outra depois de crucificado. Antes de crucificado, quando lhe deraõ vinho misturado cõ fel: *Dederunt ei vinum cum felle mixtum*: depois de crucificado, quando dizendo na Cruz, que tinha sede, lhe deraõ fel, & vinagre: *Dederunt in escam meam fel, & insiti me apotaverunt me aceto*. E como se ouve o Senhor em hum, & outro caso? Em ambos provou hũa, & outra bebida, & em ambos a naõ quiz beber. Assim o referem da primeira, & da segunda os Evãgelistas pelas mesmas palavras: *Cum gustasset*, Matth. 27.34.
noluit

noluit bibere. Na primeira bebida, he certo que hia o amargo do fel moderado com o doce do vinho, & na segunda hia o mesmo fel não moderado, senão exasperado com o azedo do vinagre. Pois se o fel hia tão differentemente temperado em hũa, & outra bebida, porque igualmente as regeitou o Senhor ambas, sem nenhũa differença? Porque na primeira o vinho misturado com o fel, & o doce com o amargo, era o bem misturado com o mal: na segunda, o fel junto com o vinagre, era hum mal sobre outro mal, sem nenhũa mistura de bem: & provando Christo, & reprovando igualmente hũa, & outra bebida, quiz-nos deixar por doutrina, & por exemplo na confusão dos bens, & males de que se compoem este mundo, que tanto vemos desprezar, & aborrecer o bem misturado cõ o mal, como se o bem, & o mal tudo fora mal, sem nenhũa mistura de bem. Em

ambas as bebidas hia fel, em hũa juntamente com vinho, em outra juntamente com vinagre, que he vinho corrupto: & he tal a corrupção, que causa nos bens a companhia, & mistura dos males, que o bem misturado com o mal se converte totalmente em mal, & perde todo o ser que tinha de bem. Façamos pois de todos os chamados bens deste mundo a estimação, & conceito que elles merecem: indigno, qualquer que seja, de ser amado como bem, senão abominado, & aborrecido como verdadeiro, & puro mal: & pela mistura que tem de doce, ainda mais abominado, & mais aborrecido, como mais falso, & enganoso.

§. V.

406 **S**O os bens daquella patria celestial, sã os bens daquella terra de Promissão da gloria, sã os bens daquelle Tabor da Bemaventurança,

turança ; só aquelles unicamente se podem chamar bens , porque só são bens sem mistura de nenhum mal. He o Ceo como o Templo de Salamá, em que nunca se ouviu golpe de martello, porque lá, como diz o Evangelista Profeta, não ha cousa que cause dor , ou pena, nem tire da boca hum ay : & são os moradores do mesmo Ceo, como as Estrellas fixas do Firmamento , onde não chegaõ fumos dos vapores da terra , que as offusquem : gozando todos em summa paz a patria do summo bem , que não seria summo, nem bem , se não excluísse todo o mal por minimo que seja. E por isso só os bens naturaes da mesma patria são puros, sinceros, & perfeitamente bens, sem corrupção, contrariedade, nem mistura de mal.

407 Entre todas as plâtas do Paraíso terreal ouve duas arvores mais insignes , & de que só sabemos o nome, que foraõ a

arvore da Ciencia , & a arvore da Vida. Mas a da Ciencia continha dous contrarios, a da Vida não : porque a ciencia era do bem, & juntaméte do mal, que he o contrario do bê : & a da Vida era da vida sómente, & não da vida, & da morte, que he o contrario da vida. Pois se ambas eraõ arvores do Paraíso , porque havia nellas esta grande differença ? Porque tambem o Paraíso não era absolutamente Paraíso, se não Paraíso terreal : & por isso húa das suas plantas era parecida às delicias da terra, & outra semelhante às do Ceo. A parecida às da terra , era da ciencia do bem, & do mal ; porque na terra sempre o mal anda misturado com o bem : & a semelhante às do Ceo, era de vida sem morte ; porque no Ceo todo o bê he puro, & sincero sem mistura, nem companhia de mal. Assim o diz S. João descrevendo a Jerusaleem da gloria : & não dà outra razão desta differença de

coufas, senão serem hûas as segundas, que são as do Ceo; & outras as primeiras, que são, ou foraõ as deste mundo: *Et mors ultra non erit, neque luctus, neque dolor erit ultra, quia prima abierunt.*

Apoc.
21.4.

408 Para prova dos bens deste mundo sempre misturados com males, tomei por testemunha a natureza: & para prova dos bens do Ceo puros, & sem mistura, tomemos por testemunha a arte. A arte para purificar o ouro, como elle he o mais precioso metal, applicalhe tambem o mais efficaz, & poderoso elemento, que he o do fogo: *Aurum quod per ignem probatur.* Alli o purga, & alimpa das fezes, alli o prova, & lhe apura a fineza dos quilates; & entãõ se reputa entre nõs por ouro purissimo. Mas para que se veja o nõsso engano, ponhamos esse mesmo ouro no Ceo. Diz S. Joaõ, que as ruas da Cidade do Ceo são de ouro limpo: *Platea Civitatis aurum mundum.*

1. Petr.
3.7.

Apoc.
21.21.

È se perguntarmos, esta limpeza, & pureza do ouro do Ceo em que consiste? Depois de dizer *aurum mundum*, acrescenta, *Ibid. tanquam vitrum perlucidum*, que he puro, & limpo, porque he diafano, & transparente como vidro. Logo se o ouro entãõ he puro, & limpo, quando chega a sua fineza a ser diafana, & transparente como o vidro; bem se segue, que o nõsso ouro crasso, espesso, opáco, & que nenhũa cousa tem de diafano, nem transparente, por mais que nos lisongee com a sua cor, & nõs nos enganemos com elle, de nenhum modo he ouro limpo, & puro. De maneira, que comparado o ouro da terra, que os Reys poem sobre a cabeça, com o ouro do Ceo, que os Bê-aventurados trazem debaixo dos pès, *platea ejus*; todo o da terra estã penetrado de fezes, & cheo de escoria, posto que nõs a não vejamos, & só o do Ceo he puro, & limpo,

aurum mundum. Sobre tudo, se pedirmos ao mesmo Evangelista, que nos diga com que ingredientes se purifica tanto este ouro do Ceo? Responde, que só com entrar no mesmo Ceo: *Non intrabit in eam aliquod coinquinatum.* E como aquella he a natureza do Ceo, & esta a da terra; a mesma differença de ouro a ouro nos ensina, que assim como na terra não pôde haver bem, que careça da mistura de mal, assim todos os do Ceo são puros, & sem mistura.

409 Se quereis saber de mim (dizia prégando S. Agostinho) o que ha no Ceo? Não vos posso dizer o que ha, sem dizer tambem o que não ha. *Ibi erit quidquid voles, & non erit quidquid nolles.* No Ceo ha tudo o que quizerdes, & só não ha o que não quizerdes. Logo parece que o Ceo he feito pela medida da nossa vontade? Não. A nossa vontade he a feita pela medida do Ceo: & porque? Porque o objecto

da nossa vontade e, em quanto quer, he o bem; & o objecto da mesma vontade, em quanto não quer, he o mal: & como tudo o que ha no Ceo he o bem, & o que não ha no Ceo he só o mal; por isso ha no Ceo tudo o que quizermos, & só não ha o que não quizermos. Se nos bens do mundo ouvera esta separação, tambem na terra podera o homem querer, & gozar o bem sem o mal: mas por mais que queira, não pôde; porque sempre o mal anda não só junto, senão penetrado, & inseparavel do bem. E para que acabemos de conhecer a futilidade com que os mesmos chamados bens nos lisongeaõ, & alegraõ, & com falsas apparencias de gosto disfarçaõ o mal, que sempre levaõ com siigo, levemolos nós ao exame do Ceo, & là se descobrirà o seu engano.

410 Diz o mesmo Evangelista S. Joao [o qual he força, que tornemos a ouvir, supposto que S. Paulo,

lo, que tambem vio o Ceo, nos naõ quiz dizer nada.) Diz pois o Êvangelista taõ notavel no que diz , como nas palavras com que o diz, que a todos os que deste mundo passaõ ao Ceo, lhe enxuga Deos os olhos de toda a lagrima: *Et absterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum.* E que quer dizer toda a lagrima? Quer dizer todo o genero de lagrimas [como aguda, & literalmente comenta S. Ambrosio) porq̃ neste mûdo naõ só ha lagrimas de dor, & tristeza, tenaõ tambem lagrimas de gosto, & alegria: & assim de hûas como de outras enxuga Deos os olhos dos que vaõ ao Ceo. As palavras do grande Doutor da Igreja saõ estas: *Absterget Deus omnem lacrymam, nam tristitia sapè lacrymas educit, sapè & latitia, sapè & gaudium.* Mas que as lagrimas da tristeza, & da dor naõ tenhaõ lugar no Ceo, bem està: porèm as lagrimas da alegria, & do gosto, & mais as do grande go-

sto, & as da grande alegria, que só a grande alegria, & o grande gosto fazem rebentar os olhos em lagrimas; porque se naõ haõ de admitir no Ceo? Porque todas essas lagrimas foraõ deste mundo. E lagrimas deste mundo, ainda que fossẽ de alegria, & grande alegria, nunca podiaõ ser de pura alegria, & ainda que fossẽ de gosto, & grande gosto, nunca podiaõ ser de puro gosto; porque no mundo naõ ha gosto sem mistura de pezar, nem alegria sem mistura de tristeza: & semelhantes misturas de nenhum modo tem lugar no Ceo, onde as alegrias, & os gostos, como todos os outros bens, saõ puros, & sem mistura de mal. A alegria no Ceo he sem tristeza, o gosto he sem pezar, o descanso he sem trabalho, a segurança he sem recco, o socego sem sobrefalto, a paz sem perturbação, a honra sem agravo, a riqueza sem cuidado, a fartura sem fastio, a grandeza sem enveja, a abundã

abundancia sem mingua, a companhia sem emulação, a amizade sem cautela, a faude sem enfermidade, a vida sem temor da morte; em fim todos os bens puros, & sem mistura de mal, & por isso verdadeiros bens. O Bemaventurados do Ceo, olhai là de cima cà para este mundo, & tende nova gloria accidental dos bens que gozais, não digo em comparação dos males, senão dos bens, que nós padecemos.

411 Mas confirmenos esta corrente de bens sem males hum compêdio dos mesmos, & semelhantes attributos, com exclusão cada hum do seu contrario, os quaes reduz S. Boaventura a numero de doze, como outros tãtos frutos da Bemaventurança. *Primus est sanitas absque infirmitate: secundus juvenis sine senectute: tertius satietas sine fastidio: quartus libertas sine servitute: quintus pulchritudo absque deformitate: sextus impassibilitas absque dolore: septimus*

Tom. 7.

abundantia sine indigentia: octavus pax sine perturbatione: nonus securitas absque timore: decimus cognitio absque ignorantia: undecimus gloria sine ignominia: duodecimus gaudium sine tristitia. Atè aqui o Doutor Serafico, o qual nestas doze prerogativas de bens sem males nos descreveo hum inefavel zodiaco de glorias, o qual todos os Bemaventurados não nos doze mezes do anno, nem nas doze horas do dia, mas sempre, & sem cessar estaõ correndo, & gozando immovelmente no circulo sem fim da eternidade. Ditosos elles, que gozão tanto bem; & nós tambem ditosos, se nos dispuzermos ao não perder.

§. VI.

412 **A** Segunda differença da nossa proposta, he, que dos bens do mundo quando muito logra cada hum os seus: dos bens do Ceo, & no Ceo logra cada hum os

Ff seus,

amor; porque vòs já me não amais a mim, senão o meu, nem eu vos amo a vòs, senão o vosso. No principio do mundo, como gravemente pondéra Seneca, porque não havia guerras? Porque usavaõ os homens da terra como do Ceo. O Sol, a Lua, as Estrellas, & o uso da sua luz he comum a todos, & assim era a terra no principio: porèm depois que a terra se dividio em diferentes senhores, logo ouve guerras, & batalhas, & se acabou a paz, porque ouve meu, & teu.

414. Que direi dos me-yos, & dos remedios, das industrias, das artes, & instrumentos, que os homês tem inventado, para que cada hum podesse possuir, & lograr o seu segura, & quietamente; mas sem proveito? Para guardar a casa inventáraõ as portas, & as fechaduras; mas pela mesma abertura, por onde entra a chave, deixa tambem aberta a entrada para a gazua. Para sinalar os li-

mites de cada hum, inventáraõ os marcos; & para guardar a vinha, & o pomar, inventáraõ os valados, as sylvas, as seves, & as paredes de pedra ligada, ou solta; mas tudo isto se rompe, & se escalla. Para guardar as Cidades inventáraõ os muros, os fossos, as torres, os baluartes, as fortalezas, os presidios, a artelharia, a polvora; mas não ha Cidade taõ forte, que por bataria, ou por assalto, ou minada por debaixo da terra, ou pelo ar, se não expugne, & renda. Para guardar os Reynos, & os Imperios inventáraõ as Armadas por mar, & os exercitos por terra, tantos mil soldados a pè, tantos mil a cavallo, com tanta ordem, & disciplina, com tanta variedade de armas, com tantos artificios, & machinas bellicas; mas nenhum destes apparatus taõ estrondosos, & formidaveis tem bastado, nem para que os Assyrios guardassem o seu Imperio dos Persas, nem os Persas o seu

o seu dos Gregos, nem os Gregos o seu dos Romanos, nem os Romanos finalmente o seu daquelles a quem o tinhaõ tomado, tornando a ser vencidos dos mesmos que tinhaõ vencido, & dominado. Mais inventáraõ, & fizeram os homens a este mesmo fim de conservar cada hum o seu. Inventáraõ, & firmáraõ Leys, levantáraõ Tribunaes, constituiráõ Magistrados, deráõ varas às chamadas Justiças com tanta multidão de Ministros maiores, & menores, & foi com effeito tão contrario, que em vez de desterrarem os ladroens, os metéraõ das portas adentro; & em vez de os extinguirem, os multiplicáraõ: & os que furtavão com medo, & com reбуço, furtão debaixo de Provisões, & com immuidade. O Solicitador com a diligencia, o Escrivão com a pena, a Testemunha com o juramento, o Avogado cõ a allegação, o Julgador cõ a sentença, & até o Beli-

Tom. 7.

guim com a chuça, todos foraõ ordenados para conservarem a cada hum no seu, & todos por diferentes modos vivem do voffo.

§. VII.

415 **E** Sta he hũa das

razoens, a qual o divino Mestre Christo Senhor nosso nos allega, para que façamos os nossos thesouros dos bens do Ceo, & no Ceo, & não dos bens do mundo, & na terra; porque na terra ha la-

droens, & no Ceo não: Marth. 6. 19. 20.

Nolite thesaurizare vobis in terra, ubi arugo, & tinea demolitur, & ubi fures effodiunt, & furantur. Thesaurizate autem vobis in Cælo, ubi neque arugo, neque tinea demolitur, & ubi fures non effodiunt, nec furantur.

Nas quaes palavras se deve notar muito, que não só nos aconselha, & manda o Senhor, que guardemos os nossos bens dos ladroens da cobiça, senão tambem dos ladroens da natureza:

Vbi arugo, & tinea demoli-

tur.
Ee iij

tur.

tur. Os bens deste mundo, como são corruptiveis, ainda que não haja ladrão, que os fure, elles mesmos se nos roubão; porque as roupas, por preciosas que sejam, come-asa polilha, que nasce das mesmas roupas; & os metaes, ainda que sejam ouro, & prata, roe-os a ferrugem, que nasce dos mesmos metaes. Porém os bens do Ceo, que são incorruptiveis, nem delles se pôde gerar vicio de corrupção, que os gaste, nem a lima furda do tempo, que tudo consome, lhe podê meter o dente; porque a sua dureza he como a sua duração, & são bens eternos. Oh quanto mais nos ensinou o divino Mestre nestas palavras, do que ellas dizem! Quando não ouvera Cossarios no mar, nem salteadores nos caminhos, nem ladroens publicos, & secretos no povoado; quem ha tão poderoso, que possa conservar, & lograr o que possue neste mundo contra os roubos inevitaveis da natureza?

Que são todos os elementos, senão huns roubadores universaes de tudo o que grangea, & trabalha o genero humano? O fogo nos rouba com os incendios, a agua com as inundaçoens, o ar com as tempestades, & a mesma terra com os exercitos innumeraveis de pragas, que como semeada com os dentes de Cadmo, nascem, & se levantão della, para outra vez nos roubar o que nos tem dado. Ouçamos ao Profeta Joel. *Residuum erucæ comedit locustia: residuum locustæ comedit bruchus: residuum bruchi comedit rubigo.* Vierão, diz Joel, quatro pragas successivas à terra, hũa sobre a outra. E que fizerão? Totalmête devastarão a mesma terra, sem perdoar a quanto ella dà cultivada, ou espontaneamente cria, & sem cultura. O que deixou a lagarta, comeo o gafanhoto: o que deixou o gafanhoto, comeo o pulgão: & o que deixou o pulgão, comeo a ferrugem.

De

De forte, que para serem despojados os homens dos maiores bens, & mais necessários à vida, quaes são aquelles de que ella se sustenta, não depende a sua perda, & desgraça das hostilidades, & roubos dos Sabêos, & dos Chaldêos, que destruirão as terras, os gados, & as herdades de Job; mas bastão só as pragas naturaes da mesma terra corrupta, para que em hum momento fique tão pobre como Job, qual quer que fosse tão rico, & abundante como elle. Tudo o que nasce na terra, o Sol, & a chuva o cria; mas o mesmo Sol, se he demasiado, o queima; & a mesma chuva, se he muito continuada, o afoga: para que acabemos de nos enganar da pouca firmeza, ou segurança, que pôde haver nos bens, que não são do Ceo, pois as mesmas causas, que os dão, os tirão, & as mesmas que os produzem, os matão.

416 É como ficão baldados, ainda sem chegar a

este caso, os cuidados, os trabalhos, & os suores dos que toda a vida, & todo o amor empregão em adquirir, & aumentar os chamados bens deste mundo, se no mesmo tempo em que cuidão que são seus, não sabem para quem trabalharão? He ponderação do grande Rey, & Profeta David, triste verdadeiramente, & digna de quebrar as mãos, & os animos a todos os que debaixo desta ignorancia se canção. *The-^{psalm}aurizat, & ignorat cui cõ-^{38.7.}gregabit ea*: Acquirem, ajuntão, entesourão, & não sabem para quem. Cuidão que he para sy o que chamaõ seu, & não he seu, nem para sy; porque he para outrem, & tal vez para o maior inimigo. Assim lhe aconteceu àquelle Rico, a quem o Evangelho canoniza com nome não só de nescio, mas de estolido, *stulte*. Dava o parabenem à sua Alma pelos muitos bens, que tinha juntos para muitos annos: *A-^{Luc. 12,}nima mea, habes multa bona* 19.

in annos plurimos. E sendo mandado fazer deste mundo naquella mesma noite, a pergunta, que lhe fizeram, foi: *Et quæ parasti, cujus erunt?* E todos esses bens, que ajuntaste, & chamas bens, cujos serão? O trabalho foi teu, & os bens serão de quem não sabes. Não assim os bens do Ceo, diz o mesmo Profeta. *Labores manuum tuarum, quia manducabis, beatus es, & benè tibi erit.* Vós trabalhareis nesta vida; mas na outra sereis Bemaventurado, porque comereis o fruto dos vossos trabalhos, ou os mesmos trabalhos de vossas mãos: *Labores manuum tuarum.* Aquelle foi canonizado por nescio, & este por Bemaventurado; porque só os que trabalham pelos bens do Ceo sabem de certo, que trabalham para sy, & para o que he, & ha de ser seu eternamente.

§. VIII.

417 **M**As concedamos, ou fin-

amos, que ouve hum homem tão mimoso da fortuna, que todos os bens que possui de este mundo, ou herdados, ou adquiridos, os logrou pacificamente, sem que a inveja dos iguaes, nem a potencia dos maiores lhe inquietasse a posse, ou duvidasse o dominio; que felicidade he a deste homem? Primeira-mente com ser fingida, & não usada, se os bens são poucos, não deve de estar contente; & se são muitos, quem duvida, que ainda deseja mais? Sendo certo, que em hum, & outro caso mais vem a padecer, que a lograr o que tem. Mas se por graça especial de Deos he esse homem tão moderado, & tão senhor de seus appetites, que com o seu pouco, ou o seu muito, se dá por satisfeito; possui, & logra mais algũa cousa que o seu? Não. Pois esta he a differença, que ha entre os bens do Ceo, & os do mundo. Os do mundo quando muito, & por milagre, tanto da

natureza, como da fortuna, logra cada hum os seus: os do Ceo não só logra cada hum os seus, senão também os de todos. Oh se entendessemos bem este póto, que pouco caso fariamos dos bens da terra! Arrependido o Filho Prodigio do mal aconselhado que havia sido em sua vida passada, veyo buscar outra vez a casa do Pay, & lançado a seus pés, lhe disse: *Pater, peccavi in Caelū, & coram te.* Pay meu, eu em vossa presença pequei contra o Ceo. Os peccados, que se condenaó no Prodigio, todos foraó cometidos em ausencia do Pay, & muito longe d'elle: *In regionem longinquam:* que peccado foi logo este de que principalmente se acusa, cometido em presença do Pay, & contra o Ceo? O unico peccado, que cometeo o Prodigio em presença do Pay, foi pedir que lhe désse em vida a parte da herança, que lhe tocava, porque queria lograr o seu: *Pater, da mihi*

portionem substantiae, quae me contingit. E este peccado cometido em presença do Pay, *coram te*, confessá o Filho arrependido, que foi peccado contra o Ceo: *Peccavi in Caelum?* Sim: porque pedir só a sua parte, & querer lograr sómente o seu, foi igualar o Ceo com a terra. Na terra, quando muito, logra cada hum a porção dos bens, que tocão a cada hum: *Da mihi portionem substantiae, quae me contingit:* & quem he filho do Pay do Ceo, & criado para o Ceo, contentar-se só com o seu, he injuria, he aggravo, he peccado grande, que comete cótra o mesmo Ceo, porque no Ceo não só logra cada hum o seu, senão o de todos. No mesmo caso o temos.

418 Estranhando o filho mais velho as festas com que o Pay celebrava a restituição, & vinda do mais moço, as palavras, com que o consolou, foraó estas: *Fili, tu semper mecum es, & omnia mea tua sunt:*

Filho, vòs sempre estais comigo, & tudo quanto tenho, he vosso. Neste tudo repara muito S. Agostinho: porque tendo o Pay outro filho, & o Prodigio outro irmão, como podia o Pay dizer a hum delles, que tudo o que tinha era seu? *Quid sibi vult, omnia mea tua sunt, quasi non sint & fratris?* Nem obsta, que hum dos filhos nunca sahisse da casa do Pay, & o outro fóra della vivesse tão perdidaamente; porque já estava arrependido dessa mesma vida: & onde o Pay he Deos, tanto direito tem à herança dos seus bens os arrependidos, como os innocentes. Assim que a duvida toda está, onde a poem Agostinho, que he no *omnia: Omnia mea tua sunt*. Pois se os herdeiros, & os irmãos eraõ dous; como diz o Pay que tudo era de hum irmão, sendo tambem do outro? Porque fallou como Pay do Ceo, & dos bens do Ceo, onde tudo he de todos, & tudo de cada

hum. *Sed sic à perfectis, & immortalibus filijs habentur omnia, ut sint & omniū singula, & omnia singulorum*: responde elegante, & doutamente o mesmo S. Agostinho. Neste mundo, onde os homens são mortaes, & os bens tambem mortaes, cada hum logra sómente o seu; porèm no Ceo, onde os homens, & os bens são immortaes, cada hum logra o de todos, & todos o de cada hum. O peccador arrependido logra a gloria do innocente, que nunca peccou, & o innocente, que nunca peccou, logra a do peccador arrependido: & nem o innocente por innocente exclue o peccador, nem o peccador por peccador desmerece o que logra o innocente; mas todos gozaõ o de cada hum, & cada hum o de todos: *Omnium singula, & omnia singulorum*.

419 Haverà por ventura na terra algum exemplo, que nos declare esta reciproca, & total comunicação,

niciação, taõ total, & toda em todos, como total, & toda em cada hum? Nunca ouve, nem podia haver tal exemplo, ou semelhança na terra; mas só a ouve depois que deceo do Ceo. E qual he? O divinissimo Sacramento: *Panis, qui de Cælo descendit*: o divinissimo Sacramêto he penhor da gloria, & figura da gloria. Húa, & outra cousa nos ensina a Igreja: penhor da gloria, *futura gloria nobis pignus datur*: figura da gloria, *quam pretiosi corporis, & sanguinis tui tēporalis perceptio præfigurat*. O penhor, para ser penhor, não he necessario que tenha a semelhança, senão o preço, & valor do que assegura. Assim vemos, que a baxella, ou tapeceria he penhor de tanta quantia, quanta se nos fia debaixo della: & isto mesmo tem o valor, & preço infinito do Sacramento, em quanto penhor da gloria. Mas para ser figura da gloria, não basta só o valor, & o preço, senam

tambem a semelhança; porque sem semelhança não pôde haver figura. Logo se o Sacramento, em q̃ não vemos a Deos, he figura da gloria, que consiste em ver a Deos; onde está esta figura, & esta semelhança? Admiravelmente o dizem as mesmas palavras da Igreja: *Quam pretiosi corporis, & sanguinis tui tēporalis perceptio præfigurat*. Note-se muito a palavra *perceptio*: não consiste a figura, & semelhança do Sacramento com a gloria no que recebemos, posto que seja o mesmo Deos; mas consiste no modo com que o recebemos: *Temporalis perceptio præfigurat*. E porque? Porque assim como no Sacramento tanto recebe hum, como todos, & tanto recebem todos, como cada hum; assim na gloria tanto lograõ todos, como cada hum, & tanto cada hum, como todos. Cà na terra, como ha a divisaõ de meu a teu, cada hum logra os seus bens, mas nam participa os dos outros:

porém no Ceo os proprios, & os dos outros tanto são cômunis de todos, como particulares de cada hum, porque là não tem lugar esta divisaõ.

420 Daqui se entenderá o fundamento, porque S. Pedro no Tabor foi notado pelos dous Evangelistas S. Marcos , & S. Lucas com hũa censura tão pesada como de não fazer o que disse : *Nesciens quid diceret*. O que disse S. Pedro, foi, que fizessem alli tres tabernaculos, hum para Christo , outro para Moyses, outro para Elias : *Faciamus hinc tria tabernacula, tibi unum, Moyfi unum, & Elie unum*. E em que esteve o erro, ou desacerto digno de tão notavel , & declarada censura? Esteve em que sendo o Tabor não só hum retrato da gloria do Ceo, senão hũa participação propria , & verdadeira do que nella se goza ; quiz S. Pedro introduzir , & estabelecer no Tabor hũa cousa tão impropria , & alhea da mesma

gloria, como teu, & teu: *Tibi unum, Moyfi unum, & Elie unum*. Excellentemente S. Paschasio. *Error in causa est, quia tria se promittit facere tabernacula, unū scilicet, ac privatū Jesu, alterum Moyfi, & aliud Elie, quasi non eos caperet unū tabernaculum, seu in uno simul consistere non possent*. S. Pedro como desinteressado não quiz introduzir na gloria o meu , & o nosso, porque não disse que faria tabernaculo para sy, nem para os companheiros, & até aqui não errou callando: porém tanto que fallou, & disse *unum tibi*, não parando alli, mas querendo dividir os tabernaculos , & fazer outro para Moyses, & outro para Elias; como se todos não coubessem no mesmo tabernaculo, ou o mesmo tabernaculo não fosse capaz de todos; aqui, & nesta divisaõ, he que esteve o seu erro, porque na gloria do Ceo, que o Tabor representava, o tabernaculo de Moyses he de Elias, & o de

Elias

Luc. 9.
33.

Matth.
#7.4.

Paschas.
lib. 8. in
Matth.

Elias he de Moyfes, & o de Moyfes, & Elias he de Christo, & o de Christo he de Moyfes, & he de Elias, & he de Pedro, & he de Joáo, & he de Diogo, sem excluir a ninguem, mas cõmunicandose naõ só universalmente a todos, senaõ particularmente a cada hum.

§. IX.

421 **C**ontra esta doutrina porèm, posto que taõ provada, me parece que estão replicando naõ só os doutos, & indoutos da terra, senaõ tambem os Bemaventurados do mesmo Ceo. Os doutos, porque muitas vezes leraõ no Evangelho: *Tunc reddet unicuique secundum opera ejus: Et in qua mensura mensi fueritis, remetietur vobis: & em S. Paulo: Qui parcè seminat, parcè & metet; & qui seminat in benedictionibus, de benedictionibus & metet: Et unusquisque propriam mercedem accipiet secundum suum la-*

borem. Os indoutos, porque tambem muitas vezes tem ouvido na interpretaçãõ destes textos, que os premios do Ceo se haõ de distribuir a cada hum por justiça: & que a medida là do gozar ha de ser a mesma que cà foi do servir: & que quem semea pouco, colherà pouco, & quem muito, muito: & que a paga, que ha de receber o trabalhador, ha de ser conforme o seu trabalho. Os Bẽaventurados finalmente, porque he certo, que no Ceo ha muito differentes graos de gloria, como foraõ differentes na terra os da graça: & que assim como cà por fóra vemos que no mesmo Ceo hũa he a claridade do Sol, outra a da Lua, outra a das Estrellas: *Alia claritas Solis, alia claritas Lunæ, & alia claritas Stellarum: Stella enim à Stella differt in claritate;* assim là por dentro ha maiores, & menores dignidades, maiores, & menores coroas, maiores, & menores lumes da vista de Deos, & na

Matth.
#6.27.

Marc.4.
24.

2. Co-
rint.9 6.

1. Co-
rint.3 8.

1. Cor.
15.41.

& na mesma bemaventurança maiores, & menores participações, ou como diz S. Paulo, pesos della. Pois se os Bemaventurados na gloria, & as glorias dos Bemaventurados não são iguaes; como pôde ser primeiramente, que em tanta desigualdade do que possuem, estejam todos igualmente contentes: & que sendo o que cada hum possui proprio de cada hũ, gozem todos igualmente o de cada hum, & cada hũ igualmente o de todos?

422 Para declaração deste, que parece enigma, havemos de suppor, que no Ceo ha ver, & gozar a Deos, em que consiste a gloria essencial: & ha gozar-se da mesma gloria dos que vem a Deos, & o gozão, que são duas cousas muito diversas. Na gloria, que consiste em ver, & gozar a Deos, ainda que alguns possaõ ser iguaes, ha muitos graos de differença, & excessõ, segundo o maior, ou menor merecimento de cada hum. Mas

nesta mesma differença, posto que desigual, todos respectivamente, & cada hum estaõ igualmente contentes; porque nenhum quer, ou deseja mais do que tem: fundandose a igualdade do mesmo contentamento na medida da propria capacidade, & na proporção da justiça, com que se vem premiados. Cã, onde todos apeteçemos ser maiores, não se entende isto; mas facilmente se pôde comprehender por varias semelhanças. Levai ao mar tres vasos, hum grande, outro muito maior, outro muito mais pequeno, & enchei-os todos: neste caso o vaso menor tem menos agua, o grande tem mais, & o maior muito mais: & com tudo nesta mesma desigualdade nenhum admite, nem pôde admitir mais do que tem; porque cada hum segũdo a sua capacidade està igualmente cheio. Tem hum pay tres filhos, hum menino, outro moço, outro já homem feito: vestio a todos

dos da mesma téla: & qual está mais contente? Por ventura o que levou mais covados? De nenhum modo. E se não trocái os vestidos, & vereis se quer algũ o do outro. Mas cada hum se contenta igualmente do seu, porque he o que lhe vem mais justo, & mais proporcionado à sua estatúra. O mesmo passa nos Bemaventurados do Ceo. Porque assim como a gloria da vista clara de Deos os enche por dentro assim os veste por fora. Nem obsta a capacidade maior, ou menor do merecimento, nem a estatúra mais, ou menos alta da dignidade, para alterar, ou diminuir a igualdade desta satisfação, & contentamento de cada hum no seu estado; porque como bem declara có outra semelhança S. Agostinho, tambem a cabeça he mais nobre que a mão, & a mão mais nobre que o pè, & nem por isso o pè deseja ser mão, nem a mão deseja ser cabeça, nem a cabeça deseja ser coração;

porque assim o pede a natureza das partes, & a harmonia do todo. E se esta uniaõ, conformidade, & ordem se acha em hum corpo natural, & corruptivel, qual será a do corpo celestial daquella soberana, & sobrenatural Republica, onde a vontade do mesmo Deos, que o beatifica, he a Alma, que o informa.

423 E quanto à segunda parte da objecção, em que parece difficuloso gozar-se cada hum das glorias de todos, & gozarem-se todos da gloria de cada hum; assim como satisfizemos à primeira difficuldade com a proporção da justiça, assim respondo à segunda có a extensão da caridade. O Ceo he húa Republica immensa; mas onde todos se amão: & está là a caridade tanto no auge de sua perfeição, que todos, & cada hum amaõ tanto a qualquer outro, como a sy mesmo. Donde se segue, que ainda que os grãos da gloria sejaõ desiguaes se-

gundo o merecimento de cada hum, a alegria, & o gosto dessa mesma gloria, ou glorias, he igual em todos, porque todos as estimaõ como proprias, & cada hum como sua. Expresamente S. Lourenço Justiniano. *Tanta vis in illa cælesti patria nos sociat, ut quod in se quisque non accipit, hoc se accepisse in altero exultet. Vna cunctis erit beatitudo lætitiæ, quamvis non una sit omnibus sublimitas vitæ.* Note-se muito a palavra *beatitudo lætitiæ*, em que o Santo distingue na mesma bemaventurança duas bemaventuranças, hũa da gloria, outra da alegria: a da gloria he particular, & determinada, porque consiste na vista de Deos, que se mede com o merecimento, & graça desta vida; porèm a da alegria não tem termo, nem limite, porque he immensa, & sem medida, segundo a extençãõ da caridade: a qual comprehendendo, & abraçando a todos, se alegra, & goza da gloria de

todos, & cada hum, como se fora propria. E este, como se fora propria, não quer dizer, que não tem, nem possue cada hum a gloria dos outros, porque verdadeiramente a tem, & possue, diz o Santo, não em sy, mas nos que ama como a sy mesmo: *Vt quod in se quisque non accipit, hoc se accepisse in altero exultet.* Esta mesma razaõ he de S. Agostinho, de S. Boaventura, de S. Anselmo, & de todos.

424 E para que o uso, ou abuso da pouca caridade deste mundo nos não escureça a intelligência desta verdade, com dous exemplos deste mesmo mundo a quero declarar, hum singular em S. Paulo, outro universal em todos os homens. Era taõ immensa a caridade de S. Paulo, que elle padecia os males de todos os homens, & nenhũ mal temporal, ou espiritual succedia neste mundo, que não acrecentasse nova, & particular materia ao fogo em que ardia o seu

August.
22. de
Civit.
Bonav.
2 de An-
gel.
Ansel.
lib. de
Similit.
cap. 59.

Laurét.
Justin.
de Lög.
vitæ
cap. 7.

2. Cor.
11.29.

coração. *Quis infirmatur, & ego non infirmor? Quis scandalizatur, & ego non uror?* Assim como todo o peso da redondeza da terra pesa, & carrega para o centro; assim todas as enfermidades, todas as dores, todas as penas, todos os trabalhos, todas as afflicções, & tribulações, misérias, pobreza, tristezas, angustias, infortunios, desgraças; emfim, todos os males do genero humano carregavaõ de toda a parte sobre o coração de Paulo, adoecendo elle de todos, & com todos: *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* E assim como no mesmo centro está o fogo do Inferno, em que ardem os condenados, pagando as penas das culpas, que cometeraõ nesta vida; assim ardia no coração de Paulo o fogo da caridade taõ forte, & intensamente, que todos os escandalos, & culpas, que de novo se cometião, naõ só o atormentavaõ de qualquer modo, mas verdadeiramente o

Tom. 7.

abrazavaõ, & queimavaõ: *Quis scandalizatur, & ego non uror?* E se a caridade de Paulo o fazia padecer os males de todos, sendo mais natural à natureza humana gozar-se dos bens, que padecer os males; quem duvida, que a caridade de qualquer bemaventurado, a qual no Ceo he mais perfeita, que a dos maiores Santos na terra, excite, affeioe, & obrigue naturalmente, & sem milagre, a cada hum, a que se alegre, & goze dos bens de todos?

425 E se naõ (para que cada hum se persuada pelo que exprimenta em sy mesmo) pergunto a todos os que fois pays, ou mãys. Não he certo, que os pays, & as mãys tanto amão, & estimaõ os bens de seus filhos, como os proprios? Atè as feras mais feras, se se lhes fizer esta pergunta, responde-ráõ que sim. E eu acrescento, que naõ serà verdadeira ro pay, nem verdadeira mãy, o que naõ estimar me-

Gg

nos

nos os seus bens, que os de seus filhos. Por isso os Cortesãos de Jerusaleem, quando David renunciou a Coroa em seu filho Salamaão, a lisonja com que bejárao a mão ao mesmo David, foi, dizendo todos a hũa voz, & com o mesmo conceito, que Deos fizesse o trono, & Reyno do Filho maior, & mais felice ainda que o do Pay. E por isso a Mãe de Nero, tendo ouvido de hum oraculo, que se chegasse a ser Imperador seu Filho, a havia de matar, respondeo: *Occidat, dummodo imperet*: Mateme embora, com tanto que seja Imperador. Assim estimou mais a Mãe a honra, & Imperio do Filho, que a vida propria. E se a estes extremos se estende o amor natural da terra, que será o sobrenatural do Ceo? He tao grãde, ou por fallar mais propriamente, he tao perfeito, tao puro, & tao sobrehumano o amor, com que todos os Bemaventurados reciprocamente se amaõ;

que se o amor de todos os pays, & mãys, quantos ouve desde o principio do mundo, & haverà até o fim, se unisse em hum só amor, comparado este có o amor do menor Bemaventurado do Ceo, naõ só o naõ igualaria, mas nem pareceria amor. Vede agora, conclue S. Boaventura, quam immensa ferà a gloria dos que assim se amaõ, sendo elles infinitos, & a gloria de cada hum, as glorias de todos!

426 Oh bemaventurados vòs, & bemaventuradas, naõ digo a vossa, senaõ as vossas bemaventuranças! Là està gozando esta verdade, quem a disse na primeira palavra, que escreveo. A primeira palavra do primeiro Psalmo de David he, *Beatus vir*, Psalm. Bemaventurado o homẽ. I. I. E qual he a bemaventurança, que o faz, & lhe dà o nome de Bemaventurado? Naõ he hũa, nem só muitas, senaõ todas as bemaventuranças de todos os Bemaventurados; porque
todas

todas as bemaventuranças de todos concorrem a fazer Bemaventurado a cada hum. Assim o declara expressamente o mesmo texto original Hebraico, em que David escreveu, o qual tem em lugar de *Beatus vir, Beatitudines viri*. E se cada hum pela sua gloria particular he perfeitissimamente Bemaventurado, & glorioso, que será pelas glorias, & bemaventuranças de todos? Pela sua gloria Bemaventurado cada hum pelo que elle mereceo, & pelas glorias de todos sobre bemaventurado tambem pelo que elles merecérao. Excesso verdadeiramente de comunicação de bens, que poderá parecer injusto, se a gloria não fora premio da graça. De vós pois, & de todos vós, ô felicissimos habitadores desta Patria celestial; de vós, & a vós se pôde dizer com razão: *Alij laboraverunt, & vos in labores eorum introistis*: Que os outros merecérao, & trabalhárao, &

vós gozais os frutos de seus trabalhos, pois gozais o que elles merecérao, & vós não merecestes.

427 Vós (ponderem os da terra bem o que digo) vós não fostes Patriarcas, & gozais a gloria dos Patriarcas: vós não fostes Profetas, & gozais a gloria dos Profetas: vós não fostes Apostolos, & gozais a gloria dos Apostolos: vós não padecestes martyrio, & gozais a gloria dos Martyres: vós não fostes Doutores, nem ensinastes, & gozais a gloria dos Doutores: vós não vivestes nos desertos, & gozais a gloria dos Anacoretas: vós não professastes continencia, & gozais a gloria dos Virgens: vós fostes peccadores, & tal vez grandes peccadores, & gozais a gloria dos innocentes: vós finalmente sois homens com corpo, & não espiritos, & gozais as glorias de todas as Gerarchias dos Anjos. Assim o discorre, & contrapoem admiravelmente o Sera-

fim dos Doutores da Igreja S. Boaventura, posto que com a ordem mudada, mas com o mesmo sentido. *Ibi virgo gaudebit de sanctæ viduitatis merito: ibi vidua exultabit de casto virginittatis privilegio: ibi Confessor de Martyris jucundabitur triumpho: ibi Martyr tripudiabit de Confessorum bravio: ibi Prophetæ laudabit de Patriarcharum pia conversatione: ibi Patriarcha exultabit de Prophetarum fide: ibi Apostoli, & Angeli gaudebunt de merito omnium inferiorum: ibi omnes inferiores letabuntur de gloria, & corona superiorum.*

§. X.

428 **F**Altavamos agora o terceiro pôto da nossa proposta, & mostrar como tudo isto se goza no Ceo, não successivamente, senão por junto, reduzindo toda a eternidade a hum instante, & estendendo esse mesmo instante por toda a eternidade. Sendo porê m forçoso

acomodar à brevidade do tempo, & suppondo que bastão as demonstraçoens destes dous discursos para fundar sobre ellas hũa grãde resolução; acabo com fazer a todos os que me ouviraõ hũa só pergunta. Credes isto que ouvistes, ou não? Quem cré o primeiro, & segundo ponto, he Christão, quem não cré o segundo, he Gentio; mas, ou se jais Gentios, ou Christãos, se totalmente não tendes perdido o entendimento, & o juizo, não podeis deixar de estar persuadidos do que ouvistes, ou a desprezar a falsidade de huns bens, ou a desejar juntamente a verdade dos outros.

429 O Gentio não sabe que a Alma he immortal, nem cré que ha outra vida. E com tudo, se leres os livros de todos os Gentios, nenhũ achareis, nem Filosofo, nem Orador, nem Poeta, que só cõ o lume da razaõ, & experiencia do que vem os olhos, não cõdene o amor, ou

ou cobiça dos chamados bens deste mundo, & não louve o desprezo delles. Genticio ouve, que reduzindo a dinheiro hũ grande patrimonio, que possuía, o lançou no mar, dizendo: Melhor he, que eu te afogue, do que tu me percas. Deixo os risos de Diogenes, que metido na sua cuba zombava dos Alexandres, & suas riquezas. Deixo a sobriedade dos Socrates, dos Senecas, dos Epictetos, & só me admira, & deve envergonhar a todo Christão, o exemplo do mesmo Epicúro neste conhecimento, sendo elle, & a sua Seita a que mais professava as delicias. *Gaudetibus minus? minus dolebit.* dizia o Comico Genticio, & fallando com Genticos: Se tiveres menos gostos, tambem terás menos dores. E porque na mistura dos falsos, & enganosos bens, dividiaõ o bem do mal, & contrapessavaõ o que tinhaõ de gosto, com o que causavaõ de dor; antes queriaõ não padecer a par-

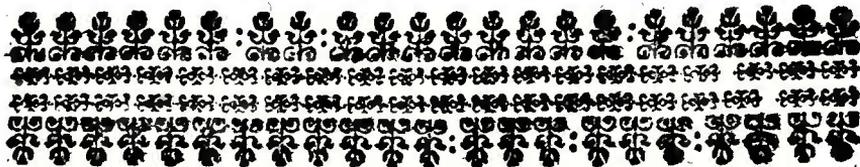
te do verdadeiro mal, que gozar a do falso bem. Não seria louco o que pela doçura da bebida tragasse juntamente o veneno? Esta pois era a razaõ, & a evidencia, com que sem fé, nem conhecimento da outra vida se defenganavaõ os Genticos, & huns pelo peso se descarregavaõ dos falsos bens, outros pelo desprezo os metiaõ debaixo dos pès.

430 E se assim os tratava o Genticio, que não temia delles, que o levassem ao Inferno, nem lhe impedissem o Ceo; que deve resolver, & fazer o Christão, que não só reconhece nos bens do mundo a vaidade do presente, senão tambem, & muito mais o perigo do futuro? Serà bem, que por hum instante de gosto me arrisque eu a hũa eternidade de pena, & por hũa apprehensão de bem misturado com tantos males, perca a gloria da vista de Deos, & o gozar não só a minha bemaventurança, senão a de todos os Bem-

Ggiiij aven-

aventurados? O fé, ô entendimento, onde estás? Mas o certo he, que nem entendimento temos, pois não fazemos o que fizeraõ, & entenderáõ tantos Gentios: nem fé, senão morta, & sem acção vital, pois ella nos não move a viver como Christãos. Se o queremos ser, & emendar o deslumbramêto desta tão enorme cegueira, eu não vejo outro remedio, que nos abra os olhos, senão tornar pelos mesmos passos destes nossos dous discursos aos dous montes donde elles saíraõ. Oh que duas estaçoens tão proprias de hum tempo tão fante como o da Quaresma! Húa ao monte da tentação, outra ao monte da transfiguração: húa ao monte, onde o Demonio mostrou a Christo as glorias do mundo, outra, onde Christo mostrou aos Apo-

stolos a gloria do Ceo. Olhai, & notai bem, quanto vai de monte a monte: vede, & considerai bem, quanto vai de glorias a gloria. Naquelle monte estão os males sobre-dourados cõ nome de bens: neste estão os bens sem sombra, nem apparencia de mal. Alli está o falso, aqui o verdadeiro: alli o duvidoso, aqui o certo: alli o momentaneo, aqui o eterno: alli o que vai parar no fogo do Inferno, aqui o que nos leva a ser Bemaventurados no Ceo. Vede, vede, & considerai bem o que deveis escolher; porque qual for a vossa eleição nesta vida, tal será a vossa remuneração na outra: ou padecendo sem fim todas as maldiçoens com o Demonio, ou gozando na eternidade todas as felicidades com Christo.



S E R M A M

DE

S. B A R B A R A.

*Simile est Regnum Calorum thesauro abscondito in agro:
quem qui invenit homo, abscondit, & pro gaudio il-
lius vadit, & vendit universa, quae habet,
& emit agrum illum. Matth. 13.*

§. I.



Assim como ha
huns homens,
que nascerao só
para sy, & ou-
tros, que nascerao para sy,
& para a Republica; & por
isso saõ os mais benemer-
tos do genero humano, &
celebrados da fama: assim
ha huns Santos, que foraõ
escolhidos só para louvar a
Deos, & outros para lou-

var a Deos, & favorecer, &
ajudar aos homens. E sen-
do esta segunda prerogati-
va taõ parecida ao mesmo
Deos, que não nasceo para
sy, senão para nós; & taõ
semelhante aos Anjos, que
juntamente vem a Deos
no Ceo, & nos guardão na
terra: se fizermos compa-
ração no mesmo genero
entre todos os Santos, &
Santas, facilmente achare-
mos, que não só igualou,

Gg iiii mas

mas excedeo a todos : Quem ? A gloriosa Santa Barbara, a cuja protecção, & memoria com tanto estrondo, & abalo dos elementos, se dedica este alegre dia.

432 Nas palavras, que propuz, diz Christo Mestre divino, & Senhor nosso, que he semelhante o Reyno do Ceo a hum thesouro escondido no campo, o qual como achasse hum homem venturoso, se foi logo a vender quanto tinha, para cõprar o campo, & se fazer senhor do thesouro. Para intelligencia de que thesouro escondido fosse este, he necessario saber primeiro, qual seja o Reyno do Ceo, que Christo chama semelhante a elle: *Simile est Regnum Cælorum thesauro abscondito*. S. Gregorio Papa adverte aqui doutamente, que o Reyno do Ceo nas divinas letras se divide, ou distingue em dous Reynos, hum eterno, outro tẽporal, hum futuro, outro presente, hum na Igreja

Triunfante, que descansa em paz no Ceo, outro na guerreira, & Militante, que ainda trabalha, & peleja na terra. Daqui se segue, que assim como ha dous Reynos semelhantes ao thesouro escondido, assim ha dous thesouros escondidos, semelhantes a hum, & outro Reyno : & estes sãõ os dous thesouros, que S. Barbara comprou com o preço de quanto tinha: *Vendit universa, quæ habet, & emit agrum illum*.

433 Tinha S. Barbara como filha unica, & herdeira de Dióscoro seu Pay, senhor nobilissimo da Cidade de Nicomedia, hum riquissimo patrimonio dos bens, que chamãõ da fortuna. Tinha mais outro mais precioso, & mais rico, que era o de todos os dotes da natureza, & graça, fermosura, discrição, honestidade, & as demais virtudes, por onde o desejo, & emulação de todos os Grandes a procuravãõ por esposa. E tendo já consagrado tudo isto a Deos na
 flor

flor da idade, até a liberdade, & a vida lhe sacrificou a sua fé, & o seu amor: a liberdade, em hum dilatado martyrio presa por muito tempo, & afferro-lhada em hum Castello: & a vida, em outro martyrio mais breve, mas muito mais cruel, sendo variamente atormentada com todos os generos de tiranias, & finalmente degolada com a maior de todas, por mão de seu proprio Pay.

434 Este foi o preço verdadeiramente de tudo quanto possuía, com que Barbara comprou os dous thesouros, hum para sy, outro para nos. Para sy, o da eterna coroa, que goza em paz na Igreja Triunfante do Ceo: para nós, o do perpetuo soccorro, com que nos ajuda a batalhar, & vencer na Militante da terra. Deste, que he o que hoje vimos reconhecer diante de seus altares em perpetua acção de graças, he o de que tratarei sómente. Confessando porèm

primeiro, que para publicar os poderes, & louvores de S. Barbara, assim como ostrovoens da artelharia são mudos, assim as vozes mais polidas dos Prégadores, & toda a nossa eloquência he barbara. *Ave Maria.*

§. II.

Simile est Regnum Cælorum thesauro abscondito.

435 **H**Uma das cousas admiraveis, que fez, & tem Deos neste mundo, & de que sua sabedoria, & grãdeza muito se preza, são os seus thesouros escondidos. Por ventura (diz Deos a Job) entraste tu nos meus thesouros da neve, ou viste os meus thesouros da sarai-va, os quaes eu tenho guardado para o tempo dos inimigos, & para o dia da guerra, & da batalha? *Nunquid ingressus es thesauros nivis, aut thesauros grandinis vidiisti; quæ præparavi in tempus hostis, & in diem pugnae,*

pugna, & belli? Por ventura pode atêgora a especulação dos Filósofos descobrir a origem, & verdadeiras causas dos ventos, tão inconstantes, & leves elles, & tão encontrados nas suas opinioês, como o Norte, & o Sul? Mas por isso os desenganou David, que só Deos, que criou os ventos, lhe conhece o nascimento, & ostira quando, & como he servido, do secreto de seus thesouros:

Psalm.
33. 8.

Qui producit ventos de thesauris suis. Não he menor maravilha, que não crecendo a superficie do mar hũdedo com todas as correntes dos Rios, que nelle defaguaô, sejaõ taes as inundaçoens do mesmo mar, que tenhaõ afogado Cidades, & sepultado Provincias inteiras. Mas todos estes diluvios particulares, sem serem ajudados do Ceo, nem das nuvens, os tem depositado Deos nos occultos, & profundos abissos dos seus thesouros: *Ponens in thesauris abyssos.* Finalmête destes mesmos

Psalm.
33. 7.

thesouros escondidos tinha já profetizado Jacob: *Inundationem maris quasi lac fugent, & thesauros absconditos arenarum.*

D. luc.
33. 19.

436 De maneira, que na terra, na agua, no ar, como em diferentes, & vastissimos campos, té Deos escondidos seus thesouros. Mas nenhum destes, com serem tão grandes, & tão varios, he o que o mesmo Deos descobrio a S. Barbara, & de que ella com os cabedades de seu merecimento se fez senhora. O maior, o mais nobre, o mais maravilhoso, & o mais escondido thesouro do Universo, he o quarto elemento, o fogo. He tão escondido, que Pitagoras, & outros que refere S. Agostinho, porque não vemos a esfera do fogo, a negáraõ totalmente. Os lugares, em que a natureza collocou os elementos, occupaõ todo o espaço, que se estende desde o centro do mundo até o Ceo. A terra ao redor do centro, a agua sobre a terra, o ar sobre a

agua,

agua, o fogo sobre o ar até o concavo da Lua, ou do Empireo. Mas se a esfera do fogo he tão immensa, & o fogo naturalmente luminoso, como a não vemos ao menos de noite? Logo final he (inferiaõ estes Authores) que o fogo não tem esfera. Mas sendo evidente por outras demonstraçoens, que a perfeição do Universo não podia carecer deste thesouro; o que deviaõ inferir, como nós dizemos, he, que se não vê, por ser thesouro escondido. E porque o não possaõ contradizer Filosofos, nem Mathematicos, leaõse as primeiras palavras, com que a Escritura sagrada descreve a criação do mundo, & acharemos nellas expressamente a terra, a agua, o ar, mas o fogo não: *Terra autem erat inanis, & vacua, & spiritus Domini ferebatur super aquas. Terra autem,* eis ahi a terra: *Super aquas,* eis ahi a agua: *Spiritus Domini,* eis ahi o ar. E porque razão Moyses assim como

fez menção dos outros tres elementos, a não fez tambem do quarto? Se fez menção da terra, da agua, & do ar, porque a não fez tambem do fogo? Porque Moyses, como notaõ S. Basilio, S. João Damasceno, & Béda, só fallou das cousas manifestas, & que se vem. E assim como callou a criação dos Anjos, porque são invisiveis, assim não fallou do fogo elementar, porque está escondido a nossos olhos.

437 Este thesouro pois tão propriamente escondido, he o que Deos descobrio, & de que deo o dominio a S. Barbara, fazendo-a governadora, protectora, & defensora do fogo. Oh gloriosa filha de Eva, maior senhora que a primeira mulher, ainda no estado da innocencia, & na felicidade do Paraiso! O maior poder, ou poderes, que nunca Deos deo a algum homem, foi a Adam. E que poderes lhe deo? Sobre a terra, sobre a agua, sobre o ar: *Vt præsit piscibus maris,*

Genes. 1.26.

& vo-

& volatilibus Cali, & bestijs, ac universæ terræ.

Tudo o que se move neste mundo, ou andando na terra, ou nadando na agua, ou voando no ar, será fogueito a teu imperio. Mas assim como Deos deo a Adam o dominio dos tres elementos inferiores, o do quarto, & supremo, porque lho não deo? Se ao imperio da terra ajuntou o da agua, & ao da agua o do ar; ao do ar porque não ajuntou tambem o do fogo? Porque effe reservou-o Deos para sy. Ledeos Profetas, que são os que vivendo na terra só podião entrar, & ver a Corte do Ceo, & achareis, que todo o apparatus da Magestade de Deos he fogo, & tudo quanto decreta, & executa, por instrumentos de fogo. Se está assentado, o seu trono he de fogo: *Thronus ejus flammæ ignis*: Se fae a pafear como em carroça, as rodas são de fogo: *Rotæ ejus ignis accensus*: Se leva diante a sua guarda real, os archeiros são de fogo: *Ig-*

Daniel.
7.9.10.

nis ante ipsum præcedet: Para qualquer parte que volte o rosto, faem delle chamas de fogo: *Ignis à facie ejus exarsit*: Se olha, he com olhos de fogo: *Oculi ejus tanquam flamma ignis*: Se ouve, com ouvidos de fogo: *Deus, qui exaudiet per ignem*: Se falla, com vozes de fogo: *Audisti verba illius de medio ignis*: E até o mesmo Deos se cria vulgarmente, que era fogo: *Deus noster ignis consumens est*. Isto he o que virão os Profetas no Ceo, & tambem o vio todo o Povo na terra, quando Deos deceo a lhe dar a Ley no Monte Sinai: *Totus autem mons Sinai fumabat: eo quod descendisset Dominus super eum in igne*: De todo o monte saião, & subião nuvens effeças de fumo, porque Deos tinha decido sobre elle em fogo. Tudo o que se ouvia, eraõ trovões, tudo o que se via, relampagos: *Et ecce cæperunt audiri tonitrua, & micare fulgura*. Até os Gentios, por estes effeitos, ao seu Jupiter cha-

Pfalm.
96.3.

Pfalm.
179.

Apocal.
1.14.

3. Reg.
18.24.

Deut. 4
36.

Ibid. 24.

Exod.
19.18.

Ibid. 16.

cha-

chamáraõ tonante, & lhe deraõ por armas os rayos, cantando os seus Poetas do falso Deos o mesmo, nem mais, nem menos, que David affirmou do verdadeiro: *Intonuit de Celo Dominus, & Altissimus dedit vocem suam: grandis, & carbonis ignis.* E este he, como dizia, o Imperio, & governo do quarto, & supremo elemento, que Deos reservou para sy, & tendo o negado a Adam, & naõ concedido a algum de tantos famosos Heroes, que passáraõ em tantos seculos, o delegou finalmente em S. Barbara, fogueitando a esfera do fogo, & seus prodigiosos, & temerosos effeitos ao arbitrio de seus poderes, & o soccorro, & remedio delles à invocação de seu nome.

§. III.

438 **E** Se me pergũtardes quando lhe deo Deos a investidura deste Imperio, ou a posse deste governo, & de que

modo? Respondo, que por meyo de dous rayos fataes, pouco depois da morte da mesma Santa. Concorréraõ para a morte, ou para o triunfo de Barbara dous barbaros, hum menor, outro maior tyrano, ambos cruelissimos. O primeiro tyrano, & menor foi Marciano, que martirizou o corpo innocente, & virginal da Santa com os mais exquisitos tormentos: o segundo tyrano, & maior foi Dioscoro seu Pay, que com entranhas mais feras, que as das mesmas feras, desembainhou a espada, & lhe cortou a cabeça. Que faria à vista deste espectaculo o fogo, que com instincto oculto, & mais que natural, já sentia naquelles sagrados, & coroados despojos, & já começava a reconhecer a nova fogueição, & obediencia, que depois de Deos lhe devia? Ragaõse no mesmo tempo as nuvens, ouvemse dous temerosos trovoadas, desparrãõse furiosamente dous rayos, os quaes derrubando,

do, abrazando, & confundindo os dous tyranos, em hum momento os desfizerão em cinzas. Ah miseraveis idolatras, & tyranos impijssimos, que se no mesmo tempo, em que os dous relampagos vos ferirão os olhos, invocasteis o nome da mesma victima, a quem tirastes a vida, ella sem duvida vos livraria da morte! Mas nem os tyranos cegos soubéramo conhecer onde tinhao o seu remedio: nem os mesmos rayos, que nesta execução começavao já a professar o culto, & veneração de Barbara, esperáramo seu imperio, ou côsentimento para vingar suas injurias; porque não obravao como causas naturaes por proprio impulso, mas guiados por destino oculto, & entendimento superior, que os governava.

439 E para que vejamos, quam entendidamente servirão a S. Barbara, & sem esperar sua obediencia lhe obedecerão; comparemos estes dous rayos

sem uso de razaó, com outros dous rayos racionais, & de grande entendimento. Aos dous irmãos S. Tiago, & S. João mudoulhe Christo o nome, ou acrescentoulhe, chamandolhe rayos: *Jacobum Zebedæi, & Ioannem fratrem Iacobi*, Marc. 3. 17. *& imposuit eis nomina Boanerges, quod est filij tonitru.* *Boanerges* propriamente quer dizer filhos do trovão, & porque do trovão nasce o rayo, *Boanerges* em frasi Hebreá, ou Syriaca, qual era a vulgar daquelle tempo, significa rayos. E que fizerao estes dous Rayos tão entendidos? Negando os Samaritanos a Christo a entrada da sua Cidade, quizerão ambos castigar este desprezo, & vingar esta injuria de seu Mestre, fazendo como rayos, que decesse fogo do Ceo, & abraçasse os Samaritanos: mas este fogo, este zelo, & este pensamento tão bravo, & tão bizarro tudo ficou no ar; porque? Porque consultáramo, & pedirão licença a

Chri-

LUC. 9.
14

Christo: *Domine, vis dicimus, ut descendat ignis de Cælo, & consumat illos?* Respondeo o Senhor, que elle não viera ao mundo a matar homens, senam a salvarlos, & que elles como seus Discipulos havião de perdoar injurias, & não vingallas. O mesmo havia de responder S. Barbara, se os nossos dous rayos a consultáraõ, ou lhe pediraõ seu consentimento para vingar as suas injurias, & matar, & abraçar os tyranos. Mas elles sendo rayos sem entendimento entendéraõ melhor o caso. Ha casos, em que por pedir licença se perdem as mais gloriosas acçoens. Notou discretamente S. João Chrystomo, que se a Magdalena pedira licença a Christo para lhe derramar hũa vez aos pès, outra sobre a cabeça os seus preciosos unguentos (que erão as aguas de Cordova, ou de Ambar daquelle tempo) como este regalo fosse tão contrario à mortificação, que o Senhor professava, claro

està, que lhe não havia de conceder a licença. Mas o mesmo Senhor, que nam havia de conceder a licença pedida, depois que a Magdalenasem a pedir lhe fez aquelle obsequio, não só defendeo a obra, mas a approvou, & louvou: *Bonum enim opus operata est in me.* O mesmo havia de succeder aos dous rayos do Apostolado, se elles abraçáram os Samaritanos, como justamente merecião. Mas o que elles, sendo taõ entendidos, não entendéraõ, nem fizeram, fizeraõ sem entendimento os nossos rayos, porque eraõ governados por outra intelligencia mais alta.

440 No caso da prisão de Christo, S. Pedro sem pedir licença tirou pela espada, envestio os inimigos, & começou a cortar orelhas: os outros Discipulos pelo contrario, chegarão se ao Senhor, & pedirão licença: *Domine, si percutimus in gladio?* e quem se mostrou mais fiel servo, mais valente, & mais zelo-

Matth. 26. 10.

Luc. 22.
19.

fo da vida, & da honra de seu Senhor? Não ha duvida, que Pedro, & como tal o louvãõ todos os Santos. Entre os outros Discipulos tambem se achavãõ os dous *Boanerges*, os dous Rayos, mas quem se portou como rayo foi Pedro, porque essa he a bizarra natureza dos rayos, ferir, & executar primeiro, & depois protestar a sua fugeiçãõ, & obediencia. He texto excellente no livro de Job: *Nunquid mittes fulgura, & ibunt, & revertentia dicent tibi: Adsumus?* Por ventura, diz Deos a Job, são taes os teus poderes, como os meus, que despidas do Ceo os rayos, & elles depois de executarem tornem a ti, & te digão: Aqui estamos promptos para obedecer o que nos mandares? Caietano demasiadamente sutil neste passo, disse, que estão aqui as palavras trocadas, & que primeiro se haviãõ de presentar os rayos obediẽtes, & dizer, *Adsumus*, & depois executar o que

Job. 38.
35.

lhe mandassem. Mas com razão he regeitada de todos esta futiliza, como alhea do texto, & da condiçãõ do rayo; porque os rayos depois de qualificarem a sua obediencia com a execuçãõ, então he que a protestãõ com dizerem, *Aqui estamos: Ibunt, & revertentia dicent: Adsumus.* Isto he o que fizerãõ os dous rayos vingadores das injurias de S. Barbara, começando a protestaçãõ, & reconhecimento da sua obediencia, & fugeiçãõ à Santa, pela anticipada execuçãõ do que deviãõ à sua honra, sem esperar o mandado, ou licença do seu imperio. *Est nimirum hæc circumlocutio obsequentissimorum famulorum:* diz cõ S. Gregorio Papa o doutissimo Pineda.

§. IV.

441 **T**EMOS visto como S. Barbara dominou o mais escondido thesouro da natureza, q̃ he o fogo, & como Deos lhe

lhe fogueitou as mais violentas, & temerosas partes, ou effeitos d'elle, que são os rayos. Dizendo porém o Evangelho, que os thesouros, de que falla, ninguem os alcança de graça, senão comprados, & comprados cõ tudo quanto possue: *Vendit universa, quæ habet, & emit agrum illum*; segue-se, que vejamos qual foi o preço proporcionado, & justo, com que a nossa Santa, & ella só, comprou, & mereceo este extraordinario dominio. He questão curiosa, & não facil. Para intelligencia della, havemos de suppor que estes thesouros, quaesquer que sejam, ou os compraõ os Santos por mão propria, ou por mão alhea. Os Confessores compraõ por mão propria, com as virtudes, & boas obras, que elles per sy mesmos exercitão: os Martyres compraõ por mão alhea, com os tormentos, & crueldades, que lhe fazem padecer os tyranos. Mas daqui parece que se segue, que

esta singular prerogativa de S. Barbara, qualquer outra Virgem, & Martyr a mereceo igualmente, porque deo o mesmo preço. A mesma natureza parece tambem que confirma este direito em duas exceiçõs, ou limitaçoens, com que produz os rayos. Não só os Poetas, que merecẽ pouco credito, mas os Authores da historia natural, como Plinio, & os mais, exceptuão da jurdição dos rayos entre as aves a Aguia, & entre as arvores o Louro. E assim como a Aguia, & o Louro não são dominadas, senão predominantes ao rayo, assim à Virgem, & à Martyr parece que he devido este predominio: à Virgem, em quanto Martyr, como à Aguia, pela Coroa, & à Martyr, em quanto Virgê, como ao Louro, pela Laureola. Que causa ha logo, ou que razão de differença entre tantas Virgens, & Martyres, para que a singular prerogativa deste dominio a dèsse a divina

Justiça, como premio de seu merecimento, unicamente a S. Barbara?

442 A razão manifesta he; porque o martyrio de S. Barbara entre todas, & todos os Martyres, foi o mais violento, & furioso de quantos se padecéraõ a mãos dos tyranos. Os outros Martyres padecérãõ a mãos dos Neros, & dos Dioclecianos; S. Barbara a mãos de seu proprio Pay: genero de martyrio pela atrocidade desta circumstancia, naõ só singular, & inaudito, mas não imaginavel. Soube Dioscoro, que sua filha era Christãa, & porque nenhum meyo lhe bastou de promessas, ou ameaças, de benevolencia, ou rigor, com que a pudesse apartar da Fè; primeiramente a entregou ao Presidẽte Marciano de baixo de juramento, que todos os tormentos, & generos de martyrios, quantos atè entãõ se tinhãõ inventado, os havia de experimentar, & executar nella: & assim o jurou, & se

fez. Os equleos, as catas, os escorpioens, & pentes de ferro, as laminas ardentes, os chumbós derretidos, os peitos cortados, os dentes, & voracidade das feras, tudo se experimentou em Barbara: não havendo parte saã, & de que não corresse sangue em todo o delicado corpo, & ferindo se já não o corpo, senãõ as feridas hũas sobre outras. Vencido pois Marciano, & vendo esgotados em vãõ todos seus tormentos, pronunciou finalmente a ultima sentença, & mandou aos verdugos, que cortassem a cabeça a Barbara. Os verdugos? replicou o Pay, isso não. Eu sou, & com estas mãos, o que lhe hei de tirar a vida. Isto disse desbainhando a espada, & descarregando-a com toda a força na garganta innocente, com hum golpe lhe apartou a cabeça dos hombros. Oh espectaculo, ô portêto de deshumanidade, nũca visto, como dizia, nẽ ouvido, nẽ imaginado!

Hum

443 Hum só Pay lemos nas Escrituras, que tirasse a vida a sua filha, que foi Jépte, em comprimento de hum voto, que tinha feito a Deos. Mas que cóparação tem aquelle caso com este? Aquelle foi hum excesso de Religiaõ, este hum prodigio de crueldade. Allio Pay era Sacerdote, aqui sacrilego, impio, & blasfemo. Hum sacrificava a filha amada a Deos, outro a filha aborrecida aos idolos. Hum derretendosse as entranhas de compaixão como cera, outro com o coração mais duro que os marmores. Hú correndolhe dos olhos lagrimas de piedade, & amor, outro vomitando pela boca labaredas de odio, & ira. Hum derramando o sangue da filha como proprio, outro não só como alheo, mas como do maior inimigo. Hum tremendolhe a mão da espada, outro triunfando de a ver tingir na purpura, que lhe saíra das veas. Hum matando a quem de-

sejava a vida, outro tirando-a a quem a tinha dado. Hum com o maior exemplo da fé, outro com o maior escandalo, & horror da natureza. Emfim ambos pays, & ambas filhas, mas com tal differença em hú, & outro espectáculo, que vendo o sacrificio de Jépte choravão de lastima mulheres, & homens, & à vista do parricidio de Dioscoro pasmavão, & estavão atonitos os leoens, & ostigres. E como o martyrio de Barbara foi o mais violento, & furioso de todos os martyrios, por isso mereceo com elle o dominio do mais violento, & furioso de todos os Elementos.

444 Cóparaime o Pay de Barbara, na violencia, & furia desta sua acção, com o fogo, & vereis quam parecidos, & semelhantes são hum, & outro. Notou advertidamente Seneca, que he natural da violencia, & efficacia do fogo, não consentir que as cousas sejaõ o que são | *Ignis*

Senec.
q. nat. lib. 2.
cap. 41.

nihil esse, quod sit, patitur.
 Era Dioscoro Pay de Barbara, mas a violencia, & furia, ou por melhor dizer o fogo da sua tyrania não consentio que fosse o que era. Era Pay, & deixou de ser Pay. Mas assim havia de ser, ou deixar de ser o que era, para mais propriamente ser como o fogo. Entre todos os Elementos só o fogo não he Pay; todos os outros geraõ, & são fecundos, só o fogo he estéril, & não gera. Essa he a propriedade da etimologia, com que os Latinos sabiamente lhe chamarão *ignis*. Compoemse o nome *ignis* de *in*, & de *gigno*, como se differaõ, *non gignens*, o que não gera: porque as Salamandras, que alguns lhe perfilhaõ, são fabula. Mais fizeram. Para guardar perpetuamente o fogo, que chamavão sagrado, instituirão a Religião das Virgens Vestaes. E porque razão Virgens? Para que ellas, & o fogo, a quem guardavão, fossem semelhantes: elle por na-

tureza, & ellas por instituto, sem geração. Ouçamos ao Author do seu Ritual no livro dos Fastos.

Nec tu aliud Vestam, quam Ovid. in Fastis.
vivã intellige flammam,

Nata que de flamma corpora nulla vides.

Iure igitur Virgo est, quae semina nulla remittit

Nec capit.

E como o Pay de Barbara, sendo Pay por natureza, deixou de ser Pay por tyrania, & tendo-a verdadeiramente gerado, lhe tirou tão cruelmente a vida, como se a não gerára, em perpetua memoria deste portento da deshumanidade lhe deo justamente Deos o dominio do Elemento, que só não he Pay, nem gera: & assim como ella padeceo a violencia, & furia do mais violento, & furioso de todos os martyrios, assim dominasse a violencia, & furia do mais violento, & furioso de todos os Elementos.

445 E se a singularidade do martyrio de S. Barbara mereceo este dominio

minio cômum sobre o fogo, não foi menos devido à causa do mesmo martyrio o dominio, & imperio particular sobre as partes mais violentas, & furiosas do mesmo fogo, que são os rayos. Quando o Pay já cruel encerrou a Santa naquella torre, mandou que se abrissem nella duas janellas: & como depois visse abertas tres, & soubesse da mesma filha, que ella tinha acrescentado a terceira em hõra da Trindade do verdadeiro Deos, trino, & uno, que adorava; esta fé, & protestaçoão constante foi a causa do seu martyrio. Vamos agora ao mitterio, & proporção do premio, com que Deos o remunerou. Em todas as cousas, que Deos criou, como marca, ou caracter proprio (a modo dos grandes artifices) imprimio alguns vestigios do seu soberano ser, trino, & hum, posto que muitos os não conheçoão, como disse David: *Et vestigia tua non cognoscentur*. Mas entre to-

das as criaturas irracionais, nenhũa traz mais impresso, & expresso em sy este caracter, que o rayo, o qual he hum tridente de fogo dividido em tres põtass, & por isso chamado trino, ou trifulco. *Ille pater, Rector que Deum, cui dextra trifulcis ignibus armata est*, diz Ovidio; & Seneca: *Opifex trifulci fulminis sensit Deus*. Por outra parte a mais natural hostilidade dos rayos, (que sempre buscão o mais alto) he combater, & escalar as torres. Tanto assim, que em alguns lugares de Italia, que refere Plinio, foi vedado no tempo da guerra levantarem se torres, porque todas batião, & destruíão os rayos: *Turres bellicis temporibus desiere fieri, nulla non earum fulmine diruta*. E como a causa do martyrio de S. Barbara foi a Fé, & protestaçoão da Santissima Trindade esculpida, ou declarada nas tres janellas da sua torre; para que o premio fosse proporcionado

Plinius
lib. 2.
cap. 4.

naõ só ao martyrio, senaõ
tambem à causa ; em me-
moria da Trindade deolhe
o dominio dos rayos, que
representaõ a mesma Trin-
dade nas suas tres pontas:
& em memoria da torre
fella Tutelar das torres, &
dos castellos, para que as
guarde , & defenda dos
mesmos rayos.

S. V.

446 **P**ara bem vos
sejaõ todo po-
deroso , & todo piadoso
Deos (que me naõ quero
congratular neste caso cõ
a nossa, & vossa Santa, se-
naõ com a vossa infinita
bondade.) Para bem vos
sejaõ estes mesmos pode-
res, que cõmunicastes à
vossa grande serva, & de-
fensora nossa, para que te-
nha a vossa misericordia,
quem modere os rigores
de vossa justiça, & quando
a vossa mão armada de
rayos queira fulminar o
mundo, ou vos tenha mão
no braço, ou os apague, &
divirta, antes de chegarem
à terra.

447 He tal a bondade
de Deos, (o qual ainda
quando mais irado se naõ
esquece de sua misericor-
dia) que quando quer ca-
stigar os homens , o que
mais sente he, naõ haver
algun, que se lhe oponha,
& lhe resista. Esta he a
queixa, que faz por boca
de Isaias no Capitulo cin-
coenta & nove , onde o
Profeta descreve ao mes-
mo Deos irado contra os
cativos de Babilonia , &
armado de justiça, de zelo,
de indignação, & vingança
para os castigar , & de-
struir como inimigos. *In-*
ductus est iustitia, ut lorica,
& galea salutis in capite Isai 59.
ejus: indutus est vestimen- 17.18.
tis ultionis, & opertus est
quasi pallio zeli: sicut ad
vindictam quasi ad retribu-
tionem hostibus suis, & vi-
cissitudinem inimicis suis.
Estas eraõ as armas, de que
Deos já estava vestido de
ponto em branco , para
executar o castigo naquel-
les homens. E a sua quei-
xa, no meyo desta mesma
deliberaçaõ , qual era?
Bem-

Ibid 16.

Bédita seja tal bondade, & tal amor! *Et vidit quia non est vir: & aporiatus est, quia non est qui occurrat.* Assim provocado de sua justiça, assim irado, assim armado, assim deliberado a castigar, & já com os instrumentos da vingança nas mãos: o que Deos mais sentia, o que mais o magoava, o que mais o affligia, & quasi desesperava, (que tudo isso significa *aporiatus est*) emfim o de que só se queixava o bom Senhor, he de não haver hum homem, que se oppuzesse, & contrariasse a sua mesma deliberação, & acodisse pelos que queria castigar, & rogasse, & intercedesse por elles: & com efficacia de razoens, como Moyses, o persuadisse a perdoar: ou lutando com elle, como Jacob, à força de braços, & a braços o reduzisse, & rendesse.

448 A mesma queixa fez outra vez Deos pelo Profeta Ezechiel, dizendo: *Non ascendistis ex ad-*

Ezech
135-

versa [ou como lê o origi-

nal Hebreo, *non ascendistis in fracturas, & interruptiones*] neque opposuistis murum pro domo Israel, ut staretis in pralio in die Domini. Foi o caso, que tinha Deos sitiado a Cidade de Jerusalem com o exercito dos Chaldeos para a castigar, & destruir: & tendo já aberto brechas para o assalto real (que isso quer dizer *fracturas, & interruptiones*) queixase Deos de que os cercados nam fizessem contramuros ás mesmas brechas, *Neque opposuistis murum, & não sahifsem a defender fortemente a entrada dos inimigos.* Pois se o sitiador era Deos, & o exercito de Deos, & de Deos havia de fer a victoria, & o castigo, *In die Domini*; porque se queixa o mesmo Deos de não haver quem se lhe oppuzesse, & resistisse, *Non ascendistis ex adverso, neque opposuistis murum*? Porque sendo a condição de Deos não cõdenar, senão perdoar, nam assolar, senão consolar, não matar, senão dar vida;

Hh iiii quan-

quando, a mais não poder, toma as armas para nos castigar, o que mais deseje, & estima, he achar quem lhe resista, & o obrigue a embainhar a espada. Por isso quando dà semelhantes poderes contra sy, ou sobre sy mesmo a Barbara; não a ella, nem a nós, senão ao mesmo Deos dou eu o parabem; porque se dantes dizia, *Non est vir, qui occurrat*, & se queixava de não ter hum homem, que se lhe oppuzesse, já agora terá hũa mulher, que o véça, & o defarme.

As mais temerosas, & formidaveis armas de Deos são os trovoés, & os rayos: *Dominum formidabunt adversarij ejus: & super ipsos in Cælis tonabit.* Armado destas armas nos pinta David ao mesmo Deos com tal horror de palavras, que até pintado faz tremer. *Commota est, & contremuit terra: fundamenta montium concussa sunt, & conquassata, quoniam iratus est eis. Ascendit fumus de naribus ejus, & ignis de ore ejus vo-*

rabit: carbones succensi sunt ab eo. Inclinauit Cælos, & descendit: & caligo sub pedibus ejus. Præfulgore in conspectu ejus, succensi sunt carbones ignis. Tonabit de Cælo Dominus, & excelsus dabit vocem suam. Misit sagittas, & dissipavit eos; fulgur, & consumpsit eos. Et apparuerunt effusiones maris, & revelata sunt fundamenta orbis, ab increpatione Domini, ab inspiratione spiritus furoris ejus. Nam ha lingua, que possa declarar a profopopea tremenda desta descripção, senão emudecendo. Inclinará Deos os Ceos, & avinhar-seha mais à terra para castigar seus habitadores: debaixo dos pés trará hum remoinho de nuvens negras, escuras, & caliginosas: das ventas lhe sairáo fumos espessos de ira, de indignação, de furor: da boca, como de fornalha ardente, exhalará hum volcão de fogo tragador, que tudo acenda em brazas, & converta em carvoens: atroará os ouvidos attoni-

1 Reg.
22.0.

2 Reg.
22.8.

tos com os brados medonhos de sua voz, que são os trovoens : cegarà a vista com o fusilar dos relampagos alternadaméte acefos, abrindose , & tornandose a cerrar o Ceo temerosamente fendido : desparrará finalmente as suas setas, que são os rayos, & coriscos: abalarfehaõ os mōtes, retumbaráõ os valles, affundarfehaõ atè os abifmos os mares , descubrirfeha o centro da terra , & apparecerãõ revoltos os fūdamentos do mundo. E no meyo desta confusaõ, afombro, terror, & desfmayo, quaes estarãõ os coraçõens dos homens , & que serà delles ? Consumilos ha Deos, diz David , *Et consumpsit eos*. Mas isto se entende do tempo , em que David escreveo , muitos seculos antes de haver na terra a gloriosa defensora destas baterias, & destes tiros do Ceo , atè entãõ invenciveis. Porèm depois que no mundo foi conhecido aquelle nome sagrado, ou o sagrado daquelle

nome, por mais que as nuvens se rasguem em trovoens, se acendaõ em relampagos , & se desfaçaõ em rayos, (S. Barbara!) em se invocando, & soando este poderoso, & portentoso nome, os trovoens , os relampagos, os rayos tudo se dissipou, & aquelles estrondos, medos, & ameaços do Ceo, não só parãõ sem effeito, & se desfizerãõ sem dano; mas donde a terra temia ser abrazada, se vio regada, porque os rayos se resolvêraõ em rios, & o fogo se cõverteo em agua : *Psalm.*

Fulgura in pluviam fecit. ^{134.7.}

449 Eu não quero, nê posso dizer , que depois que no mundo ouve S. Barbara, os rayos não fossem nocivos aos homens, ou affombrando-os só com o ar, ou tirandolhe a vida, & fazendo-os em cinza com o fogo ; pois estão cheas as historias de mortes notaveis de grandes personagens feridas, & espedaçadas com rayos. Mas o que só quero dizer he ; que de pessoa, que invocasse

se a S. Barbara, & algum rayo a offendesse, nenhũa historia ha, nem, como logo direi, a pòde haver. Seneca nas questoes naturaes depois de disputar sobre a origem, & formação dos rayos, conclue com hũa sentença verdadeiramente Estoica: *Malo fulmen non timere, quàm nosse*: Antes quero não temer o rayo, que conhecer o. Tu, Lucilio, ensina aos outros como os rayos se fazem, eu para mim só quizera saber como se não temão: *Itaque alios doce quemadmodū fiant: ego mihi metum illorum excuti malo, quàm naturam indicari*. E se perguntarmos ao mesmo Seneca como se pòdem não temer os rayos? Responde, que não temendo a morte, não teme o rayo. E não bastará, fallando gentilmente, encomendar-se hum homem aos Deoses? Absolutamente não. Porque os rayos, diz elle, huns são fataes, & necessários, & estes de nenhum modo se

pòdem evitar: outros são contingentes, & arbitrarios, & só para estes podem aproveitar as oraçoens, & os votos: *Quaedam enim à dijs immortalibus ita suspensa relicta sunt, ut in bonum vertant, si admodum dijs preces fuerint, & vota suscepta*. Atè aqui Seneca como grande Filosofo, mas sem fé. Para nós porem, q̄ sabemos que não ha fado mais que a Providencia divina, sempre livre, & todo poderosa: digo que nenhum rayo poderá fazer mal a quem se encomendar a S. Barbara. E porque? Porque assim o prometeo Deos à mesma Santa. Antes de offerecer a garganta à espada do tyrano, fez Barbara oraçào a Deos, que a todos os que a tomassem por intercessora concedesse sua divina Magestade o que pedissem: & no mesmo ponto se ouviu hum voz do Ceo, que dizia: Assim será como desejas. Logo nenhum rayo pode ferir a quem tomar por intercessora a S. Barbara. A
con-

Senec.
in q. natural.
lib. 1.º
37.

consequencia he evidente. Porque aquella voz, que se ouviu do Ceo, foi voz de Deos : & o rayo, que sae do trovaõ, tambem he voz de Deos, como diz Job : *Tonabit Deus in voce sua*. Logo está segunda voz de Deos he força, que se conforme com aquella primeira tambem de Deos, porque não serião vozes da summa verdade, se hũa contrariasse a outra.

§. VI.

450 **A**Tè aqui temos visto quaes são os poderes, & dominio de S. Barbara sobre o fogo natural, & contra os mais violentos, & furiosos partos delle, quaes são os rayos. Mas de trezentos annos a esta parte tem crecido muito mais a jurdição, & imperio da mesma Santa sobre o Elemento do fogo. Até o anno de Christo mil & trezentos & quarenta & quatro, o campo em que dominava S. Barbara, *Emit agrum illū,*

era a Região do ar, com os seus relampagos, & rayos, & com todos os outros meteoros ardentes, que nelle acende o fogo, em que tambem entraõ os vastissimos corpos, & formidaveis incendios dos Cometas Este universal dominio como governadora, & protectora exercitou a nossa Santa por espaço mais de mil annos, que tantos se contáraõ desde o seu martyrio até o anno já referido de mil trezentos & quarenta & quatro. E faço aqui esta distincão de tempos, & de poderes; porque neste anno se acrescentou à mesma Santa sobre a jurdição do fogo elemental, & natural, a dos fogos artificiaes, cujos prodigiosos excessos, que cada dia vemos crescer mais, & mais com novos horrores da natureza, entãõ tiverãõ seu principio. Com razão clamão as Escrituras, que das partes Setentrionaes, & do Norte fãria todo o mal. Assim se vio na Germania, porque del-

Spondanus anno Christi 1344.

la sahio naquelle anno para peste universal do genero humano a fatal invêção da polvora , sendo seu descobridor Bertoldo Negro, o qual já trazia no appellido a cor, que havia de ter o seu infernal invento. O primeiro Profeta, que profetizou os males, que no Setentrião haviaõ de ter sua origem, foi Jeremias, quando em figura de hũa caldeira ardente, *Ol-lam succensam ego video*, vio o incendio, com que Nabuzardaõ havia de abraçar a Jerusaleem. E verdadeiramente que as suas palavras muito mais naturalmente se podem entender do incêdio, com que Bertoldo abraçou o mundo. *Ab Aquilone pandetur malum super omnes habitatores terræ.* Aquelle fogo abraçou sòmente os habitadores de Jerusaleem, este tem abraçado, & consumido a todas as naçoens do mundo. E delle se diz com maior propriedade, *Pandetur malum*, que o mal se abriria, & descobri-

ria, porque atè entãõ estava encerrado, & oculto nos segredos da natureza, & quando se inventou, entãõ se descobrio, *Pandetur.*

Os primeiros q se achaõ haver usado da artelharia pelo artificio da polvora (ao menos na Europa] forãõ os Mouros contra os Christãos na Batalha de Algezira em Hespanha. De maneira, que bem advertida a Chronologia dos tempos, no mesmo seculo, & quasi pelos mesmos annos tiverãõ seu infausto nascimento as maiores duas pestes do mundo, a polvora, & o Imperio Otomano. E parece que assim estava profetizada hũa, & outra muitos seculos antes por Daniel no Capitulo sétimo. Falla alli o Profeta dos quatro mais famosos Imperios do mundo, & com grande especialidade das tres partes do Romano, que lhe havia de roubar, & dominar o Turco na Asia, na Europa, & na Africa, chamando ao mes-

Daniel
7.82

pela

Jerem.
1.13.

Did. 14.

pela baixeza de seus principios. E na mesma ordem da narraçãõ diz, que vio a Deos assentado no trono de sua Magestade, & que da boca lhe saia hum rio de fogo arrebatado:

Fluvius igneus, rapidus que egrediebatur à facie, hoc est, ab ore ejus. E que rio de fogo nomeadamente arrebatado, & furioso he este, sennão o da polvora,

inventado no mesmo tempo do Imperio Turquesco, como logo nota o mesmo Profeta: *Aspiciebam propter vocem sermonum grandium, quos cornu illud loquebatur?* Era o author deste invento de profissãõ Religioso, ao qual, como bem diz Espondano, fora melhor, que no tempo, em que fazia aquellas experiencias, se estivesse encomendando a Deos: mas permite o mesmo Deos semelhantes invençoens, assim para castigo dos máos, como para gloria, & exaltaçãõ de seus Santos.

Primeiramente saia este rio de fogo da boca de

Deos; porque não só as cousas naturaes são effeitos da sua boca, & da sua voz: *Ipse dixit, & facta sunt;*

sennão tambem as artificiaes, quando querendo, ou permitindo dispoem sua Providencia, que se façãõ. Este rio pois do fogo arrebatado, & furioso da polvora se dividio logo em tantos canaes, huns maiores, outros menores, quantos são os canos de ferro, ou bronze, por onde o mesmo fogo furiosamẽtere benta, & por isso se chamãõ bocas de fogo. Na Cavallaria as pistolas, & as caravinas, nos Infantes os mosquetes, & os arcabuzes, nos exercitos, & nos muros das Cidades os canhoens, & as culebrinas. E todos estes instrumentos, & os que os manejaõ, ficãõ desde entãõ sojeitos ao imperio, & debaixo da protecçãõ de S. Barbara.

451 Vede quanto se aumentou o seu dominio com o invento da polvora na multidaõ, na variedade, na força, nos effeitos, &

P.alm.
32.9.

ainda na facilidade dos tiros, & machinas de fogo, a que preside. Para se gerar hum rayo he necessario, que as terras não sejaõ extremamente frias, que por isso na Scithia são rarissimos: he necessario, que o tempo seja Estio, ou Outono: que as nuvens sejaõ espessas, & humidadas: que as exhalaçoes sejaõ secas & calidas: que o movimento, ou anteparistesis as acenda: que a rotura por onde sae seja pela parte inferior, & não pela de cima: & que a materia seja crassa, & pingue, porque senam dissipe, ou apague o fogo, antes que chegue à terra. Tudo isto he necessario para formar hum rayo na Região do ar. Na terra porém, quam pouco basta? Basta que aos que tem o supremo poder lhe suba à cabeça hum vaporzinho, ou de cobiça, ou de ambição, ou de inveja, ou de odio, ou sômente de vaidade, & gloria, para que contra húa fortaleza, ou sobre húa Cidade chova

tanta multidaõ de rayos, quantas são as pedras das suas muralhas. Os rayos que caem do Ceo em muitos annos, são contados, os que se fulminaõ da terra na bateria, ou defensão de húa praça, não tem conto. Ainda quando os do Ceo se não contentaõ com ferir os montes, ou com se empregar nas feras, & nas ensinhas, ou só com meter medo aos homens, raro he orayo, que seja reo mais que de hum homicidio. Mas os que saem de húa peça de artilharia, se o não viestes, ouvi o estrago, que fazem. Na batalha naval entre os Cesarianos, & Francezes na ribeira de Salerno matou húa bala de artilharia quarenta Cesarianos: Na batalha campal dos Alemaes contra os Espanhoes junto a Ravenna matou outra peça com hum só tiro mais de cinquenta Alemaes: Na guerra de Alberto Cesar contra os Polacos em Bohemia, não dizem as historias de qual das partes, mas affirmam,

maõ, que húa só bala matou oitenta soldados.

452 Que semelhança tem com a sombra disto as Ballistas, as Terebras, os Arietes, as Catapultas, & todos os outros instrumentos bellicos, que com tanta força de engenho inventáraõ primeiro os Gregos, depois os Romanos, & com tanta força de braços não conseguiaõ em muito tempo, & trabalho, o que faz em hum momento húa maõ com hum botafogo? Muitos ouve, que quize-raõ imitar os rayos, que a gentildade chamava de Jupiter, em que foi taõ famosa a arrogancia de Sulmon Rey de Elide vivendo, como he fabuloso no Inferno o castigo do seu atrevimento. Virgilio lhe chama louco, porque quiz imitar o rayo, que nam he imitavel.

Demens, qui nimbo, & non imitabile fulmen

& Ere, & cornipedum cursu simularat equorum.

Mas se a sua Musa adevinhára, que do mesmo In-

ferno havia de fair a polvora, de nenhum modo dera ao rayo o nome de inimitavel, pois a nossa artelheria não só o imita, mas vence. Todo o apparatus, & fabrica estrondosa de hum rayo a que se reduz no ar? A húa nuvem, a hũ relampago, a hum trovão, & ao mesmo rayo. E tudo isto se vê, & exprimenta có vantagem no tiro de húa peça. O fumo he a nuvem, o fogo o relampago, o estrondo o trovão, a bala o rayo. E digo com vantagem; porque a nuvem acabou no primeiro parto, & em se rompendo se desfez, & desvaneceu: & a peça inteira, & solida dura annos, & seculos, desparando, & lançando de sy no mesmo dia, & na mesma hora não só hum, senão muitos rayos. Pouco ha dissemos, que o fogo natural era esteril, & não gerava; mas depois que o Artificial se ajuntou com a polvora em todo o genero de viventes tem filhos de fogo. Animaes de fogo nos camelos, ser-

serpentes de fogo nos basiliscos, aves de fogo nos falcoens, & em todos os outros instrumentos sulfureos, homens de fogo. Homens de fogo na artelharia, homens de fogo nas bombas, homens de fogo nas granadas, homens de fogo nos petardos, homens de fogo nos trabucos, homens de fogo nas minas, & assim sobre a terra, como debaixo della homens de fogo, que nelle, & delle vivem.

§. VII.

453 **T**Aõ necessário he ao intrepido, & temeroso officio da artelharia (que tudo isto comprehende) o patrocínio de S. Barbara na terra. E passando da terra ao mar, bem se deixa ver quanto mais importante será, & quanto mais admiravel, & milagroso, defendendo aos que pelejaõ cô os mesmos instrumentos de fogo, metidos em hum lenho, & sobre as ondas.

Averiguada conclusãõ he entre os Mestres de hũa, & outra milicia, que comparada a da terra cô a do mar, esta he muito mais trabalhosa, & perigosa. Na terra peleja contra vòs hum elemento, no mar todos quatro: na terra tendes para onde vos retirar, no navio estais preso, & naõ tendes outra retirada, que lançandovos ao mesmo mar. Na terra ajudão huns esquadroens, & huns terços a outros terços, no mar estais com os companheiros à vista, & nem elles muitas vezes vos podem soccorrer a vòs, nem vòs a elles. E quanto ao exercicio da artelharia, na terra borneais a vossa peça cuberto de hum parapeito de pedra de cinco pès, ou de hũa trincheira de faxina de dezoito, no mar detraz de hũa taboa de tres dedos. Na terra corre a artelharia sobre huma esplanada firme, & segura, no mar sobre hum convéz sempre inquieto, & tambem inquieto da parte côtraria

traria o ponto a que se nivella o tiro. Os Gregos chamarão à peça de artilharia bombardarda pelo boato, os Latinos *tormentum*, pelo que atormenta o corpo opposto que fere: eu na terra chamaralhe tormento, & no mar tormenta: *Ignis, & sulphur, & spiritus procellarum*. Grande ciencia Geometrica he necessaria para entre dous pontos inconstantes tirar hũa linha certamente recta, qual ha de seguir a bala para se empregar com effeito. Mas tudo isto pôde fazer o sabio artilheiro nautico cõ maiores estragos do inimigo, dos que acima referimos, conseguindo com hum sô tiro, por ser no mar, o que nam pôde soceder na terra. Explicarmehei com hum exemplo famoso da sagrada Escritura.

454 Por occasião do testamento de David faz a Escritura hum Catalogo dos seus mais insignes Capitaens, que he a melhor, & mais preciosa herança,

Tom. 7.

que hum Rey pôde deixar a seu filho, como bem o exprimimentou Felippe Segundo nos que herdou de Carlos. Começa pois o Catalogo: *Hæc nomina fortium* ^{2. Reg. 23. 8.}
David: Estes são os nomes dos valentes de David. Erão estes valentes trinta, escolhidos entre todo o exercito, os quaes se chamavaõ os trinta fortes de Israel: destes trinta eraõ escolhidos tres, os quaes se chamavaõ os tres fortes: & destes tres era escolhido hũ, o qual não se chamava o fortissimo, senaõ o sapientissimo. As palavras notaveis do Texto são estas: *Sedens in cathedra sapientissimus Princeps inter tres: ipse est quasi tenerrimus ligni vermiculus, qui octingentos interfecit impetu uno*. Estã assentado na cadeira o Principe sapientissimo entre tres, o qual de hum impeto matou oitocentos, & he como o bichinho sem força, que roe as raizes dã arvore. Tres duvidas nam vulgares tem este Texto. Se este primeiro, & mais

Ii affa-

affamado Capitaõ de David matou oitocentos; como os podia matar de hũ só impeto, *Interfecit octingentos impetu uno?* E senaõ só entre os trinta, senaõ entre ostres fortes de Israel, era elle o mais forte; porque naõ se chama o fortissimo, senaõ sapientissimo, *Sapientissimus inter tres?* Finalmente, se aquella sua grande façanha a declara a Escritura por hũa comparação; porque se compara a hum bichinho sem força, que roe as raizes da arvore: *Ipse est tanquam tenerimus ligni vermiculus?* Deixada a interpretação literal desta historia, que naõ he facil; eu que só a referi, & tomei por exêplo, digo, que nella està admiravelmente retratado quanto pòde obrar o sabio artilheiro com hum só tiro naõ na terra, senaõ no mar. Atirando a hũa Capitania, ou a outra grande nao de guerra, se lhe penetrar cõ a bala o payol da polvora, ou lhe romper outra parte vital, como algũas vezes

tem acontecido, sem duvida a deitarà a pique com hum só tiro, & no tal caso de hum só impeto matarà oitocentos, & ainda mais homens: *Occidit octingentos impetu uno.* E por hũa vitoria taõ notavel, que nome, ou fama alcançará o Artilheiro? Naõ nome, ou fama de fortissimo, senam de sapientissimo; porque aquella acção naõ foi obra das forças do seu braço, senaõ da ciencia pratica da Geometria militar, com que governou taõ acertadamente o tiro, & por isso sapientissimo na arte: *Sapientissimus inter tres.* Finalmente, para tirar a admiração de hum taõ grande estrago, executado por hum instrumento sem forças, traz a Escritura a comparação do bichinho, que sem ellas roeo as raizes da arvore; porque alojados muitos homens debaixo de hũa grande arvore, se ella por lhe faltarem as raizes cahio subitamente sobre elles, a todos opprimio, & acabou de hum só gol-

golpe, não sendo a causa principal de tamanha ruína a grandeza, & peso da arvore, senão o bichinho, que lhe roeo a raiz: *Ipsè est tanquam tenerrimus ligni vermiculus.*

455 Por este singular exemplo se vé quão mais poderosa he a artilharia no mar, que na terra, ajudandose, & dandose a mão o Elemento da agua com o do fogo. Já antigamente tinhaõ feito a mesma companhia entre sy estes dous Elementos contra Faraõ no Egypto: *Grando, & ignis mista pariter ferebantur*: & a mesma fazem naturalmente em todas as batalhas, ou conflitos navaes. O fogo queima, a agua afoga, o fogo mata, a agua sepulta. Mas se tanto he o estrago, que faz, & pôde fazer hũa peça de artilharia nas naos inimigas, daqui se deve fazer reflexão, (como a fazia Agamenon no incendio de Troya) que o mesmo fará nas nossas, senão tivermos algũa mais poderosa pro-

tecção, que nos defenda, & livre. Verdadeiramente, que he tão pia, & christãa, como bem entendida architectura aquella, có que em todas as naos de guerra, que são Cidades nadantes, a casa que os Hereges, & outros menos devotos chamaõ praça de armas, nõs como templos pequenos a dedicamos a S. Barbara, & a fundamos sobre os almazens mais secretos, em q̃ a polvora vai guardada. Como se dissera a nossa Fè, ou a nossa confiança com os olhos na vigilancia de tão soberana Protectora: *Non sinet perfodi domum suam.* Para mim não são necessarios outros milagres de S. Barbara, mais q̃ este tão universal, & tão continuo em todos os vasos de guerra prenhes de mais aparelhados incendios, que o cavallo Troyano.

456 Vendo Moyfes nos desertos de Madian, que a Çarça ardia, & não se queimava, disse: *Vadam, & vi-debo visionem hanc magnã:*

Li ij Que

Exod.
c. 9. 24.

Matth.
24. 43.

Exod.
3. 3.

Quero ir ver este grande milagre. O milagre confiftia, em que eftando o fogo tão viſinho à Çarça , ella com tudo ſem o admitir em ſy, eſtiueſſe tão verde , que como bem diſſe Philo Hebreo, mais parecia que a Çarça queimava o fogo, que o fogo a Çarça : & que em vez de o meſmo fogo a abraçar, a regava, para que mais reverdeceſſe. Por iſſo Moyſes não ſó lhe chamou milagre, mas grande: *Viſionem hanc magnam*. E não ſeria grande, nem milagre, ſe a fome , & voracidade do fogo não foſſe qual he. O myſterio com que os Antigos fingirão a Vulcano Deos do fogo manco, & arrimado a hum bordão, he porque ſó o fogo entre todos os Elementos neceſſita de materia, em que ſe ſuſtente. A terra, a agua, o ar ſuſtentaóſe , & conſervaóſe em ſy meſmos, o fogo ſe não tiver em que ſe ſuſtente, apagaſe, & morre. Aſſim ſe apagou nas alampadas das Virgens neſcias pola falta de oleo.

E deſta meſma neceſſidade de comer para ſe ſuſtetar, nasce ao fogo aquella voracidade, com que tão facilmente ſe atea, & tanto mais, quanto a materia he mais diſpoſta. Suppoſto iſto, quem não terá por milagre, & continuos milagres de S. Barbara, principalméte nas naos de guerra, em que perpetuamente ſe conſerva o fogo , & muitos fogos, abſterſe elle de ſe atear em materias tão diſpoſtas, como as dos meſmos corpos navaes? Pòde haver materia mais diſpoſta, & mais golofa para o fogo, que taboas ſecas, breu, alcatram, ſevo, eſtopa, & polvora, & tudo iſto aſſoprado dos ventos , & em perpetuo moto , que por ſy meſmo he cauſa do calor, & o calor do fogo? Se as nuvens humidas, & frias naturalmente produzem fogo por antepariſteſis, como não obra os meſmos effeitos em materias tão diſpoſtas todo o Elemento da agua, que as rodea, por natureza mais humido,

mido, & mais frio ? Mas para que são argumentos, onde as mesmas maravilhas se demoſtraõ melhor nas experiencias da viſta, do que a póde conſiderar, ou arguir o diſcurſo? Pondevos no Galeão S. Domingos, Capitania Real de noſſa Armada nas quatro batalhas navaes de Pernambuco, ſuſtentando a bataria de trinta & cinco naos Olandezas : & que he o que ſe via dentro, & fóra em toda aquella fermofa, & temeroſa fortaleza nos quatro dias deſtes conflitos ? Jugava o Galeão ſeſſenta meyoſ canhoens de bronze em duas cubertas : tinha guarneçadas por hũ, & outro bordo o convèz, os caſtellos de popa , & proa, as duas varandas, & as gaveas com ſeiſcentos moſqueteiros. E ſendo hũ Ethna, que lentamente ſe movia, vomitando labaredas, & rayos de ferro , & chumbo por tantas bocas maiores, & menores : dando todos , & recebendo polvora , carregando , &

deſcarregando polvora, & tendo nas meſmas mãos os murroens com duas mechaceſas, ou os botafogos ſincados junto aos cartuchos : & que baſtando qualquer faiſca para excitar hum total incendio, & voar em hum momento toda aquella maquina: que entre tanta confuſão , & viſinhança de polvora , & fogo , eſtiſſe o Galeão tremolando as ſuas bandeiras tão ſeguro, & ſenhor do campo, como hũa roca batida fó das ondas, & não das balas ; quem negará que ſupria alli a vigilancia, & patrocínio de S. Barbara, o que nenhũa providencia humana podéra evitar?

§. VIII.

457 **S**obre eſte reconhecimento, & reconhecimento, que vivas, & louvores deve toda a milicia Catholica, aſſim no mar , como na terra, à ſua grande Protectora ? & que documentos darei eu aos Officiaes maiores, &

menores da nobilíssima arte da artelharia, seus subditos, & devotos? Para o triunfo de S. Barbara se me offerencia a Carroça de Elias por ser de fogo: mas posto que tão singular entre todas as que vio com admiração o mundo, porque de nenhũ modo iguala a pompa, & magestade, que he devída às vitorias da nossa Santa, só nos servirá para notar no mesmo fogo a differença, como servem as sombras, & os oppostos para mais illustrar os contrarios. Descrevendo a Escritura o modo, com que Elias arrebatado da terra se apartou de Elifeo, diz que foi em huma carroça, porque tiravaõ cavallos, & que a carroça, & os cavallos tudo era de fogo: *Et ecce currus igneus, & equi ignei diviserunt utrumque.* E sendo que o Texto sagrado não dá neste lugar a razão, porque triunfou Elias pelo ar em carroça de fogo, podendo ser antes de nuvens mais vistosamente douradas cõ

os rayos do Sol; de outros lugares da mesma Escritura tiraõ os Santos Padres a verdadeira causa. Estando Elias retirado em hum monte, mandou-o chamar El Rey Ochofias por hum Capitaõ de Infantaria, acompanhado de cinquenta soldados, o qual lhe deo o recado do Rey com estas palavras: *Homo Dei, hæc dicit Rex: Festina, descende:* Homem de Deos, diz El Rey, que deçais logo, & lhe vades fallar. E que responderia Elias? *Si homo Dei sum, descendat ignis de Cælo, & devoret te, & quinquaginta tuos:* Se sou homem de Deos, deça fogo do Ceo, que te abraze a ti, & aos teus cinquenta. Assim o disse, & assim se compriu logo: deceo subitamente fogo do Ceo, que abrazou, & consumio o Capitaõ, & os soldados. Sabido o caso por El Rey, mandou outro Capitaõ cõ outra companhia do mesmo numero: & como este dêsse o recado com igual comedimento; a resposta de

4 Reg.
1. 11.

4 Reg.
1. 11.

de Elias foi como a primeira, & o Capitão, & os soldados todos foraõ abrazados com fogo do Ceo em hum momento. Tal era o imperio, que Deos tinha dado a Elias sobre o fogo, de que elle ufava taõ despoticamente: & esta foi a razaõ, porque o mesmo fogo, como fogoito, & subdito seu, se converteo em carroça, & cavallos para o levar em triunfo: *Ignis Eliam quasi suum imperatorem reveretur, ei que quasi famulus suum ultro offert obsequium*, diz cõ S. Chrysostomo, & os outros Interpretes literaes, Cornelio.

458 Combinemos agora fogo com fogo, imperio com imperio, & Barbara com Elias. A Elias, & a Barbara deo Deos o imperio do fogo; mas com que differente magestade exercita hum, & outro o mesmo imperio? Elias manda ao fogo que queime, & Barbara, que não queime: Elias mandalhe, que abraze homens, & Barbara, que

os não toque: obedecendo porèm o fogo a Elias, queima, & abraza como fogo que he, mas obedecendo a Barbara, como se perdéra a propria natureza, quasi deixa de ser o que he, por não faltar ao que deve. Da parte de Elias parece que he igual o poder no imperio, mas da parte de Barbara mostra q̃ he muito maior na obediencia. Se quando Daniel foi lançado no lago dos Leoens, elles o comeraõ, não era maravilha: mas que famintos, & com o pasto à vista refreassem a propria voracidade, a sua abstinencia era a que provava o milagre: & aquillo he o que fazia Elias nos homens, que dava a comer ao fogo, isto o que faz Barbara nos que livra dos incendios. Verdadeiramente era galante a consequencia, com que Elias fazia decer o fogo do Ceo! *Si homo Dei sum, descendat ignis de Cælo, & devoret te*: Se sou homem de Deos, deça fogo do Ceo, q̃ te abraze. Basta que o final

de ser de Deos era abraçar, & consumir homens ! Para bem parece que havia de dizer, Se sou de Deos, eu rogarei a Deos por ti, eu te guardarei, eu te defenderei; & isto he com que prova a nossa Santa ser mais propriamente de Deos. Elias imperando ao fogo, mostrava que era de Deos; mas de Deos vingador, de Deos rigoroso, de Deos severo: & Barbara no mesmo imperio mostra tambem que he de Deos; mas de Deos perdoador, de Deos piedoso, de Deos benigno, em fim de Deos, no de que mais se preza Deos.

459 Não ha duvida, que na comparação de imperio a imperio, o uso, & exercicio d'elle foi muito mais humano, & benefico, & por isso mais divino em S. Barbara, que em Elias. E passando a comparação de fogo a fogo, assim como no que domina S. Barbara descobriremos húa grande novidade, assim na combinação do mesmo dominio subiremos com a verdade,

onde só pôde chegar o encaecimento, & de nenhú modo passar a imaginação.

Já dissemos, com a opinião cômum dos Historiadores, quem, & quão foi o primeiro inventor da polvora. Mas se bê se lerem, & entenderem as Escrituras, acharemos, que quatro mil annos antes a tinha já inventado Deos no fogo artificial, que choveo sobre Sodôma. Que fosse artificial, & não natural aquelle fogo, consta das palavras, com que Moyses refere a mesma historia, dizendo, que o Senhor choveo do Ceo enxofre, & fogo feito pelo mesmo Senhor: *Dominus pluit super Sodomam sulphur, & ignem à Domino de Cælo.* Onde he muito novo, & digno de se notar aquelle termo, *Dominus à Domino*, para declarar, como advertem todos os Interpretes, que tal genero de fogo não foi effeito das causas naturaes, mas da arte, & sabedoria divina, a qual não cria nada de novo, mas das cousas já criadas,

das, compondo-as, & unindo-as entre sy, produz effeitos novos, & maravilhosos, qual foi aquelle fogo verdadeiramente artificial. Mas que o artificio fosse o mesmo da polvora, não basta este só texto para o provar, porque só faz menção do enxofre, *Ignem, & sulphur*. Temos porém outro, em que o mesmo Moyses no Deuteronomio torna a descrever o mesmo fogo, & diz expressamente, que era composto de enxofre, & salitre, que são os dous ingredientes da polvora: *Sulphure, & salis ardore comburens, in exemplū subversionis Sodomæ*. Deste fogo pois, & do primeiro incendio, que causou no mundo a polvora, livrou Deos a Loth. Mas por meyo de quem? Nam só de dous Anjos, mas effes representadores de duas pessoas divinas, porque eraõ dous dos tres, que appareçãõ a Abraham no valle de Mambre (bem assim como o Anjo, que livrou aos tres mininos da

fornalha de Babilonia, representava a segunda pessoa da Trindade, o Filho: *Et species quarti similis Filio Dei*.) É quando Deos para livrar a hum homem, qual era Loth, do primeiro incendio da polvora, comete esta diligencia a dous Anjos, & effes representadores de duas pessoas divinas; vede qual he o imperio, o dominio, & a jurdição de S. Barbara, pois a ella só encarregou Deos o cuidado, & superintendencia universal de livrar, & defêder a todos os homês, assim na terra, como no mar, do fogo, & incendios da mesma polvora!

460 Fabriquem pois os Serafins, que são espiritos tambem de fogo, novo carro triumphala S. Barbara, melhor, & mais glorioso que o de Elias: diante do qual não sejaõ levadas em urnas tristes, & funestas as cinzas de homens abraçados, & mortos, mas vivos, & dando vivas à soberana Protectora todos aquelles [numero sem numero]

mero] que livrou do fogo, & dos incendios. E o nosso insigne Capitaõ do mar, & da guerra, que hoje cõ tanto apparatus, & grandeza celebra a mesma triunfadora, leve como nobilissima parte dos seus triunfos, rodando em carretas douradas os canhoens ganhados em tantas, & tão famosas vitorias, com os quaes melhor, que com colunas de bronze, se honraõ as portadas de sua illustissima Casa: digno successor daquelle immortal Heroe, que como Marte da patria, a defendeo na guerra, & como Pay, cerradas as portas de Jano, a deixou victoriosa em paz.

§. IX.

461 **E**A vós (animofos Ministros de Vulcano, que continuamente exercitais o perigoso manejo do fogo nos maiores, & mais arriscados instrumentos da vossa arte) o que só vos digo por fim he, que não deixeis de

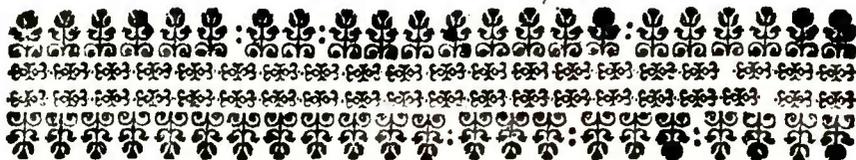
vos aproveitar de hũa só cousa boa, que trouxe ao mundo o uso, & invento da polvora. Das Biboras não só se tira veneno, senam também triaga. E que cousa boa trouxe ao mudo a polvora? Hum defengano universal, de que nenhum homem se deve já fiar das suas proprias forças. Antigamente havia Achilles, havia Hercules, havia Sanfoens: depois que a polvora veyo ao mundo, acabouse a valentia dos braços. Hum Pigmeo cõ duas onças de polvora pôde derrubar o maior Gigante. Que fundamento cuidais teve a Filosofia Symbolica das fabulas, para fingir, que os Gigantes fizeram guerra ao Ceo, & quizeraõ apear do seu trono a Jupiter; senaõ porque entenderaõ, & quizeraõ declarar aquelles Sabios, que os homens, que se fiaõ em suas grandes forças, não temem a Deos, nem o veneraõ, como senaõ dependeraõ d'elle. Ouvi a arrogancia sacrilega, & blasfema,

com

cóq fallava hũ destes chamado Mesencio. *Dextra mihi Deus, & telum, quod missile libro*: O meu Deos he o meu braço, & a minha lança. Por certo soberbissimo Capitaõ, que não havieis fallar tão confiadamente, se fora em tempo, que o menor soldadinho do exercito contrario, vos podéra responder com hũa boca de fogo. Este he pois o desengano, que trouxe ao mundo a polvora, para que todo o homem, & muito mais os que vivê na guerra, & da guerra, se persuadaõ, que só Deos lhe pòde conservar a vida, & não o seu braço, nem a sua espada. Assim o dizia David, aquelle soldado tão esforçado, & tão forçoso, que com as mãos defarmadas escalava Uffos, & affogava Leoens: *Gladius meus non salvabit me.*

Pal.m.
43.7.

462 Sirva pois a polvora, que sempre trazeis nas mãos, de vos lembrar o perigo, em que igualmente trazeis a vida, vivendo de maneira, que seja agradavel a Deos, de quem por taõ ordinarios accidentes està mais dependente, que a dos outros homens. E valendovos da poderosa intercessão da vossa vigilantissima Protectora a gloriosa S. Barbara: de cuja devação, & invocação vos prometo por fim, o que a mesma Santa tem provado ao mundo com varios exemplos. Ainda os que estaõ ardendo no meyo das labaredas, invocando seu nome, se elle lhes não salva totalmente a vida temporal, ao menos lha sustenta quanto baste, para que, recebidos os Sacramentos, alcancem a eterna.



S E R M A M

D O

S A B B A D O

ANTES DA DOMINGA DE RAMOS,
na Igreja de N.Senhora do Desterro.

Bahia, anno de 1634.

Cogitaverunt Principes Sacerdotum ut & Lazarum interficerent, quia multi propter illum abibant ex Judæis, & credebant in Iesum. In crastinum autem turba multa, quæ venerat ad diem festum, cum audissent quia venit Iesus Ierosolymam, acceperunt ramos palmarum, & processerunt obviam ei. Joann. 12.

§. I.



463 Thema he grande, mas o Sermaõ serà pequeno. Saõ as palavras do Evangelista S. Joaõ aos doze Capitulos de sua

historia fagrada ; quem dizer: Fizeraõ consulta os Principes dos Sacerdotes. Quando logo encontrei cõ este principio, fiz esta consideração. Consulta, os Principes dos Sacerdotes! Sem duvida , que fairáo della

della grandes bens à Republica: he gente Ecclesiastica, & pelo conseguinte douta, & santa; que se pôde esperar de hũa consulta sua, senão cousas de grande gloria de Deos, & grandes bens dos homens? Assim o imaginava eu, mas enganeime. Contra Deos, & contra os homens sim. O que sahio da consulta, foi, que em todo o caso morresse Christo, como no dia dantes se tinha decretado; isso quer dizer aquelle *Et, ut & Lazarum*, como interpretaõ os Doutores: & não sô q̃ dèsssem a morte a Christo, senão que tambem tirassem a vida a Lazaro, a quem o Senhor pouco antes tinha resuscitado: *Ut & Lazarum interficerent*. Ha juizos mais apaixonados? Ha sentença mais enorme? Ora ouçamos as causas, que allegaõ, & admirarnoshemos muito mais. Morra, dizem, Christo, porque faz milagres, porque dá faude a enfermos, & vida a mortos, porque he amado, por-

que he estimado, porque he seguido: & morra Lazaro, porque sendo resuscitado por virtude de Christo, he causa de o amarem, de o estimarem, de o seguirem: *Quia multi propter illum abibant ex Iudæis, & credebāt in Iesum.* (Honrado crime!) Tudo isto passou como hoje: *In crastinum autem*: porèm ao outro dia, diz o Evangelista, que entrou o Principe da gloria a cavallo por Jerusalem triunfando (dentro porèm dos limites de sua modestia, & humildade) servindolhe de pomposo acompanhamento a multidaõ infinita do povo, que com palmas, & aclamaçoens devoto o seguia: *Turba multa, quæ venerat ad diem festum, acceperunt ramos palmarum, & processerunt obviam ei.* Atè aqui a letra do nosso Thema. O que temos que ver, he hũa causa crime, sentenciada, apellada, revogada. Do primeiro tribunal sairáo culpados os innocentes: do segundo sairáo con-

Joann.
12.

Ibid. 1 r.
Ibid. 12.
Ibid. 13;

denados

denados os Juizes. Pouco disto parece que está no Thema, mas tudo tiraremos d'elle. Não o mostro logo, por não gastar dous tempos. Peçamos a Graça.

§. II.

464 **D**Izia Platam, que os que julgaõ, ou governaõ, era bem que dormissem sobre as resoluçoens, que tomassem. Parecialhe ao grande Filosofo, que o juizo consultado com os traveffeiros, era força que saísse mais repoufado. Assim aconteceu aos nossos Juizes do Evangelho os Principes dos Sacerdotes; dormiraõ sobre a resoluçam, que hontem tomáraõ, de tirar a vida a Christo, porèm hoje acordáraõ em Conselho com hum conselheiro taõ defacordado, como foi confirmarem hũa sentença a mais injusta, a mais barbara, a mais sacrilega, que nunca se deo, nem ha de dar no mundo. Perguntára eu a suas Senhorias

dos Principes dos Sacerdotes: E bem, Senhores, fazer milagres, resuscitar mortos, ser estimado, ser querido, que culpa he, ou contra que Ley? No Exodo, no Levitico, no Deuteronomio, que são os Canones por onde vos governais, não ha Texto, que tal prohiba: pois ignorancia? Seria afronta de hum Tribunal taõ authorizado, querer presumila nelle. Deo a razaõ de tudo Eutimio em duas palavras: *Itaque tota res est invidia*. O caso he, que tudo neste caso he inveja. Pois já me não espanto, que achassem os Principes dos Sacerdotes na mesma bondade crimes, na mesma innocência culpas, no mesmo Christo peccados, porque nos Tribunaes, ou publicos, ou particulares, onde a inveja preside, as virtudes são peccados, os merecimentos são culpas, as obras, ou boas calidades são crimes.

465 Estava Saul hum dia muito malencolizado, & triste, desejou que lhe
buf-

buscassẽm algum bom musico, não sei se para se alegrar, se para se entristecer mais. Acudio logo hum dos Cortesaõs, que o assistiaõ, dizendo, que não podia Sua Magestade achar outro como David ; porque alẽm de grande musico, era mancebo muito valente, de grande intelligencia nas materias de guerra, cortesaõ, avifado, gentil-homem, & sobre tudo muito virtuoso, & temente a Deos: *Vidi filium Isai scientem psallere, & fortissimum robore, & virum bellicosum, & prudentem in verbis, & virum pulchrum, & Dominus est cum eo*: Ha mais panegyrico que este? Pareceme que estaõ dizẽdo todos os que o ouviraõ, que he grande cousa ter hum amigo em Palacio, & que este o devia ser mui verdadeiro de David, pois sabia fazer taõ bons officios para com elle diante del-Rey. Tal he o mudo, q muitas vezes parecẽ finezas de amifade, o que saõ odios refinadissimos. Di-

zẽ os Doutores Hebreos, como refere Nicolao de Lyra, que este Cortesaõ, que aqui fallou, era Doeg, capital inimigo de David. Capital inimigo de David, & gasta tanta rethorica em seus louvores? Capital inimigo de David, & de hum fundamento taõ leve, como ser musico, toma occasiaõ para fazer hum aranzel taõ largo de suas grandezas? Sim. Descobriolhe a tençaõ delicadamente hum Expositor grave Portuguez, & de nossa Companhia: *Sciebat Saulem esse invidum, & alienis laudibus incredibiliter cruciari: laudat igitur Davidem apud Saulem, ut Saul invidiae stimulis agitated interficiat Davidem*. Sabia Doeg, que era Saul grande emulo de David, que o invejava muito, & como no juizo dos invejosos os merecimentos saõ culpas, & as excellentes calidades delitos, louvou, & engrandeceo a David diate de Saul, para que Saul, como fez, dẽsse sentença de morte

contra David. Disse, que era prudente, guerreiro, esforçado, gentil-homem, virtuoso, & dotado de tantas outras boas partes: & quem bem entendesse toda esta ladainha de encomios, & louvores, bem podia dizer por David, *Orate pro eo*. Eraõ capitulos, que contra elle se presentavaõ ao Rey, não menos que de lesa Magestade. Pareciam louvores, & eraõ acusaçoens: pareciaõ abonos, & eraõ calumnias. Calumniado o innocente na sua virtude, & acusado o benemerito nas suas boas obras, sem que ã innocencia se lhe dêsse defesa, nẽm ao merecimento lhe valessem embargos, porque era o Juiz a inveja.

466 Que bem o entẽdeo assim o mesmo David! Denos a confirmação, que nos deo a prova. Passouse o perseguido mancebo para a Corte de Achís Rey, & Reyno contrario ao de Saul, & que por isso parecia seguro. Hia só, desconhecido, & disfarçado, mas

como levava por companhia a sua fama, & esta nunca sabe guardar silencio; começou a correr logo pela Corte, que era chegado o valente de Israel, o matador do Golias, aquelle a quem as damas de Jerusalem compuzeraõ a letra, que então andava muito valida: *Percussit Saul mille, David decem millia*. Couza maravilhosa a que se segue! Tanto que chegou aos ouvidos de David o que passava, diz a Escriitura, que começou a recear muito aparecer diante de Achís: *Posuit David Sermones istos in corde suo, & extimuit valde à facie Achís Regis*: & a ultima resolução que tomou, foi fugir dalli, & irse meter em hũa cova: *Fugit autem inde in speluncam Odollam*. Pois David, que resoluçam he esta vossa? Que quer dizer irdesvos fazer Ermitaõ de hum deserto, quando vos vedes taõ acreditado em hũa Corte? Quando vos vedes com tanta fama diante do Rey, para que fu-

1. Reg. 21.11.

Ili 1.12.

1. Reg. 22.1.

fu-

fugís de sua presença? Entendia-o como prudente, obrava como experimentado. São os louvores no tribunal da inveja accusações: & porque David se vio tão louvado, homiziouse. O ver se louvado era ver se accusado, o ver suas grandezas referidas, era ver as suas culpas provadas, teve logo muita razão de se homiziar, & fugir tanto de sy, como de seus emulos. Os Satrapas, & primeiros Ministros de Achís eraõ mui picados de inveja contra os Hebréos: & como havia de escapar delles, & viver na mesma Corte David criminoso das suas vitorias, & Reo da sua fama? Se se differa de David, que era hum falsário, hum perjuro, hũ adultero, hum homicida, hum roubador do alheo, & outras baixezas, se as ha ainda maiores; passára David na Corte, & entrára muito confiado no Palacio do Rey, porque alli tem estes serviços premio, ou quando menos, passaõ sem

Tom. 7.

castigo: porèm dizendose delle tantas virtudes, tantas grandezas, tantas façanhas, tantas excellencias, andou como prudente em se homiziar, em fugir; porque todas essas excellencias, & grandezas eraõ crimes contra a pessoa, & privados de Achís, & delitos sem perdaõ contra as leys da inveja. Considero eu, que ha mandamentos da ley da inveja, assim como ha Mandamentos da Ley de Deos. Os Mandamentos da Ley de Deos dizem, Não matarás, Não furta-rás, Não alevantarás falso testemunho: os mandamentos da ley da inveja dizem, não serás honrado, não serás rico, não serás valente, não serás sabio, não serás bem disposto, & tambem dizem, não serás bom Prègador: & se acaso Deos vos fez merce, que soubes- seis pòr os pès por hũa rua, que soubes seis apertar na mão hũa espada, que fos- seis discreto, generoso, ou rico, ou honrado; no mesmo póto tivestes culpas no

Kk

tri

tribunal da inveja, porque peccastes contra os seus mandamentos. Por estas culpas esteve tão arriscado David, por estas foi hoje condenado seu filho Christo, que assim lhe chamárao as Turbas no Evangelho: *Hosanna filio David*. Era grande Prêgador, fazia muitos milagres, dava faude a enfermos, resuscitava mortos, & como estas excellencias, ou estas culpas estavao provadas com os applausos, com as acclamaçoens, com o amor, & seguimêto dos povos, *multi abibant ex Iudaeis, & credebant in Iesum*. Confirmou-se o primeiro decreto, & sahio a segunda sentença, que morra Christo, *ut & Lazarum, idest, ut Christũ, & Lazarum interficiant*.

§. III.

467 **B**Em està, ou mal Bestà : porèm a Lazaro porque o cõdenaõ? Não lhe neguemos sua defença natural. Seo conde-não, como dizem, porque

o resuscitou Christo : que culpa he ser hum homem resuscitado ? Taõ longe esteve de culpa neste caso, que nem a teve em acto, nem em potencia, nem a teve, nem a pode ter. Curou Christo hum moço cego de seu nascimento, & perguntárao os Discipulos, cuidando que excitavaõ hũa questaõ de grande habilidade: *Domine, quis* Joann *peccavit, hic, aut parentes* 9.2. *ejus, ut cæcus nasceretur?* Senhor, por cujos peccados nasceo este moço cego, pelos seus, ou pelos de seus pays ? Rimse muito desta pergunta os Expositores, & em particular Theophilacto, porque se o moço nascéra cego por seus peccados, seguirsehia que peccára antes de nascer: & que maior disparate pôde dizerse, ou imaginar, que ter hum homem peccados, antes de ter ser: ser peccador antes de ser homem? Não menos innocente que isto estava Lazaro. Estava morto, quando Christo o resuscitou,

tou, & por beneficio do não ser estava impeccavel. Assim que podemos dizer delle neste caso, o que de Eurialo disse seu grande amigo Niso: *Nihil iste, nec ausus, nec potuit*, Nem teve culpa, nem a pode ter: innocente em acto, & em potencia. Mas com ser assim, são tão linceos os olhos da inveja, que nestes impossiveis de peccado descobrião, & achárao culpas dignas de morte, *ut & Lazarum interficerent*. E porque? *Quia* [eis aqui a culpa] *quia multi propter illum credebant in Iesum*: Porque muitos por causa, ou por occasião delle crião em Jesu.

468 Fizerao conselho sobre Joseph seus irmãos: sahio delle que morresse, & quasi com as mesmas palavras, que temos no Evangelho, o refere a Escritura: *Cogitaverunt eum occidere*. Sabida a causa, era porque o amára Jacob particularmente, & além da samarra, ou pellote do campo com que hia guardar as ovelhas

como os demais, fizeralhe o pay hũa tunica, ou pello-te, não sei de que estofasi-nha melhor, *tunicam polymitam*, com que aparecia os dias de festa na Aldea menos pastor que os outros. Ah quantos Josés destes ha hoje no mundo! invejados, murmurados, perseguidos, porque? Porque lhes deo a fortuna có que trazer hũa capa melhor que a vossa. Assim estava condenado o innocente moço, quando trouxe sua ventura por alli hum mercador Ismaelita, que prometeo por elle vinte reales, & os cobiçosos irmãos, que erao dez, por quatro vinteins, que cabiaõ a cada hum, vendérao a seu irmão, & as suas consciencias.

469 Tinhaõlhe já despedido a tunica causa das invejas, & não tinha bem virado as costas Joseph, quando os vendedores arremetem a ella, & a começaõ a fazer, ou desfazer em pedaços. Parai ahi ingratos irmãos, parai, & respondei-

me, que quero arguirvos. Não está já vendido Joseph? Vossa colera não está já vingada? Vossa fereza não está já satisfeita? Essa tunica que culpa tem, ou que culpa pode ter? Porque a fazeis em pedaços? Bem fei, que não haveis de ter boca para me responder, mas responderá por vós Ruperto Abbade: *Fraternæ gloriæ monumentum impeccabile* (notai muito aquelle *impeccabile*) *Fraternæ gloriæ monumentum impeccabile laceratur: adeo nec morte, nec venditione satiatur invidia*. Nenhuma culpa tinha a tunica de Joseph, que mal a podia ter a seda, ou lãa insensível, sem vida, sem alma, sem vontade. Com tudo nesta incapacidade natural, & neste impossivel de culpa, achárao hũa os invejosos irmãos, & foi, ser instrumento da gloria de Joseph: *Fraternæ gloriæ monumentum*. Era prenda da particular affeição de Jacob, era gala com que Joseph se authorizava, com que luzia

mais que os irmãos, com que grangeava respeito nos estranhos, & isto lhe bastou por culpa, para sem culpa a despedaçarem: *Monumentum impeccabile laceratur*. Não fei se se poderia achar em toda a Escriitura passo que mais ao vivo declarasse o que temos entre mãos. Nenhũa culpa tinha cometido Lazaro, antes nem a podia ter quando o resuscitou Christo, como vimos, & nesta grande innocencia, antes nesta impeccabiliidade soube a inveja descobrir culpas, & culpas dignas de morte, que foraõ, ser instrumento das glorias de Christo: *quia multi propter illum credebant in Iesum*. Fora famosa, & mais que todas, a resurreição de Lazaro, admirandose, & pasmando a gente de ver passar pelas ruas de Jerusalem o que tinham visto de quatro dias morto na sepultura, & como toda esta admiraçam redundava em fama, & gloria do resuscitador, por ser instrumento da gloria desta

desta fama , condenaõ a Lazaro a perder a vida: *Ut & Lazarum interficerent.* Bem assim como a inveja dos irmãos de Joseph, nam contente com se vingar nelle, passou a executar a vingança na tunica innocente: *Adeo nec morte, nec venditione satiatur invidia.*

§. IV.

470 **P**Ronúciada cõtra Christo, & contra Lazaro esta tão injusta sentença, como a innocencia quanto mais cala, então allega melhor por sy diante de Deos, servio este silencio de appellação ante seu divino tribunal. Não tardou muito o despacho (que no juizo do Ceo não ha dilações) & o que sahio nelle foraõ dous decretos contra os dous dos Pontifices nesta maneira. O primeiro, que a sentença dada contra Lazaro senaõ executasse: que ficasse só em intentos; *Cogitaverunt.* O segundo, que Christo entrasse ao outro Tom. 7.

dia por Jerusalem triunfando, recebido com palmas, & acclamado do povo: *Acceperunt ramos palmarum, & processerunt obviam ei.* Assim o diz o Thema. Mas vejo que me arguem. Não tinha eu prometido ao principio, que na revogação das sentenças, ficariaõ os Juizes condenados? Onde estão estas condenaçoens? Onde estão estas penas? Essa he a graça, serem-no, & nam o parecerem. Não se executar a morte de Lazaro foi a primeira pena: entrar Christo por Jerusalem triunfando foi a segunda. Vejamos a primeira, logo passaremos à outra.

471 Estava Job cuberto de lepra com as dores, & trabalhos, que tantas vezes se tem repetido nos Pulpitos, & nunca assáz exagerado, começa a queixar-se, & dizer assim: *Dies mei transierunt, cogitationes meae dissipatae sunt, torquentes cor meum.* Passáraõse meus dias, & os contentamentos que nelles tinha

Job. 17.
11.

tambem se passáraõ , que para não durarem muito , bastava serem meus, *Dies mei*: alguns intentos que tive, *cogitationes meae* , abortoumos a fortuna, não chegáraõ a ter execuçaõ, *dissipatae sunt* , & isto, diz Job, he a maior pena que padeço , porque quantos foraõ entaõ effes intentos, tantos verdugos tenho agora, que me atormentaõ a alma, *torquentes cor meum*. Não acabo de me admirar, que hum homem, que tanta razão tinha de saber avaliar tormentos, sahisse com semelhante queixa. E bem, exemplo da paciencia, taõ mimoso andais vós da fortuna, que de cousas taõ poucas vos queixais tanto? Não tendes perdas de fazenda, mortes dos filhos, ruina da casa, & do estado, dores, tristezas, desemparos, miserias, o corpo feito hũa chaga viva ; que tem que ver com tudo isto os intentos não executados, para só vos queixardes delles , *Cogitationes meae dissipatae sunt* ? Fallou co-

mo grande Mestre de paciencia. Tinha tomado os pulsos Job a tudo, o que he dor, a tudo o que he pena, a tudo o que he tormento, & porque achou, que nam ha dor taõ excessiva , pena taõ cruel, tormento taõ infofrivel como hum pensamento frustrado, hum intento sem execuçaõ ; por isso tendo tanto de que se queixar, só se queixa de se frustrarem seus pensamentos, & de seus intentos se não executarem , *Cogitationes meae dissipatae sunt*. Como era taõ difficultoso o credito deste encarecimento, não o quiz fiar Job dos Expositores, elle se fez cômentador de sy mesmo no verso seguinte : *Si sustinuerò, infernus domus mea est. Putredini dixi : Pater meus es; mater mea, & soror mea, vermibus*. Não cuide alguém, diz , que são hyperboles, ou exageraçoes fantasticas o que digo, porque de verdade he o tormento que padeço taõ infofrivel, & taõ desesperado, que se durar mais hum

Job 13.
13 14.

pouco, *Si sustinero*; bem me podem abrir a cova. O que os mortos sem padecer exprimentaão na sepultura, isso he o que executaão em mim os meus pensamentos: porque nam ha corrupção, que tanto penetre, & desfaça, não ha bichos, que tanto comão, & carcomão hum cadaver, como os mefmos pensamentos me estão mordendo o coração, & roendo a alma: & o peor he, que não acabão de matar, mas matandome me estão gerando outra vez, como se foraõ meu pay, & minha mãy, para mais penar: *Putredini dixi: Pater meus es tu; mater mea, & soror mea, vermibus*. Comparemos agora o *cogitationes meae* de Job, com o *cogitaverunt* dos nossos Juizes: & veremos se ficáraõ cõdenados. Tiverão intentos de matar a Lazaro, *Cogitaverunt ut Lazarum interficerent*, ficárão effes intentos no ar, nam chegarão a ter execuçaõ, *Cogitationes meae dissipatae sunt*, & assim não executados foram os

verdugos, que lhe apertarão o garrote à alma, *torquentes cor meum*, executando nelles a sentença de Deos, sentença não menos que de morte, & sepultura: *Si sustinero, sepulchrum domus mea est*.

472 Satisfaçamos agora aos curiosos. Supposto que foi sentença de morte esta, & as de morte são tão varias, perguntarme haõ, que genero de morte foi? O nome não lhe saberei eu dar, mas digo, que he húa morte da casta daquellas, que por mais penar não matão, húa morte interior, que se sabe sentir, mas não se sabe explicar, tão rigorosa, tão cruel, que se Deos mandára pendurar de hum pào todos estes Principes dos Sacerdotes contra os foros de sua dignidade, muito mais benigna, & piadosa fora a sentença. Deo Achitofel hum conselho a Absalam, com que sem duvida ficaria desbaratado seu pay David, contra quem o ingrato filho se levantára, não o aceitou Absalam por permissaõ do

KK iiij Ceo,

Ceo, & tomou outro bem diferente, q̄ lhe deo Cusai. Tanto que Achitofel vio isto (ouvi hum caso raro, & espantoso) poemse a cavallo, partese para sua casa, faz seu testamento, deita hum laço a húa trave, enforcase: *Abijt in domum suam, & disposita domo sua, suspendio interijt.* Muitas questoes se podê levantar sobre este caso. A dos Canonistas bem à mão està, & he, se se havia de enterrar este homem em sagrado, ou não? A Escritura diz, que o enterrárao na sepultura de seu pay: *Sepelierunt eum cum patribus sui*; mas isto nam faz argumento, porque naquelles tempos nem as sepulturas estavão nas Igrejas, nem havia ainda o Capitulo *Placuit*; & dado que húa, & outra cousa fora, entre todos os Santos & Doutores, que escrevérao sobre o passo, só hum Rabino diz, que não estava Achitofel em seu juizo. Se assim he (agora entra a minha questão) se estava em seu juizo Achitofel, co-

mo fez húa acção tão desafizada, como he enforcase hum homem com suas proprias mãos? Disse-o a sagrada Escritura, & he prova maravilhosa do nosso intento: *Videns quòd non fuisset factum consiliū suum, abijt in domum suam, & suspendio interijt.* A unica, & total razão, porque se enforcou Achitofel, diz o Texto, foi, *Videns quòd non fuisset factum consilium suū.* Porque vio, que não fora executado seu conselho. Quem dera credito a tal causa, por mais Doutores que o disserão, se o mesmo Espírito Santo o não affirmára! Tão cruel executor he hum conselho não executado, taes dores, taes penas, taes tormentos causa, na alma de quem o considera, q̄ estádo hum homem em seu inteiro juizo, escolhendo segundo as regras da prudencia do mal o menos, teve por melhor morrer a suas proprias mãos agonizando em húa força, que viver padecendo os rigores de hum tormento taó desesperado. Assim o

exprimou Achitofel, & para que assim o exprimê-
tasssem os invejosos Pon-
tífices, ordenou Deos, que
naó chegasse a ter execu-
ção o conselho, que entre
fy tomáraó, de tirar a vida
a Lazaro, ficando nelles
esse mesmo conselho nam
executado, por executor
da mesma morte, ou por
ventura, de outra mais
cruel, que a que lhe deter-
minavão dar: *Cogitauerunt
Principes Sacerdotum ut &
Lazarum interficerent.*

§. V.

473. **C**ondenados te-
mos os Juizes
pela primeira sentença in-
justamente dada contra
Lazaro. A injustiça da se-
gunda dada contra Chri-
sto era muito mais atroz: &
para que o fosse tambem
em a pena, & o castigo,
mandou Deos, como di-
ziamos, que entrasse o Se-
nhor por Jerusaleem triun-
fando: *Acceperunt ramos
palmarum, & processerunt
obviamei.* Fundase o rigor

desta pena em hũa vilania
da condigão natural dos
invejosos, com que mais
sentem os bens alheos, &
suas glorias, que os males,
& tormentos proprios. En-
trou Christo Senhor nosso
hum dia no Templo de Je-
rusalem, & vendo que se
estavão alli vendendo pô-
bas, cabritos, cordeiros, &
ainda novilhos, indignado
de tamanho desacato, to-
ma as cordas, com que vie-
raó atados aquelles ani-
maes, faz dellas huns co-
mo azorragues, começa a
açoutar os que compra-
vão, & vendião. Compras,
& vendas feitas na Igreja
castiga-as Deos por sua
propria mão: & não come-
te a outrem a execução de
semelhantes delitos: sem
reparar em sua authorida-
de. Mas cuidava eu, que se
aggravarião muito estes
homens de se verem tão
aspera, & tão baixamente
tratados por Christo, &
que quando não chegaf-
sem a lhe pôr as mãos, ao
menos o blasfemassem.
Fui porèm ver o Texto, &
achei,

achei, que nenhũa mã palavra differão contra o Senhor, não o reconhecendo portal. Comparando pois este passo com outros de sua vida mui diferentes, faz esta pôderação S. Joáo Chrysofomo. Se quando Christo farou o mudo, o accusarão por endemoninhado: Se quando Christo deo vista a hum cego, o querião apedrejar: Se quando refuscita a Lazaro, dão contra elle sentença de morte: como agora que os açouta, & os trata como escravos, nem se quer hũa mã palavra dizem contra Christo? Como o não accusaõ, como o não apedrejaõ, como o não mataõ? Divinamente o Santo Padre: *Animadvertis invidiã incredibilem, & quonam pacto in alios collata beneficia magis eos irritabant?* Não vedes, diz Chrysofomo, a vilania destes invejosos, que mais se doião dos bens alheos, que dos males proprios? Sarar Christo enfermos, dar vida a mortos, erão bens alheos, por isso

o sentiãõ tanto, que querião apedrejar a Christo, & tirarlhe a vida: açoutallos Christo a elles, & tratallos como escravos, erão males proprios, por isso o sentiãõ tão pouco, que nem huma só mã palavra differão cõtra o mesmo Christo. Mais. Os milagres, que Christo obrava, erão fama, & gloria para Christo, os açoutes com que os castigava, erão pena, & afronta para elles, mas como era gente invejosa, mais sentiãõ a fama, & gloria de Christo, que as penas, & afrontas suas: excessõ verdadeiramente da inveja, não só admiravel, mas incrivel, *invidiam incredibilem*. Parecerã encarcerimento a confirmação que hei de dar a este passo, mas tem bom fiador.

474 Ardia no Inferno o Rico Avarento, & vendo dalli o pobre Lazaro no Seyo de Abraham, disse assim: *Pater Abraham, miserere mei, & mitte Lazarũ, ut intingat extremum digiti in aquam, ut refrigeret linguam meam.* Pay Abraham,

Luc. 16.
24. 28.

ten-

tendê compaixão de mim, mandai a Lazaro, que molhe a ponta do dedo na agua, & me venha refrigerar a lingua. Não lhe deferio Abraham a gosto; mas como da avareza he tão proprio o pedir, como o não dar, tornou o Avarento a fazer segunda petição: *Rogote pater, ut mittas eum in domum patris mei, habeo enim quinque fratres, ut testetur illis, ne & ipsi veniant in hunc locum.* Rogovos muito, Pay Abraham, que ao menos mandeis a Lazaro a casa de meus irmãos, que lhe diga o que por cá passa, para que não se condenem. Ou eu me engano, ou estas petições dizem hũa cousa, & pertendem outra. Se as labaredas do Inferno são tão grandes como sabemos, & o Avarento o sabia por experiencia, como he possível, que tivesse para sy, que as podia refrigerar tão pouca agua, quanta pôde levar a ponta de hum dedo? Mais. Se no Inferno não pôde haver carida-

de, nem amor, que se lá o ouvera, não fora Inferno, fora Paraíso: como he possível, que tivesse este condenado tanto amor para com seus irmãos, que lhe queira mandar Prêgadores da outra vida, para que se convertão? Quanto mais, que para o refrigerar do incendio, qualquer outro o podia fazer tão bem como Lazaro: & para prêgar a seus irmãos, muitos outros o podião fazer melhor que elle. Qual he logo a razão, porque em hũa, & outra proposta sempre insiste unicamente em que vá Lazaro; em hũa, *Mitte Lazarum*, em outra, *Rogo ut mittas eum*? O caso he, que nenhũa destas cousas pertendia o Avarento, & todo o seu intento, & teima, era tirallo do Seyo de Abraham, & fazer, que ao menos por algum tempo não gozasse o descanso em que o via. He sutileza de S. Pedro Chrysologo, & a razão não só tão delicada, mas tão natural como sua: *Quod agit dives, non est novelli*

velli doloris, sed livoris antequi: zelo magis incenditur, quàm gehenna. Sabeis, diz Chrysologo, porque busca o Avarento tantas traças, & invençoens, para que faya Lazaro, se quer por hum breve espaço, do Seyo de Abrahão? He porque se està comendo de inveja, porque vê agora em tanta felicidade, o que noutro tempo vio em tanta miseria: *Zelo magis incenditur, quàm gehenna.* Aqui vai o futil do pensamento. O Avarento està no Inferno, mas o Inferno do Avarento mais està no Seyo de Abraham, que no mesmo Inferno. Porque mais o atormenta no Seyo de Abraham o descanso, & felicidade, que alli està gozando Lazaro, que no fogo do Inferno as mesmas chamas, em que elle està ardendo. Pedia que sahisse Lazaro do seu descanso, & que trouxesse agua para o refrigerar, & o refrigerio estava naõ na agua, que havia de trazer, senam no descanso, de que havia de

sahir. Como era invejoso, mais o abrazavaõ as glorias alheas, que via, que os Infernos proprios, em que penava: *Zelo magis incenditur, quàm gehenna.* Este foi o genero de castigo a que a divina Justiça condenou os injustos Principes dos Sacerdotes mui conforme a quem elles eraõ. Eraõ invejosos, como vimos, & porque nenhũa pena os havia de atormentar tanto como as glorias de Christo, entra o Senhor diante de seus olhos em Jerusaleem triunfando com hũa universal acclamação de filho de David, & Rey de Israel, com hum perpetuo victor nas bocas, & nas mãos de todos: *Acceperunt ramos palmarum, & processerunt obviam ei.*

475 Bem pudéra eu dizer, que foi este maior castigo, que se Deos lhe mandára dar cem açoutes, como pelas ruas publicas os negociantes do Templo: bem pudéra dizer, que foi maior castigo, que se os lan-

lançasse logo nas chamas do Inferno, como o Rico Avarento ; mas em parte quero ir menos rigoroso, por ir mais proprio. Sabida cousa he, que a pena a que os Juristas chamaõ *Talionis*, he entre todas a mais proporcionada. Digo pois, que foi esta pena dos Pontifices, pena , & tormento de Cruz. Elles quizerão crucificar a Christo, & Christo crucificou-os a elles. Não he meu o pensamento, ou a sentença, senão do grande Padre da Igreja S. Agostinho: *Quam cruce[m] mentis invidentia Judæorum perpeti poterat, quando Regem suum Christum tanta multitudo clamabat.* Que vos parece que foi para os invejosos Pontifices entrar Christo por Jerusale[m] triunfante? Que vos parece q̄ foi , diz Agostinho, senão crucificalos? Aquellas acclamaçoens do povo eraõ os pregoens, que hiaõ diante publicando o delito de sua injustiça : aquellas palmas, que levavaõ nas mãos, eraõ

as cruces, em q̄ invisivelmente hiaõ crucificados na alma, *cruce mentis*. Bem lembrados estareis da historia de Aman privado del Rey Assuero. Mandou Aman levantar hũa Cruz para crucificar nella a Mardocheo, só porque hũa vez senão levantou passando elle. A taes soberbas, & insolencias chegaõ os privados de quem nam sabe ser Rey. Porẽm trocou a fortuna as mãos, revogou-se a sentença em outro tribunal superior, & o crucificado foi o Aman. Assim aconteceu aos Principes dos Sacerdotes. Elles no seu tribunal quizerão crucificar a Christo, porẽm o tribunal divino em pena de sua injustiça, ordenou que nelles se executasse a sua sentença, & que fossem elles os crucificados, nam em hũa só cruz, porque eraõ muitos, senão em tantas cruces, quantas foram as palmas do triunfo de Christo: *Acceperunt ramos palmarum, & exierunt obviam ei.*

§. VI.

476 **T**enho côcluido com o Evangelho, & satisfeito ao que prometi. Restame dar satisfação ao lugar em que estou, q̄ he o do Desterro, cuja devação neste sabbado ferial convocou a elle tão grande Auditorio. Cõfiderei devagar, que parte deste discurso lhe acomodaria. E porque nenhuma achava, que lhe servisse, detẽrnei fazerme hum assinte a mim mesmo, & acomodarlho todo. Tudo quanto atẽqui tenho dito, foi hũa representaçãõ do que passou no desterro de Christo. Para intelligencia desta consideraçãõ havemos de suppor, que os Juizes, que condenãõ a Christo à morte, quando o Eterno Padre lha comutou em desterro, nam foi sò Herodes, como parece, senão Herodes, & juntamente o Demonio. Provo.

*unum adversus Dominum,
& adversus Christum ejus.*

Ajuntáraõse os Reys da terra, & uniraõse era votos os Principes contra Christo, diz David: & nam he pequena a difficuldade desta Profecia. Se a entendemos da morte, que Christo com effeito padeceo, nam ouve entãõ mais que hum Rey, que foi Herodes: se a entendemos da morte, que lhe quizerão dar quando nascido, da mesma maneira não ouve mais que hum Rey, que foi tambem Herodes (não já o mesmo, senão outro do mesmo nome: que hum tyrano, que perseguio innocentes, nam havia de viver trinta & tres annos.) Diz agora S. João Chrysofostomo: *Nunquid Herodes Reges?* Por ventura Herodes he muitos Reys: Herodes he muitos Principes? Claro està, que não: pois se he hum sò Rey, & hum sò Principe, como diz David, que se ajuntáraõ, & se uniram Reys, & Principes contra Christo: *Assiterunt Reges terra,*

Psalm. 2. Assiterunt Reges terra, & Principes convenerunt in

terra, & Principes convenerunt in unum? A resposta do mesmo Santo Padre he o que eu dizia: *In Rege Herode peccati quoque Regem ostendit.* Olhava David com olhos profeticos, que vem o visivel, & invisivel, & por isso diz, que se juntaraõ Reys, & Principes contra Christo; porque os que o condenarãõ à morte, não foi sô Herodes, senãõ Herodes, & mais o Demonio. Herodes Rey de Judea, o Demonio Rey do peccado: Herodes Principe da terra, o Demonio Principe do Inferno: *In Herode peccati quoque Regem ostendit.* E se bem considerarmos o motivo que Herodes, & o Demonio tiverãõ para querer tirar a vida a Christo, & aos innocentes na occasiãõ de seu desterro; acharemos, que he a mesma, com que a inveja moveo os Principes dos Sacerdotes a querer matar não só ao resuscitador, senãõ tambem ao resuscitado. Estes, porq̃ viaõ a Christo reconhecido, &

acclamado por Rey de Israel, & que muitos criaõ nelle: *Multi abibant ex Iudeis, & credebant in Iesum;* & Herodes, & com elle o Demonio, porque já o começavaõ a ver em seu nascimento buscado, & venerado dos Reys do Oriente, & dentro da Corte do mesmo Herodes acclamado por Messias, & Rey dos Judeos: *Ubi est qui natus est Rex Judæorum.*

477 Vista a semelhança da condenação de Christo no tribunal dos homês, seguese ver a condenação dos Juizes no tribunal de Deos com a mesma propriedade. A primeira pena a que Deos condenou os Principes dos Sacerdotes foi, como vimos, que ficassem frustrados os seus intentos: & tal foi tambem a de Herodes. Disse Herodes aos Magos: *Ite, interrogate diligēter de puero: Ide, informaivos donde està esse minino que dizeis: Et cum inveneritis, renuntiate mihi,* E como o achares avisai-me, *ut & ego veniens*

ado-

Joann.
12.11.

Matth.
2.2
Ibid 8.
Ibid 16.

adorem eum, para que eu tambem o vâ adorar. Isto pronunciava Herodes cõ a boca, & com o coração dizia: Ide, informai-me, que eu lhe tirarei a vida, & mil vidas (como tirou a tantos mil innocentes.) Mas que fez Deos? Ou por hũ Anjo, ou por sy mesmo avisou aos Magos, que voltassem por outro caminho: & quando o Tyrano vio seus intentos frustrados, *Videns quoniam illusus esset à Magis*, diganos o mesmo S. João Chrysoftomo, qual ficou. São palávras, que se as mandamos fazer de encomenda, não vieraõ mais medidas com o intento: *Considera quenam Herodem pati probabile fuerit, qui certè suffocari etiam præ indignationis magnitudine potuit, cum se ita illusum atque irrisum videret.*

A pena que Herodes sentio vendõ suas traças desvanecidas, & seus intentos frustrados, considere-o que sabe que coufa he a inveja, que explicar-se com palávras não he possível. Mil

vezes quizera tomar hum laço, & enforcar-se (digno castigo daquella cabeça tão indignamente coroada,) & he maravilha como a mesma dor colerica, que o fazia raivar, lhe não desfe hum nõ na garganta, & o afogasse. Là disse a Escritura de Achitofel: *Videns quòd non fuisset factum consilium suum, abiit, & suspensio interijt.* È da mesma maneira diz Chrysoftomo de Herodes: *Videns quoniã illusus esset à Magis, suffocari etiam præ indignationis magnitudine potuit.* E nõs vejamos agora se he igual a condenação de Herodes com a dos Principes dos Sacerdotes. Elles condenados a ficarem os seus intentos só em intentos: *Cogitaverunt Principes Sacerdotum ut & Lazarum interficerent.* & elle condemnado a ficarem frustrados os seus, & zombarem delle os Magos: *Videns quoniam illusus esset à Magis.*

478 A segunda pena coube ao segundo Juiz o Demonio: & foi, ver entrar a Chri-

Isai. 19.
1.

a Christo triunfante no Egypto, como os Principes dos Sacerdotes verem o seu triunfo por meyo de Jerufalem. Pintanos isto maravilhosamente o Profeta Ifaias: *Et ascendet Dominus super nubem levem, & ingredietur Egyptum.* Sobirà o Senhor, & entrará pelo Egypto, levado como em carro triunfal em hũa nuvem leve. Esta nuvem leve (diz S. Ambrosio) he a Virgem Santissima, Mãy do mesmo Senhor minino, que o levou em seus braços ao Egypto: nuvem, porque ella hea que nos defende dos rayos do Sol de Justiça, & leve, porque nella só entre todas as criaturas nunca ouve peso de peccado. E que succedeo ao Demonio á vista deste triunfo? O mesmo Profeta o diz: *Et commovebuntur à facie ejus simulacra Egypti.* E à vista desta entrada triunfante cahirão derribados por terra todos os Idolos do Egypto. Assim foi, porque assim como o desterrado minino, tendo

escapado das mãos de Herodes, hia entrando vivo, & triunfante nos braços da Mãy pelas ruas do Egypto, ao mesmo passo dentro dos Templos, & derrubados dos Altares hiaõ caindo as imagens dos falsos Deoses, em que o Demonio era adorado, desfeitas em pô, & em cinza.

479 He Theologia certa, que quando Deos lançou do Ceo os Anjos máos, huns foraõ parar no Inferno, & outros ficáraõ nesta Região do ar, aos quaes por isso chama S. Paulo *Aereas potestates*. De sorte, que neste mesmo lugar nos estão ouvindo muitos Demonios, & queira Deos, que sejaõ só os que senaõ vem. Dà a razaõ deste conselho divino, divinamente S. Bernardo: *Diabolus in partem suam locum in aere medium inter Cælum, & terram sortitus est, ut videat, & invideat, ipsaque invidia torqueatur.* Quer dizer: Para maior tormento do Demonio lhe deo Deos este carcere livre do ar, elemen-

to meyo entre o Ceo , & a terra, porque vendo subir os homés da terra ao Ceo, & desta Igreja Militante, onde os persegue, ir gozar da gloria na Triunfante; a vista, & inveja deste triumpho lhe sirva de maior Inferno aos que ficáraõ, que aos que là estão penando. Já ouvimos a S. Pedro Chryfologo , que menos pena davão ao Rico Avarento as labaredas do Inferno em q̄ padecia, que as glorias, que Lazaro gozava no Seyo de Abraham: & este foi o castigo, mais que do proprio Inferno, a q̄ Deos condenou o Demonio, no mesmo desterro com que livrou de suas mãos a seu filho; para que vendo o entrar triunfante pelo Egipto, penasse mais, & se desfizesse de inveja, assim como se desfizeraõ os marmores, & bronzes das imagens, & simulacros em que era adorado: *Et commovebuntur à facie ejus simulacra Egypti.*

§. VII.

480 **A** Cabei. E suposto que tenho satisfeito ao Evangelho, & ao lugar; algũa justiça parece que me fica para pedir ao Auditorio a mesma satisfação. No Evangelho temos a Christo triunfante em Jerusalem: naquelle Altar temos a Christo triunfante no Egipto: justo he, Senhores, que entre tambem Christo triunfando, ou pelo Egipto, ou pela Jerusalem de nossas almas. Que outra cousa he hũa alma, onde está levantado altar a Venus, idolo da torpeza: onde se fazem sacrificios a Marte, idolo da vingança: onde he adorado Jupiter, idolo da vaidade: que cousa he, digo, hũa alma destas, senão hum Egipto idolatra? Entre pois Christo triunfando pelo Egipto desta alma: *Et cõmoveantur à facie ejus simulacra Egypti*, & cayão, & renderão se a seus pès todos esses idolos.

idolos. Caya a torpeza, caya a vingança, caya a vaidade, & acabemse idolatrias tão pouco Christãs. Que cousa he por outro modo hũa alma, onde reyna a ambição: onde dà leys a inveja: onde manda tudo o odio: que cousa he, torno a dizer, hũa alma destas, senão hũa Jerusalem depravada, & perdida, & onde por odio, por ambição, & por inveja se dà sentença de morte contra o mesmo Christo? Ora, pois, Jerusalem, Jerusalem, *convertere ad Dominum Deum tuum*, acabemse odios, acabemse invejas, acabemse ambiçoens: cayão todos esses vicios aos pès de Christo, & levantemse palmas nas mãos em final da vitoria: *Acceperunt ramos palmarum, & exierunt obviam ei.*

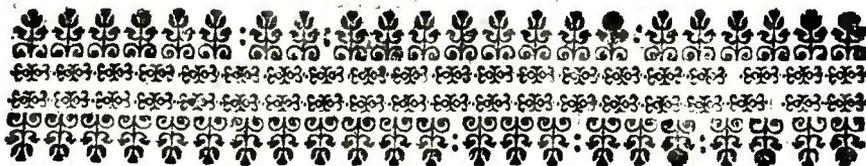
481 Não duvido que o fação assim todos os que tem nome de Christãos, não movidos da efficacia de minhas razoens, mas obrigados da santidade do tempo. Entramos na So-

mana Santa, em que nenhum Christão ha de tão fraca Fè, & de tão fria piedade, que senão lance rendido aos pès de Christo. O que porèm quizera eu encomendar, & saber persuadir a todos he, que nos não aconteça, o que aconteceu aos que acompanhárao a Christo no seu triumpho. He advertencia de S. Bernardo. Quando o Senhor hia passando pelas ruas de Jerusalem, tiravao muitos as capas dos hombros, para que o Senhor passasse por cima dellas; porèm tanto que o mesmo Senhor tinha passado, tornava cada hum a levantar a sua capa, & polla outra vez | aos hombros como dantes. O mesmo nos acõtece a nós nesta Somana. Despimos, ou parece que despimos os máos habitos de nossos vicios, lançamos aos pès de Christo, para que passe por cima delles com a Cruz às costas; porèm tanto que passou, tanto que se acabou a Somana Santa, & chegou a

Paschoa , torna cada hum aos mesmos vicios , & a revestirse delles, como se já não foraõ peccados. Oh sepultemos para sempre com Christo morto , & deixemos esses máos habitos, como Christo deixou as mortalhas na sua sepultura. Façamos diante daquella Senhora huns propósitos , & resoluçoens muito firmes de ser perpetuos escravos seus , & de seu bēditissimo Filho: seguindo-o, & servindo-o sē-

pre, & em qualquer parte: ou no Egypto, como desterrados deste mundo, ou em Jerusalem, como mortos ao mesmo mundo: não havendo trabalho , ou felicidade, nem fortuna tão prospera, ou adversa, que nos aparte de seu serviço, de sua obediencia , de seu amor, & de sua graça, para que vivendo , & morrendo com elle, & por elle, o acompañemos na vida, onde não ha morte, por toda a eternidade. Amen.





S E R M A M

D E

S. JOAM BAUTISTA,
 NA PROFISSAM DA SENHORA MADRE
 Soror Maria da Cruz, filha do Excellentissimo Du-
 que de Medina Sydonia, Religiosa de S. Francisco,
 no Mosteiro de N. Senhora da Quietação, das
 Framengas, em Alcantara.

ESTEVE O SANTISSIMO SACRAMENTO
 exposto. Anno de 1644.

Elisabeth impletum est tempus pariendi, & peperit filium. Et audierunt vicini, & cognati ejus, quia magnificavit Dominus misericordiam suam cum illa, & congratulabantur ei. Et venerunt circumcidere puerum, & vocabant eum nomine patris sui Zachariam. Et respondens mater ejus, dixit: Nequaquam, sed vocabitur Ioannes. Luc. c. i.

S. I.

SENHOR.



O dia em que nasce a Voz de Deos, justamente emudecê as

vozes dos homens. Admirações emudecidas são a retorica deste dia: *Mirati sunt universi*; pasmos, & assombros são as eloquencias desta acção: *Factus est timor super omnes vicinos*

Tom. 7.

L iij

eo

eorum. He dia hoje de fallarem os coraçõens, & de callarem as linguas: por isso a lingua de Zacharias emudeceo, por isso os coraçõens dos Montanhezes fallavaõ: *Posuerunt in corde suo dicentes*. E se em qualquer dia do grande Bautista he perigoso o fallar, & os discursos mais discretos saõ os que se remetẽ ao silencio; que serã hoje no cócurso de tantas obrigaçoens, em que as causas do temor, & os motivos da admiração se vem taõ crecidos? Se toda a razaõ dos assombros no nascimento do Bautista era verem que dava Deos a hũa alma a mão de amigo: *Etenim manus Domini erat cum illo*; quanto mais deve assombrar hoje nossa admiração, ver que dà Deos a outra alma a mão de Esposo: *Etenim manus Domini erat cum illa*? Bem sei que

Origen.

disse Origenes, que dar Deos a mão ao Bautista foi desposarse com sua alma: mas muito vai de desposorio a desposorio, porque

vai muito de lugar a lugar. Desposarse Deos nos desertos, he cousa ordinaria; mas desposarse Deos nos Palacios: Deos desposado no Paço! Maravilha grande. He caso este, em que acho contra mim todas as Escrituras.

483 Se lermos o Profeta Oseas, acharemos, que querendo Deos desposarse com hũa alma, disse, que a levaria primeiro a hũ deserto: *Ducam eam in solitudinem, & loquar ad cor ejus*. Se lermos o Profeta Jeremias, acharemos, que lembrando Deos a Jerusaleem o tempo, que com ella se desposara, advertio, que fora noutro deserto: *Charitatem desponsationis tuae, quando secuta es me in deserto*. Se lermos os Cantares de Salamaõ, acharemos, que os desposorios daquella alma, sobre todas querida de Deos, num deserto se trataraõ, noutro deserto se cóseguiraõ: *Qua est ista, quae ascendit per desertum*, diz no cap. 3. *Qua est ista, quae ascendit de deserto innixa super*

Osee 2.

Jerem. 2.

Cant. 3.

Cant. 8.

super dilectum suum, diz no cap. 8. Mas para que he multiplicar Escripturas, se o mesmo Esposo, que está presente, nos póde escusar a prova? O mysterio em que Deos mais propriamente se desposa com as almas he o Sacramento soberano da Eucharistia. Porq̃ nelle (como gravemente notou S. Agostinho) por meio da uniaõ do corpo de Christo se verifica entre Deos, & o homem, *Erunt duo in carne una*. E se buscarmos os lugares em que Deos figurativamente celebrou estes desposorios, acharemos, que os principaes, assim no Velho, como no Novo Testamento, foraõ desertos. A principal figura do Sacramento no Testamento Velho foi o Mannà, durou quarenta annos, & todos foraõ de deserto: *Patres nostri manducaverunt Mannà in deserto*. A principal figura do Sacramento no Testamêto Novo, foi o milagre dos cinco paens, & o milagre dos sete, & ambos succedêraõ no

deserto: *Desertus locus est, & non habent quod manducant. Vnde eos quis potest híc saturare panibus in solitudine?* Pois qual he a razão [para que mais fundadamente nos admiremos] qual he a razão, porque se desposa Deos nos desertos sempre? Não he o Monarca universal do mundo, não he o Príncipe eterno da gloria? Pois já que ha de desposarse desigualmente na terra, porque não busca esposa com menos desigualdade nas Cortes, & nos Paços dos Reys, senão nos desertos, & nas soledades?

484 A razão he; porq̃ esposa com as qualidades de que Deos se agrada, não se acha nos Palacios, achase nos desertos. O Sacramento nos fundou a duvida; S. João nos fundará a reposta. Fez Christo hum Panegyrico do Bautista (que de taõ grande sogeito só Deos póde ser bastante Orador) as palavras forãõ poucas, a sustãcia muita, & começou o Senhor assim: *Quid existis in desertũ*

August.

Genes.
2.Joann.
6.

videre? Hominem mollibus vestitum? Ecce qui mollibus vestiuntur, in domibus Regum sunt. Sabeis quem he Joaõ, esse a quem todos fahisa ver? [diz Christo] He hum homem, que vive no deserto: não he dos homens, que vivem no Paço. Notavel dizer! Pois Senhor, este he o thema, que vòs tomais para prègar do Bautista? Quando quereis concluir, que he o maior dos nascidos, fundais o Sermão em que vive no deserto, & não vive no Paço? Sim. Toda a perfeição resumida consiste, como dizem os Theologos, *in prosecutione, & fuga*, em seguir, & em fugir: em seguir a virtude, & em fugir ao vicio. Por isso os preceitos Ecclesiasticos, & divinos, huns são positivos, outros negativos; os positivos, que nos mandão seguir o bem, os negativos, que nos mandão fugir ao mal. Pois para Christo resumir a poucos fundamentos toda a perfeição do Bautista, que fez? Disse, que era hum

homem, que seguia todo o bem, & que fugia de todo o mal. E para dizer que seguia todo o bem, disse, que vivia no deserto, para dizer que fugia de todo o mal, disse, que não vivia no Paço. Explicoulhe Christo a vida pelo lugar, & para dizer quem era, disse onde morava. Ainda nam digo bem. Para dizer quem era, disse onde morava, & onde não morava. Para dizer que era homem do Ceo, disse, que morava no deserto: para dizer que não era homé da terra, disse, q não morava no Paço. E que estando os Paços dos Reys da terra tão mal reputados com Deos, que a quelle Senhor, que só se desposava nos desertos, hoje o vemos desposado em Palacio! Maravilha grande.

485 Mas qual ferà a razão desta maravilha? Qual ferà a razão, porque Deos, que só se desposava nos desertos, hoje se desposava no Paço? A razão he; porque o Paço das Rainhas de Portugal, he Paço com pro-

Iob. 3.

propriedades de deserto. Deos cõmummente des-
 posase no deserto, porque
 não acha no deserto as cõ-
 diçoens do Paço: hoje des-
 posase no Paço, porque
 achou no Paço as condi-
 çoens do deserto. Quando
 a Job no meio de seus tra-
 balhos lhe parecia melhor
 a morte, que a vida, entre
 as queixas que fazia della,
 disse desta maneira: *Et
 nunc requiescerem cum Re-
 gibus, & Consulibus, qui edi-
 fificant sibi solitudines.* Se eu
 fora morto, estivera agora
 descãçado entre os outros
 Reys, & Principes, que
 edificaõ desertos. Notavel
 modo de fallar! *Cum Regi-
 bus, qui edificant solitudi-
 nes:* Reys que edificaõ de-
 sertos! Se differa Reys que
 edificaõ Palacios; bem es-
 tava: mas Reys que edifi-
 caõ desertos! Os desertos
 edificaõse? Antes desfa-
 zendo edificios, he que se
 fazem desertos. Pois que
 Reys são estes, que trocãõ
 os termos a Architectura?
 Que Reys são estes, q̃ edifi-
 caõ desertos? São aquelles

Reys (diz S. Gregorio Pa-
 pa) em cujos Paços Reaes
 de tal maneira se contem-
 poriza com a vaidade da
 terra, que se trata princi-
 palmente da verdade do
 Ceo; & Paços onde se fer-
 ve a Deos como nos er-
 mos, não são Paços, são de-
 sertos: *Qui edificant sibi so-
 litudines.* Bem dito, que
 edificação; porque ha duas
 maneiras de edificar: edi-
 ficar por edificio, & edifi-
 car por edificação. O edifi-
 cio faz dos desertos Pala-
 cios, a edificação faz dos
 Palacios desertos. Hú Pa-
 ço onde se serve a Deos, he
 hum deserto edificado. Pa-
 ço onde só Deos se serve,
 & o mundo só se contem-
 poriza: onde a clausura cõ-
 pete com a das Religioes:
 onde as galas são dissimu-
 lação do cilicio: onde a li-
 cença do galanteo, a liber-
 dade dos sárãos, & outras
 mal entendidas grandezas
 são exercicios de espirito:
 onde sair do Paço para o
 noviciado mais he mudar
 de casa, que de vida; este
 ermo cortesaõ nam lhe

cha,

Socrat.

chamem Paço, chamem lhe deserto: *Qui edificant sibi solitudines*. Lá disse Socrates do Emperador Theodosio Segundo, que fora tão religioso Principe, & tão reformador da Casa Real, que convertéra o Paço em Mosteiro: *Palatium sic disposuit, ut haud alienum esset à Monasterio*. Esta cõto eu entre as grandes felicidades do nosso Principe, que Deos guarde, & a tenho ainda por maior, q̃ a do outro Theodosio. O outro Theodosio fella, o nosso achou-a: o outro criou esta reformação, o nosso cria-se nella. Oh que grandes fundamentos para tão grandes esperanças! E como no Paço de Portugal tem o Ceo tantas prerogativas de deserto, que muito, que Deos costumado a se desposar nos desertos, o vejamos hoje desposado no Paço! Cessem pois as admiraçoens com as dos Montanhezes, rompase o silencio com o de Zacharias, & começemos a fallar nesta acção,

pois nos dà licença o passo: *Et apertum est illico os ejus*.

§. II.

486 **V**erdadeiramente, que me vi embaraçado no concurso das obrigaçoens de hoje, porque são todas tão grandes, que cada hũa pedia o Sermão todo. Para não errar, aconselheime com o mesmo S. Joáo Bautista, & seguirei sua doutrina: *Qui habet sponsam, sponsus est, amicus autem sponsi gaudio gaudet*. ^{1º Sani} Eu sou amigo de Christo (diz S. Joáo) a esposa he do esposo, a festa he do amigo. Assim seja. A festa serà de S. Joáo, o dia serà da Esposa, & o Evangelho se acomodará tanto a hum, & a outro, que pareça, que he de ambos. Vamos cõ elle, sem nos apartar hum ponto.

487 *Elisabeth impletum est tempus pariendi, & peperit filium*. Isabel depois de comprido o tempo dos nove meses, foi mãy de hum filho.

filho. Aquella palavra, *impletum est tempus*, depois de cumprido o tempo, pareceo superflua a algúms Doutores antigos. Não estava claro, que S. Joáo havia de nascer como os outros homens, passado o tempo, que a natureza limitou para o nascimento? Pois porque diz húa cousa superflua o Evangelista, que nasceo S. Joáo depois de cumprido o tempo: *Elisabeth impletum est tempus*? O Cardeal Toledo, & todos os l iteraes dizem, que não foi superflua esta advertencia, senão muito necessària; supposto que em S. Joáo se anticipárao tanto as leys da natureza, que aos seis meses de concebido já tinha uso de razão. E quem anticipou o uso da razão tantos annos, podia se cuidar, que tambem anticiparia o nascimento alguns meses. Pois para que se foubesse, que não foi assim, diga o Evangelista, q nasceo S. Joáo depois de cheo, & cumprido o tempo: *Elisabeth impletum est tempus*.

Esta he a verdadeira intelligencia deste Texto; mas quanto mais verdadeira, tanto mais funda a minha duvida. Que se diga, que S. Joáo nasceo cumprido o tempo, porque não anticipou o nascimento; bem dito está: mas porque o não anticipou? Porque não anticipou o tempo do nascimento, assim como anticipou o tempo do uso da razão? O uso da razão, segundo as leys da natureza, havia de ser aos sete annos do nascimento, o nascimẽto aos nove meses da conceição. Pois se anticipou o uso da razão tantos annos, porque não anticipou o nascimento alguns meses? Porque o nascimento pertence à vida da natureza, o uso da razão pertence à vida da graça; & nas materias temporaes, o que costuma fazer o tempo, bem he que o faça o tempo: nas materias espirituaes, o que costuma fazer o tempo, melhor he que o faça a razão. Para nascer ao múdo, faça o tempo, o que ha de

fazer o tempo: para nascer a Deos, o que ha de fazer o tempo, faça-o a razaõ. Caminhava Christo de Bethania para Ierusalem, vio no câpo hũa figueira muito copada, chegou, & como não achasse mais que folhas, amaldiçoou-a. E nota o Evangelista S. Marcos (cousa muito digna de se notar) que não era tempo daquella arvore ter fruto: *Non erat tempus ficorũ.* Pois valhame Deos (pasmaõ aqui todos os Douctores) senão era tempo de fruto, para q o foi Christo buscar? E se o não achou, quando o não havia, porque castigou a arvore? Se a castigou, tinha ella obrigação de ter fruto. E senão era tempo, como tinha esta obrigação? Tinha esta obrigação [diz S. Chrysostomo] porque ainda que por ser Primavera não devia frutos ao tempo, por Deos se querer servir della, devia-os á razaõ. E as dividas da razaõ nam haõ de esperar pelos vagares do tempo. Para dar frutos ao

mũdo, faça o tempo, o que ha de fazer o tempo: *Elisabeth impletum est tempus;* mas para dar frutos a Deos, o que ha de fazer o tempo, faça-o a razaõ: *Exultavit infans in utero.* Esta he hũa das excellencias, que eu venero muito entre as grãdes do Bautista: ser hum homem, em quem fez a razaõ, o que faz nos outros o tempo. Esperarem os annos pela razãõ, isso acontece a todos, mas adiantarse a razãõ aos annos, fazer a razaõ o que havia de fazer o tempo; isto só se acha no Bautista: se bem gloriosamente imitado hoje.

488 Oh que gloriosamente equivocado temos hoje o anno: o Abril mudado em Setembro, & os frutos, que havia de amadurecer o tempo, fazonados na razãõ! Quem podia fazer outono dos frutos, a primavera das flores, senão a esposa querida de Christo? *Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis advenit?* Assim obedecem os tempos, onde assim domina

ara-

Marc.
23.

Chry-
ost.

Cant. 24

a razão. Que já o mundo, & a vida não saibão enganar! Que vejamos tantos defenganos da vida em tão poucos annos de vida! Que he isto? He que fez a razaõ, o que havia de fazer o tempo. Seguirem-se aos annos os defenganos, he fazer o tempo, o que faz o tempo: mas anticiparem-se os defenganos aos annos, he fazer a razaõ, o que o tempo havia de fazer. Queixava-se Marco Tullio, q̃ sendo os homens racionaes, pudesse mais com elles o discurso do tempo, que o discurso da razaõ. Mas hoje vemos o discurso da razaõ mais poderoso, que o discurso do tempo. Que não bastafsem noventa annos para dar sizo a Helí, & que bafstem dezoito annos para fazer sezudo a Samuel? Oh que grande victoria da razaõ, contra a sem-razaõ do tempo! Hũa velhice enganada, he a maior sem-razaõ do tempo: hũa mocidade defenganada, he a maior victoria da razaõ. Que nam corte os cabellos Sara de-

pois de pentear defenganos; & que os cabellos de Absalaõ na idade de ouro fintaõ os rigores do ferro! Que enxugue a Magdalenas lagrimas dos pès de Christo com os cabellos, mas que os não corte; & que haja outra Maria, que ponha aos pès de Christo os cabellos cortados, com os olhos enxutos! Que Iacob na primavera dos annos enterre a sua Rachel; he inconstancia da vida: mas que Rachel na primavera da vida se sepulte a sy mesma! Grande valor da razaõ. Dar a vida a Deos quando elle a tira, he dissimular a violencia, entregarilha quando elle a dà, he sacrificar a vontade. Quem dedica a Deos os ultimos annos, faz Christão o temor da morte: quem lhe consagra os primeiros, faz religioso o amor da vida.

489 As batalhas da razaõ com os annos he hũa guerra, em que resisté mais os poucos, que os muitos. Deixarem-se vencer da razaõ os muitos annos, nam he

Cicer.

1.Reg.
3.2.Reg.
14.

Luc. 7.

Gen. 4.

he muito : mas deixarem-se vencer , & convencer os poucos , grande poder da razaõ ! E mais se considerarmos a resistencia favorecida do sitio. Poucos annos, & nas montanhas (como eraõ os do Bautista) naõ he tanto, que senaõ defendeaõ à força da razaõ : mas poucos annos, & em Palacio, convencidos , & defenganados ! Graõ victoria. Offereceo El Rey David a Bercellai hum grande lugar no Paço, & elle, que era já de oitenta annos, que responderia? *Octogenarius sum hodie: non indigeo hac vicissitudine*: Respondeo , que affáz tinha aprendido em tantos annos a defenganarse das Cortes, que o deixasse o Rey viver retirado consigo, & tratar da sepultura ; porèm que aceitava o lugar para hum seu filho, que tinha de pouca idade: *Est servus tuus Chamaam, ipse vadat tecum*. Parece que se implica nesta açãõ o amor de Pay, mas explica-se bem o engano do mudo.

Luc. 1.

2, Reg.
19.

Defenganáraõ a Bercellai os muitos annos proprios, para naõ querer o Paço para sy, & enganáraõ-no os poucos annos alheos, para querer o Paço para o filho. Naõ sei que tem o Paço, & os poucos annos , que ainda quando o conhecem os muitos, naõ se atrevem ao deixar os poucos. Teve conhecimento para o deixar hum velho , naõ teve animo para o aconselhar a hum moço. Sendo mais facil de dar o conselho, que o exemplo, deo o exemplo Bercellai, mas naõ se atreveo a dar o conselho. Antes parece que se sustituiu a pay nos annos do filho, para lograr na mocidade alhea, o que na propria velhice naõ podia. E que naõ havendo valor na velhice para deixarem totalmente o mundo, ainda aquelles, a quem o mundo deixa ; que haja resoluçaõ na mocidade, para meter o mudo debaixo dos pès, quem o mudo trazia na cabeça ! Oh que bem se defafrenta hoje a natureza humana. Lã di-

Ad Gal. dizia S. Paulo: *Mihi mundus crucifixus est*, & ego mundo: O mundo está crucificado em mim, & eu estou crucificado no mundo. Se o mundo estava crucificado em Paulo, tinha o mundo viradas as costas para Paulo: se Paulo estava crucificado no mundo, tinha Paulo viradas as costas para o mundo. E que de eu as costas ao mundo, quando o mundo me vira as costas; não he muito: mas que quando o mundo me mostra bom rosto, de eu de rosto ao mundo; esta he a valentia maior. Que quando o mundo se ri de vòs, vòs choreis por elle; ô fraqueza! Mas que quando o mundo se ri para vòs, vòs vos riáis delle; ô valentia!

490 He taõ grande valentia esta, que sendo propria das forças da razão, não fiou S. Paulo o credito della, senão dos poderes do tempo. Falla S. Paulo de Moyfes, & diz assim: *Moyfes grandis factus negavit se esse filium filie Pha-*

raonis, magis eligens affligi cum populo Dei, &c. Moyfes depois que foi de maior idade, deixou o Paço del Rey Faraõ, deixou a Princefa, deixou quanto alli possuía, & esperava; escolhendo o viver pobre, & sem liberdade, com o povo de Deos no cativeiro do Egypto. O em que reparo aqui he no *grandis factus*: que fez isto Moyfes depois de ser de maior idade. E a que vem agora aqui a idade? S. Paulo tratava da resolução, & não dos annos de Moyfes. Pois se a resolução estava no animo, & não nos annos, porque diz que era de maior idade Moyfes, quando deixou o Paço, & se cativou por Deos? Direi Moyfes criárase no Paço del Rey Faraõ desde minino, era todo o mimo, & favor da Princefa do Egypto, que o adoptára por filho, & como tal era servido, & venerado cõ authoridade, & magnificência real. E deixar Moyfes a grandeza, & regalo do Paço, deixar o amor de húa Prin-

Prin-

Princesa, deixar a cercania de hũa Coroa, pareceolhe a S. Paulo, que não era fanha crível em poucos annos; por isso ajuntou a resolução com a idade, para que a idade dêsse credito à resolução: *Moyfes grãdis factus*. Como se differa: Ninguem duvide esta galharda acção de Moyfes, porque quando a fez, era já de maior idade, bem cabia nos seus annos. Ora seja embora a resolução de Moyfes vitoria do tempo, que a grande acção, q̃ nòs celebramos hoje, com ser tão parecida em tudo o mais, não se pòde gloriar della o tempo, senão a razaõ. Obrou aqui a força da razaõ, o que là fez o poder do tempo: *Elisabeth impletum est tempus*.

§. III.

491 **E**T audierunt vicini, & cognati ejus, quia magnificavit Deus misericordiam suam cum illa. Tanto que nasceo S. Joaõ (diz o Evangelista)

foou logo pelo lugar, que engrãdecera Deos sua misericordia com Santa Isabel: *Quia magnificavit Deus misericordiam suam*. Notavel dizer! Parece q̃ não està boa a consequencia do texto. O que foou pelo lugar, havia de ser o q̃ succedeo em casa de Zacharias. Succeder hũa cousa, & soar outra, isso acontece nas Cortes lisongeiras, & maliciosas, & não nas montanhas simples. O nosso Evangelho o diz: *Divulgabantur omnia verba hæc*: que o que se divulgava, era o mesmo que succedia. Pois se o que succedeo, foi nascer o Bautista: *Elisabeth peperit filium*; como diz o Evangelista, que o que foou, foi, que engrãdecera Deos sua misericordia: *Et audierunt, quia magnificavit Deus misericordiam suam?* Grande louvor do Bautista! Quando as vozes diziaõ em casa de Zacharias, que nascera Joaõ, repetiaõ os eccos nas montanhas, q̃ Deos engrãdecera sua misericordia; porque quando

Joaõ

Joaõ sae ao mundo, aumẽtaõse os attributos a Deos: quando Ioaõ nasce, Deos crece. Não he arrojamento, senão verdade muito chãa. Disse-o o mesmo S. Ioaõ, & mais fallava em seus louvores com grande modestia: *Illũ oportet crescere, me autem minui*: Importa que elle creça, & que eu diminua. Aquelle (elle) não se refere menos, que ao Verbo humanado. Pois como assim? Deos ainda em quanto humanado não pôde crescer. Como logo diz S. Ioaõ: *Illum oportet crescere*: Importa que elle creça? E dado que podesse crescer, que dependencia tinhaõ os crescimentos de Deos, das diminuiçoens do Bautista? Deos he grande sem depender de ninguém. Como diz logo: *Illum oportet crescere, me autem minui*: Importa crescer elle, & diminuir eu? He possível crescer Deos? E he possível que o seu crescer dependa do Bautista? Sim. Porque ainda que Deos, por ser infinito, nam pôde

crescer em sy mesmo, por ser limitado o conhecimẽto humano, pôde crescer na nossa estimação. E na estimação dos homens, nem Deos podia crescer sem diminuir o Bautista, nem o Bautista podia diminuir sem Deos crescer. Ora vede como. O conceito que os homens fazião de Deos antigamente, era tal, que quando o Bautista appareceo no mundo, assentáraõ que elle era Deos. Conforme esta resolução, lhe foraõ offerecer adoraçoens ao deserto, onde o mesmo S. Ioaõ os defenganou. E como o Bautista, & Deos, na opinião dos homens, erão iguaes; tanto que por seu testemunho se desfez esta opinião, necessariamente creceo Deos, & o Bautista diminuiu. Diminiuõ o Bautista, porque ficou menor que Deos: creceo Deos, porque ficou maior que o Bautista. De sorte, que depois que o Bautista veio ao mundo, ficou Deos, para có os homens, maior do que dantes era: porque dantes

Marth.
II.

era como o Bautista, depois começou a ser maior que elle. Donde se infere, em grande louvor deste grande Santo, que a medida do Bautista he ser menor que Deos, & a medida de Deos he ser maior que o Bautista. Não tenho menos abonado fiador, que S. Agostinho: *Quisquis Ioanne plus est, non tantum homo, sed Deus est.* Sabeis quem he Joáo? He menor que Deos. Sabeis qué he Deos? He maior que Joáo. Com esta differença porém; que em quanto S. Joáo o nam disse, eraõ iguaes; depois que o testemunhou, começou Deos a ser maior. Que muito logo, q̄ creça Deos nos seus attributos, quando S. Joáo nasce no mudo! *Et audierunt, quia magnificavit Deus misericordiam suam.*

492 Desta maneira creceo Deos naquelle tempo, & tambem eu hoje, se a cõsideraçãõ me não engana, o vejo muito crecido. Entãõ creceo nas minguentes de Joáo, hoje crece nas

minguentes do mundo. Apareceolhe a Nabucodonosor aquella taõ repetida, & taõ prodigiosa estatua; & vio o Rey, que tocandolhe hũa pedra nos pès de barro, a estatua se diminuiu a poucas cinzas, & a pedra creceo a grandeza de hum monte: *Factus est mons magnus, & replevit terram.* Para entender esta figura, que he enigmatica, saibamos, quem era a pedra, & quem a estatua. Em sentido de S. Ambrosio, & S. Agostinho, a estatua era o mudo, a pedra era Deos. Pois se a pedra he Deos, como crece a pedra? Deos pôde crescer? E se a estatua he o mundo, co no diminue a estatua? O mundo diminue se? Tudo saõ effeitos da estimação dos homens. Segundo a estimação q̄ fazemos de Deos, & do mundo, ou crece a estatua, & diminue a pedra, ou crece a pedra, & diminue a estatua. Se pomos a Deos aos pès do mundo, crece o mundo, & diminue Deos, se pomos o mundo

Dan. 2.

Ambr. August.

aos pès de Deos , crece Deos, & diminue o múdo. Deixar a Deos por amor dos nadas do mundo , he fazer a Deos menor que nada: mas déixar o tudo do mundo por amor de Deos, he fazer a Deos maior que tudo : *Accedet homo ad cor altü, & exaltabitur Deus.* Bemdito seja elle, que de quantas vezes vemos a Deos tão pequeno, & tão apoucado nas Cortes dos Reys, o vemos hoje tam grande, & tão crecido! Tão crecido, & tão acrecentado está hoje Deos em sua grandeza, quantas são as grandezas do mundo, que vemos a seus pès arrojadas. A estatua de Nabuco, na estatúra representava grandezas, na materia riquezas, na significação estados, & tudo isto abrazado em fogo do coração se réde hoje em cinzas aos pès de Christo. Ninguem melhor saçrifica a Deos o múdo, que quem lho offerce em estatua. Porque o mundo em estatua he muito maior que sy mesmo. Para

derrubar com hũa pedra ao Golias, bastou a funda de David, para derrubar com outra pedra a estatua de Nabuco, foraõ necessários impulsos. (posto que invisiveis) do braço de Deos. O Golias tinha de altura seis covados, a estatua tinha sessenta; que nas grandezas mais pompofas do mundo, sempre são maiores os Gigantes, que as estatuas. Nunca as machinas vivas igualaõ a medida das sonhadas. Sonha a fantasia, promete a esperança, profetiza o desejo, representa a imaginaçam: & ainda que a soltura destes sonhos, o comprimento destas promessas, o prazo destas profecias, a verdade destas representações nunca chegaõ; mais triunfa o amor divino, quando piza o fantastico, que o verdadeiro: o esperado, que o possuido. Deixar antes de possuir, he ufura de merecer; porque quem mais dá, mais merece, & quem dà os bens na esperança, dá-os onde são maio-

res. A melhor parte dos bens desta vida he o esperar por elles: logo mais faz quem se inhabilita para os esperar, que quem se priva de os possuir. Por isso Christo chamou os Principes dos Apostolos, quando lançavaõ as redes, & não quando as recolhião: *Mittentes rete in mare.* Porque mais faz quem deixa as redes lançadas, que quem deixa os lanços recolhidos. As redes quando se lançaõ, levão em cada malha hũa esperança; os lanços quando se recolhem, trazem muita rede vazia.

493 Oh quantas, & quam bem fundadas esperanças, ô quantas, & quam bê entendidas grandezas honraõ hoje em piadoso sacrificio os Altares de Christo! Dizia S. Paulo aos Romanos, que ninguẽ pôde dar a Deos senão o que Deos lhe der primeiro. Mas eu vejo hoje hum espirito tão engenhosamente liberal, que havendo recebido de Deos tanto, ainda lhe offerece mais do que Deos lhe

deo. Não ha duvida, que dos bens temporaes mais liberal he o mundo em suas promessas, que Deos em suas liberalidades. Não costuma Deos dar tâto, quanto o mundo costuma prometer. Bem se segue logo, que mais dà a Deos quem lhe dà as promessas do mundo, que quem lhe torna as dadas suas. Se dais a Deos o que Deos vos dà, dareis muito; mas se dais a Deos o que o mundo vos promete, dais muito mais. Oh quão liberal està com Deos, quem dandolhe as maiores grandezas, ainda busca artificios de lhas dar acrecentadas! E que artificio pôde haver para acrescentar os bens, & grandezas do mundo? Eu o direi: que nos exemplos desta acção não se pôde deixar de aprender muito. Os bens, & grandezas do mundo falsamente se chamaõ bens, porque são males, & sem razão se chamaõ grandezas, porque são pouquidades. Pois que remedio para fazer das pouquida-

des

Match.
4.

Ad Ro-
man. 1.

des grandezas, & dos males bens ? O remedio he deixalos, & deixalos em esperanças; porque effes, que o mundo chama grandes bens, só são bens, quando se deixaõ, só são grandes, quando se esperaõ. A esperança lhe dà a grandeza, o desprezo lhe dà a bondade: desprezados são bens, esperados são grandes. E assim: mais dà quem despreza o que espera, que quem dà o que possuiue. De hũas, & outras: de possuidas, & de esperadas grandezas, são despojos as cinzas, que hoje se rendem aos soberanos impulsos daquella pedra divina. Oh como desapparece a estatua! Oh como crece o monte! De nossas diminuições aumeta Deos suas grandezas, de nossos desprezos sua Magestade.

494. Lá vio S. Ioaõ no Apocalypse aquelles vinte & quatro Anciãos, que tirando as coroas das cabeças, as lançavão aos pès do trono de Deos: *Mittentes coronas suas ante thronum.* Tornou a olhar o Evange-

Tom. 7.

lista, & vio, que Deos tinha muitas coroas na cabeça: *Et in capite ejus diadema-ta multa.* Pois se as coroas se lançavaõ aos pès de Deos, como tinha Deos as coroas sobre a cabeça? Porque tanto crece Deos em sua grandeza, quanto desprezão os homens por seu amor. As coroas na cabeça de Deos eraõ aumentos de sua grandeza: as coroas aos pès de Deos eraõ desprezos do amor dos homens; & com as mesmas coroas, que arrojava o desprezo humano, se authorizava a Magestade divina: porque tanto crece Deos nos aumentos de sua grandeza, quantas são as grandezas, que poem aos pès de Deos, nosso amor. Diga-se logo, que creceo, & se engrandeceo Deos hoje duplicadamente: hũa vez medido com S. Ioaõ, outra vez medido com o mundo. Ser anteposto ao mundo, & ser preferido a Ioaõ, he crescer muito Deos em sua estimação, & engrandecer-se muito em seus attribu-

Aopc. 91

Mm iij tos:

Aopc. 4.

tos : *Quia magnificavit Deus misericordiam suam.*

495 *Et venerunt circumcidere puerum.* Vieraõ circumcidar o minino. Suposto que o minino era S. Ioaõ, parece que o naõ haviaõ de circumcidar. A circumcisaõ naquelle tempo era o remedio do peccado original, como hoje o Baptismo. Pois se S. Ioaõ estava já livre do peccado original, se estava em graça de Deos, & santificado nas entranhas de sua mãy, porque se fogeita ao rigor da circumcisaõ? Porque ainda que a circumcisaõ nam lhe tirava o peccado original, de que estava livre, acrecentavalhe a graça da justificaçãõ com que nasceira santificado. E esta he nos servos de Deos a maior fineza da virtude, fogeitam-se a tomar para aumento da graça, os rigores que Deos deixou para remedio da culpa. A circumcisaõ nos outros homens era remedio da culpa; em S. Ioaõ era só aumento da graça; & fogeitar-se S. Ioaõ para

maior graça, nas izençoens de innocete aos remedios de culpado ! Grande acção : grande sacrificio. Falla Zacharias à letra do maior sacrificio da Ley da Graça, o Santissimo Sacramento da Eucharistia, & diz assim : *Quod bonũ ejus, & quod pulchrum ejus, nisi frumentum electorum, & vinum germinans Virgines?* Que cousa fez Deos boa, que cousa fez Deos fermosa neste mundo, senaõ o paõ dos escolhidos, & o vinho dos castos? Que seja bom, & bonissimo o sacrificio do corpo, & sangue de Christo sacramentado, naõ haverà quem o negue. Mas que diga o Profeta, que naõ ha outro taõ bom como elle : *Quod bonũ ejus, & quod pulchrum ejus?* Naõ sei como o havemos nõs de conceder. E para que nam vamos mais longe : o sacrificio do corpo, & sangue de Christo na Cruz, naõ he taõ bom como o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento? He o mesmo sustancialmente.

te. Pois porque diz Zacharias, que o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento he melhor que todos ? A razao da ventagem eu a darei. O sacrificio do corpo, & sangue de Christo na Cruz, foi sacrificio para remedio de peccado : o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento, he sacrificio para aumento de graça. Ainda que em Christo não havia peccados proprios, nẽ merecia graça para sy; tinha com tudo tomado por sua conta a satisfação de nossos peccados, & os meyo de nossa justificação. E que sacrifique tanto Christo na Eucharistia para aumento da graça; quanto sacrificou na Cruz para remedio da culpa ! Que empenhe corpo, & sangue para aumentar merecimentos à innocencia, como empenhou corpo, & sangue para alcançar perdão ao peccado ! He circumstancia de sacrificio tão relevante esta, que da mesma identidade tira dif-

ferenças ; & da mesma igualdade vêtagens: *Quod bonum ejus, & quod pulchrum ejus?* Tal foi o acto da circuncisaõ do Bautista comparada com a dos outros filhos de Adam. O corpo, & sangue que os outros deraõ ao golpe da circuncisaõ para remedio da culpa, deo-o S. Ioaõ [que a não tinha] só para aumentos da graça ; & que se sacrifique hum innocente, para crescer na graça, ao que está sogeto o peccador para remediar a culpa ! Grande açõ do Bautista. Mas não foi sua só esta vez, nem sua sómente.

496 Duas innocencias temos hoje sogetas aos remedios da culpa : ambas condenadas ao rigor, & ambas ao habito da penitencia ; que taes injustiças como estas sabe fazer o amor divino. Condena innocencias como culpas, castiga merecimentos como delitos. Que fação grãde penitencia os grandes peccadores, he muito justo: que a penitencia he re-

medio do peccado. Mas que o Bautista se deſterre ao deſerto, ſe condene ao cilicio, ſe caſtigue com o jejum; minino, em que peccou voſſa innocencia? Hũ corpo delicado condemnado a tanta aſpereza! Hũa alma innocente caſtigada com tanto rigor! Se o Bautista fora o maior peccador, que havia de fazer ſenam iſto? Mas iſto fez, porque havia de ſer o maior Santo. Não pôde chegar a mais o mais fervoroso deſejo da ſantidade, que ſogetarſe aos remedios do peccado, quem goza os privilegios da innocencia. Encarece S. Paulo o amor de Chriſto para có os homens, & diz deſta maneira aos Corinthios: *Qui peccatum non noverat, pro nobis peccatum fecit.* Amou o Filho de Deos tanto aos homens, que não tendo conhecimento de peccado, ſe fez peccador por amor delles. Eſtranha ſentença! Chriſto não era innocentissimo, antes a meſma innocencia? Por ração da

união ao Verbo ſua alma não era impeccavel? As meſmas palavras o dizem: *Qui peccatum non noverat.* Pois como pôde caber delito na innocencia: como pôde ſer, que o impeccavel ſe fiſſe peccador: *Pro nobis peccatum fecit?* Reſpondo. O impeccavel não ſe pôde fazer peccador de culpas, mas pôde ſe fazer peccador de penas. Nam pôde cometer peccado quanto à culpa, mas pôde ſe ſogetar à pena do peccado, como ſe o cometéra. Iſto he o que fez Chriſto por amor de nós, & iſto he o que muito encarece S. Paulo em ſeu amor: *Qui peccatum non noverat, pro nobis peccatum fecit.* Nam pôde o amor chegar a maior extremo, não ſe pôde adelgaçar a maior fineza, que a fazerſe peccador nas penas, quem he innocente nas culpas. Que o peccador de culpas ſe faça peccador de penas, busca na penitencia o remedio de ſeu peccado: mas fazerſe peccador de penas o innocente

cente de culpas, he buscar na penitencia o defafogo de seu amor. A penitencia no peccador paga, no innocente obriga: naquelle, pelo que offendeo, neste, pelo que ama: vede quaes agradação mais a Deos, se as satisfaçoens de offendendo, se as obrigaçoens de amado?

497 O igualmête amado, que amante Senhor! cõfenti os termos da igualdade, quanto entre o divino, & humano se permite, pois vemos hoje as finezas de voffo amor competidas, como as dividas de nossa obrigação desempenhadas. Húa alma innocente de culpas, mas peccadora de penas, húa innocencia em habito penitente vos offerece hoje a terra, Esposo do Ceo; que estas são as cores de voffo pensamento, estas as galas de voffo amor, estas as purpuras do voffo Reyno. *Filia Babylonis induitur purpura, & bysso,* (dizia S. Bernardo em semelhante acção à Virgem Sophia)

& subinde conscientia pannosa jacet: fulgent monilibus, moribus sordent. E contra tu, foris pannosa, intus speciosa resplendes, sed divinis aspectibus non humanis: intus est quod delectat, quia intus est quem delectat. Nã a romancear me atrevo estas palavras, porque em tanta differença de eleiçoens, ou se ha de topar cõ o aggravado, ou com a lifonja. *E contra tu* (só isto quero repetir) *foris pannosa, intus speciosa resplendes:* Pelo contrario vòs, ò esposa de Christo (diz S. Bernardo) como dentro tendes a quem quereis agradecer, por dentro trazeis as galas: por fõra vestida de fayal, por dentro de resplandores: *Foris pannosa, intus speciosa r. splendes.* Verdadeiramente, q quando reparo nestas palavras, me parece que vejo já sinaes do dia do Iuizo. Hum dos sinaes do dia do Iuizo será (como diz S. Ioaõ no Apocalypse) vestirse o Sol *Sol factus est niger tãquam saccus cilicinus.*

E se

E se já vemos vestido de cilício o Sol, se mortificadas suas luzes, se penitentes seus resplandores, debaixo da aspereza de tão grosseiros ecclipses; que havemos de dizer? Que se acaba o mundo? Que he chegado o dia do Juizo? Com muita propriedade se pôde dizer assim; porque melhor merece o nome de dia do Juizo aquelle em que o mundo se deixa, que aquelle em que o mundo se acaba. Quanto mais, que tambem se acaba o mundo para quem acaba com elle. Como cada hum de nós tem o seu mundo, o universal acaba com todos, o particular acaba com cada hum. E que muito, que se vejaõ finaes do dia do Juizo em húa alma para quem hoje se acaba o mundo! Mas perguntára eu ao Sol, porque se veste de penitencia? Por culpas? Não; que o fez innocente a natureza. Pois porque? Para os olhos do mundo por luto, para os olhos de Deos por gala. Vestese de

penitencia o Sol, sendo innocente, porque não ha sacrificio mais fermoso aos olhos de Deos, que huma innocencia illustre em habito de penitencia.

498 Aquellas péllas de que Deos vestio aos primeiros senhores do mundo, estavaõlhe muito mal a Adão, mas estavaõlhe muito bem a Abel. A Adam estavaõlhe muito mal, porq' erão habito de peccado com penitencia, a Abel estavaõlhe muito bem, ^{Genesi} _{3.} porque eraõ habito de penitencia sem peccado: em Adão erão habito de penitenciado, em Abel eraõ habito de penitente. Esta grande differença ha entre a penitencia dos peccadores, & a penitencia dos innocentes; que a penitencia dos peccadores he remedio, a penitencia dos innocentes he virtude. Nam quero dizer, que os actos de penitencia no peccador, & no innocente não sejam virtuosos sempre. Sò digo, que os peccadores tomão a virtude da penitencia pe-

lo

lo que têm de remedio, os innocentes tomaõ o remedio da penitencia pelo que tem de virtude. Donde se segue: que a penitencia hõra os peccadores, os innocentes honraõ a penitencia. A penitencia honra os peccadores, porque lhe tira a afronta do peccado, os innocentes honraõ a penitencia, porque lhe tiraõ a mistura de remedio. Oh ditoso Bautista, õ ditosa alma imitadora vossa: ambos em habito de penitentes; & ambos honradores da penitencia. Ditosos vòs, que fazeis trofeos de victoria os instrumentos do desagravo, & gozais a prerogativa de penitentes, sem o desar de arrependidos. Em vòs he virtude, o que nos outros he remedio, em vòs eleição, o que nos outros necessidade. Sò em vòs naõ he remedio do peccado a penitencia, sendo que só a vossa penitência poderà ser remedio do peccado. Porque offensas não mercedas, quaes são as de Deos, só se pagaõ com castigos

naõ mercedos, quaes são os dos innocentes. O ~~re-~~recimento offendido só o pòde satisfazer a innocencia castigada. Oh que grande sacrificio para Deos! Oh que grande lisonja para o Ceo! Là disse Christo, que Luc. 15. faz maior festa o Ceo ao peccador penitente, que ao justo sem penitencia. Pois se a innocencia do justo agrada muito, & a penitencia do peccador agrada mais; quanto agradarà aquelle excellente estado, que abraça a perfeição de ambos, & ajunta a penitencia de peccador com a innocencia de justo? Isto he o que fez o Bautista hoje na circuncisaõ, sojeitando izençoens de innocencia a remedios de peccado: *Et venerunt circuncidere puerum.*

§. V.

499 *ET vocabant eum
Enomine patris
sui Zachariam.* Feito o acto da circuncisaõ, tratou-se de dar nome ao minino, & querião os circunstan-
tes,

tes , que se lhe puzesse o nome de seu pay, & que se chamasse Zacharias. Ouvio isto S. Isabel, & disse: *Nequaquam*, Por nenhum caso : não se ha de chamar assim. E porque razão ? Porque não se ha de chamar Zacharias o filho de Zacharias ? Não era nome santo ? Não era nome illustre ? Não era nome authorizado ? Não era nome glorioso ? Sim era, mas era nome de pay : *Vocabant eum nomine patris sui*. E o nome dos pays, quanto mais illustre, quanto mais glorioso, tanto menos o ha de tomar quem professa servir a Deos , como professava o Bautista. No nome perpetuase a memoria dos pays: na Religião professase o esquecimento delles: *Obliviscere populum tuum , & domum patris tui*. E como o Bautista havia de ser (como foi) primeiro fundador, & exemplar de Religiosos ; não quiz prudente S. Isabel, que tomasse o nome de Zacharias; porque não era justo, que confer-

vasse a memoria dos pays no nome, quem professava o esquecimento dos pays na vida. Quereis que se chame Zacharias, porque he nome de seu pay ? Allegais contra vós. Antes porque he nome de seu pay, senão ha de chamar assim: *Vocabant eum nomine patris sui Zachariam, & ait mater ejus: Nequaquã*. Que grandemente imitado, se bem em parte excedido vemos hoje este exemplo do grande Bautista. S. Lucas, porque escrevia para a memoria dos futuros, deteve-se neste lugar em contar a genealogia dos pays de S. Joaó; eu que fallo aos olhos dos presentes , nam me he necessario determe em tão sabido, como tambem me não fora possivel em tão grandioso assumpto. Muito fez quem deixou o nome de Zacharias, authorizado assim com hũa teara; mas muito mais faz quem deixa o gloriosissimo nome de Guimão (glorioso no Ceo, & na terra) cujo Real, & esclarecido fan-

fangue se teceo sempre nas purpuras de toda Europa; & hoje com mais gloria, que em nenhũ outro Reyno (posto que com igual magestade em tantos) o vemos felizmente coroadado, & veremos em immortal descendencia, no nosso de Portugal. Este he o famosissimo em todas as idades: o eminentissimo em todas as pessoas: o affinaldissimo em todas as empresas: o celebradissimo em todas as historias, nome de Gusmão; & este he o que hoje vemos deixado pelo humilde da Cruz. Não sei se admire nesta eleição o virtuoso, se o discreto. Emfim a virtude, & o entendimento tudo me parece Angelico.

500 Quando os Anjos no sepulchro de Christo perguntáraõ às Marias o que buscavaõ, usárão de diferentes termos (segũdo diversos Evangelistas.) O Anjo de S. Matheos perguntou, se buscavão a Jesu crucificado: *Iesum, qui crucifixus est, queritis.* O Anjo

de S. Marcos perguntou, se buscavão a Jesu Nazareno crucificado: *Iesum queritis Nazarenũ crucifixũ.* Pois se o Anjo de S. Marcos chamou a Christo Jesu Nazareno crucificado; porque razão o Anjo de S. Matheos lhe chamou Jesu crucificado sómente, & nam fallou no Nazareno? O melhor comentador dos Evangelistas, o doutissimo Maldonado, notou advertidamente, que o Anjo de S. Matheos appareceu como Anjo, & o Anjo de S. Marcos appareceu como homem: *Matthæus Angelum, Marcus hominem appellat.* He do Texto. Porque S. Matheos diz assim: *Angelus Domini descendit de Cælo, qui dixit mulieribus:* Hum Anjo do Senhor deceo do Ceo, que fallou às mulheres. E S. Marcos diz assim: *Intrantes monumentum, viderunt juvenem sedentem:* Entrando no sepulchro, virão hũ mancebo assentado. E como o que fallou às Marias em S. Marcos, era homem, & em

S. Matheos era Anjo; por isso o de S. Marcos chamou a Christo Jesu Nazareno crucificado, & o de S. Matheos chamou he Jesu crucificado sômente, & nam fallou no Nazareno. Ora notai. Entre o Nazareno, & o crucificado havia esta differença em Christo; que o Nazareno era nome dos pays, o crucificado era nome da Cruz: & antepôr o nome de Nazareno ao de crucificado, antepôr o nome dos pays ao nome da Cruz, isso fazem os Anjos, que são como homês; mas tomar o nome de crucificado, & callar o de Nazareno, tomar o nome da Cruz, & deixar o nome dos pays, isso fazem os Anjos, que são como Anjos. O Anjo de S. Marcos, que fallou como homem da terra: *Viderunt juvenem sedentem*: antepoz o nome dos pays ao nome da Cruz: *Iesum quæritis Nazarenum crucifixum*. O Anjo de S. Matheos, que fallou como Anjo do Ceo: *Angelus Domini descendit de Cælo*: to-

mou o nome da Cruz, & deixou o nome dos pays: *Iesum, qui crucifixus est, quæritis*. Oh discricão mais que humana! Oh eleiçam verdadeiramente Angelica! Sei eu, que as Marias ouviraõ os Anjos, mas nenhũa dellas aprendeo a mudar o nome. Maria Magdalena não se chamou da Cruz, senão Magdalena: Maria Cleofé nam se chamou da Cruz, senão Cleofé. Não foubéraõ deixar o nome dos pays, & tomar o da Cruz aquellas Marias, porque estava este religioso primor guardado para outra, que na devaçãõ havia de vencer as Marias, & na discricão igualar os Anjos.

501 Mas assim como em casa de Zacharias se levantou questaõ sobre o nome do Bautista; assim he bem que a tenhamos hoje aqui sobre este nome da Cruz. Quem là contradisse o nome de Joaõ, foraõ as pessoas mais authorizadas, que assistiaõ à celebri-

celebritatis gratia: comen-
ta o Cardeal Toledo. Qué
aqui impugnarà o nome da
Cruz , serà també a pessoa
mais authorizada, q̄ assiste
à celebridade da festa, que
he, quem ? Christo sacra-
mentado. E assim como là
diziaõ, que não se havia de
chamar João , senão Za-
charias: assim cà diz Chri-
sto, que não se havia de
chamar da Cruz, senão do
Sacramento. Não he ima-
ginação sem fundamento
minha , he acomodação
verdadeira, tirada, com to-
da a propriedade, do Tex-
to. O nome que là queriaõ
dar ao Bautista, era Zacha-
rias. E Zacharias que quer
dizer? Quer dizer: *Me-
moria Domini*: A memoria
do Senhor. Isso mesmo he
o Santissimo Sacramento
da Eucharistia. He a me-
moria do Senhor, que elle
nos deixou por prendas
em sua ausencia: *Hæc quo-
tiescunque feceritis, in mei
memoriam facietis*. Está
fundado. Agora pergunto
eu. E que razão tem Chri-
sto sacramentado para di-

zer , que não quer que o
nome seja da Cruz, senam
do Sacramento? A razão
he muito forçosa. Porque
professar Religiaõ, mais he
sacramentar-se, que crucifi-
car-se. Todos os Santos cõ-
mummente chamaõ cruz
ao estado Religioso ; mas
com licença sua, eu digo,
que o estado Religioso
tem mais do Sacramento,
que da Cruz. A razão em
que me fundo, he esta. Por-
que na Cruz morreo Chri-
sto hũa sô vez ; no Sacra-
mêto morre todos os dias.
O sacrificio da Cruz foi
cruento, mas foi unico; o
sacrificio do Altar he in-
cruento, mas he quotidia-
no.

502 A maior fineza do
amor he morrer: *Maiorem* ^{Johann.}
charitatem nemo habet; mas ^{5.}
tem hum grande desar esta
fineza, que quem a faz, não
póde fazer outra. He a ma-
ior fineza, mas he a ultima.
E como Christo amava
taõ extremamente aos ho-
mens , & via que morren-
do na Cruz se acabava a
materia a suas finezas ; que
fez?

fez? Inventou milagrosamente no Sacramento hũa modode morrer sem acabar, para morrendo poder dar a vida, & não acabando poder repetir a morte. Esta he a ventagem, que leva em Christo o amor, q̄ nos mostrou no Sacramento, ao amor que nos mostrou na Cruz. Na Cruz morreo hũa vez; no Sacramento morre cada dia: na Cruz deo a vida; no Sacramento perpetuou a morte. A Esposa, como quem melhor as sabe avaliar, nos dirá a verdade desta fineza: *Fortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus a mulatio.* O amor se he grande [que isso quer dizer *dilectio*] he como a morte; & se he maior (que isso quer dizer *emulatio*) he como o Inferno. Notavel dizer! Porque razão compara Salamaão o amor grande à morte, & o amor maior ao Inferno? Eu o direi. Entre a morte, & o Inferno ha esta differença, que a morte tira a vida, o Inferno perpetúa a morte. Por isso o

amor grande se compára à morte, & o maior ao Inferno; porque mais he perpetuar a morte, que tirar a vida: tirar a vida, he morrer hũa vez; perpetuar a morte, he estar morrendo sempre. Eis aqui a desigualdade do amor de Christo na Cruz, & no Sacramento. Competio o amor de Christo no Sacramento, & o amor de Christo na Cruz; o da Cruz foi como o da morte, porq̄ chegou a tirar a vida: *Fortis est ut mors dilectio*; o do Sacramento foi como o Inferno, porque passou a perpetuar a morte: *Dura sicut Infernus emulatio.* É muito mais foi perpetuar a morte, que tirar a vida; porque tirar a vida, he morrer num instante, perpetuar a morte, he morrer toda a vida.

503 Eis aqui a razão porque o estado Religioso se parece mais com o Sacramento, que cõ a Cruz. Na Cruz morrese hũa só vez, no Sacramento morrese cada dia. Sei que disse S. Agostinho, que só os
Març

Martyres pagaõ a Christo a fineza que fez em se deixar no Sacramento, porque morrem por quem morre por elles: *Qui accedis ad mensam Principis debes similia præparare, hoc beati Martyres fecerunt.* Mas esta razão de S. Agostinho (dênos licença o lume da Igreja) impugnase facilmente. Porq̃ muitas mortes não se pagaõ com hũa só morte: Christo no Sacramento morre todos os dias, os Martyres morrem hũa só vez: logo não pagaõ os Martyres a Christo no Sacramento. Pois que diremos a isto? Digo que os Martyres pagaõ a Christo na Cruz, os Religiosos pagaõ a Christo no Sacramento. Os Martyres pagaõ a Christo na Cruz, porque morrem hũa vez, por que hũa vez morreo por elles: os Religiosos pagão a Christo no Sacramento, porque morrem cada dia, por quem morre por elles todos os dias. Ha quem o diga? Não he menos Religioso, que o exemplar de

todos, S. Paulo: *Quotidie morior.* Cada dia morro. De maneira, que assim como Christo no Sacramento inventou hum modo de morrer sem acabar, para morrendo poder dar a vida, & nam acabãdo poder repetir a morte; assim os Patriarcas das Religioens (& melhor que todos o Serafico em seu divino Instituto) parecendolhe pouco amor não morrer, & pouca morte, morrer hũa só vez; acháraõ este modo milagrosamente natural de viver morrêdo, para na morte multiplicarem as entregas da vida, & na vida perpetuarem os sacrificios da morte.

504 Grande lugar do Protopatriarca das Religioens S. Basilio. Falla o grande Basilio das cellas das Religioens mais estreitas, & diz, que a cella de huma Alma Religiosa he emula, he competidora da sepultura de Christo: *O cella Dominicæ sepultura emula!* Pois saibamos, que calidades tem hũa cella para

taõ nobre competencia? Em que presumpçoens se funda esta emulação? Que se compare a cella a qualquer sepultura; justa semelhança: porque onde o habito he hũa mortalha, o leito hum ataude, as paredes taõ estreitas, & cõ taõ pouca luz, como estas que vemos, muito ha de sepultura. Sepultura sim: mas sepultura naõ outra, senão a de Christo; porque razão? Porque nas outras sepulturas mora só a morte; na sepultura de Christo morou a morte, & mais a vida juntas. Na sepultura de Christo esteve a vida morta, & a morte resuscitada: & taes são as vossas cellas, ô Religiosos espiritos: *O cella dominice sepulturae amula, quæ mortuos suscipis, & reviviscere facis.* O cella verdadeiramente imitadora da sepultura de Christo, pois està em ti a vida morta, & a morte resuscitada: a vida morta, porque naõ tem usos a vida; a morte resuscitada, porque tem alentos a mor-

te. Es hũa suspensãõ gloriosa de morte, & vida (se bem gloriosa com pena) onde posta a alma nas rayas do viver, & morrer, participa indecisamente o mais rigoroso de ambas; infensível, como morta, para o gostoso da vida: sensítiva, como viva, para o penoso da morte. Em ti se vê multiplicado o milagre natural da Feniz, sendo patria, & sepulchro quotidiano, onde se morre à vida, & se nasce à morte, faltando cinzas, mas nam faltando incendios. Em ti, (& com maior propriedade hoje] se vê verdadeira a metafora dos orizontes, sendo oriente, & occasõ juntamente, onde o Sol no mesmo instante morto, & nascido resuscita a hum emiserio, quando se sepulta a outro. Em ti finalmente (com serex a melhor parte do Paraíso) se vê sem fingimento a fabula do Inferno, sendo cada Religioso espirito hum Ticio em bemavêturança de penas, que naõ podendo morrer, para

para morrer mais vezes, tem morta a vida, & immortal a morte: *Semper que renascens non perit, ut possit saepe perire.* Não he muito, que ache eu comparações no Infernoão maior sacrificio, quando no Inferno as buscou a Alma Santa ao maior Sacramento. De hũ, & outro se põde dizer com grande semelhança: *Dura sicut Infernus emulatio.* E como o sacrificio da Religião, por ser morte perpetuada, se parece mais com o Sacramento, que com a Cruz; sendo o officio dos nomes declarar a essencia das cousas; parece q̃ quem professa Religião, nam se deve chamar da Cruz, senão do Sacramento: *Et vocabant cum nomine patris sui Zachariam, hoc est, memoriam Domini.*

§. VI.

505 **C**Om tudo responde S. Isabel: *Nequaquam.* Por nenhum caso. E com muita razão. Porque? Pela mes-

ma, que o persuade. Porq̃ se o nome do Sacramento diz tudo o que ha no estado Religioso, & o nome da Cruz diz menos, pelo mesmo caso. se deve tomar o nome da Cruz, & não o do Sacramento. Na eleição dos nomes ha hũa grande differença tomada dos fins porque se elegem: os nomes que se tomão por verdade dizem tudo, os que se tomão por vaidade dizem mais, os que se tomão por humildade dizem menos. E como a mesma humildade, que desprezou a grãdeza dos nomes paternos, foi a que fez a eleição do nome Religioso; por isso com discreta impropriedade escolheo o nome diminutivo da Cruz, em que he mais o que se calla, que o que se diz. Como respondendo a Christo sacramentado, com o mesmo nome do Sacramento quero confirmar a repostã. O Sacramento do Altar chama se corpo, & sangue de Christo. Esse nome lhe deo o mesmo Senhor: *Hoc est corpus meum:*

Nn ij meum:

meum : Hic est Calix sanguinis mei. Pergunto : E ha no Sacramento mais algũa cousa ? Ha alma, & ha divindade. Pois se no Sacramento não só está corpo, & fangue, senão também alma, & divindade, porque senão chama corpo, & alma, fangue, & divindade de Christo, senão corpo, & fangue sómente ? Porque este nome deo-o Christo ao Sacramento na hora em que se quiz mostrar mais humilde. A hora em que Christo se mostrou mais humilde, foi a mesma em que instituiu o Sacramento de seu corpo, & fangue, dispondo aos Apostolos cõ a pureza do lavatorio : & a sy com a humildade de lhe lavar os pès. E como Christo poz o nome a este mysterio com advertencias de humilde, por isso declarou sómente o menos que nelle havia; que os nomes, que compoem a humildade, sèpre callão mais do que dizem. O que diz, he corpo, & fangue; o que calla, he alma, & divindade. O mes-

mo passa no nosso caso: que ainda q̃ senão tomou o nome ao Sacramento, feguioselhe o exemplo. Deixase o nome do Sacramento, porque diz mais, toma-se o nome da Cruz, porque diz menos; que se preza o verdadeiro amor, do que he, & não do que significa. Bastelhe à Religião ser Cruz *ex vi verborum*, ainda que seja muito mais *per concomitantiam*. Tão justo foi logo deixarse o nome de Zacharias quanto à significação, como quanto à realidade : *Et ait mater ejus : Nequaquam.*

§. VII.

506 **A** Cabou senos o Thema; & se me não engano tenho ponderado todas as clausulas delle, com algũa semelhança às obrigações deste dia. Mas também vejo, que reparariaõ os mais curiosos, em que passei em silencio aquellas palavras : *Audierunt vicini, & cognati, & congratulabantur ei.* Confesso,

fesso, que não fallei nestas palavras; & tambem confesso, que as deixei, porque não achei nellas semelhança, senão muita differença do nosso intento. *Cognati, & vicini congratulabantur ei.* Là no nascimento do Bautista diz o Evangelho, que os parentes, & os visinhos estavaõ muito contêntes, & agradecidos; porèm cá não he assim. Tão fóra estão de poderem estar cõtentes os visinhos, & os parentes; que antes o parentesco, & a visinhança té razaõ de estar queixosos. Tem razão o parentesco de estar queixoso, porque se vê a sy deixado: tem razão a visinhança de estar queixosa, porque vê os estranhos preferidos. Quando o sangue se vê deixado, porque não ha de estar queixoso o parentesco? E quando as Estrangeiras se vem preferidas ás naturaes, porque não ha de estar queixosa a visinhança? Não se diga logo aqui: *Cognati, & vicini congratulabantur ei.* Acudo a estas

Tom.7.

duas queixas, & acabo.

507 Primeiraméte digo, que não tem razão o parentesco de estar queixoso; porque quando as obrigaçoens do sangue se deixaõ por amor de Deos, não he fazer offensa, he fazer lisonja ao parentesco. Da parte de quem he deixado he sacrificio, mas da parte de quem deixa he lisonja. Tudo provo. Hospedou Martha a Christo em sua casa, & tinha esta senhora húa irmãa, a quem o Texto chama Soror Maria: *Et huic erat Soror nomine Maria:* a qual se retirou com Christo; & assentada humilde a seus pès, o estava ouvindo, & contemplando. Chegou Martha ao Senhor, & disselhe: *Domine, non est tibi curæ, quòd Soror mea reliquit me solam ministrare?* E bem Senhor, tanto vos descuidais de mim, que não vedes, que minha irmãa me deixou só? Esta foi a historia; duas são as minhas ponderaçoens. Digo que Martha na queixa que fez de Ma-

Luc. 1

Nn iij

ria

ria offereceo hum grande sacrificio a Christo, & Maria na occasião, que deo à queixa, deo húa grande satisfação a Martha.

508 Difficulto assim. Christo não foi o que chamou a Maria; Maria foi a que se assentou a seus pés sagrados. Pois se a occasião justa, ou injusta da queixa a deo Maria, & não Christo; porque propoé Martha a sua queixa a Christo; & não a Maria? Porque Martha nesta acção nam pertendeo tanto dar queixas de Maria, quanto offerecer sacrificios a Christo. Como se differa Martha: Não cuideis, Senhor, que só Maria he a que faz as finenzas, que eu tambem vos offereço as minhas. Maria sacrifica sua devação, eu sacrificio minha soledade: *Reliquit me solam ministrare.* Ella offerecevos o estar com vosco, eu offereçovos o estar sem ella. De sorte que em húa acção havia alli dous sacrificios: hum de Maria, porque se fora para Christo, outro de Martha,

porque a deixára Maria. Mas destes dous sacrificios qual hê maior; o de Maria, ou o de Martha? Eu nam me atrevo a dar sentença nesta causa. Sò digo, que se neste lugar prégára S. Pedro Chryfologo, havia de dizer, que o sacrificio de Martha era maior que o de Maria. Pergunta S. Pedro Chryfologo, quem fez mais, se Abraham em sacrificar a Isaac; se Isaac em se offerecer ao sacrificio? Resolve q̄ Abraham; & verdadeiramente tem a Escritura por sua parte. Pois se Isaac era a victima, que havia de ficar morto; se Abraham era o Sacerdote, que havia de ficar vivo; como era, ou como podia ser, que o sacrificio fosse maior em Abraham, que em Isaac? A razão he esta. Porque Isaac sacrificava a sua pessoa, Abraham sacrificava a sua soledade: Isaac offerecia-se a ficar sem vida, Abraham offerecia-se a ficar sem Isaac. E segundo o muito q̄ Abraham amava aquelle filho, maior sacrificio

crifício fazia em o dar a elle, que elle em se dar a sy. Bem digo eu logo, que foi grande sacrificio, o q̃ Martha offereteo a Christo entre suas queixas, pois lhe sacrificou não menos que a soledade de Maria: *Reliquit me solam ministrare.*

509 E que Maria na mesma occasião, que deo à queixa, deo hũa grande satisfação a Martha, não ha duvida. Porque? Porque deixar Maria a Martha não por amor de outré, senão por estar com Christo, foi dizerlhe claramente: que fazia tão grande estimação de sua companhia, que só por Deos a podéra deixar, & só com Deos a podia suprir. Vendo os filhos de Israel, que havia quarenta dias, que faltava Moyses, por estar fechado com Deos, determináraõ abalar do pè do monte, & irse. Foraõse ter cõ Araõ, & disseraõ assim: *Fac nobis Deos, qui nos præcedant: Moysen enim huic viro nescimus quid acciderit: Araõ,* fazeinos hum Deos, q̃ nos

acompanhe, porque nam sabemos que feito he deste homem Moyses. Linda cõsequencia por certo! Dai cã hum Deos, porque falta Moyses. Moyses nam era homem? Elles mesmos o dizião: *Moysi enim huic viro.* Pois se Moyses era homem, porque pediam hum Deos em falta de Moyses? Porque ha presenças, que só por Deos se pòdem deixar; & ha ausencias, que só cõ Deos se pòdem suprir. Como os Hebreos amavão tanto ao seu Moyses, & se vião forçados ao deixar, faziaõ este discurso. Já que se ha de deixar Moyses, só por hum Deos se ha de deixar; & já que se ha de suprir com outrem o seu lugar, só com hum Deos se ha de suprir. Por isso pediã a Araõ hum Deos, & não outro substituto daquella ausencia: *Fac nobis Deos, qui nos præcedant.* Esta satisfação deraõ os Israelitas a Moyses, quando o queriaõ deixar; & esta foi a satisfação, que deo Maria a sua irmã, quando a deixou.

Nn iiii Dei

Deixou de estar com ella, mas por estar com Deos: *Quæ etiam sedens secus pedes Domini.* Não tem logo razão o parentesco hoje de se mostrar sentido, ou queixoso, senão contente, & agradecido: *Cognati congratulabantur ei.*

510 *Et audierunt vicini.* Também senão deve queixar a visinhança de ver as Estrangeiras preferidas às naturaes. E porq̃? Porque húa alma, que por mais servir a Deos quiz ajuntar a clausura com a peregrinação, necessariamente ouve de deixar os naturaes, & buscar os Estrangeiros. Húa das cousas que muito agradou sempre a Deos em seus servos, foi a peregrinação. Por isso mandou a Abraham, que sahisse peregrino de sua patria: por isso quiz que peregrinasse Jacob em Mesopotamia, Joseph no Egypto: & ao mesmo povo querido de Israel, porque o escolheu para sy, o fez peregrinar inteiro tantas vezes, & por tantos annos. E como

Deos se agrada tanto dos peregrinos (que também ^{Matth. 2.} o quiz ser neste mundo) que faria húa alma desejava de agradar muito a Deos, vendose obrigada à clausura pelo seu estado, & inclinada à peregrinação pelo gosto divino? Peregrinação, & clausura não podem estar juntas: pois que remedio? O remedio foi, entrando em Religião, escolher hum Mosteiro de Estrangeiras; para q̃ viesse desta maneira a achar juntas a clausura, & a peregrinação: a clausura no lugar, a peregrinação na companhia. Quem cuidaria, que era possível estar juntamente em Portugal, & peregrinar em Flandes? Pois isto he o que vemos hoje com nossos olhos.

511 Falla David da peregrinação dos filhos de Israel para Palestina, & diz assim: *Cùm exiret de terra Egypti, linguam quã non noverat audiuit:* Quando o Povo sahio do Egypto, ouviu a lingua, que não entendia. Particular modo de reparar!

parar! Se David ponderava a peregrinação dos Israelitas, parece que havia de dizer, que passáraõ climas incognitos, que caminharáõ terras desconhecidas. Pois porque não repára nas terras, senão nas linguas? Porque não diz, que andáraõ por terras estranhas, senão que ouviram linguas estrangeiras? Porque julgou discretamente o Profeta, que a formalidade da peregrinação não consistia tanto na mudança dos lugares, quanto na differença das linguas. Nam está o ser peregrino na estranheza das terras que se caminhaõ, senão na estranheza da gente com que se trata: *Cum exiret de terra Egypti, linguam quã non noverat audivit.* Sahir do Egypto para onde se ouve outra lingua, isso he peregrinar. E se he verdadeiro peregrinar o viver entre gente de lingua estranha, bem digo eu, que se viraõ aqui juntas milagrosamente a clausura, & a peregrinação: a clausura no lugar,

a peregrinação na companhia. Não deve logo de estar queixosa a visinhança, posto que a queixa parecia justificada; antes té obrigação as Religiosas Portuguezas de se edificarem, & alegrarem muito de verem (sobre hum tão grande exemplo) hum tão novo, & particular espirito na profissão de seu estado; trocando as apparencias do sentimento em motivos de parabens: *Vicini congratulabantur ei.*

512 Temos acabado o Sermaõ, & com elle as Victorias do Impossivel, que assim se chama. Doulhe este nome, não sò por ser Sermão do Nascimento do Bautista, com o qual provou o Anjo, que nada era impossivel a Deos: *Quia non erit impossibile apud Deum omne verbum;* senão por ser Sermão desta profissão solemnissima, que celebramos, na qual sem haver reparado, deixo provados seis impossiveis. No nascimento do Bautista venceose hum impossivel, que

que foi ajuntarse esterilidade com parto: *Elisabeth peperit filium*. No acto desta profissão vencéraose seis impossiveis, que foraõ os que ordenadamente vimos em seis discursos. No primeiro, ajuntarse a Corte com o deserto. No segundo a mocidade com o desengano. No terceiro a grandeza com o desprezo. No quarto a innocencia com o castigo. No quinto a vida com a morte. No sexto a clausura com a peregrinação. E seis impossiveis vencidos na terra, que devem esperar, senão seis coroas ganhadas no Ceo? Darvos-ha no Ceo, Esposa sereníssima de Christo, a Corte com o deserto hũa coroa de solitaria entre o Coro dos Eremitas, A mo-

cidade com o desengano hũa coroa de prudente entre o Coro dos Doutores. A grandeza com o desprezo hũa coroa de humilde entre o Coro dos Apostolos. A innocencia com o castigo hũa coroa de penitente entre o Coro dos Confessores. A vida com a morte hũa coroa de mortificada entre o Coro dos Martyres. A clausura com a peregrinação hũa coroa de peregrina entre o Coro das Virgens. Assim triunfa, quem assim vence: assim alcança, quem assim merece: assim goza, quem assim trabalha: assim reyna, quem assim serve: nesta vida a Deos por graça; na outra vida com Deos por gloria: *Quam mihi, & vobis, &c.*

FINIS.

I N-

I N D E X

Dos Lugares da Sagrada Escriura.

Os Numeros, significação as Paginas, & as Colunas.

Ex Lib. Genes.

Cap. 1. v. 1. **I**n principio creavit Deus
Caelum, & terram, pag. 327.
col. 1.

v. 2. Terra autem erat inanis, & vacua,
pag. 276. col. 1. & p. 475. col. 1.

Ibid. Et spiritus Domini ferebatur su-
per aquas, pag. 475. col. 1.

v. 3. Fiat lux. Et facta est lux, pag. 62.
col. 1.

v. 4. Et vidit Deus lucem quod esset bo-
na, pag. 62. col. 1.

vers. 22. Benedixitque eis, p. 99. col. 1.

Ibid. Crescite, & multiplicamini, p. 99.
col. 1.

v. 24. Secundum species suas, pag. 99.
col. 1.

v. 26. Faciamus hominem ad imagi-
nem, & similitudinem nostram: &
praesit piscibus maris, &c. pag. 224. c. 2.
in fin. & seqq. p. 331. c. 2. in fin. & seqq.
& p. 475. col. 2. in fin. & seqq.

Cap. 2. v. 2. Requievit die septimo ab uni-
verso opere quod paravit, p. 319. c. 1.

v. 3. Ab omni opere suo quod creavit

Deus, ut faceret, pag. 319. col. 1.

v. 15. Ut operaretur, & custodiret illum,
pag. 450. col. 2. in fin.

v. 24. Erunt duo in carne una, pag. 535.
col. 1.

Cap. 3. v. 4. Nequaquam morte moriemini,
pag. 264. col. 2. & seqq.

v. 5. Et eritis sicut Dij, p. 194. col. 2. in
fin. p. 264. c. 2. & p. 340. c. 2. in princ.

v. 9. Adam, ubi es? pag. 22. col. 2.

v. 21. Fecit quoque Dominus Deus A-
da, & uxori ejus tunicas pelliceas, &
induit eos, pag. 554. col. 2.

v. 22. Ne forte sumat etiam de ligno vi-
tae, & vivat in aeternum, pag. 259. col.
2. & seqq.

v. 24. Collocavit ante Paradisum Che-
rubim, & flammeeum gladium ad en-
fodiendum viam ligni vitae, pag. 259.
col. 2.

Cap. 6. v. 4. Gigantes autem erant super
terram, p. 5. col. 2.

v. 14. Fac tibi Arcam de lignis leviga-
tis, pag. 312. col. 2.

Ibid. Mansuinculas in Arca facies, &

- bitumine linies intrinsecus, & extrinsecus, pag. 312. col. 2. ad
 v. 15. Et sic facies eam, pag. 312. col. 2.
 v. 20. Ut possint vivere, p. 313. col. 1.
- Cap. 11. v. 4. Celebremus nomen nostrum, antequam dividamur, p. 313. col. 1.
- Cap. 12. v. 1. Dixit autem Dominus ad Abram: Egredere de terra tua, &c. p. 568 col. 1.
- Cap. 14. v. 18. Melchisedech proferens panem (erat enim Sacerdos Dei altissimi,) pag. 251. col. 2.
- Cap. 15. v. 2. & 3. Ego vadam absque liberis: & Eliezer uernaculus meus, haeres meus erit, p. 375. col. 2.
- Cap. 18. v. 2. Apparuerunt ei tres viri, pag. 92. col. 1.
 v. 10. Revertens veniam ad te tempore isto, vita comite, & habebit filium Sara uxor tua, pag. 91. col. 2. & seq.
 v. 14. Juxta conductum revertar ad te hoc eodem tempore, vita comite, p. 91. col. 2. in fin. & seq.
- Cap. 19. v. 24. Dominus pluit super Sodomam sulphur, & ignem à Domino de Caelo, pag. 504. col. 2.
- Cap. 21. v. 10. Ejice ancillam, & filium ejus: non enim erit haeres filius ancillae cum filio meo Isaac, p. 375. c. 2. in fin.
- Cap. 22. v. 2. & seqq. Tolle filium tuum unigenitum, quem diligis, Isaac, &c. pag. 566. col. 2.
 v. 18. Benedicentur in semine tuo omnes, pag. 96. col. 2. p. 97. col. 2. & p. 101. col. 2.
- Cap. 25. v. 24. Parvipendens quòd primogenita vendidisset, p. 397. col. 2.
- Cap. 29. v. 1. Profectus ergo Jacob venit in terram orientalem, p. 568. col. 1.
- Cap. 37. v. 3. Tunicam polymitam, p. 515. col. 2.
 v. 18. Cogitaverunt illum occidere, pag. 515. col. 1.
 v. 19. Ecce somniator venit: venite, occidamus eum, pag. 82. col. 1. in fin.
- Cap. 38. v. 27. Unus protulit manum, in qua obstetrix ligavit coccinum, pag. 177. col. 2.
- Ibid. Iste egredietur prior, pag. 219. c. 1.
- Cap. 39. v. 1. Igitur Ioseph ductus est in Aegyptum, &c. pag. 568. col. 1.
- Cap. 41. v. 9. Exploratores estis, p. 73. c. 2.
- Cap. 48. v. 7. Mihi enim quando veniebam de Mesopotamia, &c. p. 541. c. 2.
- Cap. 49. v. 3. & 4. Ruben primogenitus meus, &c. non crescas, p. 101. c. 1. & 2
 v. 9. Calulus Leonis juda, pag. 45. col. 1. in fin.
 Ibid. Requiescens accubivisti ut Leo, p. 98. col. 1.
 v. 14. Issachar A sinu fortis, pag. 45. c. 2. in princ. & p. 98. col. 1.
 v. 17. Fiat Dan Coluber in via, pag. 45. col. 1. in fin. & p. 98. col. 1.
 v. 21. Nephthali Cervus emissus, p. 45. c. 1. in fin. & pag. 98. col. 1.
 v. 22. Filius accrescens Ioseph, filius accrescens, pag. 101. col. 1. in princ. & c. 2. & pag. 416. col. 2.
 v. 27. Benjamin Lupus rapax, p. 45. c. 1. in fin. & p. 98. col. 1.
- Ex Libr. Exodi.
- Cap. 3. v. 3. Vadam, & videbo visonem hanc magnam, p. 301. col. 1. in fin. & p. 499. col. 2. in fin. & seq.
 v. 4. Cernens quòd pergeret ad videndum, vocavit eum, p. 301. col. 2. in princ.
 v. 5. Locus enim in quo stas, terra sancta est, p. 301. col. 2.
 v. 8. Descendi ut liberem eum, pag. 301. col. 2.

Cap. 4. v. 24. *Cumque esset in itinere, in diversorio, occurrit ei Dominus, & volebat occidere eum, p. 161. c. 2. in fin.*

v. 25. *Sponsus sanguinum tu mihi es, pag. 163. col. 1. in princ.*

v. 26. *Et dimisit eum, pag. 163. col. 1.*

Cap. 9. v. 24. *Grando, & ignis mista pariter ferebantur, p. 499. col. 1.*

Cap. 12. v. 29. *Factum est autem in noctis medio, percussit Dominus omne primogenitum in terra Egypti, p. 190. c. 2.*

Cap. 19. v. 16. *Et ecce ceperunt audiri tonitrua, & micare fulgura, pag. 476. c. 2. in fin.*

v. 18. *Totus autem mons Sinai fumabat: eo quod descendisset Dominus super eum in igne, p. 476. col. 2.*

Cap. 23. v. 15. *Non apparebis in conspectu meo vacuus, pag. 276. col. 2.*

Cap. 32. v. 1. *Fac nobis Deos, qui nos precedant: Moyse enim huic viro ignovimus quid acciderit, p. 567. col. 1. in fin. & seqq.*

v. 12. *Ne queso dicant Egyptij, p. 141. col. 1.*

v. 31. & 32. *Aut dimitte eis hanc noxam, aut si non facis, dele me de libro tuo, quem scripsisti, p. 377. c. 2.*

Cap. 33. v. 12. *Invenisti gratiam coram me, pag. 383. col. 2.*

v. 13. *Si ergo inveni gratiam in conspectu tuo, ostende mihi faciem tuam, ut sciam te, & inveniam gratiam ante oculos tuos, pag. 383. col. 2. & seqq. & pag. 426. col. 1.*

Ex Libr. Levitici.

Cap. 6. v. 12. *Ignis in altari semper ardebit, pag. 272. col. 1. in fin. & col. 2.*

Cap. 16. v. 2. *Ne ingrediatur Sanctuarium, quod est intra velum, nisi hoc*

ante fecerit, pag. 253. col. 1. in fin. & p. 274. col. 1.

v. 3. *Vitulum pro peccato offeret, & arietem in holocaustum, p. 253. c. 1. in fin.*

v. 11. & 12. *His ritibus celebratis, & c. ultra velum intrabit in Sancta, p. 253. c. 1. in fin.*

Ex Libr. Deuteronomij.

Cap. 4. v. 24. *Deus tuus ignis consumens est, pag. 476. col. 2.*

v. 36. *Audisti verba illius de medio ignis, pag. 476. col. 2.*

Cap. 17. v. 5. *Non poteris alterius gentis hominem Regem facere, qui non sit frater tuus, pag. 358. col. 1.*

Cap. 18. v. 22. *Hoc habebis signum: Quod Propheta pradixerit, & non evenerit: hoc Dominus non est locutus, pag. 114. col. 1.*

Cap. 29. v. 23. *Sulphure, & Solis ardore comburens, in exemplum subversiois Sodomæ, pag. 505. col. 1.*

Cap. 32. v. 24. *Nonne hæc cõdita sunt apud me, & signata in thesauris meis? pag. 27. col. 1. in med.*

v. 35. *Mea est ultio, & ego retribuam eis in tempore, pag. 27. col. 1. in med.*

Cap. 33. v. 19. *Inundationem maris quasi lac fugent, & thesauros absconditos arenarum, pag. 474. col. 2. in princ.*

Ex Libr. Iosue.

Cap. 7. v. 9. *Quid facies magno nomini tuo? pag. 141. col. 1.*

Ex Libr. Iudicum.

Cap. 9. v. 9. *Nunquid possum deserere pinguedinem meam, & venire, ut inter ligna promovear? pag. 347. c. 2.*

v. 12. *Veni, & impera nobis, p. 347. c. 2.*

v. 14. *Veni, & impera super nos, p. 348. col. 1.*

- v. 15. *Si verè me Regens vobis constituitis, venite, & sub umbra mea requiescite: si autem non vultis, egredia- tur ignis de rhamno, & devoret Cedros Libani, pag. 348. col. 1.*
- Cap. 14. v. 12. *Proponam vobis problema, pag. 175. col. 2.*
- Cap. 16. v. 15. *Quomodo dicit quòd amas me? Per tres vices menti. us es mihi, p. 413. col. 1. & 2.*
- Ex Libr. 1. Regum.
- Cap. 1. v. 13. *Æstimavit eam temulen- tam, dixit que ei: Usquequò ebria eris? pag. 71. col. 1.*
- Cap. 2. v. 10. *Dominum formidabunt ad- versarij ejus, super ipsos in Cælistona- bit, pag. 488. col. 1.*
- Cap. 3. v. 12. & seqq. *In die illa suscitabo adversum Heli, &c. p. 541. c. 1.*
- Cap. 8. *Constitue nobis Regem, sicut & uni- versa habent nationes, p. 370. col. 1.*
- Cap. 15. v. 30. *Peccavi: sed honora me co- ram senioribus populi mei, & coram Israhel, pag. 135. col. 2. & seqq.*
- Cap. 16. v. 7. *Homo videt ea, quæ parent, Dominus autem intuetur cor, pag. 65. col. 1.*
- v. 18. *Vidi filium Israhel scientem psallere, & fortissimum robore, & virum belli- cosum, & prudentem in verbis, & vi- rum pulchrum: & Dominus est cum eo, p. 511. col. 1.*
- Cap. 17. v. 4. 5. & seqq. *Et egressus est vir spurius de castris Philistinorum, nomi- ne Goliah, de Geth, altitudinis sex cubitorum, & palmi, &c. pag. 547. col. 2. in princ.*
- Cap. 18. v. 4. *Expoliavit se Ionathas tu- nica qua erat induus, & dedit eam David, p. 424. col. 2. in fin.*
- v. 7. *Percussit Saul mille, & Davi- cem millia, pag. 67. col. 2.*
- Cap. 21. v. 11. *Percussit Saul mille, & Da- vid decem millia, p. 512. col. 2.*
- v. 12. *Posuit David sermones istos in corde suo, & extimuit valde a facie Achis Regis, p. 512. col. 2.*
- Cap. 21. v. 1. *Abijt ergo David inde, & fu- git in speluncam Odollam, p. 512. c. 2.*
- Cap. 28. v. 15. *Juxta Gexi. Hebr. Qua- re inquietasti me, ut ascenderem: pag. 218. col. 1.*
- Ex Libr. 2. Regum.
- Cap. 12. v. 13. *Peccavi, pag. 135. col. 1. in princ. & seqq.*
- Ibid. *Dominus quoque transfudit pecca- tum in me, p. 135. col. 1.*
- Cap. 14. v. 14. *Omnes morimur, & quasi aquæ dilabimur, p. 27. col. 1.*
- v. 26. *Et quando tondebat capillum, &c. pag. 541. col. 2. in princ.*
- Cap. 17. v. 23. *Videns quòd non fuisset fa- ctum consilium suum, pag. 520. col. 2. & seqq.*
- Ibid. *Abijt in domum suam: & disposita domo sua, suspendio interiijt, pag. 520. c. 1. & seqq.*
- Ibid. *Et sepultus est in sepulchro patris sui, p. 520. col. 1.*
- Cap. 19. v. 35. & 36. *Ostogenarius sum hodie: &c. non indigeo hac vicissitudi- ne, pag. 542. col. 1.*
- v. 37. *Est servus tuus Chamaam, ipse va- dat tecum, pag. 542. col. 1.*
- Cap. 22. v. 8. 9. 10. 13. & seqq. *Commota est, & contremuit terra: fundamenta montium concussa sunt, & conquassa- ta, quoniam iratus est eis. Ascendit fu- mus de naribus ejus, &c. pag. 488. c. 1. in fin. & seqq.*

v. 12. *Cribrans aquas de nubibus Cælorum, pag. 25. col. 2. in princ.*

Cap. 23. v. 8. *Hæc nomina fortium David, pag. 497. col. 2.*

Ibid. *David sedens in cathedra sapientissimus Princeps inter tres, ipse est quasi tenerrimus ligni vermiculus, qui octingentos interfecit impetu uno, pag. 497. col. 2. & seqq.*

Ex Lib. 3. Regum.

Cap. 11. v. 30. *Pallium suum novum, pag. 103. col. 1.*

v. 31. *Ecce ego scindam Regnum de manu Salomonis, & dabo tibi decem Tribus, pag. 103. col. 2. in princ.*

Cap. 17. v. 1. *Vivit Dominus, in cuius conspectu sto, si erit ros, & pluvia. p. 105. col. 1.*

Cap. 18. v. 24. *Deus, qui exaudierit per ignem, pag. 476. col. 2.*

Cap. 19. v. 14. *Zelo zelatus sum pro Domino Deo exercituum, &c. & derelictus sum ego solus, pag. 102. c. 2.*

v. 18. *Derelinquam tibi in Israël septem millia virorum, quorum genua non sunt incurvata ante Baal, p. 102. col. 2.*

Cap. 21. v. 2. *Hortum olerum, p. 450. c. 1.*

v. 25. *Venundatus est, ut faceret malum, pag. 132. col. 1.*

Cap. 22. v. 3. *An ignoratis quod nostra sit Ramoth Galaad, & negligimus tollere eam de manu Regis Syriæ? p. 109. c. 2.*

v. 6. *Congregavit Rex Israël Propheetas, quoad ingentes circumiter viros, pag. 109. col. 2.*

Ibid. *Ire debeo in Ramoth Galaad ad bellandum, an quis scire? p. 109. c. 2.*

Ibid. *Ascende, & dabit eam Dominus in manum tuam, pag. 110. c. 1.*

v. 8. *Remansit vir unus: sed ego odi eum, quia non prophetat mihi bonum, sed malum, pag. 110. col. 1.*

v. 13. *Sit sermo tuus similis eorum, & loquere bona, pag. 110. col. 2. in princ.*

v. 14. *Vivit Dominus, quia quodcumque dixerit mihi Dominus, hoc loquar, p. 110. col. 2.*

Ex Lib. 4. Regum.

Cap. 1. v. 11. *Homo Dei, hæc dicit Rex: Festina, descende, pag. 502. c. 2.*

v. 12. *Si homo Dei ego sum, descendat ignis de Cælo, & devoret te, & quinquaginta tuos, pag. 502. c. 2. & seqq.*

Cap. 2. v. 11. *Et ecce currus igneus, & equi ignei dividerunt utrumque. p. 502. c. 1.*

Cap. 4. v. 3. *Vasa vacua non pauca, p. 276. col. 2.*

Cap. 5. v. 7. *Animadvertite, & videte, quod occasiones quærat adversum me, pag. 71. col. 1. in fin.*

Cap. 20. v. 9. *Vis ut ascendat umbra decem lineis, an ut revertatur totidem gradibus? pag. 204. col. 1.*

v. 10. *Facile est umbram crescere decem lineis: nec hoc volo ut fiat, sed ut revertatur retrorsum decem gradibus, pag. 204. col. 2.*

Ex Lib. 1. Paralipomenon.

Cap. 20. v. 1. *Eo tempore, quo solent Reges ad bella procedere. p. 129. col. 1.*

Ex Lib. Tobie.

Cap. 5. v. 16. *Rogo te, indica mihi, de qua domo, aut de qua tribu es tu? p. 90. c. 1.*

v. 18. *Ego sum Azarias Ananie magni filius, pag. 9. c. 1. & pag. 92. c. 2.*

Ex Lib. Esther.

Cap. 7. v. 8. *Etiam Reginam vult opprimere, me presente, in domo mea, pag. 71. col. 2.*

Ex Libr. Iob.

- Cap. 3. v. 13. & 14. *Et nunc requiescerem cum Regibus, & Consulibus, qui ædificant sibi solitudines, p. 537. col. 1. & seqq.*
- v. 10. *Si bona suscepimus de manu Dei, mala quare non suscipiamus? pag. 44. col. 2.*
- Cap. 7. v. 3. *Sic & ego habui menses vacuos, p. g. 278. col. 1.*
- v. 8. *Nec aspiciet me visus hominis, pag. 275. col. 1.*
- Cap. 10. v. 6. *Ut quæras iniquitatem meam, & peccatum meum scruteris? p. 29. c. 2. in princ.*
- v. 7. *Et scias quia nihil impium fecerim, pag. 29. c. 1. & 2.*
- Cap. 13. v. 25. *Contra folium, quod vento rapitur, ostendis potentiam tuam, pag. 315. col. 2. in fin. & seqq.*
- v. 27. *Observasti omnes semitas meas, & vestigia pedum meorum considerasti, pag. 25. col. 2. in fin.*
- Ibid. *Secundum Septuaginta. Et radices pedum meorum considerasti, pag. 26. col. 1.*
- Cap. 14. v. 2. *Et nunquam in eodem statu permanet, pag. 22. col. 2. in med.*
- Cap. 38. v. 22. & 23. *Nunquid ingressus es thesauros nivis, aut thesauros grandinis vidisti; quæ preparavi in tempus hostis, in diem pugnae, & belli? p. 473. col. 2. in fin. & seqq.*
- v. 35. *Nunquid mites fulgura, & ibi: & revertentia dicent tibi: Adsumus? pag. 480. col. 1. & 2.*
- Cap. 17. v. 11. *Dies mei transferunt, cogitationes meæ dissipatae sunt, torquentes cor meum, p. 517. col. 2. in fin. & seqq.*
- v. 13. *Si sustinero, infernus domus mea*

est, pag. 518. col. 2. & seqq.

v. 14. *Purredini dixi: Pater meus es: Mater mea, & soror mea vermicibus, pag. 518. col. 2. & seqq.*

Cap. 37. v. 5. *Tonabit Deus in voce sua, p. 491. col. 1.*

Ex Libr. Psalmorum.

- Psalm. 1. v. 1. *Beatus vir, pag. 466. col. 2. & seqq.*
- v. 3. *Et erit tanquam lignum, quod plantatum est secus decursus aquarum: quod fructum suum dabit in tempore suo, p. 31. col. 2. in princ. & p. 287. c. 2. & seqq.*
- Ibid. *Folium ejus non defluet, pag. 292. col. 1.*
- Psalm. 2. v. 2. *Astiterunt Reges terra, & Principes convenerunt in unum adversus Dominum, & adversus Christum ejus, p. 526. c. 1. in fin. & seqq.*
- Psalm. 4. v. 3. *Ut quid diligitis vanitatem, & queritis mendacium? pag. 197. c. 2. in fin. & seqq.*
- v. 6. *Muli dicunt: Quis ostendit nobis bona? pag. 434. col. 1.*
- v. 7. *Signatum est super nos lumen vultus tui Domine, pag. 434. c. 1.*
- Psalm. 17. v. 9. *Ignis a facie ejus exarsit, pag. 476. col. 2.*
- v. 14. *Insonuit de Cælo Dominus, & Altissimus dedit vocem suam: grandis, & carbones ignis, pag. 477. c. 1.*
- v. 27. *Cum electo electus eris; & cum perverso perverteris, p. 297. c. 2.*
- Psalm. 18. v. 2. *Cæli enarrant gloriam Dei, & opera manuum ejus annuntiat firmamentum, pag. 249. col. 1.*
- v. 3. *Dies diei eructat verbum: & nox nocti indicat scientiam, p. 249. c. 1.*
- v. 5. *In oronem terram exivit sonus eorum, & in fines orbis terra verba eorum, p. 249. c. 1.*

- v. 13. *Ab occultis meis munda me, & ab alienis parce servo tuo.* p. 39. col. 1.
- Pfalm. 22. v. 5. *Parasti in conspectu meo mensam, adversus eos, qui iribulant me,* pag. 265. col. 1. in fin.
- Pfalm. 32. v. 7. *Ponens in thesauris abyssos,* p. 474. col. 1. in fin.
- v. 9. *Ipsè dixit, & facta sunt,* pag. 493. col. 2.
- Pfalm. 35. v. 4. *Noluit intelligere, ut bene ageret.* pag. 34. col. 1.
- Pfalm. 36. v. 10. *Queres locum ejus, & non invenies.* pag. 197. c. 1.
- v. 35. *Vidi impium super exaltatum, & elevatum sicut cedros Libani.* p. 196. c. 1.
- v. 36. *Et transivi, & ecce non erat: & quesiivi eum, & non est inventus locus ejus,* pag. 196. c. 1. & 2. & p. 197. c. 1.
- Pfalm. 37. v. 14. *Ego autem tanquam surdus non audiebam,* p. 134. c. 2.
- Pfalm. 38. v. 7. *Theaurizat: & ignorat cui congregabit ea.* p. 455. c. 2.
- Pfalm. 42. v. 1. *Judica me Deus, & discerne causam meam de gente non sancta, ab homine iniquo eripe me.* p. 58. c. 1. in fin. & seq.
- Pfalm. 43. v. 7. *Gladius meus non salvabit me.* p. 507. c. 1. in fin.
- Pfalm. 44. v. 11. *Obliviscere populū tuum, & domum patris tui.* p. 556. c. 1.
- v. 15. *Adducentur Regi virgines post eam.* p. 274. c. 2. in fin.
- Pfalm. 49. v. 21. *Statuam te contra faciem tuam.* p. 125. c. 1.
- Pfalm. 50. v. 5. *Peccatum meum contra me est semper.* p. 128. c. 1.
- Pfalm. 57. v. 8. *Ad nihilum devenient tanquam aqua decurrens.* p. 17. c. 1. in princ.
- Pfalm. 61. v. 5. *Pretium meum cogitaverunt repellere.* p. 399. c. 2.
- Pfalm. 62. v. 8. *Accedet homo ad cor altum: & exaltabitur Deus.* pag. 547. col. 1.
- Pfalm. 68. v. 10. *Zelus domus tue comedit me,* p. 104. c. 1. in fin.
- v. 22. *Dederunt in escam meam fel: & in sui mea potaverunt me aceto,* p. 443. col. 2.
- Pfalm. 71. v. 7. *Erit in diebus ejus justitia; & abundantia pacis,* pag. 94. col. 2.
- Pfalm. 72. v. 20. *Vetut somnium surgentium Domine, imaginem ipsorum ad nihilum rediges.* pag. 17. col. 1.
- Pfalm. 74. v. 9. *Calix in manu Domini vini terei plenus misto,* pag. 436. col. 2.
- Pfalm. 76. v. 20. *Et vestigia tua non cognoscentur.* p. 485. c. 1. in fin.
- Pfalm. 77. v. 25. *Panem Angelorum manducavit homo.* pag. 267. c. 1.
- Pfalm. 78. v. 10. *Ne forte dicant in Gentibus.* pag. 141. c. 1.
- Pfalm. 80. v. 6. *Cum exiret de terra Aegypti: linguam, quam non noverat, audivit.* p. 568. col. 2. & seqq.
- v. 11. *Dilata os tuum, & implebo illud.* pag. 243. c. 2. & seqq.
- v. 17. *Cibavit eos ex adipe frumenti,* pag. 243. col. 2.
- Pfalm. 83. v. 4. *Etenim passer invenit sibi domum: & turtur nidum sibi, ubi ponat pullos suos.* p. 221. c. 1. in fin.
- v. 6. & 7. *Beatus vir, cujus est auxilium abste: ascensiones in corde suo disposuit, in valle lacrymarum, in loco quem posuit.* pag. 221. c. 2. & seqq. & p. 423. c. 1.
- v. 12. *Quia misericordiam, & veniā diliguit Deus: gratiam, & gloriam dabit Dominus.* p. 369. c. 2.
- Pfalm. 96. v. 3. *Ignis ante ipsum præcedet.* pag. 476. c. 1. in fin.

Psal. 102. v. 22. *In omni loco dominationis ejus benedic anima mea Domino, p. 251. col. 1.*

Psal. 103. v. 5. *Fundasti terram super stabilitatem suam, p. 217. col. 2.*

v. 32. *Qui respicit terram, & facit eam tremere, pag. 123. col. 1. in fin.*

Psal. 109. v. 4. *Juravit Dominus, & non pœnitebit eum: tu es Sacerdos in æternum secundum ordinem Melchisedech, p. 251. c. 1. in fin. & seqq. & p. 254. c. 2.*

Psal. 110. v. 4. & 5. *Memoriam fecit mirabilium suorum, &c. escam dedit timentibus se, pag. 257. c. 2.*

Psal. 113. v. 16. *Cælum Cæli Domino, pag. 258. c. 2. & p. 338. c. 1.*

Ibid. *Terram autem dedit filiis hominũ, pag. 338. col. 1.*

Psal. 118. v. 18. *Revela oculos meos, pag. 125. col. 1.*

v. 89. *In æternum, Domine, verbum tuum permanet in Cælo, p. 257. c. 1.*

v. 131. *Os meum aperui, & attraxi spiritum, p. 244.*

v. 137. *Iustus es Domine: & rectum iudicium tuum, pag. 34. col. 2. & pag. 79. col. 2.*

Psal. 127. v. 2. *Labores manuum tuarum quia manducabis: beatus es, & bene tibi erit, p. 456. c. 1.*

Psal. 134. v. 7. *Fulgura in pluviam fecit, pag. 489. c. 2.*

v. 8. *Qui producit ventos de thesauris suis, pag. 474. c. 1.*

Psal. 126. v. 9. *Beatus qui occidit patulos suos ad patrem, p. 154. col. 1.*

Psal. 142. v. 2. *N. n. intres in iudicium cum servo tuo, pag. 58. c. 1.*

Psal. 148. v. 4. *Et aquæ omnes, quæ super calos sunt, laudent nomen Domini,*

pag. 228. col. 1.

Ex Libr. Proverbiorum.

Cap. 1. v. 24. *Vocavi, & renuistis, p. 155. col. 1. in princ.*

Ibid. *Extendi manum meam, & non fuit qui aspiceret, pag. 155. c. 1. in princ.*

v. 25. *Despexistis omne consilium, p. 155. col. 1.*

v. 26. *Ego quoque in interitu vestro ridebo, & subsannabo, p. 155. col. 1.*

v. 28. *Tunc invocabunt me, & non exaudiam, pag. 155. col. 1.*

Cap. 2. v. 14. *Lætantur cum malefecerint, pag. 397. c. 2. in fin.*

Cap. 8. v. 17. *Ego diligentes me, diligo, p. 371. col. 2.*

v. 30. & 31. *Delectabar per singulos dies, ludens in orbe terrarum: & aelicia mea esse cum filiis hominum, pag. 306. c. 2.*

Cap. 14. v. 13. *R. sus dolore miscbitur, & extrema gaudij luctus occupat, p. 437. col. 1.*

Cap. 23. v. 26. *Præbe fili mi cor tuum mihi, pag. 155. col. 2. in fin.*

Cap. 30. v. 16. *Ignis nunquam dicit, Sufficit, pag. 272. c. 1. in fin. & seqq.*

Ex Libr. Ecclesiastes.

Cap. 1. v. 4. *Generatio præterit, & generatio advenit: terra autem in æternum stat, pag. 17. c. 1. in fin. & c. 2.*

Ibid. *Terra autem in æternum stat, pag. 216. col. 2. & seqq.*

v. 5. *Oritur Sol, & occidit, p. 216. c. 2.*

v. 6. *Gyrat per Meridiem, & flectitur ad Aquilonem, lustrans universa in circuitu, pag. 216. c. 2.*

v. 10. *Nihil sub Sole novum, p. 159. c. 2.*

Cap. 2. v. 1. *Dixi ego in corde meo: Vadam, & affluam delicijs, & fruor bonis, pag. 437. col. 1.*

v. 10. *Omnia quæ desideraverunt oculi mei, non negavi eis: nec prohibui cor meum quin omni voluptate frueretur.* p. 438. col. 2.

v. 11. *Cum me converissem ad universa opera, quæ fecerant manus mea, & ad labores, in quibus frustra sudaveram, vidi in omnibus vanitatem, & afflictionem animi,* pag. 438. c. 2.

Ex Lib. Cantic. Canticor.

Cap. 1. v. 7. *Indica mihi, quem diligit anima mea, ubi pascas, ubi cubes in meridie, ne vagari incipiam post greges sodalium tuorum,* pag. 302. col. 2. & seqq. & p. 387. c. 2. in princ.

v. 8. *Si ignoras te,* p. 302. c. 2.

Ibid. *Egredere, & abi post vestigia gregum, & pasce hados tuos juxta tabernacula pastorum,* p. 302. c. 2. & seqq. & p. 387. c. 2.

Cap. 2. v. 9. *En ipse stat post parietem nostrum,* p. 273. col. 2. & seqq.

v. 12. *Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis advenit,* pag. 540. c. 2. in fin.

v. 16. *Dilectus meus mihi, & ego illi,* p. 373. c. 1.

Cap. 3. v. 6. *Quæ est ista, quæ ascendit per desertum?* pag. 534. c. 2. in fin.

Cap. 4. v. 6. *Vadam ad montem myrrhæ, & ad collem thuris,* pag. 169. col. 2. & seqq. & pag. 179. col. 1.

v. 7. *Tota pulchra es amica mea, & macula non est in te,* p. 169. c. 2. & seqq.

v. 8. *Veni, sponsa mea, veni de Libano, veni coronaberis,* pag. 388. c. 1.

v. 9. *Vulnerasti cor meum, soror mea sponsa, vulnerasti cor meum,* p. 165. c. 2.

Cap. 5. v. 1. *Veniat dilectus meus in hortum suum, & comedat fructum pomorum*

suorum. p. 167. c. 1. in fin. & c. 2.

Ibid. *Veni in hortum meum, soror mea sponsa, messui myrrham meam,* p. 167. c. 2. & pag. 178. col. 2.

v. 11. *Coma ejus sicut clavae palmarum, nigra quasi corvus.* p. 292. c. 2.

v. 13. *Labia ejus distillantia myrrham primam,* p. 178. c. 2. in fin. & seqq.

Cap. 7. v. 7. *Statura tua assimilata est palmae,* pag. 416. c. 1.

Cap. 8. v. 5. *Quæ est ista, quæ ascendit de deserto, delicijs affluens, innixa super dilectum suum?* p. 393. c. 2. & seqq. & p. 534. col. 2. in fin. & seqq.

v. 6. *Fortis est ut mors dilectio,* pag. 560. c. 1. & 2.

Ibid. *Dura sicut infernus amulatio,* pag. 106. c. 1. in fin. & p. 560. c. 1. & 2.

Ex Libr. Sapientia.

Cap. 4. v. 8. & 9. *Cani autem sunt sensus hominis, & atas senectutis vita immutata,* p. 292. c. 1. in fin.

Cap. 5. v. 2. *Ego dormio, & cor meum vigilat,* pag. 390. col. 2.

v. 3. *Pænitentiam agentes, & præ angustia spiritus gementes,* pag. 55. col. 1. in princ.

Ibid. *Dicentes intra se,* p. 55. c. 1.

Ibid. *Hi sunt quos habuimus aliquando in derisum, & in similitudinem improperij,* p. 55. col. 1.

v. 4. *Nos insensati vitam illorum estimabamus insaniam, & finem illorum sine honore: ecce quomodo computati sunt inter Filios Dei, & inter Sanctos. sicut illorum est,* pag. 55. col. 2. in princ.

v. 6. *Ergo erravimus a via veritatis, & Sol intelligentia non est ortus nobis,* pag. 53. col. 2. in fin.

v. 8. *Quid vobis profuit superbia?* pag.

53. col. 2. in fin. & seq.
- Ibid. *Divitiarum jactantia quid contulit nobis?* pag. 54. col. 1. in princ.
- v. 9. *Transierunt omnia illa tanquam umbra,* pag. 54. c. 1.
- Ibid. *Tanquam nuntius percurrens,* pag. 54. col. 1.
- v. 10. *Et tanquam navis, quæ pertransit fluctuantem aquam: cujus, cum præterierit, non est vestigiū in ventre,* p. 54. c. 1.
- v. 11. *Aut tanquam avis, quæ transvolat in aere, verberans levem ventum: & nullum signum invenitur itineris illius,* pag. 54. c. 1. in fin.
- v. 12. *Aut tanquam sagitta emissa in locū destinatū, divisus aer continuo in se reclusus est, ut ignoretur transitus illius,* p. 54. c. 2.
- v. 13. *Sic & nos nati continuo deservimus esse, & virtutis quidem nullum signum valuimus ostendere: in malignitate autem nostra consumpti sumus,* p. 54. c. 2.
- v. 14. *Talia dixerunt in Inferno hi qui peccaverunt,* p. 55. c. 2.
- Cap. 7. v. 26. *Speculū sine macula Dei manifestatis, & imago bonitatis illius,* p. 335. c. 2.
Ex Libr. Ecclesiastici.
- Cap. 7. v. 7. *Noli fieri judex, nisi valeas irrumpere iniquitates: ne fortè extimescas faciem potentis,* p. 293. c. 2. in fin.
- Cap. 10. v. 8. *Regnum a gente in gentem transfertur propter injustitias,* p. 18. c. 1.
- Cap. 20. v. 29. *Sapiens in verbis producet seipsum,* p. 351. c. 1.
- Cap. 24. v. 17. *Quasi Cedrus exaltata sum in Libano,* p. 360. c. 1.
- v. 18. *Et quasi Cypressus in monte Sion: quasi Palma exaltata sum in Cades,* pag. 360. c. 1.
- v. 29. *Qui edunt me, adhuc esurient: & qui bibunt me, adhuc sitient,* p. 271. c. 1.
& seqq.
- Cap. 48. v. 9. *Qui receptus es in turbine ignis in curru equorū igneorū,* p. 503. c. 1.
Ex Prophet. Iaiæ:
- Cap. 2. v. 4. *Conflabunt gladios suos in vomeres, & lanceas suas in falces,* p. 95. c. 1.
v. 4. *Quid est quod debui ultra facere vinea mea, & non feci ei?* p. 48. c. 2.
- Cap. 6. v. 2. *Duabus velabant faciem ejus, & duabus volabant,* p. 371. c. 2. & pag. 427. col. 2. & seq.
- Cap. 7. v. 14. *juxta Text. Hebr. Ecce, abscondita concipiet,* p. 274. c. 2.
- Cap. 8. v. 3. *Voca nomen ejus Accelera, spolia detrahere, Festina prædari,* p. 94. c. 2.
- Cap. 9. v. 6. *Cujus imperium super humerum ejus,* p. 94. c. 1.
- Ibid. *Vocabitur nomen ejus Deus fortis,* p. 94. c. 2.
- Cap. 11. v. 6. *Habitabit lupus cum agno,* p. 96. col. 1.
- v. 7. *Et leo quasi bos comedet paleas,* pag. 96. col. 1.
- Cap. 14. v. 12. *Quomodo cecidisti de Cælo, Lucifer?* p. 220. col. 1.
- v. 13. *Qui dicebas in corde tuo: In Cælum conscendam,* p. 220. c. 1.
- Ibid. *Super astra Dei exaltabo solium meum,* p. 194. c. 2. & p. 229. c. 1.
- v. 14. *Similis ero Altissimo,* pag. 194. c. 2. & pag. 229. col. 1.
- v. 15. *Veruntamen ad infernum detrahèris in profundum lacu,* p. 229. c. 1.
- Cap. 19. v. 1. *Onus Egypti,* p. 112. c. 1.
- Ibid. *Ecce Dominus ascendet super nubē levem, & ingredietur Egyptū,* p. 529. c. 1.
- Ibid. *Et comovebuntur simulachra Egypti a facie ejus,* p. 529. c. 1. & seqq.
- Cap. 35. v. 4. *Ipse veniet, & salvabit nos,* pag. 94. col. 1.
- v. 6. *Tunc saliet sicut cervus glandus, &*
aperta

- aperta erit lingua mutorū, &c. p. 95. c. 1.
- Cap. 38. v. 12. De manē usque ad vesperam finies me, p. 24. c. 1.
- Cap. 40. v. 4. Omnis vallis implebitur, & omnis mons, & collis humiliabitur, pag. 95. col. 2.
- Cap. 45. v. 15. Verē tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator, p. 274. c. 2.
- Cap. 53. v. 3. Novissimum virorum, pag. 225. col. 2.
- Cap. 58. v. 9. Invocabis, & Dominus exaudiet: clamabis, & dicet: Ecce adsum, pag. 322. c. 1. in fin. & c. 2.
- Cap. 59. v. 16. Et vidit quia non est vir: & aporiatu est, quia non est qui occurrat, pag. 487. c. 1. in princ.
- v. 17. Indutus est justitia, ut lorica, & galea salutis in capite ejus: indutus est vestimentis ultionis, & opertus est quasi pallio zeli, p. 486. c. 2.
- v. 18. Sicut ad vindictam quasi ad retributionem hostibus suis, & vicissitudinem inimicis suis pag. 486. c. 2.
- Cap. 60. v. 13. Et locum pedum meorum glorificabo, p. 307. c. 1. in fin.
- Cap. 63. v. 1. Quis est iste, qui venit de Edom, tinctis vestibus de Bosra? p. 185. c. 2. & seqq. & p. 187. c. 2. & seqq.
- Ibid. Iste formosus in stola sua, gradienti in multitudine fortitudinis sua, p. 185. c. 2. in fin. & seqq.
- Ibid. Ego qui loquor justitiam, & propugnator sum ad salvandam, p. 187. c. 1.
- v. 2. Quare ergo rubrum est indumentum tuum, & vestimenta tua sicut calcantium in torculari? p. 187. c. 2.
- v. 3. Torcular calcavi solus, & de Gentibus non est vir mecum, p. 187. c. 2.
- Ibid. Aspersus est sanguis eorum super vestimenta mea, p. 188. c. 1.

Cap. 65. v. 20. Pueri centum annorum, p. 290. col. 2.

Ex Prophet. Ieremiæ.

- Cap. 1. v. 13. Ollam succensam ego video, pag. 492. c. 1.
- v. 14. Ab Aquilone pandetur malum super omnes habitatores terra, p. 492. c. 1.
- Cap. 2. v. 2. Charitatem desponsationis tuae, quando secuta es me in deserto, p. 534. col. 2.
- Cap. 11. v. 19. Cogitaverunt super me consilia, dicentes: Mittamus lignum in pannem ejus, & eradamus eum de terra viventium, p. 263. c. 1. in fin. & seq.
- Cap. 23. v. 23. Putasne Deus è vicino ego sum, & non Deus de longē? p. 338. c. 1.
- v. 24. Cælum, & terram ego impleo, pag. 338. c. 1.
- Threnor. Cap. 1. v. 19. Torcular calcavit Dominus virgini filiae Juda, p. 188. c. 1.
- Threnor. Cap. 3. v. 1. Ego vir videns paupertatem meam, p. 160. c. 1.
- v. 30. Saturabitur opprobrijs, pag. 141. col. 2.
- Threnor. Cap. 4. v. 22. Filia Sion, non addet ultra, ut transmigret te, p. 214. col. 1.
- Ex Prophet. Baruch.
- Cap. 3. v. 38. Post hac in terris visus est, & cum hominibus conversatus est, p. 273. c. 1. in princ.
- Ex Prophet. Ezechielis.
- Cap. 8. v. 5. Et ecce idolum zeli in ipso introitu, p. 107. c. 1. in princ.
- v. 11. Et septuaginta viri de senioribus domus Israel, &c. stantium ante picturas: & unusquisque habebat thuribulum in manu sua, p. 107. c. 1.
- v. 14. Et ecce mulieres sedebant plangentes Adonidem, p. 107. c. 1.

- v. 16. *Et ecce quasi viginti quinque viri dorsa habentes contra templum Domini, pag. 107. c. 2. in princ.*
- Ibid. *Et facies ad Orientem: Et adorabant ad ortum Solis, p. 107. c. 2.*
- Cap. 10. v. 18. *Egressa est gloria Domini à limine templi, p. 118. c. 2. in fin. Et seq.*
- Cap. 13. v. 5. *Non ascendistis ex aduerso (aut juxta Text. Hebr. non ascendistis in fracturas, Et interruptiones) neque opposuistis murum pro domo Israel: ut staretis in praelio in die Domini, pag. 487. col. 1. in fin. Et seqq.*
Ex Prophet. Danielis.
- Cap. 2. v. 21. *Ipse mutat tempora, Et aetates: transfert Regna, atque constituit, p. 18. col. 1.*
- v. 31. 32. *Et seqq. Tu Rex videbas, Et ecce quasi statua una grandis, Et c. p. 547. col. 1. in fin. Et seqq.*
- v. 34. *Abscissus lapis sine manibus. p. 206. col. 2. Et p. 547. c. 2. in princ.*
- v. 35. *Nullusque locus inuentus est eis, p. 206. col. 1.*
- Ibid. *Factus est mons magnus, Et implevit terram, p. 446. col. 2.*
- Cap. 3. v. 1. *Nabuchodonosor Rex fecit statuam auream altitudine cubitorum sexaginta, Et c. pag. 342. col. 1. Et pag. 547. col. 2.*
- v. 9. 2. *Et species quarti similis Filio Dei, pag. 505. col. 2. in princ.*
- Cap. 6. v. 4. *Porro Rex cogitabat constitucere eum super omne Regnum, p. 417. c. 1.*
- Ibid. *Vnde Principes, Et Sarrapæ querebant occasionem, ut inuenirent Danieli ex latere Regis, pag. 417. c. 1.*
- Cap. 7. v. 2. *Et ecce quatuor venti Celi pugnabant in mari magno, p. 7. c. 1.*
- v. 8. *Cornu parvulum, p. 492. c. 2. in fin.*
- v. 9. *Thronus ejus, flamma ignis, pag. 476. col. 1.*
- Ibid. *Rotæ ejus, ignis accensus, p. 476. c. 1.*
- v. 10. *Fluvius igneus, rapidusque egrediebatur à facie ejus, Et c. p. 493. c. 1.*
- v. 11. *Aspiciebam propter vocem sermonum grandium, quos cornu illud loquebatur, p. 493. c. 1.*
- Cap. 14. v. 24. *Babylonem non vidi, Et lacum nescio, p. 356. c. 1. in fin.*
Ex Prophet. Osee.
- Cap. 2. v. 14. *Ducam eam in solitudinem: Et loquar ad cor ejus, p. 534. c. 2.*
Ex Prophet. Ioelis.
- Cap. 1. v. 4. *Residuum erucæ comedit locusta: residuum locustæ comedit bruchus: residuum bruchi comedit rubigo, pag. 454. col. 2.*
- Cap. 2. v. 10. *A facie ejus contremuit terra, moti sunt Celi: Sol, Et Luna obrebrati sunt, Et Siella retraxerunt splendorem suum, pag. 144. col. 1.*
- v. 11. *Dominus dedit vocem suam ante faciem exercitus sui: quia multa sunt nimis castra ejus, quia fortia, Et facientia verbum ejus, pag. 144. col. 1.*
- v. 12. *Magnus enim dies Domini, Et terribilis valde, pag. 144. c. 1. in fin.*
- Ibid. *Et quis sustinebit eum? pag. 144. col. 1. in fin.*
- Ibid. *Nunc ergo, dicit Dominus, convertemini ad me in toto corde vestro, pag. 144. col. 2. Et seqq.*
Ex Prophet. Ionæ.
- Cap. 3. v. 4. *Adhuc quadraginta dies, Et Ninive subvertetur, pag. 145. c. 1.*
Ex Prophet. Nahum.
- Cap. 1. v. 1. *Onus Ninive, p. 112. c. 1.*
Ex Prophet. Habacuc.
- Cap. 3. v. 6. *Aspexit, Et dissoluit gentes, p. 123. c. 1. in princ.*
Ex

Ex Prophet. Zachariæ.

Cap. 6. v. 12. *Ecce vir oriens nomen ejus,*
pag. 285. c. 2.

Cap. 9. v. 17. *Quid bonum ejus, & quid
pulchrum ejus: nisi frumentium electo-
rum, & vinum germinans virgines,* pag.
550. col. 2. & seqq.

Cap. 11. v. 17. *O Pastor, & Idôlum!* pag.
39. col. 2. in med.

Ex Prophet. Malachiæ.

Cap. 1. v. 3. *Esaü autem odio habui,* p. 397.
col. 2.

v. 10. *Non est mihi voluntas in vobis: &
munus non suscipiam de manus vestra,* p.
246. col. 2.

v. 11. *Ab ortu enim Solis usque ad occa-
sum, magnum est nomen meum in Gen-
tibus, & in omni loco sacrificatur, & of-
fertur nomini meo oblatio munda,* pag.
246. col. 2. & seqq.

Cap. 4. v. 2. *Et sanctitas in pennis ejus,* p. 94.
col. 1. in fin.

Ex D. Matthæo.

Cap. 1. v. 16. *Maria, de qua natus est Je-
sus* p. 158. c. 1. & seqq.

Cap. 2. v. 2. *Vbi est, qui natus est Rex In-
dæorum?* p. 527. c. 2.

v. 8. *Ite, & interrogate diligenter de pæ-
ro,* p. 527. col. 2. in fin.

Ibid. *Et cum inveneritis, renuntiate mi-
hi,* pag. 527. c. 2. in fin.

Ibid. *Vt & ego veniens adorem eum,* pag.
527. col. 2. in fin.

v. 13. & seqq. *Surge, & accipe puerum,
& matrem ejus, & fuge in Ægyptum,
& c.* pag. 568. col. 2. in princ.

v. 16. *Videns quoniam illusus esset à Ma-
gis* p. 528. c. 1. & seqq.

Ibid. *A bimatu, & infra,* p. 82. col. 1.

Cap. 3. v. 2. *Penitentiam agite: appropin-*

quavit enim Regnum Cælorum, p. 149.
col. 1.

Cap. 4. v. 1. *Ductus est in desertum, ut ten-
taretur à Diabolo,* p. 211. c. 1.

v. 5. *Assumpsit eum Diabolus in sanctam
Civitatem, & stavit eum super pinna-
culum Templi,* pag. 211. c. 2. in princ. &
pag. 432. c. 2.

v. 6. *Mitte te deorsum,* p. 211. c. 2.

v. 8. *Iterum assumpsit eum in montem ex-
celsum valde,* p. 211. c. 2.

Ibid. *Ostendit ei omnia Regna mundi, &
gloriam eorum,* p. 432. c. 1.

v. 9. *Si cadens adoraveris me,* p. 211. c. 2.

v. 18. *Mittentes rete in mare,* p. 548. c. 1.

Cap. 5. v. 45. *Qui Solem suum oriri facit
super bonos, & malos,* p. 106. c. 1.

Ibid. *Et pluit super justos, & injustos,* pag.
106. col. 1.

Cap. 6. v. 10. *Adveniat Regnum tuum,* p.
149. c. 1.

v. 19. *Nolite thesaurizare vobis in terra:
ubi ærugo, & tinea demolitur, & ubi fu-
res effodiunt, & furantur,* p. 453. c. 2.

v. 20. *Thesaurizate autem vobis in Cælo:
ubi neque ærugo, neque tinea demolitur,
& ubi fures non effodiunt, nec furantur,*
pag. 453. c. 2.

Cap. 7. v. 1. *Nolite judicare, ut non iudice-
mini,* pag. 85. c. 1. in princ.

v. 2. *In quo enim iudicio judicaveritis, ju-
dicabimini,* p. 85. c. 1. in princ.

Cap. 9. v. 8. *Qui dedit potestatem talem
hominibus,* p. 147. c. 1. in fin.

Cap. 10. v. 5. *In viam gentium ne abieritis,
p. 300. col. 2. in fin.*

v. 25. *Si Patres familias Beelzebub vo-
caverunt: quanto magis domesticos ejus?*
pag. 80. c. 2. in princ.

v. 26. *Ne ergo timueritis eos. Nihil enim
est*

- est opertum, quod non revelabitur; & occultum, quod non scietur, p. 80. col. 2. in princ. & seq.
- v. 28. Nolite timere eos, qui occidunt corpus, animam autem non possunt occidere: sed potius timeate eum, qui potest & animam, & corpus perdere in gehennam. pag. 78. c. 1. in fin.
- Cap. 11. v. 2. Ioannes in vinculis, pag. 56. col. 1. & seqq.
- v. 3. Tu es, qui venturus es, an alium expectamus? p. 68. c. 1. & p. 319. c. 2. in fin.
- v. 4. Euntes renuntiate Ioanni quæ audistis, & vidistis, pag. 68. col. 1. in fin. & p. 320. c. 1.
- v. 5. Cæci vident, claudi ambulant, mortui resurgunt, p. 68. c. 1. in fin.
- v. 6. Et beatus est, qui non fuerit scandalizatus in me, p. 68. c. 2. in princ.
- v. 7. Quid existis in desertum videre? p. 69. col. 2. pag. 535. col. 2. in fin. & seqq. & pag. 545. c. 2.
- Ibid. Arundinem vento agitatam? pag. 69. c. 2.
- v. 8. Hominem mollibus vestitum? p. 69. c. 2. & p. 536. col. 1. in princ.
- Ibid. Ecce qui mollibus vestiuntur, in domibus Regum sunt, p. 536. c. 1. in princ.
- v. 9. Prophetam, p. 108. c. 1. in fin.
- Ibid. Plusquam Prophetam, p. 69. col. 2. & p. 108. c. 1. in fin.
- v. 10. Ecce ego mitto Angelum meum, p. 69. c. 2. in fin.
- v. 14. Ioannes Baptista ipse est Elias, pag. 116. c. 1.
- Cap. 13. v. 28. Trisimus, & colligimus ea? p. 75. c. 1. in fin.
- v. 30. Sumite utraque crescere usque ad messim, p. 75. c. 2. in princ.
- v. 44. Simile est Regnum Cælorum the-
sauri abscondito in agro: quem qui invenit homo, abscondit, & præ gaudio illius vadit, & vendit universa, quæ habet, & emit agrum illum, pag. 471. c. 1. & seqq.
- v. 47. Sigena missæ in mare, pag. 24. c. 2. in med.
- v. 52. Ideo omnis Scriba doctus similis est Patri-familias, qui profert de thesauro suo nova, & vetera, p. 160. c. 1.
- Cap. 15. v. 24. Non sum missus nisi ad oves, quæ perierunt domus Israel, pag. 300. col. 2.
- Cap. 16. v. 27. Tunc reddet unicuique secundum opera eius, p. 461. c. 1.
- Cap. 17. v. 1. Assumpsit Iesus Petrum, & Iacobum, & Ioannem, & duxit illos in montem excelsum seorsum, pag. 431. c. 1. & seqq.
- v. 2. Et transfiguratus est ante eos, p. 431. c. 1. & seqq.
- Ibid. Resplenduit facies eius sicut Sol, p. 431. c. 1.
- v. 4. Bonum est nos hic esse, p. 434. c. 1.
- Ibid. Faciamus hic tria tabernacula, tibi unum, Moysi unum, & Eliæ unum, p. 460. c. 1. & 2.
- Cap. 18. v. 10. Semper videnti faciem Patris, qui in Cælis est, p. 311. c. 2.
- v. 23. Qui voluit rationem ponere cum servis suis, p. 48. c. 1.
- v. 24. Decem millia talenta, p. 48. c. 1.
- Cap. 19. v. 27. Quid ergo erit vobis? pag. 200. c. 2.
- v. 28. Sedebitis super sedes duodecim, iudicantes duodecim tribus Israel, p. 200. col. 2.
- Cap. 20. v. 21. Dic ut sedent hi duo filij mei, unus ad dexteram, & unus ad sinistram in Regno tuo, p. 418. c. 2. in fin. & seqq.
- Cap.

- Cap. 21. v. 19. *Nunquam ex te fructus nascatur in sempiternum, pag. 31. col. 1. & p. 32. c. 1.*
- Cap. 22. v. 19. *Ostendite mihi numisma census, p. 331. c. 1. in fin.*
- v. 20. *Cujus est imago hæc, & superscriptio? p. 329. c. 1. & seqq.*
- v. 21. *Dicunt ei: Cæsaris, pag. 329. c. 1. & seqq.*
- Ibid. *Reddite ergo quæ sunt Cæsaris, Cæsari: & quæ sunt Dei, Deo, p. 362. c. 2.*
- Cap. 23. v. 2. *Super cathedram Moysi sederunt Scribae, & Pharisei, p. 198. c. 1.*
- v. 6. *Amant autem primos recubitus in canis, & primas cathedras in synagogis, p. 230. c. 1.*
- v. 27. *Sepulchra dealbata, p. 292. c. 1.*
- Cap. 24. v. 29. *Sol obscurabitur, & Luna non dabit lumen suum, & Stelle cadent de Cælo, p. 210. c. 1.*
- v. 30. *Tunc parebit signum Filij hominis in Cælo, p. 255. c. 1.*
- Ibid. *Tunc videbunt Filium hominis venientem in nubibus Cæli, p. 59. e. 1. & 2.*
- v. 43. *Non sineret perfodi domum suam, p. 499. c. 2.*
- Cap. 25. v. 15. *Vnicuique secundum propriam virtutem, p. 43. c. 2.*
- v. 19. *Post multum verò temporis venit Dominus seravorum illorù, & posuit rationem cum eis, p. 41. c. 2. in fin. & seq.*
- v. 34. *Venite benedicti, p. 83. c. 1.*
- v. 40. *Quandiu fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis, pag. 325. c. 1.*
- v. 41. *Discedite à me maledicti in ignem æternum, pag. 52. col. 2. in princ. & p. 83. col. 1.*
- Cap. 26. v. 8. *Vt quid perditio has? p. 139. col. 1.*
- v. 10. *Opus enim bonum operata est in me, pag. 479. col. 2.*
- v. 21. *Amen dico vobis, quia unus vestrum me traditurus est p. 30. c. 1.*
- v. 22. *Nunquid ego sum Dominus? p. 301. col. 1.*
- v. 26. *Hoc est corpus meum, p. 563. c. 2. in fin. & seqq.*
- v. 31. *Percutiam pastorem, & dispergentur oves gregis, p. 299. c. 1.*
- v. 58. *Vt videret finem, p. 76. c. 2.*
- v. 65. *Blasphemavit, p. 141. col. 2.*
- v. 68. *Prophetiza nobis Christe: Quis est qui te percussit? p. 115. c. 1.*
- Cap. 27. v. 13. *Non audis quanta adversum te dicunt testimonia? pag. 134. col. 1.*
- v. 24. *Accepta aqua, lavit manus coram populo, dicens: Innocens ego sum à sanguine justij hujus, p. 65. c. 2. & seq.*
- v. 25. *Sanguis ejus super nos, pag. 66. col. 1.*
- v. 34. *Dederunt ei vinum cum felle mistum, p. 443. col. 2.*
- Ibid. *Cum gustasset, noluit bibere, p. 443. col. 2. in fin.*
- v. 37. *Et imposuerunt super caput ejus causam ipsius scriptam, p. 63. c. 1. in fin. & c. 2.*
- v. 42. *Scipsum non potest salvum facere, pag. 141. c. 2.*
- v. 63. *Seductor ille, p. 141. c. 2.*
- Cap. 28. v. 2. *Angelus Domini descendit de Cælo, p. 557. c. 2. & seqq.*
- v. 5. *Dixit mulieribus, pag. 557. c. 2. & seqq.*
- Ibid. *Iesum, qui crucifixus est, quaritis, p. 557. c. 1. in fin. & seqq.*

Ex D. Marco.

Cap. 3. v. 17. *Jacobù Zebedæi, & Ioannem*

- fratrem Iacobi: & imposuit eis nomina Boanerges, quod est, Filij tonitruus, pag. 478. col. 2.
- Cap. 4. v. 24. In qua mensura mensi fueritis, remetietur vobis, p. 461. c. 1.
- Cap. 6. v. 35. Desertus est locus, &c. pag. 535. c. 2. in princ.
- Cap. 8. v. 2. Nec habent quod manducent, p. 535. c. 2. in princ.
- v. 4. Unde illos. quis poterit hic saturare panibus in solitudine? p. 535. col. 2. in princ.
- v. 8. Surrexerunt, p. 272. c. 1.
- v. 24. Video homines, velut arbores, ambulantes, p. 124. s. 1. in fin.
- Cap. 11. v. 12. Escrijti, p. 31. col. 1. in princ.
- v. 13. Siquid forte inueniret in ea, p. 31. col. 1.
- Ibid. Non enim erat tempus ficorum, p. 31. col. 1. pag. 32. c. 1. & p. 540. c. 1.
- v. 14. Et respondens dixit ei: Iam non amplius in aeternum ex te fructum quicquam manducet, p. 31. a. 2.
- Cap. 13. v. 32. De die autem illo nemo scit, neque Angeli, neque Filius, pag. 420. c. 2. in fin. & seqq.
- Cap. 14. v. 3. Simonis Leprosi, p. 77. c. 2.
- v. 33. Cæpit pavere, & cadere, pag. 183. col. 2. in fin.
- v. 44. Dederat autem traditor ejus signum eis, dicens: Quemcumque osculatus fuero, ipse est: tene e eum, pag. 82. c. 2. in fin. & seqq.
- Cap. 16. v. 5. Et introeuntes in monumentum viderunt juvenem sedentem, pag. 557. c. 2. & seqq.
- v. 6. Iesum quaeritis Nazarenum, crucifixum, p. 557. c. 2. in princ. & seqq.
- v. 20. Prædicaverunt ubique, pag. 248. col. 1.
- Ex D. Luca.
- Cap. 1. v. 28. Ave gratia plena, p. 402. c. 2. v. 29. Turbata est in sermone ejus p. 184. col. 2.
- v. 30. Ne timeas Maria, p. 184. c. 2.
- Ibid. Invenisti gratiam apud Deum, p. 403. c. 1.
- v. 32. Dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus: & regnabit in domo Iacob in aeternum, pag. 96. col. 2. in fin. & seqq.
- v. 35. Spiritus Sanctus superueniet in te, pag. 402. c. 2.
- v. 37. Quia non erit impossibile apud Deum omne verbum, p. 569. c. 2.
- v. 38. Fiat mihi secundum verbum tuum, pag. 184. c. 2.
- v. 41. Excultavit infans in utero, p. 540. col. 2.
- v. 57. 58. & seqq. Elisabeth impletum est tempus pariendi: & peperit filium. Et audierunt vicini, & cognati ejus, quia magnificavit Dominus misericordiam suam cum illa, & congratulabuntur ei. Et venerunt circumcidere puerum, &c. pag. 533. c. 1. & seqq.
- v. 63. Mirati sunt universi, pag. 533. c. 2. & seqq.
- v. 65. Factus est timor super omnes vicinos eorum, p. 533. c. 2. in fin.
- Ibid. Divulgabantur omnia verba hæc, pag. 544. c. 2.
- v. 66. Posuerunt in corde suo, dicentes, p. 534. c. 1.
- Ibid. Et erant manus Domini. erat cum illo, p. 534. c. 1.
- v. 80. Puer autem crescebat, &c. p. 542. col. 1.
- Cap. 2. v. 7. Peperit Filium suum Primogenitum, p. 166. c. 1.

- Cap. 3. v. 2. *Factum est verbum Domini super Ioannem, Ec. p. 121. c. 1. & seqq.*
- v. 3. *Et venit in omnem regionem Iordanis, prædicans baptismum penitentiæ in remissionem peccatorum, pag. 121. c. 1. & seqq.*
- v. 4. *Vox clamantis in deserto, pag. 122. col. 2. in fin.*
- Cap. 6. v. 19. *Omnis turba querebat eum tangere, quia virtus de illo exibat, & sanabat omnes, p. 321. c. 2. in fin.*
- v. 37. *Nolite iudicare, & non iudicabimini: nolite condemnare, & non condemnabimini, p. 86. c. 1.*
- Cap. 7. v. 38. *Lacrymis cæpit rigare pedes ejus, & capillis capitis sui tergebat, p. 541. col. 2.*
- v. 39. *Quia peccatrix est, pag. 83. col. 2. & p. 139. col. 1.*
- v. 47. *Remittantur ei peccata multa, pag. 69. c. 1.*
- Cap. 8. v. 5. *Exijt qui seminat, seminare, pag. 122. c. 2.*
- v. 11. *Semen est verbum Dei, pag. 122. col. 2.*
- Cap. 9. v. 31. *Dicebant excessum ejus, quem completurus erat in Ierusalens, p. 442. col. 2.*
- v. 33. *Nesciens quid diceret, p. 460. c. 1.*
- v. 54. *Domine, vis dicimus, ut ignis descendat de Cælo, & consumat illos? pag. 479. c. 1. in princ.*
- Cap. 10. v. 27. *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, & ex tota anima tua, & ex omnibus viribus tuis, & ex omni mente tua, p. 283. c. 2. & seqq.*
- v. 39. *Et huic erat soror nomine Maria, p. 565. c. 2.*
- Ibid. *Quæ etiam sedens secus pedes Domini, p. 568. c. 1. in princ.*
- Ibid. *Andiebat verbum illius, p. 367. c. 1. v. 40. Domine, non est tibi cura, quod soror mea reliquit me solam ministrare? p. 139. c. 1. & p. 565. c. 2. & seqq.*
- v. 41. *Martha, Martha, sollicita es, & turbaris erga plurima, pag. 310. col. 1. & c. 2. in fin.*
- v. 42. *Maria optimam partem elegit, pag. 310. c. 1. & p. 363. c. 1. & seqq.*
- Cap. 11. v. 2. *Adveniat Regnum tuum, p. 149. col. 1.*
- v. 15. *In Beelzebub Principe Demoniorum eicit Demonia, p. 141. c. 2.*
- Cap. 12. v. 19. *Anima mea habes multa bona in annos plurimos, pag. 455. c. 2. in fin.*
- v. 20. *Qua autem parasti, cujus erunt? p. 456. c. 1.*
- v. 38. *Si venerit in secunda vigilia, & si in tertia vigilia venerit, & ita invenerit: beati sunt servi illi, pag. 281. col. 1. & seqq.*
- v. 39. *Quoniam si sciret Pater familias, qua hora fur veniret, vigilaret unquam, pag. 316. c. 2.*
- Cap. 14. v. 1. *Sabbatho manducare panem, & ipsi observabant eum, p. 192. col. 1. in fin.*
- v. 7. *Dicebat autem & ad invitatos parabolam, p. 194. c. 1.*
- Ibid. *Intendens quemodo primos accubitus eligerent, pag. 193. col. 1. & p. 202. c. 1. in fin. & seqq.*
- v. 8. *Cum vocatus fueris ad nuptias, &c. pag. 193. c. 2.*
- v. 9. *Da huic locum, p. 226. c. 2.*
- Ibid. *Et tunc incipias cum rubore novissimum locum tenere, pag. 193. c. 2. in fin. p. 225. c. 2. & p. 229. c. 1.*
- v. 10. *Recumbe in novissimo loco, p. 191. c. 1. & seqq.*

- Ibid. *Amice, ascende superius*, pag. 226. col. 2. & p. 229. c. 1.
- v. 28. & 29. *Quis ex vobis volens turrim ædificare, non prius sedens computat sumptus, qui necessarij sunt: ne, posteaquam posuerit fundamentum, & non potuerit perficere, omnes qui vident, incipiant illudere ei?* p. 313. c. 2.
- Cap. 15. v. 7. *Dico vobis, quod ita gaudiũ erit in Cælo super uno peccatore penitentiam agente, quam super nonagintanovem justis, qui non indigent pœnitentia,* p. 555. c. 2.
- v. 12. *Pater, da mihi portionem substantiæ, quæ me contingit,* p. 457. c. 1. in fin. & seqq.
- v. 13. *In regionẽ longinquam,* p. 457. c. 1.
- v. 18. *Pater, peccavi in Cælum, & coram te,* p. 457. c. 1. & seqq.
- v. 31. *Fili, tu semper mecum es, & omnia mea tua sunt,* p. 457. c. 2. in fin. & seqq.
- Cap. 16. v. 2. *Redde rationem villicationis tuæ: jam enim non poteris villicare,* p. 35. c. 1. in fin.
- v. 24. *Pater Abraham, miserere mei, & mitte Lazarum, ut intingat extremum digiti in aquam, ut refrigeret linguam meam,* p. 522. c. 2. in fin. & seqq.
- v. 27. & 28. *Rogo te pater, ut mittas eum in domum patris mei: habeo enim quinque fratres, ut testetur illis, ne & ipsi veniant in hunc locum,* p. 523. c. 1. & seqq.
- Cap. 17. v. 37. *Ubiunque fuerit corpus, illic congregabuntur & aquilæ,* p. 250. c. 2.
- Cap. 19. v. 5. *Descende,* p. 209. c. 2.
- v. 12. *Abijt in Regionem longinquam accipere sibi Regnũ, & reverti,* p. 339. c. 1.
- v. 13. *Negotiamini dum venio,* pag. 41. col. 2.
- v. 22. *Serue nequam,* p. 42. c. 2.
- Cap. 21. v. 25. *Erunt signa in Sole, & Luna,* pag. 82. c. 2.
- v. 33. *Cælum, & terra transibunt: verba autem mea non transibunt,* p. 1. c. 1. & seqq.
- Cap. 22. v. 17. *Dividite inter vos,* p. 248. col. 1.
- v. 19. *Hoc est corpus meum,* p. 409. c. 1. & pag. 563. c. 2. in fin. & seqq.
- v. 20. *Hic est Calix novum testamentum in sanguine meo,* pag. 409. c. 1. p. 410. col. 1. & p. 564. c. 1. in princ. & seqq.
- v. 24. *Quis eorum videretur esse maior,* p. 195. c. 1. & p. 417. c. 2. & seqq.
- v. 31. *Satanas expetivit vos, ut ribraret sicut triticum,* p. 25. c. 1.
- v. 43. *Prolixius orabat,* p. 179. c. 1.
- v. 44. *Et factus est sudor ejus sicut guttæ sanguinis,* p. 171. c. 1. & 2. p. 172. c. 2. p. 179. c. 1. & 2. & p. 184. c. 2. in fin.
- v. 49. *Domine, si percutimus in gladio?* p. 479. c. 2. in fin.
- v. 61. *Respexit,* pag. 123. c. 1.
- Cap. 23. v. 2. *Subvertentem gentem nostram,* p. 141. c. 2.
- v. 14. *Ego nullam causam invenio in homine isto,* p. 63. c. 2.
- v. 25. *Iesum vero tradidit voluntati eorum,* p. 63. c. 2.
- v. 34. *Pater, dimitte illis: non enim sciunt quid faciunt,* p. 33. c. 1.
- v. 43. *Hodie mecum eris in Paradiso,* pag. 410. c. 2. in fin.
- Cap. 24. v. 13. *Ipsa die,* pag. 299. c. 2.
- Ibid. *Stadiorum sexaginta,* pag. 299. col. 2.
- v. 15. *Ipsè Iesus appropinquans ibat cum illis,* p. 299. c. 2.

Ex D. Joanne.

Cap. 1. v. 13. *Qui non ex sanguinibus, sed*

- ex Deo nati sunt, pag. 374. c. 2.
- v. 14. *Verbum caro factum est*, pag. 237. col. 1. in fin. pag. 242. col. 1. & seqq. & p. 273. c. 1.
- Ibid. *Et habitavit in nobis*, pag. 242. c. 1. & seqq.
- Ibid. *Et vidimus gloriam ejus, gloriam quasi Unigeniti a Patre, plenum gratia, & veritatis*, p. 273. c. 1. pag. 385. col. 1. in princ. & pag. 426. c. 1.
- v. 16. *De plenitudine ejus omnes accepimus, & gratiam pro gratia*, p. 385. c. 1.
- v. 19. *Sacerdotes, & Levitas*, p. 89. c. 1.
- Ibid. *Tu quis es?* p. 88. c. 1. & seqq. pag. 127. c. 2. in princ. & p. 545. c. 2.
- v. 20. *Et confessus est, & non negavit: & confessus est: Quia non sum ego Christus*, p. 92. c. 1. & 2. & p. 101. c. 2. & seqq.
- v. 21. *Elias es tu?* pag. 101. col. 2. in fin. & seqq. & p. 108. c. 1.
- Ibid. *Non sum*, pag. 102. col. 1. & pag. 115. c. 2. in fin.
- Ibid. *Propheta es tu?* pag. 108. c. 1. pag. 109. c. 1. & p. 115. c. 1.
- Ibid. *Non*, pag. 108. c. 1.
- v. 22. *Quid dicis de te ipso?* p. 88. col. 1. & seqq.
- v. 23. *Ego vox clamantis in deserto*, pag. 115. c. 1. in fin. p. 116. c. 2. & p. 117. c. 2. in fin.
- v. 26. *Medius vestrum stetit, quem vos nescitis*, p. 101. c. 2.
- v. 28. *Hæc facta sunt trans Jordanem*, p. 102. c. 1.
- Cap. 3. v. 19. *Lux venit in mundum, & dilexerunt homines magis tenebras, quàm lucem*, p. 62. c. 1. & 2.
- v. 29. *Qui habet sponsam, sponsus est: amicus autè sponsi gaudio gaudet*, p. 538. c. 2.
- v. 30. *Illum oportet crescere, me autem minui*, pag. 545. c. 1.
- Cap. 4. v. 38. *Alij laboraverunt, & vos in labores eorùm introistis*, p. 467. c. 1. in fin.
- Cap. 5. v. 17. *Pater meus usque modo operatur: & ego operor*, p. 319. c. 1.
- v. 22. *Pater omne judicium dedit Filio*, p. 60. c. 2. & p. 61. c. 1. in princ.
- Cap. 6. v. 2. *Sequebatur eum multitudo magna, quia videbant signa, quæ faciebat super his, qui infirmabantur*, p. 320. col. 2. in fin.
- v. 5. *Cum sublevasset oculos Iesus, & vidisset quia multitudo maxima venit ad eum*, p. 321. c. 1.
- v. 10. *Discubuerunt ergo viri, numero quasi quinque millia*, p. 321. c. 1.
- v. 12. *Superaverunt fragmenta*, p. 272. c. 1.
- v. 27. *Operamini non cibum, qui perit, sed qui permanet in vitam æternam, quem Filius hominis dabit vobis*, p. 237. c. 2. & seqq.
- Ibid. *Hunc enim Pater signavit Deus*, p. 237. c. 2. & seqq.
- v. 31. *Patres nostri manducaverunt Mananã in deserto*, p. 525. c. 1.
- v. 50. *Hic est panis de Cælo descendens: ut si quis ex ipso manducaverit, non moriatur*, p. 265. c. 1.
- v. 54. *Nisi manducaveritis carnem Filij hominis, & biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis*, p. 239. c. 2.
- v. 55. *Caro mea, verè est cibus*, p. 243. c. 1. in fin.
- v. 58. *Qui manducat me, & ipse vivet propter me*, p. 239. c. 2. in fin.
- v. 59. *Hic est panis, qui de Cælo descendit*, p. 231. c. 1. & seqq. & p. 459. c. 1.
- Ibid. *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum*, p. 259. c. 1. & seqq.
- v. 62. *Hoc vos scandalizat?* p. 240. c. 2.

- v.63. Si ergo videritis Filium hominis ascendentem ubi erat prius? p.240.c.2.
- v.64. Spiritus est, qui vivificat: caro non prodest quidquam, p.240.c.2. & seqq.
- Cap.7.v.34. Quaretiis me, & non invenietis, p.156.c.1.
- Cap.8.v.21. Et in peccato vestro moriemini, p.156.c.1.
- v.48. Samaritanus es tu, & Daemonium habes, p.141.c.2.
- Cap.9.v.2. Rabbi, quis peccavit, hic, aut parentes ejus, ut cæcus nasceretur? p.82.c.2. & p.514.c.2.
- Cap.10.v.14. Ego sum Pastor bonus: & cognosco oves meas, & cognoscunt me meæ, p.358.c.1.
- Cap.11.v.11. Lazarus amicus noster dormit, p.408.c.1. in fin. & col.2.
- v.14. Lazarus mortuus est, pag.408.c.1. in fin. & col.2.
- v.47. Quia hic domo multa signa facit, pag.69.c.1. in fin.
- v.48. Venient Romani, & tollent nostrum locum, p.230.c.2.
- Cap.12.v.10.11. & seqq. Cogitaverunt Principes Sacerdotum ut & Lazarum interficerent, &c. p.508.c.1. & seqq.
- v.13. Hofanna filio David, p.514.c.1.
- v.19. Ecce mundus totus post eum abiit, p.69.c.2. in princ.
- Cap.13.v.28. Hoc autem nemo scivit discumbentium, p.420.c.1. in princ. & col.2. & seqq.
- Cap.14.v.2. Vado parare vobis locum, p.199.c.2.
- v.12. Opera quæ ego facio, faciet, & maiora faciet: quia ad Patrem vado, pag.320.c.2.
- v.23. Si quis diligit me, sermonem meum servabit, & ad eum veniet, & mansorem apud eum faciemus, p.381.col.1. in fin. & seq.
- Cap.15.v.13. Maiorem hac dilectionem nemo habet, p.559.c.2.
- Cap.16.v.24. Petite, & accipietis, p.322.col.2.
- Cap.19.v.12. Si hunc dimissis, non es amicus Cesaris, p.339.c.2. in fin.
- v.26. Mulier, ecce filius tuus, p.409.c.1.
- v.34. Latus ejus aperuit, p.409.col.2.
- Ibid. Exiit sanguis, & aqua, pag.66.c.2. p.171.col.1. in princ. & col.2. & p.409.col.2.
- Cap.21.v.24. Et scimus quia verum est testimonium ejus, p.411.c.2. in fin. & seq.
- v.15. Simon Ioannis, diligis me plus huius, p.303.c.1.
- Ibid. Tu scis quia amo te, p.303.c.2.
- Ibid. Pasce agnos meos, p.304.c.1.
- v.17. Dicit ei tertio, p.304.c.1.
- Ibid. Pasce oves meas, pag.303.col.2. in fin. & seq.
- v.20. Conversus Petrus, vidit illum discipulum, quem diligebat Iesus, sequentem, p.404.c.1. & seqq.
- Ibid. Qui & recubuit in cena super petrus ejus, p.406.col.2. & pag.421.c.2. in fin.
- Ibid. Et dixit: Domine, quis est, qui tradet te? p.419.col.2. & pag.421.c.2. in fin. & seqq.
- v.21. Domine, hic autem quid? p.405.c.1. & 2. & p.414.c.2. & seqq.
- v.22. Sic enim volo manere donec veniam, quid ad te? p.405.c.1. & 2. & p.414.c.2. & seqq.
- Ex Libr. Actuum Apostolor.
- Cap.1.v.9. Et nubes suscepit eum ab oculis eorum, pag.274.col.1.
- v.25. Et abiit in locum suum, pag.201.col.1.
- Cap.

- Cap. 3. v. 17. Scio quia per ignorantiam fecistis, sicut & Principes vestri, p. 33. c. 1.
- Cap. 14. v. 11. Vocabant Barnabam, Iovem: Paulum verò, Mercurium, pag. 335. c. 1.
- Ibid. Quoniam ipse erat dux verbi, pag. 335. col. 1.
- Cap. 17. v. 28. In ipso enim vivimus, & movemur, & sumus, p. 242. c. 2.
- Ex Epist. D. Paul. ad Romanos.
- Cap. 2. v. 1. In quo judicas alterum, te ipsum condemnas, p. 86. col. 2. in fin.
- v. 4. An divitias bonitatis ejus, & patientia, & longanimitatis contemnis? pag. 26. c. 2. in fin.
- v. 5. Secundum autem duritiam tuam, & impenitens cor, thesaurizas tibi iram, in die iræ, & revelationis justi judicij Dei, p. 26. c. 2. in fin. & seqq.
- Cap. 8. v. 16. Ipse enim Spiritus testimonium reddit spiritui nostro, quod sumus. Filij Dei, p. 376. c. 1.
- v. 17. Si autem filij, & heredes: hæredes quidem Dei, cohæredes autem Christi: si tamen compatimur, ut & conglorificemur. pag. 376. c. 1.
- v. 25. Quis ergo nos separabit à charitate Christi? p. 276. c. 2.
- Cap. 9. v. 3. Optabam ego ipse anathema esse à Christo pro fratribus meis, qui sunt cognati mei secundum carnem, p. 378. col. 1.
- Cap. 11. v. 33. Quam incomprehensibilia sunt judicia ejus! p. 32. c. 1. in fin.
- v. 35. Aut quis prior dedit illi, & retribuetur ei? pag. 548. c. 1.
- Cap. 15. v. 19. Evangelium Christi, pag. 257. c. 1.
- Ex Epist. I ad Corinth.
- Cap. 3. v. 8. Unusquisque propriam merce-
- dem accipiet secundum suum laborem, pag. 461. c. 1. in fin.
- Cap. 4. v. 4. Nihil mihi conscius sum, pag. 29. c. 1. & 2.
- Ibid. Sed non in hoc justificatus sum: qui autem judicat me, Dominus est, pag. 29. col. 2.
- v. 5. Nolite ante tempus judicare, p. 77. c. 1. in princ.
- Ibid. Quoadusque veniat Dominus, qui & illuminabit abscondita tenebrarum, pag. 34. c. 1. in fin.
- Cap. 7. v. 29. Ut & qui habent uxores, tanquam non habentes sint, p. 3. c. 2. & seqq.
- v. 30. Et qui flent, tanquam non flentes: & qui gaudent, tanquam non gaudentes: & qui emunt, tanquam non possidentes, pag. 3. c. 2. & seqq.
- v. 31. Et qui utuntur hoc mundo, tanquam non utantur, p. 3. c. 2. & seqq.
- Ibid. Præterit enim figura hujus mundi, p. 4. c. 1.
- Cap. 9. v. 24. Omnes in stadio currunt: sed unus accipit præmium? p. 203. c. 1.
- Cap. 10. v. 11. Omnia in figura contingebant illis, p. 163. c. 1.
- v. 12. Qui se existimat stare, videat ne cadat, p. 215. c. 2.
- Cap. 11. v. 23. In qua nocte tradebatur, p. 245. c. 2.
- v. 24. Hoc est corpus meum, quod pro vobis tradetur, p. 262. c. 2. in princ.
- Cap. 13. v. 7. Omnia suffert, p. 265. c. 2.
- Ibid. Omnia credit, omnia sperat, omnia sustinet, p. 312. c. 2.
- v. 11. Cum essem parvulus, loquebar ut parvulus, sapiebam ut parvulus, cogitabam ut parvulus: Quando autem factus sum vir, evacuavi quæ erant parvuli, pag. 291. c. 1. & 2.

Cap. 15. v. 10. ex addit. Eccles. *Gratia ejus in me vacua non fuit, sed gratia ejus semper in me manet*, p. 278. c. 2. in fin. & seqq. & p. 424. c. 1. in princ.

v. 31. *Quotidie morior*, pag. 23. c. 2. & p. 561. c. 2. in princ.

v. 41. *Alia claritas Solis, alia claritas Lunæ, & alia claritas Stellarū. Stella enim à stella differt in claritate*, p. 461. c. 2.

v. 46. *Non prius quod spirituale est, sed quod animale, deinde quod spirituale*, p. 289. c. 2.

Ex Epist. 2 ad Corinth.

Cap. 2. v. 12. *Evangelium Christi*, p. 257. col. 1.

Cap. 3. v. 18. *A claritate in claritatem*, p. 416. c. 2. in princ.

Cap. 5. v. 15. *Pro omnibus mortuus est Christus*, p. 164. c. 1.

v. 21. *Qui non noverat peccatum, pro nobis peccatum fecit*, p. 552. c. 1. & seqq.

Cap. 6. v. 1. *Ne in vacuum gratiam Dei recipiatis*, p. 278. c. 2. & seqq.

Cap. 9. v. 6. *Qui parce seminat, parce & metet: & qui seminat in benedictionibus, de benedictionibus & metet*, p. 461. col. 1. in fin.

v. 13. *Evangelium Christi*, p. 257. c. 1.

Cap. 11. v. 29. *Quis infirmatur, & ego non infirmor? Quis scandalizatur, & ego non uror?* p. 465. c. 1. in princ. & c. 2.

Cap. 12. v. 4. *Audivit arcana verba, quæ non licet homini loqui*, p. 422. c. 2.

Ex Epist. ad Galatas

Cap. 5. v. 25. *Spiritu vivimus, spiritu & ambulemus*, p. 245. c. 1.

Cap. 6. v. 14. *Mihi mundus crucifixus est, & ego mundo*, p. 543. c. 1. in princ.

Ex Epist. ad Philippens.

Cap. 2. v. 6. & 7. *Cuius in forma Dei esset;*

non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo, &c. pag. 232. col. 2. & seqq. & pag. 238. col. 2.

Cap. 4. v. 12. *Scio abundare, & scio esurire*, p. 44. c. 2.

v. 13. *Omnia possum in eo, qui me confortat*, pag. 314. c. 1.

Ex Epist. ad Colossenses.

Cap. 1. v. 20. *Pacificans per sanguinem Crucis ejus, sive qua in terris, sive qua in Cælis*, p. 168. c. 2.

Cap. 3. v. 3. *Mortui estis: & vita vestra est abscondita cum Christo, in Deo*, pag. 275. c. 1. & 2.

v. 4. *Cum Christus apparuerit, viva vestra: tunc & vos apparebitis cum ipso in gloria*, p. 275. c. 2. & seqq.

Ex Epist. ad Titum.

Cap. 2. v. 13. *Expectantes beatam spem, & adventum gloria magni Dei*, pag. 370. col. 2. & seqq.

Ex Epist. ad Hebræos.

Cap. 1. v. 2. *Novissime locutus est nobis in Filio*, p. 256. c. 2.

v. 3. *Qui cum sit splendor gloria, & figura substantia ejus*, p. 350. c. 2.

v. 14. *Omnes sunt administratorij spiritus in ministerium missi*, p. 311. c. 1.

Cap. 4. v. 16. *Adeamus ergo cum fiducia ad thronum gratiæ: ut misericordiam consequamur, & gratiam nunciamus in auxilio opportuno*, p. 42. c. 2.

Cap. 6. v. 6. *Rursum crucifigentes Filium Dei*, p. 50. c. 2.

Cap. 7. v. 12. *Translato enim sacerdotio, necesse est, ut & legis translatio fiat*, pag. 251. col. 2. in fin. & seqq.

v. 23. *Et alij quidem plures facti sunt Sacerdotes, idcirco quod morte prohiberentur permanere*, pag. 252. col. 1.

v.24. *Hic autem, eò quòd maneat in æternum, sempiternum habet sacerdotium, p.252.c.1.*

Cap.9.v.11. *Pontifex futurorum honorũ, p.252.c.2. in fin. & seqq.*

Ca.10.v.14. *Vna oblatione, consummavit in sempiternum sanctificatos, p.253.c.1.*

v.29. *Qui Filium Dei conculcaverit, & sanguinem testamenti pollutum duxerit, in quo sanctificatus est, & spiritui gratiæ contumeliam fecerit? p.400.c.1.*

Cap.11.v.24. & 25. *Moses grandis factus negavit se esse filium filia Pharaonis: magis eligens affligi cum populo Dei, &c. p.543.c.1. in fin. & seqq.*

Cap.12.v.17. *Obedite Præpositis vestris, & subjacete eis. Ipsi enim pervigilant, quasi rationem pro animabus vestris reddaturi, p.36.c.2.*

Ex Epist.1. D. Petri.

Cap.1.v.3. & 4. *Benedictus Deus, & Pater Domini nostri Iesu Christi, qui secundum misericordiam suam magnam regeneravit nos in hæreditatem incorruptibilem, & incontaminatam, & immarcescibilem, conservatam in Cælis in vobis, p.382.c.1. in fin. & seqq.*

v.7. *Aurum quod per ignem probatur, p.446.c.1.*

v.8. *Quem cum non videritis, diligitis, pag.372.c.2. in fin.*

Ex Epist.2. D. Petri.

Cap.1.v.4. *Per quem maxima, & pretiosa nobis promissa donavit: ut per hac efficiamini divina consortes. nostra, pag.369.c.1. & 2.*

v.10. *Fratres satagite, ut per bona opera certam vestram vocationem, & electionem faciatis, p.119.c.1. & seqq.*

Ex Epist.1. D. Ioannis.

Tom.7.

Cap.2.v.1. *Siquis peccaverit, advocatum habemus apud Patrem, Iesum Christum justum, p.148.c.2.*

Cap.3.v.1. *Videte qualem charitatem dedit nobis Pater, ut Filij Dei nominemur, & simus. Propter hoc mundus novit nos: quia non novit eum, p.374.c.2. in fin. & seqq.*

v.2. *Quoniam videbimus eum sicuti est, p.381.c.2.*

Ex Libr. Apocalypsis.

Cap.1.v.14. *Oculi ejus tanquam flamma ignis, p.476.c.2.*

v.16. *Gladius utraque parte acutus, pag.143.c.2.*

Cap.4.v.6. *Ante, & retrò, p.385.c.2.*

v.7. *Et quantum animal simile aquila volanti, p.385.c.2.*

v.10. *Mittebant coronas suas ante thronum, p.549.c.1. in fin.*

Cap.5.v.6. *Agnum stantem tanquam occisum, p.235.c.1. & 2.*

v.9. *Cantabant canticum novum, p.236.c.1. in fin.*

v.12. *Dignus est Agnus, qui occisus est accipere virtutem, & divinitatem, pag.235.c.1. & seqq.*

Cap.6.v.9. *Vidi subtus altare animas interfectorum propter verbum Dei, p.258.c.2. in fin. & seqq.*

v.12. *Sol factus est niger, tanquam sacculus cilicinus, p.553.c.2. in fin.*

Cap.7.v.17. *Et absterget Deus omne lacrymam ab oculis eorum, p.448.c.1.*

Cap.14.v.4. *Virgines enim sunt. Hi sequuntur Agnum quocunque ierit, p.305.c.1.*

v.6. *Habentem Evangelium æternum, p.256.c.2. in fin. & seqq.*

v.7. *Quia venit hora judicij ejus, p.258.c.1.*

Qq

Ca

Cap. 19. v. 12. *Et in capite ejus diadema-
ta multa, p. 549. c. 2. in princ.*

Cap. 20. v. 11. *Et vidi thronum magnum
candidum, & sedentem super eum, a cu-
jus conspectu fugit terra, & cælum, p.
28 c. 1.*

v. 12. *Et vidi mortuos magnos, & pusillos
stantes in conspectu throni, p. 28. c. 1.*

Ibid. *Et libri aperti sunt: & alius liber
apertus est, qui est vitæ: & judicati
sunt mortui ex his quæ scripta erant in
libris secundum opera ipsorum, p. 28. c. 1.*

Cap. 21. v. 4. *Et mors ultra non erit, ne-
que luctus, neque dolor erit ultra, quia
prima abierunt, p. 446. c. 1.*

v. 21. *Platea civitatis aurum mundum,
p. 446. c. 1. in fin & seqq.*

Ibid. *Tanquam vitrum perlucidum, p.
446. c. 2.*

v. 23. *Nam claritas Dei illuminavit
eam, & lucerna ejus est Agnus, p. 254
col. 1. & seqq.*

v. 27. *Non intrabit in eam aliquod coin-
quatum, p. 447. c. 1.*



I N D E X

Das cousas mais notaveis.

Os Numeros, significão as Paginas.

A

Acçoens.

AS Acçoés de cada hum são a sua essencia, pag. 115. 116. A verdadeira fidalguia he Acção, p. 117. Nas Acçoens se devem fundar as eleiçoens, & segurar as predestinaçoens, p. 118.

Adão. Excusa que teve Adão para não responder a Deos, quando lhe perguntou aonde estava, p. 22. Por valor, & virtude do sangue de seu Filho foi a Virgem Maria preservada do peccado de Adão, p. 161. usque ad 165. Adão nascendo unicamente homem, nem por isso deixou de ser menino, p. 285. A Adão deo Deos particularmente o titulo de imagem sua: & porque, p. 332. Porque perdeu Adão com o Paraíso a Monarchia do Vniverso, p. 340. Perguntase, se Adão pela desobediencia perdeu o ser que tinha, de imagem de Deos, p. 352.

Alma. E bem, porque mais se deve temer a morte da Alma, que a do corpo, he o juizo de Deos mais temeroso, que o dos homens: & porque, p. 78. & ulterius. Por mais, que húa Alma fosse senhora de todo o mundo, sempre ficaria vafia, porque só Deos a pôde encher, p. 277. O que devem procurar os verdadeiros Christãos, he encher a Alma com a graça, & a graça com as obras, p. 278. A Alma que chegou ao cume da perfeição da vida contemplativa, nem as acçoens lhe divertem a contemplação, nem a contemplação lhe diverte as acçoens, p. 311. O que ouver de ser verdadeira imagem de Deos, nam basta que seja homem cõ Alma, senão tambem Alma com homẽ, p. 333. He tanta a alteza de huma Alma, que està em graça, que chega Deos a se tratar com o homem com tanta familiaridade, como se foraõ iguaes, p. 373.

Altura. A mesma Altura dos grandes lugares he o final certo de sua ruina, p. 209. Não ha Altura neste mundo, que não seja precipicio, p. 211. Os lugares altos, ainda que não haja enveja, nem competencia, que os inquiete, elles mesmos se inquietão, & a quem está nelles, p. 219 220.

Ambição. A Ambição dos homens mais os leva a subir pelo difficiltofo, que a decer pelo facil, p. 206. Onde ha enveja, & Ambição de lugares, não ha virtude, p. 218.

Amigo. Hum dos grandes escandalos do mundo, he não se testar dos Amigos, p. 407. O maior Amigo permanece até a morte: depois da morte, ninguem he Amigo, p. 408.

Amor. Não pronostica melhor, quem melhor entende, senão qué mais ama, p. 113. A cegueira do Amor proprio, he muito maior, que a cegueira dos olhos, p. 124. & ulterius. O Amor he hum sentimento, que faz insensiveis, p. 139. Não ha motivos, porque hajamos de amar a Deos sobre todas as cousas para o fim da vida, pelos quaes já agora o não devamos amar assim, pag. 150. Mais he de estranhar o Amor dos primeiros lugares, do que os mesmos lugares, p. 230. De quantas partes ha de constar o Amor de Deos, p. 283. Porque a graça consiste em amar, & ser amado de Deos, mais se deve escolher antes a graça, que a gloria, ainda que a gloria consiste em ver ao mesmo Deos, p. 371. usq. ad 374. Peior he

não amar a Deos, que não ver a Deos, p. 377. usq. ad 380. O Amor, & desejo bem ordenado da gloria, não ha de ser por amor da gloria, senão por amor da graça, pag. 383. Na Corte de Christo, os que tem por officio ser verdadeiros, são os que tem por premio o ser amados: & porque, p. 412. Amar he entregar o coração: mentir he encubri-lo, p. 413. A graça ha de querer-se só por Amor da graça, p. 423. usq. ad 427. Não pôde haver mais fino Amor, que aquelle, que entrega o coração, & fecha os olhos, p. 427. Até os Gentios condenão o Amor, ou cobiça dos bens do mundo, p. 468. Deixar a Deos por amor dos nada do mundo, he fazer a Deos menor que nada: mas deixar o tudo do mundo por amor de Deos, he fazer a Deos maior que tudo, p. 547. Tanto crece Deos em sua grandeza, quanto desprezão os homens por seu Amor, p. 549. Que injustiças sabe fazer o Amor divino, p. 551.

Anjos. Porque quiz Deos, quando castigou os Anjos máos, ficassem parte delles na Região do ar, p. 529.

Annos. Seguirem-se aos annos os defenganos, he fazer o tempo o que faz o tempo: mas anticiparem-se os defenganos aos annos, he fazer a razão, o que o tempo havia desfazer, p. 541. Poucos annos em Palacio, convencidos, & defenganados, grande vitoria da razão, p. 542.

Apostolos. A perturbação que causou nos Apostolos a doutrina de Christo,

B

sto, quando lhe prometeo, & profetizou no Sacramento a comída de seu corpo, p. 240. Satisfaz Christo ás difficuldades dos Apostolos sobre a doutrina deste mysterio, p. 241. Como os Apostolos, sendo tão poucos, se pode estender a sua prègação às mais remotas distancias do mundo, p. 249. Quando os doze Apostolos repartirão entre sy o mundo, se levára cada hum a sua alfofa dos fragmentos do pão, com que Christo deo de comer a cinco mil homens, bastarião aquellas sobras a sustentar o mundo todo, p. 269. 270.

Arte. Antes de haver no mundo a Arte da pintura, retratavãose os homens cada hum 'pela sua sombra, p. 340. He testemunha a Arte, para prova dos bens do Ceo, puros, & sem mistura de mal, p. 446. Quem forão os primeiros, q se achão haver usado da artelharia pelo artificio da polvora, p. 492. Mais he necessario para se gerar no ar hum rayo natural, que na terra hum artificial, p. 494. Quanto maior estrago fazem estes, Ibid.

Atributos. De tal maneira fumio em sy o Verbo encarnado os Atributos de sua divindade, que depois de encarnar, não apparecião nelle mais, que os vãos da mesma divindade, p. 233. A primeira propriedade da divindade, que he ser Deos Espirito, he o primeiro Atributo, que Christo restaurou no Sacramento, p. 239. usq. ad 244.

Batalha. **A**S Batalhas da razão có os annos he húa guerra, em que resistem mais os poucos, que os muitos, p. 541.

Bautista. De estar o Bautista em prizoens se prova, que ha de haver outro juizo, & outro mundo, pag. 56. Como se verifica dizer Christo, q o Bautista era Elias; & dizer o Bautista, que não era Elias, p. 116.

Bautismo. Se queremos remissão dos peccados, tomemos a penitencia, como Bautismo, p. 149. Ainda que os Bautismos sejaõ semelhantes nos adultos, & nos innocentes; são com tudo muito differentes nos bautizados, p. 286.

Baixez. Sò o ultimo lugar està livre de inquietaçoes; & não por outro privilegio, senão por ser o mais baixo, p. 220. 221.

Bemaventurança. A melhor cousa, que tem a Bemaventurança, nam he o gozar a gloria, he o segurar a graça, p. 426. Como no Ceo a comunicação da gloria dos Bemaventurados he universalmente de todos, & particularmente de cada hum, p. 461. & ulterius. Quam grande será a gloria dos Bemaventurados, sendo elles infinitos, & a gloria de cada hum as glorias de todos, pag. 466. 467.

Benção. O que tiver Benção para todos, pôde entrar em presumpções de Messias, p. 96. 97. A desigualdade das Bençoens não argue desigualdade

gualdade de amor em quem as dá, senão differença de merecimêtos, em quem as recebe, p. 98. Porque razão ninguém está contente com a sua Benção, Ibid. & p. 99.

Bens. Não só são talentos os dotes da natureza, & bens da fortuna, & os doens particulares da graça, senão também os contrarios, ou privaçoões de tudo isto, p. 42. & ulterius. Ainda que os amigos sejaõ os nossos maiores Bens, não se costuma no mundo testar dos amigos; porque são Bens, que se acabão com a vida, p. 408. A grande differença que ha entre os bens da gloria do Ceo, & os das glorias do mundo, p. 434. Todos os Bens do mundo, são Bens com mistura de males: & esta he a primeira differença, que ha entre elles, & os Bens da gloria, p. 435. usq. ad 444. Sõ os Bens da gloria, são Bens sem mistura de nenhum mal, p. 445. usq. ad 448. Dos Bens do mundo, quando muito logra cada hum os seus: dos Bens do Ceo, & no Ceo logra cada hum os seus, & mais os de todos: & esta he a segunda differença, que ha entre huns, & outros Bens, p. 449. usq. ad 467. Os Bens do Ceo gozão se por junto, & nam successivamente: & he a terceira differença, que elles tem dos Bens do mundo, p. 468. & ulterius.

Bom. Para feres bem julgado no juizo de Deos, basta que vòs sejais bom: mas para feres bem julgado no juizo dos homens, he necessario que ninguém seja mau, p. 83. No

juizo de Deos basta ser Bom no ultimo instante da vida: & no juizo dos homens basta ser mau em qualquer tempo, p. 84. Se eu sou Bom, por mais que me julguem mal os homens, não me podem fazer mau. E se eu sou mau, por mais que me julguem bem, não me podem fazer Bom, pag. 137. Se fores Bom, será o vòsso lugar bom: & se fois melhor, será melhor, p. 198. 199.

Bondade. He tal a Bondade de Deos, que quando quer castigar os homens, o que mais sente he não haver algum, que se lhe opponha, & lhe resista, p. 486. 487.

C

Capa. Cotejada a Capa de Elias com a de Ahias, se vê quanto vai de capa a capa, de espirito a espirito, & de zelo a zelo, p. 103.

Caridade. A Caridade de qualquer Bemaventurado excita, affeioa, & obriga naturalmente, & sem milagre a cada hum, a que se alegre, & goze dos bens de todos, p. 465.

Castigo. Qual he a justiça, com que Deos nos haja de castigar pelo que não conhecemos, p. 32. & ulterius. No juizo de Deos não basta a certeza do futuro para o castigo, & basta a emêda do passado, para o perdão, p. 77. De Deos são mais para se temer os castigos; & dos homens, os juizos, p. 79. & ulterius.

Causa. Quaes são as causas naturaes da inquietação dos lugares altos, pag. 218.

Casas. Como passão as Casas de hum dominio a outro, pag. 19.20. Com que razão, pia, & christãa nas naos a Casa, a que os Hereges chamão Praça de armas, nós a dedicamos a S. Barbara, p.499.usq.ad 501.

Clausura. Como se pôde ajuntar a Clausura com a peregrinação, pag. 568.

Ceo. O Reyno dos Ceos em todos os tempos tem tres estados: & quaes são, p.149. Sò no Ceo ha melhores lugares, p.199.usq. ad 201. No mundo o ultimo lugar he o melhor: mas no Ceo he melhor o primeiro, p.226.227. O Sacramento não só será eterno no Ceo pela eternidade de seus effeitos: senão tambem de sua propria sustancia, p.255.usq.ad 260.

Cegueira. Quão grande he a cegueira dos que se vem excedidos nos talentos, p. 47. Porque acha mais a vontade, sendo cega, que o entendimento sendo lince, para julgar, p. 63. A cegueira do amor proprio he maior que a cegueira dos olhos, p.124.& ulterius.

Cidades. Quaes foraõ as mais afamadas Cidades do mundo, p. 13. 14. E como todas tem já passado, Ibid. E quantas passãraõ de hum dominio a outro, p.18.19.

Conceição. Quando, onde, & como o Filho da Virgem Maria obrou o Mysterio de sua Conceição, p.165. & deinceps. Que prerogativa teve

o sangue do Horto, para ser preferido ao da Cruz no Mysterio da Conceição de Maria, p.172.usq.ad 174. Hũa admiravel propriedade do Mysterio da Conceição descuberta da historia de Samsã, pag. 175. Anticipouse o sangue do Horto ao da Cruz, porque foi conveniente, para gloria da Conceição da Virgem, que o preço de sua redempção fosse tambem anticipado, p.178.179.

Condição. Quando parece, que mudou Deos de condição, p.141.

Conciencias. No dia do Juizo se haõ de allumiar as conciencias de todos os homens, para se manifestar tudo o que nellas esteve escondido, p.34.

Conselho. Quam cruel executor he hũ Conselho não executado, p.520.

Conta. Tudo passa para a vida, & nada passa para a conta, p.3.& deinceps. Ao crivo do trigo, & ao crivo das nuvens se compãra este passar, & não passar da vida, & da conta, p.25. Tudo o que passou para a vida, he o nada, que não passou para a conta, p.27. O livro da vida he hũ só: & os livros da conta são muitos, p.28. Atè o nada não escapará da conta no dia do Juizo, p.28.usq. ad 32. De que haõ de dar conta no dia do Juizo os que tiveraõ officios, & cargos neste mundo, p.36. E como ha de ser rigorosa esta conta, Ibid. Como ha de ser exacta a conta dos Talentos, que Deos deo a cada hum, p.42. & ulterius. Como ha de ser difficilissima a conta

das dividas, em q̄ estamos a Deos, no dia do Juizo, p. 47. & deinceps.

Coração. O coração he o verdadeiro final da profecia, p. 113. A setta que ferio o coração, defende de todas as settas, p. 139. A penitencia para revogar o juizo de Deos, voltanos o coração, p. 144. Se Deos agora está dando golpes ao coração do peccador, & elle lhe não abre; mal pôde esperar depois, que Deos o ouça, quando o queira chamar, p. 154. Quem agora não ouve a Deos de todo coração, quando elle chama; não ha de chamar a Deos depois de todo o coração, p. 155. Amar, he entregar o coração: mentir, he encubri-lo, p. 413. Quem cõquista a graça pela graça, contentase com o coração, p. 425.

Corpo. O corpo de Christo no Sacramento não está com as condiçoẽs naturaes de corpo, senão as milagrosas de espirito, p. 241. Assim como na Encarnação se contrahio o vacuo da divindade pelo incorporado: assim no Sacramento restaurou, & encheo o corpo de Christo o mesmo vacuo pelo incorporeo, p. 242. Assim como Christo no Sacramento encheo o primeiro vaso da divindade, espiritualizando o seu corpo, & fazendose corpo, sendo espirito: assim esta admiravel transformação não só a obrou Christo em seu corpo sacramentado, senão que tambem por meyo do mesmo corpo sacramentado no la cõmunica a nós, p. 243. usq. ad 245. O mesmo se diz dos mais At-

tributos, Ibid. & deinceps.

Costas. Mais he dar de rosto ao mundo, quando o mundo nos mostra bom rosto, do que darmos nós as costas ao mundo, quando o mundo nos vira as costas, p. 543.

Conversão. Não ha razão nenhuma, que nos livre de nos convertermos logo, se nos havemos de converter depois, p. 150. Quem senão converte agora, ordinariamente fallando, não se ha de converter depois, p. 151.

Crecimento. Crecer fóra da propria especie, não he aumento, he monstruosidade, p. 100. Como se pôde considerar crecimentos em Deos, p. 545. usq. ad 547.

Christo. Deixounos Christo cõunicado em sua doutrina, não só hum rayo de sua divina luz, mas tres, para que vejamos agora o que no dia do Juizo havemos de ver, p. 34. E quaes são estes tres rayos, p. 35. & ulterius. Como nos ha de pedir conta Christo no dia do Juizo, de quanto lhe devemos, p. 48. usque ad 52. Qual foi a maior defesa que Christo teve de sua innocencia, p. 65. Muito melhor me conheço eu diante da imagem de hum peccado, que diante da imagem de hum Christo crucificado, p. 133. Que grande remedio são os pés de hum Christo, para se lhe não dar do juizo dos homens, p. 140. O sangue de Christo não foi derramado por sua santissima Mãe em remissão de peccados, p. 163. 164. He virtude do sangue de Christo poderse dar

antes de se receber, p. 177. A parte do sangue, que Christo especialmente applicou para preservação do peccado na Conceição de sua santissima Mãe, foi a mesma, que de suas purissimas entranhas tinha recebido, & guardado, p. 185. usq. ad 188. O Cordeiro vivo, & como morto, que vio S. Ioaõ, he Christo sacramentado, p. 235. usq. ad 238. Christo sacramentado comunica aos homens a immensidade, que tem no Sacramento, p. 248. usq. ad 251. Ainda que o sacerdocio de Christo seja eterno, & eterno o mesmo Christo, parece que senão pôde suprir no Sacramento o vazio da eternidade do Verbo na Encarnação, p. 252. Prova-se o contrario, Ibid. & usq. ad p. 254. Christo não foi só hũa vez sacrificado, senão duas, p. 261. Nem só hũa vez entregue nas mãos de seus inimigos, senão duas, p. 262. 263. Para que S. Gonçalo não chorasse, & se alimentasse, quando era minino, punha-o diante da imagem de Christo crucificado, p. 289.

Criatura. As menores Criaturas das sensitivas nos ensinão a desprezar os lugares altos, p. 221.

Cruz. Não foi o primeiro sangue da Cruz, senão o do Horto, o que Christo derramou por sua Mãe, p. 166. & ulterius. No suor do sangue do Horto ouve hũa nova Cruz sem cravos, p. 168. Porque razão o sangue da Cruz sahio juntamente com agua: & o do Horto não, p. 171. Que ventagem leva

em Christo o amor, que nos mostrou no Sacramento, ao amor, que nos mostrou na Cruz, p. 560. Os Martyres pagão a Christo na Cruz, os Religiosos no Sacramento, p. 567. Porque razão nos Religiosos se deve antes tomar o nome da Cruz, que o do Sacramento, p. 562, 564.

Cuidado. Como ficão baldados os cuidados dos que toda a vida empregão, para adquirir, & aumentar os bens deste mundo, p. 455.

D

David. David foi o homem, que mais se podia prezar de sy mesmo, & o que menos se prezava de sy mesmo: & porque, p. 128. Porque razão perdoou Deos a David, & não perdoou a Saul, confessando ambos o seu peccado, p. 135.

Demonio. Menos arriscado he ser acusado dos Demonios, do que ser julgado pelos homens, p. 70. Assim como Deos feizo homem quiz morrer na Cruz, para se vingar do Demonio; assim traçou, que nós o comessemos no Sacramento, para continuar, & consumir a mesma vingança, p. 264. Herodes, & o Demonio juntamente condenarão a Christo à morte, quando o Padre Eterno lha comutou em desterro, pag. 526.

Deos. Porque considera Deos, não os nossos passos, senão as nossas péga-

das, p. 25. Enthefouraõ os homens a ira de Deos para o dia do Juizo, p. 26. 27. Conhece Deos muito mais de nõs, do que nõs de nõs, pag. 29. Assim como Deos sabe tanto de nõs, assim nõs sabemos muito pouco de Deos, p. 30. 31. Qual he a justiça, com que Deos nos haja de castigar pelo que não conhecemos, p. 32. & ulterius. Como tomará Deos conta no dia do Juizo aos Reys, & aos Prelados, p. 37. usq. ad 41. Como nos havemos de contêtar com os talentos, que Deos foi servido darnos, pag. 44. usq. ad 47. O juizo dos homens he mais rigoroso, que o de Deos; porque os homens julgaõ com a vontade, & Deos julga com o entendimento, p. 60. usq. ad 64. He mais terrivel o juizo dos homens, que o de Deos; porque no de Deos basta só o testemunho da propria consciencia: no dos homens a propria consciencia não val testemunha, p. 64. usq. ad 67. Outro motivo desta verdade he; porque no juizo de Deos as nossas boas obras defendem-nos: & no dos homens, o nosso maior inimigo, são as nossas boas obras, p. 67. usq. ad 70. Tambem he mais temeroso o juizo dos homens, que o de Deos; porque Deos julga o que conhece, & os homens julgaõ o que não conhecem, p. 70. usq. ad 74. Suposto que o juizo de Deos seja juizo final, ainda o juizo dos homens he mais temeroso, p. 75. usq. ad 77. O juizo dos homens he mais temeroso, que o de Deos, por doze

razoens mais sobre as outras, que convencem esta verdade, p. 81. usq. ad 86. Quando parece, que mudou Deos de condigão, p. 141. No tribunal da Penitencia o juizo de Deos revogase, p. 143. & deinceps. Grandes excellencias do juizo da penitencia sobre o juizo de Deos, p. 147. 148. Deos, em quanto homem, sendo sua a eleição do lugar, tomou o ultimo entre elles, p. 225. No Sacramento ficou o corpo de Christo propriamente corpo de Deos, pag. 232. & deinceps. Quanto pode vencer S. Gonçalo pelas forças que Deos lhe deu, para a fabrica da sua Ponte, pag. 314. 315. Nunca deixamos de receber, quando pedimos a Deos, ainda que nos não dê o que lhe pedimos, pag. 322. Deos não he só Deos de perto, senão de longe, p. 338. Todo o apparatus da Magestade de Deos, he fogo, p. 476.

Desprezo. No tribunal da Penitencia o juizo dos homens desprezase, p. 133. usq. ad 142. Quam grande mal fazem os homens todas as vezes, que desprezão a graça de Deos, p. 399. & 400.

Desposorio. Desposarse Deos no Paço he maravilha grande, pag. 534. O mysterio em que Deos mais propriamente se desposa com as Almas, he o Sacramento da Eucharistia, p. 535.

Desejos. Quem se resolveo a não desfejar, pode competir de felicidade com Jupiter, p. 223.

Deserto. Quam bem reputada he a vida.

da do deserto, pag. 536.

Dias. Todos os dias para os que vivê entre os homens, são dias do juizo, pag. 81. Todos os assombros de ira, de justiça, de vingança do dia do Juizo, com se voltar o coraçam a Deos, se acabão, p. 144. Se depois do dia do Juizo podêra haver penitencia, poderase revogar a sentença do juizo de Deos, p. 145. usq. ad 147. O que Christo chama ignorancia do dia do Juizo, nam he ignorancia, he segredo, p. 421.

Diferença. Tres diferenças entre os bens do mundo, & os da gloria, p. 434. & deinceps. Hũa das razoens da diferença destes bens, he, porque no mundo ha meu, & teu, pag. 451.

Dignidade. As cans no Sacerdocio são os esmaltes da Coroa; & na Prelacia, o ornamento da dignidade, pag. 291.

Discurso. Ha muitos, que profetizão depois pelo arrependimento, o que fora melhor ter profetizado antes pelo discurso, p. 114.

Ditos. Que pouco caso se ha de fazer do que dirão os homens, quando se trata da penitencia, que he o remedio dos peccados, p. 138. usq. ad 142.

Dividas. Como no dia do Juizo nos hade Deos pedir conta das dividas a que nos obrigou em vida com os seus beneficios, p. 47. usq. ad 52. E quaes sejam estas dividas, Ibid.

Dores. Quando as dores são iguaes, sentemte todas, quando hũa he maior, suspende as outras, p. 139.

Dotes. Não só são talentos os dotes da natureza, os bens da fortuna, & os doens particulares da graça, senão também os contrarios, ou privaçoens de tudo isto, p. 42. & ulterius.

E

Edificio. **H**A duas maneiras de edificar: edificar por edificio, & edificar por edificação, p. 537.

Eleição. O ultimo lugar merecido por distribuição alhea, pôde ser afronoso: tomado por eleição propria, he o mais honrado, p. 224. & ulterius. Onde ha muito em que eleger, não pôde haver pouco sobre que duvidar, p. 281.

Emenda. No juizo dos homens, nem para o futuro val a incerteza, nem para o passado a emenda, pag. 77. No tribunal da Penitencia se emêda o juizo de sy mesmo, p. 123. usq. ad 133.

Empresa. Como S. Gonçalo sendo só, & desassistido de toda a outra companhia, & poder, se atreveo, & conseguiu a empresa da sua Ponte, que muitos, & mui poderosos juntos já mais emprenderião, p. 312. usq. ad 316.

Encarnação. Assim como pela Encarnação a Divindade de Christo se despio dos attributos de Deos, & se vestio das propriedades de corpo: assim o mesmo corpo de Christo pelo Sacramento se despio das propriedades de corpo, & se vestio

dos, attributos de Deos, p. 233. & deinceps.

Entendimento. Quem julga com entendimento, pôde julgar bem, & pôde julgar mal: quem julga com a vôtade, nunca pôde julgar bem, p. 60. Quanto vai de ser julgado com o entendimento, ou com a vontade, p. 62. Todo o homem, que tem entendimento, o que faz muito de proposito neste valle de lagrimas, he de dispor a sua ascensão, p. 433.

Esfera. Cada hum se deve medir dentro da sua esfera p. 100.

Esmola. Caso singular contra a ley geral da esmola, & privilegio dos pobres, p. 324.

Espelho. Como he o Verbo Divino espelho da magestade de Deos, & imagem de sua bondade, pag. 335. A mais perfeita figura, que inventou a natureza, & não pode imitar a arte, he a que se vê no espelho, p. 351.

Especie. Como todos se cegão no juizo de sy mesmos, todos querem benção fóra da sua especie, p. 99.

Esperança. He bemaventurada a esperança, com que nesta vida esperamos a gloria, pag. 370. Quem dà os bens na esperança, da-os aonde são maiores, p. 547. Mais dà quem despreza o que espera, que quem dà o que possui, p. 549.

Espirito. A primeira propriedade da Divindade, que he ser Deos Espirito, he o primeiro attributo, que Christo restaurou no Sacramento, p. 239. usq. ad 244.

Estados. Quantos Estados teve o Po-

vo Hebreo, p. 12. E como passarão todos, Ibid. O Reyno dos Ceos em todos os tempos tem tres Estados: & quaes são, p. 149. Os lugares altos, ou sejaõ do Estado Ecclesiastico, ou do Estado secular, são os mais aparelhados para a caída, p. 212. O Estado Religioso tem mais de Sacramento, que de Cruz, p. 556..559

Estatua. Ninguem melhor sacrifica a Deos o mundo, que quem lho oferece em Estatua, p. 547.

Estimação. Cada hum em seu juizo não se deve estimar mais, q̄ aquillo, em que elle mesmo se avaha, p. 132. Ainda que Deos, por ser infinito, não pôde crescer em sy mesmo; por ser limitado o conhecimento humano, pôde crescer na nossa estimação, p. 545. Segundo a estimação, que fazemos de Deos, & do mundo, ou crece Deos, & diminue o mundo, ou crece o mundo, & diminue Deos, p. 546.

Esposa. Sendo a Virgem Maria Esposa de Deos, não podia ficar cativa do peccado de Adaõ, p. 161. Esposa com as calidades, de q̄ Deos se agrada, não se acha nos Palacios, achase no deserto, p. 535.

Estrellas. Porque razão no dia do Juizo, haõ de cahir as Estrellas, & não o Sol, nem a Lua, p. 210.

Eternidade. O terceiro vasio da Divindade na Encarnação, que he a Eternidade, he o terceiro attributo, que Christo encheo pelo Sacramento, pag. 251. usq. ad 258. Esta mesma prerogativa de Eterno nos

comunica Christo no Sacramen-
to, p. 257. 260.

Evangelho. O livro dos Evangelhos
depois do fim do mundo ha de du-
rar eternamente, p. 256. usq. ad 258.
Os validos haõ de ser Evangelis-
tas, p. 411. Porque razaõ os Evan-
gelistas devem ser amados, p. 412.
Como compraõ os Santos os the-
souros escondidos do Evangelho,
pag. 481.

Exemplo. Exemplos da Magdlena, cõ
que se convence a sy, para despre-
zar o juizo dos homens, p. 140. O
maior exemplo dos poderes da pe-
nitencia, que no mundo ouve, pag.
145. usq. ad 147. Põde mais facil-
mente darse o bom exemplo, que
o conselho, p. 542.

Excõmunhãõ. Quam poderosa he a for-
ça da Excõmunhãõ se deixa ver
em hum milagre de S. Gonçalo, p.
294.

F

Fabulas. **C**omo tem passado as
Fabulas, que os Anti-
gos fingiraõ, p. 10. E como nas Fa-
bulas passãõ tambem os nossos
vicios, p. 11.

Fama. Os invejosos mais sentem a Fa-
ma, & gloria alhea, que as suas
afrontas proprias, p. 522.

Favor. Para se vencerem as difficul-
dades dos primeiros lugares, nam
bastaõ justiça, & favor, pag. 207. A
Natureza, a Graça, & a Fortuna
fazem tres cousas no mundo, que
sempre crecem, p. 416.

Fè. A Providencia divina faz, que os
nossos proprios vicios sejaõ as te-
stemunhas de nossa Fè, pag. 57. A
quem tem Fè, & Esperança resta
só fazer penitencia: & como se ha
de resolver a ella, p. 149. usq. ad 156.

Fecundidade. A esterilidade da gloria,
& Fecundidade da graça he huma
grande razaõ, porque se ha de esco-
lher antes a graça, que a gloria, p.
384. usq. ad 386.

Felicidade. Ninguem he, nem pòde ser
felice com a alma noutra parte, p.
439. 440. Ainda fingindo, que ou-
vesse homem no mundo taõ afor-
tunado, que lograsse todos os seus
bens pacificamente, não teria com
tudo isto perfeita felicidade, p. 455.

Fermosura. Quaes foraõ as mais fer-
mosas Heroínas da naçaõ Hebrèa,
p. 12. E como todas passãõ, & fo-
raõ fatais a quem as amou, Ibid.

Fidalguia. A Fidalguia he de todos os
dez predicamentos, & de todos os
quatro humores, p. 117.

Figura. Com quantas figuras tem apa-
recido o mundo, p. 4. & ulterius. A
figura, que os Governadores haõ
de trazer sempre diante dos olhos,
he o mesmo Rey, de quem elles
taõ imagens, p. 350. Em que con-
siste a Figura, & semelhança do Sa-
cramento com a gloria, p. 459.

Filho. Porque razaõ ha de vir Christo
a julgar o mundo na representa-
çaõ de Filho de homem, & não de
Filho de Deos, pag. 59. Como he
Christo Filho Primogenito de sua
santissima Mãy, & a Mãy Filha
Primogenita do Filho, pag. 166.

E não

É não só he a Mãy Primogenita do Filho, mas também Urigenita, p. 169. Como a Virgem Maria he Mãy, & Pay juntamente de seu bendito Filho, p. 174. Desde a Eternidade prometeo Deos a seu Filho a prerogativa de poder encher no Sacramento o vazio da mesma Eternidade, de que se despio na Encarnação, p. 251. Deve-se antes escolher a graça, que a gloria; porque a graça faz ao homem filho de Deos, & a gloria herdeiro, p. 374. usque ad 376.

Fim. Deos não julga senão no fim: os homens não esperão pelo fim, para julgar, p. 75. usq. ad 77. Quem quer começar bem, & acabar bem, ha de começar pelo fim, & acabar pelo principio, p. 327.

Fineza. Não pôde haver mais fino amor, que aquelle, que entrega o coração, & fecha os olhos, p. 427. A maior fineza da virtude nos servos de Deos, he fogueitarem-se a tomar por aumento da graça os rigores, que são remedio da culpa, pag. 550.

Fogo. O elemento do fogo he o mais escondido, & o mais nobre do Universo, p. 474. Porque não deo Deos a Adão o dominio do elemento do fogo, p. 476. O fogo não consente serem as cousas o que são, p. 483. Entre os elementos só o fogo não he Pay, p. 484. Mas depois que o fogo artificial se ajuntou com a polvora, em todo o genero de viventes tem filhos de fogo, p. 495. Como se ajudão, & dão a mão o

fogo, & a agua nas batalhas navais, p. 499. Com que mysterio fingirão os Antigos a Vulcano, Deos do fogo, manco, & encostado a hũ bordão, p. 500.

Fome. Communicanos Christo no Sacramento a infinidade de seu corpo, fazendo que seja infinita a fome, ou nós infinitos na fome com que o comeremos, pag. 270. & ulterius.

Fortuna. Só quem soube fazer eleição do ultimo lugar, desarmou a Fortuna, p. 214. 215. Também na san-tidade ha Fortuna, p. 404.

Furtos. Os bens deste mundo, ainda que não haja ladroens, que os furttem, elles mesmos se nos roubão, p. 454.

G

Gado. O peior gado de guardar he o homem, p. 293.

Geometria. Quam grande he a ciencia Geometrica, para o emprego certo das balas da Artelharia, p. 497. 498.

Gentios. Até os Gentios condenavam o amor, ou cubiça dos bens do mundo, p. 468. 469.

Gigantes. A descendencia dos Gigantes, p. 5. E como té passado já, *Ibid.* De quantas cousas aqueenta o Sol, nenhuma he mais agradecida, que a erva Gigante, p. 99. Os peccados pela continuação fazemie gigantes, p. 154. Que fundamento teve a Filosofia das fabulas, para fingir, que os Gigantes fizerao guerra ao Céo, p. 505.

Gloria. Comparada a Gloria cõ a graça, antes havemos de escolher a Graça, que a Gloria, p. 369. & ulterius. Amar a Graça por amor da Gloria, he querer gozar o premio: amar a Gloria por amor da Graça, he querer segurar o amor, p. 426. A grande differença que ha entre os bens da Gloria do Cco, & os chamados bens das glorias do mundo, p. 434. Quam grande será a gloria dos bemaventurados, sendo elles infinitos, & a gloria de cada hum, as glorias de todos, p. 466. 467. Ha casos, em que por pedir licença, se perdem as mais gloriosas acçoës, p. 479.

Governo. Todos os que governaõ, são imagens de seus Principes, p. 331. Quam grandes são as difficuldades dos que governam em sua propria terra, sendo imagens dos seus Reys, p. 344. usque ad 348. Porque os governos antes costumão mudar as condiçoens dos homens, que conservalas; o mais seguro meyo de todos seria cortar as raizes, p. 349. Os Governadores, que não são da terra, que governaõ, & vê de fóra a governalas, carecem das propriedades mais importantes para bem governarem, p. 355.

Gosto. Quaes são os gostos, & o sabor, que se acham livres de amarguras no ultimo lugar, p. 223. Maõs, & olhos, & gosto experimẽtarão como o corpo de Christo no Sacramento està infinito, p. 268. usque ad 270. Quam pensionados dá o mundo os gostos, & bens desta vida, p. 440. &

ulterius.

Graça. O verdadeiro penitente só estima o que pôde dar a graça de Deos; & só teme o que a pôde tirar, p. 137. Para hum homem se converter, não basta só vida, saúde, & juizo; mas he principalmente necessaria a graça de Deos, p. 153. O chamar a Deos de todo o coração, não depende só de nosso alvedrio, senão tambem da graça de Deos, p. 155. São tam esquecidos os homens de fazer escolha do lugar que mais lhe convem, que se alguõ ouve, que a fizesse, foi por especial auxilio da graça Divina, p. 221. Ainda que enchemos a alma com a graça, devemos encher a graça com as obras, sem as quaes a graça não permanece, p. 278. Nem por ser a Ley de Christo Ley da graça, ha de ser nella tudo graça, p. 297. Comparada a Graça com a Gloria, antes devemos escolher a Graça, que a Glória, p. 369. usque ad 386. Quem soube só achar paralelo à graça da Mãe de Deos, p. 393. A inundação de delicias, com que a Senhora subia para o Cco, eraõ as de sua graça, p. 394. Quem nam aceita a graça de Deos, fecha as portas à Santissima Trindade, p. 396. Quam pouco caso fazem os homens da eleição da graça, p. 396. & deinceps.

Grandezas. Os bens, que o mundo chama grandes, só são bens, quando se deixãõ; & só são grandes, quando se esperãõ, p. 549.

Guerras. Que guerras da antiguidade

tem passado, p. 8. No tempo da paz pode se sofrer, que se dem os lugares às geraçoens; mas no tempo da guerra, não se haõ de dar se não às accoens, p. 118. Notavel cousa he, que tenha a graça despojos, como se fora guerra, p. 425. Quanto mais trabalhosa he a guerra do mar, que a da terra, p. 497.

H

Herança. Devese antes escolher a Graça, que a Gloria; porque a Graça faz aos homens filhos de Deos; & a Gloria herdeiros, p. 374. usque ad 376. S. Ioaõ Evangelista foi a herança principal de seu testamento, p. 409. Mais deixava Christo em deixar por herança S. Ioaõ Evangelista a Sua Mãe, do que em dar o Reyno do Ceo a Dimas, p. 411. Onde o Pay he Deos, tanto direito tem à herança dos bens os amependidos, como os innocentes, p. 458.

Homens. Quanto variaraõ os homens, desde a sua primeira infancia, p. 45. Qual foi o primeiro homem, que se atrevè a por a Coroa na cabeça, p. 6. Passaõ os homens como senaõ passaraõ, p. 20. Nenhum homem pòde entrar duas vezes no mesmo rio: & porque, p. 22. Os homens, que chegaõ a ser velhos, morrem seis vezes: & como, p. 23. Entesfouaraõ os homens para o dia do Iuizo a ira, & vingança de Deos, p. 26. 27 O juizo dos homens he muito mais temeroso, que o juizo de Deos: & porque, p. 57. & ulterius.

Se os homens conheceraõ os coraçoes, não havia que temer seus Iuizos, p. 165. Porque queria David, que o julgasse Deos, & não os homens, p. 67. 68. Quanto mais seguro he ir ao Iuizo de Deos com peccados, que ao dos homens com milagres, p. 69. Quantas vezes julgaõ os homens pelo que nunca vos passou pelo pensamento, p. 72. E como julgaõ tambem, pelo que nem a elles lhes passou pelo pensamento, p. 73. Como julgaõ os homens antes do fim, p. 75. usque ad 77. Os homens, quando testemunhaõ de sy mesmos, saõ huma cousa, & dizem outra, p. 89. & ulterius. Os homens olhados pelas primeiras paredes, não saõ mais que hum Idolo do zelo, p. 106. usque ad 108. Para pronosticarem bẽ os Portuguezes antigos, consultavão as entranhas dos homens, p. 113. Nenhuma cousa trazemos os homens mais detraz de nõs, que a nõs mesmos, p. 125. Mais se devem temer os peccados, que o juizo dos homens, p. 127. No juizo dos homens appellate depois, no Iuizo de Deos appellase antes, p. 144. Todo o homem neste mundo deseja melhorar de lugar, p. 194. 195. Todas as maravilhas do Corpo de Christo no Sacramento, comunica aos homens o mesmo Sacramento, p. 239. & ulterius. Christo Sacramentado comunica aos homẽs a immensidade, que tem no Sacramento, p. 248. usque ad 251. S. Gonçalo nasceo Minino Homem, p. 286. & ulterius. Os homens, que

que governaõ homens , haõ de ter aveço, & direito, p.297. Assim como no seu nascimento foi S. Gonzalo minino, como homem; assim depois de morto foi homem, como Deos, p. 317. & ulterius. Nós, sendo na idade homens, na vida, & costumes somos mininos, p. 326.

Como deve o mundo abrir os olhos, & não se contentar de ver os homens só por fóra, mas consideralos tambem por dentro, p.440.

hura. O ultimo lugar merecido por distribuição alhea, pôde ser afrontoso: tomado por eleyção propria, he o mais honrado, p. 224. & ulterius. As acçoens, & feitos honrosos com mayor razão se podem esperar daquelles, que querem adquirir honra, que dos que cuidaõ, & dizem, que já a tem, p. 358. & ulterius. A differença da honra, com que Deos communica no Ceo aos Bemaventurados a sua vista, & aos q̄ o amaõ na terra a sua graça, mostra quanto a graça deve ser preferida à gloria, p.381.

rio. No Horto colhéraõ Christo, & sua Santissima Mãy os primeiros frutos da Redempção, p. 167. & deinceps. No Horto ouve hum novo Calvario, sem monte: & no suor do sangue, huma nova Cruz, sem cravos, p.168. O effeito geral do sangue da Cruz, foi remir; & o particular do sangue do Horto, remir preservando, p.170. usque ad 172. O Sangue, que Christo suou no Horto, foi o mesmo, que na Encarnação tinha recebido de sua Sã-

tissima Mãy, p.181. usque ad 184. *Hostia.* Depois do fim do mundo, se conservará eternamente no Ceo huma Hostia consagrada, p.255. usque ad 258.

I

Idolo. Como são os homens Idolos do zelo, p.106. usque ad 108. O que faz a penitencia para desprezar o Idolo do juizo dos homens, p.134. usque ad 142. Como se fazem as almas Idolatras, p. 530.

Ignorancia. O perfeito segredo, he o q̄ chega a ser ignorancia, p. 420.

Imagem. Todos os que governaõ são imagens dos seus Principes, p.331. A Adaõ deo Deus particularmente o titulo de Imagem sua: & porque, p.332. O que ouver de ser Imagem verdadeira de Deos, não basta que seja homem com alma; senam tambem alma com homem, p. 333. Porque razão diziaõ os Antigos, que a imagem de Mercurio senam fazia de qualquer madeiro, p. 334. Como he o Verbo Divino Imagé da bondade de Deos, p. 335. Antiguamente conheciaõ se as imagens dos homens pelas suas sombras, p. 341. Quanto excedem às vezes as sombras destas imagens aos Reys de que são imagens, p. 341. 342. Os que são imagens dos seus Reys em terra, onde são naturaes, ainda tem outras difficuldades no seu governo, p.344. usque ad 348. Mais estimaõ os supremos Monar-

cas os obsequios que se fazem a suas Imagens, que a suas proprias pessoas, p. 360.

Immensidade. A Immensidade he o segundo vasio da divindade, que pelo Mysterio da Encarnação se limitou a hum só lugar, p. 245. E desta immensidade do que Deos se despio pela Encarnação, se revestio outra vez pelo Sacramento, Ibid. usque ad p.251.

Immortalidade. A nossa injustiça he a mais evidente prova da nossa immortalidade, p. 57. O corpo de Christo no Sacramento, sendo naturalmente corpo mortal, ficou immortal: & sendo naturalmente passivel, ficou impassivel p.261. usque ad 264. E como estes dous effectos de immortalidade, & impassibilidade se nos communicão no Sacramento, p. 264. usque ad 267.

Impassibilidade. O corpo de Christo no Sacramento, sendo naturalmente passivel, ficou impassivel, pag.261. usque ad 264. E como nos communicã no Sacramento este mesmo effecto de impassivel, p.264. E ainda que a mesma experiencia parece, que faz difficultoso este effecto de impassibilidade, não deixa o corpo de Christo de nelo communicar no Sacramento, p.265.266.

Imperio. Quaes foraõ os primeiros Imperios do mundo, p.6. A sua instabilidade, Ibid. Profecia das duas partes do mundo, a polvora, & o Imperio Otomano, p.492.493.

Infinidade. O vasio da infinidade do Verbo na Encarnação suprio o

corpo de Christo no Sacramento, p.267.usq. ad 270. E como se nos comunica pelo Sacramento este mesmo effecto de infinito, pag.270. usq.ad 272. A infinidade da graça da Mãe de Deos, p.393.

Inferno. O que dizem, & fallão no Inferno os condenados, p.53. usq. ad 55. Nem porque mais se deve temer o Inferno, & morte da alma, que a do corpo, he mais temeroso o juizo de Deos, que o dos homens: & porque, p.78.& ulterius. Porque se compára o zelo ao Inferno, pag. 106. Por conservar a graça, até he licito querer antes padecer as penas do Inferno, p.380. No invejoso até as penas do Inferno taõ mais tol-raveis, que a gloria alhea, pag. 522. usq. ad 524.

Injurias. As injurias são a musica dos penitentes, p.138.139.

Innocencia. Quanto mais calla, entaõ allega por sy melhor diante de Deos, p.517. Não pôde chegar a mais o mais fervoroso desejo da santidade, que fogueitar-se aos remedios do peccado, quem goza os privilegios da innocencia, p.552. Não ha sacrificio mais fermoso aos olhos de Deos, que húa innocencia illustre em habito de penitencia, p.554.

Intentos. Os que não chegã a ter execução, causã a maior pena do mundo, p.517.usq.ad 520. Provasse o mesmo, p.527.528.

Inveja. Nos tribunais onde a inveja preside, as virtudes são peccados, p.510. São taõ linceos os olhos da inveja,

veja, que nos impossiveis do peccado descubrem culpa, p.515.516. Os invejosos mais sentem os bens alheos, que os males proprios, pag. 521.usq.ad 525.

Invisibilidade. Se o Verbo vestindose de corpo humano, de invisivel se fez visivel; o mesmo corpo para recuperar a invisibilidade perdida na Encarnação, se tornou a fazer invisivel na Encarnação, p.273. E esta mesma invisibilidade nos comunica Christo sacramentado, Ibid.usq. ad 275.

Jogos. Que jogos ouve no múdo mais celebrados, p.9.10. E como passarão todos, Ibid.

Iuiz. Deos julga como Iuiz: & os homens julgão como judiciarios, p. 83. No juizo dos homens não basta, que hum julgue com justiça, para escapar de ser julgado injustamente, p. 85. Ninguem ha tão recto juiz de sy mesmo, que, ou diga o que he, ou feja o que diz, pag. 89. & ulterius.

Iuizo. Os dous maiores portentos, que se hão de ver no theatro universal do dia do Iuizo, pag.2. Como he o dia do Iuizo húa rede lançada no mar, p.24. Atè o nada não escapará da conta no dia do Iuizo, p. 28. usq.ad 32. Em tres Parabolas nos refumio Christo em summa toda a conta, que nos ha de pedir no dia do Iuizo: & quaes são, p.35. & deinceps. O juizo dos homens he muito mais temeroso, que o juizo de Deos: & porque, p.57. & ulter. Qual he o juizo de cada hum de

nòs para consigo, p.88. & deinceps. Como todos se cegão no juizo de sy mesmos, todos querem benção fóra da sua especie, p.99. Como são diversos os successos, & os juizos humanos, p. 112. No tribunal da Penitencia se julgaõ o juizo de sy mesmo, o juizo dos homens, & o juizo de Deos: & como, pag.121. & ulterius.

Justiça. Para se vencerem as difficuldades dos primeiros lugares, não bastão justiça, & favor, p.207.

L

Ladroens. Porque na terra ha Ladroes, & no Ceo não; por isso havemos de fazer os nossos thesouros dos bens do Ceo, & no Ceo; & não dos bens da terra, & na terra, p.453.

Lagrimas. Porque razão nem as lagrimas, que são de gosto, tem lugar no Ceo, p.448. 449.

Ley. O juizo, com que nos julgamos huns aos outros, he Ley, que puzemos a Deos, para que elle por ella nos julgue tambem a nós, p. 85. Nem por ser a Ley de Christo Ley da Graça, ha de ser nella tudo graça, p.297.

Letras. Que letras, & ciencias tem florecido no mundo, pag.8.9. E como tem já passado todas, Ibid.

Licença. Ha casos, em que por pedir licença se perdem as mais gloriosas acçoens, p.479.

Livros. O Livro da vida he hum só: &

os Livros da conta são muitos , p. 28. Todos os peccados dos subditos se carregão no Livro das contas dos Superiores, p.37.

Logros. Não basta muitas vezes , que os bens deste mundo sejam nossos, para que o mesmo mundo no los deixe lograr, p.450.

Lua. Nenhúa benção se podia dar à Lua mais venturosa , que o não crecer, p.101.

Lugar. O juizo de Deos ha de ser em hum só lugar : & o juizo dos homens he em todos os lugares, p.81. No tempo da paz dete o primeiro lugar a quem melhor for : mas no tempo da guerra ha de darse a qué melhor obrar, p. 119. Todo o lugar he nada, p.196.197. No mundo não ha lugar melhor, p. 198. Sò no Ceo ha melhores lugares, pag. 199. usq. ad 201. O melhor lugar he o ultimo, p.203. & deinceps. No Ceo não tem lugar a divisaõ, que ha nos bens da terra, de meu , & teu, pag. 460.

Luz. Deixounos Christo cõmunica-do em sua doutrina tres rayos de sua divina luz, para que vejamos agora o que no dia do Juizo have-mos de ver, p.34. E quaes são estes tres rayos de luz, p.35. & ulterius.

M

Mal. He propriedade dos males ultimi-mos, izentarem de sy mesmo a quem oprimem, p.214. Para haver mal, & bem basta hum só momen-

to, p.436. O pouco caso, que se de-ve fazer dos bens deste mundo , por serem sempre tão misturados com os males, como se verdadeira-mente foraõ puros males , p.443. 444. Com que razão clamaõ as Escrituras, que das partes Senten-trionaes, & do Norte sahiria todo o mal, p.491.492.

Mandamentos. No juizo de Deos , qué guardar os Mandamentos, pôde estar seguro: & no juizo dos homens não aproveita guardar os Mandamentos, p.83. Ha mandamentos da ley da Inveja, assim como ha Mandamentos da Ley de Deos, p.513.

Mão. Como havemos de aceitar da mão de Deos os talentos, que elle for servido darnos, pag.44. usque ad 47.

Maravilhas. Quantas, & quaes foram as Maravilhas no mundo celebra-das, p.13. E como todas passáraõ, Ibid. Por mais que cada hũ se pin-te maravilhoso no seu conceito, faltalhe para Messias a condiçã principal : & qual he, p.96.

Maria. Tres supposiçoens necessarias, para se tratar da Conceiçaõ da Vir-gem Maria, p. 160. Por valor do sangue de seu Filho foi a Virgem Maria preservada do cativoiro do peccado de Adão, p.161.usque ad 164. S. Bernardino de Sena diz, que remio Christo a Virgem Ma-ria sua Mãy com o primeiro san-gue, que derramou na Cruz, p.165. Assim no Horto, como no Calva-rio obrou o Filho de Maria como Jesu , & como Redemptor a sua

redempção, p.169. E com que differença, *Ibid.* Que prerogativa teve o sangue do Horto para ser preferido ao da Cruz no mysterio da Conceição de Maria, p.172. usque ad 174. O sangue animoso, que no Horto saltou, & sahio fóra das veas de Christo, foi o que o Verbo encarnado conservava, & tinha recebido do sangue de sua Mãy, p. 184. A graça da Virgem Maria tem tres estados de perfeição, p.386. Quanto estimou mais a Virgem Maria a graça, que a gloria, p.387. Quanto Deos quiz que crecesse a graça de Maria, pag. 388. Quaes foraõ os aumentos da graça da Virgem Maria, p.389. usq. ad 395.

Medid.1. Cada hum se deve medir dentro da sua esfera, p.100. Para se conhecerem os que o zelo come, ou os q comê do zelo, devê ser medidos pela cintura, p.104. No Apostolado de Christo S. Joaõ Evâgelista sempre era do seu tamanho, p.418. Como pela medida do paõ, ou pelo paõ sem medida se avalia a graça, p.424. Nunca as maquinas vivas igualaõ as medidas das sonhadas, p.547.

Meyos. Assim os meyoS universaes, como os particulares, com q Deos assiste a todos os homens, saõ os talentos, de que devemos dar cõta a Deos, p.42. Como os meyoS entre sy contrarios nos podem igualmente levar à salvação, p.43.44. Quãtos meyoS, & remedios inventãrãõ os homens, para cada hũ possuir quietamente o seu: mas sem

proveito, pagin. 452.

Memoria. Os homens cõmummente não sabem guardar segredo, porque o encomendãõ à memoria, & não ao esquecimento, p.420.

Mentira. Na materia de vòs quẽ fois, todo o homem mente duas vezes: hũa vez mente se a sy; outra vez mentenos a nõs, p.89.

Merecimento. Hum grãde delitõ muitas vezes achou piedade: hum grande merecimento nunca lhe faltou inveja, p.67. A diversidade das bençoens não argue desigualdade de amor em quem as dà, senão differença de merecimentos, em quem as recebe, p.98. Quanto mais custa o alcançar, que o merecer, p.208.

Milagres. Não ha cousa, de que mais se escandalizem os homens, que de haver quem faça milagres, pag.68. Se fostes leproso algum dia, ainda que Deos faça milagres em vòs, leproso haveis de ser toda a vida, p.77. Quantos milagres vemos neste mundo, & quantos homens, & alvitres milagrosos à custa do paõ alheo, p.295. Não està a perfeição do milagroso em poder fazer os milagres, senão em os saber fazer, p.296. Tãõ milagroso se mostra S. Gonçalo quando faz por nõs os milagres, como quando cessa de os fazer, p.323. Quaes saõ as insignias dos milagres daquellas imagens dos Reys, quando tornaõ das Conquistas para donde vieraõ, p.343.

Minino. S. Gonçalo nasceo minino homem, p.286. & ulterius.

Misericordia. Porque Deos ama a Misericordia, & a verdade, por isso dará a graça, & mais a gloria, p. 369. He tal a bondade de Deos, que quando quer castigar os homens, (porque nunca se esquece de sua misericordia) o que mais sente he, não haver algum, que se lhe opponha, & lhe resista, p. 486.

Morte. Quantas vezes morrem os homens, que chegam a ser velhos, pag. 23. De todos os generos de morte pôde haver esperança de escapar; & só a morte, que traz consigo a velhice, he morte sem esperança, p. 308. Intentos não executados causão húa morte, que por mais penar, não mata: sabe se sentir, mas não se sabe explicar, pag. 519. Porque lhe parecia a Job melhor a morte, que a vida, p. 537. Porque razão se compára o amor grande à morte, & o amor maior ao Inferno, p. 560.

Mudança. O juizo de Deos pôde mudar-se: & o dos homens não se muda, p. 83.

Mundo. Com quantas figuras tem aparecido o mundo, pag. 4. & ulterius. Qual foi a maior ostentação de grandeza, que se vio neste Mundo, p. 20. 21. De estar o Bautista em prisoeus se prova, que ha de haver outro juizo, & outro Mundo, pag. 56. Quantas tragedias se representão no Mundo, em que as mesmas injustiças são verdadeiras, pag. 74. Como pôde ser, que haja outro tribunal no Mundo, em que o juizo de Deos se revogue, pag. 143.

Neste Mundo não ha lugares, pag. 196. 197. Nem ha lugar melhor, ainda suppondo, que haja lugares, p. 198. E admitindose haver melhores lugares, só no Ceo os ha, pag. 199. usque ad 201. No Mundo o ultimo lugar he o melhor: mas no Ceo o melhor he o primeiro, p. 226. 227. Tres cousas ha no Mundo, que sempre crecem, pag. 416.

N

Nada. **A** Tê o Nada não escapará de dar conta no dia do Juizo, p. 28. usq. ad 32. Quantos peccados se verão sair no dia do Juizo debaixo do Nada, que agora os homens não vem, nem querem ver em suas consciencias, p. 34. Como nos conhecemos, que somos Nada, vendo as imagens de nossos peccados, p. 133. Todo o lugar he Nada, p. 196. 197. Deixar a Deos por amor dos Nadas do mundo, he fazer a Deos menor que Nada, p. 547.

Nascimento. Deos ha de julgar os vivos, & os mortos: & os homens até os que estão por nascer, julgaõ, p. 82. Como preservou Christo do peccado a sua santissima Mãe, antes de ser nascido, & sendo primeiro o Nascimento de sua Mãe, que o seu, p. 176. 177.

Nao. Todos imos embarcados na mesma Nao, que he a vida: & todos navegamos com o mesmo vento, que he o tempo, p. 21. 22.

Natureza. Os bens sobrenaturaes excedem na nobreza, preço, & dignidade a todos os bens da Natureza, p. 368.

Nome. Quando começou o nome do governo no mundo, p. 331. Não he justo, que conserve a memoria dos Pays no Nome, quem professa o esquecimento dos Pays na vida, p. 556. usq. ad 558. Porque razam se deve antes tomar na Religião o nome da Cruz, que o do Sacramento, p. 563 564.

Numero. Os Profetas não se haõ de conhecer, né avaliar pelo Numero, senão pelo peso, p. 109. & ulterius.

Nuvem. Como he a Virgem Maria Nuvem leve, p. 529.

O

Obediencia. **E**Mquãto Adão obedeceo, & guardou o Regimento, que Deos lhe tinha dado no Paraíso, conservou em sy a imagem politica, que tinha de Deos, p. 353. Como devem os subditos ter fogueição prompta, & alegre obediencia a seus Governadores, por serem imagens de seus Reys, p. 157.

Obras. A perfeição não consiste, em que as nossas obras sejam boas, senão em que sejam bem feitas, p. 3. Quem leva a calumnia nas obras, não importa, que tenha as defesas no coração, p. 65. Para com os homens, o maior inimigo, que temos,

são as nossas boas obras: & porque, p. 67. & deinceps. Quanto ao contrario das obras julção os homens os pensamentos, p. 71. & ulterius. Cada hum he o que faz; & não he outra cousa, p. 115. 116. As boas obras são a maior segurança de nossa predestinação, p. 120. Como se entende o modo de fallar da Escritura, que Deos ao dia setimo descansou de todas as obras, que tinha feito, p. 319. & 320.

Odio. Muitas vezes parecem finezas de amizade, o que são odios refinadissimos, p. 511. & ulterius.

Offerta. Como se pode offerrecer a Deos mais, do que delle se tem recebido, p. 548.

Officios. Como no dia do Juizo ha de pedir Deos conta dos Officios, & cargos, q se exercitarão nesta vida, p. 35. usq. ad 41. Em Deos a vontade, & o entendimento tem repartidos os Officios, p. 61.

Olhos. Quem quizer julgar os outros, vire os olhos para detrás de sy mesmo, p. 86. Os verdadeiros Profetas conhecem se pelos olhos, pag. 112. Maior cegueira he ver húa cousa por outra, que não ver nada, pag. 124. A penitencia, ou nos volta os olhos de fóra para dentro, para que nos vejão: ou nos vira a nós mesmos de dentro para fóra, para que nos vejamos, p. 125. & ulterius. Os nossos peccados postos diante dos olhos, convencem-nos a nós com nosco; & emendão o nosso juizo com o nosso proprio juize, p. 132. A penitencia para o juizo de sy

mesmo abrenos os olhos; & para o juizo dos homens fechanos os ouvidos, p. 134. Mãos, olhos, & gosto experimentaráo como o corpo de Christo está no Sacramento infinitamente, p. 168. usq. ad 270. Assim como he grande dignidade das imagens dos Principes o haver de representalos nos olhos do mundo; assim he muito difficuloso o acerto desta representação, p. 334. Quam errada he a estimação daquelles, que só estimaõ o q̄ vem com os olhos, p. 378.

Opposição. Ha de preferirse a graça à gloria: porque o opposto da graça he não amar a Deos; & o opposto da gloria he não ver a Deos, p. 377. usq. ad 380. Como servem as sombras, & os oppostos, para mais illustrar os contrarios, p. 502. usque ad 504.

Oração. A efficacia da Oração de Christo no Horto, foi a que futilizou o sangue nas veas, & o fez manar em suor, p. 179. E isso para ser anticipado o preço da redempção da Senhora, Ibid.

Ovelhas. Como o bom Pastor nam ha de desemparrar as suas Ovelhas, p. 298. usq. ad 300. E em que caso lo poderà ter excusa para o fazer, pag. 301. Argumentase contra esta excusa, p. 302 & deinceps.

P

Paciencia. O Divinissimo Sacramento a huns Mar-

tyres fazia impassiveis pela impassibilidade & a outros pela Paciencia, p. 265.

Paço. Desposarse Deos no Paço, he maravilha grande, p. 534. No Paço ainda quando o conhecem os muitos annos, nam se atrevê ao deixar os poucos, p. 542.

Pay. Como S. Gonçalo ainda hoje he Pay de familias, p. 317. Quê he filho do Pay do Ceo, contentarse só com o seu, he peccado grande, que comete contra o Ceo, p. 457. Nam será verdadeiro Pay, nem verdadeira Mãy o que nam estimar menos os seus bens, que os de seus filhos, p. 465. Entre todos os elementos só o fogo nam he Pay, p. 484.

Parabolas. Em tres Parabolas nos resumio Christo em summa toda a conta, que nos ha de pedir no dia do Juizo: & quaes sam, p. 35. & deinceps.

Paraíso. O Paraíso Terreal foi a primeira scena, em que appareceo o mundo, p. 4. Atè no Paraíso Terreal havia bens com mistura de males.

Pão. Quando os doze Apostolos repartiram entre sy o mundo, se levára cada hũ consigo a sua alfofa, dos fragmentos do Pão, com q̄ Christo deo de comer a cinco mil homens, bastarião aquellas sobras a sustentar o mundo todo, p. 269. 270. Em hum milagre que S. Gonçalo fez no Pão, se vem os efeitos da Excommunhão, & absolvição, p. 294. Muito melhor se governaria o mundo, se vissemos pobres de Pão

s que vemos ricos da graça, p. 424.
tor. O melhor Paſtor de todos, he
 que ſendo mancebo ſabe ſer Pa-
 ſtor, p. 292. A maior falta dos Paſto-
 ſ he a do valor, p. 293. O bom Pa-
 ſtor não ha de ſer tudo bondade, p.
 297. O bom Paſtor não deve deſem-
 parar as ſuas ovelhas, p. 298. uſq. ad
 300. E quando poderá ter eſcuſa,
 para o fazer, pag. 301. Argumentaſe
 contra eſta eſcuſa, p. 302. & ulterius.
 No tempo da Paz pôdeſe ſofrer,
 que ſe dem os lugares às geraçoens:
 mas no tẽpo da guerra não ſe hão
 de dar, ſenão às acçoens, p. 118.
peccados. A vida paſſa, & os peccados
 não paſſão, p. 24. & ulterius. Excep-
 tos os que peccão com ignorancia
 invicivel, os demais peccaõ no pec-
 cado, & na ignorancia, com q̃ o não
 conhecem, p. 33. Todos os peccados
 ſe ſubditos ſe eſcrevem no livro
 das culpas dos ſuperiores, p. 37. Câ-
 da tudo aquillo, porque peccamos,
 e o que ſõ levamos com noſco, he
 o peccado, p. 53. Quanto mais ſegu-
 re he ir ao juizo de Deos cõ pecca-
 dos, que a dos homens cõ milagres,
 p. 69. A quem conhece a graveza dos
 peccados, todo o caſtigo, que não he
 eterno, lhe parece muito pouco, p.
 105. Como havemos com David
 não ſe considerar peccados, & mudar epi-
 toſ, p. 128. & ulter. Os noſſos pec-
 cados poſtos diante dos olhos con-
 tencem-nos a nòs cõ noſco, p. 132.
 Não ſe devem temer os peccados, q̃
 he o juizo dos homens, p. 137. Se que-
 remos remiſſão dos peccados, have-
 mos tomar a penitencia, como bau-

tismo, p. 149. O ſangue de Chriſto,
 ainda q̃ foi derramado por ſua Mãe
 ſantiffima, não ſe derramou em re-
 miſſão de peccados, p. 163. 164. Af-
 ſim como Chriſto ſe adiantou à re-
 dempção de ſua Mãe; aſſim a meſ-
 ma redempção ſe anticipou ao pec-
 cado, p. 176. O impeccavel não ſe
 pôde fazer peccador de culpa, mas
 pôdeſe fazer peccador de penas, pag.
 552. A penitencia honra aos pecca-
 dores: os innocentes honraõ a peni-
 tencia, p. 555.

Pegada. Porque confidere Deos nam
 os noſſos paſſes, ſenão as noſſas pé-
 gadas, p. 25. 26.

Pensamentos. Quanto ao contrario das
 obras julgaõ os homens os Penſa-
 mentos, p. 71. & ulterius. Não ha pe-
 na tão excessiva, como hum Penſa-
 mento frustrado, p. 518. uſq. ad 520.
 Provaſe o meſmo, p. 517. 528.

Penitencia. No tribunal da Penitencia
 ſe julgão o juizo de ſy meſmo, o jui-
 zo dos homens, & o juizo de Deos; &
 como, p. 121. & deinceps. Por dous
 modos faz a Penitencia, que os ho-
 mens cheguem a ſe ver interiormẽ-
 te, como convem, p. 125. Com abrir,
 ou fechar hum ſentido faz a Penitẽ-
 cia deſprezar o juizo dos homens, p.
 134. Que faz, & deve fazer o verda-
 deiro penitente, p. 136. & ulterius.
 As injurias ſão a muſica dos penitẽ-
 tes, p. 138. 139. Grãdes excellencias
 do juizo da Penitencia ſobre o juizo
 de Deos, p. 147. 148. Não ha ſacrifi-
 cio mais fermoso aos olhos de Deos,
 que hũa innocencia illuſtre em ha-
 bito de Penitencia, p. 554.

Perfeição. A perfeição não consiste nos verbos, senão nos adverbios, p. 3.

Perda. Quam pouco se sintão as perdas da graça, p. 397. Como se devem pesar em balança as perdas da eleição da graça, p. 398.

Pezo. As profecias não se haõ de julgar pelo numero, senão pelo pezo, pag. 112. Quam pouco pezão os homens o morgado da graça, p. 399.

Polvora. Quem foi o primeiro inventor da Polvora, p. 492. Mas se bem se lerem, & entenderem as Escrituras, acharemos, q̄ quatro mil annos antes a tinha já inventado Deos, pag 504. 505.

Predestinação. Nas acçoens se haõ de segurar as Predestinaçoens, p. 119.

Prelados. De que tomarã Deos conta no dia do Iuizo a hum Prelado, pag. 39. usq. ad 41.

Premio. Amar a graça por amor da gloria, he querer gozar o premio: amar a gloria por amor da graça, he querer segurar o amor, p. 426.

Presumpção. Todo o talento he arriscado ao perder, ou a não dar boa conta d'elle a presumpção humana, p. 45. usq. ad 47.

Principe. Pela primeira falsidade, em q̄ o Vassallo for achado, hade logo cair para sempre da graça do Principe, p. 413. Não ha cousa que mais creça, que os lados dos Principes, pag. 415. usq. ad 417. O maior abuso, & risco, que tem a graça dos Principes, he andarem o pão, & a graça juntos, p. 423.

Principio. No dia do Iuizo se verá o principio do mundo junto cõ o fim,

& o fim junto com o principio, p. 2. Qual foi a primeira scena no principio do mundo, p. 4. Quando começou, & teve principio a idolatria, p. 7. Quando principiãrão as guerras, Ibid. Julgar os fins pelos principios, he juizo incerto, p. 75. Quem começar bem, & acabar bem, ha de começar pelo fim, & acabar pelo principio, p. 327.

Privilegio. He Privilegio concedido no Ceo aos Virgens, que elles só sigão ao Cordeiro, que he Christo, a todas as partes por onde, & para onde for, p. 305. Este mesmo Privilegio teve S. Gonçalo na terra, & por modo mais superior, Ibid.

Profetas. Quantos Profetas ouve no Povo Hebreo, p. 12. E como todos passãrão, Ibid. Como se prezão algũs de Profetas, p. 108. Por onde se haõ de conhecer os verdadeiros Profetas, p. 109. usq. ad 115.

Q
Quedas. **Q** Lugar mais alto he o que mais dispoem para se cair d'elle, p. 210. Não ha altura neste mundo, que não seja precipicio, p. 211. Todos os lugares altos, ou sejaõ do Ceo, ou da terra, ou na Igreja, ou fóra della, saõ os mais perigosos, & os mais aparelhados para a caída, p. 212. Dos lugares altos, ainda que né todos cahirão, podãõ cahir; & isso basta, para não serem seguros, p. 213. 214. Ainda que no ultimo lugar tambem pòde haver cahidas, isso se entende dos q̄ nelle estiverem empè, mas não deitados, p. 215.

Questão. Puzerão alguns Theologos em Questão, qual dos criados da Parabola dos talentos se mostrara mais industrioso, p.46.47. Disputa-se a Questão, de quem he, & o que diz de sy cada hum de nós, p. 88. & deinceps. He Questão dos Expositores, se está ainda o Cherubim no Paraiso guardando o que elle guardava, p. 259. & 260. Questão grave entre os Theologos: em que consiste no homem o ser imagem de Deos, p. 332. Outra Questão dos Theologos, se Adão pela desobediencia perdeu o ser, que tinha, de imagem de Deos, p.352.

Quietação. O ultimo lugar he o melhor, por ser o mais quieto, p.216. & ulterius. O homem, que soube não querer outro lugar, senão o ultimo, he o que logra a verdadeira Quietação, p.217. 218. Ainda que não haja inveja, nem competencia dos lugares altos, elles mesmos se inquietão, & a quem está nelles, p.219. & 220.

R

Rayos. **M**Ais he necessario para segurar no ar hú Rayo natural, que na terra hum artificial, p.494. Quanto maior estrago fazem estes, Ibid. Muitos ouve, que quizerão imitar os Rayos, que a Gentildade chamava de Iupiter, p.495. A que se reduz todo o apparatus, & fabrica estrodoza de hú Rayo no ar, Ibid.

Redempção. Assim no Horto, como no Calvario obrou Christo a Redempção de sua Mãe: mas no Calvario,

como universalmente remida: & no Horto, como singularmente preferida, p.169. Anticipouse o sangue do Horto ao da Cruz, porque foi conveniente ao Mysterio da Conceição da Virgem, que o preço da Redempção da Senhora fosse tambem anticipado, p. 178. 179.

Regimento. Se os Governadores não tirarem os olhos dos Regimentos de seus Reys, teráõ sempre presentes as suas imagens, & figuras, p.350. usque ad 354.

Reys. Os Reys, que tinham sido os idolatras, ou em vida, ou depois da morte, vinhão tambem a ser Idolos, p.7. E como passaraõ todos, Ibid. De que tomará Deos conta a hum Rey no dia do Juizo, pag. 37. 38. A distancia entre os Reys, & seus vassallos impossibilita a boa representação de suas imagens, p.337. Quando os Reys vão do seu Reyno às Conquistas, & das Conquistas tornaõ ao Reyno, aquelles longes tem depois os seus pertos, p. 339. Quando, & como as sombras destas imagens dos Reys excedem a medida de que são imagens, p.341. 342. Os Reys no que escrevem, & ordenão, se retratão a sy mesmos, pag. 351. Que conceito fez El Rey Salamaõ dos bens deste mundo, p.437. usq. ad 439.

Reynos. Passaõ os Reynos de húa parte para a outra, p.18. E quantas vezes tem passado o de Portugal, Ibid. Não se podem julgar com acerto os fins dos Reynos pelos principios, p. 76. Qual he o Reyno do Ceo, que Christo chama semelhante ao the-

louro escondido, pag. 472.

Religião. Os Martyres pagão a Christo na Cruz, os Religiosos pagão a Christo na Religião, p. 561. Que qualidades tem a cella de hum Religioso, para se comparar com a sepultura de Christo, p. 562.

Remedio. Que remedio nos poderá livrar da tirannia do juizo dos homens, p. 84. usq. ad 86. E como se entende este remedio, Ibid. Pelo remedio dos homens, parece, que muda Deos de condição, p. 140.

Rendas. O coração do Principe ha-se de estimar pelo rendimento, & não pelas rendas: ha-se de estimar nelle o rendido, & não o rendoso, p. 425.

Republica. Onde nasceo, & como tem passado a Republica Hebréa, pagin.

11. 12.

Revogação. No tribunal da Penitencia o juizo de Deos revogase, p. 142. & deinceps.

Rezão. Duas são as rezoes, porque tudo neste mundo passa, p. 14. & deinceps. O juizo de Deos começa desde o uso da rezão por diante: & o dos homens muito antes do uso da rezão julga, & condena, p. 82. Nas materias espirituas o que costuma fazer o tempo, melhor he, que o faça a razão, p. 539.

Risco. São mais arriscados os talentos, que na eminencia se estremão sobre todos, p. 47. O maior abuso, & o maior risco, que tem a graça dos Principes, he andarem o pão, & a graça juntos, p. 423.

Ruina. O ultimo lugar he o mais seguro: nos outros a sua mesina altu-

ra he o pronostico certo de sua ruina, p. 209. usq. ad 215.

Sabedoria. **S** Magestade do poder qualquer a pôde re-

presentar facilmente: porèm as açoens da Sabedoria, são mui poucos os que sejam capazes de as exercitar, p. 335. Quanto se preza a Sabedoria de Deos dos thesouros escondidos, que fez, & tem neste mundo, p. 473.

Sacramento. Pela Encarnação, Deos, q̄ era immenso, ficou limitado a hum só lugar: & pelo Sacramento, Christo, que era limitado, ficou immêso, & estã em todos os lugares, p. 224.

A mesina differença dos Atributos divinos se vê em Christo pela Encarnação, & pelo Sacramento, Ibid.

Christo, em quanto sacramentado, he o Cordeiro de Deos, que tira os peccados do mundo, p. 235. usq. ad

238. A perturbação, que causou nos Apostolos a doutrina de Christo, quando lhe profetizou a comida de seu corpo no Sacramento, p. 240.

E como Christo satisfez às suas difficuldades, p. 241. O corpo de Christo, assim como estã no Sacramento

transformado em sy, assim estã tambem transformado para nós, p. 244.

A immensidade divina, de que Deos se despio pela Encarnação, se revelou outra vez pelo Sacramento, pag.

245. usq. ad 251. O terceiro vasio da divindade na Encarnação, que he a Eternidade, he o terceiro Atributo, q̄ Christo encheo pelo Sacramento

251.usq.ad 268.E esta mesma pre-
 gativa de eterno nos comunica
 Cristo no Sacramento, p.259.260.
 Como se nos comunica no Sacra-
 mento os efeitos de immortal , &
 passivel,p.264.usq.ad 264. O va-
 da infinidade do Verbo na En-
 rnação suprio tambem o corpo de
 Cristo no Sacramento, p. 267.usq.
 270.E como se nos comunica pe-
 Sacramento este efeito de infini-
 p.270.usq.ad 272.Se o Verbo ve-
 ndose de corpo humano, de invi-
 el se fez visivel; o mesmo corpo
 pois se fez invisivel no Sacramen-
 p.273.E esta mesma invisibilida-
 nos comunica Christo sacramen-
 do, Ibid.usq.ad 275. Porque nam
 iz Christo, que no Sacramento fi-
 sse a sustancia de pão,p. 423.Sò no
 Sacramento ha exemplo de comu-
 cação total, & toda em todos , &
 tal, & toda em cada hum , p 459.
 Sacramento da Eucharistia he o
 ysterio, em que Deos se desposa cõ
 ossas almas, p.535. Porque diz Za-
 rarias, que o sacrificio do corpo, &
 sangue de Christo no Sacramento
 e melhor que todos, p.551.
uação. Como os meyo entre sy cõ-
 arios nos podem levar igualmête
 salvação,p.43. 44. Os que deixão
 penitencia para a hora da morte,
 ramente se salvão, p. 152. A todos
 lvou Christo: mas a sua santissima
 Mãy propriamente, como defensor,
 ag. 187.
gue. Pelo sangue de Christo ficou
 Virgem Maria sua Mãy livre
 cativo do peccado, p. 162.usq.

ad 165. Não foi o primeiro sangue
 da Cruz, senão o do Horto, o q̄ Chri-
 sto derramou por sua Mãy, p. 166.&
 ulterius. O effeito geral do sangue
 da Cruz foi remir; & o particular do
 sangue do Horto, remir preservan-
 do, p. 170.usq.ad 172. He virtude do
 sangue de Christo poderse dar, an-
 tes de se receber, p. 177. O sangue, q̄
 Christo suou no Horto, foi o mei-
 mo, que na Encarnação tinha rece-
 bido de sua santissima Mãy, p. 181.
 usq.ad 184. O sangue de Christo tê
 virtude para nos preservar dos pec-
 cados futuros, p. 189. Porq̄ chamou
 Christo testamento ao seu sangue, &
 não ao seu corpo, p. 409. Quando as
 obrigaçoens do sangue se deixão
 por amor de Deos, não he fazer of-
 fensa, he fazer lisonja ao Sacramen-
 to, p. 565.usq.ad 567.
Santidade. O que deve ser o homem,
 que logo começa, & ha de ser gran-
 de Santo, p. 287. Tambem na santi-
 dade ha fortuna, p. 404.
Segurança. O ultimo lugar he o mais
 seguro: os outros, quanto mais altos,
 tanto menos segurança tem, p. 209.
 & deinceps. Dos lugares altos, ainda
 que nem todos cahiraõ, podiaõ ca-
 hir; & isso basta, para não serem a
 verdadeira segurança, p. 213. 214.
Segredo. Nenhum segredo he segredo
 perfeito, senão o que passa a ser ig-
 norancia, p. 420. Não dizer hum ho-
 mem o segredo, que sabe, he guar-
 dar segredo às cousas; mas não di-
 zer, que sabe o segredo, he guardar
 segredo ao segredo: & isto he mui-
 to maior segredo, p. 422.

Sentenças. Quaes são as sentenças, onde a vontade he juiz, p. 62. 63.

Sepultura. Que calidades tem hum cella de Religioso, para se cõparar com a sepultura de Christo, p. 561.

Sinal. No juizo de Deos os finais dizẽ com o juizo: & no juizo dos homens o juizo não diz com os finais, p. 82. Muitas cousas se vem hoje daquellas, que os Profetas antigamente deraõ por finais dos tempos do Messias, p. 94. 95. O coração he o verdadeiro final da profecia, p. 114.

Sombra. Antes de haver no mundo a Arte da Pintura, retratavãose os homens pela sua sombra, p. 340.

Subida. Porque he mais facil o subir, que o decer, por isso os ultimos lugares são mais faceis de conseguir, p. 203. & ulterius.

Sucessos. Os successos são final de conhecer os Profetas, p. 114.

Superiores. Maior fogeição he a dos Superiores, que a dos subditos, p. 37.

T

Talentos. Como no dia do juizo ha de pedir Deos cõta dos Talentos, que deo nesta vida a cada hum: & quaes são estes Talentos, p. 41. usq. ad 47. Quanto valiam os Talentos Hebraicos, p. 48.

Tempo. O tempo, & o nada são as duas causas, porque tudo neste mundo passa, p. 14. & deinceps. Como se decreve o tempo, Ibid. Muitas cousas se vem hoje das que antigamente deraõ os Profetas por finais dos tempos do Messias, p. 95. Nas materias

temporaes, o que costuma fazer o tempo, bem he que o faça o tempo: mas nas materias espirituaes, o que costuma fazer o tempo, melhor he q o faça a razaõ, p. 539.

Terra. Ainda que a terra toda não passa, passãõ, & sempre estão passando todas as partes della, p. 17. usq. ad 20. Todos os lugares da terra mais são alheos, que nossos, p. 199. usq. ad 201. Se a terra tivera olhos, vendo tudo o que se move entre ella, & o Ceo, se havia de contentar muito de ser ella o ultimo, & mais baixo lugar do mundo, p. 217. Outro grande documento desta verdade nos dá a terra nas arvores, p. 220. 221. Não ha terra mais difficultosa de governar, q a Patria, p. 329. Que pouco caso se deve fazer dos bens da terra, p. 457.

Testamento. Porque se não deixam os amigos em testamento, p. 408.

Testemunha. Os homens quando testemunhaõ de sy mesmos, hũa cousa he o que são, & outra cousa he o q dizem, p. 89. A arte he testemunha para prova dos bens do Ceo, puros, & sem mistura de mal, p. 446.

Thezouro. Hũa das cousas admiraveis, que fez Deos neste mundo, & de que muito se preza sua sabedoria, são os thezouros escondidos, p. 473. Qual he o mais nobre, & o mais escondido thezouro do Vniverso, p. 474.

Tribunal. O juizo de sy mesmo entra no tribunal da Penitência cõ os olhos tapados, p. 124. O juizo dos homens entra no mesmo tribunal cõ os ouvidos fechados, p. 134. O juizo de Deos tambem se julga neste tribu-

nal revogandose, com voltarem os
homens o coração, p. 144.

Trindade. Porque razão o dar se attri-
bue à terceira Pessoa da Santissima
Trindade, & o julgar á segunda, p.
61. Entre todas as creaturas irracio-
naes, nenhũa traz em sy mais im-
presso o caracter da santissima Trin-
dade, que o rayo, p. 485.

Tristeza. Não ha alegria neste múdo
tão privilegiada, que não pague pen-
são à tristeza, p. 443.

Triunfo. A maior oltentação da gran-
deza deste mundo, foi a pompa dos
Triunfos Romanos, p. 20. 21.

Trovoens. Rayos, & trovoens são as
mais temerosas, & formidaveis ar-
mas de Deos, p. 488.

V

Vaidade. **A** Ndamostão desvane-
cidos de nós mesmos,
porque trazemos os olhos por fóra,
& a nós por dentro, p. 127. Quando
para conseguir os intentos da vaidade
não baltão todos os homens; pa-
ra os da caridade basta hum só ho-
mem, p. 313. Porque Deos he mis-
ericordioso, & verdadeiro, por isso
nos ha de dar a graça, & mais a glo-
ria, p. 369. 370.

Valle. Que valle de lagrimas he aquel-
le, onde só o homé affistido da graça
de Deos poem o seu lugar, p. 222.

Valido. Devação a Valido, ainda que
Santo he escrupulosa devação, pag.
406. Os Validos haõ de ser Evangé-
listas, p. 411. Os Validos haõ de fi-

car como dantes eraõ, p. 415.

Vasio. Tudo Deos criou vasio: mas lo-
go encheo tudo, p. 276. Depois que
Deos pelo beneficio da Encarnação
se fez irmão nosso, nos despachará
cheos de tudo o que a nossa neces-
sidade lhe representar vasio, p. 277.
Como estará a graça sempre cheia,
& nunca vasia, p. 279.

Velhice. Não consiste a velhice na cor-
dos cabellos, senão na pureza da vi-
da, p. 292. A velhice he idade, para
ter trabalhado, & não para traba-
lhar: para ter feito, & não para fa-
zer, p. 309. O muito que S. Gonçalo
trabalhou, ainda depois de velho,
Ibid. Hũa velhice enganada, he a
maior sem-razão do tempo: huma
mocidade defenganada, he a maior
vitoria da razão, p. 541.

Venda. Todas as vezes que hum ho-
mem pecca, vendese pelo seu pecca-
do, p. 132.

Verdade. Deos julga com verdade cla-
ra: & os homens fingidamente, pag.
83. Se a nossa penitencia for verda-
deira, haviamos fazer pouco caso das
opinioens do mundo, p. 134. Que
faz, & deve fazer o verdadeiro peni-
tente, p. 136. & ulterius. Quem nam
falla verdade, não ama, p. 413.

Vicios. A Providencia divina faz, que
os nossos proprios vicios sejaõ teste-
munhas de nossa Fè, p. 57. Quanto
tem os males viciado, & corrompi-
do os bens deste mundo, p. 412.

Vida. Tudo passa para a vida, & nada
passa para a conta, p. 3. & deinceps.
Todos imos embarcados na não de-
sta vida: & como navegamos nella,

pag. 21. A vida passa, & os peccados não passão, p. 24. & ulterius. Tudo o que passou para a vida, he o nada, q̄ não passou para a conta, p. 27. Se fostes leproso algum dia, ainda q̄ Deos faça milagres em vòs, leproso haveis de ser toda a vida, pag. 77. Deos não nos julga mais, que as duas partes da vida: & os homens atè a terceira, q̄ he a do sono, julgaõ, p. 82. Os lugares desta vida mais são alheos, que proprios, p. 201. Húa vida encerrada entre quatro paredes, nenhum nome lhe vem mais proprio, que o de morta, & sepultada, p. 275. Dividise a vida dos homens em quatro partes, com nome de quatro vigias, p. 283. Como andaõ travados nesta vida os gostos cõ os desgostos, p. 441. & ulterius. Quam mal reputada he a vida dos Palacios, p. 536. A melhor parte dos bens desta vida, he o esperar por elles, pag. 548.

Vigia. Dividise a vida do homem em quatro partes, com o nome de quatro vigias, p. 283. S. Gonçalo não só foi Santo destas quatro vigias, senão da quinta, p. 285. & deinceps.

Vingança. Assim como Deos feito homem quiz morrer na Cruz, para se vingar do Demonio, assim traçou, q̄ nós o comessemos no Sacramento, para continuar, & consumir a mesma vingança, p. 264.

Vista. A differença da honra, com que Deos communica no Ceo aos Bemaventurados a sua vista, & na terra

aos que o amão a sua graça, mostra quanto a graça deve ser preferida à gloria, p. 381. E a razão desta ventagem he; porque a gloria, que havemos de gozar no Ceo pela vista, cá a possuimos na terra pela graça pag. 382.

Vocação. A maior divida, de que havemos dar conta a Deos no dia do Juizo, he a da vocação, p. 51. Em muitos casos não balta a inclinação, & deliberação propria; mas he necessaria especial vocação divina, p. 301.

Vontade. O juizo dos homens he mais rigoroso, que o de Deos: porq̄ Deos julga com o entendimento, & os homens julgaõ com a vontade, pag. 60. usq. ad 64. A nossa vontade he feita pela medida do Ceo: & porq̄, p. 447. Nós mesmos por nossa vontade bastamos para nos despojarmos dos nossos bens, p. 450.

Z

Zelo. **C**omo se enganão os que se prezaõ de muito zelosos, p. 102. Quanto vai de zelo a zelo, pag. 103. Ha huns, a quem o zelo come: & ha outros, que comem do zelo, p. 104. Qual ha de ser a igualdade do zelo, p. 105. E qual he a condiçam do verdadeiro zelo, p. 106. Quantas maldades se cometem debaixo da cana do zelo, p. 106. usq. ad 108.

FINIS.





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).